

CAMILA GINO ALMEIDA

**UM CRONISTA DA CIDADE**

*Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003*

CURITIBA  
2006

CAMILA GINO ALMEIDA

**UM CRONISTA DA CIDADE**

*Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, sob orientação do Prof. Dr. Benito Martinez Rodriguez.

CURITIBA  
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**UM CRONISTA DA CIDADE**

*Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários à Comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Benito Martinez Rodriguez  
UFPR

Profa. Dra. Marilene Weinhardt  
UFPR

Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon  
UEL

Curitiba, junho de 2006.

## AGRADECIMENTOS

Aquele folheto amarelo agitado no ar, como um verdadeiro convite. Irrecusável. “Por que você não se inscreve no mestrado em Letras?”, perguntava-me Roberto Nicolato naqueles idos de 2003. Muito obrigada, Nicolato, pelo imprescindível incentivo inicial e por todo o apoio ao longo desta pesquisa. Um grande agradecimento também aos meus pais, Maria da Conceição e Manoel Messias Almeida, aos meus irmãos, Marcela, Gabriel e Filipe, por tanto amor, apoio e “infra-estrutura” para que eu pudesse me voltar com dedicação a esta pesquisa. Ao Sandro Moro, por estar em minha vida com tanta firmeza, paciência e compreensão durante todos estes momentos. Este trabalho, como tudo o mais, é para vocês.

Agradeço as importantes colaborações de José Carlos Fernandes, Miguel Sanches Neto, Cristovão Tezza, Roberto Gomes e Aroldo Murá Haygert. Pelas entrevistas e, mais que isso, pela grande disposição em me atender e colaborar com imprescindíveis informações e análises para esta dissertação.

Meus agradecimentos também à professora doutora Marilene Weinhardt e à professora doutora Raquel Illescas Bueno pelas sábias e precisas orientações em minha banca de qualificação.

Agradeço à equipe dos diversos departamentos da Biblioteca Pública do Paraná – Tânia Paiva, Lídia Gross, Vilma Nascimento, Canisio Morch, Johnatan França, Alan Lêdo, Grace Hanashiro, Débora Pimentel, Elias da Silva, Andressa Dreher, William Silva Haack, Hélio e Nilva da Silva – pela grande atenção com que sempre fui atendida. E também à equipe da biblioteca da *Gazeta do Povo* – Jussemara Conceição, Elisabete Gonçalves Melnick, Gabriella Maciel Fekete, Siumara Dezorzi e Camila Ribeiro – pela delicadeza e disposição. Assim como à Caroline Flores Stratmann, em nome da Central RPC de Marketing, pelas informações fornecidas a respeito do jornal.

Muito obrigada também aos meus amigos e familiares, em especial, Glória Gino, Tatiana Mazucatto, André Hadler e Uzana Vieira Batista. E aos meus colegas de trabalho, à Inalva Corsi e a Ari Lorandi, pela compreensão nestes dias atribulados. Um agradecimento especial ao Cleverson Cassanelli pelo cuidadoso tratamento das imagens utilizadas neste trabalho. Agradeço à Vera Bachmann, por responder atenciosamente ao meu contato. Obrigada também aos professores, colegas e equipe do curso de pós-graduação em Letras, pelas conversas, idéias trocadas, livros emprestados, enfim, pela produtiva e necessária interação ao longo do curso. Obrigada a Odair José Rodrigues pelo suporte com relação aos procedimentos práticos do curso. E obrigada também a Otto Leopoldo Winck por possibilitar meu acesso ao nada disponível *Tempo sujo*, de Jamil Snege.

Agradeço também a Fernando Koproski pela atenção e disposição com que me atendeu e pelo exemplar cedido de seu *Como tornar-se azul em Curitiba*. Sou grata ainda a uma infinidade de pessoas que passaram pela minha vida neste período de pesquisa e que deram sua contribuição à realização deste trabalho.

Por fim, um agradecimento mais que especial ao meu orientador, prof. dr. Benito Martinez Rodriguez, pela generosidade e pela sensibilidade com que orientou os caminhos desta dissertação. Esta longa viagem pelo universo citadino, com todas as nuances, paradoxos e encruzilhadas que implica, sem dúvidas, só se realiza a partir desta orientação precisa e, ao mesmo tempo, sensível às sutilezas da cidade e do gênero jornalístico-literário que inspiram este trabalho. Muito obrigada, professor Benito, pela condução prudente, e sempre sensível, dos rumos a tomar nesta intrincada carta de navegação que se forma a partir dos mais que delicados conceitos de identidade, cidade e modernidade. Muito obrigada por manter em minha perspectiva, ao longo desta pesquisa, o fundamental alerta, parafraseado de José Miguel Wisnik: “o debate sobre ‘identidade cultural’ é um convite ao erro... irrecusável”.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
METODOLOGIA	4
LIGAÇÃO “CRÔNICA” COM O LOCAL	8
<b>1 CIDADE. MUNDO EM PROFUSÃO</b>	16
1.1 LITERATURA. CIDADE DE NOSSAS VIAGENS	37
1.2 CRÔNICA. CIDADE DE TODOS OS DIAS	49
1.3 CURITIBA. CIDADE COM OLHOS DE VER	64
<b>2 MODERNIDADE. AQUI ESTAMOS NÓS</b>	86
2.1 IDENTIDADE. TEMPOS INTENSOS	98
2.2 MEMÓRIA. CIDADE DOS NOSSOS EXÍLIOS	113
2.3 COMUNIDADE. A CURITIBA IMAGINADA	131
<b>3 ESPAÇO. A CIDADE, O TEMPO E A CRÔNICA</b>	151
3.1 JAMIL SNEGE. LUGAR EM TESSITURA	181
3.2 CURITIBA. DA CINTURA PARA BAIXO	214
3.3 PROVÍNCIA. GUERRA EM PÉ	235
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	257
PARADOXO DA INVISIBILIDADE	262
CIDADE DE CADA UM	269
<b>ANEXO 1. ENTREVISTA – MIGUEL SANCHES NETO</b>	280
<b>ANEXO 2. RESENHA INÉDITA – MIGUEL SANCHES NETO</b>	285
<b>ANEXO 3. ENTREVISTA – CRISTOVÃO TEZZA</b>	288
<b>ANEXO 4. ENTREVISTA – ROBERTO GOMES</b>	293
<b>ANEXO 5. PESQUISA – GAZETA DO POVO</b>	296
<b>ANEXO 6. CRÔNICAS – 1997-2003</b>	300
<b>ANEXO 7. OBRAS – JAMIL SNEGE</b>	306
<b>REFERÊNCIAS</b>	310

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>ILUSTRAÇÃO 1</b>   CURITIBA 305 ANOS .....	66
<b>ILUSTRAÇÃO 2</b>   CAPITAL SOCIAL – PROPAGANDA MUNICIPAL .....	69
<b>ILUSTRAÇÃO 3</b>   CURITIBOCAS – TIAGO RECCHIA .....	74
<b>ILUSTRAÇÃO 4</b>   CONTEMPLANDO A MENINA MORTA – JAMIL SNEGE.....	172
<b>ILUSTRAÇÃO 5</b>   COMO EU SE FIZ POR SI MESMO (CAPA).....	195
<b>ILUSTRAÇÃO 6</b>   COMO TORNAR-SE INVISÍVEL EM CURITIBA – PRYSCILA.....	217
<b>ILUSTRAÇÃO 7</b>   DIA DAS MÃES – GAZETA DO POVO.....	227
<b>ILUSTRAÇÃO 8</b>   SEM TÍTULO (RJ “COMO FOI”) – CRISPIM DO AMARAL.....	229
<b>ILUSTRAÇÃO 9</b>   SEM TÍTULO (RJ “COMO É”) – CRISPIM DO AMARAL.....	229
<b>ILUSTRAÇÃO 10</b>   A BELEZA POSTIÇA DE CURITIBA (CRÔNICA) – PRYSCILA.....	231
<b>ILUSTRAÇÃO 11</b>   COMO TORNAR-SE INVISÍVEL EM CURITIBA (CAPA).....	247
<b>ILUSTRAÇÃO 12</b>   ANTES DE MORRER DECLARA: “AMO TODOS VOCÊS” .....	271

## RESUMO

As relações entre a cidade e os discursos que inspira a partir de fontes oficiais ou alternativas estão no foco desta pesquisa – *Um cronista da cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003*. O trabalho aqui proposto trata do confronto entre o imaginário formal difundido historicamente sobre o espaço citadino – no caso, o modelo de marketing bem-sucedido em que se transformou Curitiba – e os olhares particulares, e muitas vezes provocadores, contidos na crônica contemporânea a respeito da capital paranaense. Gênero híbrido, na fronteira entre o jornalismo e a literatura, a crônica se apresentaria como o espaço por excelência da cidade. Essa estreita relação se daria, em boa parte, por seu forte vínculo com o jornal, reforçando aí o caráter *cotidiano* desse tipo de texto. No Paraná, um exemplo de cronista que transporta o local, com boa dose de ironia e irreverência, para seus textos estaria no escritor Jamil Snege, colaborador do espaço de crônicas da seção Caderno G do jornal *Gazeta do Povo* entre maio de 1997 e maio de 2003, ano de seu falecimento. Tendo, assim, a produção de Snege nos sete anos em que colaborou com o jornal como ponto de referência – com suporte também nos textos do escritor Roberto Gomes e do artista plástico Carlos Dala Stella, que dividiram com Snege o espaço de crônicas do Caderno G no referido período –, propõe-se nas próximas páginas verificar como se dá, estética e tematicamente, a tensão entre a cidade divulgada pela propaganda oficial e a cidade de todos os dias na crônica voltada ao grande público, tendo no jornal diário seu meio de difusão e também (por que não) de ação.

**Palavras-chaves:** 1. Jamil Snege; 2. Curitiba, Paranismo; 3. Crônica; 4. Gazeta do Povo, Jornal; 5. Cidade e modernidade.



## ABSTRACT

The relationships between the city and the discourses that it inspires through official or alternative sources are the focus of this research – *A city chronicler: Curitiba in the newspaper under the look of Jamil Snege 1997-2003*. The work proposed here deals with the confrontation between the formal imaginary historically divulged about the city space – in this case, the model of successful marketing that Curitiba has become – and the private looks, many times provocative, contained in the contemporary chronicle produced about the capital of Paraná. Hybrid gender, in the border between journalism and literature, the chronicle in Brazil (close to the *personal/familiar essay* or to the *feature stories/human stories* in other countries) presents itself as the space for excellence of the city. This strict relationship happens due to the *quotidian* character of this textual modality. In Paraná, an example of chronicler who transports the place, with a good dosage of irony and irreverence, to his texts, is the writer Jamil Snege, collaborator of the chronicle space of the section Caderno G of the newspaper *Gazeta do Povo* between May 1997 and May 2003, year of his passing. Having, thus, Snege's production in the seven years in which he wrote for the newspaper as a reference point – also supported in the texts of the writer Roberto Gomes and the artist Carlos Dala Stella, who divided the chronicle space of Caderno G with Snege during that period –, we propose to verify how the tension between the official city and the everyday city happens in the chronicle directed to the public, having in the daily newspaper his means of communication, besides (why not) action.

**Key words:** 1. Jamil Snege; 2. Curitiba, Paranism; 3. Chronicle (personal essay), brazilian chronicle; 4. *Gazeta do Povo*, newspaper; 5. City and modernity.

**Ao Sandro, meu lugar.**

À minha mãe, Maria da Conceição,  
ao meu pai, Manoel Messias,  
aos meus irmãos, Marcela, Gabriel e Filipe.  
Amadas cartas de navegação nesta vida.

À grande Glória e à pequena Beatriz.

*E tu, aranha, dadora de males, provedora de escândalos turísticos, és a confortadora dos  
bons: como a leitura, dissipas sobre o ar os teus sentidos, a tua  
baba. (...)*

*Eis que a alegoria final se deu no tempo, neste que vivemos, e através da benvinda,  
necessária aranha.*

Horácio Costa – Aranha no seu ser

*Quanto a antigos traumas,  
ainda não me refiz de ter nascido em Curitiba.  
Nasci, pois, literalmente, com a corda no pescoço.  
Aceitei o meu destino, não me propus a corrigir geografias.*

Jamil Snege – Boas intenções para o próximo inferno

*Curitiba é uma coleção de círculos concêntricos, uma cidade dentro de outras cidades,  
cada qual com o poder de anestesiá-la a consciência do mundo.  
Levei anos para aprender essa geografia. (...)*

Jamil Snege – Como eu se fiz por si mesmo

## INTRODUÇÃO

*“Para distinguir as qualidades  
de outras cidades, devo  
partir de uma primeira  
que permanece implícita”*  
Italo Calvino – As Cidades Invisíveis

*“Cidade a fervilhar, cheia de sonhos, onde  
O espectro, em pleno dia, agarra-se ao passante!  
Flui o mistério em cada esquina, cada fronde,  
Cada estreito canal do colosso possante!”*  
Charles Baudelaire – Os sete velhos

Mistérios, que tantos mistérios têm as cidades? Que jeitos de ser – mesmo por vezes *não sendo* – aprisionam tanto as pessoas, tornando-se sua própria identidade, referência de existência humana baseada em símbolos, concreto, asfalto, movimento, notícias do jornal local? Como, tomando emprestada a expressão utilizada por Stuart Hall<sup>1</sup>, essas “comunidades imaginadas”, tais quais nações, de limites e definições tão frágeis e personalidades camaleônicas, são capazes de causar tanto apego, amor, dor e assombro em sua população e tanta impressão em seus visitantes? Será o alucinante ritmo de mutações responsável por tornar a cidade esse “colosso possante” descrito por Charles Baudelaire? Ao longo deste trabalho – *Um cronista da cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003* – percebe-se ser possível que a adjetivação do poeta a uma efervescente Paris, então na metade do século 19, seja emprestada às cidades de nossa modernidade tardia, especialmente no que se refere aos imaginários construídos oficialmente e individualmente a seu respeito.

Baudelaire escrevia em uma época de espanto, e de encantamento, com as novidades trazidas pela modernidade, incluindo aí as transformações citadinas. Pois, de lá para cá, nesta transição contemporânea do século 20 para o século 21, a velocidade das mudanças só fez aumentar, no mesmo ritmo dos aperfeiçoamentos tecnológicos. A sensação de *não-reconhecimento* e a busca por um pertencimento anterior, em um passado nem sempre localizável no tempo, com relação à cidade, mantém-se presente.

---

<sup>1</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 47-51.

No caso de Curitiba, de modernização ainda mais recente, notadamente a partir da década de 70 do século 20, o sentimento de exílio em meio à multidão, tão notável nos textos de Baudelaire sobre a Paris de um século e meio atrás, soma-se a um forte esforço de marketing para construção de uma identidade “oficial” que mal e mal tem tempo de se consolidar – apesar das raízes de certa profundidade, marcadas por um imaginário que ganhou organização no desenrolar do movimento paranista, ao longo das décadas de 20 e 30, especialmente.

Em seu célebre poema “O Cisne”<sup>2</sup>, Baudelaire vê as transformações de Paris com pena e dor, como a viúva de Heitor repudiada por Pirro (“*Andrômaca, só penso em ti! O fio d’água/Soturno e pobre espelho onde esplendeu outrora/De tua solidão de viúva e imensa mágoa (...)*”). Vê também uma Paris anterior, uma cidade *in natura*, enfurecida por não encontrar mais seu espaço, na imagem do cisne que fere os pés ao caminhar nas “ásperas lajes” e arrasta as “alvas plumas” sob a agressão do sol. Em tudo isso está a cidade, a transformação e o abandono de não mais se reconhecer:

Paris muda! mas nada em minha nostalgia  
Mudou! novos palácios, andaimes, lajedos,  
**Velhos subúrbios, tudo em mim é alegoria,**  
E essas lembranças pesam mais do que rochedos.

Também diante do Louvre uma imagem me oprime:  
Penso em meu grande cisne, quando em fúria o vi,  
Qual exilado, tão ridículo e sublime,  
Roído de um desejo infindo! e logo em ti,

Andrômaca, às carícias do esposo arrancada,  
De Pirro a escrava, gado vil, trapo terreno,  
Ao pé de ermo sepulcro em êxtase curvada,  
Triste viúva de Heitor e, após, mulher de Heleno! [grifo meu]<sup>3</sup>

Não só a velha e bela Paris, mas também a capital do Paraná, Curitiba, mostra-se capaz de inspirar percepções tão profundas a respeito da cidade. Muda o formato do texto, que passa mais freqüentemente à prosa, nem por isso sem lirismo em determinadas ocasiões. Muda o suporte, que passa a ser o jornal de periodicidade diária. Mas a relação de amor e assombro diante das transformações da cidade, vistas quase como *traições*, permanece sob o olhar,

<sup>2</sup> BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 325-329.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 327-329.

agora, do cronista contemporâneo, que, como Baudelaire em sua *Paris fin-de-siècle* pode se revestir por completo de alegorias para descrever seu abandono. É assim que a Curitiba atual aparece na crônica “Sob um céu de tempestade”, publicada pelo escritor Jamil Senege originalmente<sup>4</sup> em sua seção dominical de crônicas, no Caderno G do jornal *Gazeta do Povo*, no dia 30 de setembro de 1997<sup>5</sup>:

Sonho que estou retornando a Curitiba, depois de uma longa ausência. É um dia de céu coberto, horário indefinível, uns clarões de futura tempestade eletrificam as nuvens. Devo ter desembarcado na rodoviária, porque já avisto o centro. Digo ao taxista meu destino e vou tentando reconhecer a cidade através das ruas movimentadas. Identifico um ou outro edifício, uma praça, monumentos. Mas, estranhamente, as distâncias ficaram maiores, as imagens se desdobram, **é como se intercalassem uma outra Curitiba – monstruosa réplica de si mesma – na velha Curitiba que eu deveria conhecer** [grifo meu]. (...) <sup>6</sup>

Nesse simbólico clima de tempestade, reforçando a sensação de assombro e de transição de mundos proposta pelo autor, o personagem quer chegar em *casa*, mas simplesmente não consegue. A primeira casa a que chega está avançada no tempo, reformada, moderna demais. Dentro da lógica de “duplo” que dá o tom da crônica, o personagem caminha mais algumas quadras e lá está: sua casa já recuada no tempo. Mas esse é o problema: recuada demais, a uma época pouco vivida – deste modo de pouca memória – para o desafortunado viajante. Encerra ele, em voz que se confunde com a do narrador, aliás, como ao longo de todo este texto:

Uma grossa gota de chuva estoura no meu rosto. Estou parado na calçada, sem saber para onde ir. **Só sei que não pertencço a esse tempo, que cheguei, simultaneamente, cedo e tarde demais** [grifo meu], que talvez nunca devesse ter voltado. O táxi se foi, a chuva se aproxima e nesse momento as cortinas da janela da frente se afastam e um menino de uns sete ou oito anos, ar assustado, cola o rosto na vidraça. Ele não me vê, os olhos fixos no céu, na massa de nuvens que revolteia ao sabor da tempestade. Conheço bem essa expressão, o pânico que lateja na superfície de seus olhos. É bem antigo o medo que tenho de chuva. <sup>7</sup>

Novamente o sentimento de busca, já encontrado no poema de Baudelaire. E, ainda uma vez, a sensação de assombro e de não-pertencimento, que o poeta francês resume tão bem – além de oferecer ao leitor um possível diálogo com

<sup>4</sup> E mais tarde na coletânea de contos e crônicas *Os verões da grande leitoa branca*, três anos depois. I SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000.

<sup>5</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 set. 1997. Caderno G, p. 2.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 2.

Edgar Allan Poe, outro grande observador da fascinação exercida pelas cidades nos tempos modernos<sup>8</sup> – no encerramento d’“O Cisne”:

**Em alguém que perdeu o que o tempo não traz**  
**Nunca mais, nunca mais!** nos que mamam da Dor  
 E das lágrimas bebem qual loba voraz!  
 Nos órfãos que definham mais do que uma flor!

Assim, a alma exilada à sombra de uma faia,  
 Uma lembrança antiga me ressoa infinda!  
 Penso em marujos esquecidos numa praia,  
 Nos parias, nos galés... e em outros mais ainda! [grifos meus]<sup>9</sup>

Em *Um cronista da cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003* a proposta é de aprofundar o estudo a respeito das representações de Curitiba – cidade que aqui, quando não explícita, “permanece implícita”, tomando emprestada a bela ilustração de Italo Calvino<sup>10</sup> – neste período correspondente à transição do século 20 para o século 21, que alguns preferem chamar de “modernidade tardia”<sup>11</sup>. Parte-se do pressuposto de que os olhares lançados sobre a cidade são os mais variados, desde os oficiais até as observações individuais de cada habitante ou visitante. Desse modo, sugere-se aqui aprofundar os estudos a respeito de *alguns* dos possíveis olhares sobre a capital paranaense, na contemporaneidade, na crônica produzida a seu respeito.

## METODOLOGIA

Com base em pesquisa bibliográfica de textos das áreas de História, Sociologia, Antropologia, Jornalismo e Literatura, a respeito das várias etapas de construção da identidade “oficial” de Curitiba, e algumas de suas identidades daí derivadas, propõe-se aqui uma verificação de como esses olhares sobre a cidade foram sendo atualizados ou questionados na contemporaneidade, a partir do ponto de vista do cronista.

<sup>8</sup> No poema “O Cisne”, constante do volume *As flores do mal* (*Les fleurs du mal*), publicado originalmente em 1857, a referência é ao poema “O Corvo” de Poe, publicado em 1845. Mas Poe tem um texto notável com o tema “modernidade e cidade”, chamado “O homem das multidões” (POE, Edgar Allan. *Novelas extraordinárias*. São Paulo: Clube do Livro, 1945. p. 76-88), analisado por Walter Benjamin – *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. Brasiliense: São Paulo, 1991. (Obras escolhidas III).

<sup>9</sup> BAUDELAIRE, Charles. *op.cit.*, p. 329.

<sup>10</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 82.

No caso da capital paranaense, uma forte referência no gênero é o escritor Jamil Snege, falecido em maio de 2003. Snege publicou crônicas nos finais de semana, na seção cultural “Caderno G” do jornal *Gazeta do Povo*, entre 1997 e o ano de sua morte<sup>12</sup>. Também de seu trabalho como cronista originou-se o livro *Como tornar-se invisível em Curitiba* – coletânea de crônicas lançada no ano 2000, escritas entre 1997 e 2000 para a *Gazeta do Povo*.

Além do trabalho de Snege – ponto de referência nas análises desenvolvidas ao longo desta pesquisa – serão estudadas algumas das crônicas produzidas pelo escritor Roberto Gomes e pelo artista plástico Carlos Dala Stella, que dividiram o espaço semanal no Caderno G com o escritor. Ambos tiveram também coletâneas de crônicas (*Alma de bicho* e *Riachuelo*, 266, respectivamente) lançadas pela Criar Edições no ano 2000. A editora, empreendimento do próprio Roberto Gomes, marcou sua reestréia com o lançamento desses três livros, entre quatro obras lançadas, em outubro do ano 2000.

Nas palavras de Roberto Gomes, em reportagem publicada na *Gazeta do Povo* naquela ocasião<sup>13</sup>, “a escolha dos trabalhos obedeceu a um mesmo critério. Como há uma relação muito fluida entre a crônica e o jornalismo, optamos por textos de maior permanência e caráter literário mais acentuado”. Na reportagem, assinada por Roberto Nicolato, informa-se que as crônicas contidas nos três livros “têm em comum o fato de terem sido publicadas nos últimos três anos no Caderno G de domingo do jornal *Gazeta do Povo*”. Mais para frente, o jornalista acrescenta que “a grande repercussão dos textos junto aos leitores também justificou as publicações”.

Sendo assim, além da pesquisa em fontes bibliográficas, este trabalho tem uma forte dívida para com o material de jornal. A decisão aqui foi por não se basear apenas nas crônicas selecionadas para integrar o volume *Como tornar-se*

---

<sup>11</sup> Neste trabalho, o período atual será tratado de “modernidade tardia”, pelo entendimento de que os dias de hoje são uma extensão, sem encerramento ainda, do período conhecido como “modernidade”. Tais questões serão melhor examinadas no Capítulo 2.

<sup>12</sup> Por coincidência, a estréia de Jamil Snege como cronista do Caderno G foi no mês de maio, assim como a última crônica de sua autoria publicada na seção. Sua estréia foi no sábado, 17 de maio de 1997, com a crônica “Musa e a mariposa”. A última crônica publicada por Snege foi no domingo (a seção, que teve início aos sábados, era então dominical), 11 de maio de 2003, com o título de “Nelson Barbudo”. O escritor faleceu na sexta-feira, dia 16 de maio de 2003.

<sup>13</sup> NICOLATO, Roberto. Crônicas da província. *Gazeta do Povo*. 22 out. 2000. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com.site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.



*invisível em Curitiba*. Na verdade, o fato de as crônicas contidas no livro serem organizadas sem data e fora da seqüência original de publicação no jornal – como foi possível constatar com esta pesquisa – acaba por provocar um *deslocamento* com relação ao caráter da crônica, tão ligada ao cotidiano e às notícias “do momento”.

Dessa forma, optou-se pela leitura da totalidade, ou o mais próximo disso, das crônicas publicadas por Jamil Snege na *Gazeta do Povo* durante os sete anos (1997-2003) em que colaborou com esse jornal. Também foram lidas praticamente na totalidade as crônicas de Roberto Gomes e Carlos Dala Stella ao longo do referido período. No total, foram 298 crônicas<sup>14</sup>, sendo 125 de Jamil Snege, 126 de Roberto Gomes e 47 de Carlos Dala Stella.

A diferença entre o número de contribuições de cada um dos cronistas se justifica por alguns fatores: adaptação às necessidades cotidianas do jornal, que por vezes – raras – deixava de publicar a crônica por conta de cadernos especiais como o de homenagem ao cantor Frank Sinatra, em 15 de maio de 1998, por ocasião de sua morte; eventuais imprecisões<sup>15</sup>; tempo de contribuição, este no caso de Carlos Dala Stella, que dividiu o espaço de crônicas com Gomes e Snege entre maio de 1997 e abril de 2000<sup>16</sup>. No início, como eram três os colaboradores, as crônicas se alternavam em um período de 21 dias (a cada três semanas).

A partir de abril do ano 2000, com a saída de Dala Stella, até maio de 2003, o espaço de crônicas foi dividido apenas entre Jamil Snege e Roberto Gomes, o que as tornou de periodicidade quinzenal. Ao longo dos sete anos analisados, nem sempre as crônicas foram publicadas aos domingos. Houve períodos em que saíam aos sábados (ver anexo neste trabalho).

---

<sup>14</sup> Durante a pesquisa para este trabalho, foram localizadas (nos arquivos da Biblioteca Pública do Paraná e do jornal *Gazeta do Povo*) e analisadas (para então ser feita a seleção) 298 crônicas de Jamil Snege, Carlos Dala Stella e Roberto Gomes, publicadas no período completo de colaboração de Jamil Snege como cronista da *Gazeta do Povo* (maio 1997 a maio 2003). Esse número de 298 textos corresponde a 97% das crônicas dos três autores publicadas no período, estimadas, a partir da distribuição dos textos nos finais de semana, em algo entre 305 e 308 no total do período analisado.

<sup>15</sup> No caso de Jamil Snege, houve a publicação em 16 de março de 2003 de sua crônica “Fumaças” assinada por Moysés Paciornick, também colunista do jornal. Nesse caso, no entanto, foi publicada uma *errata* e republicada a crônica no domingo seguinte, 23 de março de 2003, junto com a crônica de Roberto Gomes “Periplaneta americana”. Também a crônica de autoria de Jamil Snege “Para ler no escurinho do cinema” (11 nov. 2001) saiu assinada como de Roberto Gomes. No domingo seguinte, 18 nov. 2001, saiu no rodapé da crônica de Roberto Gomes (Caderno G – pg. 3) o seguinte texto: “Errata: A crônica publicada neste espaço no domingo passado (11/11) é de autoria de Jamil Snege e não de Roberto Gomes”.

<sup>16</sup> Foi Dala Stella que inaugurou a nova seção, em 3 de maio de 1997, com a crônica “Cabeça de cavalo”. Sua última crônica foi publicada em 9 de abril de 2000: “Minestrone”.

Com base nas crônicas publicadas na *Gazeta do Povo*, foi feita uma seleção, primeiramente, dos textos de Jamil Snege. Tal seleção levou em consideração critérios como a presença de Curitiba, a forma como a cidade aparece (implícita ou explícita), temas ilustrativos dos interesses dos leitores contemporâneos e estratégias estéticas que evidenciam possíveis traços da escritura de Snege. A partir daí, foram então escolhidas as crônicas de Carlos Dala Stella e Roberto Gomes, como contraponto ou suporte ao que se apresenta nos textos de Snege. Nem todas as crônicas analisadas têm seus trechos expostos neste trabalho, mas certamente foram úteis para a formação de um conjunto mais consolidado de observações, apresentadas nos textos aqui transcritos.

Além das crônicas, também foi feito um acompanhamento – na medida do possível – dos assuntos tratados no jornal no período em que foram divulgadas, de modo a obter uma percepção mais aguçada do possível elo entre os textos publicados e o noticiário cotidiano. Aproveitou-se ainda para verificar a forma como Curitiba era apresentada nas notícias do jornal, assim como em material publicitário (anúncios e informes), uma vez que o tema desta pesquisa trata de algumas das possíveis representações da capital paranaense na atualidade.

Como a leitura das crônicas esteve concentrada no Caderno G, nos finais de semana (sábado ou domingo), a maior parte do material selecionado é originária dessa seção. Mesmo assim, foram também pinçados textos de outros dias e outras seções, como capa, cidades, economia, esportes e opinião – tanto no estilo de editoriais e artigos quanto de cartas (inclusive comentando crônicas de Jamil Snege, sua morte e assuntos relativos à cidade). No total, foi selecionado no material jornalístico publicado na *Gazeta do Povo* algo próximo de 150 textos. As edições da *Gazeta do Povo* consultadas fazem parte dos acervos da Biblioteca Pública do Paraná, na maioria, e do próprio jornal, no caso das edições não encontradas na biblioteca.

A imprensa, aliás, teve um peso muito forte nas análises de constituição de época. Junto com o material publicado na *Gazeta do Povo* no período em que Jamil Snege colaborou como cronista foram consultados os textos constantes do acervo da Biblioteca Pública do Paraná sobre o movimento paranista, assim como sobre Jamil Snege. Também a respeito do escritor foram recolhidos artigos e reportagens de outros periódicos, tanto por via impressa quanto pela internet, de

modo a obter uma visão mais completa de sua produção e de como dialoga – e ao longo deste trabalho vamos perceber que dialoga muito – com suas crônicas.

Foram acompanhadas também as demais obras do autor (ver anexo neste trabalho), apesar das dificuldades de acesso, uma particularidade resultante da chamada “atitude local” de Jamil Snege tanto em sua escritura quanto em seu comportamento, conforme observa o escritor Cristovão Tezza: “Talvez o nome mais enraizadamente curitibano, o nosso ‘arquétipo literário’, seja mesmo o de Jamil Snege, a síntese que temos de mais representativo, como linguagem, e de atitude, como escritor”<sup>17</sup>. Ao comentar tal declaração, em entrevista à autora para este trabalho, Tezza diz o seguinte: “Eu falava também da pessoa, da ‘atitude’. Nesse sentido o Jamil era enraizadamente curitibano; vivia aquela timidez irônica que, parece, é um dos nossos traços. O Dalton [Trevisan] se afasta da cidade para melhor vê-la; o Dalton fez da cidade o seu objeto. No caso do Jamil, não. Ele respirava a cidade, mas o seu foco de interesse estava em outra parte”<sup>18</sup>.

## LIGAÇÃO “CRÔNICA” COM O LOCAL

Nessa explicação de Tezza evidencia-se assim um dos principais motivos para a escolha dos textos de Snege como ponto referencial deste trabalho. A cidade de Curitiba, em Jamil Snege, se faz presente muito além do tema. O escritor transita, vive, na cidade e transporta esse olhar impregnado de aspectos de Curitiba para seus textos, mesmo quando o tema *não é* o espaço ou o desenrolar dos acontecimentos urbanos na capital paranaense.

Um outro comentário de Cristovão Tezza, também na entrevista para esta pesquisa, que poderia talvez reforçar tal ponto de vista, veio justamente em resposta à pergunta: *É possível afirmar que, geralmente, mesmo quando o tema não é Curitiba, a cidade está implícita nos textos de Jamil Snege?* “Eu acho que não. Leia-se ‘O jardim, a tempestade’<sup>19</sup>, por exemplo. Não me lembro de Curitiba,

<sup>17</sup> TEZZA, Cristovão. Curitiba está inteira no que escrevo. *Caderno de idéias*, Curitiba, Travessa dos Editores, n. 3, setembro de 2003, p. 68-77. Entrevista a Marcio Renato dos Santos.

<sup>18</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

<sup>19</sup> Sexto livro de Jamil Snege, publicado em 1989, como experiência de composição dos textos dentro do estilo de redação publicitária, profissão exercida por Snege. | SNEGE, Jamil. *O jardim, a tempestade*. Curitiba: Edição do autor, 1989.

em nada, quando leio aqueles textos. Como eu disse, acho que Curitiba é um tema ‘pontual’ do Jamil, e não uma onipresença literária”<sup>20</sup>, analisa o escritor.

Essa seria uma ponderação também de Roberto Gomes: “Jamil é um excelente escritor. Não acho que ‘seja tão colado a Curitiba’. Curitiba é que não perdoa a quem se descola dela. Mas, quanto às crônicas, há muitas que estão, é claro, profundamente ligadas à cidade. Era um dos objetivos da publicação das crônicas [na seção do Caderno G], mas não o único”<sup>21</sup>. O escritor também questiona a alusão a Snege como *cronista da cidade*. “Mas a expressão ‘cronista da cidade’ me incomoda um pouco; não sei como o Jamil reagiria diante dela, além de acender mais um cigarro e fazer um comentário mordaz e irresponsável”, observa em entrevista para este trabalho. “Uma das condições, quando começamos a escrever na Gazeta, era de que teríamos liberdade total na escolha dos temas e que não seríamos obrigados a escrever sobre temas ‘curitibanos’, embora não abrissemos mão deles”<sup>22</sup>, acrescenta Gomes.

De fato, reduzir a produção de Jamil Snege, com toda a ironia e riqueza de temas, reflexões e recursos literários presentes em seus escritos, a uma referência circunstancial, seja de tempo, espaço ou outra que não de natureza estética, seria uma solução por demais simplificada. Este trabalho propõe um caminho inverso a esse. O que se busca aqui, ao tratar Jamil Snege como *um cronista da cidade* vai além do *tema* Curitiba. Seria muito mais no sentido de uma visão crítica do dia-a-dia – do cronista fazendo sua crônica cotidiana e, assim, desnudando o espaço citadino em seus aspectos mais íntimos. Seria por esse ângulo talvez – da forma arguta como Jamil Snege capta esses movimentos citadinos, independentemente do tema de seus textos – que ele poderia ser considerado também, *mas não só*, um cronista da cidade.

A urbe, desse modo, não como tema, mas como atitude, como vivência diária. Essa é uma característica que torna o conjunto de crônicas produzidas por Jamil Snege um referencial dos mais relevantes para o estudo dos modos de ver e ouvir a cidade nos dias atuais – assim como dos modos de se ver e ouvir nesse espaço. Um outro aspecto importante a respeito de Jamil Snege está na relação

<sup>20</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

<sup>21</sup> GOMES, Roberto. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 22 maio 2006.

<sup>22</sup> *Ibid.*

do escritor com o gênero selecionado para o estudo das representações de Curitiba neste trabalho, a crônica.

O escritor Miguel Sanches Neto, que atua como colunista da *Gazeta do Povo* e foi quem sugeriu a criação de uma seção de crônicas locais no jornal, conta em entrevista para este trabalho que pensou no nome de Jamil Snege por identificar em sua produção “um olhar de cronista”<sup>23</sup>. Entre as características enumeradas por Sanches Neto como parte desse olhar estariam a tendência ao texto curto, enxuto, a observação atenta do cotidiano e uma certa “ironia debochada que caía bem neste formato jornalístico”<sup>24</sup>.

Isso resultava, na prática da crônica, em um texto cheio de leveza, na opinião do jornalista José Carlos Fernandes, que foi editor do Caderno G da *Gazeta do Povo*, e assim das crônicas de Jamil Snege, entre julho de 2000 e julho de 2002. “O Jamil achou bem o tom da crônica”, avalia Fernandes, contando que a proposta do Caderno G ao criar um espaço de crônicas produzidas por escritores locais era justamente de valorizar o olhar sobre a cidade. “Na época, [o espaço] nasceu mesmo da idéia de manter uma tradição da crônica de jornal como uma maneira de você comentar a cidade, e da pegada que isso tem dentro da história do jornalismo brasileiro. O Brasil tem uma ligação muito forte com a crônica”, explica o jornalista. “O Jamil era um cara que a gente se divertia quando lia. Começava com a gente aqui [no jornal]. Havia uma certa ansiedade de ler o que ele escrevia (...)”<sup>25</sup>, acrescenta.

Uma terceira justificativa para a escolha das crônicas de Jamil Snege estaria em uma marcada postura de *resistência* contra ordens e discursos preestabelecidos. Em seu trabalho *Como ele se fez por si mesmo: Jamil Snege*, defendido em setembro de 2005, Júlio Bernardo Machinski reflete sobre as opções de Snege em permanecer um autor de publicações locais, recusando-se à popularidade e às oportunidades oferecidas pelas editoras nacionais. Em tal atitude, Machinski vê uma postura de resistência, que acompanharia Snege em seus escritos também no jornal: “Mesmo tendo as condições para figurar entre os nomes mais conhecidos da literatura brasileira, Snege rompe a regra natural da

---

<sup>23</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>24</sup> *Ibid.*

<sup>25</sup> FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 19. dez. 2005.

popularidade e opta pelo pessoal”<sup>26</sup>. Daí a percepção que Cristovão Tezza tem de Jamil Snege como escritor local, também em sua atitude.

Uma consequência dessa postura do escritor de publicar suas obras localmente, em tiragens pequenas, por outro lado, é a dificuldade de encontrá-las atualmente. O próprio Snege comenta em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, a respeito de seu primeiro romance, *Tempo sujo* (se fosse publicado hoje custaria, na avaliação do próprio Snege, R\$ 2 mil, segundo informa o jornalista Roberto Nicolato<sup>27</sup>): “Curiosamente, foi o meu livro que vendeu mais rápido. A edição de mil exemplares se esgotou em apenas três meses e só consegui ficar com um exemplar, doado pela minha ex-esposa”<sup>28</sup>.

Em outra entrevista, por ocasião do lançamento de seu décimo livro, *Os verões da grande leitoa branca*<sup>29</sup>, Snege procura explicar sua opção da seguinte maneira:

Eu sou quase um escritor póstumo (risos). Quando editei meu primeiro trabalho em 68, recebi um convite de uma editora carioca para fazer uma edição nacional do livro. Fui ao Rio de Janeiro, cheguei diante do edifício da editora, parei na porta e alguma coisa não permitiu que eu entrasse. Acabei voltando a Curitiba sem fazer o contato. Não entendi essa relutância, mas, depois acabei compreendendo que era simplesmente uma forma de não me programar de acordo com os interesses do mercado livreiro. (...) Sou um escritor tardio porque nunca apostei na literatura como solução de mercado, mas como uma necessidade íntima de produzir alguma coisa.<sup>30</sup>

Essa postura de resistência também acaba por identificar Jamil Snege com a crônica. Pelo interesse que desperta no leitor e por seu caráter atual, porém, refletido, a crônica registra olhares sobre a cidade que, de outro modo, mais oficial, ficcional ou noticioso, acabariam perdidos. Como afirma Eduardo Portella, no artigo “A cidade e a letra”, publicado inicialmente na década de 50<sup>31</sup>, “a crônica

<sup>26</sup> MACHINSKI, Júlio Bernardo. *Como ele se fez por si mesmo – Jamil Snege*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. p. 13.

<sup>27</sup> NICOLATO, Roberto. Caminho por entre pedras. *Gazeta do Povo*. 8 out. 2001. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. op. cit.

<sup>30</sup> SNEGE, Jamil. Percepção insólita da realidade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 mar. 2000. Entrevista. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

<sup>31</sup> Como poderemos ver ao longo deste trabalho, a crônica vem despertando, na contemporaneidade, cada vez mais interesse de críticos e pesquisadores da teoria literária, assim como dos próprios escritores e do público. Em reportagem sobre o tema, publicada em 1º de setembro de 2002, por exemplo, o jornalista Roberto

literária brasileira sempre tem procurado ser uma crônica urbana: um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita letra”.<sup>32</sup>. A relação cidade-crônica é notada também por Davi Arrigucci Junior, em um artigo publicado já na década de 80: “A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia”<sup>33</sup>.

Sua característica de diálogo, conversa de dia-a-dia com o leitor permite que sejam captadas atmosferas de época, aquilo que está no ar, no boca-a-boca, que se diz nos mais variados espaços da cidade. Por tudo isso, a crônica permite identificar não só representações oficiais da cidade, mas também seus pontos de confronto.

Daí se justifica a escolha deste gênero textual para análise das representações de Curitiba neste trabalho. Definida pelo crítico Wilson Martins como “a literatura do jornalismo”<sup>34</sup>, a crônica pode ser considerada um gênero híbrido – de modo que apresentá-la como *o jornalismo da literatura* também

---

Nicolato nota que “essa leveza [da crônica] e o humor no trato das questões supostamente menores do nosso dia-a-dia têm feito dos livros de crônicas campeões de vendas. (...) / Para a professora e pesquisadora Cassiana Lacerda, a crônica assumiu o lugar que era representado pelo conto na década de 70. ‘Uma vez em livros, esses textos com características datadas, e que poderiam ser descartados depois de serem publicados nos jornais, acabam virando best sellers’. Para ela, esse fenômeno se explica pelo fato de a crônica ser um gênero tagarela (para usar uma expressão de Roland Barthes), digestivo, fácil e que apela para o humor”. Ao contrário do que o atual interesse pela crônica possa indicar, no entanto, esse gênero vem inspirando estudos e reflexões significativas desde o início do século 20, com ênfase, ao que parece, nas décadas de 50 e 60, em especial com artigos publicados nos suplementos literários e culturais dos principais jornais do País. No livro *Introdução à literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho dá o exemplo de alguns desses textos e autores referenciais: “Sobre a crônica, ver: Almeida, Paulo Mendes de. ‘A Crônica.’ (in *O Estado de São Paulo*. 13 out. 1956); Ataíde, Tristão de. ‘Contos e Crônicas.’ (in *Estudos*. 5ª série. Rio de Janeiro, 1933); Coutinho, Afrânio. *Da Crítica e da Nova Crítica*. Rio de Janeiro, 1957; idem. ‘Personalidade da Crônica.’ (in *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 dez. 1957); Gersen, Bernardo. ‘Grandeza e miséria da Crônica.’ (in *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14. jul. 1957); Linhares, Temístocles. “Cronistas e Escritores” (in *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 out. 1957). Portela (sic), Eduardo. ‘A Cidade e a Letra.’ (in *J. Comércio* (sic). Rio de Janeiro, 15 dez. 1957. Ref. in *Dimensões I*. Rio de Janeiro, 1958 (sic)”. Também no livro *A literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho (Dir.) oferece uma extensa lista de referências em crônica, entre elas: Linhares, Temístocles, “Situação da crônica” (*O Estado de São Paulo* – Suplemento Literário, 16 fev. 1963); Braga, Rubem, “Sobre o ofício de cronista” (*Manchete*, Rio de Janeiro, 10 out. 1964); Martins, Wilson. “Cronistas” (*O Estado de São Paulo* – Suplemento Literário, 17. set. 1966). | NICOLATO, Roberto. Simples narrativas do cotidiano. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º set. 2002. Caderno G, p. 3. | COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. p. 304. | COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (Co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v. 6. p. 142-143.

<sup>32</sup> PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I: o livro e a perspectiva, crítica literária*. 3. ed. rev. e diminuída. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília INL, 1977. p. 81-87. | p. 85.

<sup>33</sup> ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66. | p. 55.

poderia ser uma opção válida. Pois, além de fundir os limites de uma e outra área, permitindo mais liberdade de expressão que o rígido formato da notícia diária, a crônica tem em seu **caráter cotidiano** um grande trunfo.

A oportunidade de tratar do fato justamente no momento histórico em que está ocorrendo e, ao mesmo tempo, de ser agraciada com a possibilidade de certo distanciamento reflexivo<sup>35</sup> – visto que a função de dar o “furo” jornalístico, da narração imediata dos acontecimentos, é deixada à notícia diária –, dá a essa modalidade textual uma voz que não raro supera a visão individual do autor do texto para se tornar uma espécie de *voz da coletividade*, ao menos daquele ambiente em que o cronista está inserido.

O cronista, nesses casos, pode funcionar como uma espécie de “tradutor”, em seu tempo, de determinado modo de pensar de um grupo específico da comunidade em que vive. A crônica, dessa forma, pode ser tomada por um importante referencial de comportamento ou dos hábitos de vida em determinada época. Tal proposta fica mais clara na definição feita pelo jornalista José Marques de Melo:

Assim sendo, a crônica moderna configura-se como gênero eminentemente jornalístico. Suas características fundamentais são: 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; **pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva** [grifo meu]. 2) Crítica social, que corresponde a ‘entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem’.<sup>36</sup>

Pois talvez seja na captação desses “estados emergentes” da sociedade que a crônica construa as suas verdades, no sentido explicitado por Antonio Candido em ensaio sobre o tema. Para Candido, a crônica seria “uma amiga da verdade e da poesia”<sup>37</sup> – em contraposição a estilos literários cheios de “grandiloquência”, que atuariam como “disfarce da realidade e mesmo da verdade”. Sob esse aspecto, aproveitando uma reflexão de José Marques de Melo, os cronistas seriam aqueles que “realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia-a-dia”<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> MARTINS, Wilson. Crônicas curitibanas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, [2001].

<sup>35</sup> MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 155.

<sup>37</sup> CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: CANDIDO, Antonio (et al.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 14.

<sup>38</sup> MELO, José Marques de. *op cit.*, p. 155.



Nos escritos de Snege, assim como de Carlos Dala Stella e Roberto Gomes, será possível observar como essa ligação com o cotidiano está, muitas vezes, também colada ao local. Um dos objetivos propostos aqui é perceber como as versões oficiais a respeito do imaginário de Curitiba, ligadas aos poderes públicos do Estado e de sua capital, são atualizadas, questionadas e mesmo, talvez até pelo contraste, reafirmadas no espaço da crônica do jornal, no caso, a *Gazeta do Povo*, hoje veículo de maior tiragem do Paraná<sup>39</sup>.

No primeiro capítulo – “Cidade: mundo em profusão” – procura-se aprofundar a reflexão a respeito da cidade, e seu tratamento em textos literários, jornalísticos e, em especial, na solução híbrida da crônica. O processo de elaboração dos discursos a respeito do contexto citadino também é estudado, assim como a estreita relação entre crônica e cidade e os motivos pelos quais essa conectividade ganha tanto espaço ao longo do século 20. Por fim, também neste capítulo, explicitamos nossa “cidade implícita”, aprofundando a investigação sobre Curitiba, como tempo e como espaço, na crônica produzida *com* e *sobre* a mesma.

Já no Capítulo 2 – “Modernidade: aqui estamos nós” – as questões da modernidade e da modernidade tardia somam-se aos aspectos citadinos: o que significa *pertencer* a uma cidade hoje? Procura-se perceber aqui de que modo o

---

<sup>39</sup> De acordo com informações fornecidas à autora pela Central RPC de Marketing, que reúne os dados dos veículos da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), a *Gazeta do Povo* teria um total de 494 mil leitores em Curitiba e São José dos Pinhais, sendo que 278 mil (56%) seriam “leitores exclusivos”, não lendo nenhum outro jornal. Os dados fazem parte da pesquisa “Estudos Marplan/EGM – Consolidado 2004 (CWB + SJP), ambos os sexos, 10 e + anos”. O levantamento informa ainda que, do universo de leitores, 338 mil (68%) pertenceriam à classe econômica AB, sendo a somatória com a classe C correspondente a grande maioria dos leitores da *Gazeta do Povo* (94% ou 465 mil). Com relação ao Caderno G, o levantamento define um universo de 251 mil leitores, sendo 76% das classes A ou B e 55% com renda familiar mensal acima de cinco salários mínimos. Nesse universo de 251 mil leitores, 49% seriam homens e 51% de mulheres, sendo que 72% do total teriam pelo menos o Ensino Médio completo. Com relação agora à medição do alcance do Caderno G no universo de leitores de jornal, as pessoas entre 50 e 64 anos (38%) e entre 20 e 29 anos (39%) seriam os maiores grupos. O estudo informa ainda que 30% dos leitores casados de jornal leriam o Caderno G, assim como 38% dos leitores solteiros. Desse universo, 39% das mulheres que lêem jornal seriam leitoras do Caderno G e 29% dos homens. Entre os hábitos de lazer dos leitores de jornal, 67% do público que lê o Caderno G diz ir ao teatro de uma a três vezes por mês e 52% costuma ir ao cinema nessa mesma frequência. Mais dados sobre a pesquisa poderão ser vistos nos anexos deste trabalho. Com relação à tiragem, um trabalho de autoria de Elza Aparecida de Oliveira Filha informa que a *Gazeta do Povo* seria o “maior diário do Paraná”. Segundo a jornalista, em 2004, o jornal tinha tiragem de 90 mil exemplares aos domingos, 40 mil nas segundas-feiras e 70 mil nas quartas-feiras. O jornal entrou em circulação no dia 2 de fevereiro de 1919. | GAZETA DO POVO. Central RPC de Marketing – Gerência de Comunicação e Relacionamento. *Estudos Marplan/EGM, Consolidado 2004 (CWB + SJP), ambos os sexos, 10 e + anos. Curitiba, 2004*. Dados enviados por e-mail em 13 abr. 2006. | OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. *Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”*. [s/ data]. Disponível na internet: [www.jornalismo.ufsc.br/redealc/ar/cd3/midia/elzaaparecidadeoliveirafilha.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealc/ar/cd3/midia/elzaaparecidadeoliveirafilha.doc). Consultado em 24 maio 2006 – 21:00.

espaço urbano reflete as múltiplas identidades de sua população, assim como as formas de interação entre essas personalidades variadas e os não menos múltiplos discursos constituídos e disponíveis sobre o espaço citadino. A proposta da crônica como documento histórico, relacionada à memória e fixação de discursos é vista aqui com mais intensidade, assim como sua evolução ao longo da modernidade.

A relação do cronista com a cidade é também estudada, analisando-se aqui sua ligação com um personagem que surge ainda no século 19, com a evolução do espaço citadino: o *flâneur*. Por fim, o movimento paranista ganha análise mais detalhada, com foco na atualização de algumas de suas idéias e símbolos ao longo do tempo, até a contemporaneidade.

Finalmente, no terceiro capítulo – “Espaço: a cidade, o tempo e a crônica” – chega-se ao momento de uma investigação aprofundada sobre a percepção do espaço urbano de Curitiba na contemporaneidade, refletido nos escritos cronísticos. Sob esse aspecto, as crônicas de Jamil Snege, com suporte do trabalho de Carlos Dala Stella e Roberto Gomes, serão base para análise de possíveis tratamentos contemporâneos concedidos à capital paranaense. É retomada também a questão do cronista-*flâneur* especificamente na modernidade tardia: é possível que o *flâneur* exista (como cronista) nesse ritmo alucinante da contemporaneidade? O Capítulo 3 será também espaço para análise das estratégias textuais utilizadas na crônica, de modo geral, e nos escritos de Jamil Snege, especificamente.

A proposta, mesmo na eventual utilização de textos produzidos no início do século 20 a respeito de Curitiba ou no estudo da construção de símbolos para a cidade durante o período de surgimento do movimento paranista, não é de fazer uma *comparação* – o que não elimina, pontualmente, o uso desse recurso ao longo do trabalho. A idéia é, na realidade, estabelecer um *diálogo* entre o início da construção da “identidade oficial” da cidade, com todas as questões que envolvem o período chamado de “modernidade”, e o posicionamento atual da identidade citadina, em um momento como o de hoje em que, mais do que nunca, o termo *identidades múltiplas* é aceito como uma característica de nossa “modernidade tardia”.

## CAPÍTULO 1 – CIDADE. MUNDO EM PROFUSÃO

*“A cidade me engolia lentamente,  
digeria-me até em casa”*  
Jamil Snege – O expresso<sup>40</sup>

*“Sentí, como otras veces, la resignación y el alivio  
que nos infunden los lugares muy conocidos”*  
Jorge Luis Borges – Veinticinco de agosto, 1983

*“Outra vez te revejo,  
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...  
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...  
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,  
E aqui tornei a voltar, e a voltar.  
E aqui de novo tornei a voltar?”*  
Fernando Pessoa – Lisbon Revisited

Domingo, 16 de fevereiro de 1997. Notícia: “Luz artificial das cidades está matando a noite”. Publicada no jornal paranaense *Gazeta do Povo* na referida data, a reportagem trazia uma bela foto de metrópole já em horas avançadas, clareada pelas incontáveis luzes artificiais do cotidiano contemporâneo. O texto dava conta de que três entidades dinamarquesas iriam se reunir “para discutir a poluição luminosa das grandes cidades, com relação à noite”<sup>41</sup>:

O excesso de luz artificial fere a noite, desorientando as aves migratórias e desperdiçando energia, sustentam três organizações dinamarquesas, que declararam guerra ao que definem como “poluição luminosa”. Segundo essas entidades, o abuso da luz artificial está se tornando um verdadeiro problema ambiental e é um fenômeno que deve ser estudado e regulado.

Assim o assinalam representantes da Associação Nacional para a Cultura Ambiental e Arquitetônica, a Sociedade de Astronomia e o Ente para a Tutela da Natureza, os três órgãos que convocaram uma reunião para discutir o tema em Copenhague.<sup>42</sup>

Um pouco mais para frente, a reportagem reproduz declaração de um certo Michael Leth Jess, do Ente para a Tutela da Natureza, ao jornal *Politiken*, justificando sua reivindicação: “Na Dinamarca há cada vez menos lugares onde se possa gozar a noite total e suas emoções”<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> Juntamente com “As luzes”, conto de estréia de Jamil Snege, publicado na coletânea *Contos de repente*, em 1965. I FARAH, Elias (*et al.*). *Contos de repente*. Curitiba: Delfos Editora, 1965. p. 23-25 e p. 99-102.

<sup>41</sup> GAZETA DO POVO. Luz artificial das cidades está matando a noite. Curitiba, 16 fev. 1997. Classificados Caderno 2, p. 1 (capa).

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 1.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 1.

Ainda sobre poluição, um olhar agora mais próximo de nossos trópicos, a partir de uma reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, assinada pelos repórteres Afra Balazina e Rogério Cassimiro: “Água de sarjeta ‘mata a sede’ no Tietê”. Publicado em 22 de dezembro de 2005, o texto revela que moradores de rua costumam tomar a água do referido rio, “sem pestanejar”, a partir do relato de Tiago dos Santos, 20 anos, entrevistado no local:

A cena foi presenciada pela reportagem da **Folha** na última terça-feira e, segundo o próprio garoto, se repete nos dias de calor há dois meses, depois de um amigo lhe mostrar o “bebedouro”.

Além de matar a sede, Tiago usa a água do bueiro que desemboca no rio, na altura da ponte do Limão (zona norte de São Paulo), para tomar banho e lavar suas roupas. O rapaz diz considerar a água limpa e, por isso, não vê problema nenhum em utilizá-la.

“Essa água vem dos bombeiros [cujo posto fica próximo ao local]”, diz acreditar. (...)

O diretor técnico da Uniágua (Universidade da Água), Carlos Eduardo Porto Palma, diz que a ingestão de água das galerias pluviais pode ser prejudicial à saúde de diferentes maneiras.

(...)

Se a água contiver esgoto, diz Palma, o estrago é certo. Mas Tiago afirma que nunca passou mal após tomar a água e que também não sentiu coceiras depois de tomar banho ali. O engenheiro sanitarista diz que há elementos que podem ser cumulativos, de modo a provocar efeitos no futuro. “É profundamente lamentável que cenas como essa ocorram”.<sup>44</sup>

Apesar da aparente distância, os dois relatos, da *Gazeta do Povo* e da *Folha de São Paulo*, apresentam pontos em comum – e não apenas com relação ao que têm de pitoresco ou até mesmo de insólito, que bem poderiam render uma boa ficção. Primeiro, ambos tratam de questões urbanas. Depois, explicitam o que se identifica como “problemas” citadinos da atualidade. Mas não só isso: falam, em certo grau, de tecnologia e progresso (excesso ou ausência), sofisticação dos mecanismos sociais (entidades para medir “poluição luminosa”, “universidade da água”) e aspirações da população em nossa modernidade tardia (de ver a noite *ao natural*, de saciar a sede e ter as roupas limpas, de que habitantes da cidade não precisem tomar água de um rio impróprio).

Enfim, as duas reportagens tratam da *cidade* e das várias relações possíveis na contemporaneidade entre as metrópoles e as pessoas que nelas habitam. Por meio dos aspectos enumerados há pouco, esses textos noticiosos permitem identificar algumas das características que pontuam o imaginário

<sup>44</sup> BALAZINA, Afra; CASSIMIRO, Rogério. Água de sarjeta “mata a sede” no Tietê. *FolhaOnline*, 22 dez. 2005. Disponível na internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u116529.shtml>. Consultado em 22 dez. 2005 – 19:33.

citadino neste momento, ainda, de transição do século 20 para o século 21. Como bem observa Rogério Lima, “a cidade é o tema que está na ordem-do-dia”<sup>45</sup>.

Mas, afinal de contas, qual o motivo de tanto interesse? Não só na área de Literatura, mas também em outros campos de estudo como História ou Antropologia, a cidade, como espaço, mas também como tempo/memória, vem despertando as mais variadas investigações. A cidade não apenas abriga, mas também intriga, instiga e torna quase impossível sua dissociação das questões e transformações estabelecidas com o que se convencionou, para alguns, chamar de modernidade tardia. Múltiplas formas de vida, de condições de vivência e sobrevivência, múltiplos signos e múltiplas interpretações, múltiplas identidades, *multiplicidade*. O advento do século 20 e os últimos anos do século 19 já davam claros sinais da diluição de objetividade no tratamento dos espaços urbanos, na medida em que cresciam em tamanho e tecnologia.

Pois a evolução da modernidade para a modernidade tardia avançou ainda mais nas possibilidades de multiplicação e representação da cidade, tanto no imaginário constituído pela comunidade quanto nas construções individuais que se fazem da cidade, e nos modos de usar e viver esse espaço. O antropólogo italiano Massimo Canevacci, que desenvolveu um estudo a respeito da Antropologia da Comunicação Urbana, encontrou um bom termo para definir essas múltiplas possibilidades citadinas, a princípio, aplicado ao município de São Paulo, seu objeto de pesquisa: a *cidade polifônica*.

Justifica ele na introdução do livro publicado como resultado de sua pesquisa que o termo “cidade polifônica” significa que “a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam”<sup>46</sup>. Um segundo significado para o termo, segundo Canevacci, estaria na escolha metodológica de sua pesquisa, “de ‘dar voz a muitas vozes’”<sup>47</sup>. Para ele, no estudo da cidade, “a *polifonia* está no

<sup>45</sup> LIMA, Rogério. Mapas textuais do imaginário fragmentado da cidade. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.). *O imaginário da cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 9-18. | p. 13.

<sup>46</sup> CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p. 17.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 17. | A respeito dessa aplicação do termo *polifonia*, de “dar voz a muitas vozes”, vale conferir o artigo “A polifonia como categoria ética” em que Cristovão Tezza reflete sobre a “polifonia” como uma categoria da teoria literária criada por Mikhail Bakhtin (1895-1975), a princípio, para definir a dinâmica da obra de Dostoiévski – e depois como “o que ele chama de ‘um novo gênero romanesco’, o ‘romance

objeto e no método”<sup>48</sup>. De fato, as várias vozes da cidade podem ser vistas por esses dois ângulos: da polifonia de expressão, que parte do espaço citadino, e das comunicações particulares, por toda sorte de meios, dos vários grupos que habitam a urbe. Com tudo isso, como nota o antropólogo, “a cidade se apresenta *polifônica* desde a primeira experiência que temos dela”<sup>49</sup>.

Pois essa multiplicidade de vozes soma-se a um outro fator: a infinidade de cidades contidas em um único universo citadino, o que leva Rogério Lima a afirmar que “a cidade é sempre um organismo em mutação”<sup>50</sup>. Lima, por fim, arremata a questão ao relacionar as variadas vozes e vistas da cidade, comentando que “a cada instante, há algo mais que a vista não alcança, mais do que o ouvido possa perceber, uma composição nova em um cenário novo que espera para ser analisado”.

Esta é nossa cidade contemporânea. E é a partir dessas possibilidades múltiplas de ver e ouvir – ou não – que se forma o imaginário desse espaço entre seus habitantes e viajantes físicos ou distantes. Quanto a esse aspecto, com o notável avanço das tecnologias de comunicação, e das próprias mensagens nelas contidas, mais do que nunca, já não é preciso estar ou sequer *ter estado* em um local para ter formada uma imagem a respeito dele, inclusive, podendo ser essa imagem muito mais favorável do que aquela que temos do próprio lugar em que vivemos. Como afirma Anthony Giddens no livro *Modernidade e identidade*<sup>51</sup>, na contemporaneidade, “a vida se separa das externalidades do lugar, enquanto que o próprio lugar é solapado pela expansão dos mecanismos de desencaixe”<sup>52</sup>.

(...) O lugar se torna fantasmagórico<sup>53</sup>. **Embora os meios em que as pessoas vivem permaneçam como fontes de ligações locais, o lugar não constitui o parâmetro da experiência** [grifo meu]; e não oferece a segurança do sempre familiar, característica dos lugares tradicionais. A intensificação da experiência transmitida pela mídia também

---

polifônico”. | TEZZA, Cristovão. A polifonia como categoria ética. *Revista Cult – Edição Especial*. n. 4. fev. 2006. Disponível na internet: [http://revistacult.uol.com.br/especial\\_polifonia.htm](http://revistacult.uol.com.br/especial_polifonia.htm). Consultado em 9 fev. 2006 – 11:12.

<sup>48</sup> CANEVACCI, Massimo. *op. cit.*, p. 18.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>50</sup> LIMA, Rogério. *op. cit.*, p. 9.

<sup>51</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorghe Zahar Ed., 2002.

<sup>52</sup> Na concepção de Giddens, os mecanismos de desencaixe seriam um dos elementos constitutivos da contemporaneidade, que ele denomina “modernidade tardia” ou “alta modernidade”. O *desencaixe* seria “o descolamento das relações sociais dos contextos locais e sua recombinação através de distâncias indeterminadas do espaço/tempo”. Esse assunto será tratado de forma mais detalhada no Capítulo 2. | GIDDENS, Anthony. *op. cit.*, p. 137 e p. 221.

<sup>53</sup> Na definição de Anthony Giddens, um “lugar como fantasmagórico” seria “o processo pelo qual características locais de lugar são invadidas por relações sociais distantes e reorganizadas em termos delas”. | GIDDENS, Anthony. *op. cit.*, p. 222.

desempenha um papel aqui. A familiaridade (com os eventos sociais e com as pessoas, e também com os lugares) não mais depende apenas, ou mesmo principalmente, dos meios locais.<sup>54</sup>

Nessa afirmação de Giddens, é possível identificar uma série de questões que envolvem a problemática da cidade e do imaginário a seu respeito ao longo da era moderna, com especial ênfase nos tempos atuais. Ao mencionar o lugar como *fantasmagórico*, Giddens chama atenção tanto para o efeito da globalização sobre os modos de vida contemporâneos e sua relação com a cidade quanto para um efeito diferente: da formação de um imaginário complexo sobre determinada cidade, que pode refletir imagens emitidas inicialmente de forma oficial, e que retornam a esse lugar por meio das mais variadas falas – do turista, do viajante, do morador, do nativo que optou por viver em outra cidade ou daquele que *conhece* a cidade pelos filmes, notícias, livros e relatos que ouviu, sem nunca nela ter estado –, nem sempre, como nota Giddens, relacionadas à *vivência experimentada* naquele local.

A possível dissociação contemporânea das imagens que se tem da cidade e da experiência *de fato* da cidade é questão das mais importantes para uma tentativa de compreensão do posicionamento entre cidades e discursos na atualidade. Na mesma citação, Giddens comenta que o local já não oferece mais o conforto do *sempre familiar* – mencionado pelo personagem de Jorge Luis Borges no conto “Veinticinco de agosto, 1983”<sup>55</sup>, na epígrafe que abre este capítulo. Pois, com esse *desencaixe* entre “local” e “experiência do local”, sentir *o alívio que nos infundem os lugares bem conhecidos* é um ato que passa por processos outros do que simplesmente *estar* no lugar, na medida em que evolui nossa modernidade.

Daí ser possível hoje, mais do que em épocas anteriores, ter a impressão de conhecer melhor um local distante do que o entorno onde vivemos. Tal questão, inegavelmente, relaciona-se com os discursos que nos chegam pelas variadas mídias a respeito de vasta gama de lugares do mundo. Esses discursos que vão também para locais distantes podem ganhar tanta força que acabam voltando ao local de origem, reafirmando-se e conquistando lugar também no imaginário da própria população, que vivencia o cotidiano daquele local. Não é

---

<sup>54</sup> GIDDENS, Anthony. *op. cit.*, p. 137.

<sup>55</sup> Borges, Jorge Luis. *La memoria de Shakespeare*. Madri: Alianza Editorial, 1998. p. 7-20.

exagero pensar que, não raras vezes, esse imaginário que corre o mundo a respeito da cidade chega mesmo a suplantar a experiência citadina diária. Resiste-se em assimilar o vivido, em detrimento da imagem vendida, e comprada, da cidade.

Italo Calvino defende em seu livro *Por que ler os clássicos* que “toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura”<sup>56</sup>. Na problemática da relação atual indivíduo-cidade seria possível aplicar raciocínio parecido: *a primeira leitura de uma cidade pode ser, na realidade, uma releitura* – justamente por conta do imaginário que se constitui, mesmo à distância, a partir dos discursos citadinos a que temos acesso e do *saber prévio*<sup>57</sup> que formamos a respeito de determinado lugar.

Com isso, a cidade-texto se comporta como um livro (levando em conta as teorias de recepção que começaram a se desenvolver na década de 60, passando a considerar também o papel do leitor no jogo literário). Suas possíveis decodificações passam a depender, assim, da combinação de dois aspectos apontados com relação à literatura, inicialmente, por Hans Robert Jauss em *A história da literatura como provocação à teoria literária*: o já mencionado “saber prévio”, em muitos aspectos comum a várias pessoas dentro de determinada sociedade, e, depois dele (é importante que se diga), da subjetividade de interpretação<sup>58</sup>.

A interação entre saber prévio e subjetividade de interpretação seria o espaço propício para a formação individual de um imaginário sobre a cidade. Mas, quando tratamos de imaginário, a que, exatamente, estamos nos referindo? Na visão de Dênis de Moraes, em artigo publicado na revista *Contracampo*, trata-se de um “imaginário social”, composto por:

um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade.<sup>59</sup>

<sup>56</sup> CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 11.

<sup>57</sup> Tomando emprestado um termo dos estudos da recepção. | JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994. p. 28.

<sup>58</sup> JAUSS, Hans Robert. *op. cit.*, p. 28.

<sup>59</sup> MORAES, Dênis de. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. *Revista Contracampo*, n. 1. jul./dez. 1997. Disponível na internet: <http://www.uff.br/mestcii/cc7.htm>. Consultado em 16 ago. 2004.



Moraes complementa seu ponto de vista afirmando que a rede imaginária tem uma forte relação com a compreensão da sociedade, por meio do “uso social das representações e das idéias”. Defende ele que “os símbolos revelam o que está por trás da organização da sociedade e da própria compreensão da história humana”<sup>60</sup>. Dessa forma, é possível afirmar que esse imaginário a respeito da cidade corresponde não apenas *ao que ela é*, física, espacial ou materialmente, por exemplo, mas ao que ela *significa*, a partir das mensagens passadas pelos signos nela contidos e pelo próprio conjunto – cidade-símbolo – apresentado. Sob esse ponto de vista, seria importante ainda observar que esses signos ou essa cidade-símbolo têm sua interpretação necessariamente relacionada aos referenciais dos vários grupos – intelectuais, étnicos, culturais, sociais – que transitam por determinado espaço urbano.

A interação entre saber prévio e subjetividade – a mesma que permite a formação de um determinado imaginário sobre a cidade – seria por outro lado (justamente pela possibilidade da interpretação subjetiva) também o ponto de confronto entre imagens pré-concebidas e experiência. A partir daí, seria possível enumerar três situações, em boa parte conflituosas, estabelecidas:

1º: os pré-juízos que direcionam nossas impressões a respeito de determinado local.

2º: o confronto (ou a negativa dele) entre os pré-juízos a respeito da cidade e a vivência experimentada da mesma.

3º: o confronto entre os pré-juízos formados, a vivência da cidade e a comparação com o espaço de origem de determinada pessoa (uma outra cidade, por exemplo) ou outros espaços de seu conhecimento que por algum motivo lhe são importantes.

Nessa dinâmica, o imaginário alardeado pela propaganda oficial, por exemplo, pelos diversos canais formais e informais (esses dos mais relevantes), pode ser tão marcante que acaba por suplantar as demais imagens possíveis a respeito da cidade ou mesmo a vivência real da mesma. Considerando-se a cidade como discurso, percebe-se nessa situação um evidente comportamento de resistência em ver a urbe por um ângulo diferente daquele com o qual foi embalada para venda. Curitiba, veremos mais adiante, pode ser um exemplo dos mais adequados para se analisar a força do discurso, com ênfase no oficial, a respeito da cidade em sobreposição à experiência de fato oferecida.

---

<sup>60</sup> MORAES, Dênis de. *op. cit.*

Cidades, mais que territórios, pedaços de terra delimitados, seriam então discursos. Partindo do pressuposto de que, tal qual as conhecemos hoje, são construções modernas, assim como as nações, podemos tomar emprestados alguns dos pontos de vista do cientista social Stuart Hall para as constituições nacionais em *A identidade cultural na pós-modernidade*. Hall enfatiza que “uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...)”<sup>61</sup>. Qual o objetivo desses *sentidos que organizam nossa forma de viver*? Criar a noção de *identidade* para com aquele espaço de terra em que vivemos e para com as pessoas que o dividem conosco. “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”<sup>62</sup>, explica Hall.

O cientista social toma emprestada expressão cunhada por Benedict Anderson, em *Nação e consciência nacional*, para explicar o que seria, assim, a *identidade nacional*: uma “comunidade imaginada”<sup>63</sup>. A respeito desse aspecto, a proposição de Anderson é a seguinte:

Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana.

Ela é *imaginada* porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão.<sup>64</sup>

Pois cidades, como nações, podem ser tomadas por *idéias, comunidades imaginadas*. Utilizado em boa parte das reflexões contemporâneas a respeito do universo citadino, o livro *As cidades invisíveis*<sup>65</sup>, de Italo Calvino, apresenta as cidades, descritas com nomes de mulheres, como textos, cheios de códigos e significações<sup>66</sup>. É nesse espaço possível de diferentes leituras da cidade-texto

<sup>61</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 50.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>64</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. p. 14.

<sup>65</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>66</sup> A respeito deste livro, Eduardo Prado Coelho observa que “estamos perante um dispositivo textual inesperado e fascinante, que se poderá descrever desse modo: nove blocos sem qualquer designação específica, constituídos por conjuntos de textos de número variável, que nunca excedem as três páginas, sendo cada texto a descrição de uma cidade com nome de mulher. (...) Há ainda no interior destes blocos um texto inicial e um texto final que se referem à situação de diálogo entre Kublai Khan, imperador dos Tártaros, e Marco Polo, o viajante veneziano, a quem o imperador solicita que lhe fale das inúmeras cidades que conheceu”. Após esse trecho, um pouco mais para frente, Coelho comenta: “Imaginemos, porque tudo

que o leitor-habitante e o leitor-viajante podem construir sua própria cidade dentro daquela em que transitam.

No livro, ao apresentar a cidade de Zoé, pertencente à rubrica “As cidades e os símbolos”, o narrador comenta que “cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares”<sup>67</sup>. Zoé, é importante ressaltar, seria aí o oposto: “o lugar da existência indivisível”, em que os locais referenciados como palácios, hotéis ou um asilo podem não corresponder a essa imagem, servindo para outras atividades. “O viajante anda de um lado para o outro e enche-se de dúvidas, incapaz de distinguir os pontos da cidade, os pontos que ele conserva distintos na mente se confundem”<sup>68</sup>.

Como em um livro, como vimos, em que é necessário dominar o que Jauss chama de “saber prévio” para compreender uma espécie de *mensagem coletiva* transmitida por meio de sinais (discursos) familiares àquela comunidade, espera-se da cidade que ela também forneça esses sinais àqueles que se dispõem – ou são lançados – a explorar suas ruas, vielas e recantos. O estranhamento se dá justamente quando esse saber prévio se torna um acumulado de pré-juízos que, ao serem confrontados com a realidade local, não se realizam da forma esperada.

Quando os sinais são diferentes daqueles que esperamos para preencher nossas cidades, está gerada a confusão, o estranhamento, o não-reconhecimento. É preciso aprender, e acostumar-se com os novos códigos – conseguindo desvencilhar-se dos pré-juízos –, para vivenciar cada uma das atmosferas citadinas que se apresentam.

Na atualidade, isso pode acontecer não apenas na transição de uma metrópole considerada de “cultura ocidental”, por exemplo, para uma cidade de “cultura oriental”. Esse estranhamento pode ocorrer dentro da *mesma* cidade, às vezes não é necessário sequer virar a esquina. Essa seria a polifonia apresentada por Canevacci. De acordo com o antropólogo,

em algumas paisagens urbanas, com o passar do tempo um conjunto de signos se estratifica (na memória individual, de um casal ou de um grupo), tornando-as exemplos de

---

reside neste desejo de imaginar, que o livro de Calvino é *uma cidade feita de textos* (tal como ele nos ensina que existem cidades suspensas da nossa capacidade de as nomearmos)”. I COELHO, Eduardo Prado. *A noite do mundo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993. p. 193-194.

<sup>67</sup> CALVINO, Italo. *op.cit.*, p. 34.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 34.

alguns comportamentos que podem criar tendências: isto é, retomam os movimentos comportamentais de estratos significativos da população, os quais terminam por assumir uma função que trai também os outros estratos, como um modelo onde se experimenta e se realiza o grande jogo dos códigos urbanos.<sup>69</sup>

Nesse processo de determinação de padrões comportamentais nos espaços urbanos, normalmente estabelecidos por uma fala oficial<sup>70</sup>, e sua constante atualização no cotidiano, por aqueles que vivenciam a cidade e nela transitam, Canevacci aponta também a tensão nas relações cidadinas entre os padrões pré-definidos e a vivência diária da cidade. Ele comenta que nesses panoramas referenciais

não se desenvolve somente a neutralidade indiferente dos códigos a serem interpretados como freqüentemente se pensa; pelo contrário, dentro deles se manifesta o conflito, ou pelo menos um dos conflitos mais significativos de nossa sociedade contemporânea, o que não quer dizer que todos os outros conflitos – especialmente os de classe, sexo e etnia – sejam anulados ou superados. Significa que **a atual sociedade da comunicação exprime os próprios conteúdos conflituais também através da competição dos signos** [grifo meu], do crescente processo de dessimbolização, da luta dos códigos e do *status*, que envolvem todos os outros âmbitos da sociedade contemporânea.<sup>71</sup>

Torna-se necessário tomar mais um cuidado com relação à cidade e à decifração de seus signos. Como bem alerta o personagem Marco Polo em *As cidades invisíveis*: “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”. A observação merece, logo em seguida, uma ressalva – “contudo, existe uma ligação entre eles”<sup>72</sup>.

Um exemplo dessa apropriação, consciente ou não, do discurso – ou dos discursos – sobre a cidade *como se fosse* a própria realidade cidadina está na descrição que o personagem Marco Polo faz da cidade de Tamara, também pertencente à rubrica “As cidades e os símbolos”. A respeito desta, o narrador diz:

<sup>69</sup> CANEVACCI, Massimo. *op. cit.*, p. 22-23.

<sup>70</sup> A respeito das relações de poder que permeiam os discursos, Michel Foucault faz a seguinte reflexão em *A arqueologia do saber*: “A análise dos enunciados (...). Não coloca a questão de quem fala, se manifesta ou se oculta no que diz, quem exerce tomando a palavra sua liberdade soberana, ou se submete sem sabê-lo a coações que percebe mal. Ela situa-se, de fato, no nível do “diz-se” – e isso não deve ser entendido como uma espécie de opinião comum, de representação coletiva que se imporia a todo indivíduo, nem como uma grande voz anônima que falaria necessariamente através dos discursos de cada um: mas como o conjunto das coisas ditas, as relações, as regularidades e as transformações que podem aí ser observadas, o domínio do qual certas figuras e certos entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante e podem receber o nome de um autor. **“Não importa quem fala”, mas o que ele diz não foi dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade** [grifo meu]”. | FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 138-139.

<sup>71</sup> CANEVACCI, Massimo. *op. cit.*, p. 23.

<sup>72</sup> CALVINO, Italo. *op. cit.*, p. 59.

Penetra-se por ruas cheias de placas que pendem das paredes. **Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas**: o torquês indica a casa do tira-dentes, o jarro, a taberna; as alabardas, o corpo de guarda; a balança, a quitanda. Estátuas e escudos reproduzem imagens de leões e delfins torres estrelas: símbolo de que alguma coisa – sabe-se lá o quê – tem como símbolo um leão ou delfim ou torre ou estrela. (...) O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: **a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso** [grifos meus] (...).<sup>73</sup>

Na citação acima, além da incorporação dos discursos sobre a cidade, é levantada uma outra questão, bastante presente na contemporaneidade, da urbe não mais apenas como símbolo – em que é possível, mesmo que mínima, alguma relação entre a existência material do objeto e a convenção que o representa – mas da cidade como ícone<sup>74</sup>, em que basta a imagem, com a experiência virtual, substituindo a vivência. Quando Calvino menciona a respeito da cidade de Tamara que “os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas”, está justamente notando essa evolução nos modos de perceber o universo urbano na modernidade tardia: seria como um *hiperdiscurso* citadino, em que os signos, enfim, ganham, em alguns casos, mais imanência que a experiência efetiva, material.

Seria o que Massimo Canevacci chama de “super-signos”. “Nossa cultura é uma cultura feita e descrita com super-signos, e na qual a assim chamada *signflation* – ou seja, a inflação dos signos – produz um reembaralhamento comunicativo, após o colapso do poder dos símbolos. (...) Tudo o que aparece é exatamente aquilo que é”<sup>75</sup>. Para o antropólogo, “os signos tornaram-se *super* nas nossas ruas e no nosso sistema cognitivo; e, simultaneamente, o que é *super* não pode ser senão um *signo*. A supremacia da união, da fusão entre os dois

<sup>73</sup> CALVINO, Italo. *op. cit.*, p. 17-18.

<sup>74</sup> O livro *História das teorias da comunicação*, de Armand e Michèle Mattelart, traz no compacto artigo “Charles S. Pierce, fundador do pragmatismo e da semiótica” uma visão objetiva a respeito de signos e seu uso na sociedade. Segundo os autores, de acordo com a teoria semiótica, “pensar é manipular signos”. Ainda sobre esse assunto, Armand e Michèle Mattelart dizem que “todo processo semiótico (*semiosis*) é uma relação entre três componentes: o signo propriamente dito, o objeto representado e o intérprete”. **E o que seria o signo?** “Há segundo Pierce, três tipos de signos: o ícone, o índice (ou *index*) e o símbolo”.

O **ícone**, na explicação dos autores, “assemelha-se a seu objeto, como um modelo ou um mapa. É um signo que possuiria o caráter que o torna significante, mesmo que seu objeto não tivesse existência, assim como um risco de lápis representa uma linha geométrica”. Já o **índice** perderia sentido com o afastamento de seu objeto, “porém não perderia tal caráter se não houvesse intérprete. Exemplo: uma placa com a marca de um impacto de bala como signo de um tiro. Pois sem o tiro não haveria impacto. Mas houve efetivamente um impacto, tenha ou não tido alguém a idéia de atribuí-lo a um tiro”. Por fim, o **símbolo** “é um signo convencionalmente associado a seu objeto, assim como as palavras ou sinais de tráfego. Perderia o caráter que faz dele um símbolo se não houvesse intérprete”. | MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 33-34. | [grifos meus].

<sup>75</sup> CANEVACCI, Massimo. *op. cit.*, p. 164.

termos, atesta e, eu quase diria, proclama em público uma verdade acontecida, comunicativa, que o contexto urbano tem forçosamente de legitimar”<sup>76</sup>.

Um exemplo dessa visão super-signo, relacionada à confusão entre o discurso e a cidade, ou entre mapa e território (tomando emprestada a metáfora aplicada por Jean Baudrillard<sup>77</sup>), está em uma crônica produzida por Roberto Gomes, inicialmente<sup>78</sup>, para o espaço semanal de crônicas da seção Caderno G do jornal *Gazeta do Povo*, dividida com Jamil Snege e Carlos Dala Stella, chamada “Aquele primo visita Curitiba”. Nesse texto, de ironia extrema, apesar do disfarce de *brincadeira*, *bom-humor* e *leveza* que caracterizam o gênero, o autor opta por pintar de cores nada amigáveis a cidade onde vive, desconstruindo linha por linha as características de que se gaba o discurso disseminado pelos órgãos oficiais de Curitiba.

Aqui, Roberto Gomes propõe o confronto entre *a cidade que diz tudo o que você deve pensar* – adaptando a definição de Calvino da cidade de Tamara ao eficiente discurso construído para Curitiba – e a cidade do dia-a-dia, com suas favelas, assaltos, incongruências e ônibus lotados, tal qual tantas outras cidades pelo mundo afora. A situação da crônica é a visita que o narrador recebe de um primo entusiasmado com a oportunidade de “admirar as maravilhas urbanísticas” da capital paranaense:

Fui buscá-lo no aeroporto. Foi fácil reconhecê-lo. Usava terno verde, chapéu verde, um galho de pinus nas mãos. Era ele. Me explicou que as roupas homenageavam a capital ecológica. Não foi uma grande idéia? me perguntava, desferindo cotoveladas em meu fígado.

Era meu velho primo. Já na saída do aeroporto disparou:

– E as árvores? As matas? Onde está o verde?

O caso era grave. Expliquei que ainda não chegáramos a Curitiba.

– Logo vi!

Quando passamos pela Vila Pinto, ele, impaciente, perguntou:

– E quando chegaremos a Curitiba?

– Aqui já é Curitiba, primo.

(...)

– Mas estas casas de madeira, papelão, pano? Trata-se de algum projeto ecológico?

– Não, primo. É favela mesmo.

– Favela? Em Curitiba?!

O primo abriu uma maleta, dela retirando uma pilha de *folders*.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 164.

<sup>77</sup> BAUDRILLARD, Jean. Simulations. Nova Iorque: Columbia Press, 1983. In: DELGADO, Ana Luiza. Índios esotéricos: por um novo turismo urbano. *Série Antropologia*. Brasília, v. 328, 2003. Disponível na internet: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie328empdf.pdf>. Consultado em 26 dez. 2005 – 11:55.

<sup>78</sup> No ano 2000, crônicas produzidas para o jornal foram selecionadas para o livro *Alma de bicho*. O texto “Aquele primo visita Curitiba” faz parte da coletânea cronística. I GOMES, Roberto. *Alma de bicho*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 57-61.

- Muito estranho, comentou, remexendo na papelada.
- Logo voltou, porém, ao ânimo exaltado de turista e me deu a ordem:
- Estacione o carro por aí. Vamos pegar um ônibus.
- Um ônibus? – assustado, quase subi numa calçada.
- Claro. Vamos de ônibus. Quero conhecer o melhor sistema de transporte do Brasil!
- O caso era gravíssimo. Não quis contrariar o primo. (...) <sup>79</sup>

No texto acima, encontram-se vários elementos do discurso oficial divulgado a respeito de Curitiba. O tom de oficialidade fica reforçado pela menção dos folhetos turísticos que o “primo” traz em sua maleta. Há também a questão do *choque entre discurso e cidade*, na ausência das árvores e na descoberta da favela – a questão do desencontro entre os referenciais propostos e a realidade encontrada que analisamos de forma generalizada anteriormente.

Vale repetir aqui: a adaptação aos novos códigos que se apresentam, para uma compreensão possivelmente mais sincera da cidade, depende da disposição do visitante, ou mesmo do morador, de se desvencilhar dos pré-juízos que carrega em sua bagagem, junto com folhetos turísticos e mudas de pinus. O primo do narrador de nossa crônica, por exemplo, apresenta clara resistência em ver a cidade da forma como se apresenta. Diante do choque, opta por dar crédito ao discurso, em detrimento da própria vivência.

Ao longo da narrativa, os dois personagens demoram nada menos que 15 minutos apenas para conseguir a informação de qual ônibus tomar. Pegam um bi-articulado – exigência do primo – em horário de final de expediente de trabalho. Ônibus lotado, primo arremessado contra a população curitibana dentro do veículo. O narrador-personagem comenta: “Quando afinal chegamos, o primo reclamou da superpopulação do mundo – e elogiou o ônibus. **Era invencível** [grifo meu]” <sup>80</sup>. Novamente, a resistência do primo em assimilar a cidade empírica, no lugar do discurso promocional a que teve acesso.

Partiram então em busca de um pierogui, uma das iguarias típicas de Curitiba, segundo os folhetos turísticos que o primo carregava. Após a busca em seis lanchonetes, trocaram o quitute polonês por uma coxinha em completa ausência de novidades. Pois o primo teve ainda a carteira roubada (“atribuiu o furto a algum migrante ainda não incorporado ao espírito civilizado da capital”<sup>81</sup>), esperou na fila para jantar em Santa Felicidade e passeou no Passeio Público.

<sup>79</sup> GOMES, Roberto. Aquele primo visita Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 ago. 1999. Caderno G. p. 3.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 3.

Apesar das discrepâncias entre experiência e discurso, mantinha seu ânimo inabalável:

Tivemos alguns contratempos, porém. No Passeio Público, foi abordado por um sujeito que queria cem pratas em troca de um bilhete premiado de loteria. O primo me censurou por estar sem carteira. Na Ângelo Sampaio, levamos 25 minutos para vencer cinco quadras. Em todas as calçadas ele tropeçava em buracos e pedrinhas soltas. Admirando os portais, ficou em dúvida: o bairro é italiano, estas linhas são retas... E por que este portal é polonês?

No terceiro dia, um giro pelos Faróis do Saber. Idéia iluminada, ele repetia. Bisbilhotou, entrou e saiu, subiu escadinhas, foi expulso por um guarda, levou um pito de uma bibliotecária. No terceiro Farol, não se conteve:

– Que tecnologia! Em todas as bibliotecas do mundo os livros ficam protegidos do sol! Aqui, não. Ficam amarelando! – diante do riso que não consegui disfarçar, ele perguntou: Que foi? Trata-se de uma técnica especial, não é? Um segredo urbanístico avançado?<sup>82</sup>

E assim foi o primo durante sua visita: contou saltos quebrados sob a ponte da Ópera de Arame, encantou-se com a Pedreira Paulo Leminski, atribuindo o “forte cheiro de urina no ar” à irreverência do poeta paranaense, e entusiasmou-se com “o maior número de imortais por metro quadrado”, referindo-se às “várias Academias de Letras” e à “universidade mais antiga do país”. Brigou com o personagem-narrador quando esse perdeu a paciência: “Tudo tem limite!”.

Eu não podia ter feito pior. O primo me xingou de rabugento, de pouco patriótico, apanhou suas malas, chamou um táxi e se mandou.

Mas eu ainda tive tempo de gritar:

– Porque não vai de ônibus?

Ele – habitualmente tão cândido – me fez uma majestosa banana.<sup>83</sup>

O episódio da visita do primo narrado na crônica, sua resistência em aceitar a realidade experimentada e, por fim, sua declaração de que o narrador-personagem não seria *patriota* por questionar o discurso são indicativos de que, sim, o imaginário que construímos sobre um lugar – seja cidade, estado, país, um bairro ou nossa casa – pode tornar-se mais vivo do que as constatações práticas a seu respeito. Retomando Calvino e nossa “cidade invisível” das *figuras de coisas que significam outras coisas*, “enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes”<sup>84</sup>.

<sup>82</sup> GOMES, Roberto. Aquele primo visita Curitiba. *op. cit.*, p. 3.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>84</sup> CALVINO, Italo. *op. cit.*, p. 18.



As construções discursivas a respeito da cidade podem, inclusive, impedir a vivência de experiências e de um conhecimento mais autêntico do local. “Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber”<sup>85</sup>. Temos aí um exemplo irônico e provocador aplicado a Curitiba, transportado para a ficção na crônica de Roberto Gomes.

Tal fenômeno, de uma cidade feita de imagens tão fortes a ponto de superar a veracidade da urbe material, segundo Nicolau Sevcenko, pode ser notado como uma característica das cidades contemporâneas, de forma geral – até mesmo como uma consequência dos problemas citadinos de organização, em um tempo de megalópoles e de excesso populacional.

(...) em meio a um processo de decadência e colapso das cidades, resultado de seu abandono deliberado pelos beneficiários do novo arranjo global e das novas tecnologias informatizadas, procura-se promover a idéia de sua refundação, não mais em bases históricas, democráticas e participativas, mas a partir de marcos dos novos tempos, representados por grandes museus de arquitetura mirabolante e megacentros culturais. Em geral, esses projetos têm em vista um público que não é o local, empobrecido, mas visitantes prósperos de outras partes do país e do mundo. **É a reciclagem das cidades, esvaziadas de sua vida local e reduzidas a estereótipos destinados ao consumo de multidões turísticas cosmopolitas, atraídas pelo marketing do refinado ou do exótico e confiantes na legitimidade que a posse de moedas fortes atribui aos seus juízos culturais, à sua ansiedade por entretenimento e ao seu poder de compra** [grifo meu].<sup>86</sup>

Sevcenko comenta, a respeito dessas *cidades-museus*, feitas para contemplação, que são construídas pensando especialmente em turistas ávidos por consumir o exótico ou o sofisticado. Porém seria possível talvez estender o público-alvo dessas mensagens para os possíveis *investidores na cidade* – e aí não temos apenas os turistas, mas todos aqueles que podem gerar recursos para a urbe, sejam de outros lugares, sejam os próprios moradores da cidade, que, em sua postura, podem ser tão turistas quanto os demais.

Em seu estudo sobre a cidade, o geógrafo Paulo César da Costa Gomes observa que as facilidades proporcionadas pela tecnologia permitem (quando não incitam) que as pessoas fiquem cada vez mais em casa – o que possibilita que, de certa forma, vejam ou vivam apenas a cidade que desejam. Costa Gomes aponta duas consequências dessa postura. “A primeira é a vivência cada vez

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>86</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Virando séculos; 7). p. 128.

menor do espaço da cidade. O uso da via pública se restringe progressivamente ao seu valor instrumental primário, a circulação”<sup>87</sup>, diz.

A outra consequência desse processo é que, do abandono dos espaços comuns e dessa recusa em compartilhar um território coletivo de vida social, surge o fenômeno da ocupação dos espaços públicos por aqueles que, não tendo meios para reproduzir privadamente esse estilo de vida, estão condenados a desfilar sua condição por esse espaço: os pobres. Assim, os espaços públicos se transformam cada vez mais numa espécie de passarela para o espetáculo da pobreza.<sup>88</sup>

Ao comentar esse afastamento voluntário do habitante do espaço urbano e as consequências conjunturais desse comportamento, Costa Gomes refere-se de forma especial à cidade do Rio de Janeiro. Mas seria possível estender tais constatações a outras cidades, inclusive, Curitiba. A crônica de Roberto Gomes que pudemos analisar dá indicativos nesse sentido ao expor, na voz do personagem-narrador, realidades de pobreza e de um uso cotidiano da cidade destituído de encantamento em oposição às imagens de cidade-modelo em urbanismo vendidas para inglês e curitibano ver. Das várias possibilidades de Curitiba existentes, Roberto Gomes propõe a contraposição clara de pelo menos duas nesta sua crônica: da Curitiba-museu à Curitiba-diária.

A idéia dessa *cidade-museu*, exposta por Nicolau Sevcenko e sedutora do primo da crônica de Roberto Gomes, seria a de um lugar feito não para a vivência ou o desfrute, mas apenas para o contemplar. Miguel Arturo Oliveira, em sua tese *Curitiba 1900-73: da espacialidade rural-extrativista à cidade-jardim*, oferece uma reflexão que se mostra bastante adequada a esse tema. Ao discorrer a respeito dos esforços dos urbanistas em manter Curitiba como a imagem da “cidade-jardim”, Oliveira acredita que tal disposição pode levar a cidade a um outro extremo: de uma cidade, em sua dinâmica, inexistente. “Não reconhecer que a forma urbana é mutável significa assumir posturas autoritárias que tornam a cidade algo muito próximo de um museu, um espaço para a contemplação e não para ser vivido”<sup>89</sup>, defende.

Cidade-museu, cidade-jardim, cidade-modelo, cidade-sorriso, capital-social, cidade-embalagem. De um modo ou de outro, considerando a cidade como

<sup>87</sup> COSTA GOMES, Paulo César da. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 183.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 184-185.

<sup>89</sup> OLIVEIRA, Miguel Arturo C. *Curitiba 1900-73: da espacialidade rural-extrativista à cidade-jardim*. Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000. p. 6.

discurso, a fala oficial de Curitiba, de fato construção bastante recente, vem mostrando sua força, diante inclusive – ou principalmente – dos habitantes da capital paranaense. “Mas o que realmente importa a esta sociedade é a imagem. (...). O importante era não retratar a realidade, mas construir uma imagem do real que, por sua força simbólica, se tornaria mais forte que o próprio real”<sup>90</sup>, resgata Luis Fernando Lopes Pereira a respeito dos esforços do movimento paranista (assunto que veremos detalhadamente no Capítulo 2), nas décadas de 20 e 30 do século 20, para a construção de um imaginário referencial do Paraná e de sua capital.

Na contemporaneidade, como se vê, a imagem da publicidade oficial de Curitiba permanece, em muitas ocasiões, mais forte que o real. Rogério Lima constata no artigo “Mapas textuais do imaginário fragmentado da cidade” que “as cidades podem ser transformadas em produto de *marketing* político-econômico”, como seria o caso da Nova York-*Big Apple*. E também de Curitiba. “No caso brasileiro, a ‘cidade mercadoria’, a cidade paraíso, a cidade perfeição do marketing urbano, que frequenta os noticiários dos grandes jornais televisivos é a cidade de Curitiba: vendida ao resto do País, à América Latina e ao Mundo como a grande experiência urbana que deu certo no Terceiro Mundo”<sup>91</sup>, analisa.

Pois esse eficiente marketing que impõe um imaginário predominante, mesmo à realidade, sobre o universo urbano de Curitiba, infiltra-se também no olhar da população que vivencia a cidade. Pode-se notar esse processo na indignação dos curitibanos com relação a textos publicados pelos cronistas da seção do Caderno G que traziam pontos de vista críticos quanto ao discurso da publicidade oficial sobre a cidade – atitude considerada até mesmo antipatriótica pelos leitores.

Foi assim que o leitor Alexandre Augusto Gava convidou Jamil Snege a se retirar da cidade: pelo que escreveu sobre a capital paranaense na crônica “Coisas que irritam em Curitiba”<sup>92</sup>, que analisaremos mais adiante. “Espero sinceramente que o colunista, como tantos outros que criticam esta cidade, façam (sic) uso da quarta estação por ele citada, a rodoferroviária, que presta excelentes

---

<sup>90</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p. 68.

<sup>91</sup> LIMA, Rogério. *op. cit.*, p. 14.

<sup>92</sup> SNEGE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 2001. Caderno G, p. 2.

serviços a quem queira deixar esta Curitiba que tanto os incomoda”<sup>93</sup>, contratou Gava na seção de cartas do jornal. As crônicas de Snege, por sinal, já chegaram a ofender bairros inteiros de Curitiba, ao menos na interpretação de sua associação representativa.

É o que conta o jornalista José Carlos Fernandes, que foi editor do Caderno G da *Gazeta do Povo*, e assim das crônicas de Jamil Snege, entre julho de 2000 e julho de 2002, em entrevista para este trabalho. “Eu me lembro de uma das crônicas do Jamil que teve repercussão. Ele mexeu com o povo do Água Verde – era alguma coisa do tipo ‘visitar a sogra no Água Verde’, ‘ir almoçar em Santa Felicidade’, era alguma coisa brincando com os hábitos do curitibano médio”<sup>94</sup>, relembra. “Apareceu aí uma carta de protesto de uma obscura associação dos moradores do Água Verde – até eu achei graça, porque moro no Água Verde há muitos anos e nunca tinha ouvido falar dessa associação – dizendo que a população tinha se revoltado em massa com o comentário jocoso dele”<sup>95</sup>, recorda.

Outro cronista – sim, os ataques são normalmente aos autores, e não às crônicas – que mereceu toda a revolta curitibana foi Carlos Dala Stella, pela crônica “A beleza postiça de Curitiba”, publicada inicialmente<sup>96</sup> no dia 25 de julho de 1998 na *Gazeta do Povo*. “O que as grandes metrópoles possuem em comum é a capacidade de produzir idéias, e portanto de intervir simultaneamente no espaço urbano. É essa capacidade que falta a Curitiba, apesar de todo o esforço oficial. O Estado aqui pretende ser o grande gerador do imaginário da cidade”<sup>97</sup>, atacou Dala Stella. “Quanto à matéria publicada no Caderno G da *Gazeta do Povo* de 25/07/98, intitulada de ‘A beleza postiça de Curitiba’, salta aos olhos o posicionamento “postoiñtelectualóide” de quem a assinou! Que a galha azul ilumine seus pensamentos!”<sup>98</sup>, replicou *paranisticamente* o leitor Luiz Gustavo Pinto na seção de cartas da semana seguinte.

<sup>93</sup> GAVA, Alexandre Augusto. Aqui é melhor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 jun. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

<sup>94</sup> FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 19. dez. 2005.

<sup>95</sup> *Ibid.*

<sup>96</sup> E republicada no ano 2000 na coletânea de crônicas do autor. | DALA STELLA, Carlos. *Riachuelo*, 266. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 42-46.

<sup>97</sup> DALA STELLA, Carlos. A beleza postiça de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 jul. 1998. Caderno G, p. 8.

<sup>98</sup> PINTO, Luiz Gustavo Vardânega Vidal. Beleza postiça. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º ago. 1998. Opinião – Coluna do Leitor, p. 6.

Vale lembrar que a gralha azul é uma das imagens referenciais do Paraná, sendo, inclusive, tema do site do governo do Estado, na seção de “símbolos”. “Não existe no Brasil uma ligação tão estreita de uma ave com um Estado, como a da Gralha-Azul com o Paraná. O pinhão, semente da araucária, árvore-símbolo do Estado do Paraná, é o principal alimento da Gralha-Azul no inverno”, informa o texto disponível no site, que dá conta também de que a *paraníssima* gralha tem uma lei – Lei Estadual 7957 de 12 de novembro de 1984 – que a declara ave-símbolo do Paraná, além de uma festa, comemorada anualmente durante a semana do meio ambiente e organizada por ninguém menos que a secretaria da Educação.

Por fim, o texto do site enfatiza que “graças a essa feliz interação, a Gralha-Azul e o pinheiro têm conseguido se perpetuar através dos tempos, não só na natureza mas também no coração dos paranaenses”<sup>99</sup>. Nos *corações e mentes*, pois, dos habitantes do Paraná eis que surge a gralha azul no indignado discurso de nosso leitor Luiz Gustavo Pinto, passando de geração em geração como um símbolo não apenas, como podemos deduzir, de uma *idéia* de Paraná, mas de uma espécie de *lealdade ao ser paranaense*.

Como se vê, a resistência em confrontar o discurso da publicidade oficial e a experiência vivida na cidade pode ser encontrada não apenas entre turistas, mas também entre os próprios habitantes. Tal constatação indica que, se na teoria “mapa não é território”<sup>100</sup>, como bem enfatiza Massimo Canevacci, na prática, no dia-a-dia das pessoas, parece não ser bem assim.

Em um estudo sobre a relação entre a população indígena e a cidade, a antropóloga Ana Luiza Delgado faz uma observação que talvez possa ser aplicada à sociedade, de forma geral. A respeito da utilização por Jean Baudrillard do *mapa* – como os signos produzidos para representar a realidade do *território*, permitindo sua (ou algum tipo de) leitura – como metáfora para explicar os simulacros da vida moderna, a pesquisadora comenta que “o território representa a realidade e precede o mapa”<sup>101</sup>. A partir daí, levanta a seguinte questão:

<sup>99</sup> GOVERNO DO PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura.

[http://www.pr.gov.br/seec/simbolos\\_gralha.shtml](http://www.pr.gov.br/seec/simbolos_gralha.shtml). Consultado em 27 maio 2006 – 16:19.

<sup>100</sup> CANEVACCI, Massimo. *op cit.*, p. 227.

<sup>101</sup> DELGADO, Ana Luiza. Índios esotéricos: por um novo turismo urbano. Série Antropologia. Brasília, v. 328, 2003. Disponível na internet. <http://www.unb.br/ics/dan/Serie328empdf.pdf>. Consultado em 26 dez. 2005 – 11:55.

“Entretanto, o que aconteceria se cartógrafos projetassem um mapa tão detalhado que efetivamente cobrisse todo o território?”. Sua conclusão é a seguinte:

O território da metáfora utilizada por Baudrillard é um império que termina por ruir sobre o mapa, que passa a ser confundido com a própria realidade. Entretanto, segundo o autor, nos simulacros de hoje em dia **não seria mais o território que precederia o mapa, e sim o mapa que precederia o território** [grifo meu]. A partir do mapa, do modelo, retalhos de realidade surgiriam aqui e ali, num processo de criação da realidade que não mais reivindica uma similitude entre o modelo e o real. Assim ele diferencia simulacro de representação.<sup>102</sup>

Baseada nas teorias de Jean Baudrillard, Ana Luiza Delgado explica que “a representação parte do princípio de que símbolo e realidade são equivalentes. Mesmo que essa equivalência seja utópica, trata-se de um axioma fundamental da representação. Já no simulacro, o princípio de equivalência é ele mesmo utópico”<sup>103</sup>. Nesse caso, os referenciais seriam eliminados para, então, serem recriados artificialmente.

Apesar da coerência da teoria de Jean Baudrillard a respeito de representação e simulacro, e de sua correspondência, em muitos aspectos, aos acontecimentos da modernidade tardia, vale uma ressalva, feita aqui a partir de uma observação do antropólogo Massimo Canevacci, para que não seja levada a extremos. Canevacci comenta, quanto à questão dos simulacros, meios de comunicação e conflitos sociais, que “não se trata de simulacros, mas sim de ‘imateriais concretos’ relacionamentos sócio-culturais, que são produzidos, reproduzidos, comunicados: são estes os efêmeros mas também concretíssimos terrenos da comunicação contemporânea”<sup>104</sup>. Tenta-se compreender estes territórios, descrevê-los e interpretá-los. Mas também transformá-los. (...)”<sup>105</sup>. É bem verdade, o comentário tem um inegável foco na área da Comunicação Social, ou, como queira, na Comunicação Urbana, mas talvez seja possível identificar uma sugestão também para o estudo das relações citadinas, incluindo aí “ficção e cidade”: independentemente de representações, simulacros, mapas e

<sup>102</sup> *Ibid.*

<sup>103</sup> *Ibid.*

<sup>104</sup> Essa afirmação leva à seguinte nota de Canevacci, mais adiante: “Conforme também o artigo de C. Norris, aparecido em *II Manifesto* de 15/1/1991, com o título significativo de ‘1991, bombas sobre o pós-moderno. Baudrillard, os enganos da filosofia e a guerra que não aconteceu’: ‘alguns dias antes da guerra do Golfo, podia-se ler – no *Le Monde* e no *The Guardian* – um artigo no qual Baudrillard afirmava que a guerra não aconteceria nunca, visto existir somente uma emanção da simulação da *mass media*, numa retórica de jogos de guerra e cenários imaginários (...)’”. I CANEVACCI, Massimo. *op. cit.*, p. 55.

<sup>105</sup> CANEVACCI, Massimo. *op. cit.*, p. 42.

territórios, as interações sociais e com a cidade acontecem *de fato* no dia-a-dia das pessoas, e não apenas virtualmente.

Feita a ressalva, e retomando a reflexão a respeito de “mapa e território”, para Ana Luiza Delgado, essa inversão de papéis acabaria por provocar o surgimento de uma “hiper-realidade”, “que não mais é uma questão de imitação, **mas sim a substituição do real por sinais do real, em uma operação que detém o processo real através de seu duplo-operacional** [grifo meu]”. A esse ponto, segundo a antropóloga, “os símbolos da realidade substituem a própria realidade”<sup>106</sup>.

Ana Luiza Delgado comenta em sua pesquisa que a metáfora do mapa e do território utilizada por Jean Baudrillard é inspirada na alegoria de Jorge Luis Borges sobre o tema. Não parece gratuito, ainda, que tal alegoria possa ser localizada na seção intitulada “Museo”, última do volume *El Hacedor* de Borges, no texto “Del rigor en la ciencia”<sup>107</sup>:

En aquel Imperio, el Arte de la Cartografía logró tal Perfección que el mapa de una sola Provincia ocupaba toda una Ciudad, y el mapa del imperio, toda una Provincia. Con el tiempo, esos Mapas Desmesurados no satisficieron y los Colegios de Cartógrafos levantaron un Mapa del Imperio, que tenía el tamaño del Imperio y coincidía puntualmente con él. Menos Adictas al Estudio de la Cartografía, las Generaciones Siguientes entendieron que ese dilatado Mapa era Inútil y no sin Impiedad lo entregaron a las Inclemencias del Sol y los Inviernos. En los desiertos del Oeste perduran despedazadas Ruinas del Mapa, habitadas por Animales y por Mendigos; en todo el País no hay otra reliquia de las Disciplinas Geográficas.

Suárez Miranda: Viajes de varones prudentes, libro cuarto, cap. XLV, Lérica, 1658.<sup>108</sup>

Seguindo esse raciocínio, nas palavras de Rogério Lima, não só o território, mas também os mapas que buscam para o mesmo algum tipo de tradução começam a ruir: “já não se trata de localizar no mapa uma direção a partir da qual poderíamos chegar a mil lugares sem chegar a ponto algum. O que nos desestabiliza é que os mapas que colocavam ordem nos espaços e geravam significação global para os comportamentos, para as travessias, se estão desvanecendo”<sup>109</sup>. Com o desaparecimento do mapa, uma vez que foi pouco a

<sup>106</sup> DELGADO, Ana Luiza. *op. cit.*

<sup>107</sup> BORGES, Jorge Luis. El hacedor. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas 1923-1972* / edição dirigida e realizada por Carlos V. Frías. Buenos Aires: Emecé Editores, 1987. p. 777-854 | O volume *El hacedor* foi publicado originalmente em 1960.

<sup>108</sup> *Ibid.*, 847.

<sup>109</sup> LIMA, Rogério. *op. cit.*, p. 18. | Aqui Rogério Lima faz referência ao texto “A cidade como videoclipe”, em que Néstor García Canclini faz a seguinte afirmação, com relação especial a Cidade do México:

pouco se confundido à realidade material do território – até ser considerado inútil pelas novas gerações e atirado fora (o mapa ou o território?) –, o que fica não pode ser, de modo algum, alentador: nesse jogo, dos vários possíveis, predomina não raras vezes um *único* discurso, como voz aceita como verdade pelo conjunto.

## 1.1 LITERATURA. CIDADE DE NOSSAS VIAGENS

Há uma imagem de Dalton Trevisan, no conto “Em busca de Curitiba Perdida”<sup>110</sup>, muito bonita. No texto, a Curitiba do discurso oficializado é confrontada com uma Curitiba diferente, da observação e da vivência cotidiana, por isso mesmo, inevitável e encantadoramente particular. Mas a beleza da forma como é aceita ou rejeitada no conto está na fórmula de fruição encontrada para a cidade: o narrador entende Curitiba como uma cidade para viajar. Ele *viaja* pela Curitiba perdida e *não viaja* pela Curitiba “oficial”. Viajando ou não, há sempre a viagem. Ao final do conto, na última frase, está a bela imagem, de entrega total à cidade, no caso de Dalton, a musa e tormento Curitiba: “...esta Curitiba, não a outra para inglês ver, com amor eu viajo, viajo, viajo”<sup>111</sup>.

Deixar o mapa em casa, na livraria, na banca de revistas, onde for. E deixar-se levar pelo território, deixar-se engolir pela cidade. Traçar o próprio caminho, sem roteiro prévio, descobrir lugares, escolher os próprios monumentos, criar, construir histórias. Esquecer os pontos turísticos. Perder-se em um bairro afastado e totalmente convencional em Roma e ser salvo por uma freira à paisana (milagre, alívio). Descer do trem e caminhar no asfalto até as escadarias de entrada de uma cidade ainda recendente a Idade Média. Conversar tranqüilamente com um casal septuagenário na movimentada avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, correr para pegar o ônibus indicado, para fugir do começo de chuva. Sentar no banco da praça, em um muro baixo, ou em algum outro lugar e deixar-se observar, em duplo sentido, o movimento, as histórias e os

---

“Descrever e narrar esta megacidade polifônica, demasiado eloqüente, nos põe diante de uma ansiedade ainda maior do que a de Wenders [o cineasta Wim Wenders]: já não se trata de encontrar no mapa um caminho que supera esta sensação de que poderíamos alcançar mil lugares sem chegar a ponto algum. O que nos perturba é que os mapas que ordenavam os espaços e davam um sentido global aos comportamentos, às travessias, estão se desvanecendo”. | CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 154-155.

<sup>110</sup> TREVISAN, Dalton. *Mistérios de Curitiba*. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, [1979]. p. 84-87. |

TREVISAN, Dalton. *Em busca de Curitiba perdida*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 7-9.

<sup>111</sup> *Ibid.*



jeitos das pessoas, pescar palavras, sons da cidade. Caminhar pela Rua XV, em Curitiba, e descobrir que ela abriga (abrigava?) um clube de xadrez em um de seus prédios antigos. Escolher os signos da cidade e sua interpretação. *Experimentar a cidade. Viajá-la, navegá-la.*

Para isso, vale no máximo uma carta de navegação como a proposta por Jamil Senege na crônica “Carta de Navegação de Curitiba”, publicada na seção Caderno G do jornal *Gazeta do Povo* em 5 de agosto de 2001:

Você pode entrar na Rua das Flores inopinadamente, como quem entra num formigueiro ou num velório.

Você pode entrar na Rua das Flores como quem entra num rio, deixando-se escorrer preguiçosamente por qualquer uma de suas tributárias.

(...)

Você pode calçar chinelos-de-dedo, sandálias romanas, sapatos emprestados. Pode usar tênis, botinas ortopédicas, cadeira de roda. Manso ou com o diabo no corpo, pouco importa.

Importante é que você entre na Rua das Flores com o travo inaugural da fruta verde, sem nenhum preconceito.<sup>112</sup>

Nessa curiosa carta de navegação – em que se convida o cartógrafo à liberdade, em vez de seguir as coordenadas preestabelecidas – o cronista propõe ao leitor um passeio livre. Pode-se levar de tudo, menos idéias pré-concebidas, imagens das imagens da cidade: “se você não quiser entrar na contramão, entre na Rua das Flores sem nenhuma idéia preconcebida”<sup>113</sup>, alerta Senege.

Para Renato Cordeiro Gomes, no artigo “Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura”, “indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura é, basicamente, ler textos que lêem a cidade”. Ainda de acordo com Cordeiro Gomes, “é, enfim, considerar a cidade como um discurso, verdadeiramente uma linguagem”<sup>114</sup>. Baseado no ensaio “Semiologia e urbanismo”, de Roland Barthes, Renato Cordeiro Gomes afirma que

a cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. Mapear seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes e grafias

<sup>112</sup> SNEGE, Jamil. Carta de Navegação de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 5 ago. 2001. Caderno G, p. 8.

<sup>113</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>114</sup> GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. *Semear*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 179-188, 1997. p. 180.

é uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita, num jogo aberto à complexidade.<sup>115</sup>

Temos aí um outro tipo de mapa, não aquele dos signos estabelecidos como as principais diretrizes de leitura, de “entendimento” da cidade, mas sim uma carta de navegação literária – a descoberta da cidade por diferentes ângulos, por diferentes sinais, passíveis de captação e desenho a partir da literatura. Retomando a imagem de uma cidade para ser navegada, viajada, Renato Cordeiro Gomes percebe a construção da cidade em *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, como uma rede. “Rede, ou retículo, é como Marco Polo define a cidade. O narrador procede, então, a uma leitura-navegação por essas redes, engendrando outras cidades”<sup>116</sup>.

Não à toa, o próprio Calvino reconhece na cidade um símbolo que, justamente por sua complexidade, permite a máxima expressão. Tal opinião está expressa na proposta de “Exatidão”, de seu livro *Seis propostas para o próximo milênio*<sup>117</sup>. Nesse ensaio o escritor reflete sobre a busca de precisão no texto, definindo a escritura como um projeto de obra bem calculado, com a evocação de imagens visuais nítidas, incisivas e memoráveis e o uso de uma linguagem extremamente precisa, tanto em seus aspectos léxicos quanto imaginativos<sup>118</sup>.

Pois a importância da cidade para Italo Calvino é que, como símbolo, permitiu ao autor explorar ao máximo as possibilidades literárias de expressão. “Outro símbolo, ainda mais complexo, que me permitiu maiores possibilidades de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas, foi o da cidade”<sup>119</sup>, reconhece ele no ensaio. “Se meu livro *Le città invisibili* continua sendo para mim aquele em que penso haver dito mais coisas, será talvez porque tenha conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas”, reforça na sequência o escritor.

Pois é possivelmente nessa tensão mencionada por Calvino – entre a busca de precisão geométrica e a subjetividade potencializada pela multiplicidade de vidas citadinas – que está o atrativo da cidade, seja para o leitor, seja para o escritor, para seus habitantes ou para aqueles que a visitam. É uma tensão que

---

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 180.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 181.

<sup>117</sup> CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 85.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 71-72.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 71-72.

se dá também entre o que se pode chamar de “viver privado” e “viver público”, potencializada por uma certa dissolução da diferença devidamente estabelecida entre os espaços de um e de outro em nossa modernidade tardia<sup>120</sup>.

Nesse aspecto, um dos temas urbanos que mais fortemente inspiram a literatura é o da solidão, uma vez que, com os papéis privados e públicos um tanto diluídos na sociedade, o sentido de estar só passa a ser muito mais interno, e não apenas um reflexo de levar (por opção ou não) uma vida reservada ou de ter uma vida social relevantemente ativa. Nelson Saldanha comenta essa transição no livro *O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica*. “O tema da oposição entre vida social e vida solitária é paralelo, digamos assim, ao da complementaridade entre vida pública e vida privada”<sup>121</sup>, reflete o autor, que tem a preocupação de estabelecer os conceitos clássicos de vida pública e vida privada:

A vida privada (...) se desenrola em espaços específicos, onde o humano se concentra em conexão mais direta com o eu individual e onde o eu se cultiva através de conexões culturais concretas e pessoais. (...) na esfera pública se acham as definições sociais fundamentais, com o poder e seus símbolos, as hierarquias, as edificações, as distâncias rituais, e isto desde Ur e Ugarit até Atenas e Esparta, Roma e Cartago, França e Inglaterra. O lado público, na medida em que recorta o “social”, define e abriga os chamados papéis, que o homem desempenha e que inclui seus ídolos (...), as representações inerentes a cada contexto social ou profissional.<sup>122</sup>

Estabelecidos os conceitos, vale retomar a reflexão de Saldanha, na abertura do capítulo “A burguesia, o liberalismo e o problema do equilíbrio”, sobre “a permanência da distinção entre duas dimensões do viver: a que circunda o indivíduo como algo concreto e imediato, e a que se estende ao seu redor como

<sup>120</sup> O grande sucesso do *reality show* Big Brother, em todo o mundo, e sua proliferação nas mais variadas versões são um exemplo de que até mesmo a privacidade de estar em casa pode se transformar em uma experiência dividida com *todos*, seja quem for que se encaixe nessa categoria. Vale notar também que, a partir do momento em que esse “estar em casa” se torna público, perde sua espontaneidade, podendo tornar-se atuação ficcional, quase como em uma novela ou um seriado para TV. Câmeras acopladas ao computador, a internet e as tecnologias da comunicação atualmente presentes nos aparelhos celulares também contribuem para essa dissolução de referenciais públicos e privados. A respeito disso, Zygmunt Bauman faz o seguinte comentário no livro *Modernidade líquida*: “O que está ocorrendo não é simplesmente outra renegociação da fronteira notoriamente móvel entre o privado e o público. O que parece estar em jogo é uma redefinição da esfera pública como um palco em que dramas privados são encenados, publicamente expostos e publicamente assistidos. A definição corrente de ‘interesse público’, promovida pela mídia e amplamente aceita por quase todos os setores da sociedade, é o dever de encenar tais dramas em público e o direito do público de assistir à encenação. (...)” | BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 83.

<sup>121</sup> SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 90.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 90.

projeção de planos mais amplos e mais complexos. Em uma visão equilibradora, os dois *modos* (...) deveriam ser complementares (...)”<sup>123</sup>.

O problema é que, em progressão paralela ao avanço da modernidade, o equilíbrio entre público e privado, especialmente nos grandes centros urbanos, foi se desvanecendo. “O liberalismo e a burguesia, sobre os quais têm caído críticas de todas as procedências, tiveram o que ver (...) com o relativismo que nos permite hoje repensar tudo isso”<sup>124</sup>, resgata Saldanha, para concluir mais adiante: “um dos temas que me parecem mais centrais, dentro do enovelado de assuntos que perfazem a fisionomia do ‘mundo contemporâneo’, é ainda o da perda das estabilidades”<sup>125</sup>.

Essa tensão de caráter marcadamente urbano é tema recorrente na literatura, como observa Renato Cordeiro Gomes em seu já citado artigo “Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura”. “A desmedida do espaço afeta as relações com o humano”<sup>126</sup>, diz ele. “Sob o signo do progresso, alteram-se não só o perfil e a ecologia urbanos, mas também o conjunto de experiências de seus habitantes. Essa cidade multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas”<sup>127</sup>, acrescenta, fazendo uma análise das transformações na cidade – e na literatura – com a Revolução Industrial.

Pois da *Revolução Industrial*, passamos para o que alguns chamam, nas Ciências Sociais, de “*sociedade pós-industrial*”<sup>128</sup>, em que a tensão de

---

<sup>123</sup> *Ibid.*, p. 89.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 91.

<sup>125</sup> Entretanto, com relação à “perda de estabilidades”, Nelson Saldanha faz uma ressalva: “É certo (...) que as transformações históricas não poderiam dar-se se as estruturas fossem inquebráveis, e que toda estabilidade deve ter limites, inclusive os limites que lhe atribuem a consciência ética e o pensar crítico, que são obviamente variáveis no tempo e no espaço”. Ainda referente à “perda de estabilidades” entre público e privado, na percepção de Zygmunt Bauman, não é o público que tenta colonizar o privado na atualidade, mas o privado é que busca colonizar o espaço público. “Para o indivíduo, o espaço público não é muito mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas sem cessar, sem deixarem de ser privadas ou adquirirem novas qualidades coletivas no processo de ampliação: o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas”. | SALDANHA, Nelson. *op. cit.*, p. 100-101. | BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 49.

<sup>126</sup> Gomes, Renato Cordeiro. *op. cit.*, p. 179.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 179.

<sup>128</sup> Fazendo um apanhando no texto *A sociedade pós-industrial* do pensamento de teóricos como John Naisbitt, Alvin Toffler, Alain Touraine e Daniel Bell, o sociólogo Domenico De Masi propõe como período referencial da sociedade industrial o intervalo que vai da metade do século 18 até a metade do século 20. Desde os 50 anos finais do século passado, segundo De Masi, já não vivemos mais em uma sociedade industrial e sim em um mundo que está caminhando para uma “sociedade de serviços”. No entanto, o próprio De Masi indica em seu estudo que, especialmente em países periféricos [como é o caso do Brasil] ainda se

organização e distribuição de espaços e papéis dissolvem-se ainda mais. Esses novos tempos seriam caracterizados pelos seguintes aspectos: passagem da produção de bens para a economia de serviços, valorização da classe dos profissionais e técnicos, valorização do saber teórico como fonte de inovação e das idéias nas quais a coletividade se inspira, gestão do desenvolvimento técnico e controle normativo da tecnologia, criação de uma nova tecnologia intelectual<sup>129</sup>.

Todas essas mudanças têm efeito direto sobre as relações de trabalho. Alteram-se os parâmetros de remuneração, não mais ancorados necessariamente ao tempo de produção, mas também ao valor de idéias que possam garantir competitividade aos grupos empresariais. Com a migração para a sociedade de serviços, diminuem também os postos tradicionais de emprego, outras formas de ocupação remunerada se apresentam. Como afirma o sociólogo Domenico De Masi, “alguns produzem inovação, outros a sofrem”<sup>130</sup>. Com tudo isso, mudam também as formas de organizar a vida, que acabam por influenciar os modos de habitar a cidade e de nela transitar, assim como o relacionamento entre os habitantes desse espaço.

A percepção dessas transformações está impressa nas páginas literárias em suas diversas fases, observa Renato Cordeiro Gomes, para quem a cidade mantém lugar privilegiado na modernidade<sup>131</sup>. “O processo de modernização, entretanto, gerou megalópoles problemáticas, em crise, atravessadas pela violência, pela desestabilização de valores, pela lógica da exclusão (...)”<sup>132</sup>, reconhece Cordeiro Gomes.

Também para Ronaldo Costa Fernandes, no ensaio “Narrador, cidade, literatura”, “a cidade tem importância capital na produção literária”<sup>133</sup>. Fernandes enfatiza a relevância da substituição do tema da natureza pela temática urbana a partir do realismo. “Esta substituição é tão forte e significativa que chega até nossos dias e, hoje, a cidade apresenta-se como tema e personagem, quando

---

está suficientemente distante desse “pós-industrial”. O que é possível perceber, mais comumente, é a convivência dos três estágios econômicos – rural, industrial e de serviços – alternando sua predominância de região para região. I DE MASI, Domenico. A sociedade pós-industrial. In: DE MASI, Domenico (Org.). *A sociedade pós-industrial*. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.

<sup>129</sup> DE MASI, Domenico. *op. cit.*, p. 33.

<sup>130</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>131</sup> GOMES, Renato Cordeiro. *op. cit.*, p. 182.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 183.

<sup>133</sup> FERNANDES, Ronaldo Costa. Narrador, cidade, literatura. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.). *op. cit.*, p. 19-36.

não produz comportamentos que explicam a densa e complexa psicologia do personagem”, destaca, lembrando que mesmo em uma escrita geograficamente afastada do urbano, como a de João Guimarães Rosa, a cidade está presente, já que “o processo de formação da literatura de Rosa é urbano”<sup>134</sup>.

Em seu ensaio, Fernandes defende que há uma relação intrínseca entre romance e cidade – logo, entre literatura e urbe, visto que o romance é, segundo Antonio Candido, um *gênero moderno* (“o mais universal e irregular deles”<sup>135</sup>). Conforme Candido, “o romance, com efeito, exprime a realidade segundo um ponto de vista diferente, comparativamente analítico e objetivo, de certa maneira, mais adequado às necessidades expressivas do século XIX”<sup>136</sup>. E, tomo licença em dizer, daí para diante.

Como afirma Fernandes, “o romance é fruto da modernidade, do fortalecimento das relações mercantis, do aparecimento do capitalismo incipiente e do processo de fortalecimento das cidades como núcleos promotores de cultura”<sup>137</sup>. O autor encontra assim subsídios para afirmar que “é na cidade e por causa da cidade que o romance aparece, floresce e se modifica”<sup>138</sup>.

Nessa relação romance-cidade, a figura do narrador sofre também transformações. “O narrador do século XVI, em terceira pessoa, não é, nem pode ser, o mesmo narrador do século XX. O narrador em terceira pessoa como em *Dom Quixote* é um narrador que não viveu o esfacelamento do ‘eu’, vive quase uma ingenuidade narrativa”<sup>139</sup>, acredita Fernandes. O pesquisador faz notar também como as cidades – apesar de por vezes as mesmas – diferem a partir do olhar de um ou outro autor:

A cidade de Paris num romance de Balzac, o Rio de Janeiro de Machado de Assis, e assim por diante, tomam outra dimensão quando passam a fazer parte do romance. É a mesma Paris a Paris de Balzac e a Paris, por exemplo, de Karl Marx, em sua obra *18 Brumário*? Não é porque a Paris de Balzac é uma Paris vista pelos olhos de um criador, é uma Paris recriada apesar de toda intenção de “verdade” e registro. O Rio de Janeiro de

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>135</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. v. II., p. 97.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>137</sup> Ronaldo Costa Fernandes defende também que “o romance entendido tal como se apresenta hoje é uma manifestação literária tardia: só a partir de uma obra sólida e que contém todos os componentes do gênero, como é o *Dom Quixote*, podemos falar de romance”. I FERNANDES, RONALDO COSTA. *op. cit.*, p. 19 e 22.

\*\* O romance de Miguel de Cervantes teve primeira edição datada de 1605.

<sup>138</sup> FERNANDES, Ronaldo Costa. *op. cit.*, p. 19.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 21.

Machado é um acúmulo de nomes, de lugares públicos, mas o verdadeiro romance de Machado acontece nas salas.<sup>140</sup>

Ainda de acordo com Ronaldo Costa Fernandes, “a cidade do romance é imaginária; algumas se parecem com cidades reais, outras são inventadas como a Macondo de García Márquez”<sup>141</sup>. Com relação ao suporte das narrativas na contemporaneidade, o pesquisador reflete sobre as facilidades visuais do cinema e as particularidades do romance impresso. Para ele, há nesse *gênero moderno* uma certa dificuldade em acompanhar os hábitos da sociedade no que define como “pós-modernidade” – e aqui tratamos de modernidade tardia – por ter um formato de leitura que se apresenta silencioso, abstrato, e individual<sup>142</sup>. Por outro lado, ele mesmo percebe que o romance permanece porque “tem logrado expressar as angústias do homem contemporâneo”. Angústias, diga-se de passagem, marcadamente urbanas.

Com a evolução da organização social, deixa de ser necessário que seja especificada *uma* cidade, explica Renato Cordeiro Gomes. “A questão da representação da cidade na literatura brasileira contemporânea se complexifica, quando a narrativa que tematiza o mundo urbano ganha dominância incontestável, dramatizando a ‘cidade global’, apresentando cenários urbanos largamente deslocalizados, **onde tudo é implicitamente urbano** [grifo meu], onde não é mais praticamente possível uma geografia à maneira de Lima Barreto”<sup>143</sup>, analisa.

Um exemplo desse tipo de relação literatura-cidade, em que temos o discurso urbano de forma implícita é a crônica “Os namorados da filha”<sup>144</sup>, publicada por Moacyr Scliar, inicialmente, na *Revista Zero Hora*, em 26 de abril de 1998. No texto, Scliar expõe as dificuldades de um pai de classe média em lidar com os namoros e os namorados da filha, assim como com os novos padrões de comportamento da sociedade contemporânea.

Quando a filha adolescente anunciou que ia dormir com o namorado, o pai não disse nada. Não a reprimiu, não lembrou os rígidos padrões morais de sua juventude. Homem

---

<sup>140</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>141</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>142</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>143</sup> GOMES, Renato Cordeiro. *op. cit.*, p. 183-184.

<sup>144</sup> SCLIAR, Moacyr. Os namorados da filha. In: WERNECK, Humberto (Org.). *Boa Companhia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 205-207.

avanzado, esperava que aquilo acontecesse um dia. Só não esperava que acontecesse tão cedo.

Mas tinha uma exigência, além das clássicas recomendações. A moça podia dormir com o namorado:

– Mas aqui em casa.

Ela, por sua vez, não protestou. Até ficou contente. Aquilo resultava em inesperada comodidade. Vida amorosa em domicílio, o que mais podia desejar? Perfeito.

O namorado não se mostrou menos satisfeito. Entre outras razões, porque passaria a partilhar do abundante café-da-manhã da família. Aliás, seu apetite era espantoso: diante do olhar assombrado e melancólico do dono da casa, devorava toneladas do melhor requeijão, do mais fino presunto, tudo regado a litros de suco de laranja.<sup>145</sup>

De forma leve, além de todas as questões de mudança de hábitos captadas pelo cronista, e de um certo sentimento de *invasão* denotado pelas gerações de pais, está também presente a questão da falta de segurança nas cidades, tão discutida na atualidade:

Breve, o homem descobriria que constância não era uma característica fundamental de sua filha. Os namorados começaram a se suceder em ritmo acelerado. Café da manhã de domingo, era uma nova surpresa: este é o Rodrigo, este é o James, este é o Tato, este é o Cabeça. Lá pelas tantas, ele desistiu de memorizar nomes ou mesmo fisionomias. Se estava na mesa do café-da-manhã, era namorado. (...)

Uma noite acordou, como de costume, e, no corredor, deu de cara com um rapaz que o olhou apavorado. Tranqüilizou-o:

– Eu sou o pai da Melissa. Não se preocupe, fique à vontade. Faça de conta que a casa é sua.

E foi deitar.

Na manhã seguinte, a filha desceu para tomar café. Sozinha.

Algo lhe ocorreu e ele, nervoso, pôs-se de imediato a checar a casa. Faltava o CD player, faltava a máquina fotográfica (...). O namorado não era namorado. Paixão poderia nutrir, mas era pela propriedade alheia.

Um único consolo restou ao perplexo pai: aquele, pelo menos, não fizera estrago no café-da-manhã.<sup>146</sup>

Por outro lado, não é regra que a cidade não possa ser citada, ter uma presença mais imanente ou mesmo ser uma “entidade” onipresente no texto. Renato Cordeiro Gomes tem razão ao afirmar não ser mais possível uma “geografia urbana” no estilo de Lima Barreto, no sentido de que, na atualidade, cada mínimo espaço da cidade são muitos, sendo, daí sim, praticamente impossível estabelecer um perfil mestre para a realidade urbana ou mesmo no sentido de uma certa identificação no formato “província-nação”<sup>147</sup>, em oposição às cidades globalizadas de nossa modernidade tardia.

<sup>145</sup> *Ibid.*, p. 205.

<sup>146</sup> *Ibid.*, p. 206.

<sup>147</sup> GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 130.



Ao falar do Rio de Janeiro no livro *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*, Cordeiro Gomes evidencia a evolução da tensão citadina que torna mais difícil a realização da “geografia urbana” na medida da evolução da época moderna. “O Rio de Janeiro que perdeu a alma encantadora das ruas não está mais religado aos seus habitantes, **mas antes em disjunção com eles** [grifo meu]”<sup>148</sup>, afirma ao comentar as diferenças entre o personagem Augusto criado por Rubem Fonseca no conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, publicado na coletânea *Romance negro e outras histórias* na década de 90, e o personagem Augusto Machado de *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, publicado em 1919 por Lima Barreto.

De acordo com Renato Cordeiro Gomes, existe um possível diálogo entre o conto de Rubem Fonseca e o romance de Lima Barreto, que por sua vez remete à obra de Machado de Assis, evidenciada no nome do personagem Augusto Machado<sup>149</sup>. Essa transformação na relação com a cidade entre os habitantes do Rio atual e do Rio do início do século 20 se explicita na seguinte passagem da análise de Renato Gomes de um trecho do romance *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, a respeito da percepção do espaço citadino por parte do personagem Augusto Machado: “A paisagem leva-o a divagar e a reconhecer a integração de sua vida ao país e à cidade, principalmente. Ele e a cidade religados em simbiose harmônica: ‘Vivo nela e ela vive em mim!’”<sup>150</sup>.

A impossibilidade de uma geografia urbana aos moldes de Lima Barreto está na modificação do sentimento para com a cidade desde os primeiros anos de modernidade no Brasil e esta modernidade tardia que vivemos hoje: de “*simbiose harmônica*” com a cidade passamos para uma sensação de “*disjunção*” entre a urbe e seus habitantes. É isso que faz com que a cidade possa estar, sim, presente, mas talvez não mais nos mesmos moldes do início da era moderna. Exemplos de literatura contemporânea em que a cidade – e não uma cidade “deslocalizada” – está presente são os textos de Jamil Sene. Sua crônica publicada no jornal, assim como seus contos e romances, traz a marca da capital

---

<sup>148</sup> *Ibid.*, p. 156.

<sup>149</sup> “Este outro Augusto, por sua vez ‘Machado’ (homenagem disfarçada ao autor de Dom Casmurro), é biógrafo e interlocutor de Gonzaga de Sá nos diálogos e nas andanças pelo Rio de Janeiro que compõem o romance. Augusto Machado é o discípulo que aprendeu a ler a cidade com seu mestre”. | GOMES, Renato Cordeiro. *op. cit.*, p. 156.

<sup>150</sup> *Ibid.*, p. 156.

paranaense, tanto em referências abertas à cidade quanto em descrição de hábitos e comportamentos identificáveis entre a população curitibana.

Mas a diferença é que, nos textos da modernidade tardia – e Snege é, por vários aspectos que veremos ao longo deste trabalho, “um homem de seu tempo” –, as referências à cidade específica e ao ambiente urbano de forma geral podem aparecer de modo mesclado no texto. Uma boa ilustração disso pode estar no romance – classificado pelo jornalista Paulo Camargo de “novela semi-autobiográfica”<sup>151</sup> – *Viver é prejudicial à saúde*, publicado em 1998. A “cidade global” pode ser identificada no seguinte trecho:

Cinco horas da manhã. A hora mais escura – a que antecede o amanhecer. Já inventariei todos os ruídos da casa, todos os silêncios. Vou ao banheiro, urinar pela terceira ou quarta vez. (...) O espelho revela um peito achatado, lábios pensos, um olho mais baixo que o outro. (...) Minha língua exhibe manchas escuras – café, cigarros em excesso? –, dorso limoso de peixe. Escovo os dentes e aproveito para escovar a língua; escovo as gengivas; e mais não escovo porque não há quê. O espelho me devolve uma atenção benevolente. O vizinho ao lado, açougueiro, liga o motor da caminhonete, acelera, estilhaços acústicos se chocam contra minhas paredes. Ruído infernal, soletro mentalmente, mas na realidade estou adorando a fúria rancorosa do velho motor. Vou apagando as luzes da casa e um leite rosado filtra-se pela clarabóia. Atenção, passageiros para o dia, queiram tomar seus lugares. Entrego a cidade, com seus roubos, estupros e assassinatos, aos seus legítimos donos. Sou o guardião da noite, encerro meu turno. Agora já posso dormir.<sup>152</sup>

Agora, no mesmo romance, um trecho específico a respeito de Curitiba, que aparece aqui evidenciando a tensão cidade-população da modernidade tardia:

Desligo o rádio. A FM do litoral começa a perder sua potência no alto da serra. A partir de agora, entro na área de atração de Curitiba. As marés e leveduras ficam para trás, estão mil metros abaixo de meus sentidos. Desfaz-se o encantamento de Lucimara e seus caracóis barrocos, o espírito retilíneo de Harry impera novamente. Sinto um ódio sincero por Harry e por mim mesmo. (...) Aqui estou eu na estrada, voltando para lugar nenhum sem ter certeza de ter estado em parte alguma. O suor de minhas mãos no volante é a única prova material de que estou vivo. Tenho um projeto finalmente aprovado pelo prefeito. Uma praça sem nenhuma importância. Sinto o cheiro das goiabas, denso, dominante, em meio à paisagem que se perde no horizonte – o recorte desigual dos edifícios, ao longe, sugere uma boca cheia de pequenos dentes, o sorriso de piranha dessa Curitiba que nos devora.<sup>153</sup>

Em várias outras passagens, distribuídas pelo conjunto da obra de Jamil Snege o autor se refere a Curitiba como a cidade auto e antropofágica. A epígrafe

<sup>151</sup> CAMARGO, Paulo. Tragicomédia da maioria. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 13 dez. 1998. Caderno G, p. 5. (texto de abertura).

<sup>152</sup> SNEGE, Jamil. *Viver é prejudicial à saúde*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998. p. 44-46.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p. 30-32.

que abre este capítulo é também um exemplo nesse sentido. Mas que percepção é essa, da cidade devoradora, de cidade como fatalidade<sup>154</sup>, consumidora voraz de sonhos? “Quanto a antigos traumas, ainda não me refiz de ter nascido em Curitiba. Nasci, pois, literalmente, com a corda no pescoço. Aceitei o meu destino, não me propus a corrigir geografias”, ressentido-se o cronista-personagem<sup>155</sup> Jamil Snege na crônica “Boas intenções para o próximo inferno”, publicada em 12 de dezembro de 1998.

“Mas se pudesse escolher, sem dúvida Barcelona ou Buenos Aires”<sup>156</sup>, desdenha nosso cronista. Ele, entretanto, não deixa de se entregar à cidade que, apesar de rir “um riso desdentado de ventos (...)”, não deixa de ser também aquela que “inunda tua janela com o inesperado perfume de uma saudade antiga”, conforme descreve na crônica “Canto de amor e desamor a Curitiba”, de 2 de abril de 2000<sup>157</sup>. Nesse mesmo texto, o cronista apresenta a cidade com duas outras faces notáveis: “uma que extravia teus passos por um labirinto de espelhos enevoados, outra que te reconduz, intacto, ao mundo das concretudes e das transparências”<sup>158</sup>.

<sup>154</sup> Em seu livro *Modernidade líquida*, Zygmunt Bauman faz uma reflexão a respeito da velocidade das transformações na contemporaneidade – que ele chama de “modernidade líquida” – e seus efeitos na vida e no comportamento do indivíduo. Baseado na obra *Ordo amoris*, de Max Scheler, o sociólogo marca uma distinção entre *fatalidade* e *destino*: “A velocidade, no entanto, não é propícia ao pensamento, pelo menos ao pensamento de longo prazo. (...) E na falta do pensamento, o patinar sobre o gelo fino que é uma fatalidade para todos os indivíduos frágeis na realidade porosa pode ser equivocadamente tomado como seu destino. / Tomar a fatalidade por destino, como insistia Max Scheler em sua *Ordo amoris*, é um erro grave: ‘O destino do homem não é uma fatalidade... A suposição de que fatalidade e destino são a mesma coisa merece ser chamada de fatalismo. O fatalismo é um erro de juízo (...)’. Para ver tudo isso, para ver a diferença e a distância entre fatalidade e destino, e escapar à armadilha do fatalismo, são necessários recursos difíceis de obter quando se patina sobre gelo fino: tempo para pensar, e distanciamento para uma visão de conjunto”. I BAUMAN, Zygmunt. *op.cit.*, p. 239-240.

<sup>155</sup> Em entrevista para este trabalho, o escritor Cristovão Tezza apresenta a crônica como “uma conversa fiada com estilo”. Ele diz ainda que “é muito difícil defini-la. Talvez o ponto estável seja o tamanho – é sempre um texto curto. Há outros pontos mais ou menos estáveis que a definem: algum contato com a realidade imediata, **a presença do autor (mesmo que velada...)** [grifo meu] e aí a definição já começa a fazer ‘furos’, porque sempre nos lembramos de boas crônicas que não obedecem a essas normas”. Com base nessa “presença do autor” notada, entre outros, por Tezza, ao longo deste trabalho, eventualmente, em vez de se usar os termos “narrador” ou “cronista”, poderá ser feita a opção pelo modo “cronista-personagem”, a partir da percepção de um certo *jogo* estabelecido na escritura em que o próprio cronista pode, em maior ou menor grau, aproveitar-se do tom de intimidade da crônica para *atuar* como um personagem diante do leitor. Tal assunto será abordado detalhadamente no Capítulo 3 deste trabalho.

<sup>156</sup> SNEGE, Jamil. Boas intenções para o próximo inferno. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 dez. 1998. Caderno G, p. 8.

<sup>157</sup> SNEGE, Jamil. Canto de amor e desamor a Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 abr. 2000. Caderno G, p. 3. I SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 39-40.

<sup>158</sup> SNEGE, Jamil. Canto de amor e desamor a Curitiba. *op. cit.*, p. 3.

Uma “Curitiba espectral” ou uma “Curitiba matinal”<sup>159</sup>? O que encontrar, o que esperar da cidade? Abandono, abrigo, inspiração, insanidade, realidade, mapa, território, memória – a cidade se apresenta como uma energia latente, que opera sobre atos e desatinos, sobre a alma e a mente dos personagens que ousam com ela interagir.

## 1.2 CRÔNICA. CIDADE DE TODOS OS DIAS

Na crônica “Carta de Navegação de Curitiba” de Jamil Senege, que vimos há pouco neste capítulo, o cronista justifica sua homenagem à Rua das Flores da seguinte forma: “Porque é na Rua das Flores que o demônio tutelar dos redemoinhos emperra a máquina do tempo, mistura todos os ventos, embaraça as linhas da História”<sup>160</sup>.

Por que o cronista tem essa percepção da rua descrita? Por que, para ele, um espaço da cidade em que a “máquina do tempo” é estancada torna-se tão relevante? Será a sensação de *reviver* algo vivido individualmente, algo vivido sem tê-lo sido, vivido coletivamente? De fato o que Jamil Senege expressa em sua crônica é um aspecto bastante presente na relação literatura-cidade: a memória.

Desde as primeiras inserções da cidade como assunto, personagem e linguagem na literatura, na modernidade, tendo como um marco o livro *As flores do mal*<sup>161</sup>, de Charles Baudelaire<sup>162</sup>, o tema da *memória*, da busca por uma cidade que é a mesma sem sê-lo, por pertencer a um outro tempo que não o presente, tem inspirado escritores dos mais variados gêneros. O espaço da crônica, especialmente publicada nos jornais de circulação local, é privilegiado nesse sentido, como poderemos ver de forma mais detalhada no Capítulo 2 deste trabalho. Neste capítulo, cabe a reflexão a respeito da ligação da crônica com o

<sup>159</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>160</sup> SENEGE, Jamil. Carta de navegação de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 5 ago. 2001. Caderno G, p. 8.

<sup>161</sup> BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>162</sup> Segundo Walter Benjamin, “*As Flores do Mal* é o primeiro livro a usar na lírica palavras não só de proveniência prosaica, mas também urbana”. Baseado nos estudos de Walter Benjamin sobre Baudelaire, Renato Cordeiro Gomes reafirma: “(...) Baudelaire (*As flores do mal*), o primeiro poeta que fez da cidade o centro de sua poesia moderna (...)”. | BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas III). p. 96. | GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. *Semear*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 179-188, 1997. p. 183.

espaço citadino. Seria muito forte essa relação? De que modo seria percebida? Por que existiria?

Segundo, Wilson Martins, “a crônica é a literatura do jornalismo”. “Gênero fronteiro por natureza, destina-se a estabelecer a ponte de ligação entre a realidade e a fantasia, procurando ver a ‘cidade’ sob as espécies das cidades, e o ‘personagem’ através das configurações individuais”<sup>163</sup>, complementa o crítico. Ainda para Wilson Martins, a crônica é um exercício de estilo e interpretação: **“Todos vêm, mas o cronista deve saber ver”** [grifo meu]<sup>164</sup>, explica. Pode estar aí uma segunda chave para compreender a aproximação entre o espaço citadino e o gênero cronístico – a primeira chave estaria na proximidade com o jornalismo referida por Wilson Martins.

De seu lado, como afirma João Barrento, **“a cidade quer ser vista com olhos de ver** [grifo meu]”<sup>165</sup>. Pois se a urbe solicita um olhar atento e, de certa forma, especial, espera-se do cronista justamente essa capacidade de observar e notar aquilo que lhe parece particular, pitoresco ou instigante. Não exatamente com relação à cidade, mas sim ao *cotidiano*. É aí que o espaço citadino aparece em toda sua graça (nos variados sentidos dessa palavra).

Gênero híbrido, por ter surgido nos jornais a partir de um espaço de entretenimento, o folhetim, publicado nos rodapés, a crônica evoluiu trazendo consigo uma série de elementos literários e maior liberdade de expressão, não permitida ao rígido formato da notícia diária. O resultado, especialmente no Brasil, segundo Antonio Candido<sup>166</sup>, é uma tipologia textual peculiar, que trata de temas sérios, ou daqueles que mais reflexo têm na comunidade em determinada época, de forma leve – como diz Marília Rothier Cardoso<sup>167</sup>, “como uma bala”. É doce, despretensiosa, mas, como um tiro rápido e certo, pode também ser fatal. No caso, acertar na mira significa levar o leitor à reflexão, provocar, com sorte, até alguma discussão a respeito do assunto do dia.

Tratando do cotidiano, a crônica se aproxima, desse modo, da cidade. Em especial quando publicada em seções de jornais diários, a crônica acaba por

<sup>163</sup> MARTINS, Wilson. Crônicas curitibanas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, [2001].

<sup>164</sup> *Ibid.*

<sup>165</sup> BARRENTO, João. Lisboa-Berlim via Paris: transfigurações da cidade na poesia dos modernismos. In: *O imaginário da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Acarte, 1989. p. 319-335. | p. 319.

<sup>166</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (*et al.*). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 13-22.

trazer para sua temática – e também para sua linguagem – assuntos e comportamentos do dia-a-dia citadino, tendo como âncora comum as principais notícias, os acontecimentos da hora, divulgados pela imprensa. Dessa proximidade com o jornalismo, principalmente de sua cobertura e observação dos acontecimentos locais, o gênero cronístico se alimenta para se aproximar da cidade.

Mas essas cidades *vistas com os olhos de ver* dos cronistas necessitam de mais do que a precisão da notícia diária para serem transportadas com sinceridade para a crônica. Vimos na Introdução deste trabalho que, como afirma Antonio Candido, a “verdade” da crônica se encontra justamente em sua combinação entre as características jornalísticas, acrescentando aí uma aparente despretensão com relação à durabilidade, e literárias.

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa.<sup>168</sup>

Por ser cotidiana sem, ao mesmo tempo, ter de tratar do fato exatamente no instante em que ocorre, a crônica acaba por oferecer atualidade, mas já refletida, uma vez que a narração imediata cabe a outros espaços do jornal ou dos demais veículos em que pode ser publicada (incluindo aí televisão<sup>169</sup>): aqueles dedicados às notícias. Com isso, a crônica pode ser mais irônica, mais brincalhona e até trazer opiniões de seu autor, individualmente ou mesmo de determinado grupo da comunidade.

Seria admissível, então, afirmar que a relação crônica-cidade pode ser tão forte não apenas pela ligação emocional ou intelectual do cronista com o espaço

<sup>167</sup> CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antonio (*et al.*). *op. cit.*, p. 137-147.

<sup>168</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *op. cit.*, p. 14.

<sup>169</sup> Um exemplo está nos recentes comentários de Arnaldo Jabor no *Jornal Nacional*, exibido pela Rede Globo. No olhar jornalístico de José Marques de Melo, “que a crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. Produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre de fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva”. Melo pondera que, mesmo “frutos do jornal”, os escritos cronísticos são encontrados em revistas, especialmente de informação geral. “E também

onde vive, mas também por seu caráter cotidiano, em especial no caso do jornal. No livro *A opinião no jornalismo brasileiro*<sup>170</sup>, o jornalista José Marques de Melo insere a crônica na classificação de “jornalismo opinativo” (em que se encaixam também o comentário, o artigo, a resenha, o editorial, a coluna, a caricatura e as cartas). O outro tipo de jornalismo classificado por Melo é o “informativo”, do qual fazem parte a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista. Ao estipular tais definições, o autor busca também estabelecer as diferenças entre os variados formatos de jornalismo opinativo listados.

O comentário, o artigo e a resenha pressupõem autoria definida e explicitada, pois este é o indicador que orienta a sintonização do receptor; já o *editorial* não tem autoria, divulgando-se como espaço da opinião institucional (...). O comentário e o editorial estruturam-se segundo uma angulação temporal que exige continuidade e imediatismo; (...) Em relação à *coluna*, *crônica*, *caricatura* e *carta* um traço comum é a identificação da autoria. Já as angulações são distintas. A *coluna* e a *caricatura* emitem opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos. **A crônica e a carta estruturam-se de modo temporalmente mais defasado; vinculam-se diretamente aos fatos que estão acontecendo, mas seguem-lhe o rastro, ou melhor, não coincidem com o seu momento eclosivo.** Do ponto de vista da angulação espacial, somente a *caricatura* estrutura-se articuladamente com o ambiente peculiar à instituição jornalística (...). A *carta* distancia-se totalmente, reproduzindo o ângulo de observação que resgata o outro lado do fluxo jornalístico: o do receptor, o da coletividade. **A crônica e a coluna incorporam ou fazem a mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos sociais a que a instituição jornalística se dirige** [grifos meus]<sup>171</sup>

Pois esse forte caráter comunitário também influi no tom local da crônica. Uma vez que, especialmente nos jornais locais de cobertura geral, os termos “comunidade” e “local” podem se mesclar e se confundir.

Como construção discursiva, a cidade atua de modo especial sobre o imaginário daqueles que a habitam ou que dela têm notícia. Com suas particularidades jornalístico-literárias, a crônica registra olhares sobre a cidade que, de outro modo, mais oficial, ficcional ou noticioso, acabariam perdidos. Seu tom despretensioso permite a captação de atmosferas de época, daquilo que está no ar, possibilitando identificar não só representações oficiais da cidade, mas também seus pontos de confronto entre possíveis imagens oficiais e marginais. Como observam Elizabete Berberi e Marília M. Rodrigues na apresentação do volume “Crônicas de revistas do início do século em Curitiba 1907-1914” da

---

no rádio”, acrescenta o autor. | MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 159.

<sup>170</sup> MELO, José Marques de. *op cit.*

<sup>171</sup> *Ibid.*, p. 65-66.

publicação *Monumenta*<sup>172</sup>, “a crônica tem como ponto de partida a observação direta de determinadas situações reais, mas o registro, a elaboração literária dessas situações configurar-se-ão em uma construção, uma recriação do real”<sup>173</sup>.

A respeito da relação crônica-cidade, as pesquisadoras fazem a seguinte observação: “As crônicas trazem mais uma fala sobre a cidade: a fala do cronista que, como as outras falas, é uma recriação do real. (...) Constrói-se uma nova realidade (a partir da observação) que irá salientar os aspectos que mais tocaram o cronista, que irá destacar a cidade a partir de seus referenciais e da sua vivência”<sup>174</sup>.

Flora Bender, ao refletir sobre o espaço da crônica em um ensaio bastante didático sobre o tema, nota que “como simplicidade e brevidade não ocupam lugar, assim como educação, qualquer lugar em que possa ocorrer o que Fernando Sabino chamava de ‘aventura do cotidiano’ pode ser o espaço da crônica. Predomina, entretanto, a cidade”<sup>175</sup>.

Essa característica de gênero essencialmente urbano percebida por Flora Bender, junto com – e justificada por – seu caráter cotidiano, torna quase redundante a expressão “crônica local”. É claro que não é sempre assim: caracterizada também pela infinidade de temas que pode contemplar em seus, talvez, 3 mil toques de texto, a crônica pode tratar de assuntos de caráter mais existencial ou universal. Importante que se diga que, mesmo nesses casos, é difícil evitar a tentação do tratamento urbano dos temas escolhidos, uma vez que a cidade está, assim como em nós, habitantes citadinos, enraizada no cronista.

A questão é que alguns autores, até mesmo em assuntos de caráter universal, acabam encontrando uma brecha para se referir ao local. É como se o cronista não conseguisse evitar a presença da cidade em seu texto, seja na linguagem utilizada, na citação de um bar, de uma rua ou de um personagem empírico ou ficcional. Exemplo notável de cronista que não se desvencilha da cidade nem mesmo quando o assunto é a “invasão” das novidades tecnológicas que marcou a passagem do século 19 para o 20 no Brasil e no mundo é o do

<sup>172</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. A “urbs” viciosa; a crônica está além da notícia. *Monumenta*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 3-22, outono 1998.

<sup>173</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. *op cit.*, p. 4 | A questão da relação imaginário-realidade, aqui mencionada pelas pesquisadoras como “recriação do real”, será exposta mais detalhadamente no próximo capítulo.

<sup>174</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. *op cit.*, p. 20-21.

<sup>175</sup> BENDER, Flora; LAURITO, Ilka B. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 70.



escritor Lima Barreto<sup>176</sup>. Nos textos de Lima Barreto, o Rio de Janeiro é mais do que um pano de fundo: ele atua, interage com as mudanças percebidas e analisadas pelo autor. No ensaio de apresentação da coletânea *Toda Crônica*, de textos produzidos por Lima Barreto para a imprensa fluminense, Beatriz Resende comenta que “a cidade será, por toda sua vida de cronista, o principal tema, admirando suas belezas, defendendo seus habitantes, registrando as modificações que nela ocorriam, lutando por sua preservação como se cuida de um objeto de amor”<sup>177</sup>. O próprio Lima Barreto assinala:

Sou homem da cidade, nasci, criei-me e eduquei-me no Rio de Janeiro; e, nele, em que se encontra gente de todo o Brasil, vale a pena fazer um trabalho destes, em que se mostre que a nossa cidade não é só a capital política do país, mas também a espiritual, onde se vêm resumir todas as mágoas, todos os sonhos, todas as dores dos brasileiros.<sup>178</sup>

Também o escritor Jamil Sene pode, ao seu modo, ser considerado um cronista vinculado à cidade. Das 125 crônicas do autor analisadas neste trabalho, publicadas no jornal *Gazeta do Povo* ao longo dos sete anos em que foi colaborador da seção de crônicas do Caderno G, a cidade de Curitiba está presente (de forma explícita, de modo implícito ou ainda como tema principal), pelo menos, na metade delas<sup>179</sup>.

Um exemplo de crônica que traz a capital paranaense como tema principal, a começar pelo título, está no texto “Coisas que irritam em Curitiba”<sup>180</sup>. Publicado

<sup>176</sup> Além de Lima Barreto, alguns cronistas que se destacam pelo vínculo que estabelecem com a cidade em seus textos são Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo, Mário de Andrade e Rubem Braga, entre outros. | COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (Co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v. 6. p. 132. | PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I: o livro e a perspectiva, crítica literária*. 3. ed. rev. e diminuída. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília INL, 1977. p. 81-87.

<sup>177</sup> RESENDE, Beatriz. Sonhos e mágoas de um povo. In: RESENDE, Beatriz (Apr.); VALENÇA, Rachel (Org.). *Toda Crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. 1. p. 9.

<sup>178</sup> Citação original do texto introdutório a “Mágoas e sonhos do povo”, em *Coisas do Reino de Jambon*. Extraída de: RESENDE, Beatriz. *op cit.*, p. 23.

<sup>179</sup> Das 125 crônicas de Jamil Sene publicadas entre 1997 e 2003, localizadas na pesquisa deste trabalho (de uma estimativa de 128 publicadas no período), foi possível encontrar referências mais ou menos diretas a Curitiba em 62 delas. A partir do estudo das crônicas, pode-se talvez concluir que as menções de Jamil Sene a Curitiba (implícita ou explicitamente) são voluntárias, assim como a escolha de não fazer referência à cidade nos demais textos publicados na seção de crônica. A exclusão do tema local parece, para Sene, marcar a diferença entre a linguagem do conto (muitos deles foram divulgados em sua seção de crônicas), em que de forma geral não aparecem referências à cidade, e a crônica no jornal local, em que a menção a Curitiba pode ser uma estratégia de aproximação com o leitor. Também nas crônicas de caráter mais reflexivo, com certo tom de artigo/comentário, e existencialistas, como aquelas em que fala de seu câncer de pulmão, a cidade parece ser propositalmente excluída do tema, *nem sempre da perspectiva*, para que o mesmo possa se sobressair.

<sup>180</sup> SENE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 2001. Caderno G, p. 2.

no jornal em 27 de maio de 2001, é praticamente uma “comédia de costumes” dos hábitos da população curitibana:

A mania que o curitibano tem de economizar o pisca-pisca. O sacana vai dobrar à esquerda, mas só liga o pisca-pisca quando o sinal abre.  
Os emocionantes fins de semana em Curitiba. Se não é feira de filhotes no Barigüi ou festa da uva em Colombo, é exposição de vacas no Parque Castelo Branco.  
(...)  
As piscinas curitibanas, inativas durante onze meses do ano. No décimo-segundo, seus usuários viajam de férias.  
As aquecidas, nos clubes: mais umas fatias de cenoura e estaremos nadando num prato de canja.  
Finalmente, o carnaval curitibano. Delírio das massas: lasanha, tortelone, espaguete, enquanto a Mangueira aciona suas mulatas na telinha da Globo.<sup>181</sup>

Nessa crônica, o assunto é a cidade de Curitiba. Mas nem sempre é assim. O universo citadino pode estar referido, em especial no caso de um cronista fortemente ligado à cidade como Jamil Snege, quando são tratados outros temas. Essa menção à capital paranaense pode ser de modo explícito ou de um jeito mais discreto, implicitamente. Podemos encontrar um exemplo de referência explícita à cidade na crônica “Made in Curitiba”, publicada em 13 de abril de 2003, que, apesar do título, tem por tema principal não a cidade, mas o lançamento da revista de literatura *Et Cetera*:

Muita gente ainda não viu. Mas a mais charmosa revista de literatura & arte do Brasil está sendo editada em Curitiba. A mais bonita. A graficamente mais bem-feita. O nome? *Et Cetera*. O mentor e idealizador? Fábio Campana. Alguma surpresa? Eu também teria, não tivesse acompanhado o nascimento das primeiras páginas no computador.  
(...)  
Não houve, em nenhuma época, algo vagamente parecido com *Et Cetera*. Algo tão desvinculado das iniciativas regionais (achei o termo “provincianas” um tanto rude) que pulam pelo Brasil. A começar pelo lançamento do número zero da revista: foi apresentado ao público em São Paulo, mês passado, no Memorial da América Latina. Segundo: foi impressa em Porto Alegre, mesmo que isso não represente uma opção definitiva.<sup>182</sup>

Nessa crônica, apesar do tema principal ser a novidade da revista – e da intenção do cronista até mesmo de conferir um caráter de certa forma nacional à iniciativa, Curitiba está explicitamente presente. Há o orgulho do *cronista curitibano* em contar aos *demais curitibanos* que um empreendimento de tal porte teve origem nessa cidade de “emocionantes fins de semana”, passados em feira

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>182</sup> SNEGE, Jamil. Made in Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 13 abr. 2003. Caderno G, p. 4.

de filhotes e festa da uva em Colombo, e carnavais que são verdadeiros “delírios das massas”.

Temos também nesta crônica a Curitiba implícita, por meio da referência a Fábio Campana, como um personagem do cenário local curitibano. Para tornar mais evidente uma possível presença implícita da cidade na crônica, aqui por meio do exemplo de Snege, vamos ao texto “Invente sua própria vida”, publicado em 12 de novembro de 2000:

Alguém já disse que tudo o que acontece de importante na vida ocorre nos primeiros vinte anos. O que vier depois, mesmo que pareça inusitado e surpreendente, já estava de certa maneira embrionado na teia da vivência anterior. Somos originais até aos vinte anos; depois dos vinte, nos repetimos. É como se, à obra primeira, fôssemos acrescentando coisas em reedições sucessivas, preenchendo os claros de uma trama previamente delineada. No fundo – e apesar dos novos lances e pormenores –, estaremos escrevendo sempre a mesma história.

(...)

Sobra-nos o quê? A nostalgia e os achaques. A celulite e a resignação. A ironia, talvez, que é uma forma de rir-se de si mesmo, e o progressivo entupimento das artérias. Alguns ainda sonham, é verdade. Mas em vez das aventureiras ilhas do Caribe, o que nos aguarda é uma melancólica aposentadoria em Caiobá [grifo meu]. (...)

Mas, não se suicide ainda, amável leitor. Brilha uma luzinha no fim do túnel. Ainda é tempo de reverter o fado. (...) A receita: ficcionalizar a própria existência. Tornar-se autor e principal personagem de seu destino. Esqueça-se, portanto, que você é um serzinho empírico, limitado e miserável e transforme-se num glorioso personagem de ficção. Ao invés de emendas e rasuras, transforme o esboço daqueles vinte anos num épico inolvidável. (...) <sup>183</sup>

O tema da crônica, como se pode ver, é universal. O tratamento de opção do cronista leva a reflexões um tanto existencialistas, que encontrariam eco entre curitibanos, paulistanos, soteropolitanos ou nova-iorquinos. Mas Jamil Snege dá um jeito de colocar em seu texto uma referência local ao citar Caiobá, praia freqüentada pelos curitibanos, em boa parte de renda média e alta, perfil que corresponderia ao do leitor regular do Caderno G como vimos na Introdução.

Ao tratar de um tema universal, alguns cronistas usariam de estratégia inversa. É o caso, por exemplo, de Roberto Gomes, escritor que, como vimos, dividiu o espaço de crônicas com Snege e ainda hoje é colaborador da *Gazeta do Povo* como cronista. Normalmente, quando o tema *não é* a cidade, Gomes prefere uma abordagem “deslocalizada” de seus escritos ou, pelo menos, ampliar o tratamento para uma abrangência nacional.

---

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 3.

Crônicas como “Por falar em papel higiênico”, de 26 de agosto de 2001, e “Disque gravações e musiquinha enjoada”, de 21 de outubro do mesmo ano, têm na temática um forte apelo universal. A primeira ainda se mostra mais localizada, com referências ao Brasil, mas sempre tratando das relações do País com o mundo e de algumas questões que, certamente, afligem pessoas das mais variadas nacionalidades, como o próprio “drama” da desvalorização dos recursos da população no dia-a-dia: “Mas, não bastassem as trapalhadas do governo, empresas privadas – no bom sentido, suponho – estão nos roubando: compramos menos pelo mesmo preço. Menos sabonete, menos bolacha, menos papel higiênico. E chamam isso de “maquiagem”, o que é o máximo em cinismo”<sup>184</sup>.

Já a segunda, “Disque gravações e musiquinha enjoada”, possivelmente contaria com a adesão de leitores de todos os cantos do planeta:

O telefone chama, chama, chama. Chama.  
 Afinal atendem.  
 Você suspira, contendo a irritação e, quando ameaça abrir a boca para dizer o que quer, a musiquinha enjoada começa a tocar.  
 (Imagine, leitor, uma musiquinha enjoada.)  
 Você espera. Quer apenas que troquem seu endereço, coisa simples (...).  
 E você ali, de boca aberta, esperando para falar. Mas não adianta falar nada. Gravação só fala, não escuta.  
 E como fala! Nossas atendentes, diz, estão no momento ocupadas, mas logo o atenderão com o maior prazer. (Não precisa tanto, você pensa, basta atender, o prazer eu dispenso.)  
 Para adiantar sua solicitação, no entanto, você deve discar 1 caso deseje informações sobre o catálogo, 2 para fazer pedidos, 3 para orientações de como preencher o formulário padrão e, caso seja sua primeira ligação, disque quadrado.<sup>185</sup>

A tendência ao universal nos textos e nos temas seria assim uma característica marcante nas crônicas de Roberto Gomes. A respeito dessa questão local-universal, o próprio escritor comenta, em entrevista para este trabalho:

A cidade – Curitiba, no caso – é o ar que respiramos. Acho que algumas crônicas (do Jamil ou minhas) são quase incompreensíveis para quem não conhece Curitiba. **Mas a maioria faz sentido em qualquer lugar.** Um cronista, enfim, está sempre lutando com aquela velha frase do Tolstoi: falar da aldeia para chegar ao universal. E, eu acrescentaria, o caminho inverso: falar do universal para chegar à aldeia. **Acontece que, em alguns casos, o Brasil é nossa aldeia; e até o planeta Terra é nossa aldeia em outros casos** [grifos meus].<sup>186</sup>

<sup>184</sup> GOMES, Roberto. Por falar em papel higiênico. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 ago. 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>185</sup> GOMES, Roberto. Disque gravações e musiquinha enjoada. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 out. 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>186</sup> GOMES, Roberto. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 22 maio 2006.

Tal afirmação não deixa de ser um indicativo dessa tendência a um tratamento universal, por parte de Roberto Gomes, mesmo dos aspectos locais, como um modo de *dialogar com o leitor curitibano* por meio do *jornal da cidade*. Esse olhar mais universal, trazendo o mundo como referência, pode estar presente até mesmo na abordagem dos temas *de Curitiba*. Um exemplo está na irreverente crônica “O Curitibano – Método de Abordagem”, publicada em 21 de março de 1998<sup>187</sup>:

Os irmãos Villas-Boas, é sabido, desenvolveram métodos e técnicas de como se aproximar dos indígenas. Correram riscos, mas tiveram êxito. Já com os curitibanos o risco é garantido, o êxito nem sempre.

Antes de mais nada, é preciso ser apresentado ao curitibano.

– Quero lhe apresentar o João.

– Muito prazer, João.

– Muito prazer, Pedro.

Isso, é claro, não resolve a questão, ainda que possa ser considerado um passo importante. Não é raro que o curitibano no dia seguinte – ou na semana seguinte – venha a cruzar com o Pedro e fazer de conta que nunca o viu na vida. É curioso, mas trata-se de uma espécie de técnica de esquiva dos nativos, unidos, jamais serão vencidos. Portanto, mais dia menos dia, deverá ocorrer que novamente João será apresentado a Pedro. O correto é submeter-se ao ritual. Jamais dizer:

– Já fomos apresentados.

O máximo que se consegue neste caso de quebra dos ritos locais é um muxoxo enfiado:

– Ah, é?<sup>188</sup>

Nesse perspicaz olhar lançado sobre o curitibano, nota-se também o distanciamento de análise desenvolvido por aqueles que têm oportunidade de observar a cidade a partir de um outro ângulo – de quem chega para morar em Curitiba, por exemplo. Em reportagem do Caderno G a respeito dos artistas catarinenses<sup>189</sup> que vivem na capital do Paraná, Roberto Gomes relembra: “A primeira coisa que aprendi foi que essa cidade não é fácil. Para se entrosar de cara, tem que ter talento”<sup>190</sup>.

Retomando a questão local-universal, enquanto alguns escritores apresentam essa visada mais ampla que podemos encontrar nos textos de

<sup>187</sup> A crônica foi republicada posteriormente na coletânea *Alma de bicho*. | GOMES, Roberto. *Alma de bicho*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 78-81.

<sup>188</sup> GOMES, Roberto. O Curitibano – Método de Abordagem. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 mar. 1998. Caderno G, p. 6.

<sup>189</sup> O escritor nasceu em Blumenau (SC), em 1944. Na reportagem do Caderno G, comenta-se que Roberto Gomes mudou-se para Curitiba “nos idos de 64”, desse modo, bastante jovem, ainda em torno dos 20 anos de idade. | GOMES, Roberto. *Alma de bicho*. op. cit. | PERIN, Adriane. O senhor não é daqui, né! *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 dez. 2001. Caderno G, p. 1 (capa).

<sup>190</sup> *Ibid.*, p. 1.

Roberto Gomes, com percepção em bom grau voltada aos acontecimentos e situações globais, Jamil Snege parece fazer questão de trazer a cidade mesmo que por meio de referências secundárias, como o hábito de freqüentar a praia de Caiobá mencionado na crônica que vimos há pouco. Esse seria um jeito também de aproximar-se do leitor local, de fazê-lo participar dessa proposta de *conversa para passar o tempo*, sem compromissos, que a crônica dá a impressão – e que se enfatize que é apenas uma impressão – de representar.

Essa mistura ficção-literatura, universal-local/urbano é, talvez, o que torna o gênero tão peculiar no Brasil. Além das já citadas características de “fidelidade ao cotidiano” e de “crítica social”, a crônica jornalística brasileira, segundo José Marques de Melo, “não é monolítica, uniforme. Comporta várias espécies.”<sup>191</sup>. Essa ambigüidade do gênero acaba fornecendo ao cronista “que sabe atuar como consciência poética da atualidade” a vantagem de manter “vivo o interesse do seu público” e “converter a crônica em algo desejado pelos leitores”.<sup>192</sup>

Outra característica peculiar do gênero no Brasil seria, segundo Antonio Candido, a linguagem empregada: “o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isso é humanização da melhor”<sup>193</sup>. Tal caráter humano vem justamente da fórmula híbrida “literatura-jornalismo” desse gênero tão particular que se desenvolveu no Brasil, como vimos, a partir do folhetim, publicado no rodapé, usualmente das primeiras páginas, dos jornais como espaço de entretenimento e assuntos vários, daí a expressão “rés-do-chão” (*rez-de-chaussée*)<sup>194</sup>.

Destinados a narrativas ficcionais, os folhetins – originados do romance-folhetim francês (“narrativa longa, publicada em parcelas consecutivas nos jornais diários, semanais ou quinzenais, e nas revistas editadas periodicamente”<sup>195</sup>, difundida na França e na Inglaterra ainda no início do século 19<sup>196</sup>) – mantiveram

<sup>191</sup> MELO, José Marques de. *op. cit.*, p. 156.

<sup>192</sup> *Ibid.*, 155.

<sup>193</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *op. cit.*, p. 16.

<sup>194</sup> MEYER, Marlyse. *Voláteis e versáteis – de variedades e folhetins se fez a chronica*. In: CANDIDO, Antonio (et al.). *op. cit.*, p. 93-133.

<sup>195</sup> RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e ficção no século XIX. Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym*. São Paulo: Editora Unesp, 1996. p. 25-26.

<sup>196</sup> O autor comenta que, além do romance-folhetim, nos jornais, a seção denominada *Folhetim* “agregava também uma série de artigos sobre o teatro, as artes plásticas, a literatura nacional e estrangeira, as revistas estrangeiras, a indústria, as viagens, os pequenos eventos sociais e as reuniões artísticas, literárias e

seu lugar nos periódicos brasileiros até recentemente, evoluindo para revistas de foto-novela, até serem substituídos na preferência do público pela novela televisiva, que, em sua estratégia narrativa, utiliza muito da técnica folhetinesca.

Também os cronistas, por terem de atrair e seduzir o leitor em espaços curtíssimos, costumam aproveitar algumas das técnicas do romance-folhetim, em sua estratégia textual. Com base em uma lista desenvolvida por José Alcides Ribeiro a respeito das características do folhetim, é possível enumerar, entre outros aspectos:

- títulos atraentes para seduzir o leitor
- inícios sem muitos preâmbulos
- descrições simples
- didatismo narrativo.<sup>197</sup>

Já com relação às diferenças, elas se relacionam especialmente ao tempo e espaço que as crônicas ocupam no jornal: por serem curtas, há preocupação do autor em fechá-las, amarrá-las em um final provocativo e interessante (já o romance-folhetim poderia ter “ finais menos consistentes que o começo”<sup>198</sup>); por serem cotidianas, comportam digressões, mas partem, usualmente, de um tema atual (alguma manifestação popular, uma guerra, o aumento do pão, ou data marcante de domínio público).

Tanto nos relatos jornalísticos quanto literários, concorda-se que a crônica começou a definir os contornos do que é atualmente no início do século 20, com a modernização do Brasil – diga-se Rio de Janeiro – e autores como Paulo Barreto (“João do Rio”) e Lima Barreto. Uma grande contribuição desses cronistas, especialmente do último, foi trazer à linguagem da crônica um tom coloquial até então inédito – e que foi criticado por seus pares na época, sendo considerado, inclusive, desleixo<sup>199</sup> –, dando-lhe leveza e permitindo ganhar a intimidade e o bom humor do leitor, primeiro, e, depois (por que não?) sua reflexão.

---

mundanas”. Foi, possivelmente, esse tipo de “folhetim” que se encaminhou para a crônica brasileira. I RIBEIRO, José Alcides. *op cit.*, p. 25.

<sup>197</sup> RIBEIRO, José Alcides. *op cit.*, p. 45-46.

<sup>198</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>199</sup> NETTO, Coelho. *Feira livre*. Lisboa-Paris: Aillaud e Bertrand, 1926. p. 37.

O jornalista José Marques de Melo informa que, “segundo Afrânio Coutinho<sup>200</sup>, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro (...)”<sup>201</sup>. Fazendo um resgate da origem do gênero cronístico, Melo conta que “pouco a pouco porém o folhetim foi assumindo a característica que o tornaria um gênero autônomo no nosso jornalismo, desvencilhando-se da seção de variedades. Transmuda-se em crônica”. Ainda com base nas pesquisas de Afrânio Coutinho, Melo defende que “a crônica adquire personalidade com Machado de Assis, que, ao praticar esse gênero, confessava-se escrevendo ‘brasileiro’”<sup>202</sup>.

Mas o que seria esse “escrever brasileiro”, descrito por Machado, que torna a crônica produzida no Brasil tão peculiar? Na definição do colunista Telmo Martino, citado por Humberto Werneck<sup>203</sup>, a crônica é “o pássaro dodô da literatura”, uma espécie de “reserva literária do Brasil”, em “crescente proliferação”. “De fato”, concorda Werneck com Martino, “aclimatou-se aqui melhor do que em qualquer outra parte do mundo – a ponto de se poder considerá-la um gênero tipicamente brasileiro”.

Na citação feita por Humberto Werneck, no entanto, coloca-se a crônica como um gênero extinto “em quase todos os países”. Tal declaração dá a impressão de que não se produza crônica em outras nações, o que não é de toda verdade. Artigo escrito por Antonio Gramsci em seu tratado sobre jornalismo – com os devidos descontos ao fato de ter sido escrito nas primeiras décadas do século 20<sup>204</sup> e publicado no Brasil no final da década de 60 no livro *Os intelectuais e a organização da cultura* – dá uma dica nesse sentido, além de reforçar a estreita relação entre o gênero, mesmo que em um formato notavelmente distante daquele para o qual a crônica brasileira evoluiu, e o universo urbano. Nesse texto, Antonio Gramsci descreve o cronista de jornal como alguém necessariamente ligado à cidade, chegando ao extremo de afirmar que “(...) só muito limitadamente

<sup>200</sup> COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: A literatura no Brasil. v. VI, 2ª ed., Rio de Janeiro, Sul-Americana, 1971. Citado por MELO, José Marques de. *op. cit.*, p. 151.

<sup>201</sup> MELO, José Marques de., *op. cit.*, p. 151.

<sup>202</sup> *Ibid.*, p. 152.

<sup>203</sup> WERNECK, Humberto (Org.). *Boa Companhia: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 12.

<sup>204</sup> Entre 1929 e 1935. O volume *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura* foi publicado postumamente, em 1949.



pode um cronista mudar de cidade: sua qualificação superior não pode deixar de estar ligada a uma cidade determinada”<sup>205</sup>.

Desse modo, é possível acreditar que os outros países têm também suas crônicas e seus cronistas, mas de um jeito um tanto diferente de nossa tão brasileira escrita cronística<sup>206</sup>. “No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países”<sup>207</sup>, salienta José Marques de Melo. Em busca de uma resposta para a particularidade da crônica brasileira em relação às demais, Melo encontra em seu limitado tamanho (brevidade) associado à atualidade e à fusão literatura-jornalismo alguns dos possíveis diferenciais: “tomando a crônica a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária, o mesmo já não ocorre em outros países”<sup>208</sup>.

Segundo o pesquisador, no jornalismo mundial, a crônica estaria mais vinculada à origem etimológica<sup>209</sup> da palavra. Tenderia assim a tratar do “relato cronológico”, da “narração histórica”. Nesse sentido, o jornalista vê na crônica o embrião da reportagem<sup>210</sup>. Inclusive no Brasil a palavra pode vez ou outra ser aplicada dentro desse conceito mais *internacional*. “Mesmo entre nós ainda é comum usar a palavra crônica para designar, além do gênero que adquiriu especificidade incontestável no jornalismo”<sup>211</sup>, outras formas de expressão

<sup>205</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção perspectivas do homem; v. 48, série filosofia). p. 197.

<sup>206</sup> É possível acreditar, no entanto, pelas observações a respeito do tema “crônica e cidade” de Néstor García Canclini em *Consumidores e Cidadãos*, que a crônica contemporânea produzida no México, de forma específica – e talvez em alguns países latino-americanos – pode se aproximar em alguns aspectos da crônica produzida no Brasil. “Os cronistas atuais, sobretudo os posteriores a 1968, agregam ao **relato lúdico** [grifo meu] o registro de acontecimentos políticos e estudantis, de novos movimentos sociais, buscando entender o modo como a cidade se transforma. (...) Em seu desejo de continuar sendo testemunhas articuladoras das experiências urbanas, os atuais cronistas dedicam grande parte de seu trabalho às indústrias culturais e aos novos modos de consumo”. I CANCLINI, Néstor García. *op. cit.*, p. 152.

<sup>207</sup> MELO, José Marques de. *op. cit.*, p. 145.

<sup>208</sup> *Ibid.*, p. 146.

<sup>209</sup> De acordo com Margarida de Souza Neves, “a crônica, pela própria etimologia – *chronos* / crônica – é um gênero colado ao tempo”. I NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio (*et al.*). *op. cit.*, p. 75-92. I p. 82.

<sup>210</sup> MELO, José Marques de. *op. cit.*, p. 147.

<sup>211</sup> Deve-se dar o desconto de ser a pesquisa de José Marques de Melo voltada à referida área da Comunicação Social. Aqui, provavelmente, sua afirmação deve dizer respeito ao fato de ser um texto que surgiu nos jornais, e que ainda é veiculado, primeiramente, nesses veículos e demais meios de comunicação de massa.

noticiosa mais próximas da reportagem. Fala-se, por exemplo, de ‘crônica social’, ‘crônica policial’, ‘crônica teatral’ etc.”<sup>212</sup>.

De todo modo, é na combinação ficção-realidade (ou o que entendemos por “real”) que a crônica brasileira ganha originalidade e conquista sua genuína “verdade”, referida por Antonio Candido. Tendo surgido com a modernidade, e se aclimatado tão bem nos trópicos brasileiros, ao longo do século 20 – e agora do século 21 – a crônica evolui acompanhando o desenvolvimento do meio de comunicação que lhe deu abrigo: o jornal, de forma particular, e os demais meios de comunicação, em uma visão generalizada. Com relação a sua chegada ao Brasil, Elizabete Berberi e Marília M. Rodrigues chamam este de um “gênero literário” que “adequa-se à sua época, por isso, sua presença em periódicos, onde o ritmo de publicação e o ritmo de vida do leitor exigem informações rápidas, fragmentadas, como a própria experiência do indivíduo desse período”<sup>213</sup>. Além de ser “acima de tudo” um gênero moderno<sup>214</sup>, a crônica é também derivada do processo de modernização e evolução tecnológica marcado pelo período, que inclui as reformulações gráficas e conceituais do jornal impresso<sup>215</sup>.

Entre os temas da ordem do dia nos primeiros anos de modernidade, como vimos, estava a cidade, assunto, desde então, adotado com devoção pelo cronista. “Ele ordena os elementos de sua cidade a partir dos referenciais que tem dela, a partir das circunstâncias que mais lhe são caras, a partir da sua vivência da cidade”<sup>216</sup>, lembram as pesquisadoras.

Com a tendência, ao longo da modernidade, da crescente fragmentação de referenciais e do olhar das pessoas com relação ao mundo, além do hábito da rapidez, a crônica, em nosso sentido brasileiro, vem se apresentando como um gênero em crescente sintonia com os tempos atuais. José Castello desenvolve no artigo “O caminho dos escritores é feito de escombros, balizas envergadas e destroços”, publicado em 2003, uma instigante reflexão a respeito do *fracionamento* e da *desfiguração* dos gêneros literários no desenrolar do século 20:

<sup>212</sup> MELO, José Marques de. *op. cit.*, p. 146.

<sup>213</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. *op. cit.*, p. 1.

<sup>214</sup> BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 48.

<sup>215</sup> SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>216</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. *op. cit.*, p. 2-3.

Entre nós, hoje, o fracasso dos gêneros se expressa, de maneira muito particular, na proliferação da crônica – o lugar, por excelência, da ausência de gênero. Na crônica tudo é possível, da ficção clássica à moda de Clarice às interrogações existenciais de um Carlinhos de Oliveira, do lirismo despuadorado de Rubem Braga à filosofia disfarçada em desafo de um Paulo Mendes Campos. Depois deles, a crônica brasileira se tornou o lugar da experimentação – e é tão mais ou menos bem sucedida quanto não foge a esse destino. Às vezes abriga apenas o texto jornalístico; outras vezes, a confissão mais sincera, ou a simples memória que, na verdade, não é tão simples assim. A crônica passou a sintetizar um impasse – e não parece ser por outra razão que, na última década, multiplicando-se nas páginas da imprensa, ela renasceu.<sup>217</sup>

De fôlego renovado e, ao que tudo indica, pronta para ser a voz do ser humano com relação às aflições e maravilhas da modernidade tardia<sup>218</sup>, a crônica se apresenta – pela proximidade com o leitor, a partir de seu tom de conversa animada, descontraída – como uma forma de registro constante das formas de ver a cidade, assim como de nela viver. Liberdade de expressão em estado puro, perto do coração selvagem do texto, o gênero se tornou, nas palavras de José Castello, “o lugar da experiência, um laboratório; o espaço sem forma, para o qual os velhos gêneros confluem, já sôfregos, já deformados por um século inteiro de agonia e de suspeitas”<sup>219</sup>.

### 1.3 CURITIBA. CIDADE COM OLHOS DE VER

Curitiba tem 430,9 quilômetros quadrados de área. Menor que São Paulo capital, com 1.509 quilômetros quadrados, e que o Rio de Janeiro, com 1.224,56 quilômetros quadrados. Mas nossa capital paranaense é do tamanho de uma nação inteira, Andorra, “o país dos Pirineus”, com seus 468 quilômetros quadrados de área situados entre Espanha e França. Aliás, já que mencionamos o território francês, vale lembrar que a área de Curitiba é maior que a de Paris – cerca de quatro vezes.

<sup>217</sup> CASTELLO, José. O caminho dos escritores é feito de escombros, balizas envergadas e destroços. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 41, p. 19, set. 2003.

<sup>218</sup> José Marques de Melo faz o seguinte comentário, a respeito dessa possibilidade cronística de ser uma espécie de *expressão coletiva da comunidade*: “Se é verdade que a maioria dos jornalistas gostaria de escrever crônicas, parece que o mesmo acontece com o leitor. Lourenço Diaféria, apreciado cronista paulistano, diz que as pessoas lêem crônicas no jornal diário ‘porque a crônica nada mais é que as palavras que elas gostariam de ter escrito’”. | DIAFÉRIA, Lourenço. Por que me ufano da minha horrível e gloriosa esquina. *Depoimento – Escritor Brasileiro 81*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1981. In: MELO, José Marques de. *op. cit.*, p. 161.

<sup>219</sup> CASTELLO, José. *op. cit.*, p. 19.

Perde, no entanto, em população para a capital francesa. São 1,73 milhão de habitantes em Curitiba contra 2,14 milhões de moradores em Paris. Os dados, nos dois casos, são estimativas de 2004 e referem-se apenas à área das cidades citadas, excluídas as regiões metropolitanas. Deixando a Europa e retornando a nossa “faceira e bonita”<sup>220</sup> Curitiba, são 51 metros quadrados de área verde por habitante, segundo dados divulgados pela administração municipal<sup>221</sup>.

Também no site da prefeitura, onde se encontram os dados numéricos citados anteriormente referentes à capital paranaense<sup>222</sup>, está a informação: “Curitiba é a capital do Paraná, um dos três Estados que compõem a Região Sul do Brasil. Foi fundada oficialmente em 29 de março de 1693, data da criação da Câmara”. Oficialmente e estatisticamente, está aí: esta é Curitiba. Mas, será só isso?

Uma navegação mais detalhada pelas páginas do site oficial de nossa capital leva a *descobrir* que “é a única cidade brasileira a entrar no século 21 como referência nacional e internacional de planejamento urbano e qualidade de vida”. Também há preocupação em nos chamar atenção para o fato de que “em março de 2001, uma pesquisa patrocinada pela ONU apontou Curitiba como a melhor capital do Brasil pelo Índice de Condições de Vida (ICV)”<sup>223</sup>.

Somos comunicados oficialmente de que os 51 metros quadrados de área verde por habitante são “um dos melhores índices de área verde do País”, totalizando 81 milhões de metros quadrados. “Ao percorrer as trilhas e atrações das áreas verdes de Curitiba é possível imaginar a importância, para a população, dos cuidados com o meio ambiente. Os 30 parques e bosques são o resultado mais visível de uma série de medidas públicas tomadas ao longo do tempo (...)”, trata de valorizar o texto institucional da cidade. “Nos anos 1970, por exemplo,

---

<sup>220</sup> “(...) Pérola deste planalto/Toda faceira e bonita./Na riqueza e na opulência/Vive, resplande, palpita (...)”. I Curitiba. Lei Municipal nº 2993, de 11 de maio de 1967. Hino Municipal. Disponível na internet: <http://www.curitiba.pr.gov.br/Destino.aspx?url=/curitiba/Perfil/simbolos.html>. Consultado em 12 dez. 2005 – 18:24.

<sup>221</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. <http://www.curitiba.pr.gov.br>. Consultado em 12 dez. 2005 – 17:42.

<sup>222</sup> As informações de outras cidades e países que não Curitiba foram extraídas dos seguintes sites: Prefeitura de São Paulo ([http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/governo/sumario\\_dados/0003/0004](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/governo/sumario_dados/0003/0004)) Prefeitura do Rio de Janeiro (<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>) Govern d’Andorra (<http://www.andorra.ad/marc.asp?url=cat/estadistiques/estadistiques.asp>) Wikipédia-Paris (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paris>). Todos consultados em 3 jan. 2006 – 19:00-19:30.

<sup>223</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. <http://www.curitiba.pr.gov.br/Destino.aspx?url=/curitiba/Parques/index.html>. Consultado em 12 dez. 2005 – 17:56.

muitos vazios urbanos poderiam ter sido loteados para moradia, o que representaria lucro imobiliário imediato e, provavelmente, uma futura ‘fábrica de enchentes’. A opção, com visão estratégica, foi a de criar reservas de verde, em parques e bosques que unem as funções de preservação ambiental, saneamento e lazer cultural”<sup>224</sup>, segue o texto. Ah, é esta então Curitiba: *a cidade que se preocupa com as enchentes*.

Ou será que a capital paranaense é a cidade que “recebe por dia uma ‘cidade’ de 170 mil pessoas”, vindas da região metropolitana, conforme manchete

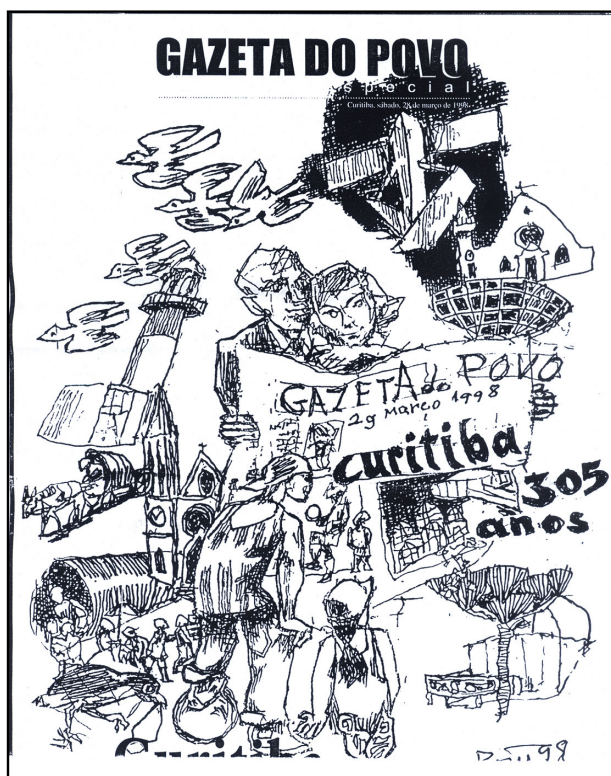


Ilustração 1 - Curitiba 305 anos | *Gazeta do Povo* – caderno especial

de capa do jornal *Gazeta do Povo*<sup>225</sup>? Seria Curitiba aquele município em que “10% dos curitibanos vivem em invasões”<sup>226</sup>? Ou a capital eleita pela cervejaria Kaiser “uma cidade nota 10”<sup>227</sup>, em informe publicitário de duas páginas na *Gazeta do Povo*, em homenagem aos 306 anos da “cidade-sorriso”? Segundo caderno especial em comemoração dos 305 anos de Curitiba<sup>228</sup>, a cidade pode ser também o “pólo de referência do Mercosul”<sup>229</sup>, ou a cidade que renasce: “deixa sua imagem pacata e se prepara para o futuro”<sup>230</sup>. Ou será

Curitiba a de Poty Lazzarotto em sua ilustração (acima) de capa do referido especial de 305 anos, com Farol do Saber, ligeirinho e araucária?

<sup>224</sup> *Ibid* [para todos].

<sup>225</sup> GAZETA DO POVO. Curitiba recebe por dia uma ‘cidade’ de 170 mil habitantes. Curitiba, 27 dez. 2005. p. 1 (capa).

<sup>226</sup> GAZETA DO POVO. 10% dos curitibanos vivem em invasões. Curitiba, 12 nov. 2000. p. 4.

<sup>227</sup> GAZETA DO POVO. Kaiser elege Curitiba uma cidade nota 10. Curitiba, 19 mar. 1999. Informe Publicitário, p. 6-7.

<sup>228</sup> GAZETA DO POVO. Curitiba 305 anos. Curitiba, 28 mar. 1998. Caderno Especial. p. 1-16.

<sup>229</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>230</sup> *Ibid.*, p. 2.

Poderá ser também a Curitiba de Poty no mural da Praça Dezenove de Dezembro, nossa popular “Praça do Homem Nu”? Há pelo menos mais uma possibilidade para uma Curitiba de Poty: aquela não tão comportada das ilustrações dos contos de Dalton Trevisan.

Por sinal, será a capital paranaense a “cidadezinha mais ou menos” do conto “A longa volta para casa”<sup>231</sup> de autoria de nosso mais famoso vampiro? É uma cidade bem diferente dessa (dessas) que seguimos desenhando – desenhadas – até o momento. Os olhos que a vêem são de um detento da Colônia Penal, que conseguiu liberação para visitar a família em Sertanópolis e tem de esperar até a noite para pegar o ônibus que o levará à mulher e aos três filhos. Um detalhe bem à Dalton: a véspera de fim de semana em que nosso feliz personagem conseguiu a liberação é 29 de março, *por acaso*, aniversário de nossa “cidade-sorriso”.

Onze da manhã, chego em Curitiba. Saio da rodoviária e, com sede, no primeiro barzinho, quem eu encontro? O meu velho amigo Rolha, preso comigo na Colônia. Começamos a tomar uma cerveja e uma caipirinha por ali.

(...)

Ele me perguntou se conhecia Curitiba. Eu falei que não. Daí me convidou para dar umas voltas e ver as belezas da cidade. Tinha uma irmã lá no Barigüi e a gente podia visitá-la.

Com todo o tempo do mundo, aceitei a proposta.

Para celebrar, pedimos mais uma cervejinha e mais uma caipirinha.

Subimos no amarelão cheio de cartazes do aniversário da cidade. Para encurtar a viagem, aqui e ali, a gente saltava e bebia umas e outras. Livres da cadeia, três dias inteirinhos, já pensou? Bem que a dupla merecia.<sup>232</sup>

Já tarde, ambos “de porrinho” depois de tantos bares, nosso personagem resolve voltar para a rodoviária e tomar o ônibus que o levaria ao encontro da família. Mas de que jeito? Pararam no bar para “clarear as idéias”, mas a polícia chegou para uma batida no local:

De repente me vi cercado pela polícia. Eles vieram aos berros e me enquadraram. Já pedindo documento. Falei que tinha saído da Colônia. Estava livre e mostrei a portaria. Pronto, meteram a pulseira e me jogaram na Rone. Começaram a bater. Queriam saber do assalto de carros ali na avenida. Que assalto? Que carros? Que avenida?

(...)

Daí chegaram uns outros PMs. Me salvaram do camburão e me levaram na viatura para a delegacia.

Pô, cara, dessa eu escapei. Por um triz. E respirei fundo.

Daí eles me botaram um saco preto na cabeça.

E me encheram de porrada.

<sup>231</sup> TREVISAN, Dalton. A longa volta para casa. *Idéias*, Curitiba, n. 20, p. 33-35, mar. 2005.

<sup>232</sup> *Ibid.*, p. 33.

(...)

Até que veio o escrivão e me fez assinar uns papéis. Mais que depressa eu caprichei no jamegão. Mesmo sem ler. Pra deixar de apanhar, o que você não assina?

Depois ele me falou que eu estava muito bêbado para viajar. Aqueles papéis eram para não perder a passagem do ônibus no dia seguinte. Eu disse que tinha de me apresentar na segunda-feira na Colônia.

Me jogaram no corró, bem no fundo. E quem estava lá, gemendinho de tanta surra? O meu velho amigo Rolha. Tinham feito tudinho igual com ele. Não queria festejar o aniversário da cidade?

(...)

Maldita idéia essa de conhecer Curitiba. A Cidade Social. Um Jardim do Éden, segundo o cartaz à beira do Rio Belém plantado.

Diz o meu velho amigo Rolha até que uma cidadezinha mais ou menos.<sup>233</sup>

Neste conto de Dalton Trevisan, além de ser apresentada uma *comemoração* um tanto diferente do aniversário da cidade, temos presente o questionamento de um apelido mais recente conferido a Curitiba: de “Capital Social”, segundo informe publicitário da prefeitura, “onde as pessoas são a principal medida de transformação”<sup>234</sup>. O anúncio (na próxima página) divulgado de fora a fora na capa do caderno de Economia da *Gazeta do Povo* de 22 de julho de 2001 enumera Curitiba como “capital social”<sup>235</sup> em várias categorias: tanto do “lazer”, do “deficiente físico” e da “geração de renda”, como das “mães”, do “trabalho” e também dos “excluídos”.

Ah sim, Curitiba seria também, segundo o informe da prefeitura, a “capital social do país até para quem é de fora”. Diz ainda o anúncio que: “Os indicadores como os elaborados pela ONU (Organização das Nações Unidas), anunciados em maio deste ano, mostram que o Índice de Condições de Vida, na cidade de Curitiba, é superior aos apresentados pelas demais capitais brasileiras”<sup>236</sup>.

<sup>233</sup> *Ibid.*, p. 34-35.

<sup>234</sup> GAZETA DO POVO. *A capital social*. Curitiba, 22 jul. 2001. Economia, anúncio publicitário, p.1 (capa).

<sup>235</sup> Ao abordar esses “apelidos” conferidos a Curitiba ao longo da história, de “cidade-sorriso” e “cidade-jardim” à “capital social” ou “cidade-modelo”, é importante ter em mente que não são aleatórios, mas construções pensadas e contextualizadas, desenvolvidas de acordo com interesses dos responsáveis pela imagem oficial da cidade de passar, em cada época, uma proposta ao público correspondente às suas expectativas com relação ao espaço urbano. Daí falar-se em “capital ecológica”, na década de 90, quando as discussões ambientais se reforçavam em todo o mundo, e renová-la como “capital social”, quando a população passa a questionar a preocupação administrativa com sua qualidade de vida, incluindo questões como segurança, saúde, educação e direitos a desvalidos financeiramente e portadores de deficiência.

<sup>236</sup> *Ibid.*, p. 1.

Mas de onde vêm tantas imagens, tantas identidades, mais ou menos oficiais, mais ou menos estereotipadas, mais ou menos contestadoras, mais ou menos positivas, mais ou menos negativas, para Curitiba?

Como veremos no Capítulo 2, uma boa parte do imaginário que ainda hoje se faz presente a respeito da cidade começou a se delinear na década de 20, com um movimento, então de ordem cultural, chamado de *paranismo*.

De acordo com Luis Fernando Lopes Pereira, no livro *Paranismo: o Paraná inventado*, o objetivo desse movimento era justamente de construir uma identidade para um Paraná habitado por diferentes povos, sem fortes relações entre si, e ainda inexpressivo diante do cenário nacional:

Procura-se aqui entender as particularidades do Paraná, não apenas em sua relação *periférica* com o governo central, mas particularmente em seu republicanismo marcadamente positivista e anticlerical, no surto da erva mate que propicia o desenvolvimento urbano e cultural da capital paranaense e nas questões culturais onde assistimos o nascimento de um movimento denominado *Paranista*, que ao reunir artistas e intelectuais locais tentará forjar um estado que não passava até então de uma parcela de terra sem fronteiras bem definidas e com uma população heterogênea e sem quaisquer características em comum [grifo meu]. Estas pessoas pensarão pela primeira vez o Paraná e lutarão pela construção de uma identidade regional para o estado.<sup>237</sup>



Ilustração 2 – *Capital Social* | Propaganda Municipal

<sup>237</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p. 15.



Nesse programa, que tem no historiador Romário Martins<sup>238</sup> seu maior idealizador intelectual, não poderia deixar de estar também a construção de uma identidade para a jovem capital paranaense, como bem observa Pereira:

O papel do *Movimento Paranista* será, portanto, o de forjar uma identidade regional, com base nos ideais de progresso e ciência, em uma construção absolutamente ufanista que fará o elogio da terra paranaense, seja identificando sua geografia como o Paraíso Terrestre, seja na promoção dos heróis estaduais que tentam criar um exemplo didático para a população.

Era preciso também contribuir para a criação do *ponto zero* da sociedade, seja na elaboração de mitos indígenas, na promoção dos avanços técnicos, nas Exposições realizadas pelo Estado e na urbanização da cidade de Curitiba que conhecerá um novo traçado destinado aos espetáculos modernos, onde as massas ritualizadas se transformarão em atores e espectadores em cultos públicos aos grandes heróis da Pátria e do Estado (símbolos do progresso) e aos maquinismos que se tornarão o fantástico exemplo de perfeição científica nos quais se espelhará a sociedade.<sup>239</sup>

Como veremos no próximo capítulo, a adesão dos curitibanos ao paranismo capitaneado por Romário Martins não foi tão expressiva como a História por vezes nos faz acreditar. Ele próprio reconhece em artigo publicado na revista *A Divulgação*<sup>240</sup> de março de 1948 que, ao criar o Centro Paranista e lançar seu manifesto explicativo “O que é o Paranismo”<sup>241</sup>, em 1927, esperava uma participação maior por parte de *paranaenses e amigos do Paraná*<sup>242</sup>. “Esse plano de estudos não encontrou ambiente e o ‘Centro Paranista’, apesar dos esforços empregados, não logrou subsistir”, recorda. “Perseverei, contudo. Cinco anos após a primeira tentativa, tornei mais gerais e mais simples os planos de estudos e em 1932, lancei as bases da ‘União Paranista’, projeto de ação cívica e política, apresentado à meditação dos paranistas” emenda. Porém, o próprio Romário diz: “A ‘União’ também não conseguiu firmar-se”<sup>243</sup>.

Mas Romário Martins viu algo mais: apesar de nem o centro nem a união conseguirem se firmar, o programa dessa última, em dez capítulos, tornou-se a

<sup>238</sup> Segundo Luis Fernando Lopes Pereira, “Romário Martins será praticamente o inaugurador de uma história regional que o mesmo construirá segundo os padrões da época (...)”. *Ibid.*, p. 113-114.

<sup>239</sup> *Ibid.*, p. 96-97.

<sup>240</sup> MARTINS, Romário. *Paranística. A Divulgação*, Curitiba, p. 37-41, mar. 1948.

<sup>241</sup> *Ibid.*, p. 38.

<sup>242</sup> Segundo Romário Martins, neste mesmo artigo, “‘paranista’ tanto pode ser o natural do Paraná como o de outro Estado, como o próprio estrangeiro, contanto que possua o espírito e o sentimento de que falei. / Dessa maneira um ‘paranaense’ poderá não ser paranista’ e um ‘paranista’ poderá ser qualquer valor humano integrado na nossa sociedade e contribuinte eficiente do nosso desenvolvimento moral, intelectual e material”. Romário reproduziu esse trecho de uma entrevista que concedeu ao jornalista Hilário Rodrigues para o jornal *O Dia*, em abril de 1946. *Ibid.*, p. 37.

<sup>243</sup> *Ibid.*, p. 40.

*bíblia paranista*, “que vem mantendo a definição e a orientação do Paranismo”<sup>244</sup>. Junto com os *10 mandamentos paranistas* foi construído todo um imaginário a respeito do Paraná – a última das províncias emancipadas (19 de dezembro de 1853) – e de sua capital, Curitiba (também em posto de tal importância há pouquíssimo tempo, 26 de julho de 1854, se levada em conta sua fundação<sup>245</sup>). Paraná e Curitiba são, desse modo, comunidades imaginárias consideravelmente recentes.

Assim o são também paranaenses, curitibanos e os símbolos com que se identificam, entre eles o pinheiro. “Quando um artista paranaense está só, pensa no pinheiro; quando está em companhia de outro artista, fala do pinheiro; e quando os artistas reunidos são mais de dois, discutem sobre o pinheiro”, comenta a esse respeito outro paranista dos mais motivados, o artista plástico Lange de Morretes, no artigo “O pinheiro na arte”, publicado na revista *Ilustração Brasileira*. Mais para frente, no mesmo artigo, Lange de Morretes observa: “Símbolo de tudo e para todos sempre foi o altivo pinheiro (...)”<sup>246</sup>.

Pinheiro que – junto com outras imagens desse Estado e dessa cidade forjados no início do século 20 e, depois, atualizados ao longo das décadas seguintes – passa, ao longo do tempo, a ser desconstruído com precisão no circuito local de cultura<sup>247</sup>. Seja por meio da transformação da “cidade nota 10” do

<sup>244</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>245</sup> Constituída como vila – Vila de Nossa Senhora da Luz e do Bom Jesus dos Pinhais de Curitiba – em 29 de março de 1693. | DUARTE, Otávio; GUINSKI, Luiz Antonio. *Imagens da evolução de Curitiba*. Curitiba: O. Duarte, 2002. p. 17.

<sup>246</sup> MORRETES, Lange de. O pinheiro na arte. *Ilustração Brasileira*, Curitiba, s/data.

<sup>247</sup> Vale notar aqui que o esforço para desconstrução do imaginário predominante a respeito de Curitiba na crônica desta transição do século 20 para o 21 não é a primeira iniciativa nesse sentido. A revista cultural *Joaquim*, por exemplo, criada por Dalton Trevisan na década de 40, e que circulou com 21 números (entre 1946 e 1948), já vinha com esse intuito. “Era o fim de uma era no Paraná e começo de outra. Acabaria ali, pensava Dalton [Trevisan] e se esforçava para que fosse verdade, a continuidade do Paranismo então reinante ou sobrevivente, que esmagava as novas gerações sempre cobrando respeito e, mais que isso, submissão aos mitos (o Paranismo se mostrou mais forte e persistiu, como vimos, tanto nas artes quanto na política)”, comenta Luiz Cláudio Soares de Oliveira na dissertação de mestrado *Joaquim contra o Paranismo*. A reportagem “Uma província no meio do mundo”, publicada pela *Gazeta do Povo*, também fala de *Joaquim*, citando a seguinte declaração de Miguel Sanches Neto, “autor da tese de doutorado *A Reinvenção da Província*, defendida na Unicamp em 1998, centrada principalmente na *Joaquim*”: “(...) O Dalton moderno, que aprendemos a gostar e a respeitar, está na *Joaquim*”. Por fim, é importante lembrar que entre os colaboradores de *Joaquim* estava o artista plástico Poty Lazzarotto, que não deixa mais tarde de ser absorvido como “bicho do Paraná” pelo forte marketing oficial do Estado e, especialmente, de Curitiba. O que leva Carlos Dala Stella a fazer a seguinte crítica, na crônica “Barcelona de Gaudí, Curitiba de Poty”: “O muralista antes empresta seu nome a cidade do que lhe impõe uma identidade particular, identidade que inegavelmente ele possui (...). / A Curitiba de Poty não possui a diversidade genial da obra do artista. Infelizmente, o empenho com que se subordina, e portando (sic) se reduz, o estético ao político, no Estado, ao mesmo tempo que deu visibilidade local ao artista, não faz senão reduzi-lo à figura do ilustrador oficial de alguns momentos históricos do Paraná”. | OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares. *Joaquim contra o Paranismo*. Curitiba, 2005.

anúncio publicitário na “cidadezinha mais ou menos” de Dalton Trevisan no conto “A longa volta para casa”, que vimos há pouco, seja por meio de ataques pontuais aos símbolos paranaenses, como faz Jamil Senege, por exemplo, já em seu primeiro romance, *Tempo sujo*, no final de década de 60:

(...) Venderia o quadro? Nunca: os que ainda comprem quadros em Curitiba preferem pinheiros. Pintura de pinheiros, poesia de pinheiros, pinheirinhos no jardim, pinheirinho na sala durante os natais.

**Pinheiro é árvore sagrada no Paraná. Ai daquele que, inadvertidamente, mijar num pinheiro. Só são toleráveis as faltas cometidas por cachorros e turistas [grifo meu].**<sup>248</sup>

E o cronista Jamil Senege mantém no jornal a linha crítica – e ácida – com relação ao Paraná e, especialmente, sua capital, atacando não apenas os símbolos tradicionais, mas também imagens recentes de forte carga política, como essa que vimos há pouco – e já contestada por Dalton Trevisan – de Curitiba como “capital social”. Um exemplo está na crônica “Coisas que irritam em Curitiba”, da qual já vimos alguns trechos, publicada no jornal no dia 27 de maio de 2001 – mesmo ano do anúncio da prefeitura “A capital social”, reproduzido neste trabalho. Entre “as coisas” irritantes de Curitiba, na opinião de Senege, está “o oba-oba em torno da cidade, uma das três melhores do mundo para se morar, de acordo com um gaiato norte-americano que passou uns dias aqui jantando no Ille de France. ‘Butiatuvinha? What is this?’”<sup>249</sup>.

O que mais irrita em Curitiba? “A comunicabilidade do curitibano típico. Prefere subir dez lances de escada a dividir o elevador com seu vizinho”<sup>250</sup>, responde o cronista, aqui já ironizando o imaginário construído ao longo dos anos a respeito da cidade e de sua população. Imaginário, aliás, reforçado – mesmo que por meio da contestação ou da provocação – não só nesta crônica, mas também em reportagens da imprensa como “Curitibano acumula lista de manhas e manias”<sup>251</sup>:

---

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p. 5. e 153. | FERNANDES, José Carlos. Uma província no meio do mundo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 fev. 2000. Caderno G, p. 6. | DALA STELLA, Carlos. Barcelona de Gaudí, Curitiba de Poty. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 jan. 1999. Caderno G, p. 6. – também disponível em DALA STELLA, Carlos. *Riachuelo*, 266. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 86-89.

<sup>248</sup> SNEGE, Jamil. *Tempo sujo*. Curitiba: Escala, 1968. p. 41.

<sup>249</sup> SNEGE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>250</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>251</sup> GIL, Patrícia. Curitibano acumula lista de manhas e manias. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 maio 1999. p. 4.

Mas quando o curitibano quer fechar a boca, não há curiosidade nenhuma que consiga romper o silêncio. No elevador, por exemplo, se entra um vizinho de anos e anos do prédio, a trajetória até o andar desejado torna-se um passeio constrangedor. O cumprimento, quando é feito, é quase inaudível. Para o antropólogo Carlos Balhana – ele próprio sendo ignorado por vizinhos –, esta é a característica mais típica dos nobres que não querem se misturar. Embora a época da nobreza há muito não exista mais, ele acredita que ficou no ar a mania da ancestralidade.<sup>252</sup>

Parece que esse aspecto do elevador realmente incomoda. Tanto que mais um exemplar dessa revolta contra a “Curitiba do isolamento” está presente em um dos quadrinhos dos *Curitibocas*, de autoria do cartunista Tiago Recchia, publicado na revista *Idéias*<sup>253</sup>, e reproduzido na próxima página.

Vimos até o momento uma profusão de cidades dentro de Curitiba. Encontramos no movimento paranista do início do século passado uma espécie de *marco inicial* da organização, ao menos intencional, de um imaginário a respeito do Paraná e de sua capital. Mas qual dessas imagens, afinal, seria Curitiba? Ao fazer uma análise a respeito de “Ficção e verdade nas cidades de Murilo Rubião”, Hermenegildo Bastos faz uma observação bastante própria à atualíssima multiplicidade de definições para uma mesma cidade. “Considero os discursos que se fazem sobre a cidade, mas também a cidade, como fonte geradora de discursos: a literatura como discurso sobre a cidade – como organização humana – mas também a literatura como discurso próprio da cidade”<sup>254</sup>, diz ele.

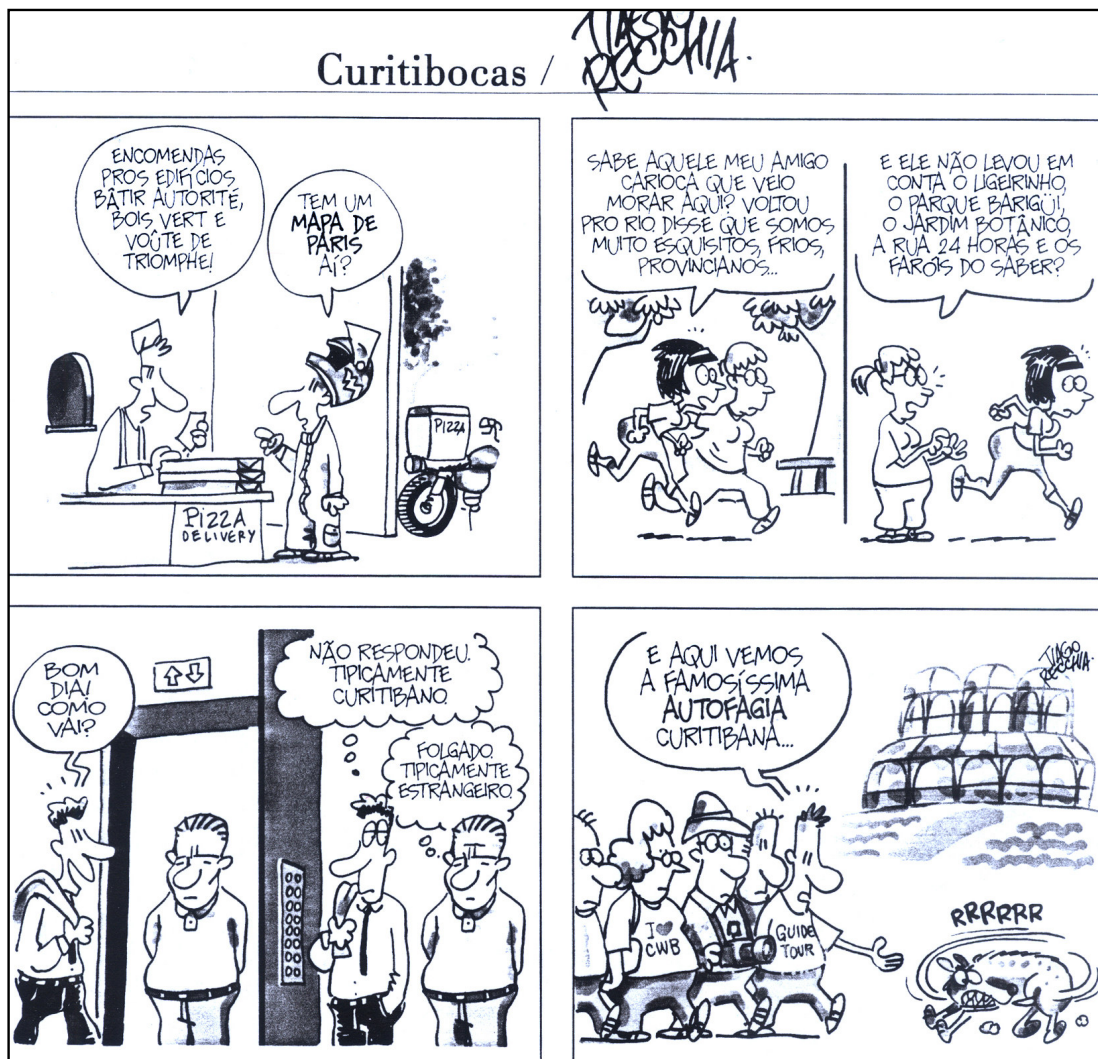
Partindo do pressuposto defendido desde o início deste trabalho, de que cidades são construções discursivas, pode-se afirmar, assim, que Curitiba seria um pouco de tudo isso que foi visto até o momento. E muito, muito mais. É só olhar a cidade com os tais “olhos de ver” que suas *verdades* aparecem. Como vimos, na medida em que a modernidade foi evoluindo, é possível perceber que esses *olhos de ver* Curitiba – de modo especial na literatura – vêm se distanciando do discurso disseminado pela publicidade oficial: o mesmo que a própria literatura, então do paranismo, ajudou a construir<sup>255</sup>.

<sup>252</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>253</sup> RECCHIA, Tiago. *Curitibocas*. *Idéias*, Curitiba, n. 14, p. 90, set. 2004.

<sup>254</sup> BASTOS, Hermenegildo. Ficção e verdade nas cidades de Murilo Rubião. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.). *op. cit.*, p. 37-65. l p. 37.

<sup>255</sup> A respeito do papel da literatura na construção do imaginário paranista, Luis Fernando Lopes Pereira faz o seguinte comentário: “Cabia, então à literatura a tarefa de convergir sua produção para a realização do ideal paranista, atingindo, mais do que o cérebro, os corações dos paranaenses para sensibilizá-los à sua causa”. l PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 133.



**Ilustração 3 – Curitibocas | Tiago Recchia**

\* Legenda dos quadrinhos – sentido horário

- a) (personagem 1) – Encomendas pros edifícios Bâtir Autorité, Bois Vert e Voûte de Trionphe  
(personagem 2) – Tem um **mapa de Paris** aí?
- b) (1) – Sabe aquele meu amigo carioca que veio morar aqui? Voltou pro Rio. Disse que somos muito esquitos, frios, provincianos...  
(2) – E ele não levou em conta o Ligeirinho, o Parque Barigüi, o Jardim Botânico, a Rua 24 Horas e os Faróis do Saber?
- c) (1) – E aqui vemos a famosíssima **autofagia** curitibana...  
(2) **rrrrrr**.
- d) (1) – Bom dia! Como vai?  
(1) Não respondeu. Tipicamente curitibano.  
(2) Folgado. Tipicamente estrangeiro.

Em artigo publicado na revista *Fragmenta*<sup>256</sup>, a respeito da evolução das imagens de Curitiba em textos de autores paranaenses no final do século 19 e nos dias atuais, Cátia Toledo Mendonça assinala que: “Afim, é interessante notar como a literatura feita no Paraná, em especial em Curitiba, parece estar preocupada em desmascarar a elaboração do discurso político em torno da capital”. Para ela, “assim como no final do século XIX a arte contribuiu para a construção de um discurso ufanista, idealizante, na passagem para o vinte e um, parece estar engajada na tarefa de desconstruir esse mesmo discurso e restabelecer, para a cidade, uma imagem menos artificial”<sup>257</sup>.

Como pudemos ver até o momento, o papel de cronistas como Jamil Senege, Roberto Gomes e Carlos Dala Stella tem contribuído de modo considerável nesse sentido. Na crônica “A hipótese ornitorrinco”, publicada em 31 de março de 2002, Jamil Senege inclusive faz o que não deixa de ser uma provocação ao leitor, e ao curitibano, em relação à cidade.

O ataque, como em toda boa crônica, começa de leve, sem dor aparente. Ao comentar a origem não-curitibana de seus avós paternos e maternos, o cronista lamenta-se: “A principal consequência desse tresloucado gesto, pelo menos para mim, é eu estar agora aqui, escrevendo esta crônica, quando poderia muito bem estar em lugar nenhum (...)”. Acrescenta ele: “Um amigo matemático garantiu que as possibilidades que me tornaram um cidadão curitibano seriam as mesmas que me fariam nascer, na Austrália ou na Tasmânia, na pele de um ornitorrinco”<sup>258</sup>.

(...) Desde então, tenho guardado a mais olímpica postura em relação à minha curitibanidade. Nada fiz para merecê-la. Encaro-a como um acidente (...). Isso não me isenta, entretanto, de ser envolvido algumas vezes em discussões sobre o que Curitiba tem de bom e de ruim. Invariavelmente, adoto a mesma estratégia: se a maioria é ufanista, corro de pau com a cidade; se os detratores predominam, parto em socorro da donzela ofendida. **Mas é pura farsa. Continuo acreditando que as alegrias e os padecimentos que acometem a espécie humana são os mesmos em qualquer lugar** [grifo meu].<sup>259</sup>

<sup>256</sup> MENDONÇA, Cátia Toledo. Imagens de Curitiba na literatura e o discurso oficial. *Fragmenta*, Curitiba, n. 15, p. 65-80, 1998.

<sup>257</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>258</sup> SENEGE, Jamil. A hipótese ornitorrinco. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 31 mar. 2002. Caderno G, p. 4.

<sup>259</sup> *Ibid.*, p. 4.

Será? Após desarmar o leitor, dissimulando-se em provocador inconseqüente, o cronista-personagem ataca: “Ou melhor, são *quase* os mesmos”. Aí vem:

(...) Há algumas variáveis que precisam ser consideradas, como prestígio, poder e dinheiro. A escritora Françoise Sagan é autora de uma frase exemplar. Disse ela: “Se eu tiver de chorar, prefiro chorar no volante de minha Mercedes do que num ônibus”. Eis aí uma confissão absolutamente honesta. **Bem ao contrário do que se ouve de algumas pessoas por aqui**, que têm o pudor de admitir que a fonte de sua felicidade emana dos bens e babilaques que possuem. **Preferem creditar os méritos a Curitiba, como se viver aqui, por si só, já nos garantisse a assistência permanente dos deuses da prosperidade** [grifos meus].<sup>260</sup>

Irreversivelmente atacados Curitiba e curitibanos ainda levam um pito final: “Que bobagem, garotos. Todo mundo sabe que é bem mais fácil achar Curitiba maravilhosa a bordo de um apartamento de 800 metros quadrados no Champagnat do que num barraco da Vila Pinto”<sup>261</sup>. Snege, por meio do cronista-personagem que encarna, parece dizer: *tenham noção, garotos, não se gabem da cidade como se fosse a mesma fonte de riqueza, justiça e prosperidade para todos. A realidade, nós bem sabemos, é bastante diferente. Não sejam tão ingenuamente, ou tão interesseiramente, patriotas*. Com base na observação de Cátia Toledo Mendonça, percebemos então o processo de desconstrução dos aspectos considerados *atrativos da cidade* em pleno andamento no texto acima.

Uma outra característica exibida como um verdadeiro troféu curitibano está nas baixas temperaturas da capital paranaense. Como afirma Irã José Taborda Dudeque, em seu livro *Espiraís de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*, “a certeza de que Curitiba tinha um clima europeu ressurgiria de tempos em tempos ao longo do século XX”<sup>262</sup>. “Nesses momentos, esqueciam-se os eventuais abafamentos de verão e invocava-se a média anual de 16°C como um talismã. Daí que naquele ano de 1925, a revista *Ilustração Brasileira* citava o clima de Curitiba como sendo ‘um dos mais bellos do mundo’”, acrescenta o arquiteto.

Tal imagem, do clima curitibano “como um talismã”, ganhou reforço expressivo a partir da década de 20, com o paranismo. Questões então como os

<sup>260</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>261</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>262</sup> DUDEQUE, Irã José Taborda. *Espiraís de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2001, p. 56.

aspectos climáticos, urbanismo e o que mais estivesse disponível como *vantagem competitiva* foram – e são – usados na propaganda da cidade para público interno e externo. E quando falamos em “propaganda”, que se inclua aí o boca-a-boca, porque o modo de vida da população, as notícias de jornais e mesmo as crônicas e demais textos literários que se referem à cidade podem servir para atualizar<sup>263</sup> os imaginários disponíveis a respeito de nossa “terra dos pinheirais” e de nossa “cidade-sorriso”.

Ainda a respeito do modo como o clima interage com o imaginário construído de forma oficializada para a capital paranaense, vale observar, a partir de uma reflexão de Décio Roberto Szvarça<sup>264</sup>, como os vários elementos se entrelaçam em uma construção discursiva que ecoa até nossos dias.

O inventário dos mais diversos fatores do progresso continua a descrever as vantagens e condições favoráveis que a civilização paranaense realizou e que se sintetiza na sua cidade-símbolo. Mesmo que tal civilização tenha fundamento em uma economia de base agrária, na cidade destacam-se a atividade comercial e o número e a variedade de indústrias. Estas últimas encontram condições “peculiarmente favoráveis em Curitiba” que tem:

“Um clima esplêndido; a alimentação barata produzida nas colônias agricultoras que circundam a cidade, e um fornecimento ilimitado de trabalho productivo e inteligente, de homens e mulheres, mas não só da cidade, mas também das colônias europeas do Paraná e Santa Catharina, concorrem para tornar muito suave as condições de vida {a}”.

Aliada à construção de uma nova usina hidrelétrica, a cidade, pólo regional de desenvolvimento, oferece para industriais, mão de obra abundante e inteligente (européia) com baixo custo pois os alimentos são baratos, e ainda por cima excelentes condições naturais. É o clima, inclusive, bem como as indústrias, jardins e arredores, casas de assistência e as monumentais pontes da ferrovia Curitiba-Paranaguá, que cooperam para que Curitiba seja a melhor cidade universitária brasileira {b}. Não foi possível estabelecer a relação capaz de explicitar, especificamente, qual a contribuição de cada um desses fatores para a cidade receber esse título.<sup>265</sup>

<sup>263</sup> O teórico da recepção Hans Robert Jauss, que analisa em *A história da literatura como provocação à teoria literária* como se dá a relação entre o público leitor e a obra lida, define bem esse movimento cíclico de assimilação de um contexto predominante, divulgação desse contexto, nova assimilação e a transformação que se dá a partir desse processo: “**A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete.** A soma – crescente a perder de vista – de “fatos” literários conforme os registram as histórias da literatura convencionais é um mero resíduo desse processo, nada mais que passado coletado e classificado, por isso mesmo não constituindo história alguma, mas pseudo-história (...) O contexto histórico no qual uma obra literária aparece não constitui uma seqüência factual de acontecimentos forçosamente existentes independentemente de um observador”. | JAUSS, Hans Robert. *op.cit.*, p. 25. | [grifo meu].

<sup>264</sup> SZVARÇA, Décio Roberto. *O forjador: ruínas de um mito – Romário Martins (1893-1944)*. Dissertação de Mestrado em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993.

<sup>265</sup> SZVARÇA, Décio Roberto. *op cit.*, p. 103. | Citações de Décio Roberto Szvarça {a} e {b} cf. MARTINS, Romário. *Curitiba de outr’ora e de hoje*. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1922. p. 113.



Ao procurar ir mais a fundo na Curitiba de Romário, a partir de suas considerações na obra paranista *Curityba de outr'ora e de hoje*, encontramos uma afirmação que bem poderia estar presente em um informe turístico a respeito da cidade nos dias atuais: “O Paraná gosa (sic) de excelente reputação quanto ao seu clima. Este conceito é justo”<sup>266</sup>. Será? Como o curitibano da atualidade se manifesta com relação ao clima da “cidade-símbolo” (feliz expressão utilizada por Szvarça) do Paraná?

Em uma enquete realizada com a população da cidade pela jornalista Patrícia Gil, complementar à reportagem “Curitibano acumula lista de manhas e manias”, que já vimos neste trabalho, a aposentada Edite Silva, de 72 anos, deu a seguinte resposta à pergunta “O que você acha de característico do curitibano?”: “Aqui perdura a mania de elegância. Acho que pelo frio, a gente de Curitiba sempre está bem vestida para ir ao cinema, ao teatro e ao balé. O topete é um charme. Mas, por outro lado, o povo também é um pouco arrogante, talvez por causa do clima também”<sup>267</sup>.

Nessa declaração podemos vislumbrar algumas das formas como a questão climática influenciaria o imaginário da população a respeito da cidade: a entrevistada associa a imagem de *elegância* ao frio – ou de estar com *muita roupa* em oposição, talvez, ao calor e à *pouca roupa* atribuídos a outras regiões do País. O frio torna-se assim uma característica de carga bem menos inocente – e por vezes pesada – do que se poderia imaginar à primeira vista. Na continuidade da declaração de Edite Silva, é possível encontrar o reforço desse imaginário: o clima seria associado às atividades culturais, como cinema, teatro e balé. O que pode levar à falácia, notavelmente difundida Brasil e mundo afora, de que o *frio curitibano* favorece o desenvolvimento de uma população *elegante e culta*.

Além dessas imagens que permeiam as referências a respeito de Curitiba, uma outra característica atribuída ao curitibano, e relacionada ao clima, seria de seu comportamento *reservado*. É do que trata uma pequena reportagem na mesma página da enquete, com o título: “Frio ´traduz´ comportamento”. O texto, entre observações dos hábitos do curitibano como o costume de reclamar do

<sup>266</sup> MARTINS, Romário. *Curityba de outr'ora e de hoje*. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1922. p. 124.

<sup>267</sup> GIL, Patrícia. O que você acha de característico do curitibano. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 maio 1999. p. 4.

tempo e de puxar conversa com o tema das mudanças no tempo, relaciona a frieza climática à postura *reservada* do habitante da capital paranaense. Mas aqui tanta reserva é exposta a partir de um ponto de vista nada positivo: “O frio de Curitiba, no clima e no coração, é um capítulo à parte”<sup>268</sup>.

O *frio no clima* inspira reportagens como “Curitiba, a fria”, de Adriane Perin, a respeito do “cotidiano, lazer, moda e consumo durante o interminável inverno curitibano”<sup>269</sup>. E o *frio no coração* inspirou uma das crônicas mais famosas a respeito do comportamento do curitibano: “Curitiba, a fria: onde Jânio Quadros comia moscas”, de Fernando Pessoa Ferreira, publicada originalmente nos anos 60. Desconstrução de imaginários oficializados e estereótipos de primeira linha:

Os curitibanos são uma estranha tribo que se alimenta de pinhões, mas reside em casas iguais às nossas. A frase é de um cronista de Curitiba e não chegou a provocar a sagrada ira dos ufanistas locais, pelos seguintes motivos: 1) os ufanistas não liam o cronista; 2) quando liam não entendiam; 3) julgaram tratar-se de uma referência aos índios curitibanos, criaturas que habitavam a região antes da chegada do homem branco.

A respeito desses índios as informações são também contraditórias. (...) Há uma terceira corrente, um pouco mais erudita, que aceita a presença de indígenas nas priscas eras em que o planalto era virgem de civilizados, mas defende a tese de que os primevos não se chamavam curitibanos; a palavra Curitiba é que seria de origem guarani e seu significado foi traduzido, em parte, por esses historiadores *ritiba* quer dizer *mundo*.<sup>270</sup>

Após essa introdução repleta de *observações antropológicas* a respeito de Curitiba e da tribo dos curitibanos, Fernando Pessoa Ferreira chega ao assunto que dá título a sua crônica:

A maior atração turística de Curitiba é o inverno, que começa em fevereiro e termina em dezembro. Nos outros meses, chove. Mas, durante o inverno o clima é excelente principalmente para os recém-imigrados da Patagônia ou da Sibéria. Os curitibanos, entretanto, não acreditam em frio. Raríssimas são as casas dotadas de lareira ou outro tipo qualquer de calefação e três em quatro pessoas nunca se dão ao esforço de usar um sobretudo ou outro abrigo apropriado para os climas polares. (...)

Voltando ao fato de ser o frio a melhor atração turística de Curitiba é necessário ressaltar que isso, num país pobre de divisas como o nosso, proporciona a muita gente a oportunidade de conhecer o desconforto europeu sem precisar de passaporte. Sob esse aspecto, Curitiba ainda lhe dará outras sensações só encontráveis nas aldeias do Reno, nos subúrbios de Varsóvia ou na hospitaleira região italiana situada mais ao sul de Nápoles. Na verdade, Curitiba não se parece com qualquer outra cidade do mundo, justamente porque tem um pouco de todas. Quem não possa arcar com as despesas de uma longa viagem à Itália, para conhecer a Calábria, encontrará um sucedâneo barato e igualmente saboroso, nos restaurantes típicos de Santa Felicidade (...).<sup>271</sup>

<sup>268</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>269</sup> PERIN, Adriane. Curitiba, a fria. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1999. Caderno G, p. 6.

<sup>270</sup> FERREIRA, Fernando Pessoa. Curitiba, a fria: onde Jânio Quadros comia moscas. *Idéias*, Curitiba, n. 20, Caderno Especial, p. 1-24, mar. 2005. l p. 2-3.

<sup>271</sup> *Ibid.*, p. 3-4.

Até o momento, o cronista aborda o frio climático e outras características do imaginário da cidade, como seus ares cosmopolitas. Passa então à tal frieza comportamental curitibana, em vários aspectos: os padrões conservadores, a dificuldade em introduzir-se na vida social da cidade, o carnaval e a vida noturna, com poucos bares abertos madrugada adentro, entre outros.

Depois de conhecer Curitiba, você poderá começar a achar os paulistas demasiado amáveis e hospitaleiros. E talvez estranhe, em Belo Horizonte, a absoluta falta de preconceitos. Esteja certo de que sua opinião não comoverá os curitibanos. Curitiba é antes de tudo uma fria. É comum, em outras cidades, perguntar-se ao forasteiro: quando chegou? Mas em Curitiba perguntarão: quando vai embora?

Não se deixe perturbar. Elogie a cidade e diga mesmo que se apaixonou por ela. Amor à primeira vista. O curitibano julgará que você é louco e, imediatamente, seu coração se abrirá como os ipês vermelhos da Praça Tiradentes. Não há nada que toque mais profundamente uma <sup>272</sup>coração curitibano do que uma sadia confissão de doidice. Eles adoram a solidariedade.

“Curitiba, a fria”, foi publicada pela primeira vez em 1966 no terceiro volume da coleção *Livro de cabeceira do homem*. Pernambucano de Olinda, Fernando Pessoa Ferreira morou por dez anos em Curitiba e escreveu essa crônica por sugestão do jornalista Paulo Francis, que achou divertidos seus comentários a respeito da cidade, revela Marcio Renato dos Santos em texto introdutório de uma entrevista concedida por Ferreira à revista *Idéias*<sup>273</sup> comemorativa dos 312 anos de Curitiba, em março de 2005, quando o texto foi republicado.

Já atento observador de preceitos e preconceitos da população curitibana, e com uma escritura de traços notavelmente cronísticos, Jamil Snege não deixa de notar em *Tempo sujo*, de 1968, o impacto da *desvirtuação* do propagado clima curitibano no texto de Fernando Pessoa Ferreira:

Outro assunto que abalou profundamente as estruturas da Bôca foi um artigo, inserido numa publicação editada no Rio, sôbre Curitiba. O autor é um cara que viveu uns tempos por aqui, chegado não se sabe donde, parece que de Pernambuco. Curitiba, como toda moça interiorana, abriu-se ao longelíneo viajor. Dentro em pouco o cara tornou-se íntimo, ousado e acabou sendo festejado pela imprensa, pelo governo e pelos novos amigos jornalistas. Foi nomeado alto funcionário do Teatro Guaíra e depois redator principal da revista que ora trouxe os hippies e que àquele tempo já lutava incansavelmente (sic) pela difusão da cultura.

Depois de mamar anos a fio nas púberes têtas de Curitiba, saiu-se com o artigo malcriado sôbre a cidade. **Foi a conta: ufanistas, beletristas, políticos aposentados e,**

<sup>272</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>273</sup> FERREIRA, Fernando Pessoa. Curitiba, a fria: onde Jânio Quadros comia moscas. *Idéias*, Curitiba, n. 20, Caderno Especial, p. 1-24, mar. 2005. Entrevista a Marcio Renato dos Santos.

**principalmente, os poetas oficiais, subiram às tribunas para defender a honra ultrajada da crédula polaquinha Curitiba** [grifo meu]. Zelosos, igual o bom pai pequeno-burguês cuja filha se entregasse a folguedos pouco recomendáveis pela moral vigente e depois não amarrasse as línguas cristãs com os sacrossantos laços do matrimônio.

Foi assim: todo o mundo se queimou, até o Nelson Barbudo ergueu os punhos vingadores na avenida João Pessoa:

– O único que pode falar mal de Curitiba sou eu! – Alardeava e xingava o autor, cujas iniciais são F.P., de um monte de nomes feios.

Dias após, nas edições de domingo, os intelectuais mais típicos da cidade deram seus pareceres e mostraram seus desagravos. O saldo, entretanto, foi positivo: Curitiba ganhou publicidade, FP também, e os defensores saíram fotografados nas páginas dos matutinos. Contista, ensaísta (sic), crítico e poeta, Fulano de Tal, responde a FP. Até a Assembléia votou protestando FP, ameaçando inclusive processá-lo na forma legal.

Uma beleza os brios manifestos daquela plêiade de homens graves, ciosos de suas responsabilidades na defesa dos legítimos interesses da urbe. Enquanto quebrava o pau e recrudesciam os ânimos, FP se divertia no Rio adivinhando os sagrados ódios paranistas.

E Curitiba, de olhos baixos, alisava os cabelos, contrita, diante do quadro de sua padroeira. Mas não ouviu quando o decano dos poetas da Academia, esgotando os recursos simbolistas, apelou furioso:

– Esse FP é um grande fp!<sup>274</sup>

Aqui Sene já evoca uma imagem que retomaremos no Capítulo 3, de Curitiba como uma senhora – aqui ainda senhorita – que se entrega aos forasteiros. E é interessante notar como o autor expõe a ironia com que a própria sociedade curitibana (*o bom pai pequeno-burguês*) se descobre traída e ultrajada por um *estrangeiro*. Jamil Sene se aproveita da cena, em suas variadas nuances, para explicitar um espírito curitibano em que se evidencia o culto às crenças paranistas, às personalidades locais e às instituições oficiais.

Ao relembrar os efeitos de sua crônica, na entrevista à revista *Idéias*, Fernando Pessoa Ferreira não deixa de recordar também essa reação *oficial* e *institucional* dos curitibanos:

Essa trajetória, em quase 30 anos, revela um dado curioso sobre a alma curitibana: sua extrema suscetibilidade. (...) A reação que provocou na época foi espantosa: ganhei editoriais irados em todos os jornais. Um deles, *O Estado do Paraná*, dedicou uma página inteira ao assunto, com fotos de personalidades locais, legendadas com suas respectivas opiniões e títulos sugestivos que as resumiam, “Comeu e virou o cocho”, sentenciava um deles. “É um ingrato”, deplorava outro. A reação foi tão virulenta que até uma expedição punitiva contra mim, que então morava no Rio, chegou a ser seriamente discutida na Boca Maldita. Veja só: Nelson Rodrigues escreveu que “o mineiro só é solidário no câncer” e não provocou com isso reação tão furibunda nas Alterosas. O curitibano é antes de tudo um exagerado. Ou era...<sup>275</sup>

Em uma outra entrevista, ao jornal *Gazeta do Povo*, em 14 de abril de 2002, Fernando Pessoa Ferreira constata, no entanto, que a cidade mudou: “(...)

<sup>274</sup> SENE, Jamil. Tempo sujo. *op. cit.*, p. 37-38.

<sup>275</sup> FERREIRA, Fernando Pessoa. Curitiba, a fria: onde Jânio Quadros comia moscas. *op. cit.*, p. 20-21.

faz muito tempo que não visito a cidade, acho que desde 1992. O que eu percebi é que a cidade mudou muito, como resultado da aldeia global. Porque quando eu fui morar em Curitiba, em 1953, ainda com 20 aninhos, a cidade tinha 180 mil habitantes, segundo o recenseamento de 1950”<sup>276</sup>.

Também Fábio Campana, no artigo “Curitiba no espelho”, na mesma edição de *Idéias*, vê Curitiba com os olhos da mudança. “Imensa, diferente, majoritária, a população que inchou na periferia e extravasou para os municípios vizinhos ajuda a desfazer os mitos antigos sobre Curitiba, da branquidade européia à índole pacífica e ordeira do povo que prefere o trabalho a qualquer outra atividade”. O escritor deixa revelar-se em seu espelho uma outra cidade: “uma afro-Curitiba na periferia que canta rap, compõe sambas e forrós, e que convive, nem sempre em harmonia, com outras tribos de gente que começou sua história na cidade há muito pouco tempo. Há bairros novos que abrigam populações de cidades do tamanho de Londrina que não existiam há dez anos”<sup>277</sup>.

Mudança, sim, mas em partes – e talvez a contragosto de boa parcela da população, que ainda resiste a um olhar mais crítico sobre a cidade ou apenas a novos modos de vê-la. Novamente, esse descompasso entre a Curitiba-província e a Curitiba-diferente se evidencia a partir da metáfora do clima, aqui a partir da crônica de Jamil Senege.

Em “Coisas que irritam em Curitiba”, a capital paranaense já não é mais apenas a fria Curitiba, mas se apresenta também como a imprevisível e instável cidade das várias estações em um único dia. “O clima curitibano. Cinco estações que se revezam diariamente – outono, primavera, verão, rodoferroviária e inverno”<sup>278</sup>, lista Senege na crônica. Além da provocação quanto ao clima, essa crônica, entre as várias *coisas que irritam em Curitiba* que vimos ao longo deste primeiro capítulo, também aponta:

(...)

Os passeios dominicais nos parques da cidade. Madames com celulite desfilando seus cãezinhos ou cachorrões com celulite desfilando suas madames.

(...)

<sup>276</sup> FERREIRA, Fernando Pessoa. O caso do cronista. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 abr. 2002. Entrevista a Luís Alberto Nogueira. Caderno G, p. 8.

<sup>277</sup> CAMPANA, Fábio. Curitiba no espelho. *Idéias*, Curitiba, n. 20, p. 4-8, mar. 2005. p. 5.

<sup>278</sup> SENEGE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 2001. Caderno G, p. 2.

A trepidante vida noturna em Curitiba. Começa às seis da tarde e termina às oito e pouco, que ninguém é bobo de perder a novela.

(...)

O trânsito, mais uma vez. A única cidade no mundo que fornece habilitação para antas, garnisés e peruas<sup>279</sup> e depois promove uma campanha para reprimir a bicharada.

O barulho ensurdecedor das 300 mil fábricas que o governo implantou no estado, cujo eco, dependendo do vento, dá para se ouvir até com o televisor desligado.

A rica fauna dos rios que banham Curitiba. Peixe-pneu, peixe-sofá, peixe-saco (de lixo) e às vezes até um pobre lambari com conjuntivite.<sup>280</sup>

Se Curitiba já não é apenas a fria, dos *teatros* e *roupas elegantes*, a percepção da variedade – e dos disparates – da capital paranaense parece *irritar* o leitor curitibano. No ano de 2002, a jornalista Maria Fernanda Gonçalves traçou um perfil dos cronistas Jamil Snege e Roberto Gomes. Na reportagem, Snege se recorda de que uma das crônicas que mais gerou polêmica foi justamente “Coisas que irritam em Curitiba”. “Houve um grande retorno, via telefone, e-mail ou fax, para a redação do jornal, no qual os curitibanos externavam indignação ou aprovação, e até identificação, em relação às reflexões do cronista”<sup>281</sup>, relata a jornalista.

Um desses retornos, publicado pelo jornal na seção “Coluna do Leitor” foi justamente o do leitor Alexandre Augusto Gava, que, como vimos na primeira seção deste Capítulo 1, convidou *gentilmente* Snege a se retirar da cidade. Em defesa de Curitiba, Gava comentou: “Não temos na cidade defeito que não exista em qualquer outra”.

Em contrapartida, temos muitas qualidades que outras cidades sequer sonham possuir. Espero sinceramente que o colunista, como tantos outros que criticam esta cidade, façam uso da quarta estação por ele citada, a rododiferroviária, que presta excelentes serviços a quem queira deixar esta Curitiba que tanto os incomoda. Certamente a periferia de cidades como São Paulo e Rio podem (sic) proporcionar mais alternativas de lazer aos entediados futuros ex-curitibanos ou, quem sabe, a segurança dessas cidades seja mais adequada ou seu transporte ou seu trânsito. Mas, num ponto, o ilustre colunista tem toda a razão. **O clima curitibano. Ah! Esse clima. Tão frio! Aliás, tão gelado. Úmido. Chuvoso** [grifo meu].<sup>282</sup>

<sup>279</sup> Referente à campanha publicitária “Bichos no Trânsito”, de 1997, que inaugurou o programa de campanhas educativas “Cidadão no Trânsito” da Diretoria de Trânsito de Curitiba (Diretran), em que os maus motoristas eram associados a animais como “antas” ou “peruas”, com frases provocativas em diálogo com as imagens evocadas por tais personagens. | PREFEITURA DE CURITIBA. Agência de notícias. Campanha educativa para ciclistas começa nesta segunda-feira. Curitiba, 5 maio 2002 – 00:01. Disponível na internet: <http://curitiba.pr.gov.br/pmc/agencia/conteudo.asp?npag=1&semmenu=sim&ncod=2628>. Consultado em 9 fev. 2006 – 10:19.

<sup>280</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>281</sup> GONÇALVES, Maria Fernanda. Perfil Jamil Snege e Roberto Gomes: sempre aos domingos; ano 5. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 maio 2002. Caderno G, p. 4.

<sup>282</sup> GAVA, Alexandre Augusto. Aqui é melhor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 jun. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

A resposta do leitor, muito propriamente, aliás, devolve a moeda fazendo mais uma vez referência ao clima, utilizando as intemperanças invernais de Curitiba quase em tom de ameaça, no melhor estilo *essa cidade não é para forasteiros* (no caso, o que o leitor chama de “entediados futuros ex-curitibanos”) – ou, lembrando a alusão de Snege ao pinheiro em *Tempo sujo*, que vimos há pouco, *Curitiba não é para aquele que, “inadvertidamente, mijar num pinheiro”*.

Mas, como bem evidenciou Jamil Snege, nesta Curitiba da modernidade tardia, até o clima vem mudando. Se há leitores impregnados de paixão *oficial* pela cidade, há quem se divirta em notar suas transformações, como podemos perceber pela carta publicada em 10 de junho de 2001. Com o sugestivo título de “Rir é preciso”<sup>283</sup>, a missiva de Margarita Wasserman, uma das “meninas-escriptoras” de Jamil – três “garotas” que descobriram as artes literárias após atingirem a terceira idade, com direito à publicação de seus livros e comentários por mais de uma vez nas crônicas do escritor – sai em defesa do cronista:

Como de costume, dia 27 de abril, domingo, abri meu exemplar da Gazeta do Povo primeiro para ler a programação do dia, depois a Coluna do Leitor e, então, li no Caderno G a coluna do Jamil Snege “O que me irrita em Curitiba”.

Confesso, tive um ataque de riso quase incontrolável. O Jamil me parece zangado com a falta de imaginação do curitibano para usufruir do domingo, dia de descanso. Fazia muito tempo que eu não ria tanto.

Verdade que os almoços de domingo, com a família reunida, só ficaram nas minhas lembranças. Hoje, minha família se restringe a apenas três ou quatro pessoas. Cada um seguiu seu rumo. Acabaram-se os piqueniques, as visitas inesperadas que tanto prazer nos davam (...).<sup>284</sup>

Jamil Snege, por outro lado, reforça em uma outra crônica, “Bananas, mangas e lagartixas”, publicada em 10 de abril de 1999, mais uma vez a partir da metáfora do clima, o quanto de espanto e preconceito pode ser encontrado na reação do *bom curitibano* diante das transformações de Curitiba e da chegada na cidade de pessoas com um outro modo de viver e ver o mundo. Na alegoria do cronista, tal fenômeno seria chamado de *tropicalização de Curitiba*. Vamos ao texto: tudo começou quando o cronista descobriu no quintal da casa de sua mãe, “ali, na costura dos bairros Iguaçu e Água Verde, nesta Curitiba que sempre se orgulhou de suas madrugadas árticas de alvuras e cintilações”, uma verdadeira plantação de bananas.

<sup>283</sup> WASSERMAN, Margarida (sic). Rir é preciso. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 jun. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 21.

<sup>284</sup> *Ibid.*, p. 21.

Creio, pelo exposto, que estamos sendo **expulsos** da faixa de clima temperado que a geografia nos destinou para uma zona de trópico úmido, a qual dividiremos com bananas, mangas, lagartixas e outros bichos. **O processo está em curso e não duvido que logo logo avistaremos, com seus turbantes brancos e saias rodadas, legítimas baianas vendendo acarajé diante da Catedral.**

Enquanto não surgirem novas revelações e a espada do anjo do Senhor, como alertou Dalton Trevisan, permanecer suspensa sobre nossas cabeças, **sugiro que aproveitemos os efeitos da tropicalização de Curitiba. De minha parte, nada a opor. Sempre preferi o calor ao frio, a delícia de dormir de janelas abertas e um leve lençol a nos cobrir a casta nudez.** Quem, como eu, veio ao mundo numa gélida noite de inverno e aparou nas tenras nádegas a palmada inclemente e ardida da parteira, sabe muito bem o que está dizendo [grifos meus].<sup>285</sup>

O uso da palavra “expulsos” na primeira linha do trecho citado não deixa de ser uma ironia ao modo como pode se sentir o curitibano mais arraigado, ao perceber uma cidade, longe da publicidade oficial ou da imagem estereotipada, mais parecida com as demais metrópoles do planeta. Snege evoca na crônica a imagem de *frio-muita-roupa*, *calor-pouca-roupa*, aqui sob ângulo positivo e não sem certa dose de provocação. A diferença, se compararmos com a declaração que vimos há pouco na enquete, é que a característica *pouca roupa* nesse texto está destituída de carga preconceituosa: apresenta-se, pelo contrário, como um aspecto de associação positiva, lembrando leveza e um comportamento mais aberto, assim como as janelas, diante do mundo.

Curitiba, a nem mais tão fria – por vezes bem quente. A cidade “nota 10” da Kaiser, o município que se gaba de ter uma vasta área verde por habitante, segundo fontes oficiais, metrópole que já abriga em si, todos os dias, uma cidade inteira de trabalhadores vindos das áreas vizinhas, a capital dos piscas ligados em cima da hora, e também do constrangido encontro no elevador. Todos jeitos de ver – e viver – a cidade. Modos, novos ou não, de transformá-la e atualizá-la às demandas urbanas da modernidade tardia. Vive-se. E é nesse viver que as várias – e crescentes em termos de identidade – faces de Curitiba vão aparecendo. São todas, para seus viajantes, Curitiba.

---

<sup>285</sup> SNEGE, Jamil. Bananas, mangas e lagartixas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 abr. 1999. Caderno G, p. 6.



## CAPÍTULO 2 – MODERNIDADE. AQUI ESTAMOS NÓS

*“Porque Curitiba se tece e se destece,  
se desfaz e se refaz  
com a sábia regularidade das teias de aranha”*  
Jamil Snege – Como eu se fiz por si mesmo

*“A cidade parece um ser vivo,  
monstro de corpo escaldante  
a arquejar e transpirar na noite abafada”*  
Erico Verissimo – Noite

*“Um coração perverso é um livro mais repelente  
que o ‘Hostulus animae’;  
e é talvez uma das grandes misericórdias de Deus que  
‘es lässt sich nicht lesen’ (que não se deixa ler)”*  
Edgar Allan Poe – O homem das multidões

*O futuro chegou com um perfume de passado.* Não, a frase não é de um teórico da contemporaneidade, nem está em nenhum romance, conto ou crônica. Foi o comentário de um dos estilistas entrevistados em reportagem exibida no *Jornal Nacional*, da rede Globo, sobre as tendências de moda para o próximo inverno<sup>286</sup>. Mas se encaixa bem nos dias de hoje. Transição de século, transição de milênio, revoluções tecnológicas praticamente instantâneas e nós, cidadãos da contemporaneidade, com um olho teimosamente no passado, seja nos modelos de roupa, na decoração, nos eletrodomésticos de traços um tanto retrô, nos retratos pela casa, nos números absurdos de fotografias tiradas em qualquer (ou nenhuma) situação com o advento da máquina digital, nas regravações de música, nas refilmagens dos clássicos...

Sentimos falta de quê? Por que, se chegamos ao presente com todas as possibilidades e confortos que a tecnologia pode proporcionar (é bem verdade que uma boa parcela da população global nem tem noção disso e é pouco provável que possa experimentar tais *benesses* modernas), as manifestações de celebração do passado se fazem tão presentes na atualidade?

Gilles Lipovetsky, um dos filósofos que têm por foco de interesse a evolução da modernidade, chama esta experiência de “revivescimento do passado”<sup>287</sup>. Em sua explicação:

---

<sup>286</sup> JORNAL NACIONAL. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 jan. 2006.

<sup>287</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. p. 85.

É inegável que, ao celebrar o sempre novo e os gozos do aqui-agora, a civilização consumista opera continuamente para enfraquecer a memória coletiva, acelerando o declínio da continuidade e da repetição ancestral. Não obstante, permanece o fato de que nossa época, longe de encerrar-se num presente trancado em si mesmo, é palco tanto de um frenesi histórico-patrimonial e comemorativo quanto de uma investida das identidades nacionais e regionais, étnicas e religiosas. Quanto mais nossas sociedades se dedicam a um funcionamento-moda focado no presente, mais elas se vêem acompanhadas de uma onda mnêmica de fundo.<sup>288</sup>

Para o filósofo, vivemos na contemporaneidade um resgate do passado. “Os modernos queriam fazer tábula rasa do passado, mas nós o reabilitamos; o ideal era ver-se livre das tradições, mas elas readquirem dignidade social”<sup>289</sup>, pondera. Essa nostalgia notada por Lipovetsky, marca da contemporaneidade, para John Naisbitt, poderia ser chamada de um comportamento “*high touch*”. “A tecnologia do consumidor cria um mundo de tempo *high tech*. O tempo *high tech* nos deixa loucos, causando em nós uma pequena febre que nos faz sentir que alguma coisa não está certa. Sentimos um desejo vago, mas profundo, de escapar do tempo *high tech*. Sem conhecê-lo, estamos procurando o alívio do tempo *high touch*”<sup>290</sup>, estabelece. Ao analisar nesse trecho uma sociedade impregnada de tecnologia, como a atual, é significativo, como veremos adiante, observar que o autor prefere, a palavras como “cidadão” ou “ser humano”, chamá-lo de “consumidor”.

Esta se apresentaria como uma outra faceta de nossa contemporaneidade: seríamos *consumidores*, de produtos, de serviços, de fórmulas de felicidade, de memória. Até mesmo a afirmação humana de cidadania – tão cara aos valores humanistas – seria, nos dias atuais, perpassada pelo consumo. No livro *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, Néstor García Canclini defende um ponto de vista próximo a isso. Segundo ele, um dos aspectos da atualidade seria “a passagem do cidadão como representante de uma opinião pública ao cidadão interessado em desfrutar de uma certa qualidade de vida”<sup>291</sup>. Sob esse aspecto, há uma aproximação – ou, pode-se arriscar, até mesmo uma contaminação – entre cidadania e consumo, mas não chega a ser uma substituição plena de um pelo outro.

<sup>288</sup> *Ibid.*, p. 85.

<sup>289</sup> *Ibid.*, p. 85.

<sup>290</sup> NAISBITT, John. *High tech • High touch: a tecnologia e a nossa busca por significado*. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 83.

<sup>291</sup> CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 54.

A aproximação da cidadania, da comunicação de massa e do consumo tem, entre outros fins, de reconhecer estes novos cenários de constituição do público e mostrar que para se viver em sociedades democráticas é indispensável admitir que o mercado de opiniões cidadãos inclui tanta variedade e dissonância quanto o mercado da moda, do entretenimento. Lembrar que nós cidadãos também somos consumidores leva a descobrir na diversificação dos gostos uma das bases estéticas que justificam a concepção democrática da cidadania.<sup>292</sup>

Há, na visão do antropólogo, um “deslocamento dos cenários em que se exerce a cidadania”<sup>293</sup>. E, dentro desses novos espaços, estariam os pontos (físicos, virtuais) de consumo. “Consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora”<sup>294</sup>, arremata. Um mundo, em outras palavras, líquido.

Modernidade líquida – é assim que o sociólogo Zygmunt Bauman chama estes tempos de hoje. Para Bauman, nesta extensão de modernidade em que vivemos atualmente uma das transformações mais perceptíveis é da passagem de uma primeira etapa “sólida”, em que instituições e regulamentações regiam e organizavam a vida das pessoas, para uma etapa de modernidade “fluida”, em que caem por terra os referenciais que nortearam por séculos a humanidade. “Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho”<sup>295</sup>. Enfim, é nessa modernidade sem limites aparentes que, segundo Bauman, nos encontramos hoje.

Na análise da evolução da era moderna, o sociólogo faz mais uma comparação, agora com relação ao *peso* de cada uma dessas etapas na vida das pessoas. “A extraordinária mobilidade dos fluidos é que os associa à idéia de ‘leveza’. (...) Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos”<sup>296</sup>, explica. E propõe – “essas são razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos

---

<sup>292</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>293</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>294</sup> Néstor García Canclini defende que: “Comprar objetos, pendurá-los ou distribuí-los pela casa, assinalar-lhes um lugar em uma ordem, atribuir-lhes funções na comunicação com os outros, são recursos para se pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com os demais”. *Ibid.*, p. 83.

<sup>295</sup> BAUMAN, Zygmunt. *op.cit.*, p. 8.

<sup>296</sup> *Ibid.*, p. 8.

captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade”<sup>297</sup>.

Para Bauman, essa fase de “liquidez” da modernidade estava inscrita já na “modernidade sólida”<sup>298</sup>. Ao fazer tal afirmação, o sociólogo se inspira na percepção de Karl Marx, no *Manifesto Comunista*, de que o próprio espírito agressivo da modernidade acabaria por suplantiar as instituições por ela estabelecidas e autenticadas, porque, em determinado momento, as mesmas se tornariam *lentas e pesadas* demais para permitir o fluxo moderno<sup>299</sup>. A questão é que, chegado o momento de se livrar das instituições, das tradições e do passado, perdeu-se o controle sobre uma modernidade que já não poderia ser contida entre os dedos.

Na explicação de um outro estudioso da modernidade, também inspirado por esse dismantelamento dos sólidos da fase moderna atual, o que vem havendo, já faz alguns anos, é uma *modernização* da modernidade. Ainda na década de 80, o cientista político Marshall Berman causou alvoroço entre pensadores e pesquisadores das transformações sociais ao se inspirar na frase extraída do *Manifesto Comunista* – “tudo o que é sólido desmancha no ar” – para analisar a sociedade moderna.

Tomemos uma imagem como esta: “Tudo o que é sólido desmancha no ar”. (...) De fato, essa imagem vem de Marx; não de qualquer esotérico manuscrito juvenil, por muito tempo inédito, mas direto do *Manifesto Comunista*. Essa imagem coroa a descrição que Marx faz da “moderna sociedade burguesa”. As afinidades entre Marx e os modernistas tornam-se ainda mais claras quando observamos a passagem inteira de onde a imagem foi extraída: “Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens”.<sup>300</sup>

Em seu *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman propõe a divisão da modernidade em três fases. A primeira iria do início do século 16 ao final do século 18, quando “as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna”. A segunda teria seu início marcado pela Revolução Francesa (1789) – “ganha vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno

<sup>297</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>298</sup> “Lembremos, no entanto, que tudo isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para *novos e aperfeiçoados sólidos* (...)”. *Ibid.*, p. 9.

<sup>299</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>300</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 88.

público”. Essas pessoas, na análise de Berman, dividem-se entre o sentimento de viver uma era revolucionária e a possibilidade de estar em um mundo “que não é moderno por inteiro”. “É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização”, acredita Berman. E é essa dicotomia a geradora da tensão que permite o advento da terceira fase da modernidade, a partir do século 20 – “o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente um mundo todo (...)”<sup>301</sup>.

Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas [grifo meu]. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.<sup>302</sup>

Um coração perverso que não se deixa ler – esta é a alegoria usada por Edgar Allan Poe em seu conto “O homem das multidões”<sup>303</sup>, que se tornou referência clássica do período que Berman propôs como segunda fase da modernidade. Se, como a cidade, a modernidade for também texto, escritura, como compreendê-la, desvendá-la? Como vivê-la? Como juntar tantos fragmentos e transformá-los em um texto legível, decifrável? Como *ser* e *estar* na modernidade?

O ritmo é mais frenético, as inovações tecnológicas são assustadoramente mais rápidas, mas essa sensação de perda de referências acompanha desde então – e crescentemente – a humanidade no que, neste trabalho, optou-se por chamar de *modernidade tardia*.

Hipermodernidade, alta modernidade, segunda modernidade<sup>304</sup>, modernidade líquida... Os nomes são muitos. As definições nunca suficientes para explicar a quantidade e a velocidade dos acontecimentos da contemporaneidade. Atônitos, buscamos um discurso para formatar um novo comportamento identificado. Mas quando percebemos, no dia-a-dia, os antigos

<sup>301</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>302</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>303</sup> POE, Edgar Allan. *Novelas extraordinárias*. São Paulo: Clube do Livro, 1945. p. 77-88.

<sup>304</sup> Na explicação de Zygmunt Bauman, o termo “segunda modernidade” foi utilizado por Ulrich Beck para definir o que chamou de “modernização da modernidade”. Já Anthony Giddens lembra que Ulrich Beck define a modernidade como uma “sociedade de risco” | BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 12. | GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorghe Zahar Ed., 2002. p. 33.

hábitos há pouco abandonados estão sendo resgatados. É bem verdade que jamais do mesmo modo e com o mesmo propósito que anteriormente, mas estão lá, junto com os novos. No livro *Como eu se fiz por si mesmo*, Jamil Snege comenta que “Curitiba se regenera como o rabo cortado de uma lagartixa”<sup>305</sup>. Pois o mesmo se pode dizer da modernidade, que se mantém em renovação, em atualização cíclica.

Daí neste trabalho a opção por adotar preferencialmente os termos “modernidade tardia” ou “alta modernidade”, no encaixe de Anthony Giddens, para se referir à contemporaneidade. “O mundo moderno tardio – o mundo do que eu chamo de alta modernidade – é apocalíptico não porque se dirija inevitavelmente à calamidade, mas porque introduz riscos que gerações anteriores não tiveram que enfrentar”<sup>306</sup>, afirma o filósofo.

No “Glossário de Conceitos” do livro *Modernidade e identidade*, Anthony Giddens apresenta a seguinte definição – **“Alta modernidade ou modernidade tardia: a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade”**<sup>307</sup>. Em ambos os termos está implícita a idéia, apesar da evolução, de continuidade do período denominado “moderno”, porque as características de organização, por exemplo, econômica – e as demais daí derivadas – são, na essência, as mesmas. No livro *Modernidade e identidade*, Giddens expõe da seguinte forma sua visão da época moderna:

Neste livro emprego o termo “modernidade” num sentido muito geral para referir-me às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto. A “modernidade” pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Ele se refere às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. Como tal, é um dos eixos institucionais da modernidade. Uma segunda dimensão é o capitalismo, sistema de produção de mercadorias que envolve tanto mercados competitivos de produtos quanto a mercantilização da força de trabalho. (...) A modernidade inaugura uma era de “guerra total” em que a capacidade destrutiva potencial dos armamentos, assinalada acima de tudo pela existência de armas nucleares, tornou-se enorme.<sup>308</sup>

<sup>305</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994. p. 97.

<sup>306</sup> GIDDENS, Anthony. *op.cit.*, p. 11 e 12.

<sup>307</sup> *Ibid.*, p. 221.

<sup>308</sup> *Ibid.*, p. 17.

E o que seria diferente, então, na *alta modernidade*? Especialmente, as relações de tempo e espaço.

Na alta modernidade, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as intimidades do eu, se torna cada vez mais comum. A mídia impressa e eletrônica obviamente desempenha um papel central. (...) Com o desenvolvimento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpenetração do auto-desenvolvimento e do desenvolvimento de sistemas sociais, chegando até os sistemas globais, se torna cada vez mais pronunciada. O “mundo” em que agora vivemos, assim, é em certos aspectos profundos muito diferente daquele habitado pelos homens em períodos anteriores da história. É de muitas maneiras um mundo único, com um quadro de experiência unitário (por exemplo, em relação aos eixos básicos de tempo e espaço), mas ao mesmo tempo um mundo que cria novas formas de fragmentação e dispersão. Um universo de atividade social em que a mídia eletrônica tem um papel central e constitutivo, entretanto, não é o mundo da “hiper-realidade” no sentido de Baudrillard. Tal idéia confunde o impacto generalizado da experiência transmitida pela mídia com a referencialidade interna dos sistemas sociais da modernidade – o fato de que esses sistemas se tornam amplamente autônomos e determinados por suas próprias influências constitutivas.<sup>309</sup>

Na análise de Giddens, a modernidade é, antes de tudo, uma ordem pós-tradicional, pois a flexibilização de tempo e espaço e a perda de referenciais criam um ambiente que afasta o dia-a-dia de normas e práticas preestabelecidas. Segundo o teórico, são três os elementos essenciais que explicam a dinâmica da modernidade:

- separação de tempo e espaço | resultante do desenvolvimento de uma dimensão “vazia” de tempo, também o espaço foi separado do lugar. A separação seria um movimento dialético, permitindo dinamismo nas relações sociais e ampliação dos intervalos de espaço-tempo, global e localmente.
- mecanismos de desencaixe | seriam “sistemas abstratos” de signos de dois tipos: “fichas simbólicas” (meios de troca padronizados, como o dinheiro, intercambiáveis em vários contextos) e “sistemas especializados” (demandariam conhecimento técnico). Dependeriam de *confiança*<sup>310</sup>. Separariam a “interação das particularidades do lugar”.
- reflexividade institucional | seria a regulamentação da vida social, a orientação de como se deve viver a partir do conhecimento das normas preestabelecidas e de seu funcionamento. A mudança nas relações de tempo e espaço e os mecanismos de desencaixe teriam influência na desregulamentação da vida social ao longo da modernidade<sup>311</sup>.

<sup>309</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>310</sup> Na definição de Anthony Giddens, confiança seria “a crença em pessoas ou sistemas abstratos, conferida com base em um ‘ato de fé’ que põe entre parênteses a ignorância ou a falta de informação”. | GIDDENS, Anthony. *op. cit.*, p. 221.

<sup>311</sup> *Ibid.*, p. 22-26.

Por outro lado, uma outra característica da modernidade tardia seria certa tendência ao resgate, a uma re-conexão com os primeiros anos de modernidade. “A questão da modernidade, seu desenvolvimento passado e formas institucionais presentes reaparece como um problema sociológico fundamental na chegada ao século XXI<sup>312</sup>”, afirma Giddens. Tal percepção, também entre os demais estudiosos da modernidade, é uma das motivações para que o termo “pós-modernidade”, bastante em voga nas décadas de 80 e 90, passe a ser repensado.

As nomenclaturas de “pós” para explicar a profusão de transformações identificadas especialmente a partir da segunda metade do século passado ganharam força na década de 70. “Os rótulos atribuídos à sociedade atual, aos estágios evolutivos da transição e às sociedades auspiciadas são mais de trezentos”, conta o sociólogo Domenico De Masi<sup>313</sup>.

Também no plano cultural recente, optou-se por chamar de pós-modernismo as mais variadas manifestações culturais e artísticas da contemporaneidade, da cantora pop Madonna às inovações técnicas e estéticas na literatura, segundo Terry Eagleton em *Teoria da Literatura: uma introdução*. O autor diferencia “pós-modernismo”, limitado aos eventos culturais, de “pós-modernidade”, que “significa o fim da modernidade, no sentido daquelas grandes narrativas de razão, verdade, ciência, progresso e emancipação universal que, como se acredita, caracterizam o pensamento moderno a partir do Iluminismo”<sup>314</sup>. “Para a pós-modernidade ‘antifundacionista’, por outro lado, nossas formas de vida são relativas e não-fundadas, bastam-se a si mesmas (...)”<sup>315</sup>, acrescenta mais adiante em seu posfácio.

O autor acrescentou o posfácio às edições posteriores do livro, escrito em 1982, com a proposta de atualização de suas observações sobre as mudanças na sociedade contemporânea, avançando até o final da década de 80. “A pós-modernidade é a filosofia apropriada ao nosso tempo (...)?”<sup>316</sup>, questiona.

---

<sup>312</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>313</sup> Em sua justificativa da escolha pelo termo “sociedade pós-industrial”, na década de 80 (a primeira edição de *L'avvento post-industriale* data de 1985): “A própria quantidade e a disparidade das denominações fornecem motivos suficientes para não aceitarmos nenhuma delas. (...)”. I DE MASI, Domenico. *A sociedade pós-industrial*. In: DE MASI, Domenico (Org.). *A sociedade pós-industrial*. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo: 2000. p. 11-97. | p. 31.

<sup>314</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 316.

<sup>315</sup> *Ibid.*, p. 317.

<sup>316</sup> *Ibid.*, p. 319-320.



Pois Gilles Lipovetsky, um dos teóricos que notoriamente adotaram o termo em seus estudos, responde que *não*. Ou, pelo menos, não mais<sup>317</sup>. Em suas ponderações, Lipovetsky admite como mérito do “pós-moderno” a ênfase na mudança de direção da sociedade, em um processo de reorganização profunda pelo qual passava – e passa. “Ao mesmo tempo, porém, a expressão pós-moderno era ambígua, desajeitada, para não dizer vaga. Isso porque era evidentemente uma modernidade de novo gênero a que tomava corpo (...)”<sup>318</sup>, reconhece.

E acrescente-se isto: há vinte anos, o conceito de pós-moderno dava oxigênio, sugeria o novo, uma bifurcação maior; hoje, entretanto está um tanto desusado. O ciclo pós-moderno se deu sob o signo da descompressão *cool* do social; agora, porém, temos a sensação de que os tempos voltam a endurecer-se, cobertos que estão de nuvens escuras. (...) No momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo pós-moderno já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia.<sup>319</sup>

Em seu lugar Lipovetsky propõe o termo “hipermodernidade”, como uma percepção do resgate, em vez da “morte” anunciada pelo *pós*, da modernidade. “Longe de decretar-se o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate”, acredita o filósofo. E isso se dá no movimento cíclico mencionado anteriormente: na modernidade tardia, na mesma medida em que normas e tradições são abandonadas, elas são resgatadas pela própria sociedade, em um esforço notável para sentir “terra firme” sob os pés no chão cada vez mais fluido e flexível de nossa modernidade líquida. Daí também a percepção de Lipovetsky de um retorno ao “endurecimento” da vida social nesta fase da modernidade. É nesta dualidade sólido-fluida que se vive atualmente. Até porque, como afirma Bauman, esta conquista da *liberdade* característica da era moderna ainda assim é relativa.

Para o sociólogo, a individualidade exercida nos tempos atuais está muito mais para fatalidade que para auto-afirmação. “Não se engane, agora, como antes – tanto no estágio leve e fluido da modernidade quanto no sólido e pesado –, a individualização é uma fatalidade, não uma escolha. Na terra da liberdade individual de escolher, a opção de escapar à individualização e de se recusar a

<sup>317</sup> “A partir do final dos anos 70, a noção de pós-modernidade fez sua entrada no palco intelectual com o fim de qualificar o novo estado cultural das sociedades desenvolvidas”, resgata Gilles Lipovetsky, acrescentando que, originalmente, deriva do discurso arquitetônico. I LIPOVETSKY, Gilles. *op. cit.*, p. 51.

<sup>318</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>319</sup> *Ibid.*, p. 52.

participar do jogo da individualização está decididamente fora da jogada”<sup>320</sup>, alerta. Bauman defende ainda, baseado em Tocqueville, que o *cidadão* ocupa o pólo oposto do *indivíduo*. “O ‘cidadão’ é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade – enquanto que o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente com relação à ‘causa comum’”<sup>321</sup>, explica.

E é nesse espaço, de *liberdade líquida*, se me for permitida tal imagem, que surgem o indivíduo *de jure* e o indivíduo *de facto*. Na explicação de Bauman, ser um indivíduo *de jure* significa estar sozinho, sem amarras de nenhuma espécie, mas ao mesmo tempo sem referências ou instituições de apoio, sem ter de quem cobrar pelos problemas da sociedade, ou a quem culpar pelas dificuldades do dia-a-dia (desemprego, políticas de retenção da inflação com impacto sobre o poder de consumo das pessoas...). Para o indivíduo *de jure*, e dentro da imensa *liberdade* que lhe é concedida, o fracasso é culpa de si próprio. Não há conjuntura, não há forças externas que possam justificar ou amenizar suas dificuldades<sup>322</sup>.

Seu oposto seria o indivíduo *de facto*. Aquele capaz de assumir o controle sobre seu destino e decidir aquilo que quer realmente, libertando-se da pressão moderna do fracasso e da auto-reprovação. Mas, na avaliação de Bauman, “há um grande e crescente abismo entre a condição de indivíduos *de jure* e suas chances de se tornarem indivíduos *de facto*”<sup>323</sup>. Por conta dessa distância e do foco tão concentrado do indivíduo na modernidade tardia, Bauman considera que o processo de individualização das pessoas pode levar à lenta desagregação da cidadania, dentro de seu entendimento desse termo, visto há pouco nesta seção.

Neste contexto, de resgate das tradições, de disseminação do “turismo da memória” como experiência comercial de “devoração” – e não apenas contemplação – do passado, na explicação de Gilles Lipovetsky, de *liberdade* assustadoramente excessiva, de degradação da cidadania, ou ao menos de um novo espaço para ela na sociedade, como fica o senso de comunidade? Como se dá a interação com a cidade na era moderna tardia? Há noção de pertencimento? O que muda, enfim, da modernidade para a alta modernidade? Será que muda?

---

<sup>320</sup> BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 43.

<sup>321</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>322</sup> *Ibid.*, p. 48.

<sup>323</sup> *Ibid.*, p. 48.

Roberto Gomes levanta esse ponto, da evolução dos tempos modernos, em uma crônica de tom não pouco provocador. “Mudou? Não mudou?”, pergunta ele no título do texto publicado na *Gazeta do Povo* em 27 de agosto de 2000.

- Reencontram-se depois de muitos anos, sentam num banco de praça e ficam proseando:
- Mas o mundo mudou, não mudou?
  - Ah, mudou, sim. Viu o cinema? Agora é em casa. Aluga um vídeo e o cinema está ali. Já pensou se isso existisse no tempo do John Wayne...?
  - ...da Brigitte Bardot!
  - Tá vendo? Mudou muito, não mudou?
  - Mudou muito. Falar nisso, já viu como tem havido assalto?
  - É mesmo. Assalto na rua, na fila do banco, em casa...
  - Parece faroeste. Mudou muito.<sup>324</sup>

Aí o autor dá a dica de que talvez não tenha mudado tanto assim, e parte para o ataque:

- E política?
- Pois abriram nova temporada de caça ao eleitor.
- Aquelas promessas, aquelas caras messiânicas. Não mudou nada.
- É verdade. Não mudou nada.
- Continuam nos achando umas bestas.
- Lembra da reforma agrária? A gente era guri, falavam em dividir a terra, em modernizar o campo....
- Pois é mesmo. Não mudou nada.
- Nem um pouquinho. E outra coisa: demarcação de terras indígenas.
- Bem lembrado! Há quantos séculos falam nisso!
- Que coisa, não é? Não muda nada!
- Lembra de quando falavam em deixar crescer o bolo para depois dividir?
- Acho que dividiram sem nos avisar. Mudou nada.
- Bom, não vamos exagerar. Computador é novidade, não é?
- Verdade. Mudou muito, demais. Converso pela internet com meu filho que está na Austrália.
- Lembra quando um interurbano dependia da telefonista e demorava três horas para ser feito? Hoje é instantâneo.
- É verdade. Mudou muito. É instantâneo.
- Agora, uma coisa que mudou foi a educação.
- É mesmo. Tem mais faculdade do que farmácia e motel.
- Mudou muito, não é?
- Muito. Está cada vez pior.<sup>325</sup>

E então, mudou ou não mudou? Como essas passagens da modernidade ao longo dos anos vêm sendo sentidas no micro, no universo da população de cada comunidade? Afinal, mesclam-se diferentes gerações na convivência diária. E o grau e o tipo de transformação nos hábitos de vida, na apropriação da

<sup>324</sup> GOMES, Roberto. Mudou? Não mudou? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 ago. 2000. Caderno G, p. 3.

<sup>325</sup> *Ibid.*, p. 3.

tecnologia disponível e nas relações com o espaço citadino podem ser diferentes para cada grupo etário, cultural, étnico ou social.

Como percebe Jamil Snege em sua crônica “Canto de amor e desamor a Curitiba”, as atualizações da cidade, e da vida, são feitas no universo cotidiano das pessoas que vivem sob o céu – às vezes de tempestade – de nossa modernidade tardia. Neste texto, publicado inicialmente na *Gazeta do Povo* em 2 de abril de 2000 – e depois no volume *Como tornar-se invisível em Curitiba*<sup>326</sup> –, Snege resgata a idéia de uma cidade que “se tece e se destece” nas teias da vida diária, também presente em *Como eu se fiz por si mesmo*<sup>327</sup> e na epígrafe deste capítulo. “E há ainda a Curitiba dos puros, dos corações desarmados, daqueles que a cada manhã refazem de qualquer retalho a teia de suas vidas – sobre esses, ó Senhor – velhos, viúvas, operários, menininhos – sobre eles a torrente de tua magnanimidade, porque são eles que retecem a teia de Curitiba, amém”<sup>328</sup>.

Teias da cidade retecidas por sua população a cada dia. Imaginários atualizados no espírito daqueles que vivem a cidade, distantes das construções da publicidade oficial, mas participantes do jogo, como receptores, assimiladores, divulgadores e, por que não, fornecedores das imagens citadinas. Curitiba, a cidade-teia se regenera a todo o instante e se oferece a seus habitantes, para mantê-los seguros em seus fios feitos de imaginação, mas também para retê-los e deixar que a grande cabeça, aranha devoradora<sup>329</sup>, possa digeri-los, diariamente, até em casa.

<sup>326</sup> SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 39-40.

<sup>327</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994. p. 97.

<sup>328</sup> SNEGE, Jamil. Canto de amor e desamor a Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 abr. 2000. Caderno G, p. 3.

<sup>329</sup> Imagem emprestada do conto “A mulher aranha” de Jamil Snege: “Uma cabeça decepada – é tudo o que me lembro de minha mãe. Uma cabeça atenta de medusa, repousada sobre o travesseiro. Eu passava tardes inteiras brincando no quarto, em silêncio, inquieto por saber aqueles olhos cravados em mim. (...) Quando minha mãe morreu, a coisa pareceu-me extremamente fácil: minhas tias devem tê-la erguido pelos cabelos e colocado no caixão. Afinal, ela não passava de uma cabeça. (...)” / “(...) E assim haveria de ser, até o dia em que chegou na cidade um parque de diversões. (...) Anões, o cordeiro de cinco patas, um gigantesco embrião de aparência humana – nada me causou tanto espanto quanto a descoberta, feita casualmente, de uma estranha criatura: aprisionada num cubículo mal iluminado tinha a mesma cabeça decepada, os mesmos olhos escuros e profundos de minha mãe. Só que ao invés de lençóis, um gigantesco corpo de inseto flutuando num simulacro de teia. (...)” / “(...) e eu diariamente refaço meu itinerário de Édipo. O grande corpo de aranha muda frequentemente (sic) – nem todas as mulheres que lhe emprestam a cabeça têm a persistência de minha mãe – mas a esfinge e eu nos entendemos. Além da grosseira magia do encontro repetido, há o pacto de jamais revelarmos nossos segredos”. | SNEGE, Jamil. *A mulher aranha*. Curitiba: Editora Hoje, 1972. (Série cadernos de ficção; v. 1. p. 51-56.

\* O conto “A mulher aranha” foi escrito, segundo o próprio autor na apresentação da coletânea *A mulher aranha*, entre 1966 e 1972. Foi reproduzido – com alterações pontuais, porém significativas, de palavras ao longo do texto – no espaço de crônicas da *Gazeta do Povo* em 2 de maio de 1998. Foi também republicado,

## 2.1 IDENTIDADE. TEMPOS INTENSOS

Começa assim: uma arma apontada, um projétil em círculos estoura na fumaça atômica, cogumelos atômicos em infinidade, estilhaços. Uma pista. Um rapaz angustiado. No rosto, puro pavor. Mãos presas à trava de segurança, olhos fechados, apertados. Na descida alucinante da montanha-russa, apesar da resistência expressa na face, não há como evitar: a cabeça pende. Vertigem sem fim. A gravidade avisa: difícil retornar à posição original. As imagens são quase sem cor. Os tempos, intensos. Esta é, em síntese, a abertura do bloco “Intensive time” do filme *Naqoyqatsi*<sup>330</sup>, o último da trilogia “Qatsi”<sup>331</sup>, iniciado no começo da década de 80 com o *Koyaanisqatsi*.

Do subtítulo do primeiro para o último filme, a mudança foi grande. Passou-se da “vida fora de equilíbrio” para a “vida como guerra” – em apenas duas décadas. No meio do caminho o *Powaqqatsi*, segundo da trilogia, dava seu recado, no final de década de 80: “vida em transformação”. E, diga-se de passagem, não são poucas, nem lentas, as mudanças na modernidade tardia. Daí a sensação de vertigem, de falta de controle sobre si mesmo, tão bem ilustrada na imagem da montanha-russa, que pode ser divertida (mais para frente, no mesmo “Intensive time”, na tela de um computador, um grupo desfruta de uma subida na montanha-russa: imagem colorida, sorrisos, mãos livres, buscando o céu). Mas pode ser assustadora – e incontrolável.

Essa mesma imagem da montanha-russa é utilizada por Nicolau Sevcenko, no livro *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*, para ilustrar a frenética relação entre as pessoas e as coisas (espaço, tempo, acontecimentos) na alta modernidade. Na alegoria proposta por Sevcenko, a vida na modernidade tardia seria um infundável alternar de altos e baixos. Nos altos, como na subida da montanha-russa, a sensação seria de euforia, de poder abraçar o mundo. Só que, nesse momento, “estendemos os braços, estufamos o peito, esticamos o

---

com as modificações feitas em 1998, na coletânea *Os verões da grande leitoa branca*, no ano 2000. | SNEGE, Jamil. A mulher-aranha. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 maio 1998. Caderno G, p. 6. | SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000. p. 7-12.

<sup>330</sup> NAQOYQATSI. *Life as war*. Godfrey Reggio. Burbank, CA: Miramax Films e Steven Soderbergh: Buena Vista Home Entertainment, [2002]. 89 min.: son., color.; DVD.

<sup>331</sup> A trilogia é composta por *Koyaanisqatsi: life out of balance* (1983), *Powaqqatsi: life in transformation* (1988) e *Naqoyqatsi: life as war* [2002].

pescoço, fazemos bico com os lábios para beijar o céu e...” despencamos ladeira abaixo:

...e de repente o mundo desaba e leva a gente de cambulhada. É o terror mais total. Não se pode nem pensar em como fazer para sair dali porque o cérebro não reage mais. O pânico se incorpora a cada célula e extravasa por todos os poros da pele. Não é que não se consiga pensar, não se consegue sentir também. Nos transformamos numa massa energética em espasmo crítico, uma síndrome viva de vertigem e pavor, um torvelinho de torpor e crispação. É o caos, é o fim, é o nada. (...) <sup>332</sup>

Isso até que outra subida comece ou até que se chegue ao *loop* da montanha-russa, quando nos abandonamos a girar como “ioiôs cósmicos”, nas palavras do autor, em uma imensidão alucinante e vazia, que nos engole com seu efeito amortecedor. Segundo Sevcenko, neste momento, está aprendida a lição da modernidade: “compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas. Aprendemos os riscos implicados tanto em se arrogar o controle dessas forças, quanto em deixar-se levar de modo apatetado e conformista por elas” <sup>333</sup>.

Será que aprendemos mesmo? Afinal, aprender a lidar com as *forças da modernidade* significa conseguir encontrar um certo grau de orientação no mundo moderno. Significa mais ser livre *de facto*, que *de jure*. E nesta louca corrida para o século 21, não sobra muito tempo nem espaço para *parar*, para *pensar*, ou mesmo para descobrir *quem se é*. Como afirma Zygmunt Bauman, para que o indivíduo *de jure* se torne indivíduo *de facto*, é preciso antes ser cidadão <sup>334</sup>. Mas a questão da cidadania, como vimos, está relacionada à individualização, e também à identidade, aspecto dos mais vertiginosos de nossa montanha-russa contemporânea.

Em seu ensaio traduzido para o português com o título *A identidade cultural na pós-modernidade* <sup>335</sup> (o título original é “The question of cultural identity”), Stuart Hall comenta a questão das múltiplas identidades. Não é que elas só passam a existir na modernidade tardia, ressalva ele. Mas, na atualidade, elas são aceitas com mais naturalidade. Não é mais preciso que as pessoas sejam apenas de um jeito, completamente definido e demarcado, para que sejam aceitas na sociedade.

<sup>332</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Virando séculos; 7). p. 12-13.

<sup>333</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>334</sup> BAUMAN, ZYGMUNT. *op. cit.*, p. 50.

<sup>335</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Como consequência, e isso é em muitos aspectos positivo, há espaço para mais tolerância, mais diferença, mais flexibilidade, mais ambigüidade e menos coerência.

Essa seria a síntese do que Hall chamou, quando publicou originalmente este ensaio em 1992, de *sujeito pós-moderno*. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”<sup>336</sup>, explica. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”<sup>337</sup>, acrescenta.

A literatura, claro, não poderia deixar de captar essas mudanças, a tal instabilidade do “eu”. Bauman cita como exemplo de percepção desses estados de espírito modernos, refletidos na leveza e na flexibilidade comportamentais, A *insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, como “o centro da tragédia do mundo moderno”. Outro exemplo utilizado pelo autor está em Italo Calvino que, segundo ele, ofereceu “a leveza e a velocidade (juntas!)” aos leitores, por meio de personagens inalcançáveis e fisicamente inatingíveis como o cavaleiro inexistente<sup>338</sup> – consideradas por Bauman “as mais plenas encarnações da eterna função emancipatória da arte literária”<sup>339</sup>.

---

<sup>336</sup> *Ibid.*, p. 12-13.

<sup>337</sup> Hall defende não passar de uma fantasia a identidade do sujeito do Iluminismo, aquele apresentado como um indivíduo totalmente centrado, unificado e coerente em consciência e ação. Entre o sujeito do Iluminismo e o sujeito pós-moderno, o cientista social lista mais um indivíduo: o sujeito sociológico, em que se passa a admitir a interação entre mundo exterior e interior na formação da identidade. A diferença do sujeito sociológico para o pós-moderno está na visão da perda de estabilidade do “eu” (a oscilação da montanha-russa), na possibilidade de uma identidade fragmentada, em um sujeito “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”. | *Ibid.*, p.10-13.

<sup>338</sup> Como tema, *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino, seria uma “brincadeira” com os romances de cavalaria, tendo por personagem principal um paladino de Carlos Magno. Mas o autor aproveita esse pano de fundo para levantar questões bastante próximas do leitor da alta modernidade, como o próprio cavaleiro inexistente e a sensação de confusão e perda de importância das instituições: “Ainda era confuso o estado das coisas do mundo, no tempo remoto em que esta história se passa. Não era raro defrontar-se com nomes, pensamentos, formas e instituições a que não correspondia nada de existente. E, por outro lado, o mundo pululava de objetos e faculdades e pessoas que não possuíam nome nem distinção do restante. Era uma época em que a vontade e a obstinação de existir, de deixar marcas, de provocar atrito com tudo aquilo que existe, não era inteiramente usada, dado que muitos não faziam nada com isso – por miséria ou ignorância ou porque tudo dava certo para eles do mesmo jeito – e assim uma certa quantidade andava perdida no vazio. (...)”. | CALVINO, Italo. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 31.

<sup>339</sup> BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 138.

Também a crônica, por sua sintonia com o cotidiano, lança o cronista como observador e *tradutor* em primeiro plano das vertigens, liberdades e pavores da modernidade. Um exemplo, que retrata bem essa incoerência de identidades da modernidade tardia, está no texto “O perigo vem da Ásia” de Jamil Snege, publicado originalmente na *Gazeta do Povo* em 1º de novembro de 1997<sup>340</sup> e depois na coletânea *Os verões da grande leitoa branca*, no ano 2000<sup>341</sup>.

De sua ligação com o cotidiano, então de 1997, esta crônica pode ser considerada suficientemente colada aos acontecimentos de seu tempo. Naquele ano, é importante lembrar, o mundo vivenciava os abalos em cascata da crise asiática, daí a atualidade do título, repetido, com ou sem variações, freqüentemente na época<sup>342</sup>. É interessante o exercício de texto feito pelo cronista a ponto de esvaziar de significados a frase-título, inicialmente tão cheia de alarme, tornando-a um lugar comum para proteção do “eu”, diante das fragmentações de personalidade e dos dramas interiores que encontram espaço na modernidade tardia.

Na crônica, somos introduzidos no universo de um albergue para pessoas sem-teto, em que “seu Honório” passa as noites em companhia dos demais carentes e da irmã Brígida, zelosa responsável pelo local. Já levantando a questão da identidade, seu Honório se apresenta da seguinte forma: “Quem sou eu nesta nau de desvalidos?”<sup>343</sup>. A resposta vem em seguida: “Um homenzinho limpo, com seu saco de aniagem. Um aposentado, talvez, rejeitado pelos filhos.

<sup>340</sup> SNEGE, Jamil. O perigo vem da Ásia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º nov. 1997. Caderno G, p. 6.

<sup>341</sup> SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000. p. 27-31.

<sup>342</sup> A chamada “crise da Ásia” ou “crise asiática” foi uma crise financeira que atingiu em cascata as economias emergentes asiáticas, conhecidas então como “tigres asiáticos” (Tailândia, Malásia, Indonésia, Filipinas e Coréia do Sul). O economista Otaviano Canuto explica que “o gatilho da crise foi o anúncio, em 2 de julho de 1997, de que o baht, moeda tailandesa, passaria a flutuar, ao que se seguiu sua desvalorização imediata em 15%. (...) Em menos de dois meses, Filipinas, Malásia e Indonésia desistiram da defesa de suas moedas, também sofrendo depreciações substantivas. (...) / A Coréia do Sul foi o último estágio da crise de 1997, com uma queda de 25% em sua moeda durante o mês de novembro, a qual abriu nova onda de desvalorização em massa”. Tal crise atingiu o mundo todo, com efeitos drásticos no Brasil, também economia emergente e que, então, consolidava seu Plano Real. A crônica de Snege data justamente do momento de eclosão da crise no País. Reportagem da *Folha de São Paulo* dá conta de que a crise asiática estourou no Brasil no final de outubro de 1997. Em 23 de outubro, “o risco brasileiro ainda estava em 374 pontos, poucos dias antes de a crise asiática contaminar a avaliação de todos os demais países emergentes. Na época, em apenas seis dias de negociações, o risco Brasil [avaliação de risco para investimentos financeiros no País] saltou de 374 pontos para 656”. | CANUTO, Otaviano. A crise asiática e seus desdobramentos. *Econômica*, n. 4. p. 25-60, dez. 2000. Disponível na internet: [www.uff.br/cpgeconomia/v2n2/3-otaviano.pdf](http://www.uff.br/cpgeconomia/v2n2/3-otaviano.pdf). Consultado em 21 maio 2006 – 15:54. | NETO, Epaminondas. Brasil tem menor taxa de risco desde a crise da Ásia. *FolhaOnline*, 1º dez. 2004. Disponível na internet: [www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u91306.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u91306.shtml). Consultado em 21 maio 2006 – 15:42.

<sup>343</sup> SNEGE, Jamil. O perigo vem da Ásia. *op. cit.*, p. 6.



Roupa surrada, porém serzida e asseada. Seu Honório, pede irmã Brígida, e confia-me a distribuição dos pães e dos canecos de sopa. Nunca perguntou-me nada, pois o drama de cada um a cada um pertence”<sup>344</sup>.

Aí estão alguns aspectos da modernidade tardia: isolamento, individualidade respeitada, distanciamento (apesar de todos juntos), possibilidades (e não determinações) de *ser*, das identidades possíveis. A crônica, então, começa a dar uma virada. Essas identidades do Honório sem-teto, do Honório prestativo no albergue, do Honório de roupa surrada, porém, limpa parecem não ser as únicas possíveis para nosso personagem. Há mais. E a revelação disso vem a partir da descrição do albergue e das demais identidades passíveis de serem encontradas nesse espaço para *desvalidos*:

Há uma estranha lógica nessas reuniões, um entendimento que se sobrepõe às nossas diferenças. O pobre rapaz drogado é cúmplice do ex-pastor, bocas desdentadas dialogam com dentes absolutamente perfeitos, todas as noites um louco me entrega uma bolacha redonda com hieróglifos desenhados e recomendação de que não devo comê-la sob risco de quebrar o encantamento do universo. Já levei algumas dessas bolachas à Suíça, já as deixei espalhadas na toalete de um avião em Taipei. Já tentei trocá-las com o aturdido caixa de um cassino em Atlantic City. Aos pés do grande Buda de Bangkok, um desses discos é admirado com desconfiança e respeito por peregrinos e turistas.<sup>345</sup>

E aí começa a se apresentar, assim, mais uma identidade de nosso personagem: alguém que viaja bastante, e, aparentemente, não é assim tão carente de recursos, já que freqüenta cassinos mundo afora. Também nesse trecho encontramos uma referência à globalização e, até pela naturalidade como os lugares são enumerados por seu Honório, à forma como parece que tudo pode estar tão perto de nós na alta modernidade (nova dimensão para as relações tempo-espaço). Outra questão contemporânea tratada aqui é a dos signos, a partir da bolacha com hieróglifos, e seu deslocamento, conforme análise de Anthony Giddens vista na seção anterior.

A identidade de um bem-sucedido executivo do mercado financeiro começa a se configurar:

Sempre que deixo o albergue, pela manhã, caminho incógnito até o pequeno apartamento de fundos que aluguei próximo ao centro financeiro. Lá troco de roupa e saio a visitar os bancos, onde sou invariavelmente interceptado pelos gerentes. Oferecem-me um café forte, muito diferente do pobre café aguado de irmã Brígida, e exibem-me os resultados de

---

<sup>344</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>345</sup> *Ibid.*, p. 6.

minha carteira de ações. Hoje eles estão tensos, houve uma queda vertiginosa nos índices Dow Jones e Nikkei, a Bolsa de Hong Kong arrastou o mercado para o fundo. Finjo que me preocupo, recomendo-lhes maior empenho, ameaço liquidar minha carteira, transferir meus investimentos para outros agentes.<sup>346</sup>

Nesse “finjo que me importo”, Jamil Snege começa a desmontar a idéia de um “perigo” tão exterior e distante, quando se lida com as questões internas da identidade contemporânea, assim como os disfarces e proteções com que nos revestimos na modernidade tardia.

O perigo vem da Ásia, desculpa-se o gerente, um brilho servil nos caninos amarelados. Sim, o perigo vem da Ásia, repito num tom dubio, enquanto ele me acompanha até a porta. Vou caminhando para o escritório, reunindo forças para enfrentar os argentinos, o almoço com o senador da CPI, o vôo de logo mais para falar a uma platéia de mulheres de negócios. No bolso do paletó, a última bolacha, uma espécie de software – eu e o louco sabemos – cuja função é programar a máquina do universo para mais um dia inútil.<sup>347</sup>

Esse sentimento de desperdício, de inutilidade dos dias, das ações, tão marcante na atualidade<sup>348</sup>, se cruza com a relação na modernidade tardia com o espaço, como vimos, hoje tão fragmentado quanto o tempo. Faz referência também às decisões do sujeito relacionadas à condução de sua vida na modernidade tardia. Em outras palavras, àquelas decisões que, antes de tudo, afetam a auto-identidade. Enfim, a crônica que vimos há pouco trata do que Anthony Giddens chama de “política-vida”, fenômeno característico da alta modernidade.

Para Giddens, a política-vida tem a ver, antes de tudo, com uma política de escolha, sendo assim, “diz respeito principalmente às condições que nos libertam para que possamos escolher”<sup>349</sup>. Como trata de escolha, a política-vida relaciona-se com o conceito de *liberdade* e, assim, toma emprestadas algumas características do que Giddens chama de “política emancipatória”. Mas, na prática, ambas diferem entre si, alerta o autor<sup>350</sup>.

---

<sup>346</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>347</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>348</sup> “O voluntarismo do ‘futuro radiante’ foi sucedido pelo ativismo gerencial, uma exaltação da mudança, da reforma, da adaptação, desprovida tanto de um horizonte de esperanças quanto de uma visão grandiosa da história. Por toda a parte, a ênfase é na obrigação do movimento, a hipermudança sem o peso de qualquer visão utópica, ditada pelo imperativo da eficiência e pela necessidade de sobrevivência. Na hipernovidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela ‘evolução’: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais”, analisa Gilles Lipovetsky. | LIPOVETSKY, Gilles. *op. cit.*, p. 57.

<sup>349</sup> GIDDENS, Anthony. *op. cit.*, p. 197.

<sup>350</sup> *Ibid.*, p. 194.

A política emancipatória se aproximaria do que Zygmunt Bauman chama de liberdade *de jure* – que, segundo o sociólogo, foi se tornando uma conquista da modernidade. A política emancipatória seria assim aquela liberdade capaz de oferecer mobilidade social, mas que, ao mesmo tempo propõe amarras como o pertencimento à comunidade e um estado de autovigilância constante (uma vez que todos os resultados e ações passam a ser responsabilidade exclusiva de cada indivíduo). Na explicação de Anthony Giddens, “a política emancipatória opera com uma noção hierárquica do poder – ele é entendido como a capacidade de um indivíduo ou grupo exercer sua vontade sobre os outros”<sup>351</sup>. Seria ainda uma proposta de emancipação contida, dentro dos limiares bastante sólidos da vida social<sup>352</sup>.

Já a política-vida seria uma liberdade mais de acordo com a fluidez da modernidade tardia. Segundo Giddens, herda da política emancipatória maior liberdade quanto à rigidez da tradição hierárquica, mas, sintonizada com seu tempo, traz implícita questões mais *pessoais*: “a política-vida refere-se a questões políticas que fluem a partir dos processos de auto-realização em contextos pós-tradicionais, onde influências globalizantes penetram profundamente no projeto reflexivo do eu e, inversamente, onde os processos de auto-realização influenciam as estratégias globais”<sup>353</sup>.

Seria assim, novamente, e como tudo o mais na alta modernidade, uma questão também de tempo e espaço. Para Giddens, uma marca da modernidade é o fato de ser cada vez menos necessário que um acontecimento local tenha todos seus elementos em cena. Do mesmo modo, as decisões de nossa política-vida têm crescentemente efeitos planetários. Nesse contexto, os “mecanismos de desencaixe”, os conjuntos simbólicos que permitem a troca de informações nos mais diferentes tempos/espacos, ganham importância.

A política-vida – a política de escolha – e as demais situações nela implicadas acabam por levar as pessoas a viverem dentro do que Giddens opta por chamar de *estilo de vida*. Diz ele que “nas condições da alta modernidade,

---

<sup>351</sup> *Ibid.*, p. 195.

<sup>352</sup> “Como a política emancipatória cuida acima de tudo de superar relações sociais exploradoras, desiguais ou opressivas, sua principal orientação tende a ser mais de divergência – “afastar-se de” – que de convergência – “ir em direção a”. Em outras palavras, a natureza real da emancipação tem pouco conteúdo, salvo a capacidade dos indivíduos ou grupos de desenvolverem suas potencialidades dentro dos quadros das limitações comunitárias”. | GIDDENS, Anthony. *op. cit.*, p. 196.

<sup>353</sup> *Ibid.*, p. 197.

não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo – não temos escolha senão escolher”<sup>354</sup>. Essas escolhas dizem respeito às práticas que cada pessoa adota para seu dia-a-dia, não necessariamente porque precisa de todas elas, mas porque a escolha de tais práticas ajuda a dizer *quem essa pessoa é* – o estilo de vida ajuda a moldar a narrativa particular da auto-identidade.

O modo de vida do indivíduo como discurso, como forma de defini-lo na modernidade tardia, teria estreita relação com o deslocamento das noções “sólidas” de espaço da primeira modernidade. Na proposta de Giddens as transformações na auto-identidade e a globalização “são os dois pólos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade”<sup>355</sup>.

A relação com o espaço, com o entorno imanente ou virtual, apresenta-se assim como uma das questões fundamentais da modernidade tardia. Mas como se daria tal relação? Como as pessoas lidam com o lugar onde habitam e como esse espaço participa de sua auto-identidade?

Quando se fala em espaço, na modernidade tardia, vale lembrar que esse costuma ser um conceito permeado pela idéia de *segurança* (ou falta dela). A esse respeito, Zygmunt Bauman aborda em seu *Modernidade Líquida* um termo interessante – “espaços vazios”, de acordo com o autor, proposto pelos teóricos Jerzy Kociatkiewicz e Monika Kostera.

“Espaços vazios” da alta modernidade seriam lugares esvaziados de *significado* – “não que sejam sem significado porque são vazios: é porque não têm significado, nem se acredita que possam tê-lo, que são vistos como vazios (melhor seria dizer não-vistos). Nesses lugares que resistem ao significado, a questão de negociar diferenças nunca surge: não há com quem negociá-las”<sup>356</sup>.

Seriam assim, espaços que *sobram* depois da organização dos espaços de poder da modernidade. Bauman os chama de “não-lugares” ou “lugares não-colonizados”, que devem sua existência à confusão do mundo moderno.

Na relação com o universo urbano, esses *espaços vazios* mudam de acordo com os referenciais e os discursos que cercam os habitantes da cidade. Bauman dá como exemplo uma viagem que fez a uma cidade no Sul da Europa.

---

<sup>354</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>355</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>356</sup> BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 120.

Quando chegou, foi recebido por uma pessoa de família rica, que levou quase duas horas para conduzi-lo ao hotel. Ela se desculpou: não havia muitos atalhos para evitar o tráfego pesado daquele percurso. Na volta do hotel, o autor conta ter tomado um táxi, que em menos de dez minutos chegou ao aeroporto.

A diferença é que o taxista passou por regiões pobres da cidade, existentes para ele, vazias para a pessoa que o pegou no aeroporto. “A ênfase de minha guia em que não havia como evitar o tráfego do centro da cidade não era mentira. Era sincera e adequada a seu mapa mental da cidade em que tinha nascido e sempre vivera. (...) No mapa mental de minha guia, no lugar em que essas ruas deveriam ter sido projetadas havia, pura e simplesmente, um espaço vazio”<sup>357</sup>, ilustra Bauman.

Esse seria um reflexo das transformações nos modos de vida ao longo da modernidade com relação ao uso do espaço urbano e das interações com ele possíveis. Uma delas, bastante freqüente na modernidade tardia é, inclusive, a não-interação, alternativa oferecida por condomínios e prédios ultra-seguros que seguem evoluindo até se tornarem verdadeiras fortalezas, capazes de transformar quase que a totalidade da urbe em um não-lugar. Ao comentar o projeto de um arquiteto (George Hazeldon) de construir uma cidade-fortaleza nas proximidades da Cidade do Cabo, Zygmunt Bauman diz que “se você puder se dar ao luxo de comprar uma casa em Heritage Park, pode passar boa parte de sua vida afastado dos riscos e perigos da turbulenta, hostil e assustadora selva que começa logo que terminam os portões da cidade”<sup>358</sup>.

O tema contemporâneo do estilo de vida do não-lugar, com relação ao corpo da cidade, está registrado em uma crônica de Jamil Sene: “O paraíso do Fernandinho”, de 3 de outubro de 1998<sup>359</sup>. Nesta crônica, Sene comenta a visita ao corretor de seguros Fernando Wagner de Abreu Duarte em sua nova casa, em um condomínio em Santa Felicidade. A própria escolha do personagem migrante como um corretor de seguros – alguém que *vende segurança* aos consumidores-cidadãos da modernidade tardia – já soa como uma brincadeira com relação ao desejo de amparo do ser humano nos dias de hoje. O cronista abre a crônica

---

<sup>357</sup> *Ibid.*, p. 121.

<sup>358</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>359</sup> SENE, Jamil. O paraíso do Fernandinho. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 out. 1998. Caderno G, p. 8. Disponível também em SENE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 33-35.

falando de seu “Fernandinho”<sup>360</sup> e, devagar, cria o clima de *paraíso* do condomínio, onde de modo algum poderia faltar um céu azul, além de *plátanos* a fazer sombra.

Meu amigo Fernandinho, ou melhor, Fernando Wagner de Abreu Duarte convidou-me para conhecer sua nova casa num condomínio fechado de Santa Felicidade. Um paraíso, ele antecipa, os olhos vidrados de êxtase.

Domingo de tarde, céu azul, lá vou eu rumo ao paraíso. Os guardas da portaria me confirmam pelo interfone e um deles avisa: é a quinta casa à direita, **tem um pavão pintado no vidro** [grifo meu]. Entro por uma alameda sombreada à procura do pavão e dou de cara com Fernandinho eriçando suas plumas hospitaleiras. Não precisa chavar o carro, ele sugere: pode inclusive deixar os vidros abertos. Reluto, mas obedeco. Dou uma olhada ao redor e só vejo seres angelicais; garotos andando de bicicleta, senhoras pastoreando cães, um velhinho lendo jornal à sombra de um plátano. Não deve ser um plátano, mas tanto faz: é o único nome de árvore que me ocorre no momento.<sup>361</sup>

Traçado o panorama paradisíaco, Snege aborda uma outra questão, de interesse dos estudiosos da alta modernidade: a noção de *comunidade* como utopia dos tempos modernos tardios.

Fernandinho traz uma cerveja e sentamo-nos na varanda. Aproveito para perscrutar a vizinhança. Além das personagens já descritas, descubro um cidadão lavando um carro, uma garota de patins, um casal de namorados deslizando rua abaixo. Estranhamente, todos têm o mesmo sorriso. Olho para Fernandinho e ele me olha estranhamente, com um sorriso idêntico. **Concluo que é um sorriso exclusivo dos moradores do condomínio, um sinal de perene bem-aventurança que os distingue do restante dos mortais** [grifo meu]. Deve ter sido entregue pelo incorporador junto com as chaves e imediatamente afixado no rosto. Um sorriso aberto para ser usado apenas em condomínios fechados.<sup>362</sup>

Um sorriso *aberto* em um condomínio *fechado* – assim o cronista Jamil Snege percebe a ilusão comunitária e a falsa sensação de segurança tão ansiadas na modernidade tardia. As *pequenas cidades* construídas dentro dos grandes centros urbanos da contemporaneidade só confortam quando excluem. Com relação à idéia de comunidade – captada por Snege como o sorriso de distinção dos habitantes do condomínio dos demais mortais – Zygmunt Bauman diz que “é, hoje, a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o

<sup>360</sup> Aí é interessante notar a questão exposta no Capítulo 1, da presença, mesmo implícita, de Curitiba, na crônica de Jamil Snege, visto que o personagem, que ele nomeia com sobrenome no primeiro parágrafo, deve ser conhecido dos leitores curitibanos, como uma dica de aproximação com o local. De fato, Jamil Snege dá a pista de que Fernando Wagner de Abreu Duarte seria um personagem empírico justamente por fornecer seu nome completo, em um texto caracterizado por crônica, publicado no jornal local. Em uma pesquisa na internet, descobre-se então que o personagem exerce a atividade profissional de corretor de seguros e, então, participava das atividades do Instituto de Ciência e Fé, em Curitiba, além de ter recebido homenagens ao longo do tempo por variados motivos relacionados a atividades exercidas em Curitiba. | INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ. [www.cienciaefe.org.br/OnLine/veiculos.htm](http://www.cienciaefe.org.br/OnLine/veiculos.htm). jan. 2002. Consultado em 26 dez. 2005 – 10:53.

<sup>361</sup> SNEGE, Jamil. O paraíso do Fernandinho. *op. cit.*, p. 8.

<sup>362</sup> *Ibid.*, p. 8.

que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores (...). Pois a utopia da harmonia reduziu-se, realisticamente, ao tamanho da vizinhança mais próxima”<sup>363</sup>. Tal observação vai ao encontro das percepções de Anthony Giddens a respeito da política emancipatória e da comunidade como uma entidade que impõe limite – e certo tipo de ordem – à vida em liberdade dos viventes contemporâneos.

Cabe ressaltar aqui que, nesse movimento de busca de *segurança* na alta modernidade, a imposição de *ordem e limite*, diante de uma política-vida em que se devem fazer escolhas o tempo todo, parece ser desejada. Esse seria um movimento notado por Gilles Lipovetsky na alta modernidade, para ele, “hipermodernidade”. De acordo com Gilles, em um primeiro momento, que seria o de “pós-modernidade” para ele, houve uma febre de deslumbramento para com a modernidade, marcado pelo sentimento de alívio pela libertação das amarras institucionais e do ser, e por um desejo intenso de aproveitar a vida presente, com claras tendências a um comportamento hedonista. Nesta fase, da tal *hipermodernidade*, já não seria mais assim.

Essa nova fase da modernidade – a mesma que, como vimos, faz um resgate do passado para uso social – é caracterizada por um certo desencanto com relação à euforia do que alguns admitem como “pós”. Pois na hipermodernidade, para Lipovetsky, o impulso de viver intensamente o presente é desmistificado pela necessidade de ter garantias, diante de um mundo inseguro em vários aspectos (incluindo o de garantia de renda), em que o futuro se torna mais imprevisível do que nunca. Nesse contexto, religião e comunidade reapresentam suas credenciais no jogo moderno. “No universo incerto, caótico, atomizado da hipermodernidade, cresce também a necessidade de unidade e de sentido, de segurança, de identidade comunitária – é a nova chance das religiões”<sup>364</sup>, analisa. O desejo de cercar-se de segurança, de solidez, no mundo líquido, seria assim de certa forma resgatado<sup>365</sup>.

<sup>363</sup> *Ibid.*, p. 108.

<sup>364</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *op. cit.*, p. 94.

<sup>365</sup> “O alívio é substituído pelo fardo, o hedonismo recua ante os temores, as sujeições do presente se mostram mais fortes que a abertura de possibilidades acarretada pela individualização da sociedade. De um lado, a sociedade-moda não pára de instigar aos gozos já reduzidos do consumo, do lazer e do bem-estar. De outro, a vida fica menos frívola, mais estressante, mais apreensiva. (...) É com os traços de um composto paradoxal de frivolidade e ansiedade, de euforia e vulnerabilidade, que se desenha a modernidade do segundo tipo. Nesse contexto, o rótulo pós-moderno, que antes anunciava um nascimento, tornou-se um vestígio do passado, um ‘lugar da memória’”. *Ibid.*, p. 64-65.

Na visão de Lipovetsky, para quem, assim como Bauman ou Giddens, o momento atual seria uma segunda fase da modernidade, a contemporaneidade estaria alicerçada em três máximas: o mercado, a eficiência técnica e o indivíduo. Sua combinação resultaria em uma sociedade de extremos (daí *hiper*), em que:

Para lutar contra o terrorismo e a criminalidade, nas ruas, nos shopping centers, nos transportes coletivos, nas empresas, já se instalam milhões de câmeras, meios eletrônicos de vigilância e identificação dos cidadãos: substituindo-se à antiga sociedade disciplinar-totalitária, a sociedade da hipervigilância está a postos. A escalada paroxística do “sempre mais” se imiscui em todas as esferas do conjunto coletivo.<sup>366</sup>

Essa busca por segurança (ou por *menos insegurança*), na observação de Lipovetsky, oscila com a postura desregrada proposta pela sociedade *hiper*.

Delineiam-se duas tendências contraditórias. De um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas e sanitárias. De outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental. O hipercapitalismo se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico. No universo funcional da técnica, acumulam-se os comportamentos disfuncionais. (...) Por meio de suas operações de normatização técnica e desligação social, a era hipermoderna produz num só movimento a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação.<sup>367</sup>

Se algo se *consolidou*, dessa forma, na modernidade líquida, foi o *espírito de contradição*, que já se delineava mesmo na primeira modernidade. Hiperindividualidade, na visão de Lipovetsky, política-vida (na medida em que qualquer ato – ou não-ato – representa escolhas com implicações locais e globais), no modo de ver de Giddens. Em um ou outro caso o excesso de valor do técnico, nos mais variados âmbitos, e do ser individual impedem um exercício ideológico-político da sociedade (retornamos à questão de Zygmunt Bauman da dificuldade do indivíduo *de jure* tornar-se cidadão).

Dessa forma, a sociedade contemporânea, na explicação de Gilles Lipovetsky, não se realiza pelo posicionamento, mas pela hiperexposição de fatos e espaços de trânsito da modernidade tardia, incluída aí a urbe. “A primeira modernidade era extrema por causa do ideológico-político; a que chega o é aquém do político, pela via da tecnologia, da mídia, da economia, **do urbanismo**

<sup>366</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *op. cit.*, p. 55.

<sup>367</sup> *Ibid.*, p. 55-56.



[grifo meu], do consumo, das patologias individuais”<sup>368</sup>. A cidade, sendo assim, mais que um lugar característico da modernidade, é o local onde a alta modernidade se afirma como tal, nas relações, nas aparências e nas distribuições dos espaços de poder e autoridade.

Nicolau Sevcenko evoca a imagem de *controle tecnológico* para exemplificar as relações entre as pessoas e as cidades na alta modernidade, em que a vida impregnada de tecnologia acaba por interferir no comportamento cotidiano. “Nessa sociedade altamente mecanizada, são os homens e mulheres que devem se adaptar ao ritmo e à aceleração das máquinas, e não o contrário”, diz. Com relação aos modos de viver a urbe na atualidade, ele defende que:

Toda essa vasta população, portanto, tem sua vida administrada por uma complexa engenharia de fluxos, que controla os sistemas de abastecimento de água corrente, esgotos, fornecimentos de eletricidade, gás, telefonia e transportes, além de planejar as vias de comunicação, trânsito e sistemas de distribuição de gêneros alimentícios, de serviços de saúde, educação e segurança pública. Assim, numa metrópole tudo se insere em sistemas de controle, até o passo com que as pessoas se movem nas ruas, dependente da intensidade dos fluxos de pedestres e do trânsito dos veículos, de forma que se alguém for mais lento do que seus circunstantes, ou será chutado, acotovelado e pisado ou, se não atravessar a via expressa num rabo de foguete, terminará debaixo de algum veículo desembestado.<sup>369</sup>

Liberdade e controle, ambos em excesso – este parece ser o maior paradoxo da alta modernidade. Queremos ser livres, gostamos de escolher, mas tememos o futuro, as conseqüências de nossas escolhas e o fracasso como responsabilidade individual. Trabalhamos para ter recursos para comprar o que quisermos, e transitar nos locais de nossa preferência, enfim, sermos livres. Mas utilizamos esses mesmos recursos para, com orgulho, ostentarmos nossa chave de pertencimento a um condomínio (nosso *sorriso aberto em condomínio fechado*). No espaço onde moramos, quanto mais controle, melhor.

Retomando a crônica “O paraíso do Fernandinho”<sup>370</sup>, nosso desenho da vida em condomínio assinado por Jamil Snege, temos direito à visão do outro lado da contradição contemporânea *hipersegurança-subliberdade* traduzida nas interações com o espaço urbano. Após apresentar o paraíso de céu azul e sorriso-padrão dos moradores de condomínio, a partir da visita a seu amigo corretor de seguros, Snege propõe um divertido desmoronamento dessa imagem

<sup>368</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *op. cit.*, p. 56.

<sup>369</sup> SEVCENKO, Nicolau. *op. cit.*, p. 62.

<sup>370</sup> SNEGE, Jamil. O paraíso do Fernandinho. *op. cit.*, p. 8.

artificial de bem-estar, trazendo para o espaço seguro do condomínio o *outro lado* da realidade urbana.

O cronista começa por construir uma distinção, a partir do sorriso, entre aqueles que vivem dentro do condomínio e aqueles que, como o narrador, vivem fora. Ao abordar o encontro com um vizinho de “Fernandinho”, o narrador comenta: “Trocamos amabilidades mas ele percebe, pelo meu sorriso, que sou um tenso habitante extramuros; não consigo sorrir com a mesma amabilidade”<sup>371</sup>. Ao se perceber diferente, o narrador também se descobre entediado com tanta paz e, para fugir do tédio, começa a imaginar situações “excitantes” para o condomínio de Fernandinho:

(...) Primeiro, deixaria entrar dois ou três trombadinhas; o velhinho à sombra do plátano seria um ótimo teste de estréia para eles. Em seguida, transformaria a casa diante da qual o tal sujeito lava o Vectra num boteco apinhado de bêbados. Um carro com policiais atirando podia muito bem substituir a moça de patins. Os garotos das bicicletas seriam surpreendidos por um ladrão de bicicletas, que invadiria o condomínio na garupa de uma moto.

O casal de namorados seria arrancado de seu idílio pela chegada intempestiva de um terceiro elemento: o noivo traído, querendo resolver a questão a faca. (...) Para completar o clima de normalidade, Fernandinho discutiria com o vizinho e enfiaria a furadeira ligada em seu umbigo. Ou a moto-serra, pois até agora não sei que objeto o outro veio tomar emprestado.

Preso o tarado da moto-serra, socorrida a mulher abocanhada pelos cães (...) eu iria tranqüilamente embora sem me dar conta do roubo do meu toca-fitas. Com a fuga do ladrão de bicicletas e dos trombadinhas, os bêbados voltariam a seus copos com um brilho de **paz verdadeira** [grifo meu] nos olhos aquosos.<sup>372</sup>

Paz verdadeira nos olhos, em lugar de sorriso controlado na boca dos condôminos. Essa é a visão possível do cronista a respeito da dualidade moderna, expressa no discurso citadino para quem estiver disposto a ler as mensagens da urbe. A contradição é reforçada no trecho de encerramento da crônica:

Antes de passar pelo portão dos guardas, eu prestaria uma última homenagem ao condomínio do Fernandinho: a derrubada de todos os muros. **Seria o primeiro condomínio fechado aberto do mundo** [grifo meu]. Fernandinho jamais me convidaria novamente. E eu passaria meus domingos lendo Jorge Luis Borges, para ver se aprimorava meu estilo.<sup>373</sup>

<sup>371</sup> SNEGE, Jamil. *op. cit.*, p. 8.

<sup>372</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>373</sup> *Ibid.*, p. 8.

Um *condomínio fechado aberto* – uma proposta, talvez, de encarar sem máscaras a *liberdade de jure*, advento da modernidade tardia, na metáfora do condomínio. Não à toa, talvez, ao propor “a derrubada de todos os muros”, Snege se lembra de Borges, que escreveu no poema “Laberinto”:

No habrá nunca una puerta. Estás adentro  
Y el alcázar abarca el universo  
Y no tiene ni anverso ni reverso  
Ni externo muro ni secreto centro.  
(...)<sup>374</sup>

Está aí, nossa modernidade tardia. Cercada, porém sem muros, hiperexposta apesar dos vários simulacros que buscam resguardar espaços e sensação de segurança. Somos controlados, mecanizados pelos variados controles de fluxo a que nos submetemos no dia-a-dia. Temos a liberdade de exercer múltiplas identidades e o peso das conseqüências derivadas a cada passo dado, em um mundo que tende à desregulamentação em seus aspectos mais centrais. A cidade se apresenta como espaço de trânsito, espaço virtual, espaço de consumo, espaço de afirmação do “eu”, espaço do não-lugar, espaço do exercício de nossas escolhas.

E o tempo? O tempo, já faz um bom pedaço, nem sempre se encontra com o espaço. Temos na cidade, em interação, espaços de presente, de futuro e de memória, mesclados ao que acontece aqui-agora, ao just-in-time, ao *delivery*, ao 24 horas, ao 36 horas (!), aos vários fusos-horários, aos tempos de deslocamento, aos tempos das conversas telefônicas, aos tempos de chegada e de partida entre um país e outro (perdem-se, ganham-se dias), aos tempos de trabalho, de negociações. Celulares ligados de madrugada – prontos para uma chamada do trabalho, ou do amor, ou do entretenimento (nunca se sabe o que se pode perder) – e-mail, *messenger*, salas de bate-papo com hora marcada. Encontros deslocados, mas pontuais. Encontros sem hora, mas no local marcado. Difícil saber se chegamos cedo ou tarde demais. Com sorte, até estaremos no lugar certo. Na hora certa? Esta – estar no lugar certo, na hora da certa – vem se tornando uma das máximas mais relativas da alta modernidade.

---

<sup>374</sup> BORGES, Jorge Luis. *Obras completas 1923-1972* / edição dirigida e realizada por Carlos V. Frías. Buenos Aires: Emecé Editores, 1987. p. 986.

Em sua crônica “Sob um céu de tempestade”<sup>375</sup>, que vimos na Introdução deste trabalho, Jamil Snege – ou o cronista-personagem Jamil Snege – comenta: “Só sei que não pertenço a esse tempo, que cheguei, simultaneamente, cedo e tarde demais”. Tal sensação de *deslocamento*, temporal e espacial, parece ser, mais que uma marca da modernidade tardia, uma herança da primeira modernidade.

## 2.2 MEMÓRIA. CIDADE DOS NOSSOS EXÍLIOS

Curitiba é a cidade que *ladra para a lua da memória*, para Jamil Snege. Curitiba é a cidade que *foi não é mais*, para Dalton Trevisan. Curitiba como a cidade do não-reconhecimento, tal qual a Lisboa de Fernando Pessoa, por meio de seu heterônimo Álvaro de Campos. “Estrangeiro aqui como em toda parte”, assim se vê Pessoa em “Lisbon revisited”<sup>376</sup>, versão de 1926<sup>377</sup>. “Bicho daqui não sou/no exílio sim (...)”<sup>378</sup>, vê-se Dalton Trevisan em sua *Curitiba Perdida*. “Auto-exilado em si mesmo”, descreve-se Jamil Snege.

Pois então que a Curitiba de Jamil, a Curitiba de Dalton e a Lisboa de Pessoa se encontram? A relação entre Dalton Trevisan, “Curitiba revisitada”, e Fernando Pessoa, com os dois poemas “Lisbon revisited”, é analisada por Anamaria Filizola no ensaio “Pessoa precursor de Dalton: a cidade revisitada”<sup>379</sup>. Nesse texto, Filizola analisa os textos de Dalton reunidos na coletânea *Em busca de Curitiba perdida*<sup>380</sup> e os pontos de diálogo, a começar pelo título, entre “Lisbon revisited”, as duas versões, e “Curitiba revisitada”. “A leitura que se faz sob o

<sup>375</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 set. 1997. Caderno G, p. 2.

<sup>376</sup> CAMPOS, Álvaro de [Fernando Pessoa]. Lisbon revisited (1926). In: PESSOA, Fernando. *Obras completas de Fernando Pessoa: poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1958. (Coleção poesia; v. II). p. 247-249.

<sup>377</sup> Há dois poemas de autoria do heterônimo Álvaro de Campos com o título “Lisbon revisited”, um de 1923 e outro de 1926. A esse respeito, no artigo “Pessoa precursor de Dalton: a cidade revisitada”, Anamaria Filizola faz a seguinte reflexão: “Fernando Pessoa não chegou a publicar os poemas de Campos em livro. Como é sabido, apenas alguns de seus poemas foram publicados esparsamente em revistas da época. A reunião póstuma dos poemas atribuídos a Campos não revela, pois, a vontade de Pessoa (...). Talvez só um fosse publicado, o de 1926, quem sabe?; talvez um deles tivesse o título mudado. Mas nunca poderemos saber. (...)”. | FILIZOLA, Anamaria. Pessoa precursor de Dalton: a cidade revisitada. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.). *O imaginário da cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 111-136. | p. 130-131.

<sup>378</sup> TREVISAN, Dalton. Curitiba revisitada. In: \_\_\_\_\_. *Em busca de Curitiba perdida*. 1. ed. 4. tir. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 85-90.

<sup>379</sup> FILIZOLA, Anamaria. *op. cit.*, p. 111-136.

<sup>380</sup> TREVISAN, Dalton. Curitiba revisitada. *op. cit.*

signo da citação é como um jogo. O texto que cita o outro se oferece ao leitor como um hipertexto com links para o texto primeiro<sup>381</sup>, comenta Filizola que, mais adiante, reproduz os pontos de contato de um e de outro texto:

*Não me venham com conclusões,  
 Não me tragam estéticas  
 Não me falem em moral!*<sup>382</sup>  
 não me façam rir senhores  
 não me toca essa glória dos fogos de artifício  
 não me venham com terrorismo ecológico...<sup>383</sup>  
*Não me peguem no braço!*  
*Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.*<sup>384</sup>  
 por favor não me dê a mão  
 não gosto que me peguem na mão<sup>385</sup>  
*Outra vez te revejo,*  
*Mas, aí, a mim não me revejo!*<sup>386</sup>  
 Não te reconheço Curitiba a mim já não conheço  
 A mesma não é outro não sou<sup>387</sup>  
 (...) <sup>388</sup>.

A crônica de Jamil Snege intitulada “A cidade de nossos exílios”<sup>389</sup>, publicada originalmente no jornal *Gazeta do Povo* em 17 de outubro de 1999, acaba por se encontrar (na temática de uma cidade existente apenas na memória e na referência a Fernando Pessoa e sua cidade-inspiração) com os poemas “Lisbon revisited” de Pessoa/Campos e, assim, com a “Curitiba revisitada” de Dalton<sup>390</sup>. Nos quatro textos referidos (são dois os “Lisbon revisited”) há a ideia de uma cidade que já não é localizável no tempo de vivência da escritura. E esse não-reconhecimento da cidade resulta em não-reconhecimento próprio, ou, nas palavras de Jamil, no auto-exílio em si mesmo.

Em “A cidade de nossos exílios” Jamil Snege, o cronista-personagem, revisita Lisboa por meio de três guias de viagem enviados por um amigo “auto-

<sup>381</sup> FILIZOLA, Anamaria. *op. cit.*, p. 131.

<sup>382</sup> CAMPOS, Álvaro de [Fernando Pessoa]. *Libon revisited* (1923). In: PESSOA, Fernando. *Os melhores poemas de Fernando Pessoa* / seleção de Teresa Rita Lopes. 11. ed. São Paulo: Global, 2003. (Os melhores poemas). p. 105-106.

<sup>383</sup> TREVISAN, Dalton. *Curitiba revisitada. op. cit.*

<sup>384</sup> CAMPOS, Álvaro de [Fernando Pessoa]. *Libon revisited* (1923). *op. cit.*

<sup>385</sup> TREVISAN, Dalton. *Curitiba revisitada. op. cit.*

<sup>386</sup> CAMPOS, Álvaro de [Fernando Pessoa]. *Libon revisited* (1926). *op. cit.*

<sup>387</sup> TREVISAN, Dalton. *Curitiba revisitada. op. cit.*

<sup>388</sup> Citado por FILIZOLA, Anamaria. *op. cit.*, p. 133-134.

<sup>389</sup> SNEGE, Jamil. A cidade de nossos exílios. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 out. 1999. Gaderno G, p. 3. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 62-64.

<sup>390</sup> Já que tratamos de exílio, vale referir aqui também à “Canção do exílio” de Dalton Trevisan, paródia do poema “A Canção do Exílio” de Gonçalves Dias. | TREVISAN, Dalton. *Em busca de Curitiba perdida*. 1. ed. 4. tir. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 42-45.

exilado” na capital portuguesa: *A Lisboa de Saramago, Lisboa nos passos de Pessoa e Lisboa, cidade de exílios*. Junto com os guias, uma proposta: “que tal se você escrevesse algo semelhante sobre Curitiba?”.

A idéia me comove. Um roteiro sentimental pelas veredas de Curitiba, seguindo as pegadas de algum notório cidadão. Apanho o guia de Saramago e começo a folhear. A primeira foto que encontro, em página dupla, é de um bonde. Ou de um elétrico, como se diz em Portugal. Curitiba também teve seus elétricos, amarelos e bucólicos, como este que margeia uma praça em Lisboa, contrastando com o verde das árvores. À respeitosa distância de cinco passos, que é devida aos prêmios nobéis, resolvo acompanhar Saramago em sua peregrinação. Cá estamos no Largo da Estrela, no Miradouro do Alto de Santa Catarina, no Terreiro do Paço, no Cais do Sodré, na Praça de Armas do Castelo. Um longo giro pelas tramas da cidade, com seus rebocos, vielas, cantarias e tinturas. **Lisboa exhibe uns céus de poucas nuvens, fiapos de algodão a flutuar contra o brilhoso esmalte azul** [grifo meu], e Saramago sente fome.<sup>391</sup>

Com o pretexto de revisitar Lisboa, o cronista aproveita para revisitar a capital paranaense. Note-se aqui que sua Curitiba teve “elétricos amarelos e bucólicos” e não o bonde vermelho instalado na Rua das Flores<sup>392</sup> (esse, aliás, veio da cidade paulista de Santos) como um dos cartões postais da cidade. Interessante a manobra que o cronista Jamil Senege faz ao aproximar Curitiba de Lisboa a partir da imagem do bonde amarelo (que Curitiba já não tem mais e que é talvez desconhecida de muitos curitibanos) e da imagem da cidade ecológica da capital paranaense, ao mencionar o contraste do verde das árvores, só que, essas, de Lisboa. A frase com que Dalton Trevisan encerra sua “Curitiba revisitada” – “Curitiba foi não é mais”<sup>393</sup> – parece estar em cada linha de nosso cronista a respeito da capital paranaense neste início do texto.

Vale notar ainda a menção ao céu azul, tão adequado à propaganda turística, seja de Lisboa, de Curitiba ou de qualquer outra cidade do mundo. A respeito do céu azul da capital paranaense, Cátia Toledo Mendonça faz o seguinte comentário no artigo “Imagens de Curitiba na literatura e o discurso oficial”:

<sup>391</sup> SNEGE, Jamil. A cidade de nossos exílios. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 out. 1999. Gaderno G, p. 3.

<sup>392</sup> Em artigo na internet, Carlos Pimentel Mendes comenta a respeito da preservação dos bondes que transitaram em Curitiba (retirados de circulação em 1952): “Os bondes belgas aparentemente foram destruídos, mas um bonde Birney sobreviveu em um abrigo na Rua Barão do Rio Branco, sendo restaurado para fins turísticos. Mas, o bonde que os curitibanos mais conhecem é um modelo fechado que trafegou em Santos e agora permanece estacionado para fins turísticos na Rua das Flores, no centro da cidade”. I

MENDES, Carlos Pimentel. *Bondes no Brasil – Curitiba/PR*. Disponível na internet:

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden06.htm>. Consultado em 22 jan. 2006 – 14:23.

<sup>393</sup> TREVISAN, Dalton. Curitiba revisitada. *op. cit.*, p. 90.

Hoje, Curitiba é uma ‘cidade de primeiro mundo’, possui ‘o melhor sistema de transporte coletivo’, é um exemplo de urbanismo e arquitetura, é ‘considerada uma das três cidades do mundo de melhor qualidade de vida’, **os cartões postais continuam a mostrar uma cidade risonha, cujo céu azul é marca registrada** [grifo meu], e tem o pinheiro como símbolo máximo, até mesmo no logotipo da prefeitura.<sup>394</sup>

Já Dalton Trevisan faz o seguinte comentário: “nada com a tua Curitiba oficial enjoadinha narcisista/toda de acrílico azul para turista ver”<sup>395</sup>. Do céu, o azul toma toda a cidade, farsa em acrílico para desfrute turístico. Imagem complementada por um trecho mais adiante: “o que fica da Curitiba perdida/uma nesga de céu presa no anel de vidro”<sup>396</sup>.

O céu azul de Pessoa/Campos, por sua vez, em “Lisbon revisited” de 1923, também evoca o *perfeito*, a imagem de fantasia, mas aqui no âmbito irremediável da memória:

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflete!  
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora e de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.<sup>397</sup>

Perfeição intelectualmente construída para agradar, em sobreposição à perfeição construída em emaranhados de recordações. O resultado para o cronista Jamil Snege é uma Curitiba já não localizável no que se tem por referência como *cidade real*, do dia-a-dia. A sua, aqui, já não é mais. De Fernando Pessoa e o guia turístico que segue seus passos, Jamil Snege, inevitavelmente, chega ao exílio:

A estátua de Pessoa fica para este novo parágrafo, pois são seus passos que estamos agora seguindo por esta outra Lisboa. (...) **O microcosmo pessoano, uma Lisboa dentro da outra**. “A aldeia em que nasci foi o Largo de São Carlos”, escreveria a João Gaspar Simões, em carta de 1931. Pessoa nunca se afastou, emocionalmente, do pedaço de Lisboa que lhe coube por fado. “Como todo indivíduo de grande mobilidade mental, tenho um amor orgânico e fatal à fixação. Abomino a vida nova e o lugar desconhecido”. Há quem veja, nesse apontamento sem data, uma alusão aos doze anos que teve de viver na África do Sul, em companhia da mãe e do padrasto. Pessoa tinha cinco anos; cinco anos

<sup>394</sup> MENDONÇA, Cátia Toledo. Imagens de Curitiba na literatura e o discurso oficial. *Fragmenta*, Curitiba, n. 15, p. 65-80, 1998.

<sup>395</sup> TREVISAN, Dalton. Curitiba revisitada. *op. cit.*, p. 89.

<sup>396</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>397</sup> CAMPOS, Álvaro de [Fernando Pessoa]. *Libon revisited* (1923). *op. cit.*

foi quanto durou sua infância. Ao voltar, aos dezessete, entregou-se à paixão pela sua cidade e viveu-a até o fim<sup>398</sup>. (...) O terceiro guia, *Lisboa, cidade de exílios*<sup>399</sup> (sic), me devolve novamente ao meu bom amigo Álvaro Reis e à sua Regina, ambos auto-exilados por fado e convicção. À pergunta que ele me faz no início – “E que tal se você escrevesse algo semelhante sobre Curitiba?” –, respondo com a melancolia típica dos auto-exilados em si mesmos: acho que não conseguiria, Álvaro. **Minha Curitiba é um cão ladrando para a lua da memória. E o único bonde que temos está parado. Não vai a lugar nenhum** [grifos meus].<sup>400</sup>

Uma cidade que já não existe, assim como um bonde parado que não vai a lugar algum<sup>401</sup> – a não ser para dentro de si, em um movimento de auto-exílio próprio daqueles que tecem para vivência própria uma cidade dentro da outra – *uma Curitiba dentro da outra* –, tal qual o “microcosmo pessoano”. Jamil, ao falar de Fernando Pessoa como um escritor de “amor orgânico e fatal à fixação”, que “entregou-se à paixão pela sua cidade e viveu-a até o fim”, parece estar falando de si próprio, homem que, nas palavras do escritor Miguel Sanches Neto, pode ser definido como “o mais curitibano de todos os escritores, curitibano no estilo e na maneira de ver o mundo, nesta auto-ironia implacável”<sup>402</sup>.

<sup>398</sup> A respeito da produção dos poemas “Lisbon revisited”, Anamaria Filizola faz o seguinte comentário em seu artigo: “Os dois poemas ‘Lisbon revisited’ desenvolvem o mesmo tema: o engenheiro que, ao retornar a Lisboa, não se revê idêntico àquele que ali passou a infância, que a deixou para ir estudar engenharia naval em Glasgow. O título em inglês também traz para o texto este biografema atribuído por Fernando Pessoa a Campos”. I FILIZOLA, Anamaria. *op. cit.*, p. 127.

<sup>399</sup> O nome do guia, como mencionado no início da crônica, é *Lisboa, cidade de exílios*. No livro *Como tornar-se invisível em Curitiba*, onde a crônica foi republicada no ano 2000, é feita a correção: “O terceiro guia, ‘Lisboa, cidade de exílios’, me devolve novamente ao meu bom amigo Álvaro e à sua Regina, ambos auto-exilados por fado e convicção (...)” (p. 64). A opção pela reprodução da crônica na versão do jornal se justifica pelo padrão adotado desde o início deste trabalho, de reprodução dos textos de Jamil publicados no jornal, por trazerem, como crônica, a referência original de data.

<sup>400</sup> SNEGE, Jamil. A cidade de nossos exílios. *op. cit.*, p. 3.

<sup>401</sup> Em sua coluna “Nostalgia”, de 9 de maio de 1999, Cid Destefani comenta que o último dos exemplares dos bondes elétricos que circularam por Curitiba é chamado de “110”. Ele seria um modelo Birney, vindo de Boston, nos Estados Unidos, e teria uma “plaqueta onde consta que foi restaurado nas oficinas da Força e Luz em maio de 1934”. Segundo Destefani, o bonde foi doado pela empresa Slaviero à prefeitura em 1990. Foi então encaminhado para recuperação, mas acabou quase destruído, tendo sido retomado e uma nova operação de restauro iniciada em maio de 1999. “Em Curitiba os bondes elétricos entraram em funcionamento no dia 6 de janeiro de 1913 substituindo os bondinhos de mula”, recorda Destefani. “O transporte por estes veículos serviu à população curitibana até julho de 1952 (...). No início da década de 1960 foram vendidos a Francisco Barranco como ferro velho que os desmontou e passou adiante como sucata. O velho amigo Barranco, de saudosa memória, nos confessou certa feita o seu arrependimento em não ter conservado nem um deles como peça histórica. O Birney 110 entretanto escapou do desmanche por ter sido doado por Aurélio Fressato, último a explorar este tipo de transporte em Curitiba, a Associação Paranaense de Reabilitação que acabou perdendo o mesmo na justiça para a firma Slaviero (...)”. Como complemento à informação sobre os bondes elétricos, consta do livro *Imagens da evolução de Curitiba*, de Otávio Duarte e Luiz Antonio Guinski, que os bondes puxados por mulas e burros chegaram a Curitiba em 1887. A primeira linha ligava o Alto da Glória à região que hoje é o Batel. I DESTEFANI, Cid. A novela do bonde. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 maio 1999. Nostalgia, p. 10. I DUARTE, Otávio; GUINSKI, Luiz Antonio. *Imagens da evolução de Curitiba*. Curitiba: O. Duarte, 2002. p. 42.

<sup>402</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. 7 jan. 2006 – 06:04.



Opinião dividida com o escritor Cristovão Tezza: “Porque Jamil, um dos olhares mais ferinos da cidade, jamais quis sair de Curitiba, e eu digo tanto sair literariamente de lá quanto fisicamente; de fato, Jamil Snege, que eu saiba, viajou poucas vezes para fora da cidade. Além disso, recusou todas as oportunidades de ser editado por grandes editoras (...)”<sup>403</sup>.

E aqui, ao falar da cidade como *um cão ladrando para a lua da memória*, imagem que ele repete em outro texto<sup>404</sup>, Snege remete a um sentimento marcadamente moderno, de assombro diante das transformações citadinas, espaço com o qual aprendemos a nos definir desde os primeiros anos modernos. Se a cidade muda mais rápido do que nossa capacidade de acompanhá-la, ao não nos reconhecermos mais em suas faces urbanas, podemos também deixar de conhecer a nós mesmos.

Vimos na Introdução deste trabalho como Charles Baudelaire, logo na primeira modernidade, lamenta o canto do cisne de uma Paris, para seu desagrado, em dinâmica transmutação. Vemos pela crônica “A cidade de nossos exílios” que esse sentimento com relação à evolução citadina se mantém na modernidade tardia. E ganha reforço na medida em que o resgate do passado, como pudemos ver na abertura deste segundo capítulo, tão em voga neste estágio da alta modernidade, convida a um posicionamento de resguardo diante do ritmo desmedido de mudanças. O cronista-personagem Jamil Snege localiza para si uma Curitiba de exílio, definindo-se como um auto-exilado, em uma cidade inexistente para os demais.

<sup>403</sup> TEZZA, Cristovão. Um olhar de Curitiba. *Trópico*. Disponível na internet: <http://www2.uol.com.br/tropico/printablenot1695.htm>. Consultado em 4 mar. 2004.

<sup>404</sup> Júlio Bernardo Machinski nota o diálogo a partir desta imagem entre as crônicas “A cidade de nossos exílios” e “Canto de amor e desamor a Curitiba” e um trecho do romance autobiográfico *Como eu se fiz por si mesmo*: “Em uma de suas considerações a respeito de Curitiba expressas em *Como eu se fiz por si mesmo*, o narrador escreve: ‘Mergulho na pequena vida, na tessitura de aldeia – uma lua soturna para a qual ladram os cães da insônia. Pastio de corpos. Cada um conduz o seu – por veredas, por atalhos –, longe do lobo que traz dentro de si próprio’. (p. 96). Encontramos uma imagem similar nas linhas finais da crônica ‘A cidade de nossos exílios’: ‘Minha Curitiba é um cão ladrando para a lua da memória. E o único bonde que temos está parado. Não vai a lugar nenhum’. Imagem esta que sugere o saudosismo de ‘uma curitiba perdida’. A mesma imagem, elaborada em termos próximos, reaparece novamente em outra crônica, ‘Canto de amor e desamor a Curitiba’: ‘Há uma Curitiba sonâmbula, vigiada por uma lua de osso contra a qual se lançam os cães da insônia, e uma plácida Curitiba em quarto-crescente, com suas tetas povoadas de êxtases e ternuras’”. I MACHINSKI, Júlio Bernardo. *Como ele se fez por si mesmo – Jamil Snege*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. p. 126-127.

Como referencial, o livro *Como eu se fiz por si mesmo* foi publicado em 1994, a crônica “A cidade de nossos exílios”, como vimos, em 17 out. 1999, e a crônica “Canto de amor e desamor a Curitiba” em 2 abr. 2000. Júlio Machinski, provavelmente, fez a citação das duas crônicas a partir de sua republicação na coletânea *Como tornar-se invisível em Curitiba*, do ano 2000.

Para Zygmunt Bauman, o *exílio* seria de fato um refúgio humano na dissolução do espaço na modernidade líquida, especialmente no caso do artista. Seria a capacidade de um certo distanciamento para observar e constatar estados de espírito e comportamentos. De acordo com Bauman, “tecnicamente”, um exílio é estar *no* lugar, mas não ser *do* lugar<sup>405</sup>.

Aqui, o pesquisador particulariza a questão do exílio a partir do exemplo da “pátria” na globalização – “a arte e os artistas podem ter muitas pátrias” – mas é possível assumir que a questão central proposta com o conceito de exílio é a já mencionada capacidade de *distanciamento* observador. Tanto que mais adiante em sua explanação sobre o exílio Bauman enfatiza que:

O “exílio” em discussão não é necessariamente um caso de mobilidade física corporal. Pode envolver trocar um país por outro, mas não obrigatoriamente. Como disse Christine Brooke-Rose (em seu ensaio “Exsul”), a marca distintiva de todo exílio, e particularmente do exílio do escritor (isto é, o exílio articulado em palavras e assim transformado em uma *experiência* comunicável) é a recusa a ser integrado – a determinação de situar-se fora do espaço, de construir um lugar próprio, diferente do lugar em que os outros à volta se inserem, um lugar diferente dos lugares abandonados e diferente do lugar em que se está. O exílio é definido não em relação a qualquer espaço físico particular ou às oposições entre vários espaços físicos, mas por uma posição autônoma assumida em relação ao espaço como tal.<sup>406</sup>

Esse lugar particular de onde o observador percebe as relações na cidade, de fato, teria, como tudo o mais, se exacerbado na alta modernidade. Mas com o desenvolvimento técnico e, então, de conteúdo e organização dos jornais, propiciando o surgimento dos folhetins e, a partir daí, sua evolução para a crônica, arrisca-se aqui a afirmação de que tal postura já era solicitada na primeira modernidade ao escritor/folhetinista e ao jornalista, enfim, àquele que percebia a intensidade das mudanças e as transmitia publicamente.

Afinal, é fato, a evolução tecnológica do estágio atual, desta alta modernidade, é atordoante. Mas talvez o sentimento dos viventes da primeira modernidade diante da Revolução Industrial não fosse assim tão diferente do nosso espanto diante do que Nicolau Sevcenko chama de “Revolução Microeletrônica”. Tal revolução, segundo o autor, levou a uma situação, na modernidade tardia, em que “desde 75 [1975] passamos por algo como dez

---

<sup>405</sup> BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 236.

<sup>406</sup> *Ibid.*, p. 237-238.

revoluções tecnológicas sucessivas no espaço de duas décadas e meia. Uma escala de mudança jamais vista na história da humanidade”<sup>407</sup>.

A Revolução Microeletrônica, assim, influenciou – e influencia – os modos de vida das pessoas desde a Índia até a Geórgia. Guardadas as proporções, também a Revolução Industrial e o crescimento das cidades tiveram influência até então jamais vista no modo de vida das pessoas. Retomando a provocação de Roberto Gomes em sua crônica “Mudou? Não mudou?”<sup>408</sup>, vale questionar: no cotidiano das pessoas, da primeira para a alta modernidade, como são vistas e *vividas* as mudanças?

Em uma rápida contextualização, o que temos na alta modernidade: velocidades de evolução jamais vistas no âmbito da tecnologia, que acabam afetando nossas inter-relações e nossa interação com tempo e espaço; flexibilização desses dois conceitos; sofisticação dos sistemas de signos e de seu uso; o exercício da política-vida, consequência do processo histórico de desregulamentação e de uma emancipação aparentemente completa; a fragmentação do “eu” em múltiplas identidades; a tolerância e o incentivo à multiplicidade de identidades; em contraposição, o crescimento de grupos de intolerância a identidades, etnias e outros tipos de minorias; a substituição do cidadão pelo indivíduo, para uns, o exercício da cidadania, em especial, por meio do consumo, para outros.

Acrescente-se à lista: sentimento de medo/insegurança com relação ao futuro; deslumbramento com a tecnologia; ao mesmo tempo, rejeição à tecnologia; atitude de nostalgia até mesmo no resgate do rústico e da madeira para a decoração de casa, em contraste a materiais considerados “tecnológicos”; crescimento de interesse por desenvolvimento espiritual, incluindo aí religiões, gurus, auto-ajuda e tudo o mais que possa proporcionar um certo grau de tranquilidade interior; comportamentos hedonistas e imediatistas; em contraposição a atitudes preventivas, como previdência privada, cuidados com o corpo, regimes, acompanhamentos da saúde física e mental.

Em tudo isso, predomina nesta modernidade tardia certa atmosfera de risco de sucumbir à completa desorientação, provocada pelo que Nicolau Sevcenko percebe como uma “aceleração extrema”. O pesquisador chama essa

<sup>407</sup> SEVCENKO, Nicolau. *op. cit.*, p. 38-39.

<sup>408</sup> GOMES, Roberto. *Mudou? Não mudou? op. cit.*, p. 3.

situação de “síndrome do *loop*”<sup>409</sup>, resumindo nessa proposta a tentação de entrega total à alucinante modernidade tardia e a tentativa de a ela resistir, conseguindo um mínimo de auto-preservação e equilíbrio no cotidiano de nossos dias.

Ao observarmos o comportamento das pessoas na primeira modernidade, especialmente, a partir do registro arguto do cronista, percebemos que esse espanto – e o desejo de entrega combinado ao de fuga – já se fazia presente. Não havia, é fato, montanhas-russas, mas os parques de diversão atingiam o auge de seu sucesso, por meio das atrações tecnológicas de então, como o carrossel e a coqueluche do cinematógrafo.

No livro *A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*, em que analisa o advento da modernidade na recém-proclamada capital de um Paraná também há pouco emancipado de São Paulo, a partir da ótica da novidade traduzida no sucesso do parque Colyseu Curitybano, Angela Brandão nota: “Finalmente a cidade se mostra, ela toda, como cenário do que chamamos de espetáculo da técnica: a iluminação e os bondes elétricos, o desejo de ser moderna”<sup>410</sup>.

A autora focou seu trabalho nos habitantes da Curitiba ainda da primeira modernidade, baseando sua pesquisa em reportagens e crônicas publicadas principalmente no jornal paranaense *Diário da Tarde*<sup>411</sup>, entre os anos de 1905 e 1913. A escolha do parque de diversões como ponto de partida não foi gratuita. “A história do parque funciona como um fio narrativo ao qual vão se associando uma série de “falas” uníssonas: tanto a história do parque quanto outros discursos

<sup>409</sup> SEVCENKO, Nicolau. *op. cit.*, p. 17.

<sup>410</sup> BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba/Fundação Cultural de Curitiba, 1994. p. 14.

<sup>411</sup> Segundo Osvaldo Pilotto, em *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*, o primeiro número do *Diário da Tarde* circulou em 18 de março de 1899. Foi fundado por Estácio Correia, com a proposta de ser “um elemento ponderativo”. Pilotto informa que circulou, pelo menos, até a década de 70, período de publicação de seu levantamento. Angela Brandão em seu *A fábrica de ilusão* informa que “o Diário da Tarde vangloriava-se de ser a folha de maior circulação do Paraná. Em suas poucas páginas era capaz de amontoar uma diversidade imensa de informações: dicas de moda, assuntos políticos, receitas culinárias, notícias sensacionalistas, comentários sobre o progresso econômico, fatos internacionais, folhetins, crônicas sobre a cidade, poemas de talentos locais, etc., etc. (...)”. | PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976. (Estante paranista, ano 1, n. 1). p. 31. | BRANDÃO, Angela. *op. cit.*, p. 45.

presentes no jornal desse período têm em comum a valorização das máquinas e da técnica, sua força, seu movimento, sua capacidade de iludir”<sup>412</sup>.

O enfoque principal é assim no progresso técnico como influência decisiva na modificação da vida dos habitantes da cidade<sup>413</sup>.

Ali expunham-se aparelhos elétricos e mecânicos, absurdamente novos. As crônicas e, especialmente, os anúncios nos jornais, ao falarem do Colyseu, colocam em evidência o caráter maquinico daquelas diversões. Lêem-se palavras como “mecânico”, “automático”, “sistema”, ao lado de idéias como “maravilhoso”, “surpreendentes”. As máquinas são objetos de surpresa e maravilhamento. Pode-se pensar, neste ponto, de uma maneira mais abrangente, de que forma haviam se estabelecido as relações entre homens e máquinas, entre sociedade e técnica.<sup>414</sup>

Encantamento para com as novidades tecnológicas, e valorização da técnica, não poucas vezes em detrimento de conteúdo, características que percebemos na modernidade tardia, parecem não ser exclusividade dos tempos hipermodernos. Assim como a impressão, hoje hiperbólica, de movimentar-se incessantemente, sem chegar a lugar algum. “Girar para não chegar a lugar algum. O **carrossel mecânico** [grifo meu] ensinava também o valor do movimento em si mesmo”<sup>415</sup>, diz Angela Brandão a respeito da primeira modernidade na pequena capital do Paraná.

Em seu *Modernidade líquida*, Bauman diz que, ao longo da modernidade, as pessoas foram desacomodadas e que, desde então, mantêm-se em constante movimento:

O que há são “cadeiras musicais” [grifo meu] de vários tamanhos e estilos, assim como em números e posições cambiantes, que fazem com que as pessoas estejam constantemente em movimento, e não prometem nem a “realização”, nem o descanso, nem a satisfação de “chegar”, de alcançar o destino final, quando se pode desarmar-se, relaxar, deixar de se preocupar. Não há perspectiva de “reacomodação” no final do caminho tomado pelos indivíduos (agora cronicamente) desacomodados.<sup>416</sup>

Carrossel, ou cadeiras musicais, a máxima é *ser levado* ao sabor da brisa ou do tufão tecnológico, embalado pela música da novidade. A diferença,

<sup>412</sup> BRANDÃO, Angela. *op. cit.*, p. 13.

<sup>413</sup> “A fábrica de ilusão é, na verdade, uma perífrase do Colyseu Curitybano, um parque de diversões em Curitiba do início do século, que servirá de ponte para o universo das idéias que se criaram, na então pequena cidade, em torno da urbanização e modernização, ou, mais precisamente, em torno do progresso técnico, da mecanização do trabalho, do tempo e do espaço da cidade e até mesmo do lazer”. | *Ibid.*, p. 13.

<sup>414</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>415</sup> *Ibid.*, p. 28.

<sup>416</sup> BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 42-43.

segundo Bauman, é que no primeiro momento da modernidade, *experimentava-se* girar sem chegar a lugar algum, mas havia a solidez dos grupos de referência (família, classe, bairro) e a possibilidade de assentar, em algum momento – “não faltavam ‘camas’ à espera e prontas para acomodá-los”,<sup>417</sup> ilustra Bauman. Agora não. Sozinho, o indivíduo de hoje mantém-se em movimento porque, na modernidade líquida, não pode (não pode?) ficar parado. Sabe que precisa correr, mas não sabe aonde vai chegar e, sequer, se há um ponto final. Na dúvida, o melhor é continuar correndo.

Tomando emprestada a hipérbole de Lipovetsky, pode-se afirmar que o processo iniciado na primeira modernidade, de movimentar-se simplesmente porque isso *pode ser feito*, porque a tecnologia permite, atingiu seu estágio de *hipermovimento* na modernidade tardia.

Mudou? Não mudou? Possivelmente, transformou-se. A redenção às luzes na primeira modernidade pode encontrar um paralelo na valorização da técnica, como vimos, inclusive em sobreposição à política, no período atual. O encantamento com as luzes deixou sua marca mesmo na pacata Curitiba do início do século 20, ávida por se modernizar, por seguir os passos, tal qual o Rio de Janeiro, nossa capital federal de então, de uma Paris que encantava o mundo com suas promessas de civilidade, por meio da recém-traçada identidade urbanística. Velocidade e luzes começam a encantar o homem que se quer moderno.

Angela Brandão comenta, a respeito dos primórdios da luz elétrica na capital paranaense: “Hoje nos parece tão banal ir a um lugar onde haja luz elétrica, mas, naquele tempo, constava na lista das atrações do parque [Colyseu]. Iluminação elétrica devia ser um fenômeno incompreensível. Era sempre mencionada como elemento importante do cenário de tudo o que se passava nas noites do Colyseu”<sup>418</sup>. Assim como os assombros, surpresas e prazeres da primeira modernidade e as transformações no cenário urbano foram tema recorrente na obra do poeta Charles Baudelaire e dos escritores de Paris, que souberam bem aproveitar as oportunidades oferecidas pela modernização dos

---

<sup>417</sup> BAUMAN, Zygmunt. *op. cit.*, p. 42.

<sup>418</sup> BRANDÃO, Angela. *op. cit.*, p. 30.

jornais<sup>419</sup>, também Curitiba teve seus cronistas, maravilhados, assustados e fiscalizadores da evolução moderna de nossa urbe.

No trabalho *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*<sup>420</sup>, Elizabete Berberi pesquisou a produção cronística em periódicos que circularam nos primeiros anos do século 20 na capital paranaense. Viver em uma cidade como Curitiba, naquele momento, significava, ao mesmo tempo, lidar com as novas experiências que se apresentavam e com o *desejo* de um grau de civilização ainda não alcançado. “Vivia-se em meio às modificações que eram elaboradas por seus dirigentes, e sonhadas por seus intelectuais, no intuito de colocá-la a altura de uma capital: reflexo do que acontecia no país e no mundo, principalmente reflexo do mundo europeu. O progresso era ambicionado como algo absolutamente necessário para o ‘bem de todos’ (...)”<sup>421</sup>, explica em sua Introdução.

As crônicas do início do século selecionadas em sua pesquisa foram reunidas em um volume da publicação *Monumenta* – “Crônicas de revistas do início do século em Curitiba: 1907-1914”<sup>422</sup>, com apresentação assinada por Elizabete Berberi e por Marília M. Rodrigues. Entre esses textos, vale destacar a percepção de um certo “Zé” a respeito dos choques de comportamento com as novidades da modernidade em Curitiba, na crônica “Electrico”:

O bond desembestou a toda furia.

De repente bréé...é...é o cocheiro torceu o breck. Parou. Com agilidade e graça, ligeira uma mocinha subiu. Blim... blim... e de novo o wagon zarpou a sessenta zigzagueando nos trilhos...

Além, na vira volta brusca de uma esquina, bré... é”um pelintra de bigodinhos retorcidos, rapido là se foi pendurado ao estribo, sentando-se com presteza ao lado da dulcinéa...

Um fugaz relance... e um idyllo instantaneo estabeleceu-se de prompto.

Zap! Arrumou-lhe um tapa olho, um velho que appareceu de improviso...

Bréé...é...é...é o cocheiro torceu de prompto o breck.

Um corpo fugaz arremessou-se na calçada, zarpando furiosamente...<sup>423</sup>

<sup>419</sup> A respeito das inovações na imprensa no século 19, Walter Benjamin destaca três: a redução no preço das assinaturas, o anúncio e o romance-folhetim. “Ao mesmo tempo, a informação curta e brusca começou a fazer concorrência ao relato comedido. Recomendava-se pela sua utilidade mercantil. O assim chamado “*réclame*” abria passagem (...). | BENJAMIN, WALTER. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas – vol. III). p. 23-26.

<sup>420</sup> BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

<sup>421</sup> *Ibid.*, p. 1.

<sup>422</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). Crônicas de revistas do início do século em Curitiba: 1907-1914. *Monumenta*, Curitiba, v. 1, n. 2, outono 1998.

<sup>423</sup> *O Olho da Rua*. Curitiba, 26 out. 1907, ano 1, n. 14. s./p. In: BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 49.

Velocidade, como se vê, era um tema tão recorrente naqueles tempos (só naqueles tempos?), que, nesta crônica, faz-se presente também na linguagem. O tempo, ou sua falta, merece ainda uma abordagem engraçadinha na crônica “Ingênua”<sup>424</sup>, assinada por Rodrigo Jr. (pseudônimo de João Baptista Carvalho de Oliveira<sup>425</sup>).

No texto, o personagem Valentim, em um encontro com sua amada, comenta, a respeito da fugacidade e insuficiência do tempo: “– Estas ouvindo o tic-tac do relógio no gabinete? É o tempo, o nosso amor, os nossos beijos que voam”. Emma, então, tem uma idéia e deixa o quarto. Valentim a segue. O narrador conta o que o amante vê: “Pobre Emma! É tão ingênua: trepada numa cadeira com as maosinhas róseas atraza o ponteiro do relógio”.

Outros temas são ainda abordados nas crônicas do início do século que tratam da modernidade e das evoluções da urbe curitibana, como saneamento<sup>426</sup>, boemia, automóveis, custo de vida, impostos, Estado. A respeito desses últimos, vale *viajar* até o texto “Diversões”, assinado apenas por Flavio. Começa ele:

Summula – Associações – As Corridas do Champion – Os bondes do Colle – Coliseo e Eden<sup>427</sup> – Imposto – O Zé.

A nossa Coritiba vae já se tornando uma cidade bem divertida. Coritiba brinca! Coritiba folga!

Alem dos tres cynematographos permanentes com os seus deliciosos parques, temos por ahi sociedades de tiro, clubs de gymnastica, innumeros clubs recreativos e literários, sociedades theatraes, um Jockey Club, um Champion Club, etc. (...).<sup>428</sup>

E assim segue o cronista, narrando *inocentemente* diversas corridas, de bicicleta, motocicleta ou a pé promovidas na cidade por aqueles tempos, para registrar uma primeira reclamação:

Mas o que esteve melhor foi a corrida dos bonds na volta do Prado. Apinhados de passageiros se puzeram em marcha... Nem dez metros de percurso e o que vinha na frente puxando a fieira, *bufe*, fóra dos trilhos. Volta ao lugar, os burrinhos puxam e... *bufe*, outra vez fóra da linha. Levantam-se protestos, reclamações, algazarra infernal... Nova arrumação, novo descarrilamento. (...)

<sup>424</sup> *O Olho da Rua*. Curitiba, 27 abr. 1907, ano 1, n. 2. p. 8. In: BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 27-28.

<sup>425</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 149.

<sup>426</sup> A respeito desse assunto, vale verificar o prefácio de Francisco de Assis Barbosa e as análises de Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão*. I SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>427</sup> Além do Colyseu Curitybano, também o Éden era um parque de diversões famoso na época.

<sup>428</sup> *O Olho da Rua*. Curitiba, 15 abr. 1908, ano 2, n. 26. s./p. In: BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 50-51.



E assim levamos mais de uma hora para chegar á cidade; e chegamos convencidos de que alem das associações sem conta que offerecem aos seus membros os meios de bem rir e bem folgar, temos uma empreza de bondes que nos diverte immenso quando nos deixa com o physico intacto... (...).<sup>429</sup>

Aí revela o cronista o que o incomoda: o aumento de impostos sobre os parques Colyseu e Éden, que tanto divertem a população curitibana de então:

O Estado que para outras cousas tem as mãos abertas; o Estado que manda crear rios para depois dar as pontes a afilhados; o Estado que por verbas secretas dá grossas gratificações a empregadas bonitas; o Estado que mantem na policia um inutil e numeroso corpo de secretas; o Estado que dá 25:000\$ para uma companhia lyrica não pode ver com bons olhos que o povo se divirta. Se o povo se diverte é que está satisfeito. – O patife não foi feito para andar alegre. Elle é burro de carga e só serve para trabalhar e pagar imposto. Ah! O malandro vae ao Coliseo? Esse tratante vae ao Eden?

Pois pague mais imposto. É esta a lógica.

E demais 25\$000 por noite de função não é muito. As entradas são de 500 e 200 reis...

E o thesouro precisa, está magro, está vasio e tem de pagar um mez ainda aos srs. congressistas, coitadinhos...

Pague o Coliseo, pague o Eden, paguem os dois e se não quizerem pagar fiquem fechadinhos da silva, que burro é o boi.<sup>430</sup>

E havia, claro, a paixão pelas ruas, pelo movimento da cidade, e uma crescente vida à margem do bom burguês curitibano – a se desenvolver nos cafés onde se reuniam os boêmios da capital paranaense – que parecia comprovar o desenvolvimento urbano de Curitiba. A constatação é de Elizabete Berberi:

Mas, além do calçamento, dos bondes, das praças, da arquitetura e tantas outras coisas, há um outro fator que espelhava o progresso na capital. Costuma-se afirmar que em Curitiba não havia boemia, não havia *bas-fond*. Essa idéia, contudo, talvez deve ser questionada, pois parece que havia, de fato, uma boemia conformada à realidade da cidade, sendo que alguns cronistas procuravam descrevê-la como indício de um certo crescimento e modernização.<sup>431</sup>

Como exemplo, ela cita uma crônica assinada por J. Cayobá, que associa a idéia de progresso à descoberta e estabelecimento do “vício” na cidade. Não por acaso, o título da crônica é “A urbs viciosa”, que tem a seguir um trecho reproduzido a partir do trabalho de Elizabete Berberi:

– Isto vae em progresso, dizia-me o Moraes, referindo-se a Coritiba, no momento em que, transpondo os humbraes do Paris, via duas formas brancas e fugidias de mulher se escoarem como dois duendes por um longo e escuro corredor.

<sup>429</sup> *Ibid.*, p. 50-51.

<sup>430</sup> *Ibid.*, p. 50-51.

<sup>431</sup> BERBERI, Elizabete. *op. cit.*, p. 93.

Vae em progresso, não vês? Quem diria que esta pacata capital de ha dez annos atraz, sem cinemas, sem tavolagens doiradas e sem hoteis, havia de chegar dentro em pouco a esta perfeição...

– Perfeição? – atalhei curioso d’uma definição cabal do conceito um tanto ambíguo.

– Pois não vês este hotel, branco pombal onde as louras chanteuses arrulam a meia luz discreta dos boudoirs trescalantes do perfume estonteador do Houbigant e das pomadas? Pois são estas divas, José amigo, as pombas mensageiras da civilização e... do vício.<sup>432</sup>

Até mesmo na boemia, como se vê, a inspiração parisiense deixa sua marca. Segundo Berberi, o Hotel Paris se torna para Curitiba a porta de escape para um outro mundo ofertado pela modernidade. “O que sabemos sobre o Hotel Paris é que se localizava na Rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco), e mais tarde passou a ser o Hotel Jonsher, um hotel ‘de respeito’”<sup>433</sup>, resgata a pesquisadora. Berberi também lembra que a imagem do literato boêmio, incorporada pelo cronista, foi uma marca dos escritores da passagem do século 19 para o 20. “A ‘Boêmia’<sup>434</sup> foi um território, um país que se projetou na *belle époque* (...). É nas cidades, na Paris do final de século principalmente, que ela explode, instigando autores a percorrê-la e escrever sobre ela para tentar defini-la”<sup>435</sup>, analisa Elizabete Berberi.

Curitiba, como se vê, também inspirou seus cronistas a percorrê-la, tal qual o *flâneur* da Paris da segunda metade do século 19 e dos primórdios do século 20. Acompanhando as análises de Walter Benjamin a respeito das novas relações que surgiam na cidade, em uma Paris em pleno processo de *modernização*, percebe-se o *flâneur* como, ao mesmo tempo, fruto da modernidade e também sua crítica – seria uma forma de *resistência* às multidões engolidas pela cidade<sup>436</sup> em uma espécie de apatia frenética e coletiva.

O *flâneur*, ao contrário, transita nos mesmos espaços das multidões, respira seus movimentos, mas consegue manter-se afastado para observar. Permite-se circular até mesmo em um tempo particular, à parte, para assim perceber as faces das pessoas, seus olhos, individualmente, no meio da multidão. Diz Benjamin que “a rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas

<sup>432</sup> J. Cayobá. O Hotel. O Paraná, 20 fev. 1911. In: BERBERI, Elizabete. *op cit.*, p. 95.

<sup>433</sup> BERBERI, Elizabete. *op. cit.*, p. 97.

<sup>434</sup> Segundo Walter Benjamin, “a boêmia surge em Marx num contexto revelador. Ele aí inclui os conspiradores profissionais, de que se ocupa na detalhada resenha das Memórias do Agente Policial de la Hodde, publicadas em 1850 na *Nova Gazeta Romana*. Rememorar a fisionomia de Baudelaire significa falar da semelhança que ele exhibe com esse tipo político”. | BENJAMIN, Walter. *op. cit.*, p. 9-32. | p. 9.

<sup>435</sup> *Ibid.*, p. 93.

<sup>436</sup> POE, Edgar Allan. *Novelas extraordinárias*. São Paulo: Clube do Livro, 1945. p. 76-88.

dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes”<sup>437</sup>. E diz mais:

“O observador – diz Baudelaire – é um príncipe que, por toda a parte, faz uso do seu incógnito”. Desse modo, se o *flâneur* se torna sem querer um detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo [grifo meu], podendo assim imaginar-se próximo ao artista. (...).<sup>438</sup>

Mas é importante que se note: o simples fato de estar nas ruas, de olhar a multidão, não quer dizer que se esteja flanando: para que essa arte seja exercida é preciso o distanciamento e o dom de preservar um ritmo particular. Benjamin se preocupa em fazer essa distinção, ao comparar o *homem da multidão* descrito por Edgar Allan Poe ao *flâneur*. “Baudelaire achou certo equiparar o homem da multidão, em cujas pegadas o narrador do conto de Poe percorre a Londres noturna em todos os sentidos, com o tipo do *flâneur*. Nisto não podemos concordar: o homem da multidão não é nenhum *flâneur*”<sup>439</sup>, defende. “Nele o comportamento tranqüilo cedeu lugar ao maníaco”, justifica.

E, apresentando uma terceira figura, nem obcecada e nem observadora, Benjamin reforça: “Havia o transeunte, que se enfia na multidão, mas havia também o *flâneur*, que precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade. Que os outros se ocupem de seus negócios: no fundo, o indivíduo só pode flunar se, como tal, já se afasta da norma”.<sup>440</sup>

É aí, nesse observar reservado, distanciado, associado à postura de independência, que se cria a atmosfera para que o *flâneur* seja aquele que “capta as coisas em pleno vôo”. Tal qual o cronista, herdeiro inegável dessa época de efervescência e transformação de Paris, e do mundo. O *flâneur* surge do fenômeno de *modernização* da cidade, incluindo aí os jornais, que, em louvor à velocidade, passam a dar atenção também aos “mexericos urbanos”, às notícias curtinhas. E não só isso: a publicidade (sim, o poder do consumo já se impôs por aquele tempo), a necessidade de anúncios devido à redução da taxa de

<sup>437</sup> BENJAMIN, WALTER. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 38. (Obras escolhidas – vol. III).

<sup>438</sup> BENJAMIN, Walter. *op. cit.*, p. 38.

<sup>439</sup> *Ibid.*, p. 121.

<sup>440</sup> *Ibid.*, p. 122.

assinatura, valorizou o romance-folhetim como uma isca para o leitor. Conforme Benjamin:

Era nos cafés, durante o aperitivo, que se recheava a informação (...). A atividade dos cafés treinou os redatores no ritmo do serviço informativo antes mesmo que sua maquinaria estivesse desenvolvida. Quando, por volta do fim do Segundo Império, o telégrafo elétrico entrou em uso, o bulevar perdera o seu monopólio. Doravante, os acidentes e os crimes podiam ser recebidos de todo o mundo. Assim, a assimilação do literato à sociedade em que se encontrava se consumou no bulevar. Era no bulevar que ele tinha à disposição o primeiro incidente, chiste ou boato. No bulevar, desdobrava os ornamentos de suas relações com colegas e **boas-vidas (...)**. No bulevar, passava suas horas ociosas, exibindo-as às pessoas como parcela de seu horário de trabalho. (...) <sup>441</sup>

E, entre mexericos e narrativas atentas às transformações da cidade e ao movimento das multidões urbanas, surgiam as bases da crônica <sup>442</sup> tal qual a conhecemos hoje, especialmente no Brasil. Pela produção cronística do início do século em Curitiba é possível perceber que, por estas bandas, também se flanava. “D’aqui eu vejo a rua toda. Para qualquer lado que olhe, semicerrando as pálpebras de myope, descortino os renques polychromos da casaria que se vae em funil, esfuminhando-se. (...)” <sup>443</sup>, descreve Helio (pseudônimo de Euclides Bandeira <sup>444</sup>) na abertura de sua coluna “Na esquina”, em abril de 1907. E segue o cronista declarando seu amor pelas ruas da cidade:

Aqui é o meu ponto favorito; é como se estivesse na platéia de um grande teatro, attento para o palco onde se desenrolassem, tragicas e terríveis as scenas palpitantes de um drama real. A rua é um tablado e quem ficar por ahi, acantoadado ao desvão de um palacete ha de assistir lances multiformes, imprevistos, terrificantes, buffos; ha de apanhar no ar trechos de ineffaveis dialogos de amor, imprecações brutaes de carrejões, lamurias de mendigos, risadas e blasphemias; ha de auscultar enfim, esse organismo que estua, vibra e é alegre e triste, faustoso e miserável, cheio de sol e cheio de lama.

Eu amo a rua, mas como Villiers de l’Isle-Adam, à noite, ou a fluidez do luar se derrame como um chuvaire lactescente de petalas de magnolia, ou a treva se adense numa consistencia retinta de pez. No silencio fatidico das horas mortas, quando as patrulhas

<sup>441</sup> *Ibid.*, p. 24-25.

<sup>442</sup> Marlyse Meyer explica que, com o tempo, o espaço do folhetim da “França-matriz” foi se especializando, originando quatro diferentes tipos de folhetins: “1. *Feuilleton*: espaço vazio no rodapé de jornais ou nas revistas, destinado ao entretenimento; 2. No mesmo espaço geográfico: o *roman-feuilleton*; 3. **Variétés e diferentes feuilletons** (contos, notícias leves, anedotas, crônicas, críticas, resenhas, etc. etc. etc.); 4. Todo e qualquer romance publicado em *feuilleton*, ou seja, aos pedaços”. I MEYER, Marlyse. *Voláteis e versáteis – de variedades e folhetins se fez a chronica*. In: CANDIDO, Antonio (et al.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 93-133. p. 99. I [ grifo meu].

<sup>443</sup> *O Olho da Rua. Curitiba*, 13 abr. 1907, ano 1, n. 1, p. 3. In: BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 25.

<sup>444</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 148.

resonam nas soleiras e os dons juans noctambulos escalam janellas, gosto de vagar a esmo, contemplando as frontarias fechadas (...).<sup>445</sup>

Falando de uma outra crônica – “O mirante” – em que o narrador, tal qual o da crônica de Helio/Bandeira que acabamos de ver, gosta de observar os acontecimentos do alto de um mirante, “a salvo dos empurrões dos curiosos”, Elizabete Berberi e Marília Rodrigues identificam no cronista os traços do *flâneur*:

Como vimos, há a idéia de que este episódio específico foi real, captado por um observador e registrado a partir de sua ótica. Como vimos, há a idéia de um local afastado, no alto, a salvo de tudo e de todos; lá embaixo desenrola-se o cotidiano para os observadores no mirante, que “recortam” o mundo, buscando os aspectos que mais lhes convêm, através da “maravilhosa obra de Galileu” – uma luneta. Esta idéia do observador afastado pode nos remeter à imagem feita por Benjamin do *flâneur*, em um de seus aspectos:

“[...] necessitava de espaço e não queria renunciar à vida privada”.<sup>446</sup>

Benjamin comenta, no entanto, que o então novo personagem urbano caracterizado como *flâneur* se sente um tanto deslocado diante da transformação física da cidade, de Paris, com a reforma urbana de Haussmann<sup>447</sup>. “Mas, já naquela época, não se podia andar a passeio por todos os pontos da cidade. Calçadas largas eram raridade antes de Haussmann; as estreitas ofereciam pouca proteção contra os veículos. A *flânerie* dificilmente poderia ter-se desenvolvido em toda a plenitude sem as galerias”<sup>448</sup>, pondera Benjamin. A questão é que, com a evolução urbana, as galerias davam espaço a novos lugares, como, talvez, as lojas de departamentos. Comentando novamente “O homem das multidões” de Poe, ele destaca:

Em suas errâncias, o homem da multidão, já tarde, chega a um grande bazar ainda bastante freqüentado. Nele circula como se fosse freguês. Havia no tempo de Poe lojas de muitos andares? Seja como for, Poe faz esse inquieto gastar “cerca de hora e meia” nesse local. (...) Se a galeria é a forma clássica do interior sob o qual a rua se apresenta ao *flâneur*, então sua forma decadente é a grande loja. Este é, por assim dizer, o derradeiro refúgio do *flâneur*. Se, no começo, as ruas se transformavam para ele em interiores, agora

<sup>445</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>446</sup> Citação de BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. In: BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 4.

<sup>447</sup> Segundo Elizabete Berberi o plano urbanístico de Paris, “feito pelo barão Haussmann”, foi responsável por uma verdadeira “operação de limpeza” na cidade. “Tratava-se não apenas de projetar avenidas e palácios para desfrute de algumas classes ou para servir como espetáculo para outras. Prevaleciam, isto sim, as questões de ‘segurança’. As barricadas de 1848 haviam deixado suas marcas. As reformas foram realizadas de modo a facilitar a locomoção militar para eliminar qualquer sublevação da população (...)”. I BERBERI, Elizabete. *op. cit.*, p. 32.

<sup>448</sup> BENJAMIN, Walter. *op. cit.*, p. 34.

são esses interiores que se transformam em ruas, e, através do labirinto das mercadorias, ele vagueia como outrora através do labirinto urbano. **Um traço magnífico do conto de Poe é que ele inscreve, na primeira descrição do *flâneur*, a imagem do seu fim** [grifo meu].<sup>449</sup>

Pois então que o *flâneur* encontra seu fim justamente no espaço que permitiu sua origem? Hoje, na modernidade tardia, ele já não existe mais? Nosso cronista contemporâneo já não flana? Essas são questões que, certamente, merecem reflexão mais aprofundada, que terá seu lugar no Capítulo 3. De momento, aproveitando o tema da primeira modernidade e das consolidações daí decorrentes, incluindo a de identidade local, vamos fazer uma viagem à Curitiba de nosso início do século 20, verificando algumas possíveis estratégias de construção de um imaginário referencial que ajudaram a transformar a cidade, idealmente, no que conhecemos no início do século 21 como a capital paranaense.

## 2.3 COMUNIDADE. A CURITIBA IMAGINADA

A história era a seguinte: uma pequena cidade do interior da Bahia estava por encontrar seu derradeiro fim. O motivo? A construção de uma represa faria com que as águas do rio Javé inundassem o vale onde estava instalada. Os moradores se mobilizaram, foram conversar com as autoridades para evitar o que para eles, habitantes do local, se mostrava como uma verdadeira tragédia. A resposta que obtiveram: o único jeito de evitar que Javé fosse por água abaixo seria descobrir algo que a tornasse patrimônio histórico do país ou da humanidade.

Pois aí é que estava – a cidade de Javé sequer tinha uma “História”... Ao menos uma história oficial, registrada em livro e engrandecida por feitos marcantes. Pois os moradores se uniram a fim de resgatar os acontecimentos históricos do município, tratando de localizar o que se pode chamar de *mito fundacional* de Javé. Talvez, com uma narrativa “científica”, sem “*nada inventado*”, como queriam os personagens, fosse possível mostrar que Javé tinha valor histórico, e que por isso merecia ser salva.

---

<sup>449</sup> *Ibid.*, p. 51.

Ao longo do desenvolvimento do filme *Narradores de Javé*<sup>450</sup> questões relacionadas à identidade cidadina, de seus habitantes e às dificuldades em encontrar essa *verdade científica* a respeito do desenrolar dos fatos são levantadas com a ajuda brincalhona e – um bom tanto – irônica do humor. Mas a leveza da narrativa não deixa de provocar, entre tantas, a seguinte reflexão: como construir essa tal história? Como tornar uma cidade, um país ou uma comunidade importantes diante dos *outros* e, mesmo, diante da própria população? A dica pode estar na fala de um dos personagens do filme, justamente aquele presenteado com a incumbência de “pesquisar” e narrar a história do município com o maior *rigor científico*: “Uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito”<sup>451</sup>.

Romário Martins, conhecido como o mentor do *paranismo* – movimento de partida para a construção do que se convencionou chamar de identidade regional do Paraná, criado oficialmente em 1927<sup>452</sup> –, demonstrou ter exata compreensão da frase proferida pelo personagem Antônio Biá em *Narradores de Javé*, conforme relata Luis Fernando Lopes Pereira ao comentar uma das lendas criadas pelos paranistas com o objetivo de firmar símbolos e idéias a respeito do Estado, primeiramente, no imaginário de seus habitantes:

Esta lenda que fala praticamente da história do pinheiro, cria outra fantasia, qual seja a de que o Imperador D. Pedro II teria repousado sob um pinheiro, em sua visita ao Paraná. Tal história teria sido inventada por Romário Martins e, até mesmo uma placa comemorativa foi colocada no local, para designar o ponto onde o Imperador teria repousado, com excursões organizadas por estudantes para visita e tudo. Romário perguntado qual fonte teria consultado respondeu, *Nenhuma! O pinheiro é tão bonito que...*<sup>453</sup>

Pois houve uma época em que também o Paraná e Curitiba precisavam ser salvos... Não de uma inundação, mas da inexpressividade diante de um vasto cenário nacional. Daí a boa receptividade *oficial* em relação ao paranismo<sup>454</sup>, que,

<sup>450</sup> NARRADORES de Javé. Eliane Caffé. Brasil: Bananeira Filmes: Videofilmes Produções Artísticas, 2003. 100 min.: son., color.; DVD.

<sup>451</sup> *Ibid.*

<sup>452</sup> MARTINS, Romário. *Paranística. A Divulgação*, março/1948. p. 37.

<sup>453</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p. 141.

<sup>454</sup> Como vimos no primeiro capítulo, em uma análise do próprio Romário Martins, mentor do movimento, o paranismo não teve uma adesão tão expressiva como pode parecer. Irã José Taborda Dudeque faz um bom apanhado da situação, reforçando seu caráter oficial: “Para dar forma e divulgar os anseios dos paranistas, ideou-se uma cruzada denominada paranismo. **Aos governantes pareceu que o paranismo era bom** [grifo meu], pois os lemas eram excelentes para fazer brotar o amor e o trabalho pelo Estado, e o incentivaram, e o protegeram. (...)” (p. 60). Ao fazer um resgate histórico, Dudeque expõe que: “Aparentemente, o paranismo

ao contrário de ser um movimento de segregação, propunha, na verdade, a inclusão do Paraná como uma região de relevância para o País. É o que explica Irã Taborda Dudeque em *Espiraís de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*:

O paranismo da década de 1920 (...). A intenção era criar símbolos para identificar o paranaense e, depois, utilizar esses símbolos para desenvolver uma expressão artística e cultural própria. Mas não se tratava de um regionalismo dispostos (sic) a defender, de uma maneira xenofóbica, a superioridade paranaense em relação ao resto do Brasil e do mundo. A intenção era inversa. Tratava-se de mostrar que a produção cultural do Paraná estava no mesmo patamar da produção de outras regiões do Brasil. Feito isso, os **paranaenses se igualariam aos baianos, aos pernambucanos ou aos gaúchos, e se dissolveria o drama que fazia com que os paranaenses se sentissem menos brasileiros que os habitantes de regiões com características culturais mais definidas. Ou seja, tratava-se de um regionalismo ao inverso** [grifo meu] (...).<sup>455</sup>

Com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, abria-se espaço para a afirmação regional, indica Luis Fernando Lopes Pereira:

A experiência de construção do regionalismo paranaense sofrerá um grande impulso no período correspondente ao da I República (1889-1930), de um lado pela própria implementação do regime republicano que, através do princípio federativo, consagrado pela Constituição de 1891 permitirá a descentralização administrativa, e de outro pela efervescência cultural pela qual passará a capital da Província, Curitiba.<sup>456</sup>

Em outro trecho, Pereira comenta que é daquele período inicial de República “a construção da identidade regional do Rio Grande do Sul (gauchismo), Minas Gerais (mineiridade), São Paulo (bandeirantismo) e Paraná (Paranismo)”<sup>457</sup>. Pois até então, o Paraná, última província criada pelo Império, a

---

perdeu combustível depois de 1930, até ser derrotado de vez no momento em que o Estado Novo queimou as bandeiras de todos os Estados da federação, e passou a perseguir expressões regionalistas. Aparentemente. Como movimento, o paranismo esfacelou-se antes mesmo do fim da República Velha. A *Ilustração Paranaense* começou a circular como um mensário paranista, com fartas louvações aos pinheirais, tais como as fotografias da Miss Paraná recitando poemas sob as “sombras magestosas dos pinheiros” (...). Ao longo de 1929, a revista deixou de ser um mensário paranista, tornou-se uma revista de mundanidades e desandou a estampar fotografias de formandos, debutantes, damas da sociedade, crianças e ‘operosos’ industriais. Em 1930, extinguiu-se em insignificância. Mas algumas idéias básicas do paranismo atravessaram o governo ‘provisório’ de Getúlio Vargas e, no Estado Novo, foram reconhecidas. (...) (p. 66)”. Dudeque ressalva em seu trabalho que o paranismo retornava de tempos em tempos (décadas de 50, 60, 80), mas em propostas diferentes do movimento paranista do início do século, de caráter marcadamente cultural. Vale ressaltar aqui também que o paranismo das décadas de 20 e 30, apesar da proposta de criar uma identidade de unificação para o Paraná, foi bastante concentrado na capital, deixando de lado regiões com características muito diferentes de Curitiba, como o próprio norte paranaense, que ainda estava em suas etapas iniciais de formação. | DUDEQUE, Irã José Taborda. *Espiraís de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2001. p. 60, 66, 238 e 369.

<sup>455</sup> DUDEQUE, Irã José Taborda. *op. cit.*, p. 48.

<sup>456</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 21.

<sup>457</sup> *Ibid.*, p. 58.



19 de dezembro de 1853, ainda não tinha uma história para contar. Mal tinha habitantes, tendo iniciado há pouco, logo após sua emancipação política, a missão de povoamento, baseada na atração de imigrantes europeus para desenvolver a agricultura local<sup>458</sup>.

Havia dessa forma, em geral, um clima favorável à construção de identidades. O Paraná, como aponta Pereira, beneficiava-se também das boas condições econômicas, patrocinadas pela extração do mate, e pela já citada “efervescência cultural” de sua recém-definida capital (a 26 de julho de 1854<sup>459</sup>), Curitiba, no início do século 20. Dentro dessa atmosfera de prosperidade, devem ainda ser incluídos os avanços técnicos do período: inovações mecânicas, cinematógrafo, fotografia, cartões postais, automóveis... todo um aparato tecnológico que chegava, no imaginário da época, junto com a modernidade do novo sistema administrativo nacional: a República.

Sendo assim, o espaço para que se começasse a escrever a história do Paraná, criando e divulgando seus mitos e símbolos, chegou com uma nova fase no Brasil para a construção de *uma* idéia de nação – exercício que, no caso do País, como um todo, já vinha sendo feito desde os tempos da Independência (7 de setembro de 1822), conforme indica Antonio Candido, no ensaio “Literatura de dois gumes”: “Feita a independência política, difundiu-se entre os escritores a idéia de que a literatura era uma forma de afirmação nacional e de construção da Pátria (...)”<sup>460</sup>.

Nesse ensaio, Antonio Candido detalha uma série de aspectos que afirmam a importância da literatura como fator de difusão do pensamento social e político de época ao longo da história do País. No entanto, “traçar um paralelo

---

<sup>458</sup> De acordo com Wilson Martins, em *Um Brasil diferente*, quando Zacarias de Goes e Vasconcelos, primeiro presidente da Província do Paraná, assumiu o cargo, em 1853, encontrou uma população de 60.626 habitantes em uma área de cerca de 200 mil quilômetros quadrados – “ou seja, praticamente, três pessoas por quilômetro quadrado”. Na verdade, como ele mesmo acrescenta, nem isso, porque a pequena população estava concentrada: “Com efeito, a província era nesse momento, do ponto de vista humano, um ilimitado deserto, interrompido irregularmente por dezenove pequenos oásis, situados a distâncias imensas uns dos outros (...). Esses dezenove oásis eram representados pelas duas cidades (Curitiba e Paranaguá); pelas sete vilas (Guaratuba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Lapa, Castro e Guarapuava); pelas seis freguesias (Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa, Jaguariaíva, Tibagi e Rio Negro) e pelas quatro capelas curadas (Guaraquessaba (sic), Iguaçu, Votuverava e Palmas)”. Ainda segundo o autor, “Curitiba tinha, nessa época, 5.819 habitantes, e Paranaguá, 6.533. As vilas, freguesias e capelas possuíam uma população que oscilava, em geral, entre mil e cinco mil habitantes (...)”. I MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2. ed. São Paulo: TA Queiroz, 1989. (Coleção coroa vermelha. Estudos Brasileiros; v. 16). p. 64.

<sup>459</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op cit.*, p. 123.

puro e simples entre o desenvolvimento da literatura brasileira e a história social do Brasil seria não apenas enfadonho mas perigoso, porque poderia parecer um convite para olhar a realidade de maneira meio mecânica, como se os fatos históricos fossem determinantes dos fatos literários (...)", pondera Candido. "A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada sobretudo neles mesmos"<sup>461</sup>.

Feita a ressalva, vale observar a forma como o crítico vê o papel desempenhado pela literatura: "Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas"<sup>462</sup>.

Poderemos verificar aqui, desse modo, algumas das formas como a literatura, enquanto meio de comunicação, tem importância na construção e atualização de identidades locais – no caso, de Curitiba – da mesma forma como foi – e pode ainda ser – um instrumento de afirmação de identidades nacionais. Vale ressaltar aqui que *não é a única* ferramenta de construção de identidades e que, como bem apontou Antonio Candido, transcende a função "social" que lhe é atribuída.

Uma outra ressalva diz respeito à referida construção de identidade. Admite-se neste trabalho que, especialmente na modernidade tardia, não é possível tratar de identidade como se fosse única e definitiva. Identidades são muitas, e estão em constante movimento e atualização. Assim, busca-se aqui estudar *uma* das possibilidades de construção de identidade, baseada nos princípios paranistas – para no próximo capítulo observar como esses discursos, devidamente atualizados, passam a ser desconstruídos na contemporaneidade na crônica, em especial, de Jamil Snege na *Gazeta do Povo*.

Ao tratar de construção de identidades locais, regionais ou nacionais, estamos pisando, inevitavelmente, no campo minado da *verdade*. Por exemplo, quando vimos que Romário Martins elegeu um pinheiro como aquele sob o qual D. Pedro II se sentou, e apresentou tal *evento* como "História do Paraná" – até

---

<sup>460</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000. p. 172.

<sup>461</sup> CANDIDO, Antonio. *op. cit.*, p. 163.

que ponto isso influenciou o imaginário daquela geração e das gerações posteriores, que ainda hoje têm no pinheiro um símbolo forte do Estado? Até que ponto essa pode ser considerada uma ação legítima? Como o historiador pode ser fiel ao que aconteceu *de verdade*?

Essa é uma questão que durante muito tempo afligiu (e ainda aflige) os profissionais que precisam sair em busca de  *fatos*  – sejam historiadores, sejam jornalistas, entre outros. Até que se chegou a correntes mais atuais em que a verdade não se apresenta mais como única – “Verdade” – mas como uma construção humana, dependendo inclusive da imaginação para o preenchimento razoável de lacunas – e elas são freqüentes – entre um fato constatado e outro.

Por ser construída, a verdade, desse modo, pode estar presente não apenas naquilo que se considera um relato factual, mas também nos relatos ficcionais, no que se poderia chamar de uma (ou mais) “verdade literária”, ou em uma (ou mais) verdade no *discurso literário*<sup>463</sup>. Olímpio José Pimenta Neto aponta esse aspecto em “O lugar da verdade na literatura”, em que busca examinar “as condições pelas quais se torna possível dizer que a invenção literária produz a verdade”<sup>464</sup>.

Apesar de serem diferentes entre si, há um ponto comum entre a verdade histórica, literária ou da notícia: o fato de serem construções discursivas, como bem coloca Pimenta Neto em seu já citado estudo baseado nas reflexões de Friedrich Nietzsche sobre a verdade. Segundo ele, mesmo que se admita a inexistência de uma verdade única e inquestionável, essa continua sendo uma busca freqüente das pessoas porque:

Apesar dessas constatações, algo incrível segue acontecendo: nós continuamos admitindo o par verdadeiro-falso como moeda corrente, como mediador válido para nossas relações interpessoais. Onde: seu mérito deve estar em outra parte, que não sua objetividade, neutralidade, firmeza. Dito de forma diferente: queremos a verdade não pelo que ela reserva de desinteressado e puro – diz-se mesmo por aí: a pura verdade – mas, muito ao contrário, pelos interesses comunitários que ela pode vir a preservar.<sup>465</sup>

Em outras palavras, verdade é *convenção*, construída por meio (e, segundo Michel Foucault<sup>466</sup>, *dentro*) do discurso. Como convenção, dessa forma, depende da autoridade contida na formação discursiva para ser autenticada e

<sup>462</sup> *Ibid.*, p. 163.

<sup>463</sup> Este seria o caso da “verdade da crônica” mencionada por Antonio Candido e já abordada neste trabalho.

<sup>464</sup> PIMENTA NETO, Olímpio José. O lugar da verdade na literatura. *Cadernos Nietzsche*, n. 15, 2003, p. 31.

<sup>465</sup> *Ibid.*, p. 36.

aceita pelos leitores/receptores. Foucault reflete sobre isso ao abordar a formação dos enunciados que compõem os discursos:

Primeira questão: quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira [grifo meu]? Qual é o *status* dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito de proferir semelhante discurso?<sup>467</sup>

Recapitulando, então, temos um conceito de verdade que é, de fato, construção. Ao mesmo tempo, uma necessidade de *verdades sociais* convencionadas por autoridades “falantes”, que podem ser um historiador, um jornalista, um escritor ou um médico (seguindo a sugestão de Foucault), com relação a modos de precaução de uma doença, por exemplo. Avançando um pouco mais, chega-se ao conceito do real, da realidade, e aí pode-se perceber como a verdade e a realidade se misturam e se impõem como situações possíveis, sendo comum, ao jornalista, por exemplo, afirmar que seu maior objetivo é relatar o fato *real* ou a *realidade* cotidiana em suas reportagens.

A própria definição de verdade no dicionário, segundo Pimenta Neto, pode alimentar tal confusão: “O verbete ‘verdade’ aponta dois campos de significação contíguos e estreitamente amarrados: por um lado, verdade é ‘conformidade com o real, realidade’ e por outro é a ‘qualidade pela qual as coisas aparecem tais como são’, de novo sua ‘realidade’”<sup>468</sup>. E assim, complementa ele, fica claro “que o que vai consagrado pelo uso é uma noção com duas características: por uma parte, existe algo como ‘a realidade’ que nos é dada de algum modo; por outra, a apreensão correta dessa realidade pela palavra faz com que o que se diz seja verdadeiro, seja expressão da verdade”<sup>469</sup>.

Desse modo, é possível chegar a conceitos de verdade e de realidade muito próximos entre si e que, no dia-a-dia, servem para validar um ou outro discurso em circulação. Mas, se verdade é uma construção, o que dizer do real ou da realidade? Partindo-se do pressuposto de que realidade é o que acontece ou o que aconteceu, pode-se chegar à conclusão de que ela é formada por fatos.

<sup>466</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

<sup>467</sup> FOUCAULT, Michel. *op. cit.*, p. 56.

<sup>468</sup> PIMENTA NETO, Olímpio José. O lugar da verdade na literatura. *Cadernos Nietzsche*, n. 15, 2003, p. 32.

<sup>469</sup> *Ibid.*, p. 32.

Seguindo o raciocínio de Paul Veyne, um fato pode ser considerado um evento<sup>470</sup>, no sentido de que “tenha, realmente, acontecido”<sup>471</sup>. Mas, como bem ressalta Veyne, “fatos não têm dimensões absolutas”: “Quando muito, pode-se pensar que certos fatos são mais importantes que outros, mas mesmo essa importância depende, totalmente, dos critérios escolhidos por cada historiador e não tem uma grandeza absoluta”<sup>472</sup>. Desse modo, o *real* ou a *realidade* podem também ser considerados construções no campo do discurso, sendo descritos – ou propostos – a partir de um ou outro campo de visão, mas jamais da totalidade. Como afirma Paul Veyne,

Os acontecimentos não existem, com a consistência de um objeto concreto. É necessário acrescentar que, não importa o que se diga, não existem também como um “geométral”; prefere-se afirmar que eles têm existência em si mesmos como um cubo ou uma pirâmide: nunca percebemos todas as faces de um cubo ao mesmo tempo, só temos um ponto de vista parcial; em contraposição, podemos multiplicar esses pontos de vista. Assim se passa com os acontecimentos: sua inacessível verdade integraria os inumeráveis pontos de vista que teríamos sobre eles, e todos seriam detentores de sua verdade parcial. Não é nada disso. A assimilação de um acontecimento a um geométral é enganosa e mais perigosa do que cômoda.

Se quisermos, realmente, falar de um geométral, que se reserve esta palavra para a percepção [grifo meu] de um mesmo acontecimento por testemunhas diferentes, por diferentes indivíduos de carne e osso: a batalha de Waterloo vista pela mônada Fabrício, pela mônada Marechal Ney e por uma mônada taifeira. Quanto ao *acontecimento* “batalha de Waterloo”, tal como um historiador escreverá, não é o geométral dessas visões parciais: é uma escolha daquilo que as testemunhas viram e uma escolha crítica.<sup>473</sup>

Daí, então, Romário Martins criar a história do pinheiro de D. Pedro II e apresentá-la como *verdade*. Com base na análise de Foucault, ele tinha *autoridade* para proclamar tal enunciado como verdadeiro, e, de fato, não estava propriamente narrando fatos históricos, mas criando uma *narrativa* da cidade, aos moldes de Stuart Hall (como veremos mais adiante), com o auxílio da literatura e de boa dose de imaginação.

Literatura como elemento de formação da consciência nacional<sup>474</sup> – pelo que defende Antonio Candido, como estamos vendo, este foi um importante papel exercido especialmente ao longo do século 19 no Brasil. Mas não apenas até lá. A literatura foi relevante na consolidação da República, divulgando as

<sup>470</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 17.

<sup>471</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>472</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>473</sup> *Ibid.*, p. 46-47.

<sup>474</sup> CANDIDO, Antonio. *op. cit.*, p. 179.

possibilidades tecnológicas da modernidade – e mesmo com elas deslumbrando-se a cada linha, como indica Flora Süssekind, comentando a entusiasmada crônica de Paulo Barreto, o João do Rio, a respeito das novidades técnicas de então<sup>475</sup>.

Nessa linha, Luis Fernando Lopes Pereira, chama atenção para um aspecto de considerável relevância: “(...) as transformações econômicas ocorridas durante o Segundo Reinado demonstram que a base das mudanças fora dada pelo Império (...)”<sup>476</sup>. Em seu julgamento, tal percepção sustenta a tese de que a modernidade advinda com a República é, de fato, uma construção – tanto quanto a história dos moradores ficcionais de Javé.

Isto demonstra que a imagem da República como um sistema de governo que colocaria o país na modernidade não passa de uma construção feita a partir de uma fantástica engenharia política, montada para intervir sobre o imaginário da população e disseminar a idéia de que o Brasil estava entrando na modernidade graças à Proclamação da República.<sup>477</sup>

Além do deslumbramento tecnológico, as discussões a respeito da idéia de pátria também tiveram espaço na literatura da Primeira República, até mesmo em textos mais críticos, como os escritos, em romance ou crônica, de Lima Barreto – conforme assinala Silviano Santiago<sup>478</sup>.

Retomando o foco *temático* da literatura, utilizado como uma das formas de afirmação da pátria na passagem da Monarquia para a República, o Romantismo, segundo Antonio Candido, foi o movimento ideal para a difusão do patriotismo entre os brasileiros, embasado no romance, como vimos no Capítulo 1, um gênero literário então nascente e repleto de possibilidades, por oferecer flexibilidade narrativa até então não-experimentada.

A largura do seu âmbito, principalmente no que se refere ao tratamento formal da matéria novelística, leva-o a romper com as normas que delimitavam os gêneros. Entrando, à

<sup>475</sup> SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>476</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 50-51.

<sup>477</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>478</sup> “Nesse sentido, a ficção de Lima Barreto seria o elemento que irromperia na cadeia discursiva nacional-ufanista, causando um curto-circuito crítico que é inapelável. É o primeiro curto-circuito operado na cadeia. Este acidente chamaria a atenção para o fato concreto de que todo discurso sobre o Brasil foi irremediavelmente idealista, comprometido que estava com o discurso religioso e paralelo e que, finalmente, foi o dominador”. | SANTIAGO, Silviano. Um ferroadá no peito do pé. In: \_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v. 44) p. 175.

busca de temas e sugestões, pela história, a economia, a política, a moral, a poesia, o teatro, acaba também por lhes roubar vários meios técnicos – que ao juntar-se fazem dele um gênero eminentemente aberto, pouco redutível às receitas que regiam os gêneros clássicos. Daí a facilidade e a felicidade com que se tornou o gênero romântico por excelência; aquele, podemos dizer, que deveu ao Romantismo a definitiva incorporação à literatura séria e ao alto posto que mantém desde então.<sup>479</sup>

Foi a partir da liberdade e da carga emocional resultantes da combinação “romance romântico”, então, que a idéia de pátria brasileira começou a ser difundida entre uma população também em formação. Entre as características utilizadas nesse tipo de narrativa, vale destacar a preocupação com a verossimilhança (em tornar críveis, possíveis, as situações descritas), o nacionalismo literário, a idealização do índio e o que Antonio Candido chamou de literatura extensiva.

Tal literatura partia da “ânsia topográfica de apalpar todo o país”. Dessa forma, explica Candido, “o que vai se formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. (...) Literatura extensiva, como se vê, esgotando regiões literárias e deixando pouca terra para os sucessores, num romance descritivo e de costumes como é o nosso”<sup>480</sup>.

Pois tais características, aplicadas à construção do imaginário da pátria, foram aproveitadas pelos paranistas na tarefa de construir uma identidade para o Paraná. Afinal, como bem observa Irã Taborda Dudeque, as questões de identidade que dizem respeito à pátria, também dizem respeito ao regional e ao local.

A partir do século XVIII, a Espanha, e depois Portugal, no século XIX, entregaram-se a exercícios intelectuais metafísicos sobre *o que era* a Espanha, *o que era* Portugal, qual o sentido e a missão destes países. Esta volúpia pela auto-análise coletiva espalhou-se pelos países da América Ibérica. A América dita Latina (como os diplomatas de Napoleão III a denominaram) atravessava crises ciclótímicas, ora tentando estabelecer as diferenças que a definiram ante a matriz européia, ora tentando afirmar-se como uma Europa no exílio. Os intelectuais brasileiros seguiam a mesma meada, perguntando-se *o que era* o Brasil, perguntando-se se havia uma cultura que definisse o país perante o mundo e, no limite, questionando a própria existência nacional (a insistência em se criar uma “identidade nacional” significava que tal identidade não existia, e não havendo identidade, não havia nação). **De dúvida em dúvida, cabia decifrar *o que era* o Paraná** [grifo meu].<sup>481</sup>

<sup>479</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. v. II. p. 97.

<sup>480</sup> CANDIDO, Antonio. *op. cit.*, p. 101.

<sup>481</sup> DUDEQUE, Irã José Taborda. *op. cit.*, p. 56-57.

Para decifrar “o que era o Paraná”, havia pois os paranistas. E dentro da atividade de descobrir-produzir o Estado no imaginário da população, cabia também definir sua recém-instituída capital, que, pela própria ação paranista, vinha ganhando fama de centro paranaense de produção – tecnológica e cultural.

“Oh! PARANÁ  
incompreendido nas victorias econômicas do amanhã!  
Polycultura! – O PÃO NOSSO DE CADA DIA –  
.....  
Tudo assim, na TERRA DAS MARAVILHAS, neste PARANÁ,  
Das moças bonitas, das mulheres mais lindas do mundo!!!  
É o despertar de GOLIAS!”<sup>482</sup>

O tom ufanista da *Oração Paranista* de Affonso Correia, assim como do *Credo Paranista* de Sebastião Paraná, tinha por fonte de inspiração o “livro-pai” do ufanismo nacional: *Porque me ufano do meu País*<sup>483</sup>, escrito por Affonso Celso na transição da Monarquia para a República (sua data de conclusão é 8 de setembro de 1900). Já tendo conhecido um trecho da *Oração Paranista*, vejamos agora o *Credo Paranista*:

Creio na fulguração imortal da mentalidade dos que aqui tiveram o berço dileto, mortos e vivos e se notabilizaram nos sacrários da arte e do engenho humano.  
Creio nas belezas fartas, intérminas, empolgantes do Paraná fecundo, caçula garrido, esbelto, rubicundo, que exhibe a granel as tintas da saúde, filho legítimo da altiva Piratininga, da nababesca Terra dos Bandeirantes que derrotaram feras e souberam abater a ousadia castelhana e desdobrar as fronteiras da Pátria.  
**Eis porque me ufano do berço onde nasci** [grifo meu].<sup>484</sup>

A comparação com o livro de Affonso Celso é feita por Irã Taborda Dudeque: “No rastro de *Por que me ufano do meu país*, do Conde Afonso Celso, Sebastião Paraná escreveu o igualmente delirante *Credo Paranista*”<sup>485</sup>. Sebastião Paraná ainda é homenageado por Dudeque como “um dos mais exacerbados de todos os paranistas”.

Mas não o único. De forma geral, desde que o termo “paranista” foi adotado por Romário Martins – tendo, segundo ele, sido “inventado” em 1906 por

<sup>482</sup> CORREIA, Affonso G. Conferência Paranista. Curitiba, 1928. p. 33-34. In: PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p. 94-95.

<sup>483</sup> CELSO, Affonso. *Porque me ufano do meu País*. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.

<sup>484</sup> Publicado em A DIVULGAÇÃO, Curitiba: Graficart, p. 34-35, 12/1954. In: DUDEQUE, Irã José Taborda. *Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2001. p. 263-264. | O autor chama atenção para o fato de Sebastião Paraná ter falecido em 1937.

<sup>485</sup> DUDEQUE, Irã José Taborda. *op cit.*, p. 263.



Domingos Nascimento, então no sentido de “natural do Paraná, esforçado pelo seu progresso, prestígio e integridade”<sup>486</sup> –, eram comuns as manifestações exageradas, que chegavam a excessos como a Coluna Paranista, criada por João Turin como arte decorativa do paranismo, sem efeito funcional algum<sup>487</sup>.

A idéia, com a Coluna Paranista, a criação da bandeira, a troca do nome das ruas com o advento da República<sup>488</sup>, a adoção do pinheiro, era a de criar símbolos para o Paraná. Luis Fernando Lopes Pereira explica que junto com a elaboração de uma história do Paraná era preciso tornar possível a “identificação de símbolos criados com o passado construído pelos próprios paranistas”<sup>489</sup>.

Esse passado construído pelos paranistas era divulgado, especialmente, nos veículos de comunicação – com destaque especial para a revista *Ilustração Paranaense* (1927-1930). Foi nesse aspecto que os paranistas – com o termo estendido por Romário Martins para “todo aquele que é amigo do Paraná” – mais contaram com o auxílio da literatura. Wilson Martins em *Um Brasil diferente*<sup>490</sup>, escrito na década de 50, enfatiza o fato de que o Paraná desses primeiros anos de emancipação política era um local repleto de nacionalidades que nem sempre se comunicavam ou se identificavam com o conjunto formado pelo Estado. Era preciso então, especialmente para aqueles que o governavam<sup>491</sup>, fazer com que

<sup>486</sup> MARTINS, Romário. *Paranística. A Divulgação*, março/1948. p. 37.

<sup>487</sup> “A Coluna Paranista não tinha base, nasce do chão, como o pinheiro; e em seu capitel é possível encontrar pinhas e pinhões estilizados. Ela chegará, inclusive a sair do papel, e decora a casa do Doutor Bernardo Leinig, embora que fora de sua função arquitetônica, na medida em que não serve para sustentação arquitetônica da construção, mas somente como enfeite”. | PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. p. 167-168.

<sup>488</sup> “Em Curitiba a Rua Imperatriz vira Rua XV de Novembro, a do Imperador, Marechal Deodoro e a Praça D. Pedro II, Tiradentes. (...) Na busca de uma determinação do ponto de origem mudam o nome da rua (...)”. | PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 55.

<sup>489</sup> *Ibid.*, p. 127.

<sup>490</sup> MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2. ed. São Paulo: TA Queiroz, 1989. (Coleção coroa vermelha. Estudos Brasileiros; v. 16).

<sup>491</sup> Mesmo quando Wilson Martins publicou *Um Brasil diferente*, na década de 50, ainda havia tal necessidade de criar nos habitantes do Estado um senso de unidade e pertencimento ao Paraná. Esse, aliás, segundo Irã Taborda Dudeque, foi um dos principais projetos de Bento Munhoz da Rocha Netto, que governou o Paraná entre 1950 e 1955, tendo sido responsável pelas atividades de comemoração do centenário da emancipação política do Paraná e por obras arquitetônicas que hoje fazem parte do referencial turístico de Curitiba. Dudeque conta que assim que tomou posse como governador, Munhoz da Rocha “começou a falar na criação de marcos que assinalassem o centenário do Paraná” (p. 162). A respeito do então governador, Dudeque identifica em Munhoz da Rocha raízes paranistas: “(...) Na primeira metade da década de 1950, o Estado foi governado por Bento Munhoz da Rocha Netto, um nome fundamental para entender o desenvolvimento da arquitetura moderna influenciada por Corbusier em Curitiba. Polemista no final dos anos 1920, o paranismo de Munhoz da Rocha relacionava-se à defesa aguerrida da grandeza do Paraná (...)” (p. 48). | Dudeque, Irã José Taborda. *op. cit.*, p. 162 e 48.

\* Com relação à obra *Um Brasil diferente* de Wilson Martins, vale lembrar que a primeira edição, de 1955, foi dedicada à Bento Munhoz da Rocha Netto, “a quem nenhuma oferta será tão agradável quanto a de um livro sobre o Paraná”, e que o livro contou com financiamento parcial do governo estadual. | MARTINS,

estrangeiros e brasileiros habitantes do Paraná passassem a se identificar com a terra em que passaram a viver, era preciso fazer com que se reconhecessem como um povo pertencente ao Paraná, e tivessem orgulho disso.

Para criar tal identificação, os paranistas lançaram mão de uma estratégia coordenada, que misturava história de pretensões factuais com narrativas em tom romanesco:

Neste aspecto, os paranistas serão no mínimo muito ágeis e perspicazes, na medida em que procurarão, nas páginas dos meios de divulgação local, mesclar artigos de uma História regional mais *seca* que trata dos grandes personagens do passado com artigos que procuram fazer o mesmo trabalho, falando em termos de discurso historiográfico, mas que têm a vantagem de tratarem de assuntos mais próximos à população.<sup>492</sup>

Junto com essas narrativas, dos fatos grandes e de acontecimentos cotidianos, trataram também de elaborar os *mitos fundacionais*<sup>493</sup> do Paraná e de Curitiba. “Cabia então à literatura a tarefa de convergir sua produção para a realização do ideal paranista, atingindo, mais do que o cérebro, os corações dos paranaenses para sensibilizá-los à sua causa”<sup>494</sup>, explica Luis Fernando Lopes Pereira.

Apesar do forte caráter simbolista dos mentores do paranismo<sup>495</sup>, a influência do Romantismo se fez valer em vários aspectos na criação de tais mitos de origem. Entre esses aspectos estão a valorização do índio<sup>496</sup> e uma espécie de

---

Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Editôra Anhembi, 1955. [s. p.].

<sup>492</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 126.

<sup>493</sup> Ou mitos de origem são o que Stuart Hall chama de “uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas de um tempo ‘mítico’”. | HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 54-55.

<sup>494</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 133.

<sup>495</sup> Em seu trabalho *Joaquim contra o paranismo*, Luiz Claudio Soares de Oliveira faz a relação entre os paranaenses que difundiram o Simbolismo no meio intelectual do Estado e o movimento paranista. Seriam eles Rocha Pombo, Nestor Vítor, Dario Vellozo e Emiliano Pernet, grupo considerado representativo da produção cultural do início do século no Paraná. Pois esses quatro nomes, conforme Oliveira, “foram instados a ‘criar’ uma característica paranaense, surgindo daí o Paranismo”. Mônia Silvestrin, em *Olhares extremos: 1900 e as imagens do fim de século na imprensa curitibana*, observa o papel particular de Curitiba no Simbolismo brasileiro: “Ao falar de Simbolismo no Brasil é difícil ignorar o papel de Curitiba como o centro mais importante de irradiação do movimento, não só pela intensidade com que se revelou na cidade, mas essencialmente por sua duração, que se estende por mais de três gerações”. | OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares. *Joaquim contra o paranismo*. Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p. 34. | SILVESTLIN, Mônia Luciana. *Olhares extremos: 1900 e as imagens do fim de século na imprensa curitibana*. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 123.

<sup>496</sup> “Tributário do romantismo indianista do século XIX, Romário reconhece no índio qualidades morais e físicas superiores que estariam presentes na formação do paranaense (...). Nesta mesma linha, em vários

adaptação da literatura extensiva de Antonio Candido <sup>497</sup>, procurando cobrir todo o território e os povos habitantes do Paraná, mas que no paranismo ganha tintas de determinismo geográfico.

Tais aspectos, destacados na história construída para o Paraná, ganhavam assim reforço no imaginário dos paranaenses por meio dos mitos fundacionais, nos melhores moldes da estratégia para construção de identidades nacionais. Afinal, como vimos no Capítulo 1, *uma cultura nacional é um discurso*, nas palavras de Stuart Hall<sup>498</sup>, ou uma *comunidade imaginada*, na definição de Benedict Anderson<sup>499</sup>.

Como resume Hall, seriam os seguintes os passos para a construção da identidade de uma nação:

- a *narrativa* da nação | criação de uma história, como enfatiza Hall, com a ajuda da literatura.
- a ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade* | “a identidade nacional é representada como primordial”.
- *invenção* da tradição | Hall observa que boa parte do que conhecemos como tradições nacionais são criações bastante recentes.
- mito fundacional | uma história que localiza a origem da nação em um tempo muito distante, mítico.
- *povo* | no caso da Europa, base de exemplo de Stuart Hall, o povo “puro”, no caso do Brasil, já se parte do contrário, da mistura como originária de um povo especial e diferente.<sup>500</sup>

Pois, estamos vendo, os paranaenses seguiram todos esses passos, contando de perto com a ajuda da literatura, principalmente divulgada nos meios de comunicação da época, mesmo em sua narrativa historiográfica. Vale uma observação especial com relação ao trabalho desenvolvido pelos paranistas voltado à formação de *um povo*, resultante da combinação das tantas etnias que chegaram ao Estado nos vários estágios de seu desenvolvimento. Como observa

---

textos Romário tece elogios ao caboclo enaltecendo as qualidades que o mesmo teria por ser fruto da fusão das duas raças que teriam as melhores qualidades”. | PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 141-142.

<sup>497</sup> Como vimos anteriormente, Antonio Candido utiliza a expressão “literatura extensiva” para definir a “ânsia topográfica de apalpar todo o país”, característica do romance romântico voltado à formação de uma possível identidade nacional no século 19. | CANDIDO, Antonio. *op. cit.*, p. 101.

<sup>498</sup> HALL, Stuart., *op. cit.*, p. 50.

<sup>499</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>500</sup> HALL, Stuart. *op. cit.*, p. 52-57.

Irã Taborda Dudeque, “e como não existia o paranaense, criou-se o paranista”<sup>501</sup>, aquele que, de alguma maneira, lutasse pelo desenvolvimento do Paraná.

Junto com a preocupação de criar, especialmente entre os habitantes, um sentimento de identificação com o Paraná, houve toda uma operação com o objetivo de tornar “sagrada” também sua capital. O mito de origem de Curitiba, elaborado por Romário Martins, a coloca como um local predestinado:

Conta a lenda que os bandeirantes paulistas se fixaram na região do Atuba e lá construíram uma capela em homenagem à Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Com o passar do tempo viram que a estátua mirava com insistência a região do planalto de Curitiba, habitado então pelos *selvagens* caingangues. Como a imagem insistia em voltar seu olhar para o planalto, os bandeirantes se armaram e para lá se dirigiram. Neste momento a Santa em sua humilde capela teria sorrido pela primeira vez.<sup>502</sup>

Além disso, Curitiba deveria ser uma terra de paz, anteriormente ocupada por indígenas de comportamento nobre, e aberta à recepção dos povos que chegavam:

Mas ao chegarem na esplanada dominada pelos *bárbaros* caingangues se surpreenderam pois foram recebidos com uma generosa e cordial acolhida. (...) com os arcos caingangues sendo lançados ao chão e a cuia de mate, símbolo da hospitalidade, oferecida aos brancos. Neste momento a Virgem na capela teria sorrido pela segunda vez. O chefe caingangue teria, então, marcado o local em que os brancos deveriam tomar por centro da povoação que fundassem. E fincando o bastão na terra gramada como se fora um tapete verde disse: Esse é o lugar! (Tati kéval!) Diz ainda a lenda que ao vir a primavera o bastão indígena teria florido e que após tal ato simbólico os índios teriam abandonado a região. A vila era Curitiba. E, na capela, a imagem teria sorrido uma terceira vez.<sup>503</sup>

Finalmente emancipado – como vimos, foi a última província a sê-lo –, o Paraná deveria oficializar sua capital. Na disputa, Paranaguá, que já ostentava o título, Guarapuava e Curitiba<sup>504</sup>. Pois essa última, fundada como vila em 1693, é a escolhida e, a 26 de julho de 1854, é aprovada a lei que determina a transferência da capital para Curitiba. Artigo assinado por Rocha Pombo na revista *Ilustração Brasileira*, em 1929, destaca que esta foi a primeira lei da legislatura paranaense<sup>505</sup>. Instituída capital, apresentava-se o desafio: torná-la crível diante de uma população ainda incipiente e, posteriormente, nas décadas finais do

<sup>501</sup> DUDEQUE, Irã José Taborda. *op cit.*, p. 60.

<sup>502</sup> PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 144.

<sup>503</sup> *Ibid.*, p. 145.

<sup>504</sup> MARTINS, Wilson. *op.cit.*, p. 63.

<sup>505</sup> POMBO, Rocha. Paraná Histórico. *Ilustração Brasileira*, Curitiba, jun/1929. In: PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *op. cit.*, p. 123.

século 19, dos grupos de estrangeiros europeus atraídos para a povoação da província recém-emancipada.

Segundo Irã Taborda Dudeque, o principal problema da capital paranaense ao longo da maior parte de sua história foi a total falta de atrativos, especialmente naturais. Era preciso, literalmente, construí-los.

O Paraná tem cânions, Cataratas e serras, mas Curitiba esteve, está e estará num planalto de terrenos pantanosos e pouco acidentados, sem nenhuma beleza natural catalogada pelos almanaques. Restou à cidade edificar-se, projetar atrações agregando materiais de construção, domando a natureza, desviando rios, abrindo ou fechando vias de circulação. Por isso, Curitiba sempre estimou, louvou e, em várias ocasiões, entregou o poder político a construtores, fossem arquitetos, engenheiros-arquitetos, engenheiros civis ou engenheiros militares. Pedia em troca a solução de uma ausência que a mortificava, pedia em troca que fosse dotada de grandeza (...); implorava em troca ruas e praças e prédios e casas e regras que a dotassem de um aspecto de capital. O grande dilema da elite da cidade foi a percepção de que Curitiba era uma capital desprovida de aparência, das grandes obras e da importância que uma capital *deveria* ter.<sup>506</sup>

Dessa forma, a construção da identidade curitibana, além dos textos e mitos divulgados pela literatura e do grande apoio da imprensa foi, desde o início, fortemente baseada no desenvolvimento e, mais recentemente, no *planejamento* da urbe. Daí a importância em enfatizar a vocação urbana de boa parte dos povoadores do Paraná, como franceses e alemães, assim como sua não menos marcante tendência para atividades técnicas.

Tais imagens a respeito de Curitiba e de sua população, originárias no paranismo, foram sendo atualizadas, recicladas e reforçadas ao longo do tempo, como se pode constatar a partir do tom adotado em um livro como *Um Brasil diferente*, escrito na década de 50 por Wilson Martins. Com o intuito de fixar “o mais fielmente possível o grau e a extensão da influência de elementos culturais estrangeiros na sociologia meridional do Brasil”<sup>507</sup>, a obra acaba por reforçar boa parte das idéias difundidas a respeito da identidade da cidade e do Paraná.

A idéia da vocação urbana dos imigrantes é um desses aspectos: “Assim, o homem paranaense procurava afirmar, em face da paisagem enganosamente acolhedora, mas no fundo hostil e vingativa, seus gestos tradicionais, que o impeliam para a sedentariedade e para o comércio, para a civilização urbana e o conforto”<sup>508</sup>. Em trechos mais específicos, Wilson Martins procura documentar a

<sup>506</sup> DUDEQUE, Irã José Taborda. *op. cit.*, p. 15-16.

<sup>507</sup> MARTINS, Wilson. *op. cit.*, p. 1.

<sup>508</sup> *Ibid.*, p.18.

característica citadina que defende como predominante entre os alemães: “As coleções de jornais, por seu lado, são mais do que eloqüentes, ao indicar o ‘urbanismo’ dos homens de cultura germânica”<sup>509</sup>. E, um pouco mais para frente, acrescenta: “Os belgas e franceses acompanhavam os alemães nessa vocação eminentemente urbana”<sup>510</sup>.

Para enfatizar a vocação urbana dos povoadores do Estado e sua importância na formação da cidade, Martins reforça mais um “mito” que se formou a respeito de Curitiba: o da vocação para a modernidade e o progresso: “Enfim, (...) caberia uma alusão aos técnicos que aqui trabalharam e trabalham, a muitos dos quais já me referi e que continuam a afluir para o estado, conforme se lê na primeira mensagem enviada pelo governador Munhoz da Rocha à Assembléia Legislativa”<sup>511</sup>.

Mais idéias, entre outras, defendidas por Wilson Martins e que até hoje encontram espaço no imaginário a respeito da capital paranaense são a de que Curitiba é uma cidade pacífica (“refletindo nisso, o ânimo ordeiro do paranaense, louvado em quase todos os relatórios dos presidentes da província e do estado”<sup>512</sup>), com alta qualidade de vida (“influência, ainda, segundo penso da imigração estrangeira – pelo nível mais ou menos satisfatório a que atingiu – é a inexistência de favelas em Curitiba, bem como da casa miserável (...)”<sup>513</sup>) e de caráter internacional ou, muitas vezes, “europeu”, chegando às vezes a afirmações que, mesmo amenizadas, não fogem a uma certa carga preconceituosa: “(...)aqui a figura geométrica seria, na mais simplificadora das hipóteses, um polígono irregular de sete lados, cujas faces, em extensão decrescente e de tamanho variável, representariam os elementos polonês, ucraniano, alemão, italiano, os ‘pequenos grupos’, o índio e o negro, estes últimos em proporção praticamente insignificante”<sup>514</sup>.

Dentro do esforço em transformar Curitiba, e o Paraná, em um local cosmopolita (o que com o tempo transformou-se em *slogans* do tipo “Curitiba – capital de primeiro mundo”), Wilson Martins observa que “o ‘homem paranaense’

---

<sup>509</sup> *Ibid.*, p. 256.

<sup>510</sup> *Ibid.*, p. 259.

<sup>511</sup> *Ibid.*, p. 275.

<sup>512</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>513</sup> *Ibid.*, p. 286.

<sup>514</sup> *Ibid.*, p. 108.

é jurídica e sociologicamente, o homem que nasce no Paraná, mas o homem que nasce no Paraná é, do ponto de vista étnico, profundamente internacional”<sup>515</sup>.

Nem mesmo a “novidade”, tão difundida atualmente, da vocação paranaense para o turismo de negócios escapou ao autor ainda na década de 50. Wilson Martins pondera em seu *Um Brasil diferente*, naqueles empolgados tempos de centenário da emancipação política, que seria então possível – “com a projeção extraordinária que o Paraná está ganhando” – que o Estado se transformasse em um “centro de turismo (inclusive, como é natural, o turismo de negócios)”<sup>516</sup>.

Também o investimento na evolução formal da cidade, em sua organização urbana, procurava afirmar e atualizar tais crenças a respeito de Curitiba. É o que conta Irã Taborda Dudeque em *Espiraís de madeira*. Segundo ele,

A arquitetura, em Curitiba, foi um dos argumentos mais explícitos, mais visíveis (e talvez o mais óbvio), para a cidade se convencer de sua própria importância. Era como se, diante de uma vida artística, intelectual e política marginal em relação aos outros centros do país, os curitibanos percebessem que construir era a maneira mais segura de se apresentarem ao Brasil, ao *mundo* e, diariamente, aos próprios curitibanos. Em vários momentos de sua história, Curitiba e o Paraná entregaram o poder executivo a profissionais ligados à construção e ao planejamento.<sup>517</sup>

Tal movimentação em torno da arquitetura, de acordo com Dudeque, se intensificou a partir da década de 70, com a agregação à administração urbana de um grupo de arquitetos recém-formados do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Paraná. Entre eles, estava Jaime Lerner. Tal grupo formatou em Curitiba um modelo de desenvolvimento planejado.

Novamente, desenvolvimento físico urbano e construção da identidade curitibana andavam – e andam – de mãos dadas. Na análise de Dudeque, na década de 70, Curitiba “estava, enfim, convencida de sua importância. Sentia-se uma capital”<sup>518</sup>. Mas, em vez de novas imagens a respeito de Curitiba, o que pode ter havido, e perduraria ainda hoje, foi a reciclagem de muitos dos aspectos – dentre eles os apelidos da cidade-sorriso (data referencial de 1929, por Hermes Fontes<sup>519</sup>) e cidade-jardim (década de 50, por Sérgio Bernardes<sup>520</sup>) – de

<sup>515</sup> *Ibid.*, p. 172.

<sup>516</sup> *Ibid.*, p. 301.

<sup>517</sup> DUDEQUE, Irã José Taborda. *op cit.*, p. 35.

<sup>518</sup> *Ibid.*, p. 213.

<sup>519</sup> *Ibid.*, p. 159.

composição da identidade curitibana e paranaense originários com os paranistas. Na observação de Cátia Toledo Mendonça: “Percebe-se, neste retorno ao início do século, a origem do discurso oficial que ainda hoje vigora no Estado e na cidade. Percebe-se, também, que as imagens construídas no passado tiveram continuidade nas mãos dos governos posteriores, que alimentaram o imaginário da população com novas imagens de progresso e civilização”<sup>521</sup>.

Chegamos à contemporaneidade, dessa forma, com um imaginário reciclado, ao menos aquele divulgado pela publicidade oficial, sobre Curitiba e sobre o Paraná. Mas bastante obediente aos padrões estabelecidos pelos paranistas – com os devidos acréscimos e atualizações ao longo dos anos. A diferença é que, no decorrer do século 20, e hoje, nos primeiros anos do século 21, esse imaginário passou a ser cada vez mais questionado, algumas vezes debochado, outras reafirmado, mas, o mais importante, passou a ser pensado, divulgado e discutido sob outros olhares.

Os textos de Jamil Snege são um exemplo desse modo mais irreverente de abordar o Paraná e sua capital. Uma das imagens que Snege faz questão de desmanchar é a do paranaense educado e pacato, o “burguês por excelência, amante da ordem e da vida sossegada”<sup>522</sup>, características captadas como positivas por Wilson Martins e atualizadas nos discursos oficiais posteriores.

Pois Snege pode *destruir* essa louvada descrição de Wilson Martins em menos de quatro linhas de sua crônica dominical. “O paranaense típico é um grande comedor de picanha e um péssimo consumidor de livros”, ataca na crônica “Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso”, publicada em 13 de março de 1999<sup>523</sup>.

Assim, entre teias de história que vão sendo tecidas, desmanchadas e retecadas pela população e por escritores como Jamil Snege, Roberto Gomes ou Carlos Dala Stella, surgem outras opções de imagens para Curitiba, e para o Estado que a tem por capital. Ao leitor, ao público, à população, aos visitantes são mais olhares, jeitos diferentes de ver Curitiba, além daquele oficializado ao longo dos anos, com marco inicial no movimento paranista.

---

<sup>520</sup> *Ibid.*, p. 220.

<sup>521</sup> MENDONÇA, Cátia Toledo. Imagens de Curitiba na literatura e o discurso oficial. *Fragmenta*, Curitiba, n. 15, p. 65-80, 1998. p. 68.

<sup>522</sup> MARTINS, Wilson. *op cit.*, p. 236.



O legado da modernidade tardia, como bem afirma Stuart Hall, são as identidades múltiplas e se hoje, mais do que nunca, elas se aplicam ao conceito de nação, também se encaixam com perfeição ao regional e ao local. Se cidades, do mesmo modo que nações, são *comunidades imaginadas*, como tais, por mais que um discurso perdure, são recriadas e reescritas a cada dia.

---

<sup>523</sup> SNEGE, Jamil. Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso. Curitiba, *Gazeta do Povo*, 13 mar. 1999. Caderno G. p. 6.

### CAPÍTULO 3 – ESPAÇO. A CIDADE, O TEMPO E A CRÔNICA

*“Aportou em Curitiba como se chegasse a  
Jerusalém ou Amsterdã, uma vaga certeza  
de que ali existiam ruas, casas, pessoas”  
Jamil Snege – Juventud*

*“Até quando vamos encher a cidade com  
painéis narrativos de uma história que foi, não é mais”  
Carlos Dala Stella – Passeio Público e Necessário*

*“Surgiu não se sabe de onde um barbudinho tido como escritor, ex-paraquedista e sobrevivente  
malabarista. Um tipo ciscoso que, entre outros méritos, descobrira que viver faz mal à saúde.  
Ele olhou longamente para a imagem, acendeu um cigarrinho, pensou muito e, diante da platéia que  
se formara ao seu redor, perguntou:  
– E a verruga?  
Foi um espalho na praça. (...)”  
Roberto Gomes – O grande retrato da Mamãe Gorda*

Há lugar para o *flâneur*, para o *cronista-flâneur* na modernidade tardia? Há um tempo, nos dias de hoje, e um espaço na cidade em que o cronista possa flunar? E se não há? Afinal, acredita-se que o movimento, ao menos aquele voluntário, das ruas vai pouco a pouco se transferindo para espaços fechados – shoppings, centros de entretenimento, condomínios ou mesmo a própria casa – e, como vimos na observação de Paulo César da Costa Gomes<sup>524</sup>, no Capítulo 1, locais de circulação *convencionais* – praças, parques e bosques, vias principais, centro citadino – passam a ser ocupados pela população marginalizada, tanto social e economicamente quanto pelos demais habitantes da cidade. Havendo opção, para muitos, esses espaços comuns tornariam-se de bom grado “não-lugares”, no sentido adotado por Zygmunt Bauman para este termo<sup>525</sup>.

Se o ato de caminhar pelas ruas passa a ser considerado perigoso pela maior parte da população, o cronista, como os demais, deixa então de transitar? Mas como é possível falar da cidade, tendo-a apenas por idéia, excluindo sua experiência diária e imanente?

---

<sup>524</sup> COSTA GOMES, Paulo César da. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 184-185.

<sup>525</sup> Conforme visto no Capítulo 2 (p. 105-106). I BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 120-121.

Vimos no Capítulo 2 deste trabalho que, ao comentar o conto de Edgar Allan Poe – “O homem das multidões”<sup>526</sup> – Walter Benjamin vê na galeria “a forma clássica do interior sob o qual a rua se apresenta ao *flâneur*”<sup>527</sup> e defende, a partir daí, que a grande loja seria a forma decadente da galeria. O transitar entre mercadorias, e não mais apenas entre pessoas, seria para Benjamin a condenação da *flânerie*.

Outro aspecto notado por Benjamin, ainda com base no texto “O homem das multidões”, diz respeito à evolução rítmica da cidade: “Quando a multidão se congestionava, não é porque o trânsito de veículos a detinha (...), mas sim porque é bloqueada por outras multidões. Numa massa dessa natureza, a *flânerie* não podia florescer”<sup>528</sup>. O ritmo do *flâneur*, para Benjamin, é outro: “Em 1839, era elegante levar consigo uma tartaruga para passear. Isso dá uma noção do ritmo do flânar nas galerias”, ilustra no texto “O flâneur”<sup>529</sup>.

Na medida em que a cidade cresce, assim como a marcação do passo no bailado cotidiano de seus habitantes, a atividade de flânar, para Benjamin, vai deixando de ser possível. Neste avançado ritmo da modernidade tardia – em um tempo repleto de simultaneidades – no qual muitas pessoas preferem transitar por espaços nem tão comuns assim<sup>530</sup>, não seria mais possível flânar? Não há mais observadores da cidade, estão todos engolidos pela apatia sedutora e mais do que nunca desfrutável de nossa contemporaneidade?

Não é bem assim. Da primeira modernidade para os dias de hoje, seria possível arriscar a defesa de que o ato de flânar sobreviveu, sim – um pouco talvez como farsa, simulacro, é bem verdade. O antropólogo Massimo Canevacci propõe no livro *A cidade polifônica* uma espécie de *evolução* do *flâneur* moderno para seu estágio tardio: o *neoflâneur*, que encontra em espaços clássicos da alta modernidade, como os shoppings (como vimos, possíveis desdobramentos das galerias), o ambiente ideal para exercer sua atividade favorita, o olhar.

<sup>526</sup> POE, Edgar Allan. *Novelas extraordinárias*. São Paulo: Clube do Livro, 1945. p. 77-88. | Capítulo 2, p. 130-131.

<sup>527</sup> BENJAMIN, WALTER. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas – vol. III). p. 51.

<sup>528</sup> BENJAMIN, WALTER. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. *op. cit.*, p. 50.

<sup>529</sup> BENJAMIN, WALTER. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. *op. cit.*, p. 193.

<sup>530</sup> Em uma passagem do texto “O flâneur”, Walter Benjamin destaca que “as ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes”. | BENJAMIN, WALTER. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. *op. cit.*, p. 194.

Para voltar à palavra-chave da pesquisa, o verdadeiro produto oferecido nos *shopping centers* é a *comunicação*, sobrepujando qualquer mercadoria, negócio ou divertimento. (...)

Uma nova interioridade se exprime assim em tais lugares, necessitada de controle ou de abandono, e de multiplicar os olhares com os quais irá se cruzar. Cada um adquire o *status* de *neoflâneur*. Só que no shopping o novo vagabundo perde somente algumas horas. Ele constrói a sua própria identidade como resultado de um compromisso com os infinitos “outros”, com todos aqueles com quem se encontrará para trocar olhares ou para se oferecer ao olhar<sup>531</sup>.

Note-se também que mesmo a ação-chave da *flânerie* – o olhar – ganha, na percepção de Canevacci, versão sofisticada<sup>532</sup>: “o olhar significa não somente olhar, mas também ser olhado”<sup>533</sup>. Sob esse aspecto, antes de tudo, urbano da atualidade, Canevacci observa que:

O *shopping center* é o território fechado e controlado da democracia ocular. Dentro dele se pode exercitar o dom do olhar como dom de si mesmo, baseado na reciprocidade e na oposição do *status-game*. (...)

A exposição das próprias insígnias num lugar público poderia desencadear o risco de conflito (como já aconteceu), a qualquer momento, entre pessoas que pertencem a “facções signícas” diferentes. No espaço abrigado do *shopping center*, tudo, ao invés, deve se desenvolver tranqüilamente no jogo da sedução, da indiferença ou da repulsa: mas nunca no conflito explícito. As tensões urbanas encontram um “campo” – como uma arena ou uma mesa de jogo – no qual os *flâneurs de algumas horas* expõem suas próprias cartas para o *status-game*. Vence quem tiver um número maior de signos.<sup>534</sup>

Em vez de deixar de existir, então, o *flâneur* se prolifera e se fragmenta como tudo o mais da modernidade tardia. Assim como as várias identidades que assumimos com certa dose de liberdade nos dias de hoje, podemos todos ter nossos momentos de *flânerie*, em uma sociedade *edificada* na consciência da imagem, do olhar. Melhor seria dizer, não *somos flâneurs*, mas *podemos estar flâneurs* em determinadas situações. Na modernidade tardia, é possível ser *flâneur* por conveniência, em uma *flânerie* – e por que, a essas alturas, não haveria de ser – para consumo.

<sup>531</sup> CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p. 48.

<sup>532</sup> Esse duplo movimento do olhar já estava presente no *flâneur* da primeira modernidade, como nota Walter Benjamin, mas de um modo muito mais para sombrio do que a atual versão pasteurizada da modernidade tardia. Segundo Benjamin, a “dialética da *flânerie*” consistia em “por um lado, o homem que se sente olhado por tudo e por todos, simplesmente o suspeito; por outro, o totalmente insondável, escondido”. | BENJAMIN, WALTER. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. *op. cit.*, p. 190.

<sup>533</sup> CANEVACCI, Massimo. *op. cit.*, p. 43.

<sup>534</sup> *Ibid.*, p. 49.

Neste contexto, o flunar não se apresenta mais como uma postura de vida, mas como uma experiência de momento, uma muda de roupa. Deixa de ser um privilégio, um modo de *não estar* incluído, para tornar-se um objeto de consumo, decodificado e utilizado por todos em condições – e aqui se diga materiais – de participar do jogo.

Seria isso então? Conforme a previsão de Walter Benjamin, o *flâneur* não pode existir nas megalópoles da alta modernidade. E, ao contrário da previsão de Benjamin, o *flâneur* existe sim, em momentos e locais específicos da vida atual, e dentro das regras do jogo moderno tardio. Mas e o *flâneur* não apenas como aquele que intui a cidade quando por ela transita, mas também como quem se *afasta da norma* para poder *ver com olhos de ver*: esse personagem já não seria possível na modernidade tardia? O *flâneur* com olhar distanciado, com capacidade de captar a cidade e aqueles que nela transitam – esse papel não seria, ainda, aquele que se espera, entre tantos, do cronista de hoje?

O antropólogo Néstor García Canclini reflete sobre esse tema no livro *Consumidores e cidadãos*<sup>535</sup> e admite tal possibilidade, devidamente adaptada a um tempo em que, na sua análise, as pessoas exercem sua cidadania também – ou talvez principalmente – como um ato de consumo:

As crônicas jornalísticas de fins do século XIX e princípios do XX configuravam o sentido da vida urbana inventariando o orgulho monumental dos signos de desenvolvimento comercial moderno. A Cidade do México se articulava através do tecido dos traçados urbanos, das marcas dos monumentos e das datas históricas. A essa ritualidade transcendente, patriótica, agregou-se outro modo – secular – de representação da cidade: o passeio por ela e a crônica que o registrava. Justo Sierra se perguntava como se podia traduzir no México a expressão *flâneur* (sic), com que os franceses designam esse gosto pela deambulação nas cidades. Julio Ramos considerou que **“flanar” pelos itinerários urbanos é um modo de entretenimento associado à mercantilização moderna e sua espetacularização no consumo** [grifo meu].<sup>536</sup>

Canclini nota no *flâneur* a capacidade de distanciamento, mas percebe também os indivíduos modernos como “privatizados”<sup>537</sup>, o que recairia em um comportamento atualizado do *flâneur*, também quando cronista.

<sup>535</sup> CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

<sup>536</sup> O poeta mexicano Justo Sierra (1848-1912) atuou também como jornalista. O porto-riquenho Julio Ramos é referência em estudos culturais, sendo autor de *Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX* (Editora FCE, 1989 – coleção Tierra Firme). | CANCLINI, Néstor García. *op. cit.*, p. 150-151.

<sup>537</sup> A respeito disso, Néstor García Canclini faz o seguinte comentário: “Ser *flâneur* (sic), anota Ramos, não é apenas um modo de experimentar a cidade. / É mais que isso, um modo de representá-la, de vê-la e de

O passeio é uma operação de consumo simbólico que integra os fragmentos em que já se despedaça essa metrópole moderna. Ao narrativizar os segmentos urbanos na crônica, constrói-se – mediante o que Ramos chama de “a retórica do passeio” – uma ordem da cidade. **A crônica publicada nos periódicos é o meio de comunicação próprio desta modernidade incipiente, onde se entrelaçam os sentidos parciais das experiências urbanas** [grifo meu].

Esta tarefa se prolonga até os nossos dias. (...) trata-se de organizar, através da crônica periodística, as descontinuidades da vida urbana.<sup>538</sup>

Esse cronista da cidade de hoje seria então uma pessoa que, assim como o folhetinista e o cronista do século 19 e dos primórdios do século 20, fala a linguagem de sua época. E isso significa transitar no universo de consumo, captá-lo e compreendê-lo. De fato, as relações do *flâneur* tanto com a lógica de mercado quanto com o folhetim e o jornal já estavam inscritas em seu nascimento, na primeira modernidade. “Basicamente, a empatia pela mercadoria é a empatia pelo próprio valor de troca. O *flâneur* é o virtuoso dessa empatia. Leva a passeio o próprio conceito de venalidade. (...)”<sup>539</sup>. Ainda a esse respeito, questiona Benjamin em “Parque Central”: “quando começou a mercadoria a se evidenciar na imagem da cidade?”<sup>540</sup>.

O *flâneur*, assim, entre tantas características, seria alguém que, apesar de resistir à lógica produtiva da modernidade, compreendia a dinâmica de mercado, enxergando-a inclusive na cidade, como relação de troca, mesmo, de seus pensamentos e percepções. “O *flâneur* é um observador do mercado. O seu saber é vizinho à ciência oculta da conjuntura. Ele é, no reino dos consumidores, o emissário do capitalista”<sup>541</sup>, defende Benjamin em “O flâneur”. E um modo de exercer o papel venal de sua posição seria por meio do jornalismo. “A base social da *flânerie* é o jornalismo. É como *flâneur* que o literato se dirige ao mercado para se vender. No entanto, não se esgota com isso, de forma alguma, o aspecto social da *flânerie*”<sup>542</sup>, alega Benjamin.

---

relatar o visto. Ao flunar, o indivíduo urbano, privatizado, se aproxima da cidade com o olhar de quem vê um objeto em exibição. Daí que a vitrine se converta em objeto emblemático para o cronista”. I CANCLINI, Néstor García. *op. cit.*, p. 151. | Citação de Julio Ramos: RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX*. México: FCE, 1989. p. 128. In: *Ibid.*

<sup>538</sup> CANCLINI, Néstor García. *op. cit.*, p. 151-152.

<sup>539</sup> BENJAMIN, WALTER. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas – vol. III). p. 227.

<sup>540</sup> BENJAMIN, WALTER. Parque central. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas – vol. III). p. 177.

<sup>541</sup> BENJAMIN, WALTER. O flâneur. In: \_\_\_\_\_. *op. cit.*, p. 199.

<sup>542</sup> *Ibid.*, p. 225

Mas, na medida em que o *flâneur* passa a compreender a lógica de mercado e fazer da cidade sua vitrine, comercializando aos jornais a produção intelectual resultante de seus passeios citadinos, transforma-se também sua interação com a sociedade. Espera-se do *flâneur* não mais a boemia e o desregramento do dândi, mas algum tipo de *aproveitamento social* de sua vivência na cidade. O próprio Benjamin admite essa transição, espécie talvez de *profissionalização* da *flânerie*. “Um primeiro espécime do deslocamento da palavra e do sentido, parte dos artifícios do jornalismo”<sup>543</sup>, diz ele, ao comentar o conteúdo do prólogo do jornal sugestivamente intitulado *Le Flâneur*:

Prólogo de *Le Flâneur*, jornal popular, escritório dos pregoeiros, rua de la Harpe, 45 (primeiro, talvez único, número, de 3 de maio de 1848): “Nos tempos em que estamos, flânar despejando baforadas de fumo... sonhando com os prazeres da noite – isso nos parece estar com um século de atraso. Não somos pessoas incapazes de compreender os *habitués* de outra época, mas dizemos que, ao flânar, pode-se e deve-se pensar nos seus direitos e deveres de cidadão. **Os dias são de penúria e requerem todos os nossos pensamentos, todas as nossas horas; flanemos, mas flanemos como patriotas** [grifo meu] (J. Montaigne).”<sup>544</sup>

Tal deslocamento da palavra *flâneur* e de seu sentido, ilustrado por Benjamin a partir do citado editorial, aproxima esse personagem de sua imagem possível para os dias atuais. Do *flâneur*, quando cronista, espera-se a mesma capacidade de viajar pela cidade, mas em vez de boemia, espera-se uma crítica que se aproxime da “fala comum” da comunidade para e sobre a qual o cronista escreve. O cronista contemporâneo seria também aquele que flana pela cidade, não tão distraidamente como o *flâneur* da primeira era moderna: ele flana como uma antena aberta à captação das ondas citadinas em suas particularidades, assombros, acontecimentos, revoltas e pessoas. Tal postura teria reflexo direto na crônica, definida pela professora Cassiana Lacerda – na reportagem “Simples narrativas do cotidiano”, no jornal *Gazeta do Povo*<sup>545</sup> – como um gênero que “funciona como uma espécie de antena da coletividade, com seus temas sendo sempre atualizados”<sup>546</sup>.

Esse cronista da modernidade tardia seria ainda aquele que deixa seu flânar ser permeado pela influência midiática – e até mesmo a utiliza como

<sup>543</sup> *Ibid.*, p. 227.

<sup>544</sup> *Ibid.*, p. 227.

<sup>545</sup> NICOLATO, Roberto. Simples narrativas do cotidiano. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º set. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>546</sup> *Ibid.*, p. 3.

instrumento de *flânerie*. Como diz Canclini: “as narrativas da megacidade se fazem também nos telefones e faxes, na comunicação televisiva e financeira que a vincula a outros países”<sup>547</sup>. Talvez seja possível acrescentar: as narrativas da megacidade se fazem *nesses* elementos, e mais internet e telefonia celular, entre outras evoluções tecnológicas publicamente difundidas, mas também *deles* são feitas, como novas possibilidades, virtuais até, de flunar pela cidade.

O cronista contemporâneo incorpora tais novidades como tema – a crônica de Jamil Senege “O perigo vem da Ásia”<sup>548</sup>, já vista neste trabalho, é exemplo nesse sentido. E como forma: na crônica “O paraíso do Fernandinho”<sup>549</sup>, também já analisada neste trabalho, Senege utiliza um espaço consagrado da modernidade tardia – o condomínio – para nele flunar “real” e “virtualmente”, em um constante movimento de aproximação e afastamento<sup>550</sup> que permite ao leitor vislumbrar o condomínio a partir da ótica do cronista autor do texto.

Pode-se pensar assim que, apesar das transformações do *flâneur* da primeira modernidade no “*flâneur* de ocasião” exposto por Canclini, e no “*flâneur*-imagem” percebido por Canevacci, há ainda lugar e – e necessidade – para um certo “*flâneur-voyant*”, “*flâneur-vidente*” um pouco à moda antiga, no sentido de alguém que não se deixa absorver pela multidão e pelos modismos da cidade, procurando manter-se o mais possível independente, para captar e narrar o cotidiano e o tanto de inusitado e assombro que nele pode estar contido.

É bem verdade que quando vê – no texto “Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana”<sup>551</sup> – o *flâneur* como “um pau-para-toda-obra da crítica recente, que reduz Walter Benjamin a um clichê”<sup>552</sup>, André Bueno tem sua razão. Mas, por outro lado, é muito difícil pensar na crônica – gênero do cotidiano, da cidade e do movimento por excelência – sem notar seus passeios temáticos e estéticos. E é difícil também pensar no bom cronista sem deixar-se levar pelo seu flunar físico (a

<sup>547</sup> CANCLINI, Néstor García. *op. cit.*, p. 153.

<sup>548</sup> SENEGE, Jamil. O perigo vem da Ásia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º nov. 1997. Caderno G, p. 6.

<sup>549</sup> SENEGE, Jamil. O paraíso do Fernandinho. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 out. 1998. Caderno G, p. 8.

<sup>550</sup> Frases utilizadas no texto (disponível na íntegra em volume anexo a este trabalho), como “dou uma olhada ao redor”, “aproveito para perscrutar a vizinhança”, “aproveito para me consultar a respeito da experiência que estou vivendo”, “começo a imaginar”, pontuam esse movimento de *flanar* pelo texto e pelo condomínio do Fernandinho. | SENEGE, Jamil. *op. cit.*, p. 8.

<sup>551</sup> BUENO, André. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.). *O imaginário da cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 89-110.

<sup>552</sup> *Ibid.*, p. 106.



partir da descrição de lugares, bairros ou cidades) e textual (pelos vários temas e estratégias literárias e jornalísticas presentes no espaço reduzido da crônica).

É possível que o cronista contemporâneo, se me for permitido afirmar, ainda se deixe flamar apaixonadamente pela cidade. E ao menos aqueles da geração de Jamil Senege<sup>553</sup>, que acompanharam a evolução da cidade e o movimento nos espaços comuns da urbe, ainda têm nas ruas – e não apenas nos espaços fechados e simulacros da modernidade tardia – locais de inspiração. Os leitores, ao que parece, ainda agradecem e apreciam a *flânerie* do cronista.

Ao comentar a experiência de ter Jamil Senege como cronista, o jornalista José Carlos Fernandes<sup>554</sup> – que foi editor do Caderno G entre julho de 2000 e julho de 2002 e coordenou os cadernos culturais do jornal *Gazeta do Povo* entre julho de 2002 e dezembro de 2004 – aponta como um aspecto que faz de Senege o que o jornalista reconhece como *um cronista da cidade* o fato de transitar pelas ruas, de estar em constante movimento, circulando entre as pessoas e questões citadinas da contemporaneidade. “Teve uma crônica que eu nunca vou esquecer, de um cara que olhou para ele [Jamil Senege] na rua e ele ficou olhando assim ‘o que é, me achou bonito, o que foi’. A gente ria muito. Eu lembro que o Paulo [Camargo, jornalista do Caderno G] dava gargalhadas quando lia pela primeira vez”, recorda Fernandes, a respeito da crônica “Lindo!”, publicada originalmente no dia 28 de junho de 1997<sup>555</sup>.

Tenho até vergonha de relatar. Mas foi o que aconteceu. Eu estava subindo a José Bonifácio, quatro da tarde, aquela montoeira de gente. Um senhor de uns sessenta anos vem na direção contrária e a poucos passos percebo que me encara. Olho-o, receptivo, esperando reconhecer alguém que não vejo há tempos. Ele reduz o passo, um meio sorriso, e com o olhar veludoso, melífluo, dispara:

<sup>553</sup> Jamil Senege nasceu em Curitiba no dia 10 de julho de 1939 e faleceu no dia 16 de maio de 2003, aos 64 anos de idade. Já em seu primeiro romance, *Tempo sujo*, publicado em 1968, sem que o escritor tivesse ainda completado seus 30 anos, evidencia sua ligação com Curitiba, ou melhor, com a vivência da cidade, nas ruas, bares, debates universitários, reuniões e festas que narra com base em personagens empíricos com quem convivia naquela época. O olhar crítico do cronista, sempre a observar o que acontece a sua volta, nas ruas da cidade, já se faz presente. Um bom exemplo estaria no seguinte trecho de *Tempo sujo*: “Bueno come uma pizza. Todos comem pizza e pastel em Curitiba. A garotinha junto à mãe, encostada no balcão, também come pizza. Deve ter uns dez anos e mastiga entediada a base de trigo de sua ração. (...) O que acontecerá com ela dentro de alguns anos? Terá filhos, tomará pílulas, será estuprada? Ah, o futuro!, sempre à espreita por detrás do gesto comum. Mas por certo a garotinha comerá pizza até o fim de sua vida. Mesmo depois do estupro ou do defloramento cristão ela comerá pizza, e isso é futuro invariável em Curitiba. Futuro de ruminante. (...)”. I SENEGE, Jamil. Minha mãe se veste para morrer. *Et Cetera*, Curitiba, n. 1, p. 110-115, outono de 2003. p. 115. I SENEGE, Jamil. *Tempo sujo*. Curitiba: Escala, 1968. p. 42.

<sup>554</sup> FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 19. dez. 2005.

<sup>555</sup> E republicada na coletânea *Os verões da grande leitoa branca* com o título “Entre fúcsias e hibiscos”. I SENEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000. p. 117-120.

– Lindo!...

Céus, estremeço. Eu, lindo? Um galanteio dirigido a mim, que já não sou alvo de galanteios há uns bem vinte anos? E da parte de quem, de um velhote encanecido, baixinho, olhar enlanguescido de medusa?

Continuo a andar firme, inabordável. Mas não resisto. Alguns passos e volto-me. Lá está ele, o senhor, aranha papa-mosca tentando hipnotizar a presa (eu) à distância. O que estará a pensar, o atrevido? Chamando-me de lindo, a mim, quase tão encanecido quanto ele? Há uns vinte anos, já disse, nem mulher ou homem me dirige olhar assim, ainda mais acompanhado de tão sedutor adjetivo. Que loucura, concluo, este mundo está perdido, e pasmado mergulho na galeria Júlio Moreira, deixando a aranha de grisalhas madeixas para trás. (...) <sup>556</sup>

Esta crônica será retomada a seguir para uma análise das estratégias textuais de Jamil Senege – que, veremos, consegue aqui utilizar o inusitado e a sensação inicial de escândalo que o incomum costuma causar como um caminho para se chegar ao lírico, sem em momento algum abandonar o tom de provocação ao leitor, ao curitibano convencional, presente na crônica. De momento, no entanto, cabe retomar a entrevista de José Carlos Fernandes e suas percepções da relação de Jamil Senege com as ruas da cidade.

“O Jamil, por ser publicitário, nunca pôde parar de trabalhar, ele nunca pôde parar de viver”, afirma o jornalista, para retomar mais para frente, a relação com a crônica por ele citada. “O Jamil era um cara que precisava trabalhar. (...) Isso fazia dele um cara que estava andando na rua e um homem olhou para ele. Ninguém vai olhar para quem não sai de casa. É lógico que pode ser uma coisa leviana porque o Drummond [Carlos Drummond de Andrade] passou a vida inteira numa biblioteca. É relativo, mas o Jamil, para a crônica, ele transparecia a cidade”, defende Fernandes.

Para o jornalista, dessa forma, o fato de Senege estar nas ruas, em atividade, aberto à vida, permitia que enxergasse (imaginasse? vivesse?) situações inusitadas, a partir do que captava em seu circular cotidiano pela cidade. Mas vale lembrar que o cronista-*flâneur* percebido na crônica “Lindo!” se aproximaria mais do deslocamento de imagem identificado no editorial do jornal *Le Flâneur* do que da versão de origem de tal personagem urbano. Espera-se desse cronista que seja capaz de afastar-se da norma, de provocar reflexão e de pensar, mesmo as questões de mercado, do ponto de vista da (ausência ou presença da) cidadania. A crônica “Lindo!” seria um exemplo de proposta de

---

<sup>556</sup> SNEGE, Jamil. Lindo! *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 jun. 1997. Caderno G, p. 2.

rompimento da norma e do uso da provocação como estratégia por meio da inversão daquilo que é considerado “normal” para os padrões da cidade:

Terei agido bem, virando-lhe indignado o rosto? Entre ofendido e lisonjeado, continuo a caminhar e, já no Largo da Ordem, atrevo-me a olhar novamente para trás. Cabeças de transeuntes, pés, pernas em sincopado movimento, nenhum vestígio do galanteador. Sumiu-se engolido pelo anonimato da pedestre multidão. Foi-se, o adúltero homenzinho, deixando-me preso no ouvido, como um bandaid, o galanteio de há pouco. É sob tal influxo que imagino um outro desfecho para a história que acabo de narrar. Ao invés, de afastar-me mais e mais, como faço agora, eu correria ao encalço do torpe sedutor. E o interceptaria junto à Catedral. E indagaria:  
 – Que disse, senhor?  
 – Lindo!, ele repetiria, as pupilas se acendendo de grata comoção.<sup>557</sup>

Aqui começa a virada da crônica de Snege. Em vez da indignação moralista esperada do bom cidadão ou da correspondência à abordagem, há uma terceira via, ao menos na imaginação do cronista, que aproxima-se da tolerância e da valorização dos acontecimentos da rua. É relevante perceber aqui como, a partir do tom de deboche do autor identificável nas reflexões chocadas do personagem desde que foi surpreendido pelo elogio do transeunte, chega-se a um momento lírico que permite ao texto levar consigo o leitor para o afastamento da norma esperado do cronista. Mas o lirismo dura pouco. O texto não resiste a deixar-se invadir pela inclemência irônica do cronista:

Eu então, sem mais nem menos, toma-lo-ia nos braços e começaríamos a bailar. E rodopiaríamos ao compasso da valsa vespertina por entre a turba boquiaberta. **E em doce enlevo, a valsar, pisotearíamos os canteiros de fúcsias e hibiscos** [grifo meu]. E olhos nos olhos, a girar, nossos pés alados decepariam as pétalas amarelas dos crisântemos. E os sinos da Catedral a tocar, e a turba delirante a nos aplaudir, atravessaríamos embriagados os passeios até que na extremidade norte da Praça Tiradentes, bem junto ao sinaleiro, um ônibus nos colheria em cheio, espalhando pedaços de nossos miolos pelo asfalto.  
 Lindo!, exclamaria a turba embevecida. E cada qual ao seu destino, pés e pernas, cabeças, transeuntes, a praça readquiriria sua feição normal, apenas o céu azul por testemunha.<sup>558</sup>

Nesta crônica, em especial no trecho final, permanece viva a imagem clássica do *flâneur*, que, antes de tudo, é uma figura de *resistência*. Quando Walter Benjamin, por exemplo, fala de Charles Baudelaire, ele o vê como um provocador<sup>559</sup>. O *flâneur* seria assim uma espécie de resistência às multidões – tal imagem se faz presente na crônica “Lindo!” em momentos como as várias

<sup>557</sup> SNEGE, Jamil. *Lindo! op. cit.*, p. 2.

<sup>558</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>559</sup> BENJAMIN, Walter. *Paris do Segundo Império*. In: \_\_\_\_\_. *op. cit.*, p. 11.

referências à multidão como “cabeças de transeuntes, pés, pernas em sincopado movimento” ou “turba”, repetidas ao longo do texto, e o próprio final da crônica, em que, após o insólito espetáculo, todos voltam a sua apatia cidadina. Tais observações do cronista não deixam de expor um pensamento nada condescendente com relação aos transeuntes da cidade grande. Para finalizar, em máxima ironia, o autor remete à imagem do “céu azul” que, como vimos no Capítulo 2, tem um forte apelo de *perfeição*, tão adequado ao imaginário de *cidade perfeita* – a despeito da apatia, do individualismo ou do falso moralismo da população – alardeado na propaganda a respeito de Curitiba.

Assim, de todas suas características – perdidas, atualizadas ou simuladas na modernidade tardia – o que teria permanecido do *flâneur* no cronista dessa transição do século 20 para o 21 seria o caráter de resistência, em especial à cidade convencional e a sua imagem estereotipada. Quando Jamil Snege, por exemplo, escreve em “Lindo!” que os canteiros de fúcsias e hibiscos do centro curitibano seriam pisoteados naquele incomum valsar diante da Catedral, poderíamos entender esse trecho, entre tantas possibilidades, como uma proposta à população de viver menos como “turba” e de se expressar de forma mais original, menos previsível e “oficial”, como impõe, conscientemente ou não, o poderoso marketing curitibano.

Curitiba está assim presente na crônica como um pretexto para flunar pelas ruas e espaços referenciais da cidade. E como oportunidade para uma crítica – podemos considerar – feroz a um comportamento convencional, apático e nada espontâneo dos habitantes dentro da moldura de fúcsias, hibiscos e crisântemos engendrada para a cidade.

A proposta de Snege nessa crônica vai ao encontro de uma reflexão de Carlos Dala Stella, que dividiu o espaço cronístico com Jamil Snege na *Gazeta do Povo*, na crônica “A beleza postiça de Curitiba”<sup>560</sup>:

(...) Uma cidade não se faz bela, muito menos apaixonante, por causa da engenhosidade de seus administradores. Ela não pode excluir os sonhos dos seus moradores, suas aspirações, seus projetos de vida, sob pena de desprezar o que eles têm de mais particular, sua identidade. Hoje a identidade de Curitiba parece reduzida aos manequins que o governo insiste em ver no lugar dos seus habitantes. (...).<sup>561</sup>

<sup>560</sup> DALA STELLA, Carlos. A beleza postiça de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1998. Caderno G, p. 8. | DALA STELLA, Carlos. *Riachuelo*, 266. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 42-46.

<sup>561</sup> DALA STELLA, Carlos. A beleza postiça de Curitiba. *op. cit.*, p. 8.

Na contemporaneidade, dessa forma, o cronista deve ser – no entanto e acima de tudo – *aquele que resiste*, conseguindo preservar o ato de flunar, de distanciar-se quando tudo o mais pressiona para a multidão e a apatia. O próprio excesso de informações, assim como de sua difusão, contribui para isso. Flunar é resistir. O cronista contemporâneo deve manter suas características de *flâneur*, captando no ar, em pleno vôo, pensamentos, acontecimentos e estados de espírito.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que resiste e se afasta, o cronista deve se aproximar da multidão, ver em seus olhos, individualmente, integrar-se ao conjunto de transeuntes da cidade. É esse espírito de resistência-integração, herdado do *flâneur*, que permite o movimento de aproximação-afastamento nas crônicas – que, por exemplo, Lima Barreto conseguiu exercer tão bem ainda no início do século 20, e que pudemos ver na crônica “O paraíso do Fernandinho” de Jamil Senege.

Outra crônica em que Jamil Senege utiliza o recurso da aproximação-afastamento no texto é “Minha vidinha de cachorro”<sup>562</sup>, publicada originalmente na *Gazeta do Povo* em 2 de maio de 1999<sup>563</sup>. Nela, o narrador é um cachorro condenado à morte pela carrocinha “desta mui ecológica e humana Cidade de Curitiba, amém”<sup>564</sup>.

Com a estratégia de apresentar um cachorro de estimação – já falecido – como narrador, o cronista parece desejar, primeiro, cativar o leitor, por meio da narrativa de tão *indefesa* personagem, para então expor uma situação, para ele, crítica sobre a forma como os animais são tratados em uma cidade que se apresenta como “a capital ecológica” e, especialmente, sobre o pacto de dissimulação aceito entre divulgadores oficiais da urbe e sociedade em geral.

O movimento se dá assim a partir da ótica de nosso cachorro-narrador, denominado no texto Tarugo. A forma como se delineia a desconstrução da forte imagem de Curitiba como capital ecológica depende, em especial, da opção por um tratamento de texto aparentemente ingênuo, certas vezes até próximo do infantil, e por um narrador cativante e não-humano (um mascote?). Tal escolha

<sup>562</sup> SNEGE, Jamil. Minha vidinha de cachorro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 maio 1999. Caderno G, p. 6.

<sup>563</sup> E também na coletânea de crônicas *Como tornar-se invisível em Curitiba*. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 44-47.

permite ao cronista momentos de incisivos ataques, sem, ao mesmo tempo, perder o leitor, que percebe a crítica, mas não se sente, ele próprio, agredido a ponto de abandonar o texto pela metade.

Pelo contrário. É possível imaginar que dê boas risadas e até mesmo se solidarize com as peripécias por que passa nosso pobre cãozinho em sua curta existência. A escolha do narrador dá liberdade ao cronista de observar em primeira pessoa, por exemplo, o que seria um comportamento hipócrita da comunidade curitibana – com relação aos animais, à vista pequena, e à construção oficial da imagem curitibana, que é, de fato, aonde quer chegar esta *nada* suave crônica.

(...) Vocês viram alguma notícia na imprensa de cães que são agredidos, feridos ou mortos por seres humanos? Nunca. Vocês vêem exatamente o contrário. Cães agredindo. Cães mordendo as canelas de velhinhas indefesas. Cães atacando garotinhos angelicais. Cães perversos. Feras assassinas pondo em risco a sobrevivência da humanidade. Eu que morri aos três anos, sem nunca ter abocanhado um glúteo, **posso muito bem me insurgir contra essa descarada hipocrisia** [grifo meu]. O que vocês estão fazendo conosco é uma verdadeira cachorrada. (...).<sup>565</sup>

O movimento de aproximação-afastamento adotado como estratégia estética nesta crônica é que permite ao cronista manifestar-se tão livremente a respeito da cidade e do comportamento de sua população. Por meio desse movimento e pela escolha de uma voz *inocente*, o cronista encontra espaço para flunar entre argumentos *emocionais* e *racionais*, encontrando no oscilar entre agressão e suavidade o espaço ideal de comunicação deste texto. Vejamos a seguir um exemplo em que o narrador *se afasta* do texto, utilizando para isso argumentos *racionais*:

(...) Começa que somos **numericamente** inferiores a vocês. Um cão para cada sete pessoas, dizem as **estatísticas**. E já que falamos em estatísticas, sabem quantos cães foram mortos nas ruas somente no ano passado em Curitiba? 5.730. Isso mesmo: **cinco mil, setecentos e trinta cães** [grifos meus]. Vítimas de atropelamento, envenenamento e outras crueldades maiores. (...).<sup>566</sup>

O movimento em direção a um narrador distanciado, observador dos fatos – em uma passagem anterior, nosso cãozinho evoca: “Se o cão é o melhor amigo do homem, a recíproca nunca foi tão falsa como agora. **Vamos aos fatos**” [grifo meu] –, se dá por meio do uso de palavras como “numericamente” ou

<sup>564</sup> SNEGE, Jamil. Minha vidinha de cachorro. *op cit.*, p. 6.

<sup>565</sup> SNEGE, Jamil. Minha vidinha de cachorro. *op cit.*, p. 6.

<sup>566</sup> *Ibid.*, p. 6.

“estatísticas” e na ênfase por extenso do número de cães mortos nas ruas da cidade. Vê-se também nesse trecho que o movimento de aproximação-afastamento é veloz. Na última frase da citação, o autor já encaminha o narrador – e o leitor – para a aproximação, por meio de argumentos emotivos, com o uso de palavras como “vítimas” e “crueldades”. Vejamos assim o trecho que se desencadeia a partir dessa frase, ilustrando o movimento de aproximação do narrador:

(...) Algum vereador propôs qualquer medida pra reduzir essa **catástrofe**? Ao contrário: propuseram o uso das focinheiras. Não nos humanos, mas em nós. **Só quem nunca foi cachorro pode aprovar uma barbaridade dessas**. Cachorros não tem (sic) glândulas sudoríparas, como outros animais. Cachorros não podem suar, como suam os vereadores. Nós precisamos abrir a boca e botar a língua de fora para controlar a temperatura do corpo. Não é para fazer gracinha, não, nem para cativar os eleitores... **Mas deixem eu contar a minha história** [grifos meus]. (...) <sup>567</sup>

Palavras de forte apelo emocional, beirando à chantagem – “só quem nunca foi...” – inserem o leitor no universo, no drama do personagem. E assim segue a crônica, embalada pelo movimento da narrativa e muito bem temperada por generosas pitadas de ironia, elemento de inegável presença no exemplo que vimos acima. O jogo textual aberto com a menção aos vereadores no início do trecho – e que permite chegar a construções como “cachorros não podem suar, como suam os vereadores” e, por fim, “não é para fazer gracinha, não, nem para cativar os eleitores...” – se apresenta como uma boa ilustração do uso da ironia na crônica: uma estratégia tão presente nesse gênero que parece ser a ele intrínseca, permeando e interagindo com as demais estratégias e temas abordados pelo cronista.

A presença inerente da ironia na crônica é identificada por Marília Rothier Cardoso no ensaio “Moda da crônica: frívola e cruel” – já aproveitando o título como um indicativo de quão pouco amistoso um texto cronístico pode ser, muitas vezes por baixo de seu disfarce de seção *inofensiva* do jornal. “No curso dos tempos modernos, o escritor procura escapar aos constrangimentos da ética burguesa através do manejo de seu instrumento – a linguagem, com o rigor da

---

<sup>567</sup> *Ibid.*, p. 6.

crueldade. Foi isso mesmo que Machado intuiu ao construir, em estrita (as)simetria, o discurso humorístico de suas crônicas”<sup>568</sup>, defende Marília.

O aparente bom-humor do texto – *a doçura de uma bala*, como constata Marília Rothier Cardoso<sup>569</sup> – pode encobrir um projétil dos mais fatais, que entra em operação assim que a ironia passa a ser captada pelo leitor. Nas mãos de um bom cronista, tal arma pode fazer notável *estrago* ao entrar em contato com imagens preestabelecidas. Nas construções irônicas como a da crônica “Minha vidinha de cachorro” a aparência de ingenuidade, de brincadeira inocente, do texto vai assim caindo por terra na medida em que o mesmo evolui e convida o leitor a fazer as relações e interpretações possíveis.

Quando menos espera, o leitor pode se dar conta de que nem o título foi uma escolha gratuita ou apenas divertida do cronista. Há um recado a ser passado, estruturado desde as linhas cheias de graça que iniciam o texto:

Este texto foi psicografado, por isso é importante que eu me identifique logo como seu verdadeiro autor. Meu nome é Tarugo – e não me perguntem por que me botaram esse nome. Nós, cães, não costumamos contestar os nomes que recebemos. Puseram Tarugo, eu aceitei. Um nome é um nome, nada mais do que isso. Não faz a menor diferença. É apenas uma necessidade que os humanos têm de dar nomes às coisas, desde que começaram a falar. Substituir a coisa por um som – não é uma tolice? (...) <sup>570</sup>

Nessa aparente *conversa fiada* com que nosso narrador-personagem abre o texto, a proposta de um tratamento irônico já se torna evidente, desde a escolha de um cachorro absolutamente humanizado como narrador (que inclusive tem o *dom* de transmitir sua história por meio da psicografia) até a brincadeira de que os humanos seriam tolos – pessoas que fazem tolices – em suas escolhas de nomes para as coisas. Outro sinal de que este será um texto irônico pode estar em um possível diálogo com Machado de Assis – escritor reconhecido justamente pelo bom uso das artes e recursos oferecidos pela ironia.

Esse diálogo poderia se dar por meio de duas obras: *Memórias póstumas de Brás Cubas*<sup>571</sup>, obra que também traz uma narrativa pós-vida, e *Quincas*

<sup>568</sup> CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antonio (*et al.*). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 145.

<sup>569</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>570</sup> SNEGE, Jamil. Minha vidinha de cachorro. *op. cit.*, p. 6.

<sup>571</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2001. (Coleção páginas amarelas).



*Borba*<sup>572</sup>, em que, ao contrário do que defende Tarugo no trecho que vimos acima, a escolha do nome do cachorro é *cheia* de significados:

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba – um cão, um bonito cão, meio tamanho, pêlo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dois motivos, um doutrinário, outro particular.

– Desde que Humanitas, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano...

– Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo? – disse Rubião com o pensamento em um rival político da localidade.

– Esse agora é o motivo particular. Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

Rubião fez um gesto negativo.

– Pois devias rir, meu querido. Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro. Os que, porém, não souberem ler, chamarão Quincas Borba cachorro, e...

O cão, ouvindo o nome, correu à cama. Quincas Borba, comovido, olhou para Quincas Borba:

– Meu pobre amigo! meu bom amigo! meu único amigo! (...) <sup>573</sup>

No caso de Tarugo, os significados são dos mais engraçados, desde a definição funcional de pino, torno para prender duas peças de madeira, até a alcunha popular, adquirida no Brasil, de “homem atarracado”<sup>574</sup>. Com essa abertura de tom *engraçadinho* e sem grandes pretensões, o cronista já parece alertar o leitor de que as coisas, nas linhas que seguem, não são bem o que aparentam – preceito dos mais fortes com relação à ironia. Como destaca Linda Hutcheon em *Irony's edge: the theory and politics of irony*<sup>575</sup>, “(...) irony ‘happens’ – and that is the verb I think best describes the process. It happens in the space *between* (and including) the said and the unsaid; it needs both to happen”<sup>576</sup>.

Para Hutcheon, a ironia *acontece* não apenas no âmbito do não dito, mas no espaço entre aquilo que o texto apresenta e as lacunas que indica ao leitor. “The ‘ironic’ meaning is not, then, simply the unsaid meaning, and the unsaid is not always a simple inversion or opposite of the said (...): it is always different – *other than* and more than the said”<sup>577</sup>. Ao indicar que há mais, assim, do que a

<sup>572</sup> ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. (Coleção a obra-prima de cada autor).

<sup>573</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>574</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. p. 626.

<sup>575</sup> HUTCHEON, Linda. *Irony's edge: the theory and politics of irony*. London: Routledge, 1995.

<sup>576</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>577</sup> *Ibid.*, p. 12-13.

aparentemente ingênua e insólita narrativa póstuma de um cachorro de estimação, Jamil Snege evidencia o caráter impregnado de ironia das estratégias por ele adotadas nesta crônica.

Em termos estéticos, aliás, uma das ferramentas freqüentes de que os cronistas lançam mão para tornar seus textos atraentes é a ironia, justamente por ser essa uma forma de unir no texto observação aguda dos acontecimentos e humor. Em outras palavras, o uso da ironia vem se mostrando uma forma eficiente para o cronista dar seu recado sem perder o leitor pelo uso de um tom excessivamente doutrinário, por exemplo. Massaud Moisés nota no livro *A criação literária* que a crônica “(...) livra-se da reportagem pura e simples graças a outros ingredientes propriamente literários, dos quais é de ressaltar o humor”<sup>578</sup>. Antonio Candido parece complementar tal pensamento no artigo *A vida ao rés-do-chão*. Diz ele que:

(...) deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas. (...) É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social.<sup>579</sup>

O comentário parece se adequar com exatidão ao desenrolar da crônica “Minha vidinha de cachorro”: de uma proposta de aparência leve, desde o personagem principal adotado, chega-se a vários momentos de crítica social, sem que o leitor se sinta entediado ou, ele próprio, agredido pelos problemas descobertos pelo cronista. O disfarce de brincadeira encobre provocações a respeito do comportamento dos políticos, por exemplo, sempre tendo por foco o marketing da cidade, *quase* sem doer. Na continuação daquele primeiro parágrafo, em que Tarugo reflete sobre a importância de seu nome de batismo, temos o seguinte comentário a respeito do *método de identificação por sons* dos seres humanos:

(...) Nós, da comunidade canina, temos um método muito mais eficiente. Isto mesmo: uma cheiradinha. Um nome olfativo. Basta contornar o companheiro, chegar por trás e sniff – já identificamos o cara. Se os humanos fossem realmente espertos, usariam o mesmo

<sup>578</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. revista e aumentada. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1979. p. 248.

<sup>579</sup> CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: CANDIDO, Antonio (et al.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 18.

método. Mas eles acham que não ficaria bem. Já imaginou – dizem eles – o governador receber a visita de um representante estrangeiro, contornar e...?<sup>580</sup>

Realmente, a cena seria das mais engraçadas, visualmente. Um administrador público de um Estado que tem por capital uma cidade com uma imagem *tão* cosmopolita como Curitiba (possivelmente não foi gratuita a referência de Snege a um “representante estrangeiro” como o alvo da “cheiradinha”), contornando e farejando um respeitável divulgador internacional das belezas da terra... Como o próprio Tarugo reconhece, perceber as coisas no ar pode até ser mais eficiente, mas talvez não conveniente – assim como, no desenrolar do texto vamos perceber, a história de Tarugo, o Breve, não seja muito adequada à imagem de “ecológica e humana cidade de Curitiba” vendida aos quatro cantos do planeta.

Por meio da ironia, as noções de organização e controle nos mais variados âmbitos institucionais vão, junto com a imagem da cidade, sendo cuidadosamente desfeitas. Um exemplo está no trecho em que o pobre Tarugo comenta seus dias finais, no Canil Municipal:

Nunca imaginei que houvesse tanto cachorro na cidade. Celas superlotadas, pulgas aos milhares, companheiros que nunca tomaram um banho na vida. Voltando às estatísticas: dos 4.271 cães que a Prefeitura capturou no ano passado, só 1.485 voltaram para os braços dos seus donos ou arranjam uma família adotiva. O restante dançou: 619 foram doados para instituições de ensino e pesquisa (bisturi, extração de órgãos, etc.) e a maioria, exatamente 2.167 cães, foi sumariamente eutanasiada. Gostaram do verbo? Pois é como eles dizem lá: eutanasiar. Matar, sacrificar, exterminar são termos muito duros. Eles preferem eutanasiar. Não preciso dizer que fui um dos eutanasiados. Me agarraram, prenderam uma borracha ao redor do meu focinho e – dóida, miseravelmente ardida – me aplicaram uma injeção de sal amargo. **Morri feito um cão** [grifo meu], as pernas amolecendo, a cabeça pesando, um calorão desgraçado explodindo dentro do peito.<sup>581</sup>

Um dos aspectos interessantes desse trecho é a narração – de tintas dramáticas – que Tarugo faz do Canil Municipal. A frase “celas superlotadas, pulgas aos milhares (...)” poderia muito bem passar pela descrição de uma prisão para *pessoas*, como essas que acompanhamos em reportagens de jornal e documentários exibidos na televisão.

Outro ponto relevante é a forma como Snege utiliza o que se aproximaria da reportagem – ou da informação jornalística – como estratégia estética. Nesse trecho, vemos novamente a referência a números, estatísticas que dão uma

<sup>580</sup> SNEGE, Jamil. Minha vidinha de cachorro. *op. cit.*, p. 6.

<sup>581</sup> *Ibid.*, p. 6.

espécie de *suporte técnico* ao texto. A tendência ao relato jornalístico está presente também em um certo tom didático, no reforço do que significa ser encaminhado a uma instituição de ensino e pesquisa e na *informação* do modo como os cães que restam no canil morrem. Como bem observa Massaud Moisés, o que devolve o texto à literatura é o humor. E, nesse trecho, há referências suficientemente irônicas para devolver leveza ao texto, como no comentário de Tarugo: “morri feito um cão”.

Mas há também ironia de um tipo mais agressivo, como a enumeração de sinônimos para a palavra eutanasiar, considerados, oficialmente, termos pouco convenientes. Novamente, aí, a questão da *conveniência* pública levantada já no primeiro parágrafo da crônica. Nessa aparente brincadeira de mostrar aqui e ali a vidinha de cachorro de Tarugo, o cronista chega então, no último parágrafo, à crítica definitiva que propõe, em um todo bem costurado e que, olhando da perspectiva do final, encaminhou-se desde o início para isso:

(Assim termina o protesto de Tarugo, o Breve, que jaz sob toneladas de lixo no Aterro Sanitário desta mui ecológica e humana cidade de Curitiba, amém.)<sup>582</sup>

O uso de parênteses, em si, é ironia, uma vez que coloca a principal crítica do texto em evidência, exatamente a partir do disfarce de informação entre parênteses, post-scriptum, dispensável. No conjunto, “Minha vidinha de cachorro” torna-se assim um exemplo de como a ironia pode ser utilizada de forma eficiente na arquitetura da crônica.

A reflexão de D. C. Muecke a respeito da ironia ilustra bem o que acabamos de ver. Para ele, se por séculos a ironia teve por definição “dizer uma coisa e dar a entender o contrário”<sup>583</sup>, o leitor atual pode desfrutar de mais possibilidades. Para Muecke, “a ironia neste último sentido é a forma da escritura destinada a deixar aberta a questão do que pode significar o significado literal: há um perpétuo diferimento de significância. (...) é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infindável de interpretações subversivas”<sup>584</sup>. A ironia, desse modo, não deixaria de ser uma estratégia de *resistência*, aproximando-se assim do cronista e tornando-se um de seus modos favoritos de

<sup>582</sup> SNEGE, Jamil. Minha vidinha de cachorro. *op. cit.*, p. 6.

<sup>583</sup> MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. Coleção Debates. p. 48.

<sup>584</sup> *Ibid.*, p. 48.

expressão, talvez por atuar de modo a desestabilizar o excessivamente estável, na visão de D. C. Muecke, evidenciando as fragilidades de pensamentos ou percepções aparentemente imperativos:

Isto sugere que a ironia tem basicamente uma função corretiva. É como um giroscópio que mantém a vida num curso equilibrado ou reto, restaurando o equilíbrio quando a vida está sendo levada muito a sério ou, como mostram algumas tragédias, não está sendo levada a sério o bastante, **estabilizando o instável mas também desestabilizando o excessivamente estável** [grifo meu].<sup>585</sup>

Ainda segundo Muecke, podemos considerar a ironia “uma condição *sine qua non* da vida e repetir o que disse Thomas Mann citando Goethe: ‘A ironia é aquela pitadinha de sal que, sozinha, torna o prato saboroso’ (...)”<sup>586</sup>. E nesse banquete de estratégias textuais de que a crônica pode se servir há ainda muitos outros elementos que podem ser utilizados pelo cronista, em combinação com a ironia ou não, às vezes em um único texto.

Neste exemplo da crônica “Minha vidinha de cachorro”, mais uma estratégia de que Snege lançou mão foi a da escolha de um cachorro como personagem principal e narrador do texto. Nesse caso, o cronista bebe das fontes literárias para desenvolver seu personagem e, como pudemos ver em várias passagens, evidencia um grande esforço para *humanizá-lo*. Como bem observa Anatol Rosenfeld no ensaio “Literatura e personagem”<sup>587</sup>, “a descrição de uma paisagem, de um animal ou de objetos quaisquer pode resultar, talvez, em excelente ‘prosa de arte’. Mas esta excelência resulta em ficção somente quando a paisagem ou o animal (...) se ‘animam’ e se humanizam através da imaginação pessoal”<sup>588</sup>.

Dentro das reflexões a respeito do personagem na ficção, Rosenfeld aborda aspectos do foco narrativo – ponto dos mais relevantes quando se analisam as crônicas. No tocante à literatura, de forma geral, Rosenfeld comenta que é o personagem “que com mais nitidez torna patente a ficção”. E compara: “Isto é pouco evidente na poesia lírica, em que não parece haver personagem.

<sup>585</sup> MUECKE, D. C. *op. cit.*, p. 19.

<sup>586</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>587</sup> ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio (*et al.*). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1995. Coleção Debates. p. 11-49.

<sup>588</sup> *Ibid.*, p. 27.

Todavia, expresso ou não, costuma manifestar-se no poema um ‘Eu lírico’ que não deve ser confundido com o Eu empírico do autor”<sup>589</sup>.

A crônica, apesar da liberdade de recursos de que pode lançar mão – como a adoção de personagens humanos ou não, narradores em primeira ou terceira pessoa, diálogos, pantomimas que aproximam o texto da dramaturgia –, tende nesse sentido a se aproximar do poema. Um dos motivos dessa proximidade estaria na própria natureza da crônica. Como pudemos ver neste trabalho, esse gênero, nas classificações do jornalismo brasileiro, se encaixaria no grupo das modalidades “opinativas”<sup>590</sup>. Sendo, pois, um gênero opinativo, apresenta um autor que, logicamente, marcará no texto seu ponto de vista. Isso significaria então que, na crônica, autor empírico e narrador se confundem?

Difícil resposta exata para essa complicada questão. Vale contar com o auxílio de Massaud Moisés, que propõe uma demarcação da crônica em que se evidenciam os textos que tendem ao jornalismo e aqueles que tendem à literatura. Segundo Moisés, “em toda crônica (...) os indícios de reportagem se situam na vizinhança, quando não mescladamente, com os literários; e é a predominância de uns e de outros que fará tombar o texto para o extremo do jornalismo ou da Literatura”<sup>591</sup>.

Um exemplo de crônica que pende para o jornalismo, pela estreita ligação com o factual e pelo tom sério, bastante próximo do artigo, é o texto “Contemplando a menina morta”, publicado na *Gazeta do Povo* por Jamil Snege em 14 de abril de 2002. O reforço do elo jornalístico se dá a partir da inspiração do texto: uma fotografia publicada dias antes em reportagem no jornal, reproduzida então como ilustração da crônica. A imagem, fechada no rosto da criança morta durante a guerra no Oriente Médio<sup>592</sup>, é resultado claro de um

<sup>589</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>590</sup> MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>591</sup> MOISÉS, Massaud. *op. cit.*, p. 248.

<sup>592</sup> Após os ataques aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, e a posterior atitude de revide e intervenção do país, os conflitos no Oriente Médio se agravaram consideravelmente. A crônica de Jamil Snege trata de um episódio entre israelenses e palestinos na faixa de Gaza, em que um atentado a um campo de refugiados matou 200 palestinos, em uma primeira contagem, entre eles a menina Somaeah Hassan. Na época, a foto de Somaeah foi estampada nos jornais e provocou respostas dos leitores. No “Painel do Leitor” da *Folha de São Paulo*, Rosalina Fugarra Barros Galvão, de Pirituba Mirim (SP), reprovou a publicação da foto, a mesma reproduzida na crônica de Jamil Snege: “Há muita coisa insensata e incoerente na humanidade. Mas a Primeira Página da Folha de 8/4 superou-se. Explorar a foto da criança morta é amoral, obsceno, sórdido. Nunca senti uma dor maior e tanta revolta (...)”. Já o leitor paulistano Carlos Rossini se sensibilizou: “O rosto da menina palestina Somaeah Hassan, morta aos 6 anos no campo de refugiados Rafah, na faixa de Gaza, estampado na Primeira Página da Folha de ontem, provoca dor, tristeza e vergonha. Toda a

trabalho fotojornalístico, em que a informação, no caso a menina morta, aparece em exposição direta, sem rodeios ou efeitos de produção. A superexposição resultante da fotografia, em uma espécie de *nudez temática*, é responsável por aproximar em definitivo essa crônica da área jornalística. Vamos ao texto:

Ela apareceu na manhã de segunda-feira, estampada na primeira página do jornal. Somaeah Hassan é o seu nome. Tem 6 anos. Terá eternamente 6 anos, pois foi nessa idade que lhe arrancaram a vida para a transformar em mais uma acusação contra essa coisa amorfa e inqualificável a que chamamos humanidade.

É muito bonitinha a Somaeah. Narizinho bem-feito, longas pestanas e uns olhos docemente castanhos através das pálpebras semicerradas. (...)

Mas é efêmero o martírio da menina morta. Amanhã ninguém mais falará seu nome. Ela será lançada na vala comum das estatísticas, não terá mais sexo nem idade e constará da lista oficial dos invasores como um inimigo destruído.

E seus algozes terão glória e vida longa, sob os auspícios desse Deus que, estranhamente, prefere os facínoras aos puros. (...) <sup>593</sup>

Texto de natureza livre, a crônica não traz a notícia. Como vimos anteriormente, a partir de uma observação de Massaud Moisés, a reportagem está na periferia da crônica. Mas o texto tende ao jornalismo justamente por reforçar o aspecto da notícia, por tratar de forma crítica – e séria – do assunto *do momento no momento*. Nesta crônica, a presença da

fotografia reforça também seu caráter jornalístico. Se publicada em livro, por exemplo, sem a imagem por ilustração, a crônica dificilmente terá o mesmo efeito



**Ilustração 4 – Contemplando a menina morta | Jamil Snege**

humanidade está atingida pela força dessa imagem que mostra a estupidez dos acontecimentos envolvendo israelenses e palestinos. (...) Perdoe-nos, Somaeah". | FOLHA DE SÃO PAULO. Painel do leitor – Palestina morta. São Paulo, 9 abr. 2002. (cartas de Rosalina Fajarra Barros Galvão e Carlos Rossini). Disponível na internet: [www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaao/fz0904200211.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaao/fz0904200211.htm). Consultado em 21 maio 2006 – 16:13.

<sup>593</sup> SNEGE, Jamil. Contemplando a menina morta. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 abr. 2002. Caderno G, p. 4.

que provocou quando divulgada no jornal. No perfil traçado de Jamil Snege na reportagem “Sempre aos domingos. Ano 5”<sup>594</sup>, a jornalista Maria Fernanda Gonçalves conta que a crônica “Contemplando a menina morta” é lembrada por Snege como de grande retorno por parte dos leitores:

(...) recordou em outros trabalhos, também, temas nada divertidos, como a morte das crianças no Oriente Médio, retratada em “Contemplando a menina morta”, publicada há cerca de um mês. Snege lembra que vários leitores o procuraram, sensibilizados pela crônica. “Assuntos delicados como este exigem um maior grau de elaboração e sutileza para que não venham a ferir suscetibilidades”, aponta.<sup>595</sup>

Visto um exemplo de crônica que tende ao jornalismo, e da inegável presença da opinião, arrisco dizer, do autor empírico do texto, podemos agora verificar o que Massaud Moisés propõe para a crônica quando a tendência é para a literatura. “E quando o caráter literário assume a primazia, a crônica deriva para o conto ou a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo. De onde os dois tipos fundamentais de crônica: a crônica-poema e a crônica-conto”<sup>596</sup>.

Destaca o teórico que “a crônica literária oscila, por conseguinte, entre a poesia e o conto (...). Enquanto poesia, a crônica explora a temática do ‘eu’, resulta de o ‘eu’ ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético”. Esse aspecto se daria, segundo Massaud Moisés, na crônica em prosa, mais que no verso, por conta do tom confessional e íntimo assumido na escrita cronística. “Genericamente, o percurso do ‘eu’ no rumo de sua interioridade segrega crônicas repassadas de lirismo: nem o tom épico, nem o trágico parecem adequados às dimensões externas e internas da crônica”, defende. “Crônica-poema, poema em prosa podem ser os designativos dessa excursão para a poesia; em qualquer dos casos, a crônica se inseriria no âmbito da prosa poética, visto que denuncia a simbiose entre os dois gêneros”<sup>597</sup>.

<sup>594</sup> GONÇALVES, Maria Fernanda. Perfil Jamil Snege e Roberto Gomes: sempre aos domingos; ano 5. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 maio 2002. Caderno G, p. 4.

<sup>595</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>596</sup> Massaud Moisés expõe ainda uma terceira possibilidade, por ele rejeitada: “Há quem considere o debate das idéias como um possível terceiro tipo de crônica, mas a rigor trata-se de prosa doutrinária em forma de artigo de jornal, como poderia ser de revista ou capítulo de livro, e não crônica. De contrário, toda matéria jornalística que não se ativesse a relatar fatos verídicos, seria crônica, o que transformaria, evidentemente, o jornal numa cadeia de crônicas. (...)”. I MOISÉS, Massaud. *op. cit.*, p. 250.

<sup>597</sup> *Ibid.*, p. 252.



Um exemplo de crônica no sentido de prosa poética seria “Ainda sobre o amor”, de Jamil Snege. Publicado na *Gazeta do Povo* em 24 de novembro de 2002, o texto parte de uma situação convencional – uma entrevista a uma estudante universitária. Desse ponto de partida, o autor se deixa revelar, nos mais variados aspectos, ao seu público:

A moça, muito tímida, muito bonita, veio me entrevistar para um trabalho da faculdade. Gravador ligado, lá vou eu percorrendo sobre minha vidinha de escritor. De dez em dez minutos, ela arrebatava o gravador do centro da mesa e verificava se a fita ainda está rodando. Faz isso com uma certa apreensão, adejando seguidamente as pálpebras, como se o tempo de gravação prometido pelo fabricante não lhe parecesse muito confiável. Nem todos que me entrevistam leram meus livros. Esses trabalhos em equipe fraturam as tarefas, às vezes a pessoa encarregada de fazer as perguntas vem apenas municiada por um (sic) rápida leitura de orelhas ou por um texto curto que circula de mão em mão. Minha entrevistadora, no entanto – muito tímida, muito bonita –, parece ter lido quase tudo o que escrevi. E corrobora isso de forma inequívoca ao mencionar uma crônica que publiquei aqui na *Gazeta*, já faz tempo, chamada “Para matar um grande amor”. Quer saber se eu ainda penso assim: que só os amores verdadeiros acabam; que só os amores verdadeiros possuem o dom da finitude, abrupta e intempestiva; que só se cura a dor de perder um grande amor quando se encontra um amor vulgar, desses feitos para durar uma vida toda. Confesso que fiquei meio bobo. A moça conhecia a crônica melhor do que eu próprio. (...).<sup>598</sup>

Nesse trecho inicial, o cronista constrói a atmosfera poética a partir da descrição do episódio da entrevista e da impressão que lhe causou a entrevistadora, por uma possível profundidade por ele não esperada. Segue na atmosfera por conta do tema – o amor –, e pela reflexão levantada a respeito desse assunto no desenrolar da entrevista.

Mas, nesta crônica, o cronista também se revela como escritor, ao comentar sua satisfação em perceber que a moça seria de fato conhecedora de seu trabalho. Novamente, a relação entre autor e leitor se evidencia no comentário de Snege de que a leitora parecia conhecer a crônica “Para matar um grande amor”<sup>599</sup>, que inspirou esse segundo texto sobre o tema, melhor do ele próprio.

Para se aproximar do aspecto lírico, no entanto, a crônica não precisa falar de amor. Um exemplo está no texto “A idade da Sukita”, de Jamil Snege, publicada em 7 de novembro de 1999:

<sup>598</sup> SNEGE, Jamil. Ainda sobre o amor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 nov. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>599</sup> SNEGE, Jamil. Para matar um grande amor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jul. 2000. Caderno G, p. 10. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 19-20.

A repórter Luciana, da CBN, me pede um depoimento sobre o tópico “A vida começa aos quarenta”. Meu comentário será reproduzido no sábado, a viva voz, no meio de um programa sobre meia-idade. Um minuto, mais ou menos, durante o qual devo mostrar toda minha argúcia e inteligência. São dez e vinte, estou acordando, a sineta do telefone ainda retine em meus ouvidos. Voz pastosa, um gosto de guarda-chuva na boca, umas sobras de material onírico trafegando pelo cérebro, peço um tempo a Luciana. Ela me concede vinte minutos, eu agradeço.

(...) A primeira coisa que me ocorre a respeito da vida que começa aos quarenta é aquela série de comerciais da Sukita, na qual um trêfego cidadão de meia-idade tenta conquistar uma garota de vinte.

A partir daí, o narrador adentra em suas próprias memórias dos quarenta anos e o cenário que ele revê não é dos mais animadores:

(...) tento reproduzir na memória algumas cenas dos meus próprios quarenta anos. Estremeço só de lembrar. Ó, terror! Divorciado, morando sozinho, freqüentando uma roda de malucos que se reunia todas as noites no Hotel Colonial, me agarrando freneticamente à vida enquanto a morte, eu supunha, já fungava no meu cangote, vivi todos os dissabores da meia-idade. Com a agravante de que a minha crise da meia-idade foi a mais longa que a ciência já registrou. Começou aos 33 anos, durante um joguinho de futebol na casa do Fábio Campana, e não exagero afirmar que dura até hoje. (...)

Desse dramático panorama, que dá a impressão de a crônica caminhar para o mais irremediável pessimismo, o narrador faz a virada do jogo textual, chegando a uma conclusão otimista:

O telefone volta a tocar, já se passaram mais de vinte minutos, é Luciana do outro lado cobrando meu depoimento. Pigarreio e procuro embutir, nos 60 segundos que me cabem, minha contribuição pessoal ao debate. A vida começa aos quarenta? Faço uma salada dos diabos, misturo Sukita, futebol e poesia, tudo comprimido em um exíguo minuto radiofônico.

Falei de futebol? Ah, sim, me lembro. Disse que a sensação que eu tinha, aos quarenta anos, era de estar voltando a campo para o 2º tempo de um jogo em que meu time, com dois jogadores expulsos, perdia por 3 a 0. Hoje a percepção mudou: faltam vinte e poucos minutos para acabar, está de 3 a 2 e já chutamos duas bolas na trave.<sup>600</sup>

Certa delicadeza de tratamento dos temas cotidianos e o tom confessional do cronista seriam então os fatores de condução do gênero para o lirismo. Mas, retomando a questão do “eu” interior: seria possível que esse narrador que se apresenta como Jamil Snege fosse, de fato, o autor Jamil Snege? No caso da crônica, essa é uma questão especialmente complicada, uma vez que a característica primordial do gênero, o fator que atrai o público para a leitura da seção, é justamente seu tom intimista. É certo que o autor empírico se delineia no correr do texto, visto que a crônica é jornalismo de opinião. Mas, até que ponto esse narrador-cronista que aparece na crônica não pode se tornar, também, um personagem?

Flora Bender levanta a questão da seguinte forma em um dos intertítulos do livro *Crônica: história, teoria e prática*: “O cronista existe mesmo ou é uma invenção do cronista?”<sup>601</sup>. Na sua avaliação, apesar de, em algumas crônicas, ser muito difícil separar o cronista do narrador, o fato de alguns autores assinarem seus textos com pseudônimos – o que permite até mesmo a um homem assinar uma crônica com um nome feminino e vice-versa<sup>602</sup> – dá pistas de que o cronista pode sim criar um cronista-personagem.

De fato, a crônica tende a se apresentar como um gênero de narrador em primeira pessoa, mas nada impede que o cronista apresente o narrador em outras posições ou utilize outros recursos, como uma crônica em diálogos<sup>603</sup> – exemplo da crônica “Mudou? Não mudou?”<sup>604</sup> de Roberto Gomes que vimos neste trabalho. Em todos os casos, vale observar que, independentemente da imanência empírica do autor no texto, não se deve ignorar a distinção tanto do autor quanto do leitor como estratégias textuais, aos moldes do que Umberto Eco apresenta como autor e leitor modelos.

Eco defende em *Seis passeios pelos bosques da ficção* que o autor-modelo seria uma terceira entidade no texto, diferente do narrador e do autor empírico. Pare ele, “(...) o autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo”<sup>605</sup>.

Na mesma linha, o leitor-modelo também seria uma estratégia narrativa, na visão de Eco. “O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor

<sup>600</sup> SNEGE, Jamil. A idade da Sukita. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 nov. 1999. Caderno G, p. 3. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 36-38.

<sup>601</sup> BENDER, Flora; LAURITO, Ilka B. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 60.

<sup>602</sup> Flora Bender dá em seu texto os exemplos de Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Sérgio Porto, e do teatrólogo Cláudio de Souza, que assinaria crônicas na *Revista Feminina*, no início do século 20, sob o pseudônimo de Anna Rita Malheiros. | BENDER, Flora; LAURITO, Ilka B. *op. cit.*, p. 61.

<sup>603</sup> Essas seriam questões de foco narrativo e orientariam ainda, conforme veremos mais adiante, a tendência da crônica ao conto. Em um resumo bastante prático a respeito das estratégias de foco narrativo, baseado nas teorias de Norman Friedman, Ligia Chiappini Moraes Leite, discorre a respeito das oito categorias de narrador, em que a participação do mesmo decresce até quase se anular: autor onisciente intruso; narrador onisciente neutro; “eu” como testemunha; narrador-protagonista; onisciência seletiva múltipla; onisciência seletiva; modo dramático; câmera. | LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005. (Série princípios). p. 25-66.

<sup>604</sup> GOMES, Roberto. Mudou? Não mudou? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 ago. 2000. Caderno G, p. 3.

<sup>605</sup> ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 21.

empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto”<sup>606</sup>, diferencia o teórico. De acordo com ele, o leitor-modelo seria “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar”<sup>607</sup>. Por fim, Eco apresenta o leitor-modelo como “um conjunto de instruções textuais, apresentadas pela manifestação linear do texto precisamente como um conjunto de frases ou de outros sinais”<sup>608</sup>.

Mas por que, sendo a crônica um gênero em que o narrador se aproxima mais fortemente do autor empírico do que os demais gêneros literários, seria importante levar sempre em consideração a presença tanto de um autor-modelo quanto de um leitor-modelo? No caso específico de Jamil Snege, o escritor e crítico Miguel Sanches Neto comenta que “não há como separar” o Jamil empírico do Jamil da crônica. “Ivan Lessa diz que a crônica é uma autobustificação. É isso, nós construímos um monumento a nós mesmos, o personagem toma o lugar do ser real. Isto é inevitável. A intimidade com o leitor vai por conta de que, no jornal, ou você conquista o leitor ou ele abandona você na primeira linha”<sup>609</sup>.

Temos aí a pista – pelo intrínseco caráter opinativo da crônica, quase não seria possível separar o cronista empírico do narrador da crônica, de modo que esse cronista que aparece no texto acaba se constituindo um pouco como um personagem, que pode ser muito parecido com o autor que assina a crônica. Justamente por essa condição de cronista-personagem ou personagem-narrador que se mescla ao autor empírico e emite suas opiniões na crônica, é importante ter em mente o autor-modelo e o leitor-modelo como estratégias textuais também adotadas pelo cronista. Tal fator vai favorecer a liberdade expressiva tão cara ao gênero cronístico. Um dos modos possíveis de exploração dessa liberdade estaria, por exemplo, na interação com personagens fictícios.

Um exemplo nesse sentido estaria no Freitas<sup>610</sup>, um tipo criado por Jamil Snege como uma espécie de alter ego às avessas do cronista-personagem *Jamil Snege* bastante freqüente em suas crônicas. Vale ressaltar aqui que, de modo geral, a criação de “tipos” fictícios é uma das estratégias textuais de que se valem

---

<sup>606</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>607</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>608</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>609</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>610</sup> Deve-se deixar claro aqui que a interação entre autor e personagem fictício na crônica não funcionaria como uma *confirmação* da possibilidade de o cronista ser considerado também como um cronista-personagem. O exemplo citado seria um caso *ilustrativo*, uma das estratégias de expressão do cronista.

os cronistas. Como vimos, Jamil Snege criou o Freitas. Já Roberto Gomes criou o Bideca, que vez ou outra recheia suas crônicas em aventuras que retratam, em meio a boa dose de ironia, a realidade sócio-econômica curitibana.

Retomando o exemplo de Freitas, as crônicas em que aparece interagindo com Jamil Snege não deixam de indicar, em certo grau, o caráter de *personagem* que o cronista pode assumir em seus textos. Snege trata desse limiar entre ficção e realidade de maneira exemplar na crônica “Freitas, Capitu e o teorema”, publicada em 17 de março de 2002:

Às vezes eu falo demais. Principalmente quando, na outra ponta, está uma jovem repórter, óculos e caderninho na mão, querendo saber particularidades sobre o ofício de escrever. Aí não me contenho; solto o verbo; depois me arrependo, pois tudo o que eu disse era exatamente o que não deveria ter dito.

Assim foi na semana passada, ao responder a uma pergunta da moça do caderninho e que me fazem com certa frequência: quem é Freitas, o cara que vez por outra me invade o escritório e a crônica com a sutileza de uma blitz policial? Existe realmente o tal Freitas?

Aí é que me estrepei. Se dissesse que sim, não estaria sendo totalmente honesto; se dissesse que não, estaria faltando parcialmente com a verdade. A existência de Freitas não pode ser explicada pela lógica binária, argumentei, do sim e do não mutuamente excludentes. Há que se apelar para a lógica paradoxal, onde A é A mas também pode ser B. Portanto, Freitas é real e irreal ao mesmo tempo.

(...) Falei que, no primeiro caso, Freitas é real porque é uma coleção de caracteres de pessoas que realmente existem e convivem comigo. No segundo caso, é irreal porque não existe no universo empírico, com suas implicações biológicas e jurídicas (...).

A única coisa que posso afirmar com segurança, declarei, é que Freitas não é um produto de minha imaginação. (Tive de repetir a sentença, porque a jovem ainda estava anotando trechos da fala anterior.) Como ela não perguntou mais nada, despedimo-nos (a entrevista dera-se no café da livraria Ghignone) e eu rumei para o escritório.

Desse início suficientemente colado à realidade, como o autor faz questão de enfatizar na descrição dos detalhes a respeito da jornalista, da entrevista e do local onde se deu a conversa, e no esforço do entrevistado em explicar *logicamente* a posição de Freitas no mundo (um entre-lugar entre ficção e vida real), Jamil Snege propõe nas linhas seguintes a subversão da ordem ficção-realidade ao apresentar a indignação de Freitas diante da afirmação pública do cronista de que ele não existiria.

– Eu falei – tentando justificar – que você pertence a uma outra categoria ontológica.

– Que papo furado é esse? Que categoria?

– A mesma a que pertence Capitu, por exemplo. Ou o teorema de Gödel...

Freitas não gosta nem um pouco de ser comparado a um teorema. Quanto a Capitu, a reação parece ser outra.

– Capitu, é? – Freitas faz cara de quem leu Machado.

– Você não vai encontrar Capitu no elevador, vai? No entanto, ela *existe*. Assim como Dom Quixote *existe*. Uma personalidade infinitamente mais rica que um George Bush, por exemplo, embora não goze das mesmas prerrogativas de destruição.

– Ah, entendi. Quer dizer que, se eu bater com este cinzeiro nessa sua cabeça dura, não vai acontecer nada?

Olho para a mão do Freitas. Ela repousa sobre um enorme cinzeiro de cristal, de um azul puríssimo, que se interpõe entre mim e ele. O objeto me fascina. É tão belo, que seria um sacrílego apagar um cigarro nele.

Freitas renova a ameaça. Eu não consigo despregar os olhos do cinzeiro. Como ele veio parar na minha mesa, se o cinzeiro que tenho (e que não vejo neste momento) é uma reles concha de plástico ordinário?

(...)

Freitas está rindo, triunfante. Dá um tapinha de despedida na minha cabeça e se afasta em direção à porta.

– O cinzeiro, Freitas... – balbucio, atônito, quando percebo que ele o está levando debaixo do braço.

– Que cinzeiro? – ele pára. – Isto aqui é um mero objeto de ficção. Você não vai querer encontrar a Capitu no elevador, vai?<sup>611</sup>

Assim, o próprio cronista desfaz a argumentação lógica utilizada para especificar os limites entre realidade e ficção, personagem e ser empírico. Tudo isso é possível justamente porque a crônica *não é apenas* – mas sim *é também* – artigo opinativo, permitindo estratégias textuais da literatura, como a criação de um personagem-cronista, conduzido no texto por seu autor-modelo, e que pode se dirigir, eventualmente, ao seu leitor-modelo. Aquele com quem Jamil Senege conversa, por exemplo, na crônica “Você já foi Cleópatra?”, publicada em 20 de julho de 1998:

Se você tem alguns trocados sobrando, uma boa sugestão para quebrar o tédio é arranjar rapidamente um analista. Não um psicoterapeuta tradicional, com suas rigorosas sessões horárias de 50 minutos, mas um profissional que aplique a técnica – é o *dernier cri* do momento – denominada terapia de vidas passadas. É um baratão, leitor. (...) <sup>612</sup>

O leitor-modelo seria então esse leitor com quem o cronista conversa, e que faz parte do texto – um leitor subentendido, a princípio, aberto à análise bem-humorada das questões de psicologia e terapia de vidas passadas propostas no texto. Se Umberto Eco o chama de leitor-modelo, um outro nome utilizado para diferenciá-lo do leitor empírico é “narratário”, aqui adotado por Yves Reuter, e que vem como auxílio na compreensão desse aspecto textual. Para Reuter, o leitor situa-se no que chama de *não-texto*. “Por sua vez, o narratário – aparente ou não – só existe no texto e mediante o texto, por meio de suas palavras ou daquelas que o designam. O narratário é fundamentalmente constituído pelo conjunto dos

<sup>611</sup> SNEGE, Jamil. Freitas, Capitu e o teorema. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 mar. 2002. Caderno G, p. 2.

<sup>612</sup> SNEGE, Jamil. Você já foi Cleópatra? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 jun. 1998. Caderno G, p. 6.

signos lingüísticos (o ‘tu’ e o ‘você’, por exemplo) que dão uma forma mais ou menos aparente a quem ‘recebe’ a história”<sup>613</sup>.

Como vimos, haver a possibilidade de um cronista que é empírico, por ser a crônica um artigo de opinião, mas que é também personagem construído como os demais e que se dirige a um leitor também textualmente edificado, é o que torna a crônica um gênero livre e, causa e consequência disso, híbrido. Essa liberdade do cronista é que vai permitir que a crônica possa tender também à segunda categoria literária apresentada por Massaud Moisés: a crônica-conto, em que a desvinculação entre cronista e narrador se tornará mais forte do que na categoria de crônica-poema ou na crônica que pende para o jornalismo. Veremos com mais detalhes as aproximações – ou não – entre crônica e conto no tópico a seguir. De momento, após toda essa reflexão a respeito de cronista empírico, narrador-cronista e cronista-personagem, vale atentar para uma observação feita pelo escritor Cristovão Tezza a respeito de Jamil Snege:

A crônica, em geral, usa algumas marcas da ficção mas não se confunde completamente com ela. No caso do Jamil, ele fala de si mesmo sem refração, isto é, a intenção do texto é mesmo falar de si e não criar um personagem. A questão é que “falar de si” implica construir uma auto-imagem, uma linguagem, um modo de olhar que, no texto, acabam por construir um “narrador” que difere, em maior ou menor grau, do “autor ele-mesmo”. **Uma boa análise deve levar em consideração essa distância, mas não fazer dela, necessariamente, uma marca fundamental** [grifo meu]. O Jamil ‘narrador’ me lembra muito ele-mesmo, conversando.<sup>614</sup>

Mesmo com foco na produção de Jamil Snege, tal análise poderia ser aplicada à crônica – e ao cronista – de um modo mais amplo. No gênero cronístico, deve-se ter em mente a criação do cronista-personagem. Mas, ao mesmo tempo, não se deve ignorar que esse personagem tende a ser, de fato, muito próximo do autor empírico que o criou e que, por meio dele, emite suas opiniões e se revela ao leitor, agora sim, empírico dia após dia nas páginas do jornal e demais meios de comunicação.

<sup>613</sup> REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. p. 20.

<sup>614</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

### 3.1 JAMIL SNEGE. LUGAR EM TESSITURA

Cidade tecida em palavras. Habitat da renovação, do olhar reinventado. Jamil Snege já observou em mais de um texto<sup>615</sup> o poder de regeneração de Curitiba, a cidade que se faz e refaz todos os dias, em plano paralelo ao brilho de zircônio, acrílico e arame da mensagem oficial. Ele próprio tecelão do espaço, geógrafo de uma Curitiba íntima – imensa teia sem fim, aranha colossal a banquetear-se dos sonhos de perfeição urbana.

Por hora prossigo com meus sonhos intactos – apesar da realidade. Curitiba devolve-me ao mundo, às aparências, às transparências, às opacidades. Volto aos lugares que sempre frequentei, às pessoas, aos ritos familiares. Mergulho na pequena vida, na tessitura de aldeia (...). Por onde irei? Por ali, por lá – não importa. **Curitiba é uma coleção de círculos concêntricos, uma cidade dentro de outras cidades, cada qual com o poder de anestesiá-la a consciência do mundo** [grifo meu].<sup>616</sup>

Sabedor de geografias – como se autodefine em um outro trecho de *Como eu se fiz por si mesmo*<sup>617</sup> –, Jamil Snege tem sua aliança com a cidade no mais interno dos emaranhados que compõem Curitiba. Apreciador do microcosmo, deduzimos a partir desse trecho extraído de seu romance. Sim, inegável apreciador do microcosmo, podemos confirmar por meio de sua crônica “A cidade de nossos exílios”<sup>618</sup>, que vimos no Capítulo 2 – aquela em que, ao mencionar o microcosmo pessoano, Jamil Snege parece estar falando não apenas da relação do poeta lusitano com uma Lisboa pessoalíssima, mas também de si mesmo e da forma como interage com a sua Curitiba particular.

Levei anos para aprender essa geografia. Sei onde fica o bar, a casa das putas, a chave de fenda, o frasco de mercurocromo. Uma tesoura velha para o caso de precisar corrigir uma pulseira de couro. Sei de pregos, parafusos, corantes, mata-pulgas. **O lar sem mistérios** [grifo meu]. Luz apagada, localizo portas e gavetas, giro chaves e maçanetas, identifico pelo cheiro livros, pratos, vidros, velas e outros guardados que tais. Roubo a iluminação pública, embaralhem todas as ruas, e eu chegarei ao bar Mignon, à Catedral, ao Café da Boca. No máximo com trinta segundos de atraso. Porque Curitiba se tece e se destece, se desfaz e se refaz com a sábia regularidade das teias de aranha. Temos Curitiba inscrita na memória, um plano diretor genético no qual estão previstas as mudanças que ocorrerão nos próximos dez anos. (...) Curitiba se regenera como o rabo cortado de uma lagartixa.<sup>619</sup>

<sup>615</sup> Cf. Capítulo 2 deste trabalho, p. 115-117.

<sup>616</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994. p. 96.

<sup>617</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>618</sup> SNEGE, Jamil. A cidade de nossos exílios. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 out. 1999. Gaderno G, p. 3. l

SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 62-64.

<sup>619</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. *op. cit.* p. 97.



Imagens recorrentes – a aranha e sua teia, microcosmo citadino, regeneração na idéia de um universo urbano em constante mudança – dialogam no trabalho de Jamil Snege nas mais diversas modalidades de expressão, da ficção à crônica, resultando em um conjunto coeso em que o tom intimista e autobiográfico da crônica ultrapassa as fronteiras de gênero, revelando o autor a cada linha. Como vimos, Jamil Snege é descrito no meio literário como um escritor ligado a Curitiba não apenas por sua produção, mas também por sua *postura*. A partir da coerência que encontramos em uma leitura aprofundada de sua obra, podemos perceber que a tendência a uma *postura* definida vai além de sua relação com a cidade, marcando sua produção literária, em geral.

O comentário do próprio Jamil Snege a respeito do conjunto de sua obra dá conta, mesmo que não-intencionalmente, dessa coerência de visão de mundo passível de ser encontrada em seu trabalho.

Ainda me considero um autor à espera de uma oportunidade de escrever. Fiz algumas coisas, mas realmente o que fiz, juntando tudo hoje, daria no máximo um livro. Outro dia, por curiosidade, comecei a fazer um recenseamento das coisas. De um determinado livro lá, eu tiraria três ou quatro contos; de outro livrinho, mas (sic) três ou quatro. Então tenho hoje, com todo o distanciamento e o desencanto de quem já fez isto por longo tempo, um livro com umas 200 páginas, de alguma coisa que posso deixar aí, sem prejuízo ou medo.<sup>620</sup>

O autor registra essa avaliação em resposta à pergunta “Você é poeta, cronista ou contista?”, em entrevista ao “Almanaque” do jornal *O Estado do Paraná*, em abril de 1988. Vale lembrar que, após essa data, Jamil Snege publicou seis de seus 11 livros (veja cronologia em anexo neste trabalho), incluindo obras muito bem-recebidas como *O jardim, a tempestade* (1989), *Como eu se fiz por si mesmo* (1994) e *Viver é prejudicial à saúde* (1998). Foi também quase dez anos depois, em 1997, que iniciou sua colaboração como cronista na *Gazeta do Povo*, atividade que projetou seus outros trabalhos e rendeu a coletânea *Como tornar-se invisível em Curitiba* (2000).

Desse modo, no período após a entrevista, surgiram novas obras, assim como a experimentação com a linguagem e com os gêneros também se ampliou. Mas, no sentido de continuidade e conectividade, o grande livro de Jamil Snege,

---

<sup>620</sup> SNEGE, Jamil. Jamil Snege, cigarra de várias cascas. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 abr. 1988. Entrevista. Almanaque, p. 14.

composto por seus escritos em livro e no jornal, manteve estrutura de impressionante coesão.

Com relação a ser *um autor à espera de uma oportunidade de escrever*, Snege acreditava que esta se realizaria em *Grande mar redondo* – “que acho que seria o meu livro mais alentado em termos de número de páginas”<sup>621</sup> – que ficou inacabado. O escritor fala desse projeto em uma entrevista concedida a Carlos Alberto Pessôa, Fábio Campana e Jussara Salazar, publicada na edição de estréia da revista *Et Cetera*: “Eu já tenho um romance iniciado (dois terços já pronto) que, se um dia for concluído, será um grande texto. É um romance de fundo histórico, chamado ‘Grande mar redondo’. Alguns trechos dele constam na antologia ‘Encontro das águas’, editada pelo Fábio Campana para a *Gazeta do Povo*”<sup>622</sup>.

A narrativa – assim como o conto “Viagem à torre de Babel (ou a noite em que Morretes iniciou-se no mistério das línguas)”, publicado na coletânea *Encontro das águas*<sup>623</sup> – trataria das aventuras do imigrante português Antônio Vieira dos Santos, considerado o primeiro historiador do Paraná, tendo vivido em Paranaguá entre os séculos 18 e 19. Segundo Ricardo Sabbag, na reportagem “As muitas viagens de Jamil Snege”<sup>624</sup>, Jamil Snege trabalhou neste livro nos quatro anos finais de sua vida.

Após digressão informativa – e retomando o fio da meada – a verdade é que, independentemente da opinião do próprio Jamil Snege de que esse seria seu romance de fôlego, desde seu primeiro livro individual, *Tempo sujo* (1968), a receptividade de seu trabalho tem sido muito boa, como ele mesmo admite na entrevista a Ricardo Sabbag: “Eu até hoje nunca recebi uma crítica negativa e fui, de certa forma, beneficiado por uma série de pessoas que gostaram do meu texto. Mas não deixo que isso invada a minha maneira de produzir”<sup>625</sup>. Tal

<sup>621</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *Revista Cult*, São Paulo, ano 6, n. 62, p. 8-13, out. 2002. Entrevista a Ricardo Sabbag. p. 13.

<sup>622</sup> SNEGE, Jamil. Entre o Jardim e a Tempestade. *Et Cetera*, Curitiba, n. zero, p. 170-181, verão de 2003. Entrevista a Jussara Salazar, Carlos Alberto Pessôa e Fábio Campana. p. 174.

<sup>623</sup> SNEGE, Jamil. Viagem à torre de Babel (ou a noite em que Morretes iniciou-se no mistério das línguas). In: SABINO, Fernando (*et al.*). *Encontro das águas*. Curitiba: Travessa dos editores, 1994. p. 15-19.

<sup>624</sup> Na ocasião do falecimento do escritor, em 16 de maio de 2003. | SABBAG, Ricardo. As muitas viagens de Jamil Snege. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 maio 2003. Paraná, p. 8.

<sup>625</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 12. | O autor faz também, em uma outra entrevista, anos antes, um comentário a respeito da recepção de *Tempo sujo* que vale a pena reproduzir: “(...) eu fui badaladíssimo. Foi meu momento de glória, o único que eu tive, literário, até hoje. Fui badalado, era homenageado com jantares. Foi o livro meu que mais vendeu, o primeiro individual. A edição que fiz, de uns

receptividade se tornou ainda maior com relação a sua produção mais recente, conforme comenta o jornalista José Carlos Fernandes:

Foi com o livro *Como Eu se Fiz por Si Mesmo*, publicado em 1994 – prosa semi-autobiográfica – que a popularidade de Jamil ultrapassou os limites de Curitiba e do seu mundo profissional, identificando-o nacionalmente como um dos nomes mais importantes da prosa produzida no estado. Seu reconhecimento só não foi maior porque Snege não se ocupava muito da difusão do seu trabalho, por pura timidez, como costumava reconhecer. Entre os textos mais recentes que publicou, **frutos de um dos seus períodos mais férteis** [grifo meu], estão a novela *Viver é Prejudicial à Saúde* (1998), *Os Verões da Grande Leitoa Branca* (2000, contos) e *Como tornar-se invisível em Curitiba* (2000) – coletânea de crônicas que escrevia para a *Gazeta*, a cada dois domingos.<sup>626</sup>

A respeito de sua evolução como escritor, Jamil Snege faz a seguinte análise:

“Tempo sujo” foi um livro que escrevi durante as madrugadas de um mês de julho e que publiquei apressadamente no mesmo ano, 1967 [na verdade foi publicado em 1968]. Como eu estava muito comprometido com a realidade política da época (véspera do AI 5, ditadura, prisões & torturas), acabou se transformando numa crônica-reportagem do período. Hoje reconheço que publiquei o esboço do que seria um pequeno romance sobre minha geração (...). Mas tínhamos pressa em ocupar espaços, em produzir uma voz dissonante. Algo que se opusesse ao adesismo e ao oportunismo de alguns “fazedores” de arte, sequiosos de vender seu peixe aos novos donos do poder. (...) Alguém, portanto, precisava gritar, e eu gritei. O crítico André Seffrin, analisando em mais de uma oportunidade aspectos de meu trabalho, afirmou que “Como eu se fiz por si mesmo” é finalmente o romance que eu havia prometido em “Tempo Sujo”.<sup>627</sup>

Outra obra sua que mereceu comentários empolgados, segundo relato do próprio Snege, foi *O jardim, a tempestade* (1989):

(...) no livro *O jardim, a tempestade* eu fiz uma experiência de compor textos à maneira dos textos publicitários. Bastantes parágrafos, frases muito curtas. Resultou em uma experiência muito interessante porque algumas pessoas o colocam como o melhor livro que eu escrevi. Eu não partilho dessa opinião, lógico, porque o pai não privilegia um filho em detrimento dos outros (...).<sup>628</sup>

Outros trabalhos que se destacaram em termos de receptividade foram *Senhor* (1989) – “um pequenino livro com 22 poemas de teor religioso, já superou

---

mil exemplares, fiquei sem. Até tive que conseguir, há pouco tempo, um com uma amiga, para mim. Tenho um hoje, emprestado. O livro desapareceu, sumiu. Foi um sucesso. E, a partir dali, cada livro que eu publicava vendia um pouco menos. (...)”. I SNEGE, Jamil. Jamil Snege, cigarra de várias cascas. *op. cit.*, p. 14.

<sup>626</sup> FERNANDES, José Carlos. O adeus ao cronista da cidade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 maio 2003. p. 5.

<sup>627</sup> SNEGE, Jamil. Entre o Jardim e a Tempestade. *op. cit.*, p. 173.

<sup>628</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 10.

a marca dos 50 mil exemplares e acabou virando CD<sup>629</sup> – e *Os verões da grande leitoa branca* (2000). Sobre esse último, o jornalista Márcio Renato dos Santos comenta em artigo crítico que “até este momento [maio de 2000] é – na minha opinião – o melhor livro de prosa lançado em 2000 no mercado editorial brasileiro”<sup>630</sup>.

Toda essa volta de reconhecimento sobre o que Jamil Sene publicou, suas próprias impressões e olhares externos a respeito de sua obra, tem uma razão de ser e retorna àquela questão da coerência de seu trabalho como escritor – ao longo de 38 anos de produtividade<sup>631</sup> – em uma postura que permite vislumbrar certa unidade de visão de mundo em sua escritura.

Tal coerência pode ser notada a partir do diálogo estabelecido entre seus escritos nos mais variados gêneros textuais que experimentou. Na obra de Jamil Sene, o trânsito de temas, imagens, discursos e, às vezes, de textos inteiros é uma característica freqüente.

No caso das crônicas, por exemplo, além daquelas publicadas no volume *Como tornar-se invisível em Curitiba*, é possível encontrar em seus escritos no jornal trechos que estão presentes também, resumidos ou com uma ou outra modificação, em seus livros, quer como contos, no caso das coletâneas, quer como trechos de capítulos dos romances e novelas. Um exemplo desse último tipo de diálogo pode ser encontrado na crônica “Pruridos na memória”, publicada na *Gazeta do Povo* em 8 de agosto de 2002:

Claro meu hígido e perfumado leitor. Você jamais teve sarna. Nem você, trescalante leitora, que só de ouvir falar já começou a sentir uma comichãozinha imaginária nos recessos mais íntimos.

Mas não faz mal. Eu sou diferente. Os ácaros da sarna elegeram-me e só posso agora narrar a experiência. Ouçam, pois.

**A minha começou na Teixeira Coelho, no Batel. Uma leve coceira nos braços e nos glúteos. Depois, umas erupções semelhantes a picadas de insetos. Em poucos dias, você está coberto de pequenas vesículas. Uma comichão intermitente te assalta nas ocasiões mais inoportunas. Teus antebraços ardem. Teu traseiro parece invadido por uma multidão de formigas. Teu cérebro alterna ondas de prazer e dor e te põe doido.** Se alguém te descobre, estás perdido. Abrirão quarteirões de precaução ao teu redor. Aí nada mais te resta do que ferver cuidadosamente as roupas e te entregares a uma profunda e bem-organizada solidão. Tens a sarna e o êxtase do encontro contigo próprio. Bem melhor que a mundana felicidade essa íntima comunhão.  
(...)

<sup>629</sup> SNEGE, Jamil. Entre o Jardim e a Tempestade. *op. cit.*, p. 174.

<sup>630</sup> SANTOS, Marcio Renato dos. Luzes da cidade. *Jornal do Estado*, Curitiba, 11 maio 2000. p. d3.

<sup>631</sup> Como vimos na Introdução deste trabalho, a estréia de Jamil Sene foi na coletânea *Contos de repente*, de 1965, com os contos “As luzes” e “O expresso”. I FARAH, Elias (*et al.*). *Contos de repente*. Curitiba: Delfos Editora, 1965. p. 23-25 e p. 99-102.

Mas nem tudo são agruras. **Uma das delícias de estar com sarna é freqüentar bons lugares.** Eu me divertia com isso, mas advirto que **requer certa técnica.** (...) **Agora que expliquei as técnicas, direi onde eu as empregava com muito sucesso. Galerias de arte, preferencialmente.** Sim, galerias de arte. **Vocês já repararam que existe um gestual típico entre os freqüentadores de galerias de arte? Pois observem. Eles movem o pescoço em várias direções; apoiam (sic) uma das mãos no queixo; apoiam (sic) o cotovelo dessa mão sobre o dorso da outra mão, que está cruzada sobre o estômago; como se não bastasse, arremessam o tronco para trás e colocam uma das mãos nos quadris; como a dúvida ainda persiste, franzem a testa e coçam a orelha.** Perceberam? São tantos os gestos que se você enterrar raivosamente as unhas nos glúteos ninguém estranhará. É mais uma idiosincrasia de freqüentador de galerias. (...) [grifos meus].<sup>632</sup>

No capítulo 36 do livro *Como eu se fiz por si mesmo*, Jamil Snege dedica quatro páginas a sua experiência com a sarna – visto que é um romance autobiográfico. Vamos a alguns trechos do livro que se aproximam daquele que acabamos de ver na crônica:

O êxtase ou a queda? Ambos. Menos a felicidade. Esta entedia. É pobre e engorda. Embota. Escapar da felicidade talvez seja o supremo dan na arte de viver. Tenho tentado não ser feliz e às vezes consigo. Paz de espírito, serenidade, dinheiro no banco, amor – isso mata qualquer um. Antes, o conflito. A sarna para se coçar.

**A minha começou na rua Teixeira Coelho, no Batel. Uma leve coceira nos braços e glúteos. Depois, umas erupções semelhantes a picadas de insetos. Em poucos dias você estará coberto de pequenas vesículas. Uma comichão intermitente te assalta nos momentos mais inoportunos. Tua bunda formiga. Teus antebraços ardem. Teu cérebro mistura ondas de prazer e dor e te põe doido.** Todos te temem. Tua roupa contaminada tem de ser fervida. O remédio te denuncia – seu odor abre quarteirões ao teu redor. Evitam-te. Afastam-se.

(...)

**Uma das delícias de estar com sarna é freqüentar bons lugares.** Eu me deleitava com isso. **Mas requer certa técnica.** (...). **Agora que expliquei as técnicas, direi onde eu as empregava com muito êxito.** Nas **galerias de arte, preferencialmente.** Vocês já observaram **que existe uma espécie de gestual típico dos freqüentadores de galerias de arte?** Pois reparem: **eles dobram o pescoço em várias direções.** Não satisfeitos, **apoiam (sic) uma das mãos no queixo.** Não satisfeitos ainda, **apoiam (sic) o cotovelo dessa mão na outra mão cruzada sobre os (sic) estômago.** **Como se não bastasse, arremessam o tronco para trás e apoiam (sic) uma das mãos nos quadris.** Refeito o equilíbrio, deixam cair ambas as mãos displicentemente contra as coxas. **Como a dúvida se instaura, franzem o cenho e coçam atrás da orelha.** Agora!, enterrem raivosamente as unhas nos glúteos, porque, uma vez cumprida a série de posturas corporais socialmente aceitas, ninguém perceberá que houve um acréscimo. E se perceber, isso será facilmente debitado às idiosincrasias de cada um. E quem não as tem, em se tratando de freqüentadores de vernissages? [grifos meus].<sup>633</sup>

Percebe-se que as partes em negrito correspondem a trechos idênticos, o restante mantém a idéia, de forma mais enxuta e, no caso da substituição das palavras, aperfeiçoada. A crônica, como já pudemos ver, é um gênero do cotidiano e o trecho narrado acima, nas duas versões, se mostra bastante

<sup>632</sup> SNEGE, Jamil. Pruridos na memória. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 8 ago. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>633</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994. p. 195-198.

próximo do dia-a-dia, tanto do ponto de vista da situação descrita quanto da intimidade revelada. Saiu primeiro no romance, depois virou crônica. Daí essa mistura de gêneros nos trabalhos de Jamil Senege, sobre a qual nos deteremos detalhadamente mais à frente.

Ainda como exemplo desse tipo de trânsito narrativo, uma outra crônica extraída/inspirada nas situações descritas por Senege em *Como eu se fiz por si mesmo* é “Meu encontro com um espírito”, publicada no jornal em 15 de setembro de 2002. Passemos para um sumário dessa crônica: o autor se dirigia para casa na hora do almoço quando, por um impulso, desvia para o centro da cidade e vai tomar um café próximo à Voluntários da Pátria. Um homem chega e pára ao seu lado, muito perto no balcão, estão só os dois. Ele se dirige a Senege “com voz seca e soturna”:

- **Você é o Jamil, não é?**
- Ele mesmo – respondo.
- **Eu tenho lido as coisas que você escreve – ele faz uma pausa teatral – e não gosto nem um pouco delas.**
- **É um direito seu, revido.**
- E como você se explica?
- Eu, me explicar? – contesto. – Escute, companheiro, eu só continuo esse papo se você se identificar. Você é o quê?
- **Você faz questão de saber?**
- Ele me olha bem dentro dos olhos, um olhar escuro, turvo, sem profundidade. Sinto uma espécie de ausência naquele rosto branco, impassível, sem qualquer lampejo animal.** O que ouço a seguir é insólito:
- **Eu sou um espírito.**
- Ótimo, pensei. **Essas coisas sempre acontecem comigo. Respiro fundo e procuro sair pelo humor.**
- **Pois você está muito bem barbeado para ser um espírito.**
- (...)
- Da porta do café, ainda acompanhei seu terno cinza dobrando a Voluntários da Pátria.**
- Um espírito, pensei. E por que não um espírito?** [grifos meus].<sup>634</sup>

Ao final, o que o *espírito* queria dizer era que Jamil “parasse de humilhar o ser humano” em seus escritos: “Redima o homem (...)”. Essa crônica é uma reprodução quase fiel do trecho do livro. Ainda assim, Senege realizou pequenas modificações no texto que, arrisca-se afirmar, resultaram em um melhor efeito estético. Vejamos o mesmo trecho na versão em livro:

- **Você é o Jamil, não é?**
- Ele mesmo, respondo, satisfeito por poder decifrar o enigma.

<sup>634</sup> SNEGE, Jamil. Meu encontro com um espírito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 set. 2002. Caderno G, p. 3.

– **Eu tenho lido as coisas que você escreve – ele faz uma pausa teatral – e não gosto nem um pouco delas.**  
 – **É um direito seu, revido.**  
 – E como você se justifica?  
 – Eu, me justificar? – engrosso. – Escute aqui, companheiro, eu só continuo esse papo se você se identificar. Você é o quê?  
 – **Você faz questão de saber?**  
 – Faço, insisto, encarando-o  
**Ele me olha bem dentro dos olhos, um olhar escuro, turvo, sem profundidade. Sinto uma espécie de ausência flutuando naquele rosto branco, inexpressivo, sem qualquer lampejo animal.**  
 – **Eu sou um espírito.**  
 Pronto, pensei. **Essas coisas sempre acontecem comigo.** Por que inventei de tomar esse café?  
**Respiro fundo e resolvo sair pelo humor.**  
 – **Pois você está muito bem barbeado para ser um espírito.**  
 (...)
 **Da porta do café, ainda acompanhei seu terno cinza dobrando a Voluntários da Pátria.**  
**Um espírito, pensei. E por que não um espírito? [grifos meus].**<sup>635</sup>

Novamente, o que está em negrito é similar e o que não está marcado passou por algum tipo de mudança, foi inserido ou extraído. Mais uma vez, a impressão é de que a versão da crônica, revisada pelo autor, foi aprimorada a partir da escolha de palavras ainda mais precisas que na versão original. Um aspecto que não deixa de ser pitoresco a respeito desse texto é a afirmativa do escritor/cronista de que tal situação de fato teria se passado com ele. “Aquele relato é absolutamente verídico. (...) Eu saí de casa, próximo à hora do almoço e, em um impulso tolo de ir tomar um cafezinho, acabei encontrando essa figura que me disse tudo aquilo. Mas eu realmente não levo muito a sério esse aspecto de enaltecer o homem (...). Eu não acho que se deva fazer da literatura um sacerdócio de redenção da humanidade. (...)”<sup>636</sup>.

Uma outra forma de diálogo que podemos encontrar na obra de Jamil, e que acontece com notável frequência, é o trânsito de temas, imagens e por vezes frases muito parecidas dos livros às crônicas e vice-versa. Além daqueles que já pudemos ver ao longo deste trabalho, alguns exemplos notáveis – com exposição de conteúdo ou por pura graça – seriam:

a) A crônica “Na alcova do presidente”<sup>637</sup>, publicada em 2002, e um trecho do livro *Como eu se fiz por si mesmo*<sup>638</sup> em que Jamil Sene conta que, no

<sup>635</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. op. cit., p. 160-163.

<sup>636</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. op. cit., p. 12-13.

<sup>637</sup> A crônica foi cortada antes do fim em sua edição no jornal, terminado da seguinte maneira: “Único oásis neste deserto de agruras era a moça Sônia, nos fins de semana, em seu sofá de veludo vermelho do sétimo

período em que viveu no Rio de Janeiro<sup>639</sup>, morou em uma pensão no Catete que havia sido a casa do presidente Arthur Bernardes. Na crônica, esse é o tema principal. No livro, é parte da narrativa a respeito de sua estada no Rio.

b) O final da crônica “Bananas, mangas e lagartixas”, de 1999: “(...) De minha parte, nada a opor. Sempre preferi o calor ao frio (...). Quem, como eu, veio ao mundo numa gélida noite de inverno e aparou nas tenras nádegas a palmada inclemente e ardida da parteira, sabe muito bem o que está dizendo”<sup>640</sup>. Tal trecho se aproxima da abertura de *Como eu se fiz por si mesmo*:

Nasci antes os pés, enforcado pelo cordão umbilical. Uma santa tesoura, manejada por minha avó, libertou o quase defuntinho. Roxo foi minha cor inaugural. Uma noite gelada de julho acolheu meu primeiro e desesperado vagido. De lá para cá, tenho convivido sem problemas com tesouras e geadas. Mas, certas noites, ainda ouço aquele meu grito – notadamente no inverno.<sup>641</sup>

c) Reprodução da mesma frase, da imagem nela contida, mesmo que em um contexto diferente, é o aspecto que aproxima a onírica crônica “Sob um céu de tempestade”, de 1997, e “*Os caras que invadiram nosso trem*”, de 2002. A primeira, como vimos, tratava da perda de identidade diante das transformações citadinas. A segunda seria sobre a guerra dos Estados Unidos no Oriente Médio. Vejamos, respectivamente, os trechos que trazem a mesma frase:

Mas, estranhamente, as distâncias ficaram maiores, as imagens se desdobram, é como se intercalassem uma outra Curitiba – **monstruosa réplica de si mesma** [grifo meu] – na velha Curitiba que eu deveria conhecer.<sup>642</sup>

(...) Porém, os passageiros, os caras que você supunha terem sumido junto com o 2001 no merecido olvido da história, esses continuavam ali. Refestelados em seus bancos, com suas fanfarronadas e bravatas, como se fossem (e de fato o são) os donos do mundo. Como se saltassem de uma dimensão pretérita do tempo para um eternamente agora. Ou

---

andar. Por um capricho favorável dos deuses, o noivo de minha namoradinha ficava” | SNEGE, Jamil. Na alcova do presidente. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 fev. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>638</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. op. cit., p. 80-88.

<sup>639</sup> Jamil Snege viveu no Rio de Janeiro por dois anos, ainda bastante jovem, quando se tornou pára-quedista militar. Segundo o relato do próprio escritor: “Apareceu na época, em Curitiba, o tenente Pinton, filho daqui, recrutando voluntários para o curso de pára-quedista militar, reservista com a especialidade de combatente aero-terrestre, como chamam. (...) Foi aí que se acendeu esta chamazinha que me conduziu, posteriormente, à publicidade. Isto ocorreu em 1960-61, por aí. (...) Dois anos [o tempo que ficou no Rio]. Terminou meu período de pára-quedismo, fiquei mais um pouco e vim passar o Natal em Curitiba. (...)”. | SNEGE, Jamil. Jamil Snege, cigarra de várias cascas. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 abr. 1988. Entrevista. Almanaque, p. 11.

<sup>640</sup> SNEGE, Jamil. Bananas, mangas e lagartixas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 abr. 1999. Caderno G, p. 6.

<sup>641</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. op. cit., p. 7.

<sup>642</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 set. 1997. Caderno G, p. 2.



*como se o tempo, em vez de seguir o seu curso inapelável, se autoclonasse numa monstruosa réplica de si mesmo [grifo meu].*<sup>643</sup>

d) “Sob um céu de tempestade” relaciona-se ainda com a crônica “Sonhos”, publicada em 2003. Aí, a conexão se dá pelo tema da cidade não-reconhecida, do duplo, mas “Sonhos” tem um tom esperançoso, que já não se encontra em “Sob um céu de tempestade”. Vejamos, intercaladas, “Sob um céu...” e “Sonhos”:

Sonho que estou retornando a Curitiba, depois de uma longa ausência. É um dia de céu encoberto, horário indefinível, uns clarões de futura tempestade eletrificam as nuvens. (...) <sup>644</sup>

*Aonde eu ia? Visitar uma dessas cidades noturnas, que nos propiciam os sonhos – escura, baixa, feita de pedaços de outras cidades que talvez jamais existiram. Poucos transeuntes, esquinas baças, um céu que reflete uma claridade vagamente pressentida, como se proviesse de uma fonte remota, uma tempestade, um incêndio.*<sup>645</sup>

É um sonho, penso no sonho, sem saber ao certo se sou o que sonha ou o que é sonhado. Mas, de qualquer maneira, isso me tranquiliza, pois posso acordar a qualquer momento. (...)

*(...) Também não me reconheço. Sou um ser que sonha e, como tal, submetido a caprichos de identidade que me transcendem. (...)*

À custa de repetições, que não são poucas, começo a perceber diferenças entre elas. (...) Concluo que o objeto original e seu duplo, ou a realidade e seu simulacro, indistinguíveis entre si, habitam não apenas espaços, mas tempos diferentes.

*Eu, que sempre naveguei sozinho por essas ruas indecisas, que não raro retornam ao mesmo ponto, repetindo geometrias, sigo agora acompanhado. (...) O que poderia ser um prenúncio de pesadelo – a repetição escancarada de imagens e paisagens, o céu em permanente e avermelhado lusco-fusco – tem para nós, entretanto, o sabor de um passeio de namorados. (...) Nós nos sonhamos, me diz a menina, e quando um de nós acordar, o outro desaparece.*

e) Mais uma de “Sob um céu de tempestade”, agora com o conto “As palavras no galpão”, publicado na coletânea *Encontro das águas*, e também com o romance *Como eu se fiz por si mesmo*. Aqui, a coincidência se dá nas menções à infância e ao medo de chuva:

*Uma grossa gota de chuva estoura no meu rosto. (...) O táxi se foi, a chuva se aproxima e nesse momento as cortinas da janela da frente se afastam e um menino de sete ou oito anos, ar assustado, cola o rosto na vidraça. Ele não me vê, os olhos fixos no céu, na massa de nuvens que revolteia ao sabor da tempestade.*

<sup>643</sup> SNEGE, Jamil. Os caras que invadiram nosso trem. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 6 jan. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>644</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *op. cit.*, p. 2.

<sup>645</sup> SNEGE, Jamil. Sonhos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 jan. 2003. Caderno G, p. 3.

*Conheço bem essa expressão, o pânico que lateja na superfície de seus olhos. É bem antigo o medo que tenho de chuva.*<sup>646</sup>

(...) O primeiro sinal de alarme foi um indescritível medo de chuva. Eu entrava em pânico toda vez que o céu armava um aguaceiro. A chuva passou, mas o medo permaneceu – mórbido, cambiante, procurando no mundo exterior os objetos mais inocentes e transformando-os em seres aterrorizantes. (...) <sup>647</sup>

(...) *Sou eu esse garotinho feroz, pálido, de largas olheiras? Ele tem medo de chuva, vejam, mal o céu escurece corre a refugiar-se no interior da cebola. Sai de lá um adolescente de aparência suburbana, olhar desafiador. Encara-me com insolência. Ele viu o mar, não é qualquer chuvinha que irá amedrontá-lo agora.* (...) <sup>648</sup>

f) As crônicas “A hipótese ornitorrinco”, de 2002, “*Onde estava você em 1500?*”, publicada em janeiro de 1999, e “O futuro é dos imagólogos”, de agosto de 1999, *defendem* a tese do acaso. Vejamos um trecho de cada, a partir de “A hipótese ornitorrinco”:

A principal consequência desse tresloucado gesto, pelo menos para mim, é eu estar agora aqui, escrevendo esta crônica, quando poderia muito bem estar em lugar nenhum, gozando das delícias de uma existência meramente virtual no campo das probabilidades combinatórias do estoque de DNA humano circulante no planeta. Um amigo matemático garantiu que as possibilidades que me tornaram um cidadão curitibano seriam as mesmas que me fariam nascer, na Austrália ou na Tasmânia, na pele de um ornitorrinco. (...) <sup>649</sup>

*Se em 1500 já havia 65.536 pessoas comprometidas com nossa gênese, e mais outras 65.534 que se agregariam em linha ascendente até nossos pais, de que formas, diabos, administrar com razão e lucidez essa doida e furiosa carga hereditária? (...)*  
*Exercícios à parte, a brincadeirinha na qual estivemos envolvidos nos empurra rumo a um ceticismo saudável. Nada de dividir o mundo entre bons e maus, honestos e desonestos, superiores e inferiores. Nada de moralismo ranheta e preconceituoso. Nada de alimentar nobres expectativas em relação aos outros e a nós mesmos. Talvez nossa única grandeza resida exatamente na soma de pequenezas da qual somos feitos. Apenas uma ocorrênciazinha particular, sem nenhuma importância, nesse grande jogo de azar a que chamamos vida.* <sup>650</sup>

(...) Algo semelhante e tão absurdo quanto poder intervir na seleção do par de gametas que lhes deu origem. Mas os publicitários acreditam que são capazes de façanhas ainda maiores. (...) <sup>651</sup>

Além dos exemplos que vimos acima, alguns dos diálogos estabelecidos entre os variados textos de Jamil Snege merecem um destaque à parte. Uma dessas conexões diz respeito à idéia da invisibilidade, de fazer algo que simplesmente não é notado ou reconhecido pelas pessoas em volta. Em ordem

<sup>646</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *op. cit.*, p. 2.

<sup>647</sup> SNEGE, Jamil. As palavras no galpão. In: SABINO, Fernando (*et al.*). *op. cit.*, p. 95-99. | p. 99.

<sup>648</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu seu fiz por si mesmo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994. p. 273.

<sup>649</sup> SNEGE, Jamil. A hipótese ornitorrinco. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 31 mar. 2002. Caderno G, p. 4.

<sup>650</sup> SNEGE, Jamil. Onde estava você em 1500? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jan. 1999. Caderno G, p. 6.

<sup>651</sup> SNEGE, Jamil. O futuro é dos imagólogos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 ago. 1999. Caderno G, p. 3.

cronológica, vamos aos textos em que esse ponto de vista se explicita. Primeiramente, já no romance *Como eu se fiz por si mesmo* – que, apesar de publicado em 1994, foi escrito em 1980, segundo Jamil Snege<sup>652</sup> – o escritor esboça a percepção de uma atmosfera em favor da invisibilidade:

Leitor, leitora.  
 Ouça este terrível segredo.  
 Existe uma grande conspiração contra você. Uma conspiração de dimensões universais.  
 E a parte mais insidiosa dessa trama é fazer crer que não existe conspiração nenhuma.  
 Se você insiste, dizem que você sofre de visão conspiratória do mundo.  
 Um deliriozinho persecutório, afirmam, tentando minimizar (ou ridicularizar) a coisa.  
 Mas não se iluda. Querem reduzir você a pó de traque. E usarão de todos os truques para isso.  
 A grande conjuntura universal existe e dela participam as pessoas aparentemente mais insuspeitas.  
 Mamã e papá, por exemplo. A vovó. Os parentes. Os professores. Os amigos da família. Namorados e namoradas.  
 Querem transformar você num monte de merda insípido e inodoro que possa ser colocado no banco da escola, na poltrona da sala, na banquetta da lanchonete, no divã do analista, na cadeira da câmara municipal, na bancada do senado, na cátedra universitária, no trono papal.  
 Contanto que você não feda, não suje, não crie problemas.  
 (...)
 Eles aplaudirão secretamente todas as concessões que você fizer. Por que o trono de São Pedro se estou tão bem aqui como bispo de Ponta Grossa? Por que general de quatro estrelas se posso ser um feliz sargento rádio-telegrafista? Por que jogar no Milan ou no Real Madrid se posso ser o dono da camisa 10 do Matsubara?  
 (...)
 Amestrar e dissuadir – essas as grandes tarefas sociais da educação.  
 E isso começa bem cedinho, meninas e meninos.  
 A primeira coisa a fazer é extirpar o destino e substituí-lo por uma carreira.  
 (...)
 Eu era um rapaz burrinho mas já intuía isso.  
 Esperneava, escoceava, quando tentavam botar a cangalha de uma carreira na minha giba. (...) <sup>653</sup>

A próxima *defesa* desse ponto de vista está em “Como tornar-se invisível em Curitiba”, crônica publicada em agosto de 1998 e que dá título à coletânea produzida pela Criar Edições no ano 2000. Neste texto, a invisibilidade tem Curitiba por ponto de partida:

Você pode começar treinando numa dessas manhãs de muita neblina, à margem de um lago ou num bairro bem afastado do centro da cidade. Pode optar por uma rua deserta, no começo da noite ou numa véspera de feriado. Pode vestir um uniforme camuflado ou levar o seu “personal trainer” a tiracolo, pouco importa. Esteja você com a síndrome do pânico ou com o coração amargurado, existe um método muito mais eficiente para tornar-se invisível em Curitiba (...). Primeira condição: você precisa ter talento genuíno. Estudar bastante também ajuda, mas não substitui aquele toque de gênio inconfundível que marca

<sup>652</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 13.

<sup>653</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. *op. cit.*, p. 40-42.

e distingue certas pessoas desde o berço. Pois bem. De posse desse talento que Deus lhe deu – e contra a falta de estímulo da família, do meio e particularmente da própria cidade – você deve se atirar de corpo e alma na consecução do seu destino. (...) Você estará, finalmente, a caminho de tornar-se invisível. (...) <sup>654</sup>

O tema retorna uma vez mais, agora de forma alegórica, em “Meus cabelos longos e lindos”, publicado em 1999:

Depois de viver, desde os vinte anos, as agruras de uma calvície galopante, coadjuvada por um prematuro embranquecimento das têmporas, eis-me agora em pleno êxtase capilar. Que me sucedeu? Oh, nem vos direi. É que de semanas para cá, sem razões que as justificassem, irromperam-me pelo pelado crânio lindas e bastas madeixas, do mais puro e castanho viço. Nem me acreditei, quando ao espelho acudi certa manhã, e nele surpreendi alguém que em tudo era eu, à exceção da calva, que milagrosamente se sumira debaixo de esplêndida massa pilosa. (...)

Com um pente (foi-me custoso achar um), guiei-os [os cabelos] em ondas, que já naturalmente se esboçavam, e eufórico ganhei a rua, com a pressa e ansiedade que minha nova aparência exigia.

**Aí sucedeu coisa estranha, que se constitui na parte mais insólita deste relato. Não me viam as pessoas tal qual eu me via** [grifo meu]. Não causei surpresa nem espanto. Cumprimentavam-me os conhecidos como se ainda a luzir me coroasse o antigo e desnudo crânio. Nem de amigos gozei melhor recepção, pois teimavam em me ignorar as melenas, embora eu as ajeitasse ostensivamente enquanto discoríamos sobre assuntos triviais. Intrigado com a invisibilidade de meus trunfos capilares, resolvi submetê-los à prova decisiva: um salão de cabeleireiros (...).

Foi com um sobressalto que recebi o convite para sentar à cadeira. Um rapaz alto, muito bonito, de mãos finas e longos dedos, vestiu-me a sobrepeliz e confirmou o que me delatava o espelho: “Ajeitar as pontas, senhor?”. (...) “Aposto que muitas mulheres invejam esses seus cabelos, senhor”, mimoseou-me ele, à saída (...).

Antes de voltar a casa, bem tarde, entreguei-me à roda de todos os amigos e conhecidos que me ocorreram. Ninguém notou nada de extraordinário. À exceção do último, que – insistiu – achou-me muito abatido. (...) <sup>655</sup>

Assim como em “Minha vidinha de cachorro”<sup>656</sup>, nessa última crônica Jamil Snege se vale da graça e de uma situação de certa *inocência* – *apenas um caso de cabelos*. – para deitar seu olhar irônico, entre outras leituras possíveis, sobre a falta de valorização no ambiente próximo, ou, em maior escala, no local onde se vive. O reconhecimento do cabeleireiro, alguém *de fora*, a uma circunstância que os amigos se recusavam a ver é um indicativo que possibilita esse tipo de entendimento. A observação de Snege de que o insólito seria não a recuperação dos cabelos, mas a reação dos conhecidos, demonstra a perspicácia do texto, que acaba por funcionar como “sumário” desse ponto de vista do escritor Jamil Snege.

<sup>654</sup> SNEGE, Jamil. Como tornar-se invisível em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º ago. 1998. Caderno G, p. 8.

<sup>655</sup> SNEGE, Jamil. Meus cabelos longos e lindos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 set. 1999. Caderno G, p. 3. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 59-61.

<sup>656</sup> SNEGE, Jamil. Minha vidinha de cachorro. *op cit.*, p. 6.

Vale aqui referenciar um diálogo que se dá além das obras da Snege, nas páginas do jornal *Gazeta do Povo*, entre os escritos de Jamil sobre a invisibilidade em Curitiba e a crônica de Roberto Gomes publicada com o título de “Jomael, o invensível” em 31 de maio de 1997 – e republicada posteriormente na coletânea *Alma de bicho* com o título “Jomael, o invisível”<sup>657</sup>.

No texto, Gomes trata do tema em uma alegoria, na qual um jovem resolve se mudar para uma “remota cidade do Egito” para tentar a vida. Antes de partir, ouve o alerta do pai: “Muitos ficaram invisíveis. Cuide-se!”. Pois então que quanto mais nosso invencível jovem se esforçava para ser bom naquilo que fazia, menos as pessoas o notavam. Jomael acha que está ficando invisível. Até que um dia:

(...) Jomael sentiu uma súbita e violenta vontade de urinar. Aflito, não viu um bar sequer nas redondezas. Temendo mijar nas calças, lembrou-se de que, sendo invisível, poderia mijar à vontade, ninguém veria. Abriu a braguilha, catou o respectivo e soltou uma mijada gloriosa. Se deu mal. Uma multidão enfurecida o cercou (...). Novamente espancado e conduzido à delegacia. Lá, apanhou mais ainda antes de ser jogado numa cela. No entanto, Jomael, que tinha bom coração, seguia estampando um sorriso no rosto. Irritado com aquela felicidade, o carcereiro perguntou aos berros:  
– Que cara é essa?!

Jomael sorria. Pelo menos não era invisível.<sup>658</sup>

Roberto Gomes comenta esse diálogo, entre as crônicas “Jomael, o invensível/invisível” e “Como tornar-se invisível em Curitiba”, em entrevista para este trabalho, na resposta à seguinte pergunta: “*Como Curitiba influencia sua produção de crônicas?*”.

Influencia, é certo. Pelas conversas com amigos, pelas minhas lembranças de “outras” Curitiba perdidas no tempo, pelo rádio que ouvimos, a televisão que assistimos, as fofocas que nos contam, o noticiário político, os quilômetros que percorremos pelas ruas da cidade durante tantos anos, pelos seus bares, escritórios, salas de aula, cinemas etc. O que o compositor Donga dizia do samba, vale para a crônica: é como passarinho, é de quem pegar primeiro. Há mesmo o caso de duas crônicas nossas (minha e do Jamil) que têm o mesmo tema – a invisibilidade a que Curitiba condena seus habitantes; a minha foi escrita e publicada antes, mas isto não tem importância, o passarinho era o mesmo. Que podemos fazer se Curitiba ama nos tornar invisíveis?<sup>659</sup>

De volta aos diálogos específicos da escritura de Jamil Snege, uma outra relação que merece ser aqui apresentada cruza o ensaio *Para uma sociologia das práticas simbólicas* (1985), o romance *Como eu se fiz por si mesmo* (1994) e

<sup>657</sup> GOMES, Roberto. Jomael, o invensível. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 31 maio 1997. Caderno G, p. 2. | GOMES, Roberto. *Alma de bicho*. Curitiba: Criar Edições, 2000. Caderno G, p. 15-18.

<sup>658</sup> GOMES, Roberto. Jomael, o invensível. *op. cit.*, p. 2.

<sup>659</sup> GOMES, Roberto. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 22 maio 2006.

diversas crônicas do autor, como “Uma visita” (1997), “Saudades da copa” (1998), No seio da grande mãe salsicha (1999), “Nós e nossos priminhos peludos” (fevereiro de 2001), “Acerca da minha andropausa” (março de 2001) e “Os novos dinossauros” (2002).

No ensaio *Para uma sociologia das práticas simbólicas*<sup>660</sup>, sobressai-se a formação universitária de sociólogo do autor, que propõe a reflexão a respeito de cultura e relações sociais. Ao longo desse ensaio, Jamil Snege vai apontando os pontos de proximidade entre o homem moderno e os seus ancestrais primatas, em afirmações como: “A sociedade humana não evolui no sentido comumente aceito – de formas simples para formas mais complexas. (...) O padrão associativo biológico, responsável pela organização dos bandos antropóides e de alguns grupamentos humanos ainda hoje existentes (...), é que se reproduz incessantemente, produzindo a vida social”<sup>661</sup>.

A partir da idéia de que a organização primata permanece como uma influência do homem moderno e de sua organização social, Snege estabelece um

diálogo cheio de ironia, por exemplo, em *Como eu se fiz por si mesmo*<sup>662</sup>, desde a capa com a imagem de um macaco em uma máquina de escrever.



Ilustração 5 – Como eu se fiz por si mesmo (capa) | do autor, sobre postal do Zoológico de Zurique. /Arte e programação gráfica de Massaharu Fukushima.

<sup>660</sup> SNEGE, Jamil. *Para uma sociologia das práticas simbólicas*. Curitiba: Edição Beta/Multiprint, 1985.

<sup>661</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>662</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. op. cit.

Esse mesmo diálogo, com especial enfoque irônico sobre a posição do homem como criador, está na crônica “Uma visita”, em que Snege recebe a visita de uma garota de cerca de dez anos – “uma senhora executiva em miniatura” – que procura Jamil Snege para que autografe um exemplar de *Como eu se fiz por si mesmo*. A mocinha, senhora de si, aguarda impaciente ser recebida por Jamil e, quando finalmente isso acontece, o escritor sente que ela ficou decepcionada:

Estranha visita. Qualquer coisa, desde o primeiro momento, contrariou a ilustre dama. Talvez ela tenha se decepcionado com a figura do autor. É comum os leitores nos imaginarem como realmente não somos. Atribuem-nos uma certa cara e de repente oferecemo-lhes outra. Às vezes é nosso tom de voz que não confere com as modulações que a leitura de nossa escrita sugere. (...) Imaginam um dândi à Oscar Wilde e em seguida nos apresentamos com a aparência do merceneiro (sic) da esquina. Fazer o quê (...).<sup>663</sup>

A partir de uma situação que parece bastante divertida, o cronista aproveita para evidenciar o contraste entre o imaginário que concebe a figura do escritor como um sofisticado dândi, com todas as implicações urbanas e modernas que tal imagem evoca, em face da plausível possibilidade de encontrar em seu lugar uma pessoa *comum*, que pode ser confundida com um comerciante convencional, no exemplo da crônica. Dessa reflexão a respeito da relação escritor-leitor e das expectativas construídas a respeito do autor, Snege dá então o gancho para uma reflexão carregada de ironia sobre os motivos pelos quais os leitores se interessariam por livros, ao mesmo tempo em que dialoga com *Para uma sociologia...* e trata de desfazer eventual *glamour* em torno da imagem do escritor:

Prometi a mim mesmo esquecer a visita da senhora das botinhas rompantes. Se decepcionei-a, lamento. Sou obrigado a escrever o melhor que posso, não a ganhar o papel de galã na novela das seis. Já havia me recolhido ao insano ofício de garimpar palavras quando – eureka! – o óbvio desabou sobre mim. Tolo fui de não perceber, de cara, a origem de tão singela frustração. Acontece que o livro que Peggy comprou na feira, cujo título é “Como Eu Se Fiz Por Si Mesmo”, traz na capa a foto de um macaco. Mais exatamente: um chipanzé, com cara de filósofo kierkegaardiano, dedilhando uma máquina de escrever.

Preciso dizer mais? Fiel à fantasia de seus dez aninhos, a gentil dama imaginou que, aqui chegando, o rapaz da capa, preso por uma coleira a seu tratador, viria ao seu encontro e, às cambalhotas, firmasse o desejado autógrafo.

Desculpe, Peggy, se tomei por empáfia a frustração de uma expectativa tão comoventemente infantil.

Não ligue, não. É só uma questão de tempo. A cada dia que passa, estou mais parecido com o tal macaco.<sup>664</sup>

<sup>663</sup> SNEGE, Jamil. Uma visita. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 jun. 1997. Caderno G, p. 2.

<sup>664</sup> *Ibid.*, p. 2.

Já na crônica “Nós e nossos priminhos peludos”<sup>665</sup> não se trata apenas de um diálogo, mas de uma explícita – mesmo que ao final do texto – referência ao ensaio. Vamos ao começo e, de forma elíptica, ao final desse texto:

Não sei se você já fez isto. É uma experiência extremamente reveladora. Divertida e terrível ao mesmo tempo. Consiste em colocar-se num ambiente qualquer e, de um ponto de vista especial, observar atentamente e com um certo grau de estranheza os humanos a sua volta.

(...) Ao cabo de algum tempo, após observar dentes, gestos, cacoetes, gengivas, piscar de olhos, caretas, meneios, você concluirá: que origem divina que nada!, que ser supremo da criação! Um bando de macacos, isso sim!

Pois bem. Um livrinho, publicado em 1985, tange a questão e apresenta uma tese no mínimo curiosa. Afirma que as sociedades humanas não evoluíram de um estágio primitivo, inferior, para as formas altamente complexas que apresentam hoje. O que houve, na realidade, foi a reprodução em massa de um mesmo padrão associativo biológico, comum a todos os antropóides superiores. E é esse mesmo padrão – elementar, arcaico – que viabiliza a existência humana em todas as instâncias da vida social.

(...)

O livrinho do qual extraí a idéia acima chama-se “Para uma sociologia das práticas simbólicas” e passou totalmente despercebido pelo mundo acadêmico. Tanto que seu autor – um tal de Jamil Snege – abandonou o bando dos sociólogos e é hoje um ficcionista de relativo sucesso.<sup>666</sup>

É interessante notar nessa crônica também a estratégia estética de Jamil, de falar de si apenas no final, e como se fosse uma outra pessoa, o que tem efeito de, talvez, destituir de pretensão a defesa da tese por ele apresentada. A menção, nas últimas linhas, de que de sociólogo o autor se tornou um ficcionista – e de sucesso – também funciona como um recado ao leitor do tipo *não leve tudo isso tão a sério assim...* O aparente descaso do cronista para com o ensaio – e também para com o autor (!) – fica ainda mais interessante quando se tem acesso a um comentário em uma entrevista de Snege concedida ainda na década de 80, em que ele se refere, sem citar novamente o título, a *Para uma sociologia...* como o livro que teria feito para si próprio:

“E, a partir dali [*Tempo sujo*], cada livro que eu publicava vendia um pouco menos. Até que o último que imprimi, não coloquei à venda. Consegui fazer um livro só pra mim. **É um ensaiozinho** [grifo meu]. Para não ficar na gaveta, imprimi quantidade mínima. Remeti aí a algumas pessoas, via jornalista Aroldo Murá – que se propôs a divulgá-lo. Mas eu cada vez vendo menos. Então, em breve escreverei um livro só pra mim.”<sup>667</sup>

<sup>665</sup> SNEGE, Jamil. Nós e nossos priminhos peludos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 fev. 2001. Caderno G, p. 3.

<sup>666</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>667</sup> Quem nos confirma ser *Para uma sociologia...* o livro referido por Jamil Snege na entrevista citada é o próprio Aroldo Murá. “O livro se chama ‘Para uma sociologia das práticas simbólicas’, edição do autor, 1985”, informa ele, em resposta à consulta feita por e-mail para este trabalho. | SNEGE, Jamil. Jamil Snege, cigarra de várias cascas. *op. cit.*, p. 14. | HAYGERT, Aroldo Murá. Depoimento por e-mail concedido à autora. Curitiba, 15 abr. 2006 – 23:04.



Nas demais crônicas mencionadas, o diálogo se dá por meio de referências aos bandos ou a outros hábitos culturais que remetem o homem aos primatas. Com relação a esses hábitos, vale ressaltar mais uma imagem usada por Jamil para ilustrar a proximidade humana de suas origens primitivas. Ela está na crônica “A idade da Sukita” – que, como vimos anteriormente, trata das reflexões e aflições que chegam com os 40 anos de idade:

Coloco a água para o café e enquanto descasco uma banana (impulso atávico, irresistível que me confronta todos os dias com a constatação de que eu e os chimpanzés temos uma relação de parentesco bem mais íntima do que se supõe) penso no que direi logo mais. (...) <sup>668</sup>

Por falar em hábitos e costumes, o elo entre as crônicas de Snege pode se dar também por meio da repetição. Um exemplo está nas crônicas “Esposinhas por uma noite”, de 23 de janeiro de 1999, e “Jacaré debaixo da cama”, de 4 de agosto de 2002, que apresentam a mesma imagem, em contextos diferentes.

Na crônica “Esposinhas por uma noite”, o cronista trata da idéia de um *amigo seu* de alugar a solteiros, viúvos e descasados uma “esposa”, como o título diz, por uma noite. O *cliente* vai para uma casa em um condomínio, que também faz parte do pacote, e então tem uma noite *convencional* com sua esposa: jantar ruim, fofocas da vizinhança, notícias da família, reclamações, taxas a pagar. Ela o recebe despenteada e usando máscara de pepino no rosto. Na hora de dormir, a hérnia de hiato da *esposinha* impede qualquer namoro mais prolongado.

O último texto citado, “Jacaré debaixo da cama”, é um dos mais confessionais de Jamil Snege. Nele, o escritor recém-descobriu seu câncer e divide com os leitores as transformações em sua vida desde que tomou conhecimento da doença. Vamos às imagens em coincidência, respectivamente:

Pouco antes do jornal das oito e logo após constatar que não existem toalhas limpas no banheiro, o cliente é atraído para a mesa do jantar. Suculentas iguarias o aguardam: arroz queimado, feijão duro, murchos tomates da salada que sobrou do almoço e um picadinho indecifrável, facilmente confundível com ração para gatos. (...) Sobremesa? Ah, íamos esquecendo: duas bananas na fruteira, ao lado de uma lâmpada queimada de 60 watts e um prendedor de cabelo ainda com alguns fios enroscados. (...) <sup>669</sup>

<sup>668</sup> SNEGE, Jamil. A idade da Sukita. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 nov. 1999. Caderno G, p. 3.

<sup>669</sup> SNEGE, Jamil. Esposinhas por uma noite. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 jan. 1999. Caderno G, p. 6. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 52-55.

*O negócio é levar a vida ladeira acima, se possível com algum humor. Eu pelo menos tenho me divertido com as alterações que a doença tem provocado nas rotinas da casa. É ver o amigo entrar e admirar-se da quantidade de frutas na fruteira (em sua última visita, ali só havia duas bananas murchas e uma lâmpada queimada). (...)*<sup>670</sup>

A repetição pode ser um recurso também para estabelecer diálogos evidentes entre os textos. É o caso, por exemplo, de “Vera, Liamir e Margarita”<sup>671</sup>, de 9 de junho de 2002, e “As meninas escritoras”, publicado no jornal em 27 de abril de 2003. Na primeira, Snege apresenta as três senhoras citadas no título como “meninas”, todas acima dos 70 anos, que passaram a publicar seus livros recentemente. Na segunda crônica, Snege volta a falar delas, e começa assim: “Já falei nelas aqui. (...)”<sup>672</sup>.

Um outro exemplo interessante desse tipo de diálogo mais explícito pode estar nas menções ao livro *Viver é prejudicial à saúde*<sup>673</sup> (1998), novela em que, em tom classificado como “semi auto-biográfico”<sup>674</sup>, Snege desenvolve reflexões a respeito da vida e do amor na meia-idade. Um desses diálogos trata da menção ao lançamento do livro, na crônica “Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba”<sup>675</sup>, publicada em 11 de novembro de 1998.

Nesse texto, Snege comenta as angústias por ter concluído o livro, citando-o explicitamente, e agora ter de lançá-lo na capital paranaense. Interessante notar que se estabelece também um diálogo, implícito, com a crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba”, citada anteriormente. Tal relação se estabelece desde o título, que ao apresentar juntas as palavras “preguiça” e “qualquer coisa”, dá a impressão de certo sentimento de inutilidade de empreender ações ou projetos, especificamente na capital paranaense. O diálogo com o texto “Como tornar-se...” continua nos seguintes trechos:

(...) A julgar pelo que disseram esses senhores [críticos], **sou um escritor de talento, fato que tratarei de comunicar imediatamente à minha família e aos meus íntimos.**

<sup>670</sup> SNEGE, Jamil. Jacaré debaixo da cama. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 ago. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>671</sup> SNEGE, Jamil. Vera, Liamir e Margarita. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jun. 2002. Caderno G, p. 4.

<sup>672</sup> SNEGE, Jamil. As meninas escritoras. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 abr. 2003. Caderno G, p. 4.

<sup>673</sup> SNEGE, Jamil. *Viver é prejudicial à saúde*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

<sup>674</sup> SNEGE, Jamil. Tragicomédia da maioridade. *op. cit.*, p. 5. | Na mesma entrevista em que o jornalista Paulo Camargo utiliza o termo para definir esse livro de Snege, o autor diria, a respeito de quão confessional é esta novela, que “(...) é um pouco mais que a famosa frase do Flaubert, Bovary C’est Moi (Bovary sou eu). É óbvio, toda literatura deve ter um cunho autobiográfico, mas eu acho que este livro, de uma certa forma, me rememorou um momento de crise de meia idade, por volta dos meus 40 anos”.

<sup>675</sup> SNEGE, Jamil. Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 nov. 1999. Caderno G, p. 8.

Como resultado da benevolência acima referida, comecei a receber telefonemas de São Paulo, Rio, Minas, Paraíba, Bahia. Até Lisboa entrou na linha pelo DDI. Todos querendo conhecer o livrinho que mantenho discretamente empacotado desde julho aqui no estúdio. Meio assustado com a expectativa criada, meio constrangido, vou enviando exemplares do *Viver... pelo Correio*. (...)

(...) É tão animador o número de ligações, entretanto, que temo esgotar a pequena edição antes de colocá-la à venda em Curitiba. Temo, não: estou torcendo para que isso aconteça. **Não que eu não aprecie os leitores locais, mas acho ótimo quando alguma coisa produzida aqui em Curitiba consegue acender o interesse lá fora.** (...)

Mas, voltando aos suspiros de angústia e arrependimento exalados no início (...) eu tenho de fazer o lançamento. Já comprei uma camisa nova, um par de sapatos, já retoquei a barba com capricho. Falta apenas marcar local e data **e – coisa mais difícil – convencer minha família e meus íntimos de que sou realmente um escritor de talento.**

**Não custa tentar. Mas duvido que alguém acredite** [grifos meus].<sup>676</sup>

A cortante ironia do autor nesse trecho pode se tornar quase agressiva quando vista a partir da perspectiva da crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba”. Sob esse aspecto, quando o cronista diz que precisa comunicar à família e amigos que é considerado um escritor talentoso, pode estar se referindo alegoricamente aos curitibanos ou às *peessoas próximas*, de modo geral, enfim, aqueles que se recusam a ver as aptidões e conquistas de seus concidadãos – ou, na linguagem de “Meus cabelos e longos e lindos”, insistem em não ver o advento de sedosa cabeleira no amigo que até então já não tinha mais cabelo.

Da menção implícita, à crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba”, e explícita, a *Viver é prejudicial à saúde*, Snege parte para mais um diálogo textual com esse livro, a partir do título da crônica “Viver causa impotência sexual”<sup>677</sup>. Não deixa de ser também uma paródia da publicidade a respeito dos cigarros, que traz sempre advertências, tanto nas propagandas quanto nas embalagens, de que fumar pode provocar os mais diversos danos à saúde. Snege aproveita esse gancho para convidar a uma reflexão sobre uma certa atmosfera de *pânico de viver* característica de nossa modernidade tardia:

Em vez de perseguir os pobres e indefesos tabagistas, o Ministério da Saúde deveria ampliar o alcance de sua campanha. E mandar afixar em todas as esquinas e embalagens de país frases mais radicais. “Viver causa câncer do pulmão”; “Viver durante a gravidez prejudica o bebê”; “Viver provoca infarto do coração”; “Viver é droga e causa dependência”.

Se você acha que isso é delírio de fumante, querendo repartir com os outros o anátema que lançaram sobre seus pulmões, dê uma olhada nos canais da mídia. Por toda parte, os comunicadores querem nos convencer da inviabilidade da vida humana. (...) <sup>678</sup>

<sup>676</sup> SNEGE, Jamil. Esposinhas por uma noite. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 jan. 1999. Caderno G, p. 6.

<sup>677</sup> SNEGE, Jamil. Viver causa impotência sexual. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 maio 2000. Caderno G, p. 10.

<sup>678</sup> *Ibid.*, p. 10.

Mais um diálogo direto com *Viver é prejudicial à saúde* pode ser localizado na crônica “Acerca de minha andropausa”<sup>679</sup>, publicada em 18 de março de 2001. O livro *Viver é prejudicial ...* começa com seu personagem diante do espelho, praticando um auto-exame após tomar conhecimento de que homens também podem ter câncer de mama. Na crônica “Acerca de minha andropausa”, Snege estabelece a intertextualidade a partir de um diálogo entre Freitas, seu tipo-personagem, e o cronista-personagem Jamil Snege:

(...) Foi o Freitas, um dos poucos amigos dos quais não consegui fugir, que resolveu matar a charada:  
 – É a andropausa, cara. Descompensação hormonal.  
 Odeio quando alguém afirma algo que estou tentando esconder de mim mesmo. Posso até admitir o climatério, a andropausa ou o diabo que seja, mas não gosto de ser atropelado por um juízo exterior. Já que conseguiu acertar o dedo na ferida, Freitas resolve ir adiante:  
 – Como é que estão teus seios?  
 – Que seios? – reajo.  
 – As tetinhas, cara – Freitas aponta acintosamente para o meu peito. – Você não iniciou uma novela com o personagem examinando as tetinhas?  
 (Freitas refere-se ao meu livro “Viver é prejudicial à saúde”.) (...) <sup>680</sup>

Por fim, é possível identificar mais uma conexão com *Viver é prejudicial...* na crônica “Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso”<sup>681</sup>, de 13 de março de 1999. Nessa crônica, Snege faz uma divertida reflexão a respeito da falta de interesse dos paranaenses pela literatura – “Estou falando bobagem? Vejam as estatísticas. Raramente um bom livro, de um bom autor, vende mais que 300 exemplares no Paraná inteiro. E vender mais do que isso, digamos mil, dois mil exemplares, podem crer que não se trata nem de um bom livro nem de um bom autor. Por delicadeza, deixo de citar exemplos. (...)”<sup>682</sup>. Desse ponto de partida, Snege aproveita para falar de autores paranaenses e seus livros recém-lançados e, enfim, para fazer seu próprio anúncio classificado:

Ficcionista, 1,75, texto perfeito, razoavelmente bem dotado, experiente, ambos os sexos, inclusive casais. Satisfação garantida ou seu dinheiro de volta.  
 Esse é o anúncio que fiz para chamar atenção sobre a minha novela *Viver é prejudicial à saúde*, já nas principais livrarias de Curitiba. Pois também ela corre o risco de ficar escondida atrás de um par de nádegas, que é o que mais abunda neste país. <sup>683</sup>

<sup>679</sup> SNEGE, Jamil. Acerca de minha andropausa. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 mar. 2001. Caderno G, p. 3.

<sup>680</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>681</sup> SNEGE, Jamil. Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 13 março 1999. Caderno G, p. 6.

<sup>682</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>683</sup> *Ibid.*, p. 6.

Vistos alguns exemplos da forma como a coerência, do ponto de vista de temas e idéias, se faz presente nos textos de Jamil Snege, vale observar que estilisticamente, o escritor aposta na variação de gêneros e possibilidades textuais, opção que permite um outro tipo de trânsito em seus escritos. Sobre essa característica de variação textual, Jamil Snege comenta em uma entrevista:

(...) E em relação às influências, eu sou até “acusado” por alguns amigos de não manter uma linha única, de que um livro é absolutamente diferente do outro. Cobram-me certa coerência de estilo ou de formato exatamente pelo fato de eu não me repetir muito. Eu não gosto de repetir uma vertente. Se eu consigo fazer um livro de uma maneira, eu jamais faço outro idêntico, com a mesma pegada ou com o mesmo approach.<sup>684</sup>

Esse pendor para a freqüente experimentação em termos de estilo resulta em composições mais livres quanto às amarras dos gêneros textuais. O próprio escritor reitera, em entrevista à *Et Cetera*, a preferência pela variação:

Veja, eu realmente não consigo ter uma voz única, estilisticamente identificável. Às vezes me surge uma idéia, uma imagem visual, algo como um sonho ou, melhor dizendo, um resíduo onírico. O que faço a seguir é tentar capturar através da linguagem aquela impressão. Se estou escrevendo prosa ou poesia, pouco importa; se estou repetindo uma experiência de texto ou usando uma nova dicção também. É uma característica (ou uma deficiência) minha. (...) <sup>685</sup>

Talvez seja esse o motivo da dificuldade em encaixar, ocasionalmente, seus textos em uma única categoria textual. Principalmente no minado campo do conto e da crônica essas barreiras, no caso especial de Jamil Snege, se fundem, trazendo não sem certa naturalidade o que seria conto para o espaço do jornal e o que seria crônica para o suporte do livro, às vezes com nova classificação. A tendência de Snege ao texto curto, à objetividade narrativa, ao estilo intimista na relação com o leitor e à capacidade de costurar grande quantidade de temas em um espaço curto contribui para a facilidade com que um texto pode ir de uma categoria à outra, e também para que seus outros escritos, mesmo os romances, fiquem muito parecidos com um arranjo de crônicas em capítulos.

O romance *Como eu se fiz por si mesmo* traz evidentemente essa marca, como podemos ver pela naturalidade com que trechos seus se adaptam ao espaço de crônicas do jornal. “De um certo ponto de vista, ‘Como eu se fiz...’ não

<sup>684</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 10.

<sup>685</sup> SNEGE, Jamil. Entre o Jardim e a Tempestade. *op. cit.*, p. 174.

é um romance. Não possui a estrutura tradicional de um romance. Mas ao mesmo tempo não é uma coleção de textos aleatórios, pois todos eles – sejam contos, crônicas, etc. – obedecem a um propósito de captar tempos e nuances da memória”, analisa o próprio autor. “Eu o escrevi de maneira contínua, intercalando o tempo presente, o ato de escrever um livro de memórias à matéria residual das recordações do vivido. Ao mesmo tempo, faço em certos capítulos uma paródia dos diversos modos de narrar – seja estilisticamente ou através dos vários usos da linguagem”<sup>686</sup>. Como vimos anteriormente, Jamil Snege também se refere à crônica quando analisa seu primeiro romance, *Tempo sujo*, classificando-o de “crônica-reportagem”<sup>687</sup>.

No caso do conto, então, e vice-versa, essa flexibilidade é ainda maior. Da produção de Snege divulgada na *Gazeta do Povo*, boa parte foi publicada também em seus livros – não poucas vezes depois de ter saído no jornal, mas nem sempre com a mesma apresentação de crônica que caracterizava, de modo geral, o texto quando no periódico (veja anexo neste trabalho).

Como vimos em rápida passagem no Capítulo 2, contos do autor como “A mulher aranha”<sup>688</sup> – publicado inicialmente em coletânea homônima no ano de 1972 – voltam à tona na seção de crônicas de Jamil sem deixar, necessariamente, de parecer contos. Por outro lado, textos publicados primeiramente como crônica no jornal retornam na coletânea de contos *Os verões da grande leitoa branca*<sup>689</sup> com aspecto de conto. Um exemplo estaria na crônica “O perigo vem da Ásia”, que analisamos no Capítulo 2<sup>690</sup>.

Tomado como conto, na crítica do jornalista Reynaldo Damazio na ocasião de lançamento de *Os verões...*, características factuais/temporais, como a influência econômica da crise asiática, são deixadas de lado em prol de uma análise de tendência claramente existencialista do texto. Damazio considera este um dos “contos mais interessantes do livro”, pertencente ao universo daqueles “em que o aparente inusitado se mostra melhor engastado na realidade, ainda

---

<sup>686</sup> *Ibid.*, p. 175-176.

<sup>687</sup> SNEGE, Jamil. Entre o Jardim e a Tempestade. *op. cit.*, p. 173.

<sup>688</sup> SNEGE, Jamil. *A mulher aranha*. Curitiba: Editora Hoje, 1972. (Série cadernos de ficção; v. 1). p. 51-56. | SNEGE, Jamil. *A mulher-aranha*. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 maio 1998. Caderno G, p. 6. | SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000. p. 7-12.

<sup>689</sup> SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000.

<sup>690</sup> SNEGE, Jamil. O perigo vem da Ásia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º nov. 1997. Caderno G, p. 6. | Cf. Capítulo 2, p. 101-103.

que com estranhas ligações”<sup>691</sup>. Vejamos as considerações completas de Damazio a respeito do texto “O perigo vem da Ásia”:

(...) ou a fascinante experiência de um homem poderoso que se mistura aos velhos de um asilo que ajuda a manter sem que ninguém saiba de sua verdadeira identidade, nem mesmo as freiras que trabalham no local. Aquele executivo procura a paz no anonimato, entre desvalidos, numa atitude de negação que talvez o redima da angústia dos compromissos sociais. Tais ingredientes, que reduzimos impropriamente para ilustrar a argumentação, revelam não um *outro lado*, da realidade que desacostumamos a enxergar, mas a *realidade mesma* em sua variedade anti-cartesiana, irracional na essência.<sup>692</sup>

Tal análise daria uma pista de que, mesmo sendo possível a transmutação da crônica para o conto, mudando o suporte (do jornal para livro), e excluindo algumas das características associadas ao jornal que normalmente auxiliariam no entendimento de tratar-se de crônica (nesse caso, referência de data, veículo de publicação, eventual imagem associada na diagramação), os principais atrativos do texto resultante dessa passagem ainda estariam na observação do real, na percepção crítica de um cotidiano que já traz consigo o convite ao insólito – característica por excelência da crônica.

Chegamos ao ponto, então, de aprofundar a reflexão a respeito da segunda categoria literária de crônica, apresentada por Massaud Moisés, da qual tratamos objetivamente na primeira seção deste capítulo: a crônica-conto.

A crônica voltada para o horizonte do conto prima pela ênfase posta no “não-eu”, no acontecimento que provocou a atenção do escritor. Na verdade, a ocorrência detonadora do processo de criação não só possui força intrínseca para se impor ao “eu” do cronista como não lhe desperta qualquer lembrança oculta ou sensação difusa. Não significa que o escritor se alheia do acontecimento, pois que a própria crônica testemunha uma adesão interessada – mas que o acontecimento tão-somente requer o seu cronista, inclusive no sentido etimológico do termo, ou seja, o seu historiador.<sup>693</sup>

Para Massaud Moisés a crônica-conto resultaria em um *desequilíbrio* do estado do cronista, “a sua revelia”, como *presença* no texto. Quando essa perda de equilíbrio tende para um “eu” lírico de forte expressividade, temos a já mencionada crônica-poema – que, apesar do nome carregadamente literário, aproxima-se mais do que podemos ter como um estilo *genuíno* (talvez a palavra seja por demais ousada, ou exagerada) de crônica, em que o acontecimento lírico

<sup>691</sup> DAMAZIO, Reynaldo. O realismo absurdo. *Revista Cult*, São Paulo, ano 4, n. 46, p. 34-35, maio 2001. p. 35.

<sup>692</sup> *Ibid*, p. 35.

<sup>693</sup> MOISÉS, Massaud. *op. cit.*, p. 254.

se dá na prosa e no caráter cotidiano do texto. “Quando essa ruptura se manifesta em conto, obviamente o produto extrapola dos confins da crônica. E se, por vezes, o escritor reúne sob a rubrica de ‘crônicas’ textos que merecem classificação de ‘contos’, noutras coloca lado a lado umas e outros, no mesmo livro, não sem reconhecer a distinção fundamental (...)”<sup>694</sup>.

Essa “característica fundamental” da crônica estaria assim relacionada ao *grau* de presença do “eu” do cronista no texto.

Quando se aproxima do conto, sem nele se metamorfosear, mantendo intactas suas características de base, a crônica corre o risco de constituir-se na mera literalização de acontecimentos verídicos: estes funcionam como o estopim que deflagra o comentário, estabelecendo-se uma aliança entre o “eu” e o “não-eu”, que preserva a crônica de perder sua identidade. Quando, porém, o “eu” se encolhe para deixar que o **acontecimento** [grifo meu] prevaleça, de molde a cavar-se um fosso entre o cronista e os eventos, expresso no emprego da terceira pessoa, – a crônica pode resultar em simples reportagem, e nesse caso os extremos se tocam. Fugiria, assim, não só da crônica como da arte literária. Mais difícil de sustentar, portanto, o equilíbrio da crônica quando o acontecimento tende a predominar. Se, a rigor, o lirismo não mata a crônica – antes pelo contrário –, a narrativa paradoxalmente lhe compromete a fisionomia, remetendo-a para o conto ou para a reportagem, ambas fora de seu ambiente natural. (...) <sup>695</sup>

A crônica, dessa forma, não seria – ou não deveria ser – um conto mal realizado, mas um meio termo entre poesia e ficção, ou, como propõe Massaud Moisés no livro *A criação literária*, uma “poetização do cotidiano”<sup>696</sup>. Em seu *Dicionário de termos literários*, o teórico reforça essa visão:

Na verdade, classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais ou imaginárias, etc. A análise dessas várias facetas permite inferir que **a crônica constitui o lugar geométrico entre a poesia (lírica) e o conto**: implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele dotes de contador de histórias. (...)

Quando não se define completamente por um dos extremos, a crônica oscila indecisa numa das numerosas posições intermediárias; no geral, contudo, tenderá ou para o lirismo ou para o conto (...). Em ambas as situações, **para que a crônica ganhe foros estéticos, há de prevalecer o poder de recriação da realidade sobre o de mera transcrição**. [grifos meus]. <sup>697</sup>

Mesmo que a crônica seja, assim, um gênero de voz própria, e não um conto aquém do esperado, a impressão do crítico Wilson Martins de que “a

<sup>694</sup> *Ibid.*, p. 255.

<sup>695</sup> MOISÉS, Massaud. *op. cit.*, p. 255.

<sup>696</sup> *Ibid.*, 255.

<sup>697</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. ver. e ampl. – São Paulo: Cultrix, 2004. p. 111.



crônica é um pouco o conto que não se realizou, da mesma forma por que muitos ‘contos’ são crônicas frustradas”<sup>698</sup> encontra sua justificativa. Mas tal situação se daria normalmente quando um ou outro projeto não se realizariam da forma esperada. É o próprio Jamil Senege quem reflete sobre isso na crônica “Como (não) escrever um conto”, publicada na *Gazeta do Povo* em 9 de dezembro de 2001. Convidado para integrar o júri de um concurso de contos, que, segundo narra, o levou a ler uma média de 46 textos por dia durante um mês, Senege chegou a algumas conclusões a respeito desse gênero:

(...) E o que se pode notar, pelo número de inscrições, é a vitalidade do conto; talvez por sua aparente facilidade, o gênero atrai cada vez mais cultores – embora a isso não corresponda nenhum ganho qualitativo. Somente um por cento dos trabalhos pode ser considerado bom ou até mesmo exemplar.

Há muita prosa derramada, muita história descosida aspirando à tensão e à concisão que o bom conto exige. Há seqüências rítmicas que melhor figurariam num longo poema e certas transposições temporais que até seriam toleráveis em romances ou novelas. E há faturas de textos, coladas à pele do cotidiano, que pertencem ao domínio exclusivo da crônica. (...) <sup>699</sup>

O fato de Jamil Senege enfatizar na crônica acima que há diferenças entre conto e crônica não impede, no entanto, que o próprio autor se aproveite da liberdade permitida pelo espaço cronístico para levar ao público seus contos, assim como para tornar perenes suas crônicas, não só na coletânea *Como tornar-se invisível em Curitiba*, mas também transmutadas em contos em *Os verões da grande leitoa branca*. Esse freqüente intercâmbio, especificamente no caso conto-crônica, pode se dar por vários motivos.

Um deles seria o caráter de liberdade textual presente nas obras do autor, e que é reforçada por ele mesmo na entrevista a Ricardo Sabbag: “Eu sou um sujeito que trabalho muito a linguagem. Então eu acho que, do meu ponto de vista, tema ou gênero são coisas secundárias. A literatura merece uma múltipla abordagem (...). Eu não faço isso de propósito, mas por uma curiosidade instintiva de trabalhar a linguagem em outras superfícies”<sup>700</sup>. Na boa definição de Cristovão Tezza, esse constante exercício de linguagem resulta em uma natureza de texto “indócil aos limites do gênero”<sup>701</sup>.

<sup>698</sup> MARTINS, Wilson. Crônicas curitibanas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, [2001].

<sup>699</sup> SENEGE, Jamil. Como (não) escrever um conto. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 dez. 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>700</sup> SENEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 10.

<sup>701</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

Tezza lembra também que “a fusão crônica e conto é bastante comum para quem escreve regularmente em jornais”. Mas, reforça o escritor, esse trânsito teria o aspecto particular do estilo característico de Jamil Sene: “No caso do Jamil, mais do que a circunstância da linguagem de jornal, é preciso considerar o próprio estilo dele, que, como eu disse, fundia freqüentemente os gêneros”<sup>702</sup>.

Também o escritor Miguel Sanches Neto comenta que, em geral, o intercâmbio entre os textos é algo freqüente no trabalho do cronista. “É algo comum sim, desde Machado de Assis. Acontece que o escritor está trabalhando sempre temas que lhe são caros, então a obra para o jornal e a outra se misturam”<sup>703</sup>.

De tal afirmação, tiramos o segundo motivo para a constância do trânsito entre crônicas, contos e demais produções de Sene, baseado em um aspecto simplesmente operacional. “No caso do Jamil, e que aconteceu também com a Hilda Hilst (ver *Cascos & Carícias*), ele simplesmente reproduzia trechos de seus livros, levemente modificados, no jornal, quando não conseguia escrever a crônica quinzenal. Era uma forma de não deixar o jornal na mão. Ele escrevia muito lentamente, tinha uma relação pessoal com o tempo”<sup>704</sup>, explica Sanches Neto.

Com relação a essas discretas modificações dos textos do livro para o jornal, das quais já falamos ligeiramente em um ou outro ponto do trabalho, vale apontar que – como já podemos ter idéia a partir dos trechos da produção de Sene exibidos aqui –, ao mesmo tempo, a republicação dos textos na seção de crônicas não seguia um caráter aleatório. Pelo contrário, é possível perceber cuidado do autor, tanto na seleção dos contos e trechos quanto em sua edição, que incluía as alterações pontuais e mudanças de títulos. Tal cuidado resultava, da mesma forma que nos trechos extraídos dos romances e novelas, em textos ainda melhor acabados que na versão original. Sigamos ao exemplo de “A mulher aranha”, que abordamos no Capítulo 2. Além do título, que na segunda versão ganhou hífen – “A mulher-aranha” –, vejamos respectivamente algumas modificações:

---

<sup>702</sup> *Ibid.*

<sup>703</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>704</sup> *Ibid.*

Uma cabeça decepada – é tudo o que me lembro de minha mãe. Uma cabeça atenta de medusa, repousada sobre o travesseiro. Eu passava tardes inteiras brincando no quarto, em silêncio, inquieto por saber aqueles olhos cravados em mim. Às vezes aproximava-me da cama e procurava adivinhar-lhe o corpo sob as dobras do lençol; mas minha imaginação repelia-me antes, com garras de ave ou escamas de peixe. Quando minha mãe morreu, a coisa pareceu-me extremamente fácil: minhas tias devem tê-la erguido pelos cabelos e **colocado** no caixão. Afinal, ela não passava de uma cabeça.

(...) Minhas tias mudaram-me para a sala, numa pequena cama de vime, e eu me distraía à noite com as lagartas fosforescentes que deslizavam na vidraça. Às vezes as lagartas invadiam-me **o sonho e a casa** e eu tremia de **temor** ao vê-las subir pelos lençóis. Minhas tias dormiam e eu acordava sobressaltado, molhado de suor, com uma palavra mole (ou uma lagarta?) **na boca**: – mãe.<sup>705</sup>

*Uma cabeça decepada – é tudo o que me lembro de minha mãe. Uma cabeça atenta de medusa, repousada sobre o travesseiro. Eu passava tardes inteiras brincando no quarto, em silêncio, inquieto por saber aqueles olhos enormes cravados em mim. Às vezes aproximava-me da cama e procurava adivinhar-lhe o corpo sob as dobras do lençol; mas minha imaginação repelia-me antes, com garras de ave ou escamas de peixe. Quando minha mãe morreu, a coisa pareceu-me extremamente fácil: minhas tias devem tê-la erguido pelos cabelos e depositado no caixão. Afinal, ela não passava de uma cabeça.*

*(...) Minhas tias mudaram-me para a sala, numa pequena cama de vime, e eu me distraía à noite com as lagartas fosforescentes que deslizavam na vidraça. Às vezes as lagartas invadiam-me a casa e os sonhos e eu tremia de pavor ao vê-las subir pelos lençóis. Minhas tias dormiam e eu acordava sobressaltado, molhado de suor, com uma palavra mole (ou uma lagarta?) entalada na garganta: – mãe...<sup>706</sup>*

Vale lembrar que na coletânea de contos *Os verões da grande leitoa branca*<sup>707</sup> foi reproduzida a mesma versão publicada na *Gazeta do Povo*, e não a versão original, do livro de 1972.

Mas pode acontecer também o inverso, e o conto sair primeiro no jornal. É o caso, aparentemente, do conto “O filhão”, publicado inicialmente *dentro* da *crônica* “Histórias do amor insólito”<sup>708</sup>, na verdade uma reunião de dois contos do autor, sendo o segundo “O sinal de Caim”, que havia saído originalmente na coletânea de contos *A mulher aranha*<sup>709</sup>. “O filhão”, divulgado no jornal em 23 de maio de 1999 junto com “O sinal de Caim”, aparece em livro só depois, no ano 2000 na coletânea *Os verões da grande leitoa branca*, com o título de “Filho pródigo”<sup>710</sup>.

Pois bem, o terceiro motivo para esse trânsito conto-crônica, e vice-versa, seria mais uma consequência, na opinião de Miguel Sanches Neto, e estaria relacionado à possibilidade de aumentar o acesso dos textos de Jamil Senege, ao menos, aos leitores locais. “Não acredito que isso fosse intencional, como disse,

<sup>705</sup> SNEGE, Jamil. *A mulher aranha*. Curitiba: Editora Hoje, 1972. (Série cadernos de ficção; v. 1). p. 51-56.

<sup>706</sup> SNEGE, Jamil. *A mulher-aranha*. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 maio 1998. Caderno G, p. 6.

<sup>707</sup> SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000. p. 7-12.

<sup>708</sup> SNEGE, Jamil. Histórias do amor insólito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 maio 1999. Caderno G, p. 3.

<sup>709</sup> SNEGE, Jamil. *A mulher aranha*. Curitiba: Editora Hoje, 1972. (Série cadernos de ficção; v. 1). p. 11-15.

<sup>710</sup> SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. *op. cit.*, p. 69-70.

era mais uma forma de cumprir o compromisso quando ele não tinha texto novo para entregar. Mas acabou funcionando como uma produção inédita, porque os livros dele tinham poucos leitores”<sup>711</sup>.

De fato, mesmo Jamil Sene comenta ter ampliado consideravelmente o número de leitores a partir da publicação das crônicas no jornal. Com relação a essa maior divulgação do trabalho de Sene como escritor, Miguel Sanches Neto conta o seguinte: “Recebia muito retorno, visita de pessoas de outras cidades, cartas. O exercício da crônica num jornal do porte da *Gazeta* dá uma visibilidade muito grande para o escritor. E o coloca em contato com o leitor comum. O Jamil, como todo escritor, gostava destes afagos vindos dos leitores”<sup>712</sup>.

Em entrevista ao repórter Rudney Flores, Sene também reconhece a ampliação do número de leitores de seus livros por conta do espaço de crônicas na *Gazeta do Povo*:

Desde o meu primeiro livro, fui bem aceito dentro de um restrito círculo de crítico (sic) e leitores. Esse número de “fregueses” vem crescendo de livro para livro muito discretamente. Acho que hoje tenho 500 leitores fiéis (risos). Dentro de um mercado que tem milhares e milhares de leitores isso é nada, mas me contento com esse número. Não tenho nenhuma intenção de expandir isso, de me tornar um best seller, de ser um escritor nacional. **Acho que a colaboração (sic) como cronista na *Gazeta do Povo* de uma certa forma também ampliou o meu número de leitores, me apresentando ao público do Paraná e dos estados vizinhos** [grifo meu].<sup>713</sup>

De fato, apesar de sua conhecida *postura de resistência* em aderir ao grande mercado editorial<sup>714</sup>, Sene não raras vezes comentava em suas crônicas sua relação com os leitores e os vários aspectos, inclusive os mercantis, da literatura. Já vimos um exemplo na crônica “Uma visita”<sup>715</sup>, citada anteriormente neste capítulo. Um outro exemplo da reflexão escritor-leitor estaria em “Uma torta para Cortázar”, publicada em 29 de abril de 2001.

A respeito do êxito, do sucesso pessoal, tenho muito pouco a declarar. Sou prestigiado por uma pequena platéia de leitores, espalhada por este vasto Brasil, com a qual mantenho

<sup>711</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>712</sup> *Ibid.*

<sup>713</sup> SENE, Jamil. Percepção insólita da realidade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 mar. 2000. Caderno G, p. 6. Entrevista a Rudney Flores.

<sup>714</sup> A respeito desse tema, vale conferir a dissertação de mestrado de Júlio Bernardo Machinski, defendida em setembro de 2005. I MACHINSKI, Júlio Bernardo. *Como ele se fez por si mesmo – Jamil Sene*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

<sup>715</sup> SENE, Jamil. *Uma visita*. *op. cit.*, p. 2.

relações que eu ousaria mesmo chamar de afetivas – tal o calor e a intensidade com que se desenvolvem. Trocamos cartas, telefonemas e vez por outra sou abordado por um novo leitor ou uma nova leitora e daí em diante nos incluímos mutuamente em nosso rol de simpatias.<sup>716</sup>

No desenrolar da crônica, Snege vai longe, comentando como para ele deveria ser a relação ideal entre público e artista ou pessoa pública (escritor, músico, etc.), citando como exemplo o escritor Julio Cortázar.

Tenho, para consumo interno, uma tese sobre o artista em relação ao seu público. Ou você ama generosa e sinceramente as pessoas ou as detesta com igual intensidade. Ambos os sentimentos são legítimos e respeitáveis. (...) No primeiro caso temos aqueles cujo amor ao próximo é uma boa doença contagiosa que precisa ser transmitida ao mundo todo através de abraços, afagos, apertos de mão.

O escritor Julio Cortázar pertencia a essa categoria. Numa entrevista a Jason Weiss, da *The Paris Review*, ele conta que andava uma noite pelo bairro gótico, em Barcelona, quando parou para ouvir uma garota muito bonita que cantava e tocava guitarra, com uma voz pura e clara, parecida com a de Joan Baez. (...) De repente, um dos jovens, que devia ter uns vinte anos, o identificou e acercou-se dele. Tinha uma fatia de torta na mão e, com efusiva e espontânea alegria, foi logo dizendo “Julio, toma um pedazo”. Cortázar mordeu a torta que o outro lhe oferecia e agradeceu: “Muchas gracias por convidarme”. O rapaz respondeu algo como “Yo te di muy poco comparado con lo que tú me diste a mí”. E, abraçados e felizes, sem mais nada dizerem, comeram a torta e se despediram e se separaram.

Julio Cortázar deu a entrevista pouco antes de morrer. De todas as suas experiências com os leitores, lembrou-se dessa – um pedaço de torta dividido fraternalmente numa rua em Barcelona, ao som de uma garota que cantava com uma voz pura e clara, parecida com a de Joan Baez.<sup>717</sup>

A menção aqui à cantora Joan Baez e ao próprio Cortázar, como um escritor que se tornou referência também com relação a suas atitudes políticas, não deixa de remeter a um imaginário característico dos anos 60, de um utópico senso de fraternidade, que se aproxima ainda da postura de *resistência* de Jamil Snege. O fato de tal situação se dar em Barcelona, cidade que, nesse contexto, pode evocar também esse imaginário de resistência política e ideológica, ajuda a revelar as expectativas literárias de Jamil Snege – que, nunca é demais lembrar, publicou *Tempo sujo* em 1968, às vésperas do AI-5<sup>718</sup> – com relação ao

<sup>716</sup> SNEGE, Jamil. Uma torta para Cortázar. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 abr. 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>717</sup> SNEGE, Jamil. Uma torta para Cortázar. *op. cit.*, p. 2.

<sup>718</sup> Ato Institucional nº 5, instaurado em 13 de dezembro de 1968, durante o período da ditadura militar no Brasil, iniciado com o golpe de março de 1964. O AI-5, promulgado pelo presidente Arthur da Costa e Silva com o consentimento do Conselho Nacional de Segurança, do qual fazia parte o ex-prefeito de Curitiba, então ministro da Agricultura, Ivo Arzua, fechou o Congresso Nacional e marcou um dos momentos mais violentos e ofensivos aos direitos humanos da história do País. Com relação a sua participação no Conselho que aprovou o AI-5, Ivo Arzua defende-se em reportagem na *Gazeta do Povo*: “Foi um voto condicionado. Não havia saída, acredita. ‘Votei ‘sim’ ao ato, mas desde que fosse por tempo determinado e houvesse a convocação de uma Constituinte’, declara. Segundo o ex-ministro, não havia naquele momento como prever

comportamento e perfil de seu leitor. Vale lembrar que Snege se refere a Barcelona e a Buenos Aires – apesar de ter nascido em Bruxelas, na Bélgica, em 1914, Julio Cortázar viveu boa parte de sua vida na Argentina e se consagrou como um escritor *argentino* – como uma preferência a Curitiba, caso fosse *corrigir geografias*, na crônica “Boas intenções para o próximo inferno” que vimos no Capítulo 1<sup>719</sup>.

Todo esse contexto significativo, voz que traz à memória Joan Baez, jovens ao ar livre no bairro gótico de Barcelona, acaba por desaguar no *pedaço de torta* dividido entre um *jovem* leitor e um escritor *veterano*. Tal contexto não deixa de compor aí a imagem de uma troca simbólica em que o leitor da nova geração se apresenta como um canal de perpetuação da obra do escritor. Retomando a Peggy da crônica “Uma visita” que vimos há pouco, a ironia – e a pontada de amargor – com que o cronista observa a *concepção* que a juvenzinha tem da literatura faz saltar aqui o contraste das expectativas de Jamil Snege com relação ao público leitor de suas obras e os caminhos possíveis que esse relacionamento pode seguir, do ideal ao pior cenário possível.

Em mais uma evidência de seu interesse pela receptividade do leitor, Jamil Snege comenta em outra crônica, “Despachando de Babel”, o assédio do público, amigos, escritores e do mercado, em geral:

Cartas por responder, livros recebidos e não acusados, faxes, recados, pedidos de prefácios – minha mesa é o equivalente exterior do caos pelo qual navegam meus neurônios. Profissãozinha difícil essa. Se os ilustres remetentes soubessem a quantas anda minha capacidade de resposta, seriam mais compassivos em seus estímulos. Mas como a amizade fala mais alto,<sup>720</sup> tentarei corresponder ao crédito que essas almas benévolas ainda me oferecem.

A relação com a literatura, de forma geral, pode ser encontrada também na crônica acima, a partir da menção/apresentação de escritores dos mais variados gêneros. Snege, aliás, costuma aproveitar o espaço de crônicas no jornal para divulgar outros autores, locais ou não. Outro exemplo está em “Os alegres

---

como seriam conduzidas pelas divisões de segurança do Regime Militar as determinações do ato”. I GAZETA DO POVO. Ex-prefeito de Curitiba consentiu com AI-5. Curitiba, 7 dez. 1998. Local, p. 3.

<sup>719</sup> SNEGE, Jamil. Boas intenções para o próximo inferno. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 dez. 1998. Caderno G, p. 8. Cf. Capítulo 1, p. 48.

<sup>720</sup> SNEGE, Jamil. Despachando de Babel. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 set. 2001. Caderno G, p. 2.

rabanetes na feira”<sup>721</sup>, em que reflete a respeito do crescimento do mercado editorial paranaense a partir da feira do livro realizada em Curitiba.

O escritor utiliza a seção de crônicas também como um espaço confessional, em que fala de estratégias literárias e processo de criação ao leitor. Um exemplo está em “Auto-entrevista”. Publicada em 10 de novembro de 2002, a crônica tem um forte toque de auto-ironia, denunciado pelo título escolhido pelo autor. Vamos a um trecho desse texto:

**P – VOCÊ TEM sido solicitado para várias entrevistas ultimamente. A que atribui esse interesse?**

R – Ao câncer, em parte. O câncer me empresta uma aura trágica. As pessoas gostam disso. Você só assiste ao lançamento de um foguete porque sabe que ele pode explodir.

**P – Nada tem a ver com a qualidade de sua obra?**

R – Talvez tenha, também. Eu e muitos outros fazemos parte de uma espécie de reserva técnica da literatura...

**P – O que vem a ser isso?**

R – Ficamos chocando nossos ovos, anos e anos, num quase anonimato. De repente, na falta de novidades, alguém nos lança para os nossos 15 minutos de fama.

**P – Isso é bom ou ruim?**

R – Se você se mantiver além dos 15 minutos, é bom. Mas isso nem sempre acontece. A mídia tem um metabolismo muito rápido. Você precisa tirar um coelho da cartola a cada momento para permanecer em cena.

**P – Lançar novos livros, por exemplo?**

R – Não só. Precisa criar acontecimentos em torno de seu nome. Ganhar prêmios, envolver-se em disputas, descer o pau em algum monstro sagrado das letras. Ou anunciar, no auge da fama, que decidiu abandonar definitivamente a literatura.

(...)

**P – Uma mensagem final?**

R – Tchau.<sup>722</sup>

Outro exemplo nesse sentido é a crônica “Conversa com a Musa”, publicada em 16 de fevereiro de 2003:

Todo cara metido a escritor imagina um momento em que poderá se dedicar inteiramente à literatura. É um sonho constantemente adiado, pois ele terá de resolver antes alguns problemas incontornáveis: conseguir uma aposentadoria, constituir uma renda, fazer um pé-de-meia, pois todos sabem que a literatura não costuma dar camisa a ninguém.

Eu próprio caí nesta esparrela. Fui levando a literatura no bico, casamento sempre postergado, um ou outro amasso no sofá que resultou nuns livrinhos esquálidos, nada comparáveis à saudável prole de um García Márquez ou de um Jorge Luis Borges. Envergonhado, corro mais uma vez ao encontro da Musa, atiro-me a seus pés, beijo a barra de suas vestes, juro-lhe amor exclusivo e eterno. (...) <sup>723</sup>

A respeito dessa possibilidade de dedicação exclusiva à literatura, Jamil Snege comenta, em resposta à pergunta de Ricardo Sabbag na entrevista para a

<sup>721</sup> SNEGE, Jamil. Os alegres rabanetes na feira. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 set. 2000. Caderno G, p. 3.

<sup>722</sup> SNEGE, Jamil. Auto-entrevista. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 nov. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>723</sup> SNEGE, Jamil. Conversa com a Musa. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 16 fev. 2003. Caderno G, p. 4.

revista *Cult*: “(...) Eu tenho um certo bloqueio em relação a isso. Eu imagino que o dia em que eu dispuser de tempo apenas para escrever, serei vítima de uma terrível frustração, porque eu não vou conseguir fazer nada. (...)”<sup>724</sup>.

Dessa forma, aí pode ser identificada uma característica comportamental de Jamil Snege passível de ser estendida a sua postura diante do mercado, da literatura e mesmo da cidade de Curitiba: daquele que, mesmo respeitando e desejando a proximidade com o leitor, *resiste* por convicções íntimas aos caminhos mais simples para chegar ao seu público. Como observa Miguel Sanches Neto, Jamil Snege “fazia pose de que não queria reconhecimento, que não desejava editora, mas no fundo esperava por espaços. A *Gazeta do Povo* deu as maiores alegrias para o Jamil, pois a repercussão de suas crônicas era imensa, ele fez fãs no estado todo, viveu uma experiência de ser amado pela escrita”<sup>725</sup>.

Sanches Neto, que foi quem sugeriu o nome de Jamil Snege para a criação do espaço de crônicas locais na seção cultural da *Gazeta do Povo*, comenta que propôs Snege por identificar em sua produção o olhar do cronista, “de alguém atento à realidade, com uma ironia debochada que caía bem neste formato jornalístico”<sup>726</sup>. Na análise de Sanches Neto, a crônica seria uma espécie de *texto ideal* para o perfil de Jamil Snege: “A crônica era o texto que o Jamil mais gostava de escrever porque ele tinha uma propensão, que é uma marca dos curitibanos (Dalton, Leminski, Helena Kolody), pelo texto curto, breve, no qual ele era insuperável”.

Também Jamil Snege reconhece essa sua característica na entrevista a Ricardo Sabbag. “Eu gosto do texto curto, preferencialmente. Acho muito interessante sentar no computador e, ao cabo de duas ou três horas, ter uma peça acabada. As experiências longas me angustiam muito. (...)”<sup>727</sup>.

Essa tendência ao texto enxuto, na opinião de Miguel Sanches Neto, é que faz de Jamil Snege um escritor *de e sobre* Curitiba. “Pelo exercício do texto curto. Pela preocupação mais com a linguagem do que a história em si. Pela obsessão pelos pequenos eventos. Os artistas tipicamente curitibanos não se distinguem

<sup>724</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 10.

<sup>725</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>726</sup> *Ibid.*

<sup>727</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 10.



pela visada ampla, pelos grandes painéis, mas por trabalhar questões pontuais. Eu acho até que é uma marca da timidez que o distingue”<sup>728</sup>.

Tornaremos a essa questão da timidez curitibana, ou paranaense, no próximo item, em que analisaremos de forma aprofundada a relação de Jamil Snege com a cidade em suas crônicas, assim como essa aura adquirida de “cronista da cidade”, que o acompanhou até o fim da vida. A notícia de seu falecimento, no dia 16 de maio de 2003, foi publicada no jornal *Gazeta do Povo* do dia seguinte, 17 de maio, com o seguinte título: “O adeus ao cronista da cidade”. José Carlos Fernandes, jornalista que assina essa reportagem, comenta em entrevista a este trabalho que:

“Ele [Jamil Snege] foi um cronista, olha, acho que insubstituível, por conseguir ver Curitiba não como mais um curitibano chato, não com essa bobagem de ficar dizendo ‘ah o curitibano é isso’. Em nenhum momento ele fazia isso. Ele era curitibano, mas ele sabia ver o curitibano como alguém interessante, como alguém divertido na sua brabeza, nas suas manias. **Eu acho que o Jamil redimia o curitibano.** Ele não caía nesse lugar comum de dizer ‘ah é autofágico’, é isso. **As pessoas eram divertidas em Curitiba para ele, engraçadas** [grifos meus].”<sup>729</sup>

Jamil Snege, o “Turco”, como o chamavam os amigos próximos, sabedor das geografias da cidade, observador do cotidiano, irreverente, mas sem agredir os *seus* – os curitibanos do dia-a-dia, responsáveis pelo tecido da cidade. Redentor de Curitiba, dos curitibanos, em suas manias. Crítico arguto, dedo sempre na ferida – instalação certa do incômodo na certeza acomodada do imaginário do leitor. Qual é essa sua Curitiba? Como é essa cidade que *des-lê*, *des-escreve*, linha por linha, às vezes com ironia, às vezes com lirismo? Aquela oficial, longe de ser. Veremos o que nos propõe em resposta.

### 3.2 CURITIBA. DA CINTURA PARA BAIXO

Quando não absolutamente despida das pretensões de grandeza que a caracterizam – *o primeiro do terceiro dos mundos* –, Curitiba se apresenta em vestes de todo dia, sem o menor *glamour* na crônica de Jamil Snege. Lírico, amante de Curitiba, ou irônico, resistente à força latente emanada da cidade, Jamil Snege evita o estereótipo ao lançar seu olhar sobre a capital paranaense.

<sup>728</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>729</sup> FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 19. dez. 2005.

“Parece que quando o Jamil fala da cidade, ele sempre dá um toque ‘pessoal’, quase não-literário”, observa Cristovão Tezza<sup>730</sup>, para quem, como vimos já desde a Introdução deste trabalho, Jamil Snege seria o mais curitibano dos escritores também, e em especial, por seu posicionamento com relação à capital paranaense. Ainda com relação a essa “atitude” curitibana de Snege, Tezza afirma em artigo na revista *Trópico*:

O publicitário Jamil, aliás um publicitário brilhante, jamais fez publicidade da própria obra. Em todo esse modo de viver a literatura perpassa a idéia de “atitude”, o ato de escrever não como o ato de produzir bens de cultura, inseridos confortavelmente num mercado de livros, mas como uma expressão existencial. Há nessa atitude, que considero curitibaníssima, um misto de pudor e timidez, uma certa idéia docemente provinciana de que “aparecer” é algo agressivo, ou, igualmente, é algo que nos deixa desarmados à mercê do olhar alheio. É melhor, é mais seguro nos escondermos.<sup>731</sup>

Tal opinião a respeito de Snege é embasada, de modo particular, na crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba” – como vimos, publicada inicialmente em 1º de agosto de 1998<sup>732</sup> na *Gazeta do Povo* e posteriormente na coletânea homônima de crônicas<sup>733</sup>. “Para se tornar invisível em Curitiba, dizia Jamil, basta ter um talento genuíno. Tenha talento, dizia Jamil, e a cidade vai tornar você invisível. Você vai desaparecer”, introduz Tezza ao comentar a “compulsão crítica” do curitibano, que “aceita a regulamentação oficial, mas, como vingança, desenvolve um dos seus talentos mais marcantes, e dos mais saborosos, que é a autofagia”<sup>734</sup>. Vejamos agora o que o cronista Jamil Snege diz dessa tal “autofagia curitibana” – e da própria cidade – no referido texto, do qual já pudemos ver o trecho introdutório na seção anterior deste capítulo:

(...) Cada conquista, cada livro publicado, cada poema, escultura ou canção, cada tela, espetáculo, disco, filme ou fotografia, cada intervenção bem sucedida no esporte, no direito ou na medicina, cada vez que alguém, lá fora, reconhecer com isenção de ânimo que você está produzindo obra ou feito significativo – o seu grau de invisibilidade aumenta em Curitiba. E é muito fácil perceber isso. Primeiro, não faltarão pessoas tentando dissuadi-lo de seu próprio talento. Tudo farão para reconduzi-lo de volta à mediania, ou melhor, à mediocracia, que é o sistema vigente nesse estrato a que denominamos cultura. Se você resistir, tentarão cooptá-lo com promessas de nomeações ou ofertas de emprego

<sup>730</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

<sup>731</sup> TEZZA, Cristovão. Um olhar de Curitiba. *Trópico*. Disponível na internet: <http://www2.uol.com.br/tropico/printablenot1695.htm>. Consultada em 4 mar. 2004.

<sup>732</sup> SNEGE, Jamil. Como tornar-se invisível em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º ago. 1998. Caderno G, p. 8.

<sup>733</sup> SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 9-11.

<sup>734</sup> TEZZA, Cristovão. Um olhar de Curitiba. *op. cit.*

em atividades sucedâneas. Se você é um belo projeto de escritor, alguém tentará convencê-lo de que é melhor, mais lucrativo, ser um redator de propaganda. (...) <sup>735</sup>

O discurso, pudemos analisar na seção anterior deste capítulo, já pode ser identificado em textos anteriores de Snege. E, na opinião de Cristovão Tezza, indica um olhar sobre a cidade com certo “toque fatalista nesta concepção de mundo”<sup>736</sup>. Tal tendência ao fatalismo na observação do comportamento autofágico do curitibano se torna mais evidente no trecho seguinte da crônica:

Se mesmo assim você se mantiver fiel ao seu daimon, à sua lenda pessoal e não arredar pé de seu destino, a invisibilidade torna-se então um processo irreversível. Os amigos mais chegados são os primeiros a acusar falhas em seus sistemas de radar quando o objeto captado é você ou algo que lhe diz respeito. Os convites tornam-se mais escassos, o telefone já não toca como antigamente; e mencionar seu nome ou seus feitos, nas reuniões para as quais você não foi convidado, para <sup>737</sup> (sic) a ser tomado como um gesto de imperdoável traição ao grupo. Desse momento em diante, só os inimigos falarão de você. Falarão mal, obviamente. E o mais curioso: à maioria desses “inimigos”, a noventa por cento deles, você jamais falou, jamais sequer foi apresentado. Os amigos a gente escolhe, os inimigos escolhem-se a si próprios. <sup>738</sup>

No trecho seguinte, Snege reforça tal visão, um tanto *desesperançada*, a respeito do curitibano reconhecendo no texto aquilo em que é mestre: transformar o cruel e o absurdo observados no comportamento humano na mais fina ironia, de ponta a ponta, em sua escrita:

Esta talvez seja a parte mais cruel (ou mais irônica) da história. A sua visibilidade, enquanto pessoa, transfere-se para a imagem que os outros fazem de você. Pois é ela, a sua imagem, que circula e passa a frequentar os lugares para os quais você já não é solicitado. Não é mais você em pessoa – carne, sistema nervoso, personalidade, alma –, (sic) que se oferece à percepção do outro, mas uma espécie de correlato simbólico impregnado de tudo o que os outros lhe atribuem. <sup>739</sup>

Tal imagem, de uma não-pessoa, mas sim um “correlato-simbólico”, vagando e existindo pelas ruas de Curitiba ganha ênfase a partir da imagem, assinada por Pryscila, que ilustra a crônica publicada no jornal: um traje masculino e outro feminino, animados de movimento, mas sem rosto, mãos, pernas ou qualquer outra característica física humana:

<sup>735</sup> SNEGE, Jamil. Como tornar-se invisível em Curitiba. *op. cit.*, p. 8.

<sup>736</sup> TEZZA, Cristovão. Um olhar de Curitiba. *op. cit.*

<sup>737</sup> No texto reproduzido na coletânea *Como tornar-se invisível em Curitiba* tal passagem está corrigida: “Os convites tornam-se mais escassos, o telefone já não toca como antigamente; e mencionar seu nome ou seus feitos, nas reuniões para as quais você não foi convidado, **passa** [grifo meu] a ser tomado como um gesto de imperdoável traição ao grupo”. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba. op. cit.*, p. 10.

<sup>738</sup> SNEGE, Jamil. Como tornar-se invisível em Curitiba. *op. cit.*, p. 8.



**Ilustração 6 – Como tornar-se invisível em Curitiba | Jamil Snege – ilustração de Pryscila**

Na avaliação do jornalista José Carlos Fernandes, ao perceber tais *caprichos* do curitibano e a forma como a cidade, em seu conjunto, renega e dissolve todo tipo de talento, Jamil Snege está na verdade falando de si, como alguém que transita no circuito cultural local, e de seu temor do impiedoso, e nem sempre responsável, julgamento do curitibano. “O ser invisível em Curitiba traduz um certo receio que ele [Jamil Snege] tinha da maldade curitibana, de aparecer, de ser criticado. Mas não de ser criticado honestamente, mas de ser destruído por recalcado, nisso ele era meio desconfiado”, interpreta. “O ser invisível [como tornar-se invisível] é uma tradução dele mesmo”<sup>740</sup>, enfatiza.

Opinião dividida com Cristovão Tezza, que em entrevista para este trabalho diz: “Quando ele [Jamil Snege] diz que é fácil ‘desaparecer em Curitiba’ ele está fazendo um desabafo pessoal; ele se inclui entre os, digamos, ‘humilhados e

<sup>739</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>740</sup> FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 19. dez. 2005.

ofendidos' pela cidade"<sup>741</sup>. De onde caímos novamente na citada timidez que distingue o artista curitibano, referida por Miguel Sanches Neto<sup>742</sup>.

Timidez essa reforçada pelo jornalista Luis Henrique Pellanda na reportagem "Prosador por tradição", em que entrevista o escritor Cristovão Tezza:

Uma "certa timidez", típica do habitante de Curitiba, seria um dos motivos pelos quais a literatura paranaense ainda não teria se espalhado pelo país com maior eficácia. "Eu sempre penso no Jamil Snege (morto recentemente), uma figura importante da minha juventude. Um grande escritor que optou por Curitiba." (sic) Com isso, Tezza quer dizer que Snege sempre preferiu editar sozinho seus próprios livros, abrindo mão da infraestrutura das grandes editoras em detrimento de uma divulgação mais ampla de seu trabalho. "Jamil é um bom exemplo. É um símbolo da produção de Curitiba." (sic)<sup>743</sup>

Para fechar, uma última opinião a respeito da timidez do escritor paranaense, de modo geral, e de Jamil Snege, especificamente. Ao anunciar o lançamento do livro *Viver é prejudicial à saúde* – que, segundo a reportagem da *Folha do Paraná*, seria realizado às 10 horas do dia 19 de dezembro de 1998 na Livraria Ghignone da Rua XV de Novembro – o jornalista Zeca Corrêa Leite faz a seguinte introdução:

O publicitário Jamil Snege é conhecido e respeitado. Já o escritor Jamil Snege nem tanto. Apesar disso foi assunto recentemente no suplemento literário do Jornal do Brasil com rasgados elogios, e por duas vezes teve o telefone de sua agência, a Beta Propaganda, anunciado aos leitores do jornal O Estado de São Paulo, pelo cronista José Castello. O motivo? **Quem quisesse conhecer o tímido escritor que pedisse diretamente a ele o celebrado "Viver é Prejudicial à Saúde"** [grifo meu].<sup>744</sup>

Coerente com a postura de resistência com que foi desenhando sua personalidade ao longo dos anos, o próprio Jamil Snege quebra essa aparente unanimidade a respeito de sua timidez, com relação ao mercado, em entrevista a Ricardo Sabbag:

Eu não concordo absolutamente com a timidez paranaense, no caso. Eu simplesmente resguardei uma liberdade de criar, não me submetendo aos cânones das editoras nem estabelecendo uma espécie de expectativa de que eu viesse a produzir livros iguais àqueles que eles teriam publicado com algum sucesso, digamos. Então eu me permiti o direito de errar na minha literatura sempre. Eu jamais escreveria novelas em série ou

<sup>741</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

<sup>742</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>743</sup> PELLANDA, Luis Henrique. Prosador por tradição. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2003. Disponível na internet:

<http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>.

Consultado em 5 jan. 2005.

<sup>744</sup> LEITE, Zeca Corrêa. Hipocondria em livro. *Folha do Paraná*, Curitiba, 19 dez. 1998.

poemas em série. É um comportamento não-comercial que, ao mesmo tempo, me reservou o frescor que a literatura exerce. É como um jogo, uma brincadeira. E acho muito importante esse lado lúdico da atividade.<sup>745</sup>

Essa resistência à caracterização como “tímido”, adquirida no meio literário, não impede por outro lado que seja, como vimos, em bom grau acertada<sup>746</sup>. Não impede também que, aos moldes do que faz em “Como tornar-se invisível em Curitiba”, Jamil Snege trace da capital paranaense uma imagem transbordante de ironia e suficientemente distante da qualidade de “simpática”. “Falta na cidade, e nas ruas da cidade, o seu andar de jeans e tênis. Falta o corrosivo olhar que deitava sobre o jogo mesquinho com que escritores de ordinário se odeiam, sobretudo em Curitiba, a fria e invejosa das gentes”, resume bem Wilson Bueno em uma crônica publicada na revista *Idéias* um ano após a morte de Jamil Snege<sup>747</sup>.

Uma Curitiba, apesar de intrínseca, imperdoável. Essa é, possivelmente, uma das mais fortes características da visão de Jamil Snege sobre a cidade em seus escritos. Na visão do escritor e amigo Miguel Sanches Neto nem poderia ser diferente, com base na personalidade que nos é dada a saber de Snege.

Jamil sempre foi uma voz dissonante. **Ele demolia sem dó, pela ironia mais forte, os símbolos da cidade.** Mesmo quando ele cita os amigos curitibanos, escritores e artistas, é sempre com o intuito de zombar deles. Ele não perdoava nem os amigos mais próximos, tinha sempre uma visão sarcástica sobre a cidade e seus habitantes. Raramente era lírico, e quando o era, atingia os seus mais belos momentos. **No geral, era ácido, em pé de guerra com a cidade e com todos** [grifos meus].<sup>748</sup>

Em pé de guerra com a cidade, mas conquistador da empatia do leitor. É claro, como pudemos ver, nem todos gostam do que Jamil escreveu sobre Curitiba. Vimos no Capítulo 1 a carta indignada de Alexandre Augusto Gava<sup>749</sup> e o comentário do jornalista José Carlos Fernandes a respeito da carta enviada pela

<sup>745</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 12.

<sup>746</sup> Vale registrar que em uma entrevista ao jornal *Nicolau*, datada de 1992, Jamil Snege dá uma versão mais amena para a alardeada *timidez paranaense*, e mesmo para sua resistência em procurar grandes editoras, ao responder à pergunta *por que não procura uma grande editora pra (sic) lhe publicar?* “É um trabalho muito pessoal. A dificuldade em termos de eixo cultural Rio-São Paulo é séria. (...) Aí entra o caráter curitibano. Nós somos muito tímidos. (...) Não tenho nada contra uma editora nacional. Se um editor me procurasse, não recusaria. Mas não teria cara pra mandar”. I SNEGE, Jamil. Inquietações de um profano. *Nicolau*, Curitiba, mar-abr. 1992, ano VI, n. 42, p. 4-7. Entrevista à Marília Kubota. p. 7.

<sup>747</sup> BUENO, Wilson. Crônica. *Idéias*, Curitiba, Travessa dos Editores, n. 11, maio de 2004, p. 62.

<sup>748</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>749</sup> GAVA, Alexandre Augusto. Aqui é melhor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 jun. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

associação dos moradores do bairro Água Verde<sup>750</sup>. Mas vimos também a respeito da mesma crônica – “Coisas que irritam em Curitiba”<sup>751</sup> – o comentário de Margarita Wasserman<sup>752</sup> em defesa de Snege.

Reclamando ou elogiando, porém, as cartas de Gava e Margarita têm um aspecto em comum: o diálogo direto com o texto de Jamil Snege publicado no jornal. Margarita refere-se à crônica em vários momentos, comparando os tempos antigos com os dias atuais. Já Alexandre Gava utiliza as estratégias textuais de Jamil para convidá-lo a fazer uso da quarta estação curitibana pelo cronista listada: a rodoferroviária. O tom da carta do leitor segue a linha do bom-humor e da ironia do texto de Snege, com ele dialogando diretamente. De um modo ou de outro, compartilhando ou dividindo opiniões, Snege conquista assim a empatia do leitor.

Como faz isso? Possivelmente a partir da prerrogativa de conversa íntima tão cara ao gênero cronístico. E Snege, apesar de destruir com seus escritos boa parte das imagens oficializadas e estereotipadas que temos de Curitiba, conquista a intimidade desse leitor, arrisca-se aqui dizer, por dois motivos:

1º: Normalmente, ele se inclui entre os curitibanos, entre o morador da cidade que passa por tudo aquilo que está descrevendo. Vimos anteriormente a observação de Cristovão Tezza, a respeito de “Como tornar-se invisível em Curitiba” de que o próprio Jamil Snege *se inclui entre os ‘humilhados e ofendidos’ pela cidade*. Poderíamos talvez estender esse “incluir-se” nas demais crônicas de Snege a respeito de Curitiba.

2º: O próprio uso do humor, refinado em ironia, como um atenuador da ácida visão que Snege pulveriza a respeito da cidade. Como vimos também anteriormente, em uma afirmação do jornalista José Carlos Fernandes, o cronista-personagem presente nos textos de Jamil Snege não seria aquele rabugento que recrimina o curitibano, mas sim alguém que veria no comportamento do habitante de Curitiba atitudes engraçadas, que até pelo absurdo mereceriam um comentário em sua seção no Caderno G.

Um escritor, sim, em pé de guerra com a cidade e com o curitibano, como o conjunto de pessoas que habitam a capital paranaense, mas íntimo do leitor, individualmente. Mensageiro, muitas vezes pela via do humor, de uma reflexão mais profunda a respeito dos estereótipos edificadas para a cidade e novos

<sup>750</sup> Cf. Capítulo 1, p. 32-33 e 83-84.

<sup>751</sup> SNEGE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>752</sup> WASSERMAN, Margarida (sic). Rir é preciso. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 jun. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 21.

ângulos para o olhar, ainda a serem explorados. Só assim para ser, por vezes, tão impiedoso no tratamento de Curitiba, sem perder, especialmente no espaço local de crônicas do Caderno G, a simpatia do leitor. E, ao que parece, um leitor suficientemente convencido da veracidade da propaganda bem-feita alardeada sobre a cidade.

Ao menos é o que defende reportagem publicada no dia 28 de março de 1998 em caderno especial da *Gazeta do Povo* a respeito do aniversário de Curitiba – comemorado no dia 29 de março. O título já adianta o recado: “Curitibano está satisfeito com a sua cidade”<sup>753</sup>.

Na seqüência, a “gravata” – aquela linha de apoio ao título, que vem também em destaque – complementa: “De acordo com o Paraná Pesquisas, os moradores acreditam no aumento da qualidade de vida com a instalação de novas indústrias”<sup>754</sup>. E vem Jamil Snege na crônica “Coisas que irritam em Curitiba” desfazer do *poderoso pólo industrial curitibano*, dizendo que uma das “coisas que irritam” seria “o barulho ensurdecador das 300 mil fábricas que o governo implantou no estado, **cujo eco, dependendo do vento, dá para se ouvir até com o televisor desligado** [grifo meu]”<sup>755</sup>.

A reportagem apresenta então os dados de um levantamento realizado pelo instituto Paraná Pesquisas em que foram entrevistados 572 moradores de Curitiba. Desse universo, 56,29% consideram a cidade um “bom” local para viver e 24,3% consideram-na um “ótimo” lugar. Apesar de 80,59% dos moradores considerarem a cidade “boa ou ótima” para morar, vale também ressaltar que o índice de 16,78% que a acham “regular” não é dos mais baixos. Houve ainda quem a achasse “ruim” (1,22%) ou “péssima” (0,52%) e houve até quem não soubesse responder (0,87%).

Os entrevistados também disseram, em sua maioria, que não se mudariam de Curitiba caso tivessem “a oportunidade de morar em outra cidade com os

<sup>753</sup> GAZETA DO POVO. Curitibano está satisfeito com a sua cidade. Curitiba, 20 mar. 1998. Especial, p. 11.

<sup>754</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>755</sup> Aqui vale um destaque para a ironia de Snege ao se referir ao *eco* das fábricas ouvido *até* com o televisor desligado. Além de se pensar que não são tantas assim, já que só é possível ouvir seu labor sem outro som para disputar sua atenção, pode-se identificar também certo tom sarcástico na observação pelo cronista de que as massivas estratégias de marketing utilizadas na construção da imagem cidadina encontram o seu revés – e muitos têm utilizado isso, inclusive, como argumento eleitoral – em uma espécie de senso comum em formação de que tal imaginário se perde *assim que se desliga a TV*, ficando apenas seu eco, distante da realidade. Em outras palavras, as estratégias de comunicação de massa se perderiam assim que se passa a ver a cidade sob uma ótica menos condicionada a sua sedução. I SNEGE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *op. cit.*, p. 2.



mesmos rendimentos”. O percentual de 65,20% não se mudaria e outros 32,71% responderam que se mudariam. A principal vantagem apontada pelos entrevistados com relação à cidade estaria no “transporte coletivo” (46,15%). Vale notar no entanto que, de 21 itens listados pelo universo da pesquisa na questão “maiores vantagens”, a segunda resposta mais freqüente foi “não sei” (14,3%) – seguida por “oferta de trabalho” (5,91%), “tem tudo” (4,89%), “opções de lazer” (4,72%) e “nenhuma” (3,49%). Nos “maiores problemas”, a lista foi menor – apenas 14 itens – e as respostas mais focadas nos grandes problemas dos centros urbanos, de forma geral: “desemprego” (36,71%), “segurança” (21,5%) e “menor carente” (7,86%) tiveram os maiores índices. Houve quem achasse que Curitiba não tinha “nenhum” problema maior (0,52%) e quem não soubesse responder (1,92%)<sup>756</sup>.

Até aqui, é possível constatar, apesar de estatisticamente a maioria aprovar a cidade, há brechas. E talvez seja nessas lacunas que a desconstrução de discursos presente na crônica de Jamil Snege, entre outros escritores e cronistas, opere no imaginário do leitor. Mas uma prova de que, mesmo duvidando aqui e ali, o curitibano se deixa tragar pela propaganda oficial está nas questões referentes ao *potencial turístico* da cidade:

Especificamente em relação à atração turística, 51,92% dos moradores consideram o potencial da cidade bom; 22,90% regular; 16,25% ótimo; 3,84% ruim e 1,39% péssimo. O Jardim Botânico é atualmente a maior atração da cidade de acordo com 20,10% dos entrevistados, esse local é seguido pelos parques de modo em (sic) geral (19,05%), shoppings centers (11,52%) e Ópera de Arame (10,83%). Bares e o aeroporto internacional Afonso Pena foram os últimos colocados em atração, com 0,17% cada um deles.<sup>757</sup>

Imagine que crônica não daria nas mãos de um bom cronista não apenas a (nada) *descoberta* da importância que os curitibanos dão aos lugares *oficiais* de Curitiba, mas também de que houve até quem considerasse nosso muito internacional aeroporto uma atração, e que tal escolha dividisse com a *movimentada* vida noturna curitibana, por meio da opção “bares”, o último lugar em atrações turísticas da cidade. Já falamos dela bastante, mas vale evocar ainda uma última vez um trecho de “Coisas que irritam em Curitiba” em que Jamil

<sup>756</sup> GAZETA DO POVO. Curitibano está satisfeito com a sua cidade. *op. cit.*, p. 11. | Para todas as estatísticas citadas neste trecho.

<sup>757</sup> *Ibid.*, p. 11.

Snege fala dos atrativos da noite curitibana como um dos *aspectos irritantes* da cidade: “A trepidante vida noturna em Curitiba. Começa às seis da tarde e termina às oito e pouco, que ninguém é bobo de perder a novela”<sup>758</sup>.

Tal reportagem dá também alguns indicativos do modo como a própria imprensa pode atuar no sentido de atualizar imaginários preestabelecidos a respeito da cidade. Mesmo que a maioria dos habitantes entrevistados considere Curitiba “boa” ou “ótima” para viver, o índice de quase 17% das pessoas ouvidas que a avaliam apenas como “regular” não é desprezível e poderia render uma investigação a respeito dos motivos pelos quais esse público não tem a cidade em tão alta conta. Também é intrigante o fato de que a segunda opção mais votada entre as maiores vantagens da cidade tenha sido “não sei” e que 3,5% de votos para “nenhuma” vantagem não seja um número de se jogar fora. Mas, enfim, é aniversário de Curitiba... Quem ousaria falar mal de tão *formosa dama*?

Se a descoberta de furos nas meias sob as saias de nossa Curitiba nem sempre cabe no noticiário diário, no espaço híbrido da crônica Jamil Snege apresenta um modo mais particular – e, por que não, íntimo – de homenagear nossa já de longa data conhecida. Um exemplo está no texto “O aniversário da velha querida”, publicado em 1º de abril de 2001:

Ela completou mais um ano, dia 29. Quantos? Não vem ao caso. Para quem tem uma carrada de anos, um a mais ou a menos não faz qualquer diferença. Pois a Velha continua a mesma. Meio avoadada, meio distraída, como se nem pertencesse a este mundo. Às vezes temos a impressão de que a Velha vive na Europa, em meio a nobres silêncios e relíquias de família; outras vezes juramos que ela descende de rústica linhagem nativa, mestiçada e vulgar como a maioria de nós. Mas são meras impressões. A velha é tudo isso e mais um pouco.<sup>759</sup>

Com uma abordagem irônica desde a primeira linha, Jamil Snege começa por desfazer da imagem de moderna da cidade, indicando ser ela “velha” (e aí pode haver um sentido de conservadora ou retrógrada) antes mesmo de usar esse adjetivo, ao colocar Curitiba como uma dessas *nobres damas de quem não revelamos a idade* – ironia e tanto do cronista, ao considerar que, em sua justificativa a respeito da descrição em não comentar a idade, ele diz que ela está fazendo “uma carrada de anos”.

<sup>758</sup> SNEGE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *op. cit.*, p. 2.

<sup>759</sup> SNEGE, Jamil. O aniversário da velha querida. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º abr. 2001. Caderno G, p. 3.

A complementação da ironia vem com o íntimo e pessoal apelido de “Velha”, com maiúscula e tudo, concedido a nossa Curitiba já na frase seguinte, junto com mais uma dica de que, ao contrário da imagem alardeada de avanço citadino, a capital paranaense, de fato, muda pouco, “continua a mesma”. Ainda neste primeiro parágrafo, Snege expõe mais algumas das teses que tratará de desconstruir ao longo do texto. Usando da ironia ingênua, o cronista comenta que a velha, distraída, se comporta como se estivesse em outro mundo, ironizando a pretensão de ser primeiro mundo em um país em desenvolvimento como é o caso do Brasil. Gancho então para falar da Europa, e nesse requisito, Curitiba é uma cidade que preza relíquias – novamente uma impressão de que, talvez, não deixe o novo entrar – e *silêncios*.

Entre tantas características que Snege poderia atribuir como “européias”, o autor escolhe o silêncio. A respeito de que nossa velha querida se cala? Às dificuldades de inclusão dos migrantes pobres? Aos problemas – como aqueles enumerados pelos entrevistados do Paraná Pesquisas na reportagem que vimos há pouco – comuns aos grandes centros urbanos, como desemprego e segurança?

Por fim, o apontamento definitivo do paradoxo, na afirmação do cronista de que, apesar dos alardeados ares europeus, a velha querida não é capaz de abafar sua origem rústica, “mestiçada e vulgar como a maioria de nós”. Vejamos como o cronista, no desenrolar da crônica, segue desfazendo aquilo que, voluntária ou involuntariamente, habitantes, meios oficiais e de comunicação tratam de reforçar a respeito da capital paranaense:

Começa que a Velha, como toda velha, tem lá suas astúcias. Blefa descaradamente, em especial quando pretende encobrir um defeito de formação ou de caráter. Levem a Velha a um concerto ou a um teatro, por exemplo. Lá está a Velha, toda senhora de si, sonegando aos artistas o mísero pão dos aplausos. A Velha é muito exigente? Nada disso: a Velha apenas tem receio de bater palmas na hora errada.

Outro defeito da Velha, este muito condenado pelos naturais da terra, é a facilidade com que ela se entrega aos forasteiros. Não os migrantes que aqui aportam, com sua esfarrapada bagagem de sonhos, atraídos pela falsa imagem de opulência – estes a Velha obriga às marquises e aos albergues. Mas os bem postos e bem falantes, etiquetados por grifes famosas, a estes a Velha escancara sua intimidade. Principalmente se manifestarem intenção de montar uma fabriquinha nas redondezas. (...)

Se tem coisa que a Velha não resiste, dizem seus detratores, é a qualquer apelo reacionário. A Velha talvez seja a única velha no mundo que ainda tem medo de comunismo. Basta ver o repetido insucesso dos partidos de esquerda entre nós. Falou em socialização, divisão, desapropriação, a Velha treme nas bases. Um de seus pesadelos

mais freqüentes é o de que os moradores da Fazenda Rio Grande ou de Almirante Tamandaré estejam pulando o muro e roubando seus pés de couve.<sup>760</sup>

Uma Curitiba falsa, um blefe. Essa é uma das facetas descortinadas por Jamil Snege em suas crônicas a respeito da cidade. *Não acredite nesse discurso de nobreza*, parece dizer o cronista, *nossa cidade tem defeitos de caráter*. Não aceita, por exemplo, migrantes sem posses, mas se vende por pouco diante da mera ilusão de poder e dinheiro que visitantes aparentemente bem-postos possam prometer<sup>761</sup>.

Também nessa seqüência, Snege reforça a imagem de cidade conservadora sugerida no primeiro parágrafo da crônica. E, acidamente, derrete o valor dos bens que a cidade tem tanto medo de que lhe sejam usurpados – não passam de “pés de couve”. Falsa, deslocada, esnobe, vendida e retrógrada: como então nossa querida velha consegue colher para si uma imagem tão positiva? Essa é justamente a questão de nosso cronista:

Você perguntará: como é que tal senhora consegue impor-se aos olhos do mundo como avançada, moderninha, laboratório de inovações?

Marketing, meu caro. A Velha é muito ciosa da importância da imagem. Mas só da cintura para cima: cabelinho ajeitado, maquiada, blusa engomada de rendinha. **Da cintura para baixo, aquele desastre** [grifo meu] – meia enrolada no joelho e uns horrorosos chinelões. A mesma coisa em seus domínios: jardim frontal com azaléias e hibiscos, nos fundos pilhas de caixotes e águas poluídas.<sup>762</sup>

Nesse trecho de “O aniversário da velha querida” temos aí uma boa dica de como o olhar sobre a cidade presente nessa viagem pela Curitiba das crônicas de Jamil Snege se apresenta: seria um olhar da cintura para baixo, lançado sobre aquilo que o discurso oficial se esforça por – talvez esconder seja um exagero – ao menos ofuscar a partir da bela apresentação de nossa dama da cintura para cima. Snege reforça que a construção não seria apenas na embalagem mais aparente – a vestimenta da urbe – mas também em sua formatação estrutural:

<sup>760</sup> Tal trecho não deixa de dialogar com a narrativa do jovem Snege em *Tempo sujo*, a respeito da crônica “Curitiba, a fria”, de Fernando Pessoa Ferreira, que vimos no Capítulo 1 deste trabalho (p. 79-82). | SNEGE, Jamil. O aniversário da velha querida. *op. cit.*, p. 3.

<sup>761</sup> Vale observar aqui que, ao mesmo tempo em que chama atenção para possíveis incoerências entre o discurso difundido de forma predominante a respeito da cidade e situações do dia-a-dia em que se evidencia uma realidade diferente do que apregoa esse tipo de discurso, o autor não trabalharia no sentido de emitir juízos de valor, ou de definir o que é “bom ou mau”, “certo ou errado”. Como pudemos ver ao longo deste trabalho, a escritura de Jamil Snege tende menos ao *sermão* ou ao dualismo, e mais à possibilidade de descortinar *outros* possíveis olhares, alternativas àquilo que parece imperativo.

<sup>762</sup> SNEGE, Jamil. O aniversário da velha querida. *op. cit.*, p. 3.

flores por todos os lados a fim de que a poluição e a degradação citadina sejam suavizadas aos olhos de moradores, visitantes e daqueles que têm notícia da cidade.

A estratégia usada por Snege nessa crônica, de comparar a cidade a uma mulher, pode a essas alturas da história moderna ser chamada de *clássica*, no sentido de que muitos a usam e usaram, especialmente em momentos de forte transformação do cenário urbano, com o fim de demonstrar que o processo em curso de embelezamento tem lá os seus “defeitos de formação ou de caráter”. Curitiba, não podemos esquecer, passou por um processo tardio de modernização urbana, que ganhou projeto a partir das primeiras décadas do século, com o movimento paranista, mas que se efetivou de fato a partir da década de 70. As transformações do cenário e ideário curitibanos estão, assim, em plena realização. A reportagem “Curitibano não reconheceria cidade se dormisse 18 anos”, publicada na *Gazeta do Povo* em 23 de março de 1999, seria um exemplo do modo como seus habitantes, na contemporaneidade, se impressionam com as transformações por que passa a cidade:

A nova novela das 19 horas da Rede Globo, *Andando nas Nuvens*, que estreou ontem, está levando os telespectadores a imaginar como seria acordar depois de um profundo sono de 18 anos. Transportando a ficção para Curitiba, caso a história pudesse se tornar realidade, um curitibano que dormisse por tanto tempo veria hoje uma cidade muito diferente daquela que o assistiu adormecer em 1981 e demoraria para se ambientar com as mudanças urbanas.

Ao sair de casa, ele já perceberia logo de início que as coisas mudaram. Provavelmente haveria mais pessoas nas ruas. Há 18 anos, a cidade já era grande, tinha um milhão de habitantes. Mas nesse intervalo de tempo, a capital paranaense cresceu o equivalente à metade daquela Curitiba da década de 80, e hoje já tem 1,5 milhão de pessoas. (...)

Opções de passeio não faltariam. Em 18 anos, a cidade ganhou inúmeras atrações e até virou roteiro turístico nacional, o que não era no início dos anos 80. Um dos principais símbolos de Curitiba – o Jardim Botânico – só foi construído em 1991 e sequer havia sido imaginado dez anos antes. (...) <sup>763</sup>

Nada mais justificado então que trazer Curitiba, nossa nobre dama, também na atualidade à imagem de mulher. Aproveitando o gancho, em tão curto intervalo, de uma segunda menção ao Jardim Botânico como símbolo contemporâneo da cidade, vale apontar que essa associação entre o feminino e a cidade não faz parte apenas dos discursos de oposição, mas também de um imaginário mais oficializado com relação à urbe. Um exemplo do modo como esse

<sup>763</sup> MARTINS, Fernando. Curitibano não reconheceria cidade se dormisse 18 anos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 mar. 1999. Local, p. 5.

tipo de imagem permeia, também de modo mais *oficial*, o imaginário da população a respeito da cidade estaria na capa do Guia Clube do Assinante, da *Gazeta do Povo*, para o período de 2 a 31 de maio de 1997<sup>764</sup>. Feita em homenagem ao Dia das Mães, tal capa traz em primeiro plano, representando a mãe curitibana, a estátua com um bebê no colo presente no parque. Ao fundo está a estufa, um dos mais famosos cartões postais de Curitiba. Tudo muito cheio de flores, bem ao gosto de Jamil Snege ao descrever o “jardim frontal” de Curitiba na crônica “O aniversário da velha querida”.



Ilustração 7 – Dia das Mães | *Gazeta do Povo*

Mas por que essa tendência, para falar bem ou mal, em associar a cidade a figuras femininas? De acordo o *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “segundo a psicanálise contemporânea, a cidade é um dos símbolos da **mãe**, com o seu duplo aspecto de proteção e de limite. Em geral tem relação com o próprio feminino”<sup>765</sup>. Os autores também informam que já no Antigo Testamento as cidades são descritas como pessoas e que a imagem da “antacidade”, por meio da mulher corrompida, pode ser encontrada no Novo Testamento, no livro do *Apocalipse*:

Da mesma forma que a cidade possui seus habitantes, a mulher encerra nela os seus filhos. É a razão por que as deusas são representadas com uma coroa de muros. No Antigo Testamento, as cidades são descritas como pessoas; este tema também é retomado no Novo Testamento, do qual a epístola ao **Gálatas** oferece um exemplo precioso: *Mas a Jerusalém do alto é livre, e esta é a nossa mãe, segundo está escrito: “Alegra-te, estéril que não destes à luz, grita de alegria”... (4, 26)*. A cidade de cima gera através do espírito, a cidade de baixo através da carne; tanto uma quanto a outra são

<sup>764</sup> GAZETA DO POVO. Guia Clube do Assinante (Todos os poemas de maio). Curitiba, 2-31 maio 1997, p. 1 (capa).

<sup>765</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (et al.). *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 239.

mulheres e mães. O simbolismo da cidade é particularmente desenvolvido no Apocalipse (17, 1 s.) (...).

Babilônia, a Grande, nome simbólico de Roma (que contava, então, com um milhão de habitantes e cujo império atingia o seu auge), é descrita como a antítese, o oposto, da Jerusalém de cima: *Um dos Anjos das sete taças veio dizer-me: Vem! Vou mostrar-te o julgamento da grande Prostituta sentada à beira de águas copiosas (...) A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, e tinha na mão um cálice de ouro cheio das repugnantes impurezas da sua prostituição. Sobre a sua fronte estava inscrito um mistério: "Babilônia, a Grande, a mãe das repugnantes prostitutas da terra." (sic) Vi então que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus.* A Roma das sete colinas era a cidade, naquele tempo, Urbs. Era o símbolo invertido da cidade, a anticidade, (...), a mãe corrompida e corruptora que, ao invés de dar vida e benção, atrai morte e maldição.<sup>766</sup>

Com relação às transformações, de Curitiba, essa associação entre cidade e mulher acontece também na crônica do início do século. Um exemplo está na crônica "Coritiba", assinada por Higino e veiculada em *O Paraná*, reproduzida aqui a partir da publicação *Monumenta*<sup>767</sup>:

A grande reforma porque está passando Coritiba, a formosa terra do Sul, o berço dos meus dias, onde pela primeira vez eu contemplei o riso jaspeo da aurora a despontar n'um céu fresco e azulineo (...) de tál forma impressionou-me, que resolvi poetisal-a assim:

Ella era uma caboclinha rustica, de tez morena e olhos azues. Andava a errar pelas selvas sem fim, pelas mattas seculares, o corpo apenas abrigado em pelles brutas de animaes ferozes, os pés descalços, acostumados a pisar espinhos.

Um dia encontraram-na assim homens da civilização, agarraram-na cingiram-lhe o corpo d'uma belleza selvagem, e a arisca menina sentio a primeira revolta de seu pudor offendido, que em ondas rubras lhe tingiram o rosto.<sup>768</sup>

Tal texto, com data de 15 de junho de 1910, não deixa de lembrar uma caricatura feita anos antes, tratando das mudanças por que passava o Rio de Janeiro, então capital federal de uma ainda recente república. Pois nesta imagem, que foi publicada em 1º de agosto de 1903 na revista *A Avenida*, e reproduzida no livro *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*, de Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, seu autor, Crispim do Amaral, desenha uma mulher em trajes quase andarilhos – "(...) feia, desleixada, de modos grosseiros e aspecto doentio"<sup>769</sup>. Na imagem (na próxima página), na barra do vestido, está escrito: "a cidade do Rio de Janeiro". Como legenda apenas a seguinte frase: "como foi"<sup>770</sup>.

<sup>766</sup> *Ibid.*, p. 239-240.

<sup>767</sup> O Paraná. Curitiba, 15 jun. 1910. Ano IV, n. 36, s/p. In: BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). Crônicas de revistas do início do século em Curitiba 1907-1914. *Monumenta*, Curitiba, v. 1, n. 2, outono 1998.

<sup>768</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>769</sup> FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. p. 72.

<sup>770</sup> *Ibid.*, p. 71.

Uma semana depois, Crispim do Amaral publica no mesmo veículo uma outra ilustração do Rio de Janeiro como mulher, bem melhor vestida, mas ainda com a saia cheia de remendos (abaixo). A legenda: “como é”<sup>771</sup>. Mais ou menos o que vai acontecer com a “caboclinha rústica” de Higino na crônica “Coritiba”.

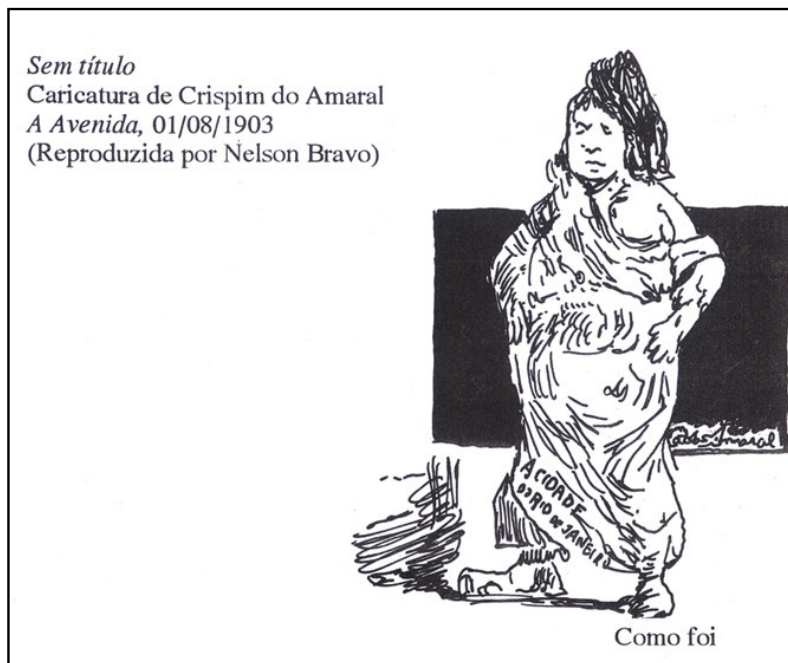


Ilustração 8 – Sem título (RJ “como foi”) | Crispim do Amaral

Na análise de Elizabete Berberi e Marília Rodrigues sobre a crônica “Coritiba”, “‘a caboclinha rustica’ é a ‘villa’, ainda em contato direto com a



Ilustração 9 – Sem título (RJ “como é”) | Crispim do Amaral

natureza, com técnicas rústicas. É necessário desbravá-la para que o progresso vigore. (...)”. Segundo afirmação de Berberi e Rodrigues, “o progresso que abre largas ruas, pavimenta terrenos, faz circular carros e bondes (...) também traz um grande sentimento de perda – retira da cidade o aspecto ‘rústico’, ‘puro’,

<sup>771</sup> *Ibid.*, p. 71.



de ‘belleza selvagem’ / A modernidade (...) imprime novas feições à cidade; mas as feições anteriores despertam certa melancolia”<sup>772</sup>. Vamos à crônica e à transformação de nossa “caboclinha”:

Então esses homens deram-lhe grosseiras vestes, pentearam os seus formosos cabellos que eram negros como a noite, e ensinaram-lhe as primeiras letras.

Depois vieram os homens públicos; viram-na, acharam-na bella e um profundo amor pela menina queimou as entranhas. Até que em uma noite em que a lua se occultára, o mais ousado d’elles, n’um impeto feroz de voluptuosidade, tirou-lhe a virgindade!

Desde esse dia Coritiba tornou-se outra: já não era a mesma matutinha submissa; seu rosto agora fino e aformoseado pelo uso constante de pomadas odorantes, tinha uns ares altivos e propios das damas da sociedade; seu corpo, agora delgado, vestia finissimos trajes de seda pura, e seus delicados pésinhos calçavam reluzentes botinhas de verniz.

**Agora ella é a altiva cortesã, a seductora princeza do Sul, a mulher que fascina, que tem encantos mil, que tem mil adoradores** [grifo meu].

Entretanto ella era a caboclinha rustica de tez morena e olhos azues...<sup>773</sup>

A imagem de “altiva cortesã, sedutora princesa do Sul” que se faz presente também na crônica “O aniversário da velha querida”, de Jamil Snege, começa a ser construída, assim, no início do século. Além da justificativa de nostalgia dada por Berberi e Rodrigues à contraposição das imagens de “cabocla rústica” e “mulher que fascina”, é possível encontrar nesse texto também argumentos para uma oposição entre o natural e o construído – ou *blefe*, como propõe Jamil Snege em sua crônica.

Desse ponto, encontramos diálogo tanto do texto “Coritiba” quanto de “O aniversário da velha querida” com um terceira crônica, “A beleza postiça de Curitiba”, publicada por Carlos Dala Stella, artista plástico que dividia o espaço de crônicas locais do Caderno G com Snege e com Roberto Gomes, em 25 de julho de 1998:

Aqui quase tudo parece se comprazer em virar cartão postal. É essa beleza postiça, que decora tanto as praças como as salas da classe média, que faz a fama de Curitiba no resto do Brasil. (...)

Se fosse comparar Curitiba a uma mulher, diria que ela cuida tanto da aparência que dificilmente nossos olhos conseguem enxergar seu corpo. A atração que ela exerce sobre nós, mas principalmente sobre os estrangeiros, é a mesma que essas menininhas de oito anos vestidas de Xuxa, Angélica ou Carla Perez exercem sobre os pais. Daí sua vulgaridade infantil e ostentatória. Que distância entre esse simulacro de mulher e o corpo desejável da mulher madura!<sup>774</sup>

<sup>772</sup> BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 19-20.

<sup>773</sup> O Paraná. Curitiba, 15 jun.1910. Ano IV, n. 36, s/p. In: BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). *op. cit.*, p. 71.

<sup>774</sup> DALA STELLA, Carlos. A beleza postiça de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1998. Caderno G, p. 8.

A crônica é ilustrada por uma caricatura colorida<sup>775</sup> (ao lado) que não deixa de lembrar também a “velha querida” da crônica de Jamil Snege, assim como a “altiva cortesã” do texto assinado por Higino. Além disso, é possível estabelecer um diálogo com as duas ilustrações sobre o Rio de Janeiro do início do século passado, assinadas por Crispim do Amaral, especialmente com a última, em que a então capital federal se apresenta com novas vestes, mas cheias de remendos. De um modo ou de outro, postiga, como a Curitiba mostrada por Higino, Dala Stella e Jamil Snege nos textos vistos.

Ciosa da imagem, diz Snege em “O aniversário da velha querida”, reconhecendo a força da propaganda que a divulga externa e internamente. Será esse vigoroso marketing o responsável pelo tom fatalista do trecho final da crônica, já notado por Cristovão Tezza no texto “Como tornar-se invisível em Curitiba”? Vejamos o encerramento de “O aniversário da velha querida”:

Apesar de tudo, continuamos a conviver com a Velha, a amar a Velha com pequenas infiltrações de rancor e ódio como tudo a que se ama na vida. E ela retribui ao nosso amor torto, recomendando que tenhamos paciência, que nos resignemos ao nosso destino.



**Ilustração 10 – A beleza postiça de Curitiba (crônica) | Pryscila**

<sup>775</sup> PRYSCILA. A beleza postiça de Curitiba (ilustração). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1998. Caderno G, p. 8.

E nós, seduzidos e conformados, vamos ficando por aqui. Mesmo sabendo que um dia a Velha chupará nossos ossinhos com um estalido obsceno de língua e um brilho gozoso no olhar.<sup>776</sup>

Já vimos, neste mesmo trabalho, no Capítulo 1<sup>777</sup>, essa referência a Curitiba como fatalidade, urbe devoradora, que não deixa espaço para outros olhares e viveres que não o da publicidade oficial. Mais um exemplo está, dessa forma, em “O aniversário da velha querida”, que dialoga com mais um trecho do romance *Como eu se fiz por si mesmo*, em que o narrador observa que “ninguém foge impunemente de Curitiba”<sup>778</sup>. Será responsabilidade desse vigoroso marketing, que Snege reconhece na referida crônica quase nos mesmos termos com que Cristovão Tezza reflete em seu artigo na revista *Trópico*?

Pois bem, chegamos agora, nessa seqüência de impressões curitibanas, num dos mais estranhos paradoxos da cidade de Curitiba. Esse espaço do mais profundo e metafísico conservadorismo oficial tornou-se, ao mesmo tempo, uma sólida referência nacional e internacional de modernidade urbana e qualidade de vida. Lembro de que, anos atrás, em Roma, alguém me disse absolutamente maravilhado ao saber que eu era de Curitiba: “Você é de Curitiba!? A terceira melhor cidade do mundo em qualidade de vida!” – acrescentou o romano, encantado pela imagem da cidade.<sup>779</sup>

Mais para frente, no mesmo artigo, Tezza endossa o que Snege e também a pesquisadora Cátia Toledo Mendonça<sup>780</sup> já sentenciaram: marketing, *meu caro*. “Certamente nenhuma outra cidade brasileira conseguiu construir uma imagem tão indiscutivelmente positiva, no imaginário brasileiro e internacional, como Curitiba”. E nesse caso, a ironia às avessas, é que tal imagem contou com a ajuda do próprio Snege em sua edificação.

No romance auto-biográfico *Como eu se fiz por si mesmo*, Jamil Snege conta que trabalhou na prefeitura de Curitiba, acompanhando as iniciativas iniciais de Jaime Lerner<sup>781</sup> rumo à edificação espacial – e conceitual – da cidade<sup>782</sup>.

<sup>776</sup> SNEGE, Jamil. O aniversário da velha querida. *op. cit.*, p. 3.

<sup>777</sup> Cf. Capítulo 1, p. 48.

<sup>778</sup> SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. *op. cit.*, p. 90.

<sup>779</sup> TEZZA, Cristovão. Um olhar de Curitiba. *op. cit.*

<sup>780</sup> MENDONÇA, Cátia Toledo. Imagens de Curitiba na literatura e o discurso oficial. *Fragmenta*, Curitiba, n. 15, p. 65-80, 1998. | Cf. Capítulo 1, p. 75-76 e Capítulo 2, p. 115-116.

<sup>781</sup> Segundo Aroldo Murá Haygert, Jamil Snege trabalhou na prefeitura durante a primeira gestão de Jaime Lerner como prefeito (1971-1974). | HAYGERT, Aroldo Murá. Depoimento concedido à autora por telefone. Curitiba, 22 maio 2006.

<sup>782</sup> Júlio Bernardo Machinski também nota, na dissertação *Como ele se fez por si mesmo – Jamil Snege*, esse irônico paradoxo da biografia de Jamil Snege. | MACHINSKI, Júlio Bernardo. *Como ele se fez por si mesmo – Jamil Snege*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. p. 129-130.

“Jaime Lerner assume, sou nomeado novo diretor do Serviço Social”<sup>783</sup>, recorda Snege. Mais para frente, ele conta que não fica muito tempo nessa função. Logo é encaminhado para a assessoria de imprensa, onde trabalha efetivamente na construção do imaginário atual sobre Curitiba:

Enquanto isso, Jaime Lerner começava a dar forma verbal aos seus conceitos urbanísticos. São idéias espaciais, configurações mentais, imagens que devo tratar textualmente e reproduzir num jornal mural que será afixado pela cidade. Não estou só nessa tarefa. Gilberto Ricardo dos Santos e Luiz Carlos Zanoni, na Múltipla, fazem o mesmo. Aos poucos, vamos recobrando de signos a Curitiba imaginada e concebida na prancheta. Está ficando lindo. Recamando, palreando, as três bordadeiras executam o seu trabalho com perfeição.<sup>784</sup>

Novamente, a forte presença da aranha na obra de Snege, aqui a partir da menção às bordadeiras, que *tecem* as imagens de Curitiba, tal qual Aracne e Atena<sup>785</sup> retratavam os cenários e histórias dos deuses em sua mitológica competição. De fato, segundo o *Dicionário de símbolos* de Chevalier e Gheerbrant, uma das possíveis associações à imagem da aranha é justamente a de tecelã, do mundo ou, mais proximamente, do lar:

A aranha surge, em primeiro lugar, como epifania lunar, dedicada à fiação e à tecelagem. Seu fio evoca o das Parcas. Qual seria, contudo, o significado de sua teia? Tanto a Bíblia quanto o Corão sublinham sua fragilidade:

*Construiu como a aranha a sua casa,  
E como o guarda fez a sua choupana.  
O rico, quando dormir, nada levará consigo  
Abrirá os seus olhos, e nada achará.*  
(JÓ, 27, 18)

*Mas a morada da aranha  
é a mais frágil das moradas.*  
(CORÃO, 29, 40)

Essa fragilidade evoca a de uma realidade de aparências ilusórias, enganadoras. Assim, será a aranha a artesã do tecido do mundo ou a do véu das ilusões que esconde a Realidade Suprema? (...) <sup>786</sup>

Um exemplo do modo como Snege ajudou a tecer o imaginário hoje predominante a respeito do Paraná e de sua capital está no texto “Paraná – Memória e Momento”. Produzido por Jamil (com pesquisa de Agar Ribeiro, Dilma

<sup>783</sup> SNEGE, Jamil. Como eu se fiz por si mesmo. *op. cit.*, p 167.

<sup>784</sup> *Ibid.*, p. 169.

<sup>785</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. v. II.

<sup>786</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (*et al.*). *op. cit.*, p. 70-71.

de Souza, Leyla Gomes de Mattos Pedroso e Gelta Berndt), o texto destinava-se à exposição organizada pelo governo paranaense no Museu de Arte de São Paulo, segundo o documento disponível na Biblioteca Pública do Paraná, entre 10 de junho e 9 de julho de 1980. Eram então Jaime Lerner e Ney Braga, respectivamente, prefeito de Curitiba e governador do Estado. Vejamos um pouco desse tecido de Snege:

Um calçado rústico, de sola grossa, vagamente aparentado com aqueles que vieram do Reino mas já denunciando no seu fabrico o aproveitamento da matéria-prima local – um calçado assim, provavelmente, feito do couro de algum tapir e da fibra de algum cipó, deveria vestir o pé que primeiro se apoiou, experimentou e saltou sobre o ermo de algum chãozinho obscuro do litoral do Paraná.

Mais uma bota ibérica na América.

Portuguesa ou espanhola, tanto faz, pois aqui vinham os dois – um, o primeiro, da Capitania de São Vicente e outro, o segundo, das bandas platinas.

Que faziam esses feros ibéricos na América?

(...)

A ilusão, planalto acima, continuava chamando.

Os espanhóis fundam as reduções jesuíticas, a Província de Guairá.

Os portugueses abrem os caminhos para os campos de Curitiba.

Aqui ficam alguns, desencantados do ouro, apascentando animais. Rasgam-se os ermos. Guairacá, guarani, é o chefe indígena que se insurge contra as ambições espanholas nas barrancas do Paranapanema.

(...)

O ouro, embora menos do que se supunha e sonhava a ganância, continua a fazer a riqueza no litoral.

No planalto aumentam os povoados, os campos de gado. Há muito chão plantado quando em 1693 Curitiba passa à categoria de Vila. (...) <sup>787</sup>

Nessa introdução, de falta de elementos do imaginário histórico do Paraná – aos moldes dos mitos fundacionais que vimos no Capítulo 2 deste trabalho – não se pode reclamar. Estão aí os portugueses, os espanhóis, os índios, o *herói* Guairacá<sup>788</sup>, o ouro (mesmo que não em grande quantidade) e nossa ainda

<sup>787</sup> SNEGE, Jamil. *Paraná: memória e momento*. São Paulo, 1980. (Museu de Arte de São Paulo). Catálogo de exposição. p. 5.

<sup>788</sup> A respeito de nosso *herói* paranista Guairacá, vale destacar um episódio que não deixa de ter sua graça, registrado na revista *Ilustração Brasileira* em 1953. Na mesma página em que se destaca um artigo de título “Devoção paranista”, assinado por José Augusto, encontra-se a seguinte reivindicação: “A verdade sôrre (sic) Guairacá”. O texto diz: “(...) Mas os deuses morrem, e agora no 2º Congresso Regional de História e Geografia do Paraná, comemorativo do cincoentenário do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, quando congressistas entusiastas da lenda apresentavam moção sugerindo ao Governo do Estado a ereção, em Curitiba, dum monumento ao famoso Guairacá, eis que surge se opondo ao pedido, um dos congressistas, o dr. Loureiro Fernandes, provando por A mais B que o *herói* indígena não fez jús a tal homenagem, pois longe de guardar o Paraná ocidental para a soberania luso-brasileira, era, pelo contrário, amigo dos espanhóis (...). / Provado tudo isso com documentação, foi sensacional e chocante a revelação que trouxe o esboroar do símbolo, agora, e sob proposta vencedora do mesmo congressista, substituído pelo cacique VIRÍ, chefe indígena de Palmas, em começos do século passado, verdadeiro amigo do branco de origem lusa (...) / É assim que os deuses se vão, para que outros surjam e se imponham a veneração do homem, animal de natureza tímida e no fundo ainda hoje supersticioso como o seu ancestral das cavernas, e por isso incapaz de viver sem deuses e sem símbolos, ante os quais se prosterna, sob o império dum terror

rústica dama Curitiba. O estilo de Jamil Sene também se faz presente: imaginário oficial, tudo bem. Mas sem floreios, elogios, exageros. O tom da narrativa puxa para o lendário – talvez um recado para o leitor. No encerramento, mais para a Penélope de Ulisses, desfazendo de noite o que fiava durante o dia, que para Aracne, Sene deixa entrever seu marcante caráter crítico, em um texto que não deixa de trazer o tempero de uma certa ironia:

Século XX as coisas mudam de figura.

O mate, que até hoje ainda tem seu peso dentro das economias regionais, foi o último ciclo bem definido.

(...)

O café, que desde meados do século passado medrava no Norte Pioneiro do Estado, sem maiores preocupações de lucro, foi se fortalecendo com a queda das araucárias. (...)

Surgiram oficinas e chaminés, estradas e lavouras. A busca de novas fontes de energia represou rios, perfurou o solo, aqueceu caldeiras. As cidades cresceram. (...)

O Paraná tornou-se contemporâneo do século.

Com todas as suas grandezas e defeitos. Poluiu rios e iluminou cidades. Dizimou florestas e alimentou contingentes imensos. Gerou empregos e sub-empregos. Produziu cientistas e bóias-frias. Ergueu templos neopitagóricos, torres de telecomunicações e favelas.

Para cada Dalton Trevisan, milhares de mobilizados; e mais de uma centena de rockeiros (sic) eletrônicos tentando arrancar do sono eterno o plácido maestro Bento Mussurunga [compositor da música do Hino Oficial de Curitiba, com letra de Ciro Silva].

Paraná, contemporâneo do século.

10 milhões de habitantes onde outrora pisavam as ibéricas botas de Cabeza de Vaca.<sup>789</sup>

Construtor de imaginários à luz do discurso oficial. Aranha às avessas, empenha-se em destecer no crepúsculo da crônica – ali naquele espaço de meia-luz, em que fato e ficção se encontram – o ar definitivo da imagem predominante. *Há outros olhares sobre o ambiente que nos circunda*, parece alertar o cronista Jamil Sene. *Vale a pena debruçar-se também sobre eles* – mais que um convite, um clamor que pode ser encontrado nas linhas, e não apenas nas entrelinhas, da crônica de Sene.

### 3.3 PROVÍNCIA. GUERRA EM PÉ

Essa espécie de *vocação* de Jamil Sene para desconstruir a Curitiba da publicidade oficial se evidencia em uma crônica escrita por seu colega Roberto Gomes. O texto “O grande retrato da Mamãe Gorda” foi publicado na *Gazeta do*

---

sagrado”. | ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. A verdade sôre (sic) Guairacá. Curitiba, n. 204, dez. 1953. p. 184.

<sup>789</sup> SENE, Jamil. *Paraná: memória e momento*. São Paulo, 1980. (Museu de Arte de São Paulo). Catálogo de exposição. p. 5.

*Povo* em 17 de junho de 2001 e é uma alegoria da forma como o imaginário predominante a respeito da cidade se insere desde muito cedo em corações e mentes dos habitantes da urbe. E de como Jamil Snege – o pára-quedista descrito na epígrafe deste capítulo – opera na desconstrução desse imaginário imperativo. Vale a pena viajarmos até esse texto:

No vilarejo de Istlerw, Mamãe Gorda era onipresente. Em todos os cantos, em todas as praças, em todos os leitos, em todos os armários, lá estava Mamãe Gorda. As crianças, mal nasciam, se viam cobertas por enxovais bordados com sua augusta imagem. Na escola, as primeiras letras eram ensinadas através da cartilha Viagens da Mamãe Gorda, onde os petizes decoravam preciosidades como esta:

“Mamãe Gorda viu o mamão. Vejam só o mamão da Mamãe Gorda!”

(...)

Assim o povo de Istlerw vivia sob as graças da santa matrona.

Daí a decisão de se fazer um retrato da Mamãe Gorda. Foi chamado emérito pintor, com diplomas em afrescos e instalações. Ele atracou-se ao pincel e, dois dias depois, já com o cheque da encomenda no bolso, foi veraneiar na Bahia e arredores, pois nem os artistas de vanguarda são de ferro.

E o retrato foi colocado numa praça central de Istlerw.

**Foi quando se deu o porém. Surgiu não se sabe de onde um barbudinho tido como escritor, ex-paraquedista e sobrevivente malabarista. Um tipo ciscoso que, entre outros méritos, descobrira que viver faz mal à saúde [grifo meu].**

Ele olhou longamente para a imagem, acendeu um cigarrinho, pensou muito e, diante da platéia que se formara a seu redor, perguntou:

– E a verruga?

Foi um espalho na praça. O povo sumiu como se fugisse de um leproso. Sobrou apenas um zarolho, um manquinho e uma dentuça solitária, não por acaso os representantes do Conselho Municipal da Mamãe Gorda.<sup>790</sup>

A questão na crônica acima é que nosso “sobrevivente malabarista”, autor do livro *Viver é prejudicial à saúde*, e que, como vimos antes, fez curso de pára-quedismo no Rio de Janeiro, chegou como se caísse de pára-quedas na festa da Mamãe Gorda (no olhar de Jamil Snege, essa *Curitiba que nos devora até em casa*<sup>791</sup>) e logo deu falta da verruga no retrato pintado em homenagem à importante senhora.

– O senhor sabe o que está dizendo?

– Claro que sim. Ela tinha uma verruga na ponta do nariz.

– Isso é irrelevante, meu caro. O senhor está usando a verruga para desmerecer a imagem da Mamãe Gorda. **E sem qualquer direito, pois me parece que o senhor nem nasceu em Istlerw.**

– Nasci aqui, sim, mas isso não interessa...

(...)

Mas neste momento o povo voltou correndo à praça. Acontece que uma bolha brotou na ponta do nariz do retrato, produzindo um estrepitoso ploft!, e dando origem a uma soberba

<sup>790</sup> GOMES, Roberto. O grande retrato da Mamãe Gorda. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 jun. 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>791</sup> FARAH, Elias (et al.). *Contos de repente*. Curitiba: Delfos Editora, 1965. p. 99-102.

verruga. Teria sido milagre? Artimanhas daquele pintor de afrescos? Arte satânica do ex-paraquedista? Intriga da oposição?  
 Não se sabe. O fato é que ficou para sempre no nariz da Mamãe Gorda aquela verruga.  
 Imensa. Inegável. Indelével.<sup>792</sup>

Em uma reportagem na edição da revista *Idéias* comemorativa dos 312 anos de Curitiba, o jornalista e escritor José Castello, que em 1994 trocou o Rio de Janeiro pela capital paranaense, faz a seguinte análise da cidade: “Já existem aqui, infelizmente, muitos dos problemas urbanos, como violência, pobreza extrema e agitação, que caracterizam as megalópoles. Creio que as administrações, sobretudo na Era Lerner, preferiram ‘esquecer’ que Curitiba faz parte do Brasil. A casca da cidade-modelo se quebrou e surgiu, de dentro dela, a cidade verdadeira”<sup>793</sup>.

Tal análise talvez possa traduzir a idéia contida na alegoria de Roberto Gomes. Por mais que se tente manter a imagem da cidade intocada, é inevitável que os problemas, ignorando esforços e investimentos em marketing, apareçam. Roberto Gomes é ainda de extrema felicidade e precisão ao descrever o que Jamil Snege faz com Curitiba: ele não precisa *descobrir* os problemas, criar estratégias mirabolantes para expor os paradoxos da cidade. Eles estão todos ali. Nosso pára-quedista apenas tem a coragem – o atrevimento (?) – de mostrá-los, com a maior naturalidade do mundo.

A punição por tanto ousadia – imagine, mostrar o óbvio deliberadamente ignorado –, é ser *expatriado* pelos curitibanos ofendidos. No caso de Snege, já vimos o ofendido leitor que o convidou a se retirar da cidade. Roberto Gomes ilustra essa reação *paranisticamente ofendida* no trecho em que os membros do Conselho da Mamãe Gorda questionam se o incômodo pára-quedista havia mesmo nascido na cidade. O raciocínio é: quem é educado desde muito cedo na cartilha da Mamãe Gorda não vê defeitos na cidade, afinal, *eles sequer existem...*

Carlos Dala Stella, contemporâneo de Snege e de Gomes na seção de crônicas do Caderno G, mesmo tendo colaborado por menos tempo que os outros dois, também sofreu a ira dos leitores por seus comentários a respeito de Curitiba. Tanto que dá uma resposta ao público no último parágrafo da crônica “Curitiba para os curitibanos”, de 7 de novembro de 1998:

<sup>792</sup> GOMES, Roberto. O grande retrato da Mamãe Gorda. *op. cit.*, p. 2.

<sup>793</sup> SANTOS, Marcio Renato dos. Um destino chamado Curitiba. *Idéias*, Curitiba, n. 20, Caderno Especial, p. 40-43, mar. 2005. p. 41.



**P.S.** – Entre as cartas, fax e e-mail enviados em resposta a essa coluna, uma me chamou a atenção, não porque guardasse alguma particularidade, mas pelo contrário por repetir obsessivamente um traço deprimente do imaginário oficial da cidade, um traço nazistóide: o de que Curitiba, e toda a riqueza que esse nome guardaria, é para os curitibanos. Eco, por sua vez, de um slogan do período da ditadura militar: Brasil, ame-o ou deixe-o.<sup>794</sup>

A reação dos ofendidos, como bem nota Dala Stella, é freqüentemente essa, repetir o discurso de que “Curitiba é para os curitibanos”. Qualquer visão mais crítica é confundida, nesses casos arraigados, com a observação de alguém que está *incomodado* com a cidade. E, como diz o ditado, *os incomodados que se retirem*. Será?

O outro lado é que, se há quem se ofenda com a visão dos cronistas a respeito do ambiente local que os cerca – não foi para isso, aliás, que foram chamados?<sup>795</sup> – há quem aproveite para refletir e questionar o imaginário oficial. Há quem aproveite as provocações para buscar para si um olhar menos contaminado sobre a cidade. Tanto pode ser assim que os textos de Snege e de um grupo de escritores inconformados com o discurso oficial viraram peça de teatro, como nos conta a reportagem “A cidade, sua gente, sua arte”, de 23 de novembro de 2001:

(...) Enquanto isso, a trupe Pé no Palco Produções Culturais segue adiante com espetáculos experimentais, a exemplo de Canto de Amor e Desamor a Curitiba e Como Tornar-se Invisível em Curitiba, ambos em cartaz no Auditório Antônio Carlos Kraide – no Museu Metropolitano, sexta e sábado, às 19 horas, e domingo às 21 horas. As montagens partem de coletâneas de contos e crônicas fragmentadas de escritores paranaenses, como Roberto Gomes, Jamil Snege, Paulo Venturelli, Luci Collin e José Fernando. A sonoplastia de Manuel Nogueira também prestigia os grupos locais. “Os espetáculos falam da magia de escrever e da cidade, enfocando com humor as características da convivência curitibana”, antecipa a diretora Fátima Ortiz. (...) <sup>796</sup>

No caso de Snege, a receptividade de suas crônicas – e a mostra de uma nova faceta, menos provinciana, talvez mais aberta ao mundo – encontra uma medida no aumento da procura por seus textos, assunto comentado pelo próprio autor, como vimos anteriormente neste capítulo. Também para o jornalista José Carlos Fernandes essa era uma forma de medir o retorno da seção de crônica.

<sup>794</sup> DALA STELLA, Carlos. Curitiba para os curitibanos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 nov. 1998. Caderno G, p. 8.

<sup>795</sup> Cf. Introdução, p. 10.

<sup>796</sup> GAZETA DO POVO, A cidade, sua gente, sua arte. Curitiba, 23 nov. 2001. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

Ele conta que não havia um acompanhamento sistematizado do retorno das crônicas nesses primeiros anos da seção. “Infelizmente a gente nunca marcou. (...) Em geral, hoje, a gente recebe mais coisa, porém é muito tímida a participação do leitor. Mas havia alguns termômetros. Por exemplo, quando o Roberto [Gomes] lançou *Exercício de solidão* [1998], pela Record, ele me contou que vendeu 400 exemplares no lançamento. Isso para nós foi o efeito da crônica, de ela ser muito lida”<sup>797</sup>, comenta Fernandes.

Os mistérios que envolvem os leitores e as crônicas escritas foram inclusive tema de uma conversa entre Roberto Gomes e Jamil Snege, pouco antes da descoberta do câncer de pulmão que levou ao falecimento desse último, conforme relata o próprio Gomes na crônica de despedida “Tchau, Turco”, de 25 de maio de 2003:

Quando Jamil escreveu a respeito do exame que detectara um câncer, não acreditei. A idéia me pareceu insuportável e resolvi que se tratava de uma brincadeira do Turco, que costumava fazer brincadeiras com raro humor e alguma perversidade.

Havíamos conversado dias antes, por telefone, sobre uma angústia que persegue os que escrevem – afinal, quem nos lê? Não sabemos quem são os leitores, em especial destas crônicas, nas quais, em conta-gotas, vamos destilando nossas angústias, fraquezas, perplexidades, mal dissimulados pedidos de socorro e sarcasmos diante das burrices do mundo.

O texto que publicamos tem uma visibilidade óbvia, enchendo um canto de jornal com sua mancha negra, mas o leitor é invisível. Ou imaginário, o leitor ideal de que fala Umberto Eco. A angústia que atingia o Jamil era o silêncio deste leitor. (...) Enfim, por que os leitores não se manifestavam? Seríamos lidos ou apenas escrevíamos? Que timidez ou medo impediria que o leitor nos enviasse uma simples palavra: li. (...) <sup>798</sup>

A resposta, desta vez, foi espontânea. E veio pela “Coluna do Leitor” do jornal, por meio da carta de Valquíria Nisgoski, publicada em 28 de maio de 2003:

Com pesar, fiquei sabendo da morte do cronista Jamil Snege, que muito admirava. Por hábito, passei a acompanhar suas crônicas aos domingos, quinzenalmente, por aproximadamente um ano e meio. O diagnóstico de sua doença e a evolução dela não o fizeram perder sua maneira bem-humorada, realista e um tanto irônica de relatar os fatos. No domingo, ao ler a crônica de Roberto Gomes sobre a não manifestação dos leitores, me identifiquei como um deles. Um admirador calado, passivo, sem deixar transparecer a humilde admiração. Pena não poder fazê-la diretamente ao Jamil. Ele vai deixar saudades. <sup>799</sup>

<sup>797</sup> FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 19. dez. 2005.

<sup>798</sup> GOMES, Roberto. Tchau, Turco. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2003. Caderno G, p. 4.

<sup>799</sup> NISGOSKI, Valquíria. Jamil. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

Também a carta de Dorothy Azambuja Gomes Carneiro, anterior à de Valquíria, é uma manifestação da existência desse “leitor imaginário” das crônicas no jornal:

Quando morre um político, tem lágrimas, flores e velas. O enterro vira passeata. Tem bandeira a meio-pau. Morreu um poeta, apenas uma breve nota no jornal. Quem lembrou? Quem chorou.<sup>800</sup>

Interessante observar a comparação do cronista aos políticos, com ganho de valor desse primeiro. Será que, para o leitor, o papel do escritor, do cronista, do *poeta*, como o definiu Dorothy, acaba por vezes sendo mais importante que o dos meios oficiais, justamente por ser uma voz que nota – e denuncia – os absurdos do cotidiano? A carta de Sílvio Biscaia, publicada no dia 25 de maio de 2003 pode ser um indicativo nesse sentido:

Não li muitos livros de Jamil Snege (somente “Senhor”), mas li muitas **crônicas “sagradas”** da Gazeta do Povo de domingo, **sempre com boas sacadas e um humor ferino, daqueles que fazem pensar** [grifo meu]. Não tive o prazer de conhecê-lo ou conversar por telefone, mas esta carta serve somente para agradecer o muito que ele fez e a saudade que deixa.<sup>801</sup>

*Um escritor que faz pensar* – essa seria uma caracterização de Jamil Snege que poderia ser estendida ao seu comportamento – material e na escritura – com relação ao universo local. O próprio revela, na já citada entrevista à revista *Cult*, considerar Curitiba, mais que uma protagonista, uma presença implícita em seus escritos:

**CULT – Curitiba é, muitas vezes, o cenário das suas obras. Ela chega a ser protagonista?**

**J.S.** – Não necessariamente. Agora, o local no qual a gente vive é sempre uma referência forte, senão direta, fornecedora de alguns traços de sensibilidade e percepção. Então, claro. O local de nossa origem está sempre presente naquilo que fazemos.

**CULT – Mas você acredita que se vivesse em outra cidade, com outras idiossincrasias – e aí há que se destacar que Curitiba é uma cidade muito idiossincrática –, isso afetaria a qualidade da sua produção?**

**J.S.** – Eu acredito que Curitiba é idiossincrática na obra do Dalton Trevisan. Ele capturou um determinado momento da vida de Curitiba e persistiu na construção, na extensão, na ampliação daquele mundo: as relações humanas, a pequenez da província. Eu acho que Curitiba hoje é uma cidade cosmopolita. Com essa rede de comunicação na qual nós vivemos as cidades perderam muito de suas características. Então, não me parece que

<sup>800</sup> CARNEIRO, Dorothy Azambuja Gomes. Lembrando Jamil Snege. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 11.

<sup>801</sup> BISCAIA, Sílvio. Faz falta. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

Curitiba tenha uma presença muito específica na minha obra. Eu nem saberia como distingui-la de outras cidades de porte médio ou de igual tamanho.<sup>802</sup>

Já na entrevista à revista *Et Cetera*, Snege faz o seguinte comentário à observação de Fábio Campana de que no mundo atual já não é mais possível produzir literatura como uma função ordenadora sobre a vida social do lugar:

Este é um tema muito interessante. A literatura como ethos, exercendo uma função ordenadora sobre a vida social. Nesse caso, a estética teria uma função antecipadora: lançaria as bases para a instauração de uma moral social. Você observou uma coisa importante sobre Balzac. Sua literatura ofereceu aos parisienses uma oportunidade de autopercepção, de reconhecimento de suas próprias identidades através da trama das relações sociais. Concordo que essa visão unívoca já não é possível. Seria o mesmo que pedir que todos os curitibanos se identificassem como personagens de Dalton Trevisan.<sup>803</sup>

Sendo assim, nesta viagem à cidade das crônicas de Jamil Snege, percebe-se não uma Curitiba intencional, planejada ou mesmo forçada, mas um cenário urbano, natural, interno ao escritor que, por sua profissão e estilo de vida, transita e vivencia ininterruptamente o local. Para Jamil Snege – e talvez esse seja mais um motivo de se realizar de forma tão feliz na crônica – Curitiba se dá por meio do cotidiano, e por isso não se dissocia de seu texto. Quando ele revela ao público leitor do Caderno G da *Gazeta do Povo* que tem câncer – na crônica “No ventre da baleia”, publicada em 7 de julho de 2002 –, não fala da cidade, mas fala às *peessoas da cidade*. O local não está no texto, mas na intenção:

Às seis e vinte da manhã de sexta-feira, eu e meu alien, maldormidos, chegamos ao hospital pra o exame. É a hora da verdade para ambos. (...) Ainda não nos encaramos como inimigos, mas paira sobre nós a mútua suspeita de que um tentará destruir o outro. Hoje, quando escrevo esta crônica, deverá sair o primeiro resultado. Não estou nem otimista nem pessimista, como conviria nesses casos. Ao contrário, experimento uma vaga letargia, uma sensação de que navego no ventre de uma baleia, rumo a algum lugar desconhecido.<sup>804</sup>

Ao apresentar pela primeira vez seu câncer – ainda um indicativo não oficialmente confirmado – Jamil Snege adota um padrão que repetirá nas demais crônicas em que fala da doença: não localiza os lugares que menciona. Fala do “consultório”, do “hospital”, de modo geral, parecendo talvez enfatizar que, afinal, o câncer é uma questão (aflição) universal. Mas, ao mesmo tempo, a cidade está

<sup>802</sup> SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *op. cit.*, p. 10-11.

<sup>803</sup> SNEGE, Jamil. Entre o Jardim e a Tempestade. *op. cit.*, p. 179.

<sup>804</sup> SNEGE, Jamil. No ventre da baleia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 jul. 2002. Caderno G, p. 4.

presente. A consciência de ser um cronista de uma seção local do jornal da cidade não deixa de estar presente. Jamil Sneege revela sua intimidade, especialmente, a um público específico, o leitor desse jornal paranaense. Está subentendido, nas entrelinhas, como nas conversas que se tem no dia-a-dia.

Na coluna seguinte, passados 15 dias, em 21 de junho de 2002, Jamil Sneege comenta o retorno da crônica anterior (um indicativo também da tão procurada, segundo o relato que vimos de Roberto Gomes, receptividade do público). Novamente, não há referência alguma à cidade (nem como tema principal, nem como implícita ou explícita), mas é novamente possível localizá-la externamente, no diálogo com o leitor:

Bastou relatar, na última crônica, minha experiência com a descoberta de um câncer, para que meu telefone triplicasse o volume de chamadas recebidas. Eram os amigos, os parentes e, em número menor porém significativo, os colegas de fado e de sina. Descobri, de repente, que o mundo ao redor não é tão são como parece. E que muitas pessoas, com as quais cruzamos na rua, no shopping ou na fila do cinema, guardam dentro de si, mais ou menos inviolado, um idêntico segredo. (...) <sup>805</sup>

Jamil Sneege voltará a falar de seu câncer em suas crônicas, com esse mesmo tom não-localizado, quase sempre direcionando seus escritos ao *amigo*, leitor, cúmplice público local. O próprio cronista conta em uma entrevista, ao ser perguntado das referências utilizadas para a criação das histórias e personagens, que se inspira, de fato, no cotidiano.

De um modo geral procuro me debruçar um pouco no cotidiano mesmo. Leio muito jornal e uma série de coisas. Então, não existe uma fonte de inspiração estritamente literária no meu caso. O que faço é uma captação de vários elementos da realidade que acabam, ao longo de um certo processo, se transformando em um objeto literário. **Sou um pouco como um repórter, que quando vai ao cinema, ao shopping, está sempre observando. Isto não é intencional, apenas uma predisposição natural de se observar as pessoas, as coisas** [grifo meu]. <sup>806</sup>

É desse modo, então que nosso *neoflâneur*, cronista-vidente, viaja pela cidade, descobrindo seus mistérios e – melhor – suas obviedades, assim como de seus habitantes. Nesse sentido, uma crônica com ares de conto <sup>807</sup>, “Em busca de Rostropovich”, publicada na *Gazeta do Povo* em 12 de setembro de 1998, é um caso exemplar – e impiedoso – do modo como o cronista pode levar o leitor em

<sup>805</sup> SNEGE, Jamil. Pequenas aprendizagens. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 jul. 2002. Caderno G, p. 3.

<sup>806</sup> SNEGE, Jamil. Percepção insólita da realidade. *op. cit.*, p. 6.

<sup>807</sup> De fato, “Em busca de Rostropovich” foi republicada posteriormente na coletânea de contos *Os verões da grande leitoa branca*. | SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. *op. cit.*, p. 89-96.

sua viagem pela cidade. Em vez de citar o texto, poderíamos partir aqui para uma versão resumida, mas nada melhor do que o olhar perspicaz de Jamil Senege para indicar o modo como o “curitibano médio” (seja lá o que isso significa) se sente um cidadão mais *elevado*, mais próximo da pretensa sofisticação de *primeiro mundo* que os demais mortais, senão da Terra, ao menos de nosso Brasil:

Gosto dos outonos nublados e frios de Curitiba. **Vista aqui do alto**, do vigésimo andar, Curitiba lembra um pouco Buenos Aires, a Calle Lavalle, lembra um pouco Lyon, Bruxelas **ou outra cidade européia que jamais conheci**. Por um momento essa atmosfera me envolve a ponto de me convencer a vestir o casaco e descer até a rua, predisposto a saciar uma súbita fome intelectual por um bom livro, uma boa música, uma obra de arte qualquer. Li recentemente que Rostropovich reuniu em álbum suas principais gravações feitas entre 1950 e 1974, das Bachianas a Schumann e Beethoven, incluindo os dois concertos de Chostacovich. Eis o pretexto: procurar Rostropovich nas casas especializadas de Curitiba, embora saiba de antemão que será uma busca vã. Já imagino o ar de riso das moças que me atenderão, as consultas ao gerente, as desculpas, mas preciso manter a qualquer custo a atmosfera. **Estou, afinal, numa capital européia – não é disso que a propaganda oficial sempre tentou nos convencer?** (...) <sup>808</sup>

Vale ressaltar aqui – além da evidente ironia das referências a Curitiba como “capital européia” e ao ar do que imagina ser europeu que o curitibano, mesmo que nunca tenha viajado à Europa, ostenta – a estratégia de construção de atmosfera de Jamil Senege. O leitor se movimenta com o narrador, imaginando a névoa, o frio úmido de Curitiba, o ambiente intelectual, cheio de nomes importantes da música clássica (!), algo de domínio bastante exclusivo especialmente em meio ao império pop que também é uma faceta de nossa modernidade tardia.

A menção a um *olhar do alto*, de cima, além de talvez indicar o sentimento de superioridade de nosso personagem curitibano, também pode ser entendida como um certo distanciamento da vida real da cidade, uma falta de conhecimento da urbe a não ser por aquilo que chega do discurso oficial a respeito de Curitiba. Por fim, nos demais textos, normalmente, esse questionamento ao discurso oficial de Curitiba aparece de uma forma mais dissimulada (por exemplo, em crônicas que já vimos, como “Coisas que irritam em Curitiba” e “O paraíso do Fernandinho”). Aqui, essa proposta de romper o discurso oficial – de transgredir a ordem imposta a partir de uma reordenação discursiva em que são expostos os mesmos elementos “positivos” da cidade, mas agora sob um novo ângulo – se dá

<sup>808</sup> SNEGE, Jamil. Em busca de Rostropovich. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 set. 1998. Caderno G, p. 8.

de forma mais ostensiva. E essa inversão da fotografia, a exposição das verrugas da Mamãe Gorda, já aparece no parágrafo seguinte:

Animado por tal perspectiva, ergo a gola do casaco e avanço. Pose de intelectual compenetrado, finjo não ver garotos cheirando cola, meninas se prostituindo, gente mal vestida remendando o frio com tudo o que havia no guarda-roupa, do plástico à lã sintética, das malhas ordinárias ao náilon *made in* Taiwan. Nunca ouviram falar de Rostropovich – e isso me enche de soberba. Sou um intelectual europeu, casaco de pura lã escocesa, produzida por ovelhinhas criadas nas Highlands entre gaitas de fole e destilarias de uísque. (...) <sup>809</sup>

A menção repetida ao casaco leva-nos novamente ao aspecto do clima, ou melhor, da pretensa *superioridade comportamental* a partir da crença na *superioridade climática* curitibana. Nosso personagem tem um casaco quente e, em seu delírio, feito em distantes terras escocesas, trazendo consigo toda a carga imaginária que as Highlands e a idéia de névoa, ou melhor, de bruma, evocam. Tal *casaco* funciona como uma carapaça, capaz de proteger nosso bom curitibano da realidade comum nos países em desenvolvimento de pobreza, meninos de rua, e de um frio para o qual a miséria do País não está preparada, e que mata muita gente a cada inverno.

Nosso personagem vai a várias lojas, esnoba os vendedores e sente-se em Paris ou Amsterdã ao subir a Ébano Pereira e desembocar na Saldanha Marinho. Snege aí reforça uma certa atmosfera gótica, nesse caso, longe de ser positiva, para nosso cenário. Nesse ponto, o personagem entra em uma loja de discos, onde tem intenção de encerrar sua busca. De fato encerra, mas por conta de um assalto que acaba por romper com o clima *europeu* de seu passeio. Os assaltantes, nota nosso *intelectual*, “são pouco mais que adolescentes”. É abordado então por uma moça que “parece-se à Joana D’Arc de Bresson” e traz uma seringa.

“A grana”, ela finalmente se decide, a agulha muito próxima à minha jugular. Aponto para minha coxa, pedindo sua licença para meter a mão no bolso. (...) Puxo três notas, uma de cinquenta e duas de dez, é tudo o que tenho comigo. “Só isso?”, ela desdenha, deixando as três notas suspensas entre meus dedos. (...)

Minha guardiã relaxa a vigilância e resolvo puxar conversa. “O que é isso?”, digo, apontando para a seringa, que agora está a uma respeitável distância de minha jugular. “HIV, não está vendo?”, indigna-se ela, compenetrando-se numa careta trágica. (...) Parece refresco de groselha”, arrisco, num tom cúmplice. “Quer experimentar?”, zanga-se ameaçando punçar minha bochecha. “Misturei com água”, insiste, “pensa que é mole tirar sangue toda hora?”. Concorro plenamente, mas continuo com a mão erguida, as três

<sup>809</sup> SNEGE, Jamil. Em busca de Rostropovich. *op. cit.*, p. 8.

notas esquecidas entre os dedos. Ela faz questão de alardear ao mundo que aquele é todo o dinheiro que possuo. (...) “O que você está procurando?” – ela examina interessadamente os discos na estante, como se quisesse participar de minha busca. “Rostropovich”, ela repete com graça, prosódia perfeita, consoantes e vogais na exata inflexão. “Ele canta o quê?”, quer saber. (...) as três notas ainda miseravelmente ignoradas entre meus dedos.<sup>810</sup>

A interação entre a assaltante, que, apesar de jovem, domina nosso *intelectual*, expõe todo o ridículo do falso discurso de primeiro mundo. O blefe fica mais evidente diante da exposição de que nosso esnobe personagem, que saiu em busca de tão raro, ao menos na cosmopolita capital paranaense, violoncelista, não porta consigo tanto dinheiro quanto todo seu discurso até o momento nos faz pensar. Tanto que esse funciona também como um fator de aproximação – compadecimento – da moça para com sua vítima. Encaminhem-nos para o trecho, e a ironia, final:

(...) Eu imediatamente me ajoelho e deito de bruços no cimento frio, pouco me importando o ridículo e a poeira. Meu casaco nem escocês é, apenas um velho casaco feito em Caxias do Sul, que me acompanha há anos. (...) Ainda com s (sic) três notas encartadas entre os dedos, ergo o rosto para acompanhar a fuga do trio. Joana D’Arc é a última a deixar a loja. Imagino que ela ainda volte para apanhar o dinheiro, mas não, ela apenas me olha e sorri, “Rostropovic!”, grita lá da porta, e eu respondo, meio constrangido, meio sem jeito, ao animado aceno de sua mão.<sup>811</sup>

Por fim, ao ser forçado ao seu encontro com a realidade, nosso personagem se sujeita à exposição total ao ridículo, reconhece a origem absolutamente corriqueira de seu *casaco* e é obrigado a interagir com pessoas que, ao caminhar pelas ruas sentindo-se no primeiro mundo, provavelmente esnobaria. Além disso, encontra a simpatia de sua assaltante, que se diverte com sua busca, e, ao mesmo tempo, não deixa de trocar o dinheiro que levaria pelo aprendizado proporcionado por nosso *intelectual*, que lhe explica sobre o músico e assuntos relacionados. Nada de mitos fundadores e brumas no imaginário. Nosso bom curitibano se dá conta aqui do que o cronista já expõe, com outras palavras, na crônica “O aniversário da velha querida”: ele, como a velha, descende de “rústica linhagem nativa, mestiçada e vulgar como a maioria de nós”<sup>812</sup>.

<sup>810</sup> SNEGE, Jamil. Em busca de Rostropovich. *op. cit.*, p. 8.

<sup>811</sup> SNEGE, Jamil. Em busca de Rostropovich. *op. cit.*, p. 8.

<sup>812</sup> SNEGE, Jamil. O aniversário da velha querida. *op. cit.*, p. 3.



Uma Curitiba, assim, dissimulada, embebida em discurso oficial, apesar dos gritantes problemas sociais que tantas cidades, de países desenvolvidos ou não, apresentam em comum. Esse é um dos olhares recorrentes de Jamil Snege sobre a cidade que o abriga. Vale enfatizar também que esse seria um olhar que, mesmo quando no âmbito da memória, refere-se a uma Curitiba contemporânea, refletindo o ritmo e o comportamento atual da metrópole.

É uma cidade *observada*, passada à imaginação, e não uma realidade urbana imóvel, localizada em um tempo e um cenário específicos. Assim como faz em “Como tornar-se invisível em Curitiba” e em “O aniversário da velha querida”, por exemplo, Snege enfatiza ser Curitiba uma personagem ardilosa, e não a *grande mãe* inofensiva e protetora que aparenta. Tal visão ganha reforço na crônica “A arte de tocar piano de borracha”<sup>813</sup>:

(...) A velha história do piano de borracha. O cara estuda anos a fio, repassa todas as partituras e, finalmente, na noite da grande estréia, saúda emocionado o público, caminha majestoso para o piano, ajeita a casaca, senta-se, atira as mãos para o alto... mas quando fere o teclado não se ouve som algum. Deram-lhe um piano de borracha. A historinha retrata com alguma maldade a nossa velha Curitiba de guerra. **Um piano de borracha à sombra dos pinheiros** [grifo meu]. Se você quiser tocar, pode. Mas não vá exigir que alguém escute. (...) <sup>814</sup>

Novamente, a menção ao discurso oficial, por meio da referência ao pinheiro, árvore-símbolo do Paraná. Essa imagem forte, de algo que está à sombra, funciona também como uma ênfase da onipresença e da pressão exercida pelo imaginário predominante: há um conjunto de normas secretas a seguir, e isso está tão infiltrado no curitibano que fica difícil escapar e ter um comportamento mais original. No encerramento, o cronista desenvolve um discurso que se aproxima bastante, em imagem, de “O aniversário da velha querida”:

Mas, voltando ao piano mudo, que estranha surdez é essa que congela a sensibilidade de nossa adorável velhinha de 300 e tantos anos? **Vocês conhecem outra, de igual porte e mesma faixa etária, que se comporta assim? Se ao invés de engenheiro tivéssemos um prefeito geriatra, a ecológica anciã recobriria seu entusiasmo? Pode até ser uma sugestão para as próximas eleições: um geriatra na Prefeitura, injetando generosa dose de hormônios na velhinha.** Até lá, entretanto, temos de conviver com a dissimulada vovó de ouvidos moucos, um cobertor sobre os joelhos, a dormir ao lado de

<sup>813</sup> Esta crônica, especificamente, será apresentada a partir do volume *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Foi a única da coletânea que, durante a pesquisa, não foi localizada no jornal *Gazeta do Povo*.

<sup>814</sup> SNEGE, Jamil. A arte de tocar piano de borracha. In: \_\_\_\_\_. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000. p. 72-74. | p. 73.

um fogão a lenha apagado. Vovó-ogre, inofensiva apenas na aparência. O grande Octavio Paz, que jamais veio a Curitiba, parece tê-la pressentido quando encerra assim um de seus poemas: “**Falo sobre a cidade, pastora de séculos, mãe que nos engendra e nos devora, nos inventa e nos esquece**”... [grifos meus]<sup>815</sup>

Essa pode ser considerada uma crônica-síntese do estilo de Jamil Snege, com relação ao uso da ironia. A imagem, por exemplo, de um prefeito-geriatra dando jeito em uma cidade já gasta pela calculada fórmula de um engenheiro – que, **pela colocação no texto**, é remetido a alguém destituído de sensibilidade – é tão engraçadinha, que, ao primeiro contato, não se percebe o quanto toda a carga de significados contidos na organização da imagem e na proposta dela decorrida pode doer.

Assim como a Curitiba que desnuda, também o cronista Jamil Snege se disfarça de inofensivo, apenas na aparência. É possível intuir que o que Snege

nota, e aponta, fica impregnado no imaginário do leitor, em permanente conflito com o imaginário-ancião, incrustado em sua mente curitibana desde antes de nascer.

A imagem da velhinha com cobertor nos joelhos pode também dialogar com a capa do volume *Como tornar-se invisível em Curitiba*, e, mais uma vez, com a crônica que dá título à coletânea. A sala rebuscada, praticamente destituída de cor a não ser pelo sofá, cheia de objetos antigos, incluindo o entediado casal de velhinhos cochilando no estofado e vestidos como se estivessem no século passado, torna-se o cenário ideal para que nosso invisível ser não seja notado jamais. Tal sala não está



**Ilustração 11 – Como tornar-se invisível em Curitiba (capa) | Capa, programação visual e editoração: Criar Edições**

<sup>815</sup> SNEGE, Jamil. A arte de tocar piano de borracha. In: \_\_\_\_\_. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. op. cit., p. 74.

apenas cheia, mas apinhada de antiguidades (ou, nesse caso, poderíamos nos atrever a chamar de *velharias*), impedindo que qualquer nova presença seja percebida. A atmosfera de tédio é tão marcante que passa até ao cachorro que também dorme, aos pés de velhinha. Curitiba pode ser o conjunto formado pela cena, mas pode ser também a “ecológica anciã sem entusiasmo” desenhada por Jamil Snege em “A arte de tocar piano de borracha”.

Por fim, e mais uma vez, além da cidade-blefe, uma outra oposição à acolhedora imagem-estereótipo de Curitiba é a de cidade-devoradora, de talentos, da criatividade e do ânimo de seus habitantes, de um espaço que absorve o espírito de quem nele habita, de modo a uniformizar os modos de viver e pensar (!) de seus moradores. Novamente, Curitiba não é apenas uma cidade, mas uma presença opressiva que permeia ações e acontecimentos locais.

Além da crítica contundente a esse *ser normal*<sup>816</sup> em Curitiba, Snege também discute questões, digamos, menos conceituais e mais corriqueiras da cidade, mais do cotidiano local, como as transformações observadas no comportamento do eleitor curitibano registradas na crônica “Curitiba rachada ao meio”<sup>817</sup>, de 29 de outubro de 2000:

Você já se imaginou enfrentando uma platéia em que a metade aplaude e a outra metade vaia? Pois é exatamente isso que vai acontecer com Vanhoni ou Taniguchi, hoje, logo mais à noite. Só que na platéia, neste caso, estarão mais de um milhão de pessoas, que vão berrar de júbilo ou de raiva, de empolgadura ou desapontamento. Porque, a partir de hoje – ganhe quem ganhar – nada mais será como antes em Curitiba.

<sup>816</sup> Com outras palavras, o que Rita Lee canta ambigualmente no refrão de “Normal em Curitiba” é o que Jamil Snege ironiza como a “mediocracia” curitibana, na crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba”: “Quero o **essencial** da vida / Quero ser normal em Curitiba” [grifo meu]. | LEE, Rita; CARVALHO, Roberto. Normal em Curitiba. Rita Lee. In: LEE, Rita. *Santa Rita de Sampa*. Mercury (PolyGram), 1997. 1 CD (faixa 2). 534 962-2. Disponível na internet: [www.ritalee.com.br/estudio/letras1.asp?numero=55](http://www.ritalee.com.br/estudio/letras1.asp?numero=55). Consultado em 11 fev. 2006 – 14:04.

<sup>817</sup> Tal crônica registra uma transição importante, no comportamento do curitibano, que se delineava naquele momento. Esta era, em muito tempo, a primeira vez em que um candidato de oposição, de fato, apresentava-se com reais chances de ganhar o pleito. Como explicam os jornalistas Mario Fuks e Emerson Cervi, “para começarmos a entender as eleições de 2000, em Curitiba, é preciso retroceder historicamente pelo menos 15 anos. É com a retomada das eleições diretas (...), em 1985, (...) que se consolidam dois grandes grupos políticos na capital paranaense. Essa polarização vai definir as principais disputas eleitorais de quase uma década e meia na cidade, começando a perder força em meados dos anos 90, com a ascensão eleitoral do PT (...)”. Mais para frente, eles concluem: “Esse retrospecto sumário de resultados eleitorais mostra que o curitibano tem optado por candidatos ou partidos com alguma experiência administrativa anterior e que se apresentam como bons técnicos nas campanhas eleitorais. No entanto, em função do crescimento da oposição, pela primeira vez nas últimas quatro eleições, um candidato a prefeito do grupo Jaime Lerner não conseguiu maioria simples de votos no primeiro turno”. | CERVI, Emerson Urizzi; FUKS, Mario. *A cobertura da mídia impressa nas eleições municipais de Curitiba 2000*. Doxa – Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública, 2003. Disponível na internet: <http://doxa.iuperj.br/artigos/mariofuks.pdf>. Consultado em 30 maio 2006 – 18:51.

**A cidade rachou ao meio, como uma fruta madura que cai do pé** [grifo meu]. (...) O que está em jogo é muito mais que a escalada ao poder ou o desejo de permanência nele. Curitiba, de certa forma, antecipa o que será a eleição presidencial de 2002. O povo está tentando dizer algo, está articulando uma fala à margem dos discursos oficiais. (...) Voltando à eleição de hoje em Curitiba. Ganhe Vanhoni ou ganhe Taniguchi, o vencedor que se afaste por alguns instantes da turba estridente e procure ouvir a fala subterrânea (...). Não custa lembrar: o dedo que digitou o número na urna é o mesmo que pode premir (sic) um gatilho.<sup>818</sup>

Nesse texto, Jamil Snege nota uma transformação no comportamento do curitibano, sempre tão conservador no momento de eleger seus líderes, que vai além das discussões de oposição ou governo. Tendo consolidado sua carreira no marketing político, Snege usa tal conhecimento para perceber uma evolução crítica no habitante da cidade que, em escala mais abrangente, sinaliza uma mudança de postura dos brasileiros, em geral. Ele percebe um desejo de fugir ao discurso oficial, de fazer escolhas mais independentes, e isso se reflete também na frase em que o cronista se refere a Curitiba como uma “fruta madura que cai do pé”. Mais uma vez temos aí um pequeno vislumbre da menção a Curitiba como a “velha” e, desse ponto de vista, já estava mais do que na hora da cidade abrigar algum tipo de tensão política em suas eleições locais. Não se pode sempre concordar com tudo, e também por isso – podemos talvez interpretar desse modo – “nada mais será como antes em Curitiba”.

O texto, como se vê pode evoluir da crônica-conto de nosso exemplo de Rostropovich, ou da crônica-jornalística, como no caso de “Curitiba rachada ao meio”, e os recursos podem variar (diálogos com travessão, diálogos embutidos no texto, personagens empíricos, personagens fictícios, cenas dramáticas, cenas teatrais, alegorias...), mas o trabalho de desconstrução da Curitiba oficial e de seus símbolos (como o pinheiro ou o hino da cidade) passa inevitavelmente pelo discurso formal sobre a capital paranaense.

Jamil parte do estereótipo para, suavemente (ao menos na aparência) transgredi-lo, por meio do corriqueiro, da observação cotidiana, como pede a boa crônica. De onde se conclui, também pela freqüência nos textos, que esse trabalho de desconstrução da Curitiba da publicidade oficial seria intencional, e não mero acidente de percurso, por mais que o próprio Jamil afirme não ter um plano rígido de escritura em seu processo de criação: “É uma coisa curiosa, não há uma idéia pré-determinada, de estar previamente consciente do que se vai

---

<sup>818</sup> SNEGE, Jamil. Curitiba rachada ao meio. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 out. 2000. Caderno G, p. 3.

fazer. É aí que está o encanto, o fascínio da produção literária. Você muitas vezes se senta num computador sem ter uma idéia definida do que vai fazer. De repente, você acaba sendo escrito pela coisa”<sup>819</sup>.

Livre ou não, a verdade é que o espírito de resistência ao oficialmente estabelecido é um elemento com presença freqüente no trabalho Snege. O autor trata de propor um novo olhar para a cidade até mesmo por meio da apresentação de tipos ou personagens que podem ser encontrados nas ruas curitubanas – e aí há uma aproximação forte com o jornalismo de cobertura local, em que esse tipo de reportagem é bastante apreciada. É o caso da crônica “Nelson Barbudo”, publicada em 11 de maio de 2003:

Ele pode ser visto ali pelas imediações da Galeria Tijucas, com suas barbas brancas, mais parecendo um personagem de Conrad do que um mero habitante de Curitiba. Com passo lento e calculado, apoia-se (sic) numa bengala mais por dever de ofício – com ela afasta os pombos quando vai em busca de uma nesga de sol na Praça Osório.

(...)

Tivesse alguma vez tirado carteira de trabalho, lá constaria: Nelson Matulevicius, pintor e escultor. Como jamais o fez, nada o compromete com o mundo insípido do trabalho. (...)

Mas não se diga que Nelson Matulevicius – ou Nelson Barbudo, como é mais conhecido – é artista sem obras. René Dotti, por exemplo, tem dele um busto de Voltaire. Na mesma Praça Osório, no meio do arvoredor, lá está em bronze o avô de Aécio Neves, Tancredo. Falam também de uns Ulysses e outros Teotônios, encomendados pelos diretórios. Não são muitas, é verdade. Mas obras do Barbudo.<sup>820</sup>

Novamente, a conexão entre o informal, que está à margem do imaginário predominante, e o discurso oficial. O personagem apresentado por Snege vive nas ruas e parece pitoresco, no melhor dos adjetivos, mas faz um busto para um jurista curitubano, com toda a bagagem de formalidade aí representada. E a escultura que Barbudo faz para Dotti é de ninguém menos que Voltaire – filósofo que, por meio de *Cândido*, desenvolve um dos maiores tratados contra o otimismo ingênuo não só do século 18, mas de toda a história moderna<sup>821</sup>. Uma vez mais é a idéia do confronto entre “o melhor dos mundos” da propaganda oficial e a

<sup>819</sup> SNEGE, Jamil. Percepção insólita da realidade. *op. cit.*, p. 6.

<sup>820</sup> SNEGE, Jamil. Nelson Barbudo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 maio 2003. Caderno G, p. 4.

<sup>821</sup> Um resumo do significado de *Cândido* para a era moderna pode ser encontrado no Prefácio da edição desse livro pela Martins Fontes, de 1998: “É com relação ao ‘otimismo’ que se situam, já no título, as aventuras de *Cândido*, é contra o “otimismo” que pretendem testemunhar: tudo, evidentemente, segundo o que era então, para Voltaire, o “otimismo”. / Sem dúvida, já pela expressão ‘melhor dos mundos possíveis’, cunhada por Leibniz, percebe-se que se trata do sistema deste último. O ilustre autor de *Teodicéia* (1710) conseguiu conciliar com essa fórmula, numa construção racional deduzida *a priori*, a existência do mal e a crença na justiça divina (...). O universo em que se movimenta o herói voltairiano é aquele dos modos da existência, dos costumes, das condições, da história, incompatível com o universo leibniziano dos possíveis abstratos e das teorias. (...)”. I VOLTAIRE, François Marie Arouet de. *Cândido*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. XX-XXII.

realidade de um (ao menos) mundo à margem, e o reforço de que os pontos de contato entre esses dois universos são em maior quantidade e freqüência do que se pensa, que move a crônica de Snege. A menção ao busto de Voltaire funciona como mais um reforço do caráter de resistência à ordem imposta que parece ser tão apreciado por Jamil Snege. Nelson Barbudo *poderia* estar integrado ao convencional mundo curitibano, mas é possível que não tenha interesse nisso.

A crônica sobre Nelson Barbudo foi a última publicada por Jamil Snege que, como vimos, faleceu cinco dias depois. Pois é interessante notar que em seu romance de estréia, *Tempo sujo*, Jamil Snege se refere com freqüência a Nelson Barbudo, sendo esse um dos principais companheiros do personagem central da história em suas aventuras pela cidade. Na apresentação de Barbudo, o autor enfatiza o caráter contestador do personagem e fala do busto de Voltaire:

Do outro lado da rua vem vindo o Nelson Barbudo. Deve ter ganho uma camisa nova de alguém. Parece satisfeito: tem dinheiro para o cafezinho e para o cigarro. Hoje deve ter encontrado alguém que não via há muito tempo; o irmão que mora no Rio, talvez. Nelson é pintor, escultor, etc. – e seu último trabalho deve estar empoeirado no depósito de alguma galeria. Fêz também um busto de Voltaire, há uns dois anos, para um amigo advogado. Poderia continuar fazendo coisas assim, budas, anõezinhos de jardim, cogumelos ou nossassenhoras, peças moldadas em gesso e que são a delícia dos colecionadores locais. Mas tem suficiente dignidade para não se prostituir tanto.

Nelson só discute quando bebe. Daí briga, provoca, xinga a humanidade. E se queixa:

– Pare, mundo, que eu quero descer!

Mas êle não desce do mundo andando. Descia do bonde, no Rio. Até fraturar a perna. Voltou de bengala, magro, para o seio magro da província. Aqui vive melhor, pelo menos. Há sempre alguém disposto a pagar um sanduíche ou um jantar. Agem como a puta conscienciosa (sic) que sustenta a irmã, que é virgem. Na galeria dos seus benfeitores, há ainda os que acreditam num súbito despertar do talento do Nelson. Por certo não serão esquecidos e poderão mostrar às visitas o quadro genial pintado e oferecido pelo amigo. Mas Nelson sabe disso, conhece todos os caminhos da hipocrisia dissimulada. E cobra um bom preço pela sua aparente ingenuidade.

– Os caras me convidam pra jantar na casa dêles, me mostram pra mulher, pros convidados, riem à minha custa... mas eu vou comendo.

(...)

É quase meia-noite, terminaram as sessões de cinema, os cafés ainda conseguem reter o pessoal até a saída do último ônibus. As marafonas, aos pares, saem em busca do escasso metal, subindo e descendo a Rua XV. Fernandinho e Bueno falam de Whitman, Rimbaud, Godard. Passam dois rapazes de mãos dadas. Nelson ajoelha-se para afagar um cão velho, muito sujo.<sup>822</sup>

Outro personagem urbano que está nas páginas de *Tempo sujo* e que o cronista resgata em suas linhas no jornal é “o bardo paranaense Liberalino que é cearense”<sup>823</sup>. Na crônica “O poeta e o jegue mijador”, publicada em 24 de junho

<sup>822</sup> SNEGE, Jamil. *Tempo sujo. op. cit.*, p. 24-25.

<sup>823</sup> *Ibid.*, p. 35-37.

de 2001, Jamil Snege aproveita um episódio sobre Liberalino para lançar mais uma vez seu impiedoso olhar sobre a cidade:

Ele chegou aqui no final dos anos 50, vindo de Bauru. Mas não era paulista. Nascera no Ceará (...).

Chegou sozinho. Um único terno de tergal, uma gravata espalhafatosa, uma camisa cuja cor original jazia sob encardidos de outras andanças. Hospedou-se no hotel Londrina, em plena Boca Maldita, e meia hora depois já estava na rua falando, gesticulando, visitando as redações dos jornais. (...)

Ganhou a cidade da noite para o dia. (...)

Raramente conseguia um jantar. E nem parecia se importar com isso. As manchas de mostarda, no paletó, atestavam aquela rotina de refeições ligeiras. A gravata, apêndice inútil, servia de prático guardanapo quando um excesso de catchup escorria-lhe pelo queixo. Ria do espanto que causava nas pessoas de fino trato ao abusar do vestuário daquela maneira. E se a platéia mostrava-se deveras estarecida, aí então assoava o nariz, com tudo o que ele continha, na pobre e humilhada gravata de flores vermelhas.

Aí chegou o inverno. O poeta decidiu que era hora de a cigarra enfiar a viola no saco e ganhar alguns trocados. E se deu bem.

Organizou um negócio inédito em Curitiba. Uma banca de revistas em domicílio. (...) <sup>824</sup>

Até aqui Jamil Snege segue apresentando seu personagem, um migrante pobre que passa a viver de favor, e de sua simpatia, na cidade. Torna-se personagem conhecido, porém não é tão bem aceito pela alta sociedade curitibana. Mas nosso personagem traz criatividade em seu olhar não-contaminado de forasteiro e inicia um negócio que, a princípio, vai muito bem. Vejamos se segue prosperando:

Liberalino Estevan tornava-se figura proeminente em Curitiba, diante de uma platéia cada vez mais sofisticada e numerosa. Freqüentador de concertos e recitais, solicitado declamador, colaborador assíduo das páginas literárias.

(...) E aprontou das suas. Certa vez, resolveu lançar um livro com suas “populiras” na travessa Oliveira Belo, diante do Palácio Avenida. A nata dos centros de letras reunida, autoridades, lá vem Liberalino vestido de cangaceiro e arrastando um jegue pelo cabresto. Enorme platéia em torno. Centenas de pessoas na travessa. Aí então o jegue, fazendo jus à fama, resolve ejetar imenso apêndice viril, que quase arrasta no chão, e diante das estupefatas senhoras urina copiosa e espasmodicamente, borrifando bolsas e sapatos dos mais rico verniz. Vergonha e humilhação da nata, rude explosão de júbilo da patuléia.

Pela primeira vez na vida, Liberalino corou. E o jegue, recolhendo sua assustadora clava, fitou-o com o ar mais cândido e inocente deste mundo. <sup>825</sup>

O tom de anedota, de história que se conta há anos, não é dessa vez suficiente para amenizar a acusação de hipocrisia de uma sociedade que olha com espanto e desprezo para quem chega sem posses, mas que se rende, submetendo-se às situações mais vexatórias possíveis, àqueles que prosperam

<sup>824</sup> SNEGE, Jamil. O poeta e o jegue mijador. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 jun. 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>825</sup> *Ibid.*, p. 2.

financeiramente. A observação, já vimos, está em outras crônicas de Snege. Aqui ela é levada ao extremo, quase à catarse, quando a imaginação colore a cena final do texto. Ironia em doses quase letais, é o que encontramos nessa crônica. A frase com que Jamil Snege encerra um episódio sobre Liberalino em *Tempo sujo* se mostra bastante apropriada a essa crônica que vimos sobre o personagem: “E se houvesse mar em Curitiba, até o mar se abriria diante de Liberalino naquele momento”<sup>826</sup>.

Um outro texto em que o confronto entre uma Curitiba “melhor dos mundos” e a Curitiba de todos os dias fica evidenciado é “Curso de sobrevivência no asfalto” – uma canja também para o alter ego do cronista, nosso personagem Freitas, que participa da história. Bem, nessa crônica, publicada em 18 de fevereiro de 2001, Freitas aparece no escritório do cronista com uniforme camuflado e todo paramentado. Ele logo explica que a vestimenta e tudo o mais são para seu novo projeto, chamado CSA – Curso de Sobrevivência no Asfalto:

A base teórica do curso de Freitas é simples. (...) Defende a tese de que num universo de desigual distribuição de renda, de profundos contrastes sociais, a exibição dos símbolos de status agride e oprime os menos favorecidos, criando sérios antagonismos de classe. Isso impede qualquer aproximação, qualquer movimento em direção ao “outro”.

“Outro” é a palavra-chave no método de Freitas. É uma espécie de meta a ser atingida. O “outro”, no caso, é o povão, a patuléia, o assaltante em potencial, o suposto inimigo.

– Mas aí é que mora a coruja – Freitas adverte. – Para chegar ao “outro”, para superar as diferenças, não basta eliminar em você os sinais exteriores de status. Você tem de apagar os sinais que estão impressos em sua própria estrutura psicológica...

(...)

É aí que entra a parte mais divertida do método Freitas. Os exercícios práticos. As madames são obrigadas a participar de um verdadeiro “No Limite”. Só que as provas são estritamente urbanas. Cherokee na garagem, lá vão elas apanhar ônibus para o Sítio Cercado ou para a Vila Pinto na hora de pico. Missão: procurar por determinado pai-de-santo, do qual só sabem o nome, indagando de boteco em boteco. Outras provas: trabalhar como diarista, faxineira de rodoviária, garçom de bar de bêbado, servente de delegacia, vendedora de espetinho em forró.

Freitas fornece tudo, da maquiagem ao guarda-roupa. Arranja as colocações, negocia a remuneração, fiscaliza o desempenho. As madames adoram. Na segunda semana (o curso dura dois meses) já saem de casa sem as jóias, desprezam seus carrões e embarcam no primeiro ônibus lotado que passa. Segundo Freitas, o cheiro de desodorante vencido vicia. Na terceira semana, a maioria já se filiou ao PT.

O sucesso de Freitas é incontestável. As madames já não sentem medo do povão e acham super-estimulante essa imersão em direção ao “outro”. Uma coisa, entretanto, não consigo engolir:

– Esse seu uniforme, Freitas. Não é ele também um símbolo de status?

(...)<sup>827</sup>

<sup>826</sup> SNEGE, Jamil. *Tempo sujo*. op. cit., p. 36-37.

<sup>827</sup> SNEGE, Jamil. Curso de sobrevivência no asfalto. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 fev. 2001. Caderno G, p. 3.



Por trás de toda a brincadeira, revela-se mais uma vez a percepção da distância dos mundos em Curitiba – cidade de referência aqui, mas no caso desta crônica seria possível crer em uma aplicação mais abrangente, também a outras cidades, mesmo de outros países. Ao referir o transitar comum pelas ruas citadinas como uma versão urbana do programa televisivo “No Limite” (que trata de provas de sobrevivência na selva), tem-se uma idéia de um outro imaginário forte entre os habitantes da cidade, aquele justamente oposto ao “melhor dos mundos” formalizado. Mas a opção tende à crença no céu azul e sem nuvens da bela Curitiba, visto do vidro escurecido de um Cherokee.

A crônica reforça também a idéia de que o único modo de conhecer a cidade é abandonar-se em suas ruas, transitar. Por trás de toda a graça e a ironia, há um convite a ver o universo urbano com outros olhos. Não, é claro, sem uma (auto)ironia final: mesmo quando decide experimentar a cidade à margem da propaganda, o curitibano pode estar apenas participando de mais uma atividade integrante do discurso oficial: *viajar Curitiba* por outros caminhos pode ser apenas um meio de reforçar as trilhas já conhecidas da cidade.

Em todo o caso, o passeio pelas crônicas de Jamil Snege procura conduzir o leitor sempre aos atrativos fora do roteiro-padrão, mesmo gastronômico. Jamil Snege, conta Aroldo Murá Haygert em “Jamil Snege, criador e criatura de um itinerário nonsense”, era um grande apreciador dos segredos gastronômicos, e gostava de cozinhar:

A cozinha era só dele. Vera, ajudante. Cozinhar o jantar, que saía tarde da noite, culminava um périplo diário, iniciado depois do expediente não muito rígido na Beta Propaganda e o encontro com o pessoal da Boca Maldita. Depois, a escolha, demorada, quase uma liturgia, ofício de horas, num mercado da vizinhança, no Centro Cívico. (...) Não apreciava enfiar a mão no bolso, comprar comida era o esbanjamento diário a que se concedia. Fiel às raízes árabes da mesa farta.<sup>828</sup>

Pois em sua seção no jornal, Snege convida o leitor por duas vezes a transitar no alternativo “roteiro da baixa gastronomia curitibana”. O primeiro convite está na crônica “Deliciosas porcarias”, de 15 de novembro de 2000:

Se você já enjoou da gororoba de sábado – a feijoada medíocre do cunhado, a abominável lasanha da *mamma* –, experimente mudar de classe social. Explico: esqueça

<sup>828</sup> HAYGERT, Aroldo Murá. Jamil Snege, criador e criatura de um itinerário nonsense ou de como recordar do Turco em dezoito mil caracteres. *Idéias*, Curitiba, Travessa dos Editores, n. 11, maio de 2004, p. 54-61. l p. 59-60.

que você é um cidadão ou cidadã da classe média, com ares de bacana, e mergulhe de corpo e alma no roteiro da baixa gastronomia de Curitiba.

(...)

Onde? Na área central da cidade. Particularmente nos lugares mais freqüentados pelo povão, imediações da praça Tiradentes e terminal da Rui Barbosa, ou talvez ali pela Osório e Rodoviária Velha. Ali, justo onde o subúrbio desce em pencas para celebrar o sábado, pois é para o audaz morador do subúrbio que o óleo chia na fritadeira (...).

Mas vá com calma. Diz a regra que não se deve repetir o mesmo petisco, por mais apetitoso que lhe pareça. Nada de desperdiçar o sábado na primeira barraca. O roteiro da baixa gastronomia de Curitiba assemelha-se ao caminho de Santiago de Compostela – há que se andar de um ponto a outro (...).<sup>829</sup>

A ironia, mesmo no convite, se faz presente também no exagero do linguajar (“plebéias fagulhas”...), indicando o ridículo da situação de um possível sentimento de superioridade da classe média curitibana (aproximando-se aí de “Em busca de Rostropovich”). Bem, o segundo convite se dá no ano seguinte, em 8 de julho de 2001, na crônica “Como estou digerindo?”. A temática principal aí é outra: “Se você está se aproximando da famosa ‘idade dos três metais’ – prata nos cabelos, ouro no bolso e chumbo no sexo –, não se desespere. Um mundo de prazeres inexcedíveis escancara-se à sua frente”<sup>830</sup>. Tais prazeres, explica nosso cronista, referem-se à gastronomia:

E mais importante ainda: como se trata de um ritual iniciático, há uma sucessão de graus a serem atingidos. Nada de começar com Paul Bocuse, Alain Ducasse, Michel Guérard e outros papas da “haute cuisine”. Nada de entradas como escargots ou conquilles Saint Jacques. Se você mora em Curitiba, o ideal é começar com uns espetinhos de camarão da barraca da Nenega, aos sábados, na praça Generoso Marques. Não conhece a Nenega? Pois não sabe o que está perdendo. Nenega é uma matrona de ébano, redonda como um sonho-de-valsas, que serve uns espetinhos deliciosos de peixe ou camarão e depois ainda agradece ao freguês com um Deus te abençoe.

Não é ótimo isso? Pois é assim que se formam os mais requintados paladares. Provando da rústica e honesta comida das feiras livres, das biroscas, dos bares. Percorrendo o roteiro da baixa gastronomia, **como já falei aqui em outra oportunidade** [grifo meu], com o mesmo fervor e a mesma devoção com que se percorre o caminho de Santiago de Compostela. (...)<sup>831</sup>

O convite de Snege, de fato, no conjunto da obra em que Curitiba se insere, seria para que o leitor olhasse a cidade com um olhar menos condicionado, mais livre, caminhando pelas ruas, percebendo o ambiente urbano a sua volta. Resistente ao preestabelecido, arqueólogo das novas trilhas, Snege quer saber da cidade da cintura para baixo, sem a impositiva que impede os acontecimentos diários.

<sup>829</sup> SNEGE, Jamil. Deliciosas porcarias. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 out. 2000. Caderno G, p. 3.

<sup>830</sup> SNEGE, Jamil. Como estou digerindo? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 8 jul. 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>831</sup> *Ibid.*, p. 3.

Transgressor, sim. Mas não de uma agressividade escancarada: assim como propõe uma cidade pelas beiradas, Snege desconstrói Curitiba pelas margens, chegando certo ao centro da questão, com a eficiente ajuda da ironia e da valorização do incomum. Curitiba, para o cronista, é a cidade do confronto, também de sentimentos. Como afirma em “O aniversário da velha querida”, é uma cidade que se ama “com pequenas infiltrações de rancor e ódio”. Em uma outra homenagem de aniversário, “Canto de amor e desamor a Curitiba”, publicada em 2 de abril de 2000, Snege se entrega à dicotomia de sentimentos e percepções inspirados por sua musa:

(...)

Há uma Curitiba cruel, outra fiel. Uma que aprisiona e maltrata, outra que cura tuas feridas com a salivinha gelada dos rocios.

(...)

Uma ri o riso desdentado de ventos, que lambe com sofreguidão os telhados, outra inunda tua janela com o inesperado perfume de uma saudade antiga.

(...)

Há uma Curitiba de afogados, degolados e suicidas – e sobre essa Curitiba nós clamamos tua indulgência, ó Senhor.

Há uma Curitiba de glutões, vendilhões, usurpadores – e por sobre esta Curitiba de avidez e cobiça nós rogamos que espalhes as cinzas da tua ira.

(...)<sup>832</sup>

Espaço tenso, lugar de interminável conflito entre questioná-la, aceitá-la ou rejeitá-la – essa seria uma possível percepção da Curitiba das crônicas de Jamil Snege. Viajar por essa cidade significa assentir com a instalação de um mínimo martelo no mais profundo de nossos pensamentos. Ele é pequeno, quase invisível. Não deve incomodar tanto assim. Mas vai batendo, batendo, cumprindo com segurança sua cotidiana e despretensiosa função. Tanto martela que a dor da ruptura se perde em meio aos novos caminhos abertos. De repente, ao leitor das crônicas de Jamil Snege, já não é mais possível ver o ambiente urbano com o olhar de outrora. Ficam os olhos de hoje, atentos à cidade, famintos observadores envolvidos pela particularidade do movimento.

---

<sup>832</sup> SNEGE, Jamil. Canto de amor e desamor a Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 abr. 2000. Caderno G, p. 3.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O Pinheiro alto, eril,  
de longos braços estendidos para os horizontes,  
– é o Paraná transfigurado no símbolo verde  
das esperanças que se realizam(...)”  
Romário Martins – Ex-libris<sup>833</sup>

“O Pinheiro é uma árvore excelente  
pra fazer xixi embaixo”  
Jamil Snege – Entrevista<sup>834</sup>

Quem é o curitibano-símbolo, típico, para Jamil Snege? A pergunta é antiga. Foi feita, por exemplo, ao escritor em 1984, durante uma entrevista para o jornal *O Estado do Paraná*. A resposta não poderia ser mais irreverente: “Acho o Homem Nu da Praça 19 de Dezembro”<sup>835</sup>. Nessa entrevista, Snege conversa sobre política e políticos, jornalistas, Boca Maldita e, novamente, a timidez curitibana. Então, ele admite: “Detesto generalizações, mas esta é quase necessária: o curitibano é tímido, talvez”<sup>836</sup>.

E pondera: “Mas quando vislumbra reação favorável das pessoas que o escutam, se encoraja e veicula o fato em escala maior”. Snege direciona sua análise especialmente ao meio jornalístico curitibano que, segundo ele, pode ser mais brilhante “no contato com seus amigos do cafezinho que em sua coluna no jornal”. Seria possível, no entanto, interpretar essa afirmação de modo ampliado: *o curitibano sem estímulo é tímido; quando incentivado, ele se solta e aparece*. Aí, Curitiba é uma festa. Esse é o tom com que o cronista analisa, anos depois, a literatura produzida no Paraná, por exemplo. Comenta ele, não sem certa felicidade, e sempre com alguma ironia, na crônica “Os alegres rabanetes na feira”, publicada na *Gazeta do Povo* em 17 de setembro de 2000:

Era uma alegria só. Do jovem Márcio Santos ao quase septuagenário Valêncio Xavier, os escritores do Paraná tiveram uma Semana da Pátria de incontida felicidade. Até o Miguel Sanches Neto saiu da toca. Margarita Wasserman não faltou um único dia, distribuindo autógrafos com a proficiência de uma campeã. Cristovão Tezza, Domingos Pellegrini, Walmor Marcelino, Wilson Bueno, Antonio Garcia – qual deles o mais guapo e faceiro,

---

<sup>833</sup> MARTINS, Romário. Ex-libris. In: SZVARÇA, Décio Roberto. *O forjador: ruínas de um mito – Romário Martins (1893-1944)*. Dissertação de Mestrado em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993. p. 32-33.

<sup>834</sup> SNEGE, Jamil. Jamil Snege, mordaz. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 27 maio 1984.

<sup>835</sup> *Ibid.*

<sup>836</sup> *Ibid.*

desfilando suas imorredouras criações do espírito diante da turba estupefacta de leitores que afluiu ao stand (sic) dos paranaenses durante a Expolivro?

Talvez Ernani Buchmann, um dos mentores intelectuais do evento. Ou o casal Iria e Roberto Gomes, anunciando um quádruplo lançamento para outubro da nova fase da Editora Criar. (...) [nesse “quádruplo lançamento” estão incluídas as coletâneas de crônicas do próprio Gomes, de Snege e de Carlos Dala Stella]. A literatura que se faz no Paraná é hoje uma auspiciosa realidade, com pelo menos três centenas de autores escrevendo sobre tudo o que se pode imaginar. (...) Destaque especial, naturalmente, para poesia e ficção – no que não ficamos a dever para nenhuma outra literatura regional do país.

Prova disso foi a reação do público que visitou a Expolivro. O *stand* (sic) dos autores do Paraná foi, surpreendentemente, um dos que mais venderam. (...).<sup>837</sup>

Será que, enfim, o público tira os óculos e passa a ver com clareza aquilo que até então lhe parecia naturalmente *invisível* em Curitiba...? Talvez esse seja o motivo pelo qual Snege opta por usar o adjetivo de “estupefata” para a *surpreendente turba* de visitantes do estande paranaense. Uma possível mudança de comportamento entre os habitantes da cidade? Onde está o “curitibano típico” (lembremos nosso homem nu na oficialidade da praça comemorativa da emancipação paranaense), conforme descrição de Snege em entrevista à *Gazeta do Povo* em 1998? Dizia então Jamil:

Eu sempre digo que a fome intelectual do curitibano normalmente é abastecida pela televisão. O cidadão médio curitibano é plenamente satisfeito pela tevê. A existência de alguém que produz cultura numa cidade como a nossa é problemática. Ele sente que não é necessário, que poderia não existir. Que falta faria Dalton Trevisan caso ele faltasse? Tudo permaneceria exatamente igual.<sup>838</sup>

Visão, de certo modo, fatalista, como já notou Cristovão Tezza, à moda de “Como tornar-se invisível em Curitiba”. Mas nem tudo é fatalidade na observação de Snege a respeito do comportamento curitibano, em especial, com relação à arte. O cronista reconhecia, nos primeiros momentos da década de 2000, a conquista de maior projeção por parte dos escritores paranaenses – e isso muito além das fronteiras locais. “Hoje já existe uma espécie de percepção nacional da literatura que se produz aqui no Paraná. Isso é muito importante porque a literatura paranaense tem adquirido uma visibilidade nacional que nunca teve até então. Para mim, esse é um fenômeno bastante gratificante para todos os que

<sup>837</sup> SNEGE, Jamil. Os alegres rabanetes na feira. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 set. 2000. Caderno G, p. 3.

<sup>838</sup> SNEGE, Jamil. Tragicomédia da maioridade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 13 dez. 1998. Caderno G, p. 5. Entrevista a Paulo Camargo.

fazem literatura aqui”<sup>839</sup>, considera Snege em uma outra entrevista, concedida em 2000, mesmo ano em que escreveu a crônica “Os alegres rabanetes na feira”.

Mas, se Snege vislumbrou alguma chance de menor invisibilidade para o talento em Curitiba, na literatura, uma questão com toda a pompa cosmopolita acabou roubando a cena. É o que lamenta o cronista no texto “Os alegres garotos nas editoras”, publicado três anos depois da entusiástica percepção de oportunidades para os autores locais:

Um tempo atrás, a literatura paranaense passou a ter uma certa visibilidade nacional e virou tema de reportagem neste Caderno G. Meia dúzia de nomes, uns poucos mais, sorrisos e um ar de que agora vamos conquistar o mundo. Renovaram-se contratos, novos originais nas mesas dos editores e o Paraná, que até então só surpreendera o país com suas façanhas agrícolas, passou a exhibir os frutos de sua nova lavoura literária.

(....)

Hoje, pouco mais de um ano, ou dois, **a visibilidade foi toldada**. A indústria editorial globalizou-se. Os selos internacionais invadiram o mercado. A decisão escapou dos editores locais e agora depende de um fluxo contínuo de informações trocadas pela internet. (...)

Sobraram os pequenos editores, as livrarias-bazar, os autores dispostos a custear no todo ou em parte suas obras para exibi-las ao lado de um balde de plástico. O escritor nacional perdeu espaço e status. Nomes de forte apelo comercial como Luís Fernando Veríssimo, João Ubaldo Ribeiro e Carlos Heitor Cony recebem as mais efusivas ofertas quando aceitam escrever livros sob tema encomendado. **A literatura visceral, orgânica, na qual o escritor agarra seus demônios pela goela e mastiga as palavras em ácido clorídrico, essa literatura virou uma espécie de patologia para o mercado**. O próprio autor reconhece: “Alguém editaria isso?” [grifos meus].<sup>840</sup>

Vemos aqui mais um aspecto do interesse de Snege relacionado ao cenário curitibano: além da observação do comportamento de seus habitantes, da Curitiba devoradora e da urbe-inspiração, a cidade – e o Estado – aparece como mercado editorial, como espaço de produção literária. Curioso, de um lado, que essa preocupação com o mercado editorial venha de um escritor que, por opção, manteve-se toda a vida a sua margem. Coerente, por outro lado, que entusiasmado ou decepcionado com os rumos desse mercado, Snege uma vez mais defenda esse escritor, *à moda antiga*, desinteressado de outra consequência que não a conclusão de sua escritura.

Muitas vezes irreverente no tratamento de Curitiba, provocador em suas referências ao curitibano, mas também resistente em desvincular-se do local, em sua crônica, de modo especial, e em seu conjunto de obra, em uma visão

<sup>839</sup> SNEGE, Jamil. Percepção insólita da realidade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 mar. 2000. Caderno G, p. 6. Entrevista a Rudney Flores.

<sup>840</sup> SNEGE, Jamil. Os alegres garotos nas editoras. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 mar. 2003. Caderno G, p. 4.

abrangente. A ligação da literatura de Snege com o universo local é tão notável que, somada a sua postura editorial, leva Miguel Sanches Neto a fazer a seguinte análise, ao considerar em entrevista para este trabalho uma possível republicação dos escritos de Jamil:

A obra dele [Jamil Snege] nem chegou a ser publicada. Na maioria das vezes foi apenas impressa. Hoje, ela não é publicada porque o espólio está no inventário da família, que ainda não foi concluído. Se continuar sendo publicada no Paraná, dificilmente ele será conhecido nacionalmente. E esta edição vai ter que ser muito cuidada, pois a obra dele tem uma face muito curitibana, que não pode ser muito valorizada para não afugentar leitores de outras latitudes.<sup>841</sup>

Ironia suprema implícita nessa percepção: o aspecto duplamente local, que é visto como uma das características mais fortes da obra de Snege, pode ser também um empecilho. Mais uma vez, Curitiba no caminho de nosso escritor, para bem ou para mal. Tanta resistência em ser publicado nacionalmente, e esse seria um modo possível de aumentar, hoje, o alcance de seu trabalho. E, de certa forma, há demanda para isso. “Estranho tomar conhecimento de um escritor por ocasião apenas de sua morte (Jamil Snege, edição de junho, 38). Como uma gota preta num copo d’água, como só saber da vida de um homem pelo choro das carpideiras”<sup>842</sup>, lamenta o leitor João Parisio na seção de cartas do jornal literário *Rascunho*, de julho de 2003.

Apesar, no entanto, das edições pequenas e da distribuição limitada, Snege chegou com seu trabalho ao outro lado do Brasil. Um exemplo está na carta de Leontino Filho, de Aracati (CE), publicada na mesma edição do *Rascunho*: “Excelente a edição de junho, dedicada ao ótimo escritor (o saudoso) Jamil Snege. Primorosos os textos de Wilson Bueno e Miguel Sanches Neto”<sup>843</sup>.

Os livros de Snege são também procurados em sua comunidade no Orkut – uma das maiores comunidades globais da internet. Sim, nosso local escritor Jamil Snege inspira uma comunidade no Orkut, criada em 26 de junho de 2004 e hoje com 75 membros<sup>844</sup>. “Um puta escritor. Gente boa. Mordaz e cínico, mas

<sup>841</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

<sup>842</sup> PARISIO, João. Cartas. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 39, p. 2, jul. 2003.

<sup>843</sup> FILHO, Leontino. Cartas. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 39, p. 2, jul. 2003.

<sup>844</sup> Até 27 de dezembro de 2005, data da consulta à comunidade virtual de Jamil Snege no Orkut.

também engraçado e comovente até a medula. Não seria justo deixar Jamil Snege fora do Orkut”<sup>845</sup>, defende o texto de apresentação da comunidade.

As queixas a respeito da dificuldade em encontrar os textos de Snege estão presentes nos fóruns promovidos nessa comunidade virtual. “Eu lia os textos do Jamil na Gazeta e me apaixonei por um chamado ‘Para matar um grande amor’. Depois disso fui saber mais sobre ele e li alguns textos, mas os livros mesmo eu não consigo encontrar (...)”, registra uma leitora identificada por “A Estranha no Ninho” no fórum “De como conheci Jamil Snege”, em 9 de dezembro de 2004<sup>846</sup>.

Já a participante “Valquiria” comenta no mesmo fórum, em 27 de novembro de 2005: “Também conheci os textos do Jamil em sua coluna quinzenal aos domingos na Gazeta do Povo. Dono de um senso de humor mordaz, irônico, gostava muito de suas crônicas. Com q (sic) tristeza acompanhei a evolução de sua doença, seus comentários sobre a mesma nas crônicas. Que grande pena o termos perdido. Vida longa aos seus escritos, vamos divulgar!!”<sup>847</sup>.

Das salas virtuais de bate-papo para os comentários na imprensa, o jornalista Leo Gilson Ribeiro também relata na revista *Caros amigos* o interesse por Snege além das fronteiras paranaenses: “Também o curitibano Jamil Snege, que li perante uma platéia de duzentos e tantos alunos e alunas em Diadema, cidade-dormitório em torno a São Paulo. Lembro-me que uma grande parte dos estudantes universitários ficou siderada com os contos de Jamil Snege”<sup>848</sup>. Diante da dificuldade de encontrar os livros de Snege, até os apreciadores de sua literatura entram em campo para facilitar o acesso de outros leitores.

Jamil Snege conta na crônica “Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba”, que vimos no Capítulo 3<sup>849</sup>, a respeito da repercussão de *Viver é prejudicial à saúde*, que antes mesmo do lançamento oficial do livro em Curitiba recebeu solicitações de envio para vários Estados brasileiros, sendo uma delas muito particular. “Teve até uma moça de São Paulo, moradora dos Jardins, que me ofereceu a livraria do seu bairro para vender meu livro”, relata no texto. Há

<sup>845</sup> SNEGE, Jamil [comunidade orkut]. [www.orkut.com/Community.aspx?cmm=119943](http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=119943). Consultado em 27 dez. 2005 – 23:00.

<sup>846</sup> *Ibid.*

<sup>847</sup> *Ibid.*

<sup>848</sup> RIBEIRO, Leo Gilson. Janelas abertas. *Caros amigos*, ed. 67, out. 2002. Disponível na internet: [http://carosamigos.terra.com.br/da\\_revista/edicoes/ed67/leo\\_gilsonr.asp](http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed67/leo_gilsonr.asp). Consultado em 26 dez. 2005 – 21:36.



alguma chance de que essa moça citada na crônica de Snege seja a mesma referida por Marcelino Freire em seu artigo “Vampiros de Curitiba”? O contexto da citação – meios possíveis de encontrar os livros do escritor curitibano:

Snege tem 62 anos. Ele mesmo publica os seus livros. Não quer saber de editora, não tem paciência. **É cultuado em Curitiba. Sua prosa segue no boca-a-boca**, contagiando admiradores de outros cantos. Escreveu *Tempo Sujo*, *Os Verões da Grande Leitoa Branca*, a novela *Viver é Prejudicial à Saúde*, entre outros. Quer um livro dele? É só ligar para o telefone 11.3814.5811 e falar com Cida, uma das fãs e divulgadoras do trabalho de Jamil em São Paulo. (...) [grifo meu].<sup>850</sup>

Marcelino Freire faz duas observações que merecem destaque no trecho acima. A primeira de que a literatura de Jamil seria divulgada no boca-a-boca por seus leitores – a comunidade no Orkut seria um exemplo nesse sentido. Também as crônicas publicadas no jornal seriam um bom meio para esse tipo de difusão. Juntando as duas pontas, do mercado editorial e da colaboração de Snege na *Gazeta do Povo*, Miguel Sanches Neto arremata: “Não é possível dizer [se as crônicas aumentaram o interesse do público pelos livros de Snege], pois os livros do Jamil sempre foram meio clandestinos, publicados pelo próprio autor ou por editora que não tinha distribuição. Parece-me que fizeram aumentar o renome dele, mas não o consumo de seus livros, que sempre foi em pequena escala”<sup>851</sup>.

## PARADOXO DA INVISIBILIDADE

A segunda observação de Marcelino Freire que merece destaque no trecho citado seria a respeito do acentuado caráter de resistência ao grande mercado, somado às qualidades estéticas do trabalho de Jamil Snege, tido por Freire como um escritor *cultuado* em Curitiba. José Castello procura aprofundar um pouco mais essa reflexão no texto “Jamil, analista do mercado”, publicado no *Rascunho* de junho de 2003, que se inicia do seguinte modo:

Em meio às cerimônias de despedida de Jamil Snege, penso em sua imagem não de grande escritor, ou de homem afetuoso, mas em seu inesperado, embora forte, retrato como analista do mercado literário. Temos no Brasil, felizmente, alguns escritores que, não só com suas obras, ou palavras mas, sobretudo, com suas atitudes, assumiram essa

<sup>849</sup> Cf. Capítulo 3, p. 199-200.

<sup>850</sup> FREIRE, Marcelino. Vampiros de Curitiba. *Continente Multicultural*, n. 17, maio 2002. Disponível na internet: [www.continentemulticultural.com.br/revista017/materia.asp?m=LITERATURA&s=1](http://www.continentemulticultural.com.br/revista017/materia.asp?m=LITERATURA&s=1). Consultado em 13 out. 2005 – 20:00.

<sup>851</sup> SANCHES NETO, Miguel. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 7 jan. 2006.

posição: Raduan Nassar, João Gilberto Noll, Fernando Monteiro, Dalton Trevisan estão entre os mais importantes. A eles se deve juntar, obrigatoriamente, e em posição destacada, o nome de Snege<sup>852</sup>.

A partir daí, Castello segue explicando o modo como cada um dos escritores citados teria não apenas um olhar, mas também uma postura crítica com relação ao mercado editorial. Chega, por fim, a Jamil Snege:

E, diante deles, o que fez Jamil Snege? Na resposta mais direta de todas, na mais clara e brutal, simplesmente escreveu, continuou a escrever, e a publicar, e a dar entrevistas e a aparecer como faz qualquer escritor comum, recusando, porém, qualquer tipo de parceria com o mercado editorial. Como um adolescente receoso, Jamil editou seus livros sempre pagando a publicação do próprio bolso, em edições precárias e pessoais, ou através da pequena (hoje já nem tanto) editora de seu amigo mais próximo, quase irmão, o jornalista Fábio Campana, da Travessa dos Editores. (...)

Ao recusar tanto as regras, quanto as regalias do mercado, Snege optou pelo precário, o limitado, o pessoal, o intransferível e também inconfundível que marca o livro “de autor”. Não só suas narrativas são ímpares e inconfundíveis. Não só o “conteúdo” é intrigante e inesperado, mas também o objeto, ou mercadoria, isto é, o produto livro, em seu caso, faz o mesmo jogo de aparecer e desaparecer, existir mas não existir, repetindo a mesma estratégia que caracteriza sua literatura. Produto? Provavelmente esta denominação não dá conta dos livros que Jamil Snege escreveu. **Não produto, como um fogão, ou uma calculadora, mas reduto** – em vez de um objeto, manipulável e negociável, um lugar que Jamil construiu para se abrigar e se esconder. Um lugar chamado literatura. (...)

Agora que Jamil Snege morreu, e que está escondido para sempre, talvez possamos entendê-lo um pouco melhor. **Não mais atribuir essa estratégia, como tantos fizeram, a uma questão de temperamento, a uma mania de tímido, ou até a uma rabugice pessoal.** Mas tomá-lo como uma interpretação – radical e ensurdecadora – a respeito daquilo que todos nós que continuamos a escrever estamos realmente fazendo [grifos meus]<sup>853</sup>.

O termo “cultuado” pode ser, assim, uma visão um tanto particular. Mas, certamente, *respeitado*. Jamil Snege – apesar do recado contido em suas crônicas e textos a respeito da impiedosa capital paranaense – *não seria* exatamente um caso de invisibilidade em Curitiba. A começar pelas diversas gerações de escritores por ele inspirados, como conta Aroldo Murá G. Haygert. “Verdadeira vocação para guru (...). Passaria a ser observado, suas palavras repetidas, seus escritos pontificando, de início agrupando quatro ou cinco jovens como ele, uma *intelligentsia local* muito seleta, depois ganhando críticos-devotos, como Leo Gilson Ribeiro, em São Paulo”, comenta em “Jamil Snege, criador e criatura de um itinerário *nonsense*”<sup>854</sup>.

<sup>852</sup> CASTELLO, José. Jamil, analista do mercado. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 38, p. 5, jun. 2003.

<sup>853</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>854</sup> HAYGERT, Aroldo Murá G. Jamil Snege, criador e criatura de um itinerário *nonsense* ou de como recordar do Turco em dezoito mil caracteres. *Idéias*, Curitiba, Travessa dos Editores, n. 11, maio de 2004, p. 54-61. | p. 57.

Pois Jamil Snege inspirou desde escritores hoje reconhecidos e premiados como Cristovão Tezza – “O Jamil teve uma importância grande na minha formação. No final dos anos 60, nos meus 15, 16 anos, comecei a conviver com uma geração de intelectuais de Curitiba (...). Desde cedo o Jamil se interessou pelo que eu escrevia e ficamos amigos, conversando bastante sobre literatura. (...)”<sup>855</sup> – até as novas gerações da literatura paranaense, como Fernando Koproski, autor da crônica “Como tornar-se azul em Curitiba”<sup>856</sup>.

No título, o texto de Koproski dialoga com a crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba”, de Snege. O ponto onde Koproski se distancia de Snege é aquele que também os aproxima: uma visão muito pessoal da cidade que os abriga. Vejamos um trecho da crônica de Koproski, que tende mais ao lirismo que à ironia cortante de Jamil Snege:

Como escrever o que essa cidade me significa, escrever o que me torna azul em Curitiba? Seria fácil falar do descaso que há com diversas formas de autenticidade chamadas amor, beleza ou verdade no que nos procura a poesia nessa cidade.

Seria fácil falar dos céus cinzas que me comprimem dia após dia, espécie de eterno e imperecível teto baixo a céu aberto que me inquieta e aquieta, pois às vezes parece ser o único a entender esse dicionário de distâncias e faltas que se chama tudo o que sinto.

(...)

Sim, isso tudo seria fácil falar. Mas não agora. Curitiba apenas senta à minha frente e fica. Não precisa dizer mais nada. Um só olhar nesse seu olhar, e meus azuis mais precários se reconhecem. Agora sim, pode falar baixinho, que sou todo ouvidos. De silêncio em silêncio, quem sabe, a gente ainda significa.<sup>857</sup>

Snege provocador, mas também inspirador. Pelo texto de Koproski, percebemos uma motivação não de bases estéticas ou de apresentação da cidade. Muito pelo contrário. O diálogo com o trabalho do escritor está, antes de tudo, na busca e expressão de um olhar diferente sobre Curitiba, afastado do discurso oficial e próximo de um *viver particular*.

Inspiração também para o dia-a-dia, para além do circuito literário. “É um escritor do Paraná e as pessoas do Estado não têm acesso a ele”, comenta o livreiro que se identifica como João Maosky, comerciante de livros usados na feira de domingo realizada no Largo da Ordem, em Curitiba. Ele conta que tem

<sup>855</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

<sup>856</sup> KOPROSKI, Fernando. *Como tornar-se azul em Curitiba*. Curitiba: Kafka Edições Baratas, inverno 2004. p. 3-5. | A primeira publicação desse texto foi na *Gazeta do Povo*, segundo texto no *blog* Micropolis divulgando o lançamento dos livros de Fernando Koproski e Paulo Sandrini em setembro de 2004. | MAK, mak. Lançamento. *Micropolis (blog)*, 1º set. 2004.

Disponível na internet: [www.micropolis.weblogger.terra.com.br](http://www.micropolis.weblogger.terra.com.br). Consultado em 26 dez. 2005 – 14:20.

<sup>857</sup> KOPROSKI, Fernando. *op. cit.*, p. 3-5.

guardado um exemplar de *Como eu se fiz por si mesmo*, e que *esse não está à venda*. “Eu tinha o livro. Então abri na primeira página e li ‘nasci antes os pés’<sup>858</sup>. Quando vi essa frase, pensei: esse cara tem algo a dizer.... Vira e mexe dou uma lida no livro porque ele [Jamil Snege] tem um jeito interessante de escrever. É a interação – uma parte é o escritor, a outra o leitor. O livro dele faz isso”<sup>859</sup>, explica.

Que interação seria essa de que fala nosso livreiro? Viria do texto curto, do trabalho instigante com a linguagem – “E tem também o título: *Como eu se fiz por si mesmo*, que é uma questão gramatical”<sup>860</sup> –, da ligação com o cotidiano? Como se aproximava Snege, tanto do universo literário quanto da população da cidade? “Um dos motivos de Jamil Snege escrever é que ele não aceita as situações como elas se apresentam”, arrisca Marcio Renato dos Santos no texto “Luzes da cidade”<sup>861</sup>, a respeito do lançamento de *Os verões da grande leitoa branca*. “Munido de um texto ágil, o autor cria enredos abordando a condição humana e suas conseqüências. Não é possível negar: estamos todos nas páginas e no imaginário de Jamil Snege”, conclui.

De onde retornamos à crônica e ao nosso *flâneur-voyant* Jamil Snege que, como vimos, se baseia no cotidiano, no que observa do dia-a-dia e nas notícias, para escrever sua literatura. Antes de tudo, pode-se ter em Jamil Snege a figura do cronista, independentemente do gênero literário de uma ou outra obra sua, sempre disposto a perceber o insólito e o absurdo das situações mais comuns da vida diária. É aí, como vimos, que também se encontra com o local, com a *sua* Curitiba.

Com relação às crônicas, Miguel Sanches Neto reforça a proximidade de Snege com os veículos de comunicação. “Ele era muito atento aos temas dos jornais. Lia a seção de cartas para saber quais eram as preocupações dos leitores da Gazeta. Isso apontava temas para ele”, revela. A inspiração nas notícias rendeu a Snege belas crônicas, como “O amor de um homem por outro”,

---

<sup>858</sup> Segue a totalidade do Capítulo 1 de *Como eu se fiz por si mesmo*: “Nasci antes os pés, enforcado pelo cordão umbilical. Uma santa tesoura, manejada por minha avó, libertou o quase defuntinho. Roxo foi minha cor inaugural. Uma noite gelada de julho acolheu meu primeiro e desesperado vagido. De lá para cá, tenho convivido sem problemas com tesouras e geadas. Mas, certas noites, ainda ouço aquele meu grito – notadamente no inverno”. | SNEGE, Jamil. *Como eu se fiz por si mesmo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994, p. 7.

<sup>859</sup> MAOSKY, João. Depoimento informal concedido à autora. Curitiba, 27 nov. 2005.

<sup>860</sup> *Ibid.*

<sup>861</sup> SANTOS, Marcio Renato dos. Luzes da cidade. *Jornal do Estado*, Curitiba, 11 maio 2000. p. d3.

publicada em 25 de novembro de 2001, a respeito dos conflitos no Oriente Médio, mais especificamente, no Afeganistão:

Imagino que Ismail e Abdul tenham crescido juntos numa pequena aldeia a leste de Bamyian (sic) e celebrado ritos de amizade entre carcaças de tanques soviéticos e casas derruídas. (...)

Quando se tornaram homens – e isso ocorreu aos treze, quatorze anos –, a aldeia ficou pequena e nem a cidade de Bamyian (sic), distante poucas léguas, era suficientemente grande para seus sonhos. O tadjique Ismail rumou para o norte, o pashtu Abdul rumou para o sul. Suas etnias de origem, que os irmanaram na infância pobre e errante, apontavam agora direções opostas. (...)

Até que o céu se tingiu de presságios e veio a guerra. (...)

Foi durante uma dessas pilhagens que Ismail julgou ver, por trás de uma espessa barba e de um rosto enegrecido de fuligem, os olhos de Abdul. Aproximou-se do prisioneiro e olhou-o bem de perto. (...)

Ismail exigiu-o para si, como se fosse um ajuste de contas ou uma jurada vingança, e afastaram-se por entre nuvens de fumaça. Abdul arrastava a perna esquerda e seu pé estava empapado de sangue. Pararam junto a um jumento morto. Sobre o que falaram nunca se saberá. (...).

Mas a circunstância exigia que a conversa saísse do poço das lembranças pessoais e emergisse na paisagem dura da guerra.

– Chegou o inverno – observou Abdul, voltando o rosto para a cordilheira.

– Já está nevando nas montanhas – completou Ismail, e só então ergueu o cano de seu fuzil Kalashnikov em direção à têmpora do amigo.<sup>862</sup>

Estamos então em plena ressaca pós-ataques de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos. Como reação, os americanos haviam atacado o Afeganistão agravando uma situação histórica de disputas étnicas naquele país. O tema da crônica, de amizades feitas entre pessoas de etnias diferentes, que depois têm de se enfrentar, já foi tratado também em textos de outros autores e mesmo no cinema, mas o que se destaca aqui é a habilidade com que Snege une lirismo, a começar pelo título, e ficção a uma série de aspectos críticos, como os próprios conflitos étnicos e o contrabando de armas russas como um forte alimentador das guerras. Tudo no breve espaço da crônica.

Às vezes, no entanto, Snege se adiantava às cartas e às notícias do jornal e o tema das crônicas poderia resultar da conversa com um habitante da cidade. Foi o caso de “Margarita e o ladrão”, publicada no dia 15 de abril de 2001. Nessa crônica, Snege relata o roubo sofrido por Margarita Wasserman, que acordou com o ladrão em seu quarto, abrindo o guarda-roupas.

O ladrão escalou um muro lateral, subiu na marquise do prédio vizinho e de lá esticou os braços em direção ao parapeito da janela entreaberta. Quando sentiu suas mãos bem firmes, abandonou os pés no ar e com um movimento de meio pêndulo projetou o corpo

<sup>862</sup> SNEGE, Jamil. O amor de um homem por outro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 nov. 2001. Caderno G, p. 2.

para o alto. Fez um ruído ao entrar – o joelho resvalou no parapeito –, mas ninguém ouviu; e se ouviu, julgou que sonhava. À pequena luz das cinco e pouco da manhã, o ladrão distinguiu uma cama e, diante dela, o guarda-roupa.

Margarita acordou com o rangido da porta do guarda-roupa e foi ao rangido que perguntou – “Quem está aí?” – pois não acreditava que estava vendo uma pessoa. O ladrão respondeu com uma leve emissão de ar por entre os dentes, baixa e prolongada, que Margarita interpretou mais como um apelo cúmplice do que como uma ameaça. Pelo menos é gentil, pensou, e estranhamente tranqüila pôs-se a observar o vulto impreciso (...).

Parecia bem-vestido, o ladrão. (...) Escolheu cinco ou seis anéis, um par de brincos, um relógio Technos pelo qual Margarita confessava-se apaixonada, e, assim como os embolsou com a maior naturalidade, devolveu à caixinha um broche de ouro gravado com o nome de Noemi.

Noemi, a filha, (...) só soube da visita do ladrão quando o sol já projetava na parede oposta o rendilhado da cortina. “Por que você não gritou, mãe?” (...).

Margarita, ainda na cama, pensou durante uns quinze segundos. Ia dizer – “Porque ele poderia me matar” –, mas não disse nada. Precisava se poupar. Foram três entrevistas naquela semana.<sup>863</sup>

Sim, o cronista Jamil Sene também fala da violência urbana em suas crônicas. A partir do acontecido com Margarita, imagina como o ladrão entrou em seu quarto e como foi a interação entre os dois. Assim como trata de humanizar a personagem Margarita, descrevendo o quarto e as coisas de que gostava, tem o cuidado de humanizar também o intruso, contando da devolução do broche. A violência faz duas vítimas, temos impressão ao ler a crônica, o ladrão e a pessoa roubada.

O texto, apesar de falar da falta de segurança na cidade, é suave, mas chega à conclusão: vítima ou não, a verdade é que tudo poderia terminar em mais uma morte urbana. Essa crônica é exemplo também do modo como o factual e o ficcional se mesclam nesse gênero híbrido. Paralelamente, no mesmo domingo em que o texto foi publicado, saiu na seção de cartas do jornal o relato de Margarita Wasserman a respeito do ocorrido:

Seis horas da manhã. O dia ainda estava clareando. O ruído de uma porta do meu guarda-roupa me despertou. Me sentia muito cansada, pois só havia conseguido adormecer por volta das duas horas. Julguei que fosse minha filha procurando uma toalha de banho. Abri os olhos e deparei com um rapaz estranho dentro do meu quarto, me encarando. Zangada e absurdamente calma, apenas perguntei o que ele queria e pedi que se retirasse. Ele fez um sinal pedindo silêncio, e saiu como entrou: pela janela. Nosso apartamento fica no segundo andar. Ele havia, de alguma maneira, escalado a parede. O prejuízo material não foi muito grande. O que mais senti foi a falta de um relógio comprado no mês de janeiro passado. Sei que esse tipo de surpresa não foi só privilégio meu. Tem acontecido com bastante frequência aqui em Curitiba. Estes assaltantes são verdadeiros “homens-aranha” (...). A que atribuir esta situação? Será a falta de emprego? A necessidade de ter o dinheiro para comprar drogas? Estes jovens arriscam a própria vida para conseguirem o que querem, e muitas vezes usam a violência. Eu tive sorte. Não sei,

<sup>863</sup> SNEGE, Jamil. Margarita e o ladrão. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 abr. 2001. Caderno G, p. 2.

não faço a menor idéia do que pode ser feito para mudar esta situação. Só posso dizer que este tipo de experiência traumatiza e muito.<sup>864</sup>

Como se vê, a narrativa de Margarita, que foi quem sofreu o roubo, é mais objetiva e, de certo modo, também mais dura, menos romanceada, que a do cronista. As informações são parecidas, a queixa contra a violência está registrada, mas os meios de se fazer isso são diferentes. Snege conta uma história, Margarita narra o que lhe aconteceu.

Essa crônica é também a primeira apresentação de uma das “meninas-esritoras” de Snege, de quem já tratamos neste trabalho nos capítulos anteriores. Antes de iniciar a narrativa da entrada do ladrão na casa de Margarita, o cronista faz a seguinte introdução:

Foram três entrevistas naquela semana. Margarita Wasserman estava exausta. Não pelas entrevistas em si (...). Há uma idade certa para a fama, ela admitiu, ao mesmo tempo que reconhecia já ter passado muito daquela idade. Era o seu quinto livro publicado. De uma carreira iniciada aos 66 anos, quando descobriu, deslumbrada, que as histórias impressas na memória podiam ser transcritas para o papel. (...) <sup>865</sup>

O tema das meninas-esritoras, chamadas pelo jornalista José Carlos Fernandes de “as três graças do Jamil”<sup>866</sup>, é mais uma das facetas locais de Jamil Snege, reforçando também seu interesse pela produção editorial paranaense. Tal relação evidencia o tom de conversa ao pé do ouvido, de coisas da cidade, da crônica, em especial sob essa ótica de Jamil Snege. Além da carta de Margarita comentando os escritos do cronista, que já vimos ao longo deste trabalho, ela também escreveu para comentar o falecimento de seu protetor:

Pedi tanto para que o Senhor do Universo, Deus, Alá, Jeová, Adonai, seja lá qual o nome a Ele dado pelos homens, não levasse o meu amigo, mas as cartas estavam marcadas. Já sinto saudade do teu abraço, do teu sorriso, da paciência com que sempre fui atendida. Das opiniões e conselhos. Dos bate-papos pelo telefone, quando eu lia os teus livros ou a crônica quinzenal no Caderno G. As lágrimas contidas e, de repente, senti-me envolvida por uma aragem gelada! Não consegui definir bem o que foi aquilo. Não sou forte como a

<sup>864</sup> WASSERMAN, Margarita. Fugir! Pra onde? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 abr. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 17.

<sup>865</sup> SNEGE, Jamil. Margarita e o ladrão. *op. cit.*, p. 2.

<sup>866</sup> FERNANDES, José Carlos. As três graças do Jamil. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 maio 2003. Caderno G. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

Liamir e nem racional como a Vera [as outras duas “graças de Jamil”], mas nós três sentiremos tua falta, amigo Jamil.<sup>867</sup>

Amizade que, pelo visto, surgiu do jornal. “[Margarita] recortou uma foto dele [Jamil Snege] de uma página de jornal e guardou-a na estante. Até que o reconheceu num lançamento de livro na Guignone (sic) – Viver é Prejudicial à Saúde, de 1998. Partiu para o ataque. Foi amor à primeira vista”, conta José Carlos Fernandes na reportagem “As três graças do Jamil”<sup>868</sup>. Mais local, mais crônica, impossível.

## CIDADE DE CADA UM

É também em sua coluna no Caderno G que Jamil Snege apresenta um de seus textos, aparentemente, mais insólitos: “A execução de Carl E. Jones, Texas”. Divulgada no jornal em 14 de fevereiro de 1998, a crônica foi republicada, em roupagem de conto, no volume *Os verões da grande leitoa branca*, com o título de “Sorriso nos lábios”<sup>869</sup> e narra, quase minuto a minuto, o último dia de um condenado à morte. As versões do livro e do jornal são praticamente iguais, a não ser pelo título. Sigamos à versão do jornal:

As últimas horas de Carl E. Jones, executado com uma injeção letal na penitenciária de Huntsville, Texas, na última quarta-feira, transcorreram mais ou menos assim:

5 horas – foi despertado 45 minutos antes do habitual. Revoltado, recusou o desjejum (pão preto, fatias de bacon, café com creme e mingau de aveia) e voltou a dormir.

6 horas – recebeu muda de roupa limpa, mas não quis tomar banho. Limitou-se a enxaguar o rosto com água fria e pentear os cabelos.

6h14 – recusou assistir ao noticiário matinal pela tevê, sob alegação de que a apresentadora se parecia intoleravelmente com um travesti que conhecera no Arkansas. Soube do pedido de clemência do papa pelos guardas da prisão.

6h27 – pediu papel e lápis, mas nada escreveu. Fitou demoradamente o teto, depois desenhou algo semelhante a um pássaro, amassou e jogou no lixo.

(...)

8h11 – recebeu a visita do pai, da mãe e da primeira namorada, que veio especialmente da Carolina do Norte. As visitas permaneceram numa cela ao lado, sem qualquer contato físico.

8h27 – aceitou um refrigerante e um pedaço de torta de maçã, que a ex-namorada trouxera numa bolsa térmica. Sempre odiou torta de maçã, mas não quis decepcionar a moça.

<sup>867</sup> WASSERMAN, Margarita. Adeus, amigo! *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 9.

<sup>868</sup> FERNANDES, José Carlos. *op. cit.*

<sup>869</sup> SNEGE, Jamil. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000. p. 49-53.



10h26 – leu uma passagem da bíblia (Philippians 4:6,7), por insistência do pai. A mãe, cantora da igreja metodista, entou a seguir um louvor. Carl E. Jones chorou pela primeira vez.

11h54 – a namorada e os pais de Carl colocaram as mãos na parede da cela em sinal de adeus.

11h55 – Carl E. Jones chorou pela segunda vez.

12h – fim das visitas.

(...)

Até às 18 horas – aguardou com ansiedade o resultado do recurso apresentado ao Supremo Tribunal, pedindo o indulto da pena. O pastor ainda atendeu a uma chamada telefônica, mas era apenas sua esposa avisando que não havia mais pasta de amendoim em casa.

(...)

18h55 – o pastor falou à imprensa que o condenado entregou-se a Jesus e expirou com um sorriso nos lábios. O diretor do laboratório declarou que esses esgares são comuns, uma espécie de espasmo nervoso depois que a droga espalha-se pela corrente sanguínea.<sup>870</sup>

Republicado dois anos depois na coletânea *Os verões...* – deslocado assim de seu contexto cotidiano – esse texto, agora com o título de “Sorriso nos lábios”, mereceu o seguinte comentário do jornalista Reynaldo Damazio na revista *Cult*:

**Snege não opera com alegorias**, tampouco embarca em mundos fantásticos, **mas pega a realidade por ângulos inesperados e, às vezes, chega a um realismo extremado**, levando ao limite o próprio conceito de realismo. (...) As situações são todas plausíveis; as personagens facilmente localizáveis em bares, esquinas, praças ou escondidas na “segurança do lar”. Não é preciso inventar o absurdo, basta olhar em volta, seria um bordão aceitável para o raciocínio que está em jogo aqui. O absurdo não está no avesso, mas é a face mais evidente do real.

No **conto** “Sorriso nos lábios”, a apresentação do último dia de um condenado à pena de morte, hora a hora, como num diário, é tão esquisita em sua precisão documental e jornalística que ficamos chocados. Os detalhes geram um mal-estar insuportável, um sentimento de estupidez profunda. No final, o impacto dessa narrativa assustadora se potencializa com o confronto entre as interpretações religiosa e médica sobre o derradeiro sorriso do morto. Seria o sorriso resultante da fé ou de um espasmo? Para o mundo real e sua temporalidade artificial, tanto faz. Para a ficção, o intervalo que se estabelece com a hesitação entre a crença e a ciência, descontextualizando o fato brutal que acaba de consumir-se, redireciona a trajetória dramática dos momentos finais da vida de um homem condenado a morrer pela justiça dos homens [grifos meus].<sup>871</sup>

Se, tido como *conto*, tal texto foi capaz de motivar tão forte sentimento de inquietação, imagine para o leitor que vinha acompanhando as páginas dos jornais naqueles meses iniciais de 1998. Nove dias antes da crônica de Snege, esse leitor viu na quinta-feira, 5 de fevereiro, a seguinte notícia: “Antes de morrer

<sup>870</sup> SNEGE, Jamil. A execução de Carl E. Jones, Texas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 fev. 1998. Caderno G, p. 6.

<sup>871</sup> DAMAZIO, Reynaldo. O realismo absurdo. *Revista Cult*, São Paulo, ano 4, n. 46, p. 34-35, maio 2001. p. 34-35.

declara: 'Amo todos vocês'<sup>872</sup>, correlata da reportagem principal da página 19 do caderno Internacional da *Gazeta do Povo*, "Europa condena execução de Karla"<sup>873</sup>. Pois se Damazio afirma, como vimos, que Jamil Snege leva a realidade ao extremo, esse texto pode ser um exemplo dos mais adequados. "A execução de Carl E. Jones, Texas", ou "Sorriso nos lábios", segue o mesmo roteiro, quase linha por linha, da notícia "Antes de morrer declara: 'Amo todos vocês'".

## Antes de morrer declara: "Amo todos vocês"

**Hunstville, EUA (AFP)** — Antes de ser executada anteontem à noite com uma injeção letal na penitenciária de Hunstville (Texas), Karla Faye Tucker leu uma declaração a seus familiares e aos de suas vítimas, quando já estava amarrada à mesa na sala da morte.

"Sim, senhor", disse quando lhe perguntaram se tinha algo a dizer.

"Queria dizer a todos, à família Thornton e à de Jerry Dean (as famílias do casal que ela matou a picaretadas em 1983), que realmente sinto muito. Espero que Deus lhes dê paz. Baby, amo você. Ron, de um abraço em Peggy por mim. Todos foram muito gentis comigo. Amo todos vocês. Agora, estarei com Jesus. Obrigada a todos. Vocês foram muito bons comigo. Os amo muito. Verei vocês quando chegarem lá. Estarei esperando", disse, lendo o texto escrito em letras grandes e irregulares, cuja cópia foi passada depois à imprensa.

Treze pessoas, entre elas dois parentes de Karla, três familiares das vítimas e cinco jornalistas, presenciaram a execução.

Seu marido Dana Brown fez uma declaração rápida após a execução. Segundo ele, a morte da esposa é "a prova de que o sistema deve mudar".

Pouco depois do entardecer, na antiga prisão do centro de Hunstville, Karla, de 38 anos, foi amarrada a uma mesa na sala da morte e recebeu uma injeção em cada braço. Oito minutos depois, foi declarada morta, oficialmente às 18h45 locais (22h45 de Brasília).

Karla usava a tradicional roupa branca dos condenados à morte no Texas.

Em nenhum momento perdeu o sorriso, informaram os cinco jornalistas que também presenciaram sua execução.

As últimas horas de Karla Faye Tucker, segundo relatos das autoridades penitenciárias:

**Terça-feira, dia 3**

**3h (hora local)** — não quis fazer o desjejum e voltou a dormir;

**6h00** — recebeu roupa limpa, mas não quis tomar banho;

**6h14** — não quis ver o noticiário na televisão;

**6h27** — escreveu;

**7h40** — conversou por telefone com seu advogado;

**8h10** — bebeu um copo de água e leu a Bíblia;

**8h11** — recebeu a visita do marido, do pai e da irmã (na cela vizinha à sua, sem contato físico);

**8h27** — aceitou um refrigerante e uns biscoitos de seu marido e

reconheceu estar enfraquecida por não ter comido nada na segunda-feira;

**10h20** — leu a Bíblia para sua família;

**11h50** — seu marido Dana Brown cantou um louvor;

**11h54** — Karla chorou pela primeira vez;

**11h55** — Karla e os parentes colocaram as mãos na parede que os separava para dizer adeus;

**12h00** fim das visitas;

**12h10** — não quis almoçar ao meio-dia;

**12h12 às 12h15** — seus pertences foram registrados e empacotados;

**12h26** — orou com o pastor da prisão;

**13h03** — foi levada para a câmara da morte, celas vizinhas à sala de sala de execução. Visitas não são mais permitidas.

**Por volta das 15h** — Recusou a última refeição (salada, pêssego e banana) — Espera os resultados dos recursos apresentados ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que os rejeita.

**18h10** — a prisão anunciou que iria começar a execução;

**18h45** — anunciou-se a morte de Karla depois de suas últimas palavras: "Amo todos vocês".

**Ilustração 12 – Antes de morrer declara: "Amo todos vocês" | *Gazeta do Povo***

<sup>872</sup> GAZETA DO POVO (AFP). Antes de morrer declara: "Amo todos vocês". Curitiba, 5 fev. 1998. Internacional, p. 19.

<sup>873</sup> GAZETA DO POVO (AE-Reuters). Europa condena execução de Karla. Curitiba, 5 fev. 1998. Internacional, p. 19.

Essa reportagem fornece a Snege todas as informações que ele utiliza posteriormente na crônica, assim como o formato de “agenda” com que o último dia da condenada Karla Faye Tucker é noticiado (veja texto completo no volume anexo):

**Hunstville, EUA (AFP)** – Antes de ser executada anteontem à noite com uma injeção letal na penitenciária de Hunstville (Texas), Karla Faye Tucker leu uma declaração a seus familiares e aos de suas vítimas, quando já estava amarrada à mesa na sala da morte.

(...)

Treze pessoas, entre elas dois parentes de Karla, três familiares das vítimas e cinco jornalistas, presenciaram a execução.

(...)

Pouco depois do entardecer, na antiga prisão do centro do Hunstville, Karla, de 38 anos, foi amarrada a uma mesa na sala da morte e recebeu uma injeção em cada braço. Oito minutos depois, foi declarada morta, oficialmente às 18h45 locais (22h45 de Brasília).

(...)

Em nenhum momento perdeu o sorriso, informaram os cinco jornalistas que também presenciaram sua execução.

As últimas horas de Karla Faye Tucker, segundo relatos das autoridades penitenciárias:

**Terça-feira dia 3**

**3h (hora local)** – não quis fazer o jejum e voltou a dormir;

**6h00** – recebeu roupa limpa, mas não quis tomar banho;

(...)

**10h20** – leu a Bíblia para sua família;

**11h50** – seu marido Dana Brown cantou um louvor;

**11h54** – Karla chorou pela primeira vez;

(...)<sup>874</sup>

A execução de Karla Tucker teve um fator a mais, além do cumprimento da sentença, que motivou tanta repercussão: ela foi a primeira mulher executada no Texas desde a Guerra Civil americana, informa a notícia da *Gazeta do Povo* “Karla é executada no Texas”<sup>875</sup>, de 4 de fevereiro de 1998. Curioso que, no dia seguinte, 5 de fevereiro, a chamada de capa do jornal a respeito da execução atrai os leitores não para a repercussão internacional do cumprimento da pena de morte, mas justamente para a notícia da “agenda” da condenada, como podemos ver pela manchete: “Execução de Karla Tucker seguiu ritual meticuloso”<sup>876</sup>.

Como se vê, o absurdo de tratar um ser humano como um objeto ou uma experiência em observação está todo ali, no cotidiano da notícia jornalística. O cronista Jamil Snege, ao perceber o insólito do que acontecia *de fato*, transporta tal caso para o mundo ficcional, utilizando as mesmas situações descritas, mas humanizando o personagem, imaginando como se sentia, por exemplo, ao ser

<sup>874</sup> GAZETA DO POVO. Antes de morrer declara: “Amo todos vocês”. *op. cit.*, p. 19.

<sup>875</sup> GAZETA DO POVO. Karla é executada no Texas. Curitiba, 4 fev. 1998. Internacional, p. 21.

<sup>876</sup> GAZETA DO POVO. Execução de Karla Tucker seguiu ritual meticuloso. Curitiba, 5 fev. 1998. Capa, p. 1.

acordado muito cedo em seu último dia de vida (!) ou, talvez, que trecho da Bíblia poderia ter lido<sup>877</sup>.

Comprova-se assim a forte influência do noticiário, muitas vezes local, na composição das crônicas. Como afirma Cristovão Tezza em entrevista para este trabalho, “acho que a palavra-chave é jornalismo – parece-me que o jornal é o veículo por excelência da crônica, o espaço literário do cotidiano. E, por extensão, sim, a crônica é um gênero urbano”.

Por outro lado, poderia ser essa mesma alimentação da crônica no cotidiano a responsável por dar mais durabilidade aos textos do que imaginado inicialmente – mesmo quando tirados de contexto, como nesse caso de “A execução de Carl E. Jones”. Talvez a chocante realidade da observação diária conceda aos textos a verossimilhança necessária para que pareçam ser inventados, ficção bem-feita para ilustrar os dramas humanos ao leitor.

E não é preciso ir tão longe. As crônicas lidas no volume *Como tornar-se invisível em Curitiba*<sup>878</sup>, sem referencial de data ou contextualização factual, têm um sabor diferente dos mesmos textos lidos nas páginas do jornal, por conta de diagramação, referência de data, a possibilidade de buscar cartas para verificar uma possível repercussão, de buscar notícias que possam ter inspirado o texto ou de deixar-se levar pelo diálogo entre a crônica e sua ilustração. São elementos diferentes a serem levados em conta e valorizados.

No jornal, a sensação de que o texto está colado a algum acontecimento aproxima mais a leitura, também, de certo interesse histórico, provocando de quando em quando a pergunta: *por que ele está escrevendo sobre isso? Será que estava acontecendo algo relacionado a esse assunto?* O interesse factual pela observação dos hábitos e comportamentos nos períodos relativos aos textos é despertado. No livro, inevitavelmente, como vimos no exemplo de “A execução...”, tende-se a valorizar os aspectos da criação da narrativa, das situações e dos personagens e como eles se relacionam com as estratégias estéticas utilizadas pelo autor.

---

<sup>877</sup> A notícia reproduzida na *Gazeta do Povo* não faz referência a nenhum livro bíblico. O trecho referido por Jamil Sene pertence à Epístola de São Paulo aos Filipenses e diz: “6 Não tenhais cuidado de coisa alguma: mas com muita oração e rogos, com ação de graças sejam manifestas as vossas petições diante de Deus. 7 E a paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento, guarde os vossos corações, e os vossos sentimentos em Jesus Cristo”. [Epístola de São Paulo aos Filipenses 4:6-7]. | Bíblia. N. T. Epístola de São Paulo aos Filipenses. Português. Bíblia sagrada. Reed. versão de Antonio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1980, p. 1042.

Porém, na transferência de suporte, perde-se o referencial histórico, mas não a conectividade com o jornal. Essa é uma das considerações a que podemos chegar nas páginas finais deste trabalho, após confrontar os textos especialmente de Jamil Sene na *Gazeta do Povo*, na coletânea de crônicas e nos demais livros publicados pelo autor. Tal consideração se embasa ainda nas reflexões de Massaud Moisés em *A criação literária*. “Por outro lado, mesmo as crônicas bem conseguidas não fogem ao destino que lhe assinala, desde o nascimento, a ser criação breve e leve. (...) Ainda quando em livro, a crônica jamais rompe sua vinculação com o jornal: o signo da origem marca-lhe o rosto bifronte qualquer que seja o espaço físico que ocupe”<sup>879</sup>, defende ele.

De fato, no caso de “A execução de Carl E. Jones”, a oportunidade de identificar sua fonte original se perde, especialmente em um contexto como o da publicação em um livro caracterizado por contos, mas, mesmo assim, Reynaldo Damazio acentua o caráter chocantemente real do texto na análise que vimos há pouco. Uma mostra de que o vínculo com o cotidiano permanece nos textos construídos para o jornal.

Massaud Moisés, porém, é um tanto cético com relação ao efeito das crônicas publicadas em livro: “Admitamos, contudo, que o envoltório do livro funcione como unguento preservador da total decomposição, e lá teremos, ao fim de tudo, a mumificação, que significa uma enganosa e falsa vitória sobre o poder implacável das horas”<sup>880</sup>. O sucesso recente da crônica, notado pelo jornalista José Castello no artigo “O caminho dos escritores é feito de escombros, balizas envergadas e destroços”<sup>881</sup>, já citado neste trabalho, e enfatizado por escritores que se fizeram nesse gênero, como Luis Fernando Verissimo, no entanto, não deixa de apontar um outro rumo, em que a crônica escrita para o jornal encontra permanência e atrativos também em livro.

Nesse sentido, talvez, Jamil Sene publicou suas crônicas no volume *Como tornar-se invisível em Curitiba* sem data original e em ordem diferente daquela da publicação na *Gazeta do Povo*, cortando os vínculos mais fortes com a presença dos textos no jornal. “O livro é uma entidade autônoma; um livro de

---

<sup>878</sup> SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000.

<sup>879</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9 ed. revista e aumentada. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1979. p. 250.

<sup>880</sup> *Ibid.*, p. 257.

crônicas acaba sempre por se comportar ‘como livro’, isto é, como um conjunto de textos destacados da vida cotidiana das páginas do jornal”, analisa o escritor Cristovão Tezza. “Mesmo que o tema da crônica seja bastante datado, quando a lemos num livro parece que ela ganha um toque de transcendência e de permanência, se tiver qualidade para tanto. Não acho que descaracterize o gênero; talvez lhe dê uma solidez, se for boa, que a página do jornal não comporta”<sup>882</sup>, defende.

Também Miguel Sanches Neto acredita que a omissão da data é uma escolha eficiente quando se planeja privilegiar o caráter literário desse gênero híbrido. “Eu sou favorável a não pôr data em crônicas reunidas em livro quando a intenção é que o livro se sustente por si só, que não seja apenas o documento de um período. A mudança da ordem é outra questão importante. Organiza-se um volume segundo um ritmo de leitura. Claro, ganha-se literariamente assim e perde-se o caráter epocal”, pondera.

O objetivo da publicação sem referência de data tanto de *Como tornar-se invisível em Curitiba*, quanto de *Alma de Bicho* e *Riachuelo*, 266, segundo o cronista Roberto Gomes, também diretor da Criar Edições, editora que publicou as três coletâneas, revela que a idéia era mesmo de privilegiar o caráter literário dos textos selecionados.

As crônicas, no livro, perdem a ligação com a data em que foram escritas ou publicadas. É o que se espera. Quando organizamos estas edições procuramos escolher os textos que tivessem maior permanência entre as publicadas até então. E demos alguma preferência àquelas que falavam de Curitiba, temperando com outras que nada tinham a ver com a cidade. (...) <sup>883</sup>

De fato, em uma análise como a que embasou este trabalho, a ausência de data no livro que reuniu os textos de Snege entre 1997 e 2000 comprometeria algumas das análises possíveis, historicamente, caso não se houvesse optado por buscar os textos originais no jornal. Mas o interesse do cronista foi claramente por privilegiar aspectos estéticos, tanto que nem todos os temas são, assim, tão fortemente ligados ao universo local. Na coletânea, apesar da crônica-título, das 25 crônicas publicadas, apenas quatro ou cinco têm Curitiba como tema. As demais se referem à cidade, implícita ou explicitamente, mas trazem também

<sup>881</sup> CASTELLO, José. O caminho dos escritores é feito de escombros, balizas envergadas e destroços. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 41, p. 19, set. 2003. | Cf. Capítulo 1, pg. 63-64.

<sup>882</sup> TEZZA, Cristovão. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006.

outros focos de interesse. Por outro lado, é essa opção que permite, por exemplo, que um texto como “A execução de Carl E. Jones”, como vimos, mais do que inspirado no cotidiano, e uma composição como “Sob um céu de tempestade”<sup>884</sup>, tão colada ao local, sejam republicados em um volume caracterizado por contos, como é o caso de *Os verões da grande leitoa branca*.

Publicado em 1997, ano de estréia dos cronistas Jamil Snege, Roberto Gomes e Carlos Dala Stella, com periodicidade então de três semanas, “Sob um céu de tempestade” foi um dos primeiros textos do autor sobre Curitiba na seção. Aqui, como vimos ao longo deste trabalho, Snege optou pelo tom lírico e já se confessou – cronista-personagem – como pertencente a uma cidade particular, impossível de localizar no tempo e nos lugares de hoje. Confessou também o seu terror ao constatar uma cidade transformada, e à qual ele já não sente pertencer. Curitiba, cidade dos sonhos de todos, administradores, moradores e visitantes, torna-se um pesadelo para o cronista. Jamil Snege, que já na primeira frase da crônica se diz sonhando (“Sonho que estou retornando a Curitiba (...)”<sup>885</sup>), reconhece mais para frente: “É um sonho, penso no sonho, sem saber ao certo se sou o que sonha ou o que é sonhado”<sup>886</sup>.

A confusão entre o que é real e o que é fantasia – qual a Curitiba verdadeira: a do discurso ou a vivida pelas pessoas, a transformada ou a lembrada? – o alívio e o medo de ser sonhado, de ser *o que não existe*, se faz presente nesse olhar sobre a cidade. “¿Quién sueña a quién? Yo sé que te sueno, pero no sé si estás soñandome”, pergunta o personagem Borges no conto “Veinticinco de agosto, 1983”<sup>887</sup>, de Jorge Luis Borges. O outro personagem Borges do conto responde: “No te das cuenta que lo fundamental es averiguar si hay un solo hombre soñando o dos que se sueñan”<sup>888</sup>.

Assim como nesse diálogo, a idéia do duplo – de duas cidades de Curitiba, nenhuma à qual o cronista pertença, e de duas personalidades possíveis, nenhuma com a qual o cronista se reconheça (mais ou ainda) – é a fonte de alimentação de “Sob um céu de tempestade”. Dessa crônica, podemos tirar uma

<sup>883</sup> GOMES, Roberto. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 22 maio 2006.

<sup>884</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 set. 1997. Caderno G, p. 2. | SNEGE, Jamil. Os verões da grande leitoa branca. *op. cit.*, p. 13-17.

<sup>885</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *op. cit.*, p. 2.

<sup>886</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>887</sup> Borges, Jorge Luis. Veinticinco de agosto, 1983. In: \_\_\_\_\_. *La memoria de Shakespeare*. Madri: Alianza Editorial, 1998. p. 7-20. | p. 13.

conclusão ampliada ao olhar geral de Jamil Senege sobre a capital paranaense: o horror de perceber que a cidade-réplica (“monstruosa réplica de si mesma”<sup>889</sup>) tomou o lugar da cidade material.

Após viajarmos por todas essas possíveis cidades de Curitiba, percebemos que, com ironia, lirismo ou terror, nosso cronista revela o temor de que o mapa ocupe o lugar do território, ou de que o discurso seja mais forte que as vidas de todos os dias. É *para* e *sobre* essas vidas que Jamil Senege escreve. É essa Curitiba que o cronista busca em sua batalha por desfazer o discurso oficial. A transgressão de Senege está em recusar, em resistir aos encantos da cidade-desígnio, ainda que ele mesmo tenha ajudado a construí-la, como o próprio escritor reconhece.

Por isso, como vimos, sua escritura, apesar de ácida – e mesmo em casos extremos como a crônica “Coisas que irritam em Curitiba”<sup>890</sup> –, não tem por intenção agredir o leitor por meio de palavras ou de cenas grotescas. Sua proposta é muito mais de provocá-lo, de incluí-lo no grupo dos que *vivem* a cidade, e que por isso têm o direito de percebê-la muito além do pinhão, da gralha azul ou do Jardim Botânico.

A Curitiba das crônicas de Jamil Senege, como podemos ver, é a cidade do dia-a-dia, assim como o gênero que a sustenta. Aí é que se dá a transgressão dos limites oficiais da capital paranaense. A eloquência da construção formal se desfaz não no grandioso, não como um soco no estômago, mas como uma canção popular, sem grandes pretensões, que se infiltra no cotidiano do público por seu refrão: além da Curitiba arquitetada, há uma cidade “espectral, cindida por navalhas e gritos, o brilho da morte coagulado nos metais, e uma Curitiba matinal, maternal, que indeniza o filho pródigo com um prato de mingau polvilhado de açúcar”<sup>891</sup>.

Ambas são espaços pessoais e, nisso, únicos – livres da imposição dos padrões de vida imaginários da boa propaganda. A Curitiba do marketing não indeniza filhos pródigos, porque eles não existem nessa cidade – quem partiria dessa deliciosa fantasia? Tampouco é casa do horror, das navalhas e gritos

<sup>888</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>889</sup> SNEGE, Jamil. Sob um céu de tempestade. *op. cit.*, p. 2.

<sup>890</sup> SNEGE, Jamil. Coisas que irritam em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 2001. Caderno G, p. 2.

<sup>891</sup> SNEGE, Jamil. Canto de amor e desamor a Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 abr. 2000. Caderno G, p. 3.



rasgando a madrugada dos prósperos e corretos cidadãos curitibanos. Há o risco de que, com o tempo, acredite-se nisso, mesmo que a vida mostre o contrário. É preciso então a ironia, o exagero, a caricatura da crônica sobre os fatos cotidianos para que o leitor desperte, e se lembre da materialidade da cidade onde vive.

É essa a cidade perseguida e vislumbrada a partir das crônicas de Jamil Snege que aponta, em diferentes escalas, um comportamento comum de resistência do cronista local em aceitar ou reforçar os discursos prontos. Assim trabalham também, pelos textos analisados, Roberto Gomes e Carlos Dala Stella. Cada um com seu estilo e suas armas, todos dispostos a, inclusive, sacrificar a Curitiba sonhada em favor da possibilidade de uma Curitiba *real* (até onde isso for possível), feita da sólida e fértil teia dos acontecimentos diários.

Uma cidade que aparece nas crônicas que vimos ao longo deste trabalho não apenas como um eco – de contestação ou reforço – do discurso oficial. Mas uma Curitiba que se revela em sua dimensão humana. E também a esse ângulo é revelada, por meio de crônicas que colocam o absurdo diário, o horror dos acontecimentos da *vida real*, em evidência, de modo a despertar o leitor do periódico local de sua letargia diante do assombroso do cotidiano. Um grande exemplo desse tipo de operação está na crônica “A execução de Carl E. Jones, Texas”, que vimos há pouco.

Nela, uma certa tendência existencialista de Snege – que pudemos notar também em outros textos ao longo deste trabalho – manifesta-se na percepção da frieza com que a notícia foi transmitida nos jornais em todo o mundo, já que a reportagem vinha de agência de notícias, despertando – e saciando – a curiosidade mórbida de um público cada vez mais exposto a informações que, por sua agressividade tão cruamente exposta, acabam por torná-lo insensível ao insólito, não apenas da situação mas do próprio fato de serem noticiadas daquela maneira. Ao ler a notícia do jornal, é possível que o leitor acompanhe com curiosidade ou indiferença a descrição da *agenda* do último último de uma condenada à morte. Ao ver o mesmo texto como crônica – ou como conto, no caso da coletânea *Os verões...* – esse mesmo leitor se espanta, e pode até envergonhar-se do que *pessoas são capazes de fazer a outras pessoas*. E provavelmente não acreditaria que uma notícia de jornal pudesse circular mais ou menos nesses moldes.

O sentimento de desconforto e mal-estar que “A execução...” provoca aproxima-se muito da *náusea* causada nos leitores pelo conto “O muro”, de Jean-Paul Sartre, que trata da última noite de três condenados à morte na Espanha, por conta da Guerra Civil Espanhola (1936-1939):

– É como nos pesadelos – continuava Tom. – Quer-se pensar em alguma coisa e tem-se o tempo todo a impressão de que afinal a gente vai compreender, mas não, a coisa desliza, escapa, cai. Digo para mim mesmo: depois, não haverá mais nada. Não compreendo, porém, o que isso quer dizer. (...) <sup>892</sup>

Um trecho desse texto parece, inclusive, verbalizar uma das incômodas sensações provocadas na leitura de “A execução...”, justamente por conta da narrativa em forma de agenda, expondo detalhes cotidianos que, naquelas circunstâncias, dão a sensação de parecer todos banais e até mesmo inúteis:

Aqueles dois sujeitos agaloados, com seus chicotes e suas botas, eram, no entanto, homens que também iam morrer. Um pouco mais tarde do que eu, mas não muito. Eles se ocupavam em procurar alguns nomes em sua papelada inútil, correr atrás de outros homens para prendê-los ou eliminá-los; tinham opiniões sobre o futuro da Espanha e sobre outros assuntos. Suas atividadezinhas me pareciam chocantes e burlescas; não conseguia colocar-me em seus lugares; tinha a impressão de que estavam loucos. <sup>893</sup>

Trazer à tona ao leitor e oferecer a ele novamente a dimensão humana do mundo, das coisas, enfim, da cidade. É isso que a crônica de Jamil Sene, em seus melhores momentos estéticos, concede a seu público. Com toda a ironia e impiedade com que o cronista é capaz de tratar Curitiba e o curitibano, Sene estabelece um espaço para que o leitor se *re-encontre*, talvez, com valores como afeto, compaixão ou solidariedade, por vezes distantes, mesmo que referidos, na impessoalidade dos discursos e pensamentos emoldurados pelas campanhas de marketing, mas presentes nas relações cidadinas, no dia-a-dia. Após essa viagem pelas crônicas de Jamil Sene, em especial, Roberto Gomes e Carlos Dala Stella, percebe-se que a(s) cidade(s) alternativa(s) emerge(m) não apenas das situações de confronto direto, mas também do pequeno, do confuso, complicado, divertido e, por que não, delicado âmbito dos acontecimentos diários – e isso, como diria Antonio Candido, *é humanização da melhor*. Onde? Ora, ali mesmo, na cidade.

<sup>892</sup> O livro foi publicado pela primeira vez em 1939. | SARTRE, Jean-Paul. O muro. In: \_\_\_\_\_. O muro. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 9-33. | p. 20.

<sup>893</sup> *Ibid.*, p. 29-30.

## ANEXO 1 – ENTREVISTA. MIGUEL SANCHES NETO

*“Curitiba era uma presença muito forte no Jamil,  
o mais curitibano de todos os escritores,  
curitibano no estilo e na maneira de ver o mundo(...)”*

### ► Concedida em 7 jan. 2006 | e-mail

*O José Carlos Fernandes, da Gazeta do Povo, comentou que foi você quem sugeriu a seção de crônicas de escritores locais e o próprio nome de Jamil Snege: como lhe ocorreu essa idéia?*

A idéia inicial era que o Caderno G (suplemento cultural da Gazeta do Povo) tivesse um cronista por dia. Naquele período, a Gazeta estava profissionalizando muitos colaboradores, pagando-os de acordo com tabela nacional. Eu fiz a proposta para a então editora do Caderno, Ana Amélia Filizzola, que resolveu, junto com a direção do jornal, fazer um teste, colocando quatro cronistas no domingo, que iam se revezar ao longo do mês. Seriam eles: Cristovão Tezza; Roberto Gomes, Jamil Snege e Carlos Dala Stella. Eu é que sugeri os nomes, com a idéia de que tivéssemos estilos e opiniões bem diferentes. Antes de começar, o Cristovão Tezza desistiu, por não se sentir confortável no texto curto para jornal. Depois de algum tempo, o Dala Stella, que é também artista plástico, foi desligado do projeto, restando apenas os outros dois, que dividiram o espaço até a morte do Jamil, substituído hoje pelo Domingos Pellegrini. No caso específico do Jamil, eu sugeri o nome dele por ver em sua produção um olhar de cronista, de alguém atento à realidade, com uma ironia debochada que caía bem neste formato jornalístico.

*O Jamil resistiu de algum modo ou aceitou de pronto? Por quê?*

Aceitou na hora. Ele fazia pose de que não queria reconhecimento, que não desejava editora, mas no fundo esperava por espaços. A Gazeta do Povo deu as maiores alegrias para o Jamil, pois a repercussão de suas crônicas era imensa, ele fez fãs no estado todo, viveu uma experiência de ser amado pela escrita.

*Ele comentou com você algo a respeito da experiência de publicar crônicas no jornal?*

Eu sempre lia as crônicas dele antes da publicação. Assim que terminava uma, ele me trazia uma cópia, íamos juntos e enviávamos para o jornal de meu escritório, pois ele não sabia usar a internet. A crônica era o texto que o Jamil mais gostava de escrever, porque ele tinha uma propensão, que é uma marca dos curitibanos (Dalton, Leminski, Helena Kolody), pelo texto curto, breve, no qual ele era insuperável.

*Comentou receber retorno dos leitores? O que achava disso?*

Recebia muito retorno, visita de pessoas de outras cidades, cartas. O exercício da crônica num jornal do porte da Gazeta dá uma visibilidade muito grande para o escritor. E o coloca em contato com o leitor comum. O Jamil, como todo escritor, gostava destes afagos vindos dos leitores.

*As crônicas de jornal aumentaram o interesse do público por seus livros?*

Não é possível dizer, pois os livros do Jamil sempre foram meio clandestinos, publicados pelo próprio autor ou por editora que não tinha distribuição. Parece-me que fizeram aumentar o renome dele, mas não o consumo de seus livros, que sempre foi em pequena escala. Ele é que levava os livros nas livrarias, para abastecer as estantes, e eram sempre pequenas quantidades.

*Em seu espaço de crônicas no jornal, percebe-se um grande intercâmbio entre contos publicados em volumes mais antigos (“O jardim, a tempestade”, “A mulher aranha”) e entre crônicas publicadas no jornal no volume “Os verões da grande leitoa branca”, além de trechos do livro “Como eu se fiz por si mesmo” e referências aos seus livros “Viver é prejudicial à saúde” e “Para uma sociologia das práticas simbólicas”. Esse intercâmbio é comum entre os cronistas de jornal?*

É algo comum sim, desde Machado de Assis. Acontece que o escritor está trabalhando sempre temas que lhe são caros, então a obra para jornal e a outra se misturam. No caso do Jamil, e que aconteceu também com a Hilda Hilst (ver Cascos & Carícias), ele simplesmente reproduzia trechos de seus livros, levemente modificados, no jornal, quando não conseguia escrever a crônica

quinzenal. Era uma forma de não deixar o jornal na mão. Ele escrevia muito lentamente, tinha uma relação pessoal com o tempo.

*O motivo dessas republicações, especialmente no espaço da Gazeta do Povo, seria uma forma de divulgar mais seus textos, uma vez que o acesso aos livros, especialmente os mais antigos, é um tanto difícil? Por meio do jornal, Jamil Snege encontrou uma forma de levar suas obras ao público?*

Não acredito que isso fosse intencional, como disse, era mais uma forma de cumprir o compromisso quando ele não tinha texto novo para entregar. Mas acabou funcionando como uma produção inédita, porque os livros dele tinham poucos leitores.

*Como Jamil Snege escolhia os temas de suas crônicas? A presença, explícita ou implícita, de Curitiba era proposital ou inevitável?*

Trabalhando com suas obsessões, como todo escritor. Curitiba era uma presença muito forte no Jamil, o mais curitibano de todos os escritores, curitibano no estilo e na maneira de ver o mundo, nesta auto-ironia implacável. Ele era muito atento aos temas dos jornais. Lia a seção de cartas para saber quais eram as preocupações dos leitores da Gazeta. Isso apontava temas para ele.

*Jamil Snege pode ser definido como o "escritor de e sobre Curitiba"? Por quê?*

Pode sim. Pelo exercício do texto curto. Pela preocupação mais com a linguagem do que a história em si. Pela obsessão pelos pequenos eventos. Os artistas tipicamente curitibanos não se distinguem pela visada ampla, pelos grandes painéis, mas por trabalhar questões pontuais. Eu acho até que é uma marca da timidez que o distingue.

*Qual era essa cidade que aparecia na crônica e nos escritos de Jamil? O autor procura, de fato, questionar o imaginário oficial a respeito da cidade ou apenas brinca com as imagens disponíveis, sem necessariamente ter intenção de transgredi-las?*

Jamil sempre foi uma voz dissonante. Ele demolia sem dó, pela ironia mais forte, os símbolos da cidade. Mesmo quando ele cita os amigos curitibanos, escritores e artistas, é sempre com o intuito de zombar deles. Ele não perdoava nem os

amigos mais próximos, tinha sempre uma visão sarcástica sobre a cidade e seus habitantes. Raramente era lírico, e quando o era, atingia os seus mais belos momentos. No geral, era ácido, em pé de guerra com a cidade e com todos.

*Por que sua obra nunca foi republicada? Não seria importante que as novas gerações tivessem acesso a seu trabalho?*

A obra dele nem chegou a ser publicada. Na maioria das vezes foi apenas impressa. Hoje, ela não é publicada porque o espólio está no inventário da família, que ainda não foi concluído. Se continuar sendo publicada no Paraná, dificilmente ele será conhecido nacionalmente. E esta edição vai ter que ser muito cuidada, pois a obra dele tem uma face muito curitibana, que não pode ser muito valorizada para não afugentar leitores de outras latitudes.

*Em uma reportagem antiga sobre Jamil, fala-se da preparação de uma republicação de “Tempo sujo”, em 1973. Essa republicação aconteceu? Por quê?*

Ele estava reescrevendo este livro que, segundo ele, foi o único que conheceu um sucesso de venda. Esgotou a edição caseira. Mas o Jamil achava um livro muito datado, da época da ditadura. Ele então queria dar uma maior amplitude temática para o livro e dizia que estava reescrevendo, mas eu mesmo, que convivi diariamente com ele neste período, nunca vi este novo material. Talvez possa ser mais um dos mitos que ele criava em torno de si. Eu quis publicar este livro na coleção Brasil Diferente (que criei na Imprensa Oficial), mas ele nunca me entregou os originais.

*Por que “O jardim, a tempestade”, que estava sendo preparado para reedição, não foi republicado?*

O livro foi sim republicado pela Travessa do Editores logo depois da morte do Jamil, eu tenho a segunda edição aqui na biblioteca de casa, que comprei na livraria Guerreiro. Mas a edição não teve a aprovação da família e foi retirada de circulação<sup>894</sup>.

---

<sup>894</sup> Junto com a resposta da entrevista, Miguel Sanches Neto enviou uma resenha sobre a reedição de *O jardim, a tempestade*, que sairia na revista *Carta Capital*, “mas ficou inédita porque a editora tirou o livro de circulação”. A resenha pode ser lida neste trabalho, no Anexo 2.

*Quando Jamil Snege publicou seu livro de crônicas, "Como tornar-se invisível em Curitiba", os textos foram publicados sem data e em ordem diferente daquela em que saíram no jornal: há alguma descaracterização do gênero crônica por causa disso? Quais os ganhos do leitor e quais as perdas com a ausência do referencial da data?*

Eu sou favorável a não pôr a data em crônicas reunidas em livro quando a intenção é que o livro se sustente por si só, que não seja apenas o documento de um período. A mudança da ordem é outra questão importante. Organiza-se um volume segundo um ritmo de leitura. Claro, ganha-se literariamente assim e perde-se o caráter epocal.

*Em suas crônicas, Jamil parece adotar um tratamento de intimidade com o leitor, em que se revela a cada linha: na verdade, o cronista criou um "personagem-jamil" para suas crônicas? Como separar o Jamil da crônica do Jamil empírico?*

Não há como separar. Ivan Lessa diz que a crônica é uma autobustificação. É isso, nós construímos um monumento a nós mesmos, o personagem toma o lugar do ser real. Isto é inevitável. A intimidade com o leitor vai por conta de que, no jornal, ou você conquista o leitor ou ele abandona você na primeira linha.

*Na crônica "Entrevista com bruxo Sossélla", de 4 de abril de 1998, a entrevista se realizou de fato ou é ficcional?*

Totalmente ficcional, ele retirou trechos da obra. É um tributo a um autor-amigo que, como o Jamil, era auto-impresso.

*O conto "Por que não volto mais a Bremen", publicado também em "O jardim, a tempestade" e em "Os verões...", dedicado a Aristides de Oliveira Vinholes, tem algo a ver com Curitiba ou com memória?*

Tem mais a ver com um estilo, com uma linguagem meio hermética que o Jamil praticou num certo período. É mais um conto de estranhamento.

## ANEXO 2 – RESENHA INÉDITA. MIGUEL SANCHES NETO

*“O estilista da língua enfim aliava-se ao ficcionista que,  
um pouco pela pressão da província (“cárcere, lar”),  
um pouco pelo temperamento do autor,  
não chegou a acontecer nacionalmente”*

### ► Resenha sobre 2. ed. de *O jardim, a tempestade*

produzida para *Carta Capital*<sup>895</sup>

encaminhada por e-mail em 7 jan. 2006.

## O JARDIM, A CIDADE

Mesmo tendo sido um escritor de pequenas audiências, por editar os próprios livros, Jamil Snege (1939-2004<sup>896</sup>) contou com devotados leitores em todo o país, sem deixar Curitiba que, como no conto de Dalton Trevisan, foi para ele “província, cárcere, lar”. A segunda edição de *O jardim, a tempestade* (Travessa dos Editores, 2004) chega acrescida de seu último texto, o conto “Minha mãe se veste para morrer”, o que faz desta obra uma oportunidade para a descoberta de um autor primoroso.

O volume não se encaixa em nenhum dos gêneros tradicionais, oscilando entre poesia e prosa, em um texto que traz as marcas pessoais de Snege, publicitário de profissão. As frases são curtas e contundentes e há uma obsessão pela palavra certa no lugar certo. Neste livro, mais do que nos outros, ele se valeu de um ritmo usado em suas campanhas publicitárias. Se o formato vinha desta área, sua literatura é diametralmente oposta ao universo da propaganda, pois se fixa em imagens fortes, agressivas e altamente críticas.

Poderíamos definir *O jardim, a tempestade* como coletânea de ficções – na acepção borgeana do termo. São textos curtos que retratam situações ambíguas, com o desejo de chocar o leitor pelo inusitado. Por isso a linguagem era mais importante do que a fabulação, produzindo a sobreposição de abordagens.

Em todo o livro, encontramos frases perfeitas, tendendo a uma ironia contínua, como quando o personagem de “Rainha” se imagina mulher, definindo

---

<sup>895</sup> Conforme informado no Anexo 1 por Miguel Sanches Neto, ficou inédita porque a segunda edição de *O jardim, a tempestade* foi retirada de circulação.

<sup>896</sup> De fato, 16 de maio de 2003.



com sabedoria este dia da semana tedioso por natureza: “Domingo é uma ilha de sobrinhos, um útero murcho, um sonho banido” (p.18).

Os seus narradores são extremamente desencantados e sofrem com a falta de sentido de tudo e com a crueldade da condição humana, como no conto que dá título ao livro, em que um homem apresenta sua filha com imagens fortes, para revelar, apenas no final, a razão de seu amargor e de sua impotência. Estas são passagens antológicas de Snege:

*Minha filha é um animal rústico, espécie de lebre ossuda e selvagem [...]. Aproxima-se de mim como se eu fosse um grande e degenerado tubérculo; experimenta minha rótula, meu gasnete – e seu hábito [hálito] leporino congela meus gestos [...]. É grande meu jardim, em quinze anos, jamais consegui atravessá-lo em minha cadeira” (p. 55).*

Os seres humanos que aparecem no livro passam por um processo de degeneração e de descrença, afastando-se de qualquer imagem mais dócil. Crianças, adultos ou velhos, todos trazem a marca da falta de adaptação, colocando-nos em confronto com os lados nada idílicos da humanidade. Destacam-se nestes relatos sobre figuras deformadas as palavras raras, umas das alegrias criadoras de Jamil Snege.

Se nos textos da primeira edição, que é de 1989, sobressaem a visão irônica do ser humano e a linguagem lapidar, aparentada da poesia, em nome da qual, em algumas passagens, o autor premeditadamente sacrificava a clareza e o enredo, “Minha mãe se veste para morrer” (este, sim, um conto dentro do conceito tradicional) cria um contraste.

Trata-se de uma reminiscência infantil, um momento traumático para o menino que vê o ritual repetitivo da mãe preparando-se para o próprio enterro. Este sentimento de insegurança psicológica fortalece a consciência da desproteção que o menino experimenta ao perder os dentes definitivos, depois de uma queda, tornando-se ainda mais tímido. O relato é escrito em frases curtas, palavras simples, num desejo de recuperar a linguagem infantil e necessária. Comovente pelo episódio familiar marcante e pela situação em que foi escrita, nos derradeiros esforços criativos do autor, esta narrativa tem um sentido maior na obra de Snege, pois representa a maturidade do ficcionista, totalmente liberto da fascinação um tanto paralisante pela palavra e de uma visão extremamente ácida da vida. Com esta história autobiográfica, há uma súbita humanização do autor,

que se harmoniza consigo mesmo, entregando-se a um lirismo doloroso, mas sem revoltas.

No final do conto, o adulto acha por acaso os dentes do menino, numa cena simbólica: era a pureza de linguagem e de olhar que ele recuperava. O estilista da língua enfim aliava-se ao ficcionista que, um pouco pela pressão da província (“cárcere, lar”), um pouco pelo temperamento do autor, não chegou a acontecer nacionalmente.

### ANEXO 3 – ENTREVISTA. CRISTOVÃO TEZZA

*“Parece-me que o jornal é o veículo por excelência da crônica,  
o espaço literário do cotidiano.  
E, por extensão, sim, a crônica é um gênero urbano”*

#### ► Concedida em 19 fev. 2006 | e-mail

*Jamil Snege fala de você no livro dele, Como eu se fiz por si mesmo: vocês conversavam muito sobre literatura? Qual foi a importância de Snege para sua formação?*

O Jamil teve uma importância grande na minha formação. No final dos anos 60, nos meus 15, 16 anos, comecei a conviver com uma geração de intelectuais de Curitiba, que se reunia na Boca Maldita, à noite, para tomar cafezinho e conversar, na saída dos cinemas – havia uns 4 ou 5 cinemas em torno. Era o Jamil, o Vinholes, que tinha uma livraria, o Walmor Marcelino, o Nego Pessoa, o Fábio Campana, então chamado de "Zapata", às vezes o Wilson Rio Apa e até mesmo o Dalton Trevisan, que naquele tempo conversava com as pessoas. Eu ficava ali ouvindo e prestando atenção. Desde cedo o Jamil se interessou pelo que eu escrevia e ficamos amigos, conversando bastante sobre literatura. Não só sobre literatura: sobre publicidade, política, jornalismo, ideologia, cinema, tudo que estava no ar naqueles anos agitados.

*Quais eram as posições de Snege com relação à literatura? Ele comentava alguma coisa a respeito da prática de escrever crônicas?*

O Jamil era mais ou menos um intuitivo; não me lembro de nenhum ideário literário "fechado" dele. Gostava e lia os autores que estavam na moda naquele tempo, como todo mundo: Cortázar, Gabriel García Márquez, Borges, por exemplo. Sobre crônicas, não me lembro. Lembro que ele havia publicado, depois do "Tempo sujo", que foi marcante para mim, um livro de contos chamado "A mulher aranha". De certa forma, os contos do Jamil freqüentemente fundem os gêneros, da poesia à crônica.

*Em uma de suas crônicas para a Gazeta do Povo, Jamil Snege comenta, a respeito de um concurso de contos de que foi jurado, que era freqüente a confusão dos concorrentes entre crônica e conto, e que um era bem diferente do outro. No entanto, Jamil publicou muitas de suas crônicas escritas no jornal como contos, em livros posteriores. Publicou também contos publicados em livro como crônica. Esse trânsito livro-jornal é uma característica comum de escritores que escrevem no jornal ou uma particularidade do Jamil?*

Sim, acho que a fusão crônica e conto é bastante comum para quem escreve regularmente em jornais. No caso do Jamil, mais do que a circunstância da linguagem de jornal, é preciso considerar o próprio estilo dele, que, como eu disse, fundia freqüentemente os gêneros.

*Em seu livro Como tornar-se invisível em Curitiba, Jamil Snege publica as crônicas sem data e em ordem diferente daquela em que foram publicadas no jornal: isso, de alguma forma, descaracteriza o gênero? Por quê?*

O livro é uma entidade autônoma; um livro de crônicas acaba sempre por se comportar "como livro", isto é, como um conjunto de textos destacados da vida cotidiana das páginas do jornal. Mesmo que o tema da crônica seja bastante datado, quando a lemos num livro parece que ela ganha um toque de transcendência e de permanência, se tiver qualidade para tanto. Não acho que descaracterize o gênero; talvez lhe dê uma solidez, se for boa, que a página do jornal não comporta.

*Como você caracterizaria o gênero "crônica"? É possível afirmar que até mesmo em seus livros/romances, Jamil traz muito das características da crônica? Por quê?*

Costumo definir crônica com uma brincadeira: crônica é uma conversa fiada com estilo. É muito difícil defini-la. Talvez o ponto estável seja o tamanho – é sempre um texto curto. Há outros pontos mais ou menos estáveis que a definem: algum contato com a realidade imediata, a presença do autor (mesmo que velada)... e aí a definição já começa a fazer "furos", porque sempre nos lembramos de boas crônicas que não obedecem a essas normas.

*Quais, na sua opinião, são as principais características da escrita de Jamil Snege?*

Um levantamento desses exigiria uma boa releitura de sua obra. Eu diria que o ponto central é uma fusão entre o toque poético e a intenção prosaica. Isso afeta não só o estilo, mas a natureza mesma do texto do Jamil, que é indócil aos limites do gênero.

*A crônica seria um gênero especialmente ligado à cidade? Por quê?*

Acho que a palavra-chave é jornalismo – parece-me que o jornal é o veículo por excelência da crônica, o espaço literário do cotidiano. E, por extensão, sim, a crônica é um gênero urbano.

*Você comentou certa vez em uma entrevista que Jamil seria “talvez o nome mais enraizadamente curitibano (...), a síntese que temos de mais representativo, como linguagem, e de atitude, como escritor”. Por que sua escolha seria do nome de Jamil Snege, e não de Dalton Trevisan, por exemplo?*

Eu falava também da pessoa, da “atitude”. Nesse sentido o Jamil era enraizadamente curitibano; vivia aquela timidez irônica que, parece, é um dos nossos traços. O Dalton se afasta da cidade para melhor vê-la; o Dalton fez da cidade o seu objeto. No caso do Jamil, não. Ele respirava a cidade, mas o seu foco de interesse estava em outra parte.

*Em suas crônicas, Jamil freqüentemente faz referências à relação “sonho-cidade-tempestade”, ou a repetições/duplos da cidade, sentimento de não-reconhecimento, exílio: era assim, especialmente, que ele se sentia com relação a Curitiba? Como você definiria essa Curitiba representada nas crônicas e escritos de Jamil Snege?*

Parece que quando o Jamil fala da cidade, ele sempre dá um toque “pessoal”, quase não-literário. Quando ele diz que é fácil “desaparecer em Curitiba” ele está fazendo um desabafo pessoal; ele se inclui entre os, digamos, “humilhados e ofendidos” pela cidade. Já a noção de exílio, eu acho, tem outra dimensão na obra dele, uma dimensão existencial. Mas, repito, seria preciso fazer uma releitura atenta do conjunto de sua obra para conferir.

*É possível afirmar que, geralmente, mesmo quando o tema não é Curitiba, a cidade está implícita nos textos de Jamil Snege? Isso seria uma particularidade? Por quê?*

Eu acho que não. Leia-se “O jardim, a tempestade”, por exemplo. Não me lembro de Curitiba, em nada, quando leio aqueles textos. Como eu disse, acho que Curitiba é um tema “pontual” do Jamil, e não uma onipresença literária.

*Em suas crônicas, é comum que Jamil fale de si mesmo ou narre situações supostamente ocorridas em seu dia-a-dia: o cronista criou um personagem “Jamil Snege”? É necessário dissociar o autor do narrador e/ou do personagem dessas crônicas?*

A crônica, em geral, usa algumas marcas da ficção mas não se confunde completamente com ela. No caso do Jamil, ele fala de si mesmo sem refração, isto é, a intenção do texto é mesmo falar de si e não criar um personagem. A questão é que “falar de si” implica construir uma auto-imagem, uma linguagem, um modo de olhar que, no texto, acabam por construir um “narrador” que difere, em maior ou menor grau, do “autor ele-mesmo”. Uma boa análise deve levar em consideração essa distância, mas não fazer dela, necessariamente, uma marca fundamental. O Jamil ‘narrador’ me lembra muito ele-mesmo, conversando.

*Nem mesmo a Biblioteca Pública do Paraná tem a obra completa de Jamil Snege e os livros já não são encontrados também nas livrarias. Não há o risco de que, com o tempo, os leitores percam a oportunidade de conhecê-lo? Seria possível a republicação de sua obra completa, principalmente para que esteja disponível nas principais bibliotecas da cidade? Por que isso ainda não foi feito?*

Acho que seria fundamental uma reedição das obras completas do Jamil. Mas isso depende de quem detenha os direitos sobre essas obras.

*Na sua opinião, como vem sendo a evolução das representações de Curitiba no imaginário da população e na literatura? Como essas identidades da cidade são atualizadas?*

Não saberia dizer – é uma pergunta ampla demais!

*A imagem construída oficialmente para Curitiba tem a mesma influência que tinha, por exemplo, no início da década de 90?*

Camila, também essa questão mereceria um estudo amplo. Tenho um trabalho sobre o olhar de Curitiba que está no meu site

[http://www.cristovaotezza.com.br/textos/palestras/p\\_olharcuritiba.htm](http://www.cristovaotezza.com.br/textos/palestras/p_olharcuritiba.htm) e que você pode conferir.

## ANEXO 4 – ENTREVISTA. ROBERTO GOMES

*“Que podemos fazer  
se Curitiba ama nos tornar invisíveis?”*

### ► Concedida em 22 maio 2006 | e-mail

*Por que Jamil Snege é considerado um escritor tão colado a Curitiba, ao local?  
Você concorda com isso?*

Jamil é um excelente escritor. Não acho que "seja tão colado a Curitiba". Curitiba é que não perdoa a quem se descola dela. Mas, quanto às crônicas, há muitas que estão, é claro, profundamente ligadas à cidade. Era um dos objetivos da publicação das crônicas, mas não o único.

*Como essa "faceta local" de Snege influenciava sua produção para a seção de crônicas do Caderno G? Jamil pode ser considerado um "cronista da cidade"?*

Não sei dizer. Você, relendo os textos, vai descobrir. Mas a expressão "cronista da cidade" me incomoda um pouco; não sei como o Jamil reagiria diante dela, além de acender mais um cigarro e fazer um comentário mordaz e irresponsável. Uma das condições, quando começamos a escrever na Gazeta, era de que teríamos liberdade total na escolha dos temas e que não seríamos obrigados a escrever sobre temas "curitibanos", embora não abrísssemos mão deles.

*Como é a produção de crônicas para um jornal local: a atmosfera citadina sempre influencia muito ou isso depende das características de cada cronista (alguns mais locais, outros mais universais...)?*

A cidade – Curitiba, no caso – é o ar que respiramos. Acho que algumas crônicas (do Jamil ou minhas) são quase incompreensíveis para quem não conhece Curitiba. Mas a maioria faz sentido em qualquer lugar. Um cronista, enfim, está sempre lutando com aquela velha frase do Tolstoi: falar da aldeia para chegar ao universal. E, eu acrescentaria, o caminho inverso: falar do universal para chegar à aldeia. Acontece que, em alguns casos, o Brasil é nossa aldeia; e até o planeta Terra é nossa aldeia em outros casos.



*Como funciona no seu caso? Como Curitiba influencia sua produção de crônicas?*

Influencia, é certo. Pelas conversas com amigos, pelas minhas lembranças de "outras" Curitiba perdidas no tempo, pelo rádio que ouvimos, a televisão que assistimos, as fofocas que nos contam, o noticiário político, os quilômetros que percorremos pelas ruas da cidade durante tantos anos, pelos seus bares, escritórios, salas de aula, cinemas etc. O que o compositor Donga dizia do samba, vale para a crônica: é como passarinho, é de quem pegar primeiro. Há mesmo o caso de duas crônicas nossas (minha e do Jamil) que têm o mesmo tema – a invisibilidade a que Curitiba condena seus habitantes; a minha foi escrita e publicada antes, mas isto não tem importância, o passarinho era o mesmo. Que podemos fazer se Curitiba ama nos tornar invisíveis?

*O volume "Como tornar-se invisível em Curitiba", assim como o "Alma de bicho" e o "Riachuelo, 266", saiu sem referência de data e com uma ordem diferente da cronológica na organização das crônicas. Por que foi feita essa opção?*

Porque as crônicas, no livro, perdem a ligação com a data em que foram escritas ou publicadas. É o que se espera. Quando organizamos estas edições procuramos escolher os textos que tivessem maior permanência entre as publicadas até então. E demos alguma preferência àquelas que falavam de Curitiba, temperando com outras que nada tinham a ver com a cidade. (Não sei se você sabe, mas o grupo de teatro Pé no Palco montou um espetáculo baseado nas nossas crônicas.)

*Roberto, gostaria de lhe solicitar também um esclarecimento: como as crônicas costumavam ser alternadas e algumas vezes a Gazeta trocou o autor dos textos, no ano 2000, há duas crônicas seguidas suas no mês de agosto: "Atrapalhos urbanos" (1º/8/2000), que está também em seu livro, e "Sem crise" (8/8/2000). Gostaria de confirmar, por conta dos enganos, mesmo que não freqüentes, do jornal, sua autoria.*

As crônicas "Atrapalhos urbanos" e "Sem crise" são de minha autoria. Há uma crônica do Jamil sobre o livro Descríticas, do Almir Feijó, que saiu com o meu nome – é do Jamil.

*Há algum projeto da republicação dos livros de Jamil Snege? E de uma nova coletânea de crônicas, com sua produção entre meados de 2000 e maio de 2003? Por quê?*

Não, a Criar não tem nenhum projeto de publicar ou republicar crônicas do Jamil, apesar da amizade que nos ligava e da admiração que tenho pelo que ele escreveu. Com a morte do Turco, algumas coisas ficaram complicadas. Seja como for, é algo que precisaria ser feito, não apenas a edição de outras crônicas mas também a reedição de outros livros dele. Vamos ver quem se habilita.

## **ANEXO 5 – PESQUISA. GAZETA DO POVO<sup>897</sup>**

### **► Encaminhada pela Central RPC de Marketing em 13 abr. 2006 | e-mail**

Fonte: Estudo Marplan/EGM, Consolidado 2004, CWB e SJP, ambos os sexos

## **1. INFORMAÇÕES CADERNO G**

### **1.1. Características de perfil<sup>898</sup>**

São 251 mil pessoas, 76% delas das classes A ou B, 49% homens e 51% mulheres, que durante a semana lêem o Caderno G. Público formado ainda por 43% dos leitores de jornal das classes A ou B ou por 52% dos leitores A ou B1.

- 251 mil leitores
- 76% nas classes A ou B
- 49% homens
- 51% mulheres
- 55% com renda familiar mensal acima de 5 salários mínimos
- 72% possuem pelo menos Ensino Médio completo.

### **1.2. Características de alcance**

De todos os leitores da Gazeta do Povo, 51% deles não perdem o conteúdo do Caderno G.

Alcance do Caderno G no universo de leitores de jornal:

- 30% dos leitores casados lêem o Caderno G
- 38% dos leitores solteiros lêem o Caderno G
- 39% das mulheres que lêem jornal lêem o Caderno G
- 29% dos homens que lêem jornal lêem o Caderno G

---

<sup>897</sup> Resumida a partir dos dados enviados para este trabalho.

<sup>898</sup> “Características de perfil” e “Características de alcance”, entrevistados de “10 e + anos”.

### **Também lêem o Caderno G...**

- 37% dos leitores da classe B
- 57% dos leitores da classe A
- 47% dos leitores com, pelo menos, o Ensino Médio completo
- 38% dos leitores de 50 a 64 anos
- 31% dos leitores de 40 a 49 anos
- 30% dos leitores de 30 a 39 anos
- 39% dos leitores de 20 a 29 anos
- 50% dos leitores com renda familiar mensal entre 10 a 30 salários mínimos
- 55% dos leitores com renda familiar acima de 30 salários mínimos.

### **1.3. Hábitos de consumo e lazer<sup>899</sup>**

#### Alcance do Caderno G no universo de leitores de jornal:

Lêem o Caderno G da Gazeta do Povo

- 67% (12 mil) dos leitores que costumam freqüentar teatro de 1 a 3 vezes por mês;
- 52% (72 mil) dos leitores que costumam freqüentar cinema de 1 a 3 vezes por mês
- 42% (138 mil) dos leitores que freqüentaram lanchonetes/fast food nos últimos 30 dias
- 46% (14 mil) dos leitores que gastam em média 4 a 7 salários mínimos por mês no supermercado.

#### Entre os leitores do Caderno G (a partir de 13 anos):

- 92% (228 mil) costumam ouvir música
- 68% (168 mil) costumam assistir filmes em videocassete/DVD
- 58% (143 mil) costumam fazer compras em shopping centers

---

<sup>899</sup> “Hábitos de consumo e lazer”, entrevistados de “13 e + anos”.

- 55% (136 mil) costumam correr/andar
- 61% (150 mil) costumam comer ou passear em shopping centers
- 57% (141 mil) costumam jantar fora
- 47% (116 mil) costumam ler livros para fins profissionais
- 63% (156 mil) costumam ler livros para fins de lazer.

#### **1.4. Produtos financeiros<sup>900</sup>**

- 42% dos leitores do Caderno G possuem cartão de crédito nacional ou internacional

Alcance do Caderno G nos leitores de jornal usuários de cartão de crédito, a partir de 18 anos:

- 46% dos leitores com gasto mensal acima de R\$ 300,00 lêem o Caderno G
- 48% dos leitores com gasto mensal acima de R\$ 500,00
- 44% dos leitores com gasto mensal acima de R\$ 200,00.

## **2. INFORMAÇÕES GAZETA DO POVO<sup>901</sup>**

### **2.1. Perfil do público**

São 494 mil leitores no total (Curitiba e São José dos Pinhais).

- 51% (252 mil) têm entre 25 e 49 anos
- 25% (124 mil) têm entre 15 e 24 anos
- 55% (273 mil) têm jovens entre 15 e 24 anos no lar
- 56% (278 mil) são leitores exclusivos, não lêem nenhum outro jornal além da Gazeta do Povo
- 68% (338 mil) pertencem às classes econômicas AB
- 94% (465 mil) pertencem às classes econômicas ABC.

<sup>900</sup> “Produtos financeiros”, entrevistados de “18 e mais anos”.

<sup>901</sup> Para todas as “Informações Gazeta do Povo”, entrevistados de “10 e + anos”.

**2.2. Número de leitores GP por dia da semana:**

- Leitura líquida Gazeta do Povo: 494 mil
- Leitura exclusiva Gazeta do Povo: 278 mil
- Lêem Gazeta do Povo domingo: 332 mil
- Lêem Gazeta do Povo de 2<sup>a</sup> a sábado: 318 mil.

## ANEXO 6 – CRÔNICAS. 1997-2003

### ► Crônicas de Jamil Snege, Roberto Gomes e Carlos Dala Stella<sup>902</sup>

Caderno G – Gazeta do Povo | maio 1997 – maio 2003

## 3. Sábados e domingos

### 1.1. Sábados

1997 (todo o ano, desde maio, quando a seção estreou), 1998 (todas), 1999 (jan-abr).

### 1.2. Domingos

1999 (a partir de maio), 2000, 2001, 2002 e 2003 (todas).

---

## 4. Crônicas CDS, RG e JS<sup>903</sup>

### ► 1997

3/5 CDS   Cabeça de cavalo   p. 2	6/9   não localizada
10/5 RG   Seqüestro do crítico literário   p. 2	13/9 RG   O boneco de marketing   p. 4
17/5 JS   Musa e a mariposa   p. 2	20/9 JS   Minha mulher ficando careca   p. 6
24/5 CDS   Sábado na Schaffer   p. 2	27/9 CDS   O embrulho   p. 6
31/5 RG   Jomael, o invensível   p. 2	4/10 CDS   Riachuelo, 266   p. 6
7/6 JS   Uma visita   p. 2	11/10 JS   Alisando minha giba   p. 6
14/6 CDS   Ícaro coreano   p.2	18/10 CDS   Preto Molinésia   p. 6
21/6 RG   Será o Guga?   p. 2	25/10 RG   Livros   p. 6
28/6 JS   Lindo!   p. 2	1/11 JS   O perigo vem da Ásia   p. 6
5/7 CDS   Nas ruas de Santa   p. 2	8/11 CDS   Crime na catedral   p. 6
12/7 RG   Longa noite de espera   p. 2	15/11 RG   O lugar natural dos abutres   p. 6
19/7 JS   Azul da cor do céu   p. 2	22/11 JS   O poeta do Bar Tulipa   p. 6
26/7 CDS   Seduções do acaso   p. 2	29/11 CDS   O caçador de vaga-lumes   p. 5

---

<sup>902</sup> Todas as crônicas aqui citadas foram lidas e estudadas para este trabalho. Pesquisa realizada nos arquivos da Biblioteca Pública do Paraná e do jornal *Gazeta do Povo* entre janeiro de 2005 e janeiro de 2006.

<sup>903</sup> CDS – Carlos Dala Stella | RG – Roberto Gomes | JS – Jamil Snege.

<b>2/8 RG</b>   Bideca resiste   p. 2	<b>6/12 RG</b>   Um crime perfeito   p. 6
9/8   não localizada	<b>13/12 JS</b>   Esse Manoel sabido a árvore   p. 6
<b>16/8 CDS</b>   A amante do cotidiano   p. 2	<b>20/12 CDS</b>   Que Natal, que nada!   p. 6
<b>23/8 RG</b>   Spala   p. 2	<b>27/12 RG</b>   Água, sabão e vergonha na cara   p. 6
<b>30/8 JS</b>   Sob um céu de tempestade   p. 2	

► 1998

<b>3/1 JS</b>   Minha cara senhora Selene Rivadávia Montese   p. 4	<b>4/7 CDS</b>   Futebol para leigos   p. 6
<b>10/1 CDS</b>   Um grande silêncio   p. 6	<b>11/7 JS</b>   Saudades da Copa   p. 5
17/1   não localizada	<b>18/7 RG</b>   Dossier Ronaldo   p.8
<b>24/1 JS</b>   Eu, lá de cima   p. 6.	<b>25/7 CDS</b>   A beleza postiça de Curitiba   p. 8
<b>31/1 CDS</b>   Begônia australiana   p. 6	<b>1/8 JS</b>   Como tornar-se invisível em Curitiba   p. 8
<b>7/2 RG</b>   Sim. Ou não   p. 6	<b>8/8 RG</b>   O bolo de chocolate   p. 8
<b>14/2 JS</b>   A execução de Carl E. Jones, Texas   p. 6	<b>15/8 CDS</b>   Diário do atelier   p. 8
<b>21/2 CDS</b>   Auto-retrato   p. 6	22/8   não localizada
<b>28/2 RG</b>   Carnaval, foi?   p. 6	<b>29/8 RG</b>   Vai um chá de camomila?   p. 8
<b>7/3 JS</b>   No chão sou mais eu na superfight   p. 6	<b>5/9 CDS</b>   Para além dos livros   p. 5
<b>14/3 CDS</b>   Passeio público e necessário   p. 6	<b>12/9 JS</b>   Em busca de Rostropovich   p.8
<b>21/3 RG</b>   O Curitibano – Método de Abordagem   p. 6	<b>19/9 RG</b>   Aula de redação   p. 8
28/3   sem crônica – Festival de Teatro de Curitiba	<b>26/9 CDS</b>   É mais fácil votar assim   p. 8
<b>4/4 JS</b>   Entrevista com bruxo Sossélla   p. 6	<b>3/10 JS</b>   O paraíso do Fernandinho   p. 8
11/4   não localizada	<b>10/10 RG</b>   Chove, chuva, guarda-chuva   p. 8
<b>18/4 CDS</b>   A volta da filha pródiga   p. 6	<b>17/10 CDS</b>   Reflexões sobre a alegria   p. 8
25/4   não localizada	<b>24/10 JS</b>   Tortas, aranhas, hieróglifos: reencarnações   p. 8
<b>2/5 JS</b>   A mulher-aranha   p. 6	<b>31/10 RG</b>   Sociólogo-Rei – o retorno   p. [-]
9/5   sem crônica – Especial Poty	<b>7/11 CDS</b>   Curitiba para os curitibanos   p. 8
16/5   sem crônica – Especial Frank Sinatra	<b>14/11 JS</b>   Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba   p. 8
<b>23/5 CDS</b>   No coração do Brasil   p. 8	<b>21/11 RG</b>   Escritor é quem escreve?   p. 8
<b>30/5 JS</b>   Por que não volto mais a Bremen   p. 8	<b>28/11 CDS</b>   O horror da vida, segundo Bacon, Iberê e Dalton   p. 8
<b>6/6 RG</b>   O Sociólogo-Rei e o mosquito   p. 8	5/12   sem crônica
<b>13/6 CDS</b>   O segredo de cada um   p. 6	<b>12/12 JS</b>   Boas intenções para o próximo inferno   p. 8



<b>20/6 JS</b>   Você já foi Cleópatra?   p. 6	<b>19/12 CDS</b>   Feliz Natal e um brinde de cólera   p. 8
<b>27/6 RG</b>   A dança do ventre   p. 6	26/12   não circulou Gazeta do Povo neste dia (nota na edição de 25/12)

► 1999

<b>3/1 RG</b>   Alma de bicho   p. 5	<b>4/7 JS</b>   Meu abominável homem público   p. 4
<b>9/1 JS</b>   Onde estava você em 1500?   p. 6	<b>11/7 RG</b>   Confissões atleticanas   p. 3
<b>16/1 RG</b>   O adolescente no espelho   p. 6	<b>18/7 CDS</b>   Prenúncio da Primavera   p.3
<b>23/1 JS</b>   Esposinhas por uma noite   6	<b>25/7 JS</b>   No seio da grande mãe salsicha   p. 3
<b>30/1 CDS</b>   Barcelona de Gaudí, Curitiba de Poty   p. 6	<b>1/8 RG</b>   Sem crise   p. 3
<b>6/2 RG</b>   O fã do Sociólogo-Rei   p. 6	<b>8/8 RG</b>   Atrapalhos urbanos   p. 3
<b>13/2 CDS</b>   Homens e mulheres   p. 6	<b>15/8 JS</b>   O futuro é dos imagólogos   p. 3
<b>20/2 JS</b>   De uma antologia fantástica   p. 6	<b>22/8 CDS</b>   Dois sonhos e um pesadelo   p. 3
<b>27/2 RG</b>   De volta ao país real   p. 6	<b>29/8 RG</b>   Aquele primo visita Curitiba   p. 3
<b>6/3 CDS</b>   Thomas Bernhard – o júbilo da devastação   p. 8	<b>5/9 JS</b>   Calcinhas e outros fetiches   p.3
<b>13/3 JS</b>   Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso   p. 6	<b>12/9 CDS</b>   Uma casa em Campo Magro   p. 3
<b>20/3 RG</b>   Boulou versus Fulani   p. 6	<b>19/9 RG</b>   Certas palavras   p. 3
<b>27/3 CDS</b>   Padrão de esterilização   p. 6	<b>26/9 JS</b>   Meus cabelos longos e lindos   p. 3
3/4   não circulou Gazeta do Povo neste dia (nota na edição de 2/4)	<b>3/10 CDS</b>   Por puro prazer   p. 3
<b>10/4 JS</b>   Bananas, mangas e lagartixas   p. 6	<b>10/10 RG</b>   Pelado, pelado   p. 3
<b>17/4 CDS</b>   Palavra de criança   p. 6	<b>17/10 JS</b>   A cidade de nossos exílios   p. 3
<b>24/4 RG</b>   Flagras   p. 6	<b>24/10 CDS</b>   Cadeira de fórmica vermelha   p. 3
<b>2/5 JS</b>   Minha vidinha de cachorro   p. 6	<b>31/10 RG</b>   Pequenas inteligências, grandes bobagens   p. 3
<b>9/5 RG</b>   Pelas calçadas da vida   p. 3	<b>7/11 JS</b>   A idade da Sukita   p. 3
<b>16/5 CDS</b>   O fracasso da escola particular   p. 3	<b>14/11 CDS</b>   Perdido beco sem saída   p. 8
<b>23/5 JS</b>   Histórias do amor insólito   p. 3	<b>21/11 RG</b>   Bobin, o globalizado   p. 3
<b>30/5 RG</b>   Meias brancas   p. 3	<b>28/11 JS</b>   Pão quentinho, mulheres amanhecidas   p. 3
<b>6/6 CDS</b>   Literatura e publicidade   p. 8	<b>5/12 CDS</b>   Meu amigo Dostoiévski   p. 3
<b>13/6 JS</b>   Do jeito que as paixões acabam   p. 4	<b>12/12 RG</b>   Uma capela na memória   p. 3
<b>20/6 RG</b>   Numa esquina qualquer   p. 3	<b>19/12 JS</b>   Socorro, chegaram as férias   p. 3
<b>27/6 CDS</b>   Catálogos e convites   p. 3	26/12   sem crônica

## ► 2000

2/1   sem crônica – caderno especial 2000	9/7 JS   Para matar um grande amor   p. 10
9/1 CDS   Brasil 2000   p. 3	16/7 RG   Achados e perdidos   p. 10
16/1   não localizada	23/7 JS   A arte de perder o jogo   p. 10
23/1 JS   E essa atração pelo mar?   p. 10	30/7 RG   Era sol o que me faltava   p. 10
30/1 CDS   Curitiba, a outra (1)   p. 10	6/8 JS   Com quem você vai para cama   p. 10
6/2 RG   Era uma vez um gato   p. 10	13/8 RG   Fabricando Mariazinha   p. 10
13/2   não localizada	20/8 JS   São Lalau, padroeiro e mártir   p. 3
20/2 CDS   Curitiba, a outra (2)   p. 10	27/8 RG   Mudou? Não mudou?   p. 3
27/2 RG   A literatura na boquinha da garrafa   p. 10	3/9 JS   O que se faz por amor   p. 3
5/3 JS   O que nós comemos delas   p. 10	10/9 RG   Vida de artista   p. 3
12/3   sem crônica	17/9 JS   Os alegres rabanetes na feira   p. 3
19/3   não localizada	24/9 RG   Olímpicos arroubos patrióticos   p. 3
26/3 RG   Súbito teatro teatral   p. 10	1/10 JS   A mão que me aponta a arma   p. 3
2/4 JS   Canto de amor e desamor a Curitiba   p. 3	8/10 RG   Cadê a cidadezinha que estava aqui?   p. 3
9/4 CDS   Minestrone   p. 10	15/10 JS   Deliciosas porcarias   p. 3
16/4 RG   Meu amigo Helmuth   p. 10	22/10 RG   Montanhas de papéis   p. 3
23/4   sem crônica	29/10 JS   Curitiba rachada ao meio   p. 3
30/4 JS   Empadinhas, dólares, poesia   p. 10	5/11 RG   Uma casa e seis vinténs   p. 3
7/5 RG   Naquele condado distante   p. 10	12/11 JS   Invente sua própria vida   p. 3
14/5 JS   Viver causa impotência sexual   p. 10	19/11 RG   Um pintor bom é um pintor morto   p. 3
21/5 RG   No escurinho do cinema   p. 10	26/11 JS   Da milenar arte de empurrar com a barriga   p. 3
28/5 JS   Juventud   p. 10	3/12 RG   Mas como o Rei está mal vestido   p. 3
4/6 RG   Dialética do lápis e da gaveta   p. 10	10/12 JS   Auto-ajude-se com Stanilavsky   p. 3
11/6 JS   Como eu seria mulher   p. 10	17/12 RG   Um novo esporte: espiar o Nicolau   p. 3
18/6 RG   Os fedores da história   p. 10	24/12 JS   Três natais para um homem só   p. 3
25/6 JS   A solidão é uma bola furada   p. 10	31/12 RG   Com a palavra: Flash Gordon   p. 7
2/7 RG   O novo Frankstein   p. 10	

## ► 2001

7/1 JS   Mulher – manual de degustação   p. 3	8/7 JS   Como estou digerindo?   p. 2
14/1 RG   País de ponta cabeça vazia   p. 3	15/7 RG   Nos ares de sábado   p. 2
21/1 JS   Deus – modo de usar   p. 3	22/7 JS   A bola, o galo, o leão e a macaca   p. 3

<b>28/1 RG</b>   No país do guarda-sol nascente   p. 3	<b>29/7 RG</b>   De escritor, motorista e louco   p. 3
<b>4/2 JS</b>   Nós e nossos priminhos peludos   p. 3	<b>5/8 JS</b>   Carta de navegação de Curitiba   p. 8
<b>11/2 RG</b>   Jonas e Luiz   p. 2	<b>12/8 RG</b>   A neura do telefone   p. 2
<b>18/2 JS</b>   Curso de sobrevivência no asfalto   p. 3	<b>19/8 JS</b>   Viagem ao país da infância   p. 2
<b>25/2 RG</b>   Qual é a da literatura?   p. [--]	<b>26/8 RG</b>   Por falar em papel higiênico   p. 2
<b>4/3 JS</b>   Paisagem com cavalo   p. 3	<b>2/9 JS</b>   Despachando de Babel   p. 2
<b>11/3 RG</b>   A metamorfose   p. 3	<b>9/9 RG</b>   Ah, que doces velórios!   p. 3
<b>18/3 JS</b>   Acerca da minha andropausa   p. 3	<b>16/9 JS</b>   Meus carrões, minhas paixões   p. 2
<b>25/3 RG</b>   Carta ao Senhor   p. 3	<b>23/9 RG</b>   Um homem pequeno   p. 2
<b>1/4 JS</b>   O aniversário da velha querida   p. 3	<b>30/9 JS</b>   Cachorrão   p. 2
<b>8/4 RG</b>   Moça antiga de um tempo antigo   p. 2	<b>7/10 RG</b>   Roy Rogers não há mais   p. 2
<b>15/4 JS</b>   Margarita e o ladrão   p. 2	<b>14/10 JS</b>   Leitura à luz de um Tomahawk   p. 3
<b>22/4 RG</b>   Incultura ao alcance de todos   p. 2	<b>21/10 RG</b>   Disque gravações e musiquinha enjoada   p. 2
<b>29/4 JS</b>   Uma torta para Cortázar   p. 2	<b>28/10 JS</b>   Vagas estrelas no céu da Cabul   p. 2
<b>6/5 RG</b>   Incitatus era fichinha   p. 2	<b>4/11 RG</b>   Drummond e Quintana na praça   p. 3
<b>13/5 JS</b>   De um pequeno jardim de rancores   p. 2	<b>11/11 JS</b>   Para ler no escurinho do cinema   p. 2
<b>20/5 RG</b>   O filósofo Gianotti e o Realismo Cínico   p. 2	<b>18/11 RG</b>   O meteórico dr. Asclépio Plúmbeo Da Vênia   p. 3
<b>27/5 JS</b>   Coisas que irritam em Curitiba   p. 2	<b>25/11 JS</b>   O amor de um homem por outro   p. 2
<b>3/6 RG</b>   Curitiba, 3 de junho de 2001   p. 2	<b>2/12 RG</b>   Do outro lado do texto   p. 2
<b>10/6 JS</b>   Paixão pelas árvores   p. 2	<b>9/12 JS</b>   Como (não) escrever um conto   p. 2
<b>17/6 RG</b>   O grande retrato da Mamãe Gorda   p. 2	<b>16/12 RG</b>   Será o Atlético?   p. 2
<b>24/6 JS</b>   O poeta e o jegue mijador   p. 2	<b>23/12 JS</b>   Entre o ser e o sonho   p. 3
<b>1/7 RG</b>   A guerra da tampa da privada   p. 2	<b>30/12 RG</b>   O que um rio nos ensina   p. 6

► 2002

<b>6/1 JS</b>   Os caras que invadiram nosso trem   p. 3	<b>7/7 JS</b>   No ventre da baleia   p. 4
<b>13/1 RG</b>   Nomes de uns e outros   p. 3	<b>14/7 RG</b>   Ler   p. 3
<b>20/1 JS</b>   Comendo o melhor amigo   p. 3	<b>21/7 JS</b>   Pequenas aprendizagens   p. 3
<b>27/1 RG</b>   A arte zen de palitar os dentes   p. 3	<b>28/7 RG</b>   É tempo demais   p. 3
<b>3/2 JS</b>   Na alcova do presidente   p. 3	<b>4/8 JS</b>   Jacaré debaixo da cama   p. 3
<b>10/2 RG</b>   Uma careca e um Karmann Ghia   p. 3	<b>11/8 RG</b>   Leia o próximo capítulo   p. 3

<b>17/2 JS</b>   Férias com os bichinhos do senhor   p. 3	<b>18/8 JS</b>   Políticos no cio   p. 3
<b>24/2 RG</b>   Quando?   p. 3	<b>25/8 RG</b>   Acontece   p. 3
<b>3/3 JS</b>   Até Morretes a pé   p. 3	<b>1/9 JS</b>   A metamorfose   p. 3
<b>10/3 RG</b>   Um oriente médio de paixões   p. 3	<b>8/9 RG</b>   A arte de fabricar bonecos   p. 3
<b>17/3 JS</b>   Freitas, Capitu e o teorema   p. 2	<b>15/9 JS</b>   Meu encontro com um espírito   p. 3
<b>24/3 RG</b>   A menina do meio da rua   p. 2	<b>22/9 RG</b>   A era da mediocridade   p. 3
<b>31/3 JS</b>   A hipótese ornitorrinco   p. 4	<b>29/9 JS</b>   Meus anjos da guarda   p. 3
<b>7/4 RG</b>   Unreality show   p. 4	<b>6/10 RG</b>   Ouvindo rádio   p. 3
<b>14/4 JS</b>   Contemplando a menina morta   p. 4	<b>13/10 JS</b>   Votando sentado   p. 3
<b>21/4 RG</b>   Universidade privada, incultura e lucro   p. 4	<b>20/10 RG</b>   Mas isto pode?   p. 3
<b>28/4 JS</b>   O menor celular do mundo   p. 2	<b>27/10 JS</b>   Diurnos, noturnos, madrugadores   p. 3
<b>5/5 RG</b>   A bienal do livro – um fliperama de papel   p. 4	<b>3/11 RG</b>   Forró for all   p. 3
<b>12/5 JS</b>   Os novos dinossauros   p. 4	<b>10/11 JS</b>   Auto-entrevista   p. 3
<b>19/5 RG</b>   Dialética do botequim   p. 4	<b>17/11 RG</b>   O jardineiro de Sérgio Faraco   p. 3
<b>26/5 JS</b>   Essa louca paixão que temos por ela   p. 4	<b>24/11 JS</b>   Ainda sobre o amor   p. 3
<b>2/6 RG</b>   Como acabar com um país – primeiras lições   p. 4	<b>1/12 RG</b>   Não leia a bula   p. 3
<b>9/6 JS</b>   Vera, Liamir e Margarita   p. 4	<b>8/12 JS</b>   Pruridos na memória   p. 3
<b>16/6 RG</b>   Números   p. 4	<b>15/12 RG</b>   As virtudes do jogo   p. 3
<b>23/6 JS</b>   A coisa   p. 4	<b>22/12 JS</b>   Cigarrinhos   p. 3
<b>30/6 RG</b>   Estas e outras eleições   p. 4	<b>29/12 RG</b>   Cultive seus fantasmas   p. 2

### ► 2003

<b>5/1 JS</b>   Reveillon com capivaras   p.3	<b>23/3 RG</b>   Periplaneta americana   p. 4
<b>12/1 RG</b>   Ouvindo o rádio PRK-30   p. 3	<b>30/3 JS</b>   Minha vó Carolina   p. 4
<b>19/1 JS</b>   Sonhos   p. 3	<b>6/4 RG</b>   1895, que ano!   p. 4
<b>26/1 RG</b>   Filme em preto-e-branco   p. 3	<b>13/4 JS</b>   Made in Curitiba   p. 4
<b>2/2 JS</b>   Georgie e seu planeta azul   p. 3	<b>20/4 RG</b>   Guerreando com os chatos   p. 3
<b>9/2 RG</b>   Boteco em transe   p. 3	<b>27/4 JS</b>   As meninas escritoras   p. 4
<b>16/2 JS</b>   Conversa com a Musa   p. 4	<b>4/5 RG</b>   É crime copiar livros, sabia?   p. 4
<b>23/2 RG</b>   Bush Jr. irá à guerra?   p. 4	<b>11/5 JS</b>   Nelson Barbudo   p. 4
<b>2/3 JS</b>   Os alegres garotos nas editoras   p. 4	<b>18/5 RG</b>   O velho e a velha   p.4
<b>9/3 RG</b>   O quente mesmo é o calor   p. 4	<b>25/5 RG</b>   Tchau, Turco   p. 4
<b>16/3 JS</b>   Fumaças   p. 4	

## **ANEXO 7 – OBRAS. JAMIL SNEGE**

### **► Obras de Jamil Snego | 1965-2003**

#### **1.1 Obras publicadas**

- Tempo sujo | Curitiba: Escala, 1968
- A mulher aranha | Curitiba: Editora Hoje, 1972
- Ficção onívora | Curitiba: Grupo 1 Editora, 1978
- As confissões de Jean-Jacques Rousseau (1982)
- Para uma sociologia das práticas simbólicas | Curitiba: Edição Beta Multiprint, 1985
- Senhor | Curitiba: Beta Publicidade, 1989
- O jardim, a tempestade | Curitiba: Edição do autor, 1989
- Como eu se fiz por si mesmo | Curitiba: Travessa dos editores, 1994
- Viver é prejudicial à saúde | Curitiba: Ed. do autor, 1998.
- Os verões da grande leitoa branca | Curitiba: Travessa dos editores, 2000.
- Como tornar-se invisível em Curitiba | Curitiba: Criar Edições, 2000.

#### **1.2 Coletâneas, jornais, revistas e demais trabalhos**

- Contos de repente | Curitiba: Delfos Editôra, 1965.  
“As luzes” e “O expresso”.
- Proposta bóias-frias | Prêmio Bienal de São Paulo, 1978.
- Assim escrevem os paranaenses | São Paulo: Alfa-Omega, 1977.  
“A batalha das bolas de goma”.
- Paraná: memória e momento | São Paulo, 1980.  
(Museu de Arte de São Paulo). Catálogo de exposição.
- Senhor | Nicolau, Curitiba, ano IV, n. 34, p. 32, ago-set. 1990.
- Meus caninos, teus músculos | Nicolau, Curitiba, ano VII, n. 52, p. 13, mar-abr. 1994.

- Encontro das águas | Curitiba: Travessa dos Editores, 1994.  
“Viagem à torre de babel ou A noite em que Morretes iniciou-se no mistério das línguas”, “Napoleão invade Portugal; Paranaguá festeja” e “As palavras no galpão”.
- No rio as vozes submersas | Gazeta do Povo, Curitiba, 7 abr. 1997. Caderno G, p. 3. (crítica sobre *O guardador de fantasmas*, de Fábio Campana).
- Confabulário | Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1998.  
“Os verões da grande leitoa branca ou Amo meu cavalo mas não deixo minha mulher”.
- Minha mãe se veste para morrer (conto) | Et Cetera, Curitiba, n. 1, p. 110-115, outono de 2003.
- Crônicas | Gazeta do Povo, Curitiba. Caderno G, maio 1997-maio 2003
- Livro inacabado: Grande mar redondo | iniciado no final da década de 90<sup>904</sup>.

## 2. Trânsito de textos na obra de Jamil Snege<sup>905</sup>

- “A mulher-aranha” | *A mulher aranha* (1972) e “A mulher-aranha” (crônica GP<sup>906</sup>, 2 maio 1998) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “A batalha das bolas de goma” | *A mulher aranha* (1972), *Assim escrevem os paranaenses* (1977) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “O sinal de Caim” | *A mulher aranha* (1972), “Histórias do amor insólito” (crônica GP, 23 maio 1999) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “01144” | *A mulher aranha* (1972) e “Entre o ser e o sonho” (crônica GP, 23 dez. 2001).
- “American dream” | *Ficção onívora* (1978), “Eu, lá de cima” (crônica GP, 24 jan. 1998) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Corn flakes” | *Ficção onívora* (1978) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Senhor” | *Senhor* (1989) e “Senhor” (Nicolau - trecho, 1990).
- “O alpinista” | *O jardim, a tempestade* (1989) e “De um pequeno jardim de rancores” (crônica GP, 13 maio 2001).
- “Prego no céu da boca” | *O jardim, a tempestade* (1989) e “De um pequeno jardim de rancores” (crônica GP, 13 maio 2001).
- “Pacífico, S.W.” | *O jardim, a tempestade* (1989) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).

<sup>904</sup> Na reportagem “As muitas viagens de Jamil Snege”, por ocasião da morte do escritor, Ricardo Sabbag comenta: “Mas foi uma experiência literária longa que o ocupou nos últimos quatro anos, sendo interrompida com o avanço da doença. Trata-se do conjunto de ficções Grande Mar Redondo, reunião de textos literários em torno do imigrante português Antônio Vieira dos Santos (...)”. I SABBAG, Ricardo. As muitas viagens de Jamil Snege. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 maio 2003. Paraná, p. 8.

<sup>905</sup> Estas são reproduções identificadas ao longo desta pesquisa, limitando-se assim às obras e textos aqui analisados.

<sup>906</sup> Crônica GP: crônica Gazeta do Povo.

- “Por que não volto mais a Bremen” | *O jardim, a tempestade* (1989), “Por que não volto mais a Bremen” (crônica GP, 30 maio 1998) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Os poderes de Adam” | *O jardim a tempestade* (1989) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Os verões da grande leitoa branca” | *Confabulário* (1998) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Sob um céu de tempestade” | “Sob um céu de tempestade” (crônica GP, 30 set. 1997) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “O perigo vem da Ásia” | “O perigo vem da Ásia” (crônica GP, 1º nov. 1997) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Sorriso nos lábios” | “A execução de Carl E. Jones, Texas” (crônica GP, 14 fev. 1998) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Filho pródigo” | “Histórias do amor insólito – O filhão” (crônica GP, 23 maio 1999) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Minha mulher ficando careca” | “Minha mulher ficando careca” (crônica GP, 20 out. 1997) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “No chão sou mais eu” | “No chão sou mais eu na superfight” (crônica GP, 7 mar. 1997) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Em busca de Rostropovich” | “Em busca de Rostropovich” (crônica GP, 12 set. 1998) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Minha cara senhora” | “Minha cara senhora Selene Rivadávia Montese” (crônica GP, 3 jan. 1998) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Alisando minha giba” | “Alisando minha giba” (crônica GP, 11 out. 1997) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).
- “Entre fúcsias e hibiscos” | “Lindo!” (crônica GP, 28 jun. 1997) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000).

### 3. Como tornar-se invisível em Curitiba<sup>907</sup>

Coletânea das crônicas publicadas no jornal entre 1997 e 2000.

- Como tornar-se invisível em Curitiba | 1º ago. 1998.
- Empadinhas, dólares, poesia | 30 abr. 2000.
- Meu abominável homem público | 4 jul. 1999.
- Para matar um grande amor | 9 jul. 2000.
- No seio da grande mãe salsicha | 25 jul. 1999.

<sup>907</sup> A ordem dos textos aqui segue a mesma sequência de organização do sumário da coletânea. | SNEGE, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000.

- Você já foi Cleópatra? | 20 jun. 1998.
- E essa atração pelo mar? | 23 jan. 2000.
- Cuidado, seu filho pode ser um intelectual | 22 ago. 1998.
- O paraíso do Fernandinho | 3. out. 1998.
- A idade da Sukita | 7 nov. 1999.
- Canto de amor e desamor a Curitiba | 2 abr. 2000.
- A solidão é uma bola furada | 25 jun. 2000.
- Minha vidinha de cachorro? | 2 maio 1999.
- Onde estava você em 1500? | 9 jan. 1999.
- Esposinhas por uma noite | 23 jan. 1999.
- Do jeito que as paixões acabam | 13 jan. 1999.
- Meus cabelos longos e lindos | 26 set. 1999.
- A cidade de nossos exílios | 17 out. 1999.
- Pão quentinho, mulheres amanhecidas | 28 nov. 1999.
- Socorro, chegaram as férias! | 19 dez. 1999.
- A arte de tocar piano de borracha | não localizada.
- O que nós comemos delas | 5 mar. 2000.
- Viver causa impotência sexual | 14 maio 2000.
- Juventud | 28 maio 2000.
- Como eu seria mulher | 11 jun. 2000.



## REFERÊNCIAS

### CRÔNICAS JAMIL SNEGE<sup>908</sup>:

SNEGE, Jamil. Acerca de minha andropausa. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 mar. 2001. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. A cidade de nossos exílios. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 out. 1999. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. A execução de Carl E. Jones, Texas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 fev. 1998. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. A hipótese ornitorrinco. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 31 mar. 2002. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. A idade da Sukita. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 nov. 1999. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Ainda sobre o amor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 nov. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. A mulher-aranha. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 maio 1998. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. As meninas escritoras. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 abr. 2003. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Auto-entrevista. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 nov. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Bananas, mangas e lagartixas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 abr. 1999. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. Boas intenções para o próximo inferno. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 dez. 1998. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Canto de amor e desamor a Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 abr. 2000. Caderno G, p. 3.

---

<sup>908</sup> Para esta dissertação, como vimos anteriormente, foram selecionadas e estudadas as 125 crônicas de Jamil Snege, assim como a totalidade das crônicas de Roberto Gomes e Carlos Dala Stella localizadas durante a pesquisa. O conjunto das 298 crônicas está referido no Anexo 6. Aqui nas Referências, estão citadas apenas aquelas que fizeram parte das análises desenvolvidas ao longo do texto deste trabalho.

\_\_\_\_\_. Carta de Navegação de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 5 ago. 2001. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Coisas que irritam em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 maio 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Como estou digerindo? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 8 jul. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Como (não) escrever um conto. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 dez. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Como tornar-se invisível em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º ago. 1998. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Contemplando a menina morta. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 abr. 2002. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Conversa com a Musa. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 16 fev. 2003. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Curitiba rachada ao meio. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 out. de 2000. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Curso de sobrevivência no asfalto. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 fev. 2001. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Deliciosas porcarias. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 out. 2000. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Despachando de Babel. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 set. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Em busca de Rostropovich. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 set. 1998. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Escritor, olhos verdes, sexy, carinhoso. Curitiba, *Gazeta do Povo*, 13 mar. 1999. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. Esposinhas por uma noite. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 jan. 1999. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. Freitas, Capitu e o teorema. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 mar. 2002. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Histórias do amor insólito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 maio 1999. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Invente sua própria vida. Curitiba, *Gazeta do Povo*, 12 nov. 2000. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Jacaré debaixo da cama. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 ago. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Juventud. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 maio 2000. Caderno G, p. 10.

\_\_\_\_\_. Lindo! *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 jun. 1997. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Made in Curitiba. Curitiba, *Gazeta do Povo*, 13 abr. 2003. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Margarita e o ladrão. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 abr. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Meu encontro com um espírito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 set. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Meus cabelos longos e lindos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 set. 1999. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Minha vidinha de cachorro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 maio 1999. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. Musa e a mariposa. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 maio 2003. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Na alcova do presidente. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 fev. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Nelson Barbudo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 maio 2003. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. No seio da grande mãe salsicha. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1999. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Nós e nossos priminhos peludos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 fev. 2001. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. No ventre da baleia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 jul. 2002. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. O amor de um homem por outro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 nov. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. O aniversário da velha querida. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º abr. 2001. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. O futuro é dos imagólogos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 ago. 1999. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Onde estava você em 1500? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jan. 1999. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. O paraíso do Fernandinho. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 out. 1998. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. O perigo vem da Ásia. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º nov. 1997. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. O poeta e o jegue mijador. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 jun. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Os alegres garotos nas editoras. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 mar. 2003. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Os alegres rabanetes na feira. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 set. 2000. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Os caras que invadiram nosso trem. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 6 jan. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Para matar um grande amor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jul. 2000. Caderno G, p. 10.

\_\_\_\_\_. Pequenas aprendizagens. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 jul. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Preguiça de fazer qualquer coisa em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 nov. 1999. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Pruridos na memória. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 8 ago. 2002. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Saudades da Copa. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 jul. 1998. Caderno G, p. 5.

\_\_\_\_\_. Sob um céu de tempestade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 set. 1997. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Sonhos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 jan. 2003. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Uma torta para Cortázar. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 abr. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Uma visita. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 jun. 1997. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Vera, Liamir e Margarita. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jun. 2002. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Viver causa impotência sexual. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 maio 2000. Caderno G, p. 10.

\_\_\_\_\_. Você já foi Cleópatra? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 jun. 1998. Caderno G, p. 6.

#### **DEMAIS LIVROS E TEXTOS DO AUTOR:**

CAMPANA, Fábio (*et al.*). *Confabulário*. Curitiba: Imprensa oficial, 1998. p. 29-36.

FARAH, Elias (*et al.*). *Contos de repente*. Curitiba: Delfos Editora, 1965. p. 23-25 e 99-102.

PELLEGRINI JR., Domingos (*et al.*). *Assim escrevem os paranaenses*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. p. 43-45.

SABINO, Fernando (*et al.*) *Encontro das águas*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994. p. 15-19, 61-63 e 95-99.

SNEGE, Jamil. *A mulher aranha*. Curitiba: Editora Hoje, 1972. (Série cadernos de ficção; v. 1).

\_\_\_\_\_. *Como eu se fiz por si mesmo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994.

- \_\_\_\_\_. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. Curitiba: Criar Edições, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ficção onívora*. Curitiba: Grupo 1 Editora, 1978.
- \_\_\_\_\_. Meus caninos, teus músculos. *Nicolau*, Curitiba, ano VII, n. 52, p. 13, mar-abr. 1994.
- \_\_\_\_\_. Minha mãe se veste para morrer (conto). In: *Et Cetera*, Curitiba, n. 1, p. 110-115, outono de 2003.
- \_\_\_\_\_. *O jardim, a tempestade*. Curitiba: Edição do autor, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Os verões da grande leitoa branca*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Paraná: memória e momento*. São Paulo, 1980. (Museu de Arte de São Paulo). Catálogo de exposição.
- \_\_\_\_\_. *Para uma sociologia das práticas simbólicas*. Curitiba: Edição Beta/Multiprint, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Senhor*. Curitiba: Beta Publicidade, 1989.
- \_\_\_\_\_. Senhor. *Nicolau*, Curitiba, ano IV, n. 34, p. 32, ago-set. 1990.
- \_\_\_\_\_. *Tempo sujo*. Curitiba: Escala, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Viver é prejudicial à saúde*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

#### **DEMAIS REFERÊNCIAS:**

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de (et al.). *Elenco de cronistas modernos*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler: crônicas* (Introdução). São Paulo: Ática, 1978. v. 1.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2001. (Coleção páginas amarelas).

\_\_\_\_\_. *Quincas Borba*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. (Coleção a obra-prima de cada autor).

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

BALAZINA, Afra; CASSIMIRO, Rogério. Água de sarjeta “mata a sede” no Tietê. *FolhaOnline*, 22 dez. 2005. Disponível na internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u116529.shtml>. Consultado em 22 dez. 2005 – 19:33.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRENTO, João. Lisboa-Berlim via Paris: transfigurações da cidade na poesia dos modernismos. In: *O imaginário da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Acarte, 1989. p. 319-335.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2003. (Coleção arte & comunicação).

\_\_\_\_\_. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. (Coleção debates).

\_\_\_\_\_. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka B. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas III).

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

BERBERI, Elizabete; RODRIGUES, Marília M. (Apr.). Crônicas de revistas do início do século em Curitiba 1907-1914. *Monumenta*, Curitiba, v. 1, n. 2, outono 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BÍBLIA. N. T. Epístola de São Paulo aos Filipenses. Português. *Bíblia sagrada*. Reed. versão de Antonio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1980, p. 1042.

BISCAIA, Sílvio. Faz falta. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BORGES, Jorge Luis. *Elogio da sombra; poemas*. Tradução de Carlos Nejar e Alfredo Jacques. *Perfis; um ensaio autobiográfico*. Tradução de Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Globo, 1971.

\_\_\_\_\_. *La memoria de Shakespeare*. Madri: Alianza Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. *Obras completas 1923-1972* / edição dirigida e realizada por Carlos V. Frías. Buenos Aires: Emecé Editores, 1987.

BRAGA, Rubem. Sobre o ofício de cronista. *Manchete*, Rio de Janeiro, 10 out. 1964, p. 37.

BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba/Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. v. II.



BUENO, Wilson. A vida não tem fim. *A notícia*, 23 jul. 1998. Disponível na internet: <http://an.uol.com.br/1998/jul/23/0cro.htm>. Consultado em 26 dez. 2005 – 14:13.

\_\_\_\_\_. Crônica. *Idéias*, Curitiba, Travessa dos Editores, n. 11, maio de 2004, p. 62.

\_\_\_\_\_. Gaias memórias de Curitiba. *A notícia*, 20 set. 2000. Disponível na internet: <http://an.uol.com.br/2000/set/20/0ane.htm>. Consultado em 13 out. 2005 – 21:43.

\_\_\_\_\_. Jamil (O escritor Jamil Senege morreu de câncer no dia 16 de maio). *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 38, p. 3, jun. 2003.

BUFREM, Leilah Santiago. O alaúde mudo (Amanhã se completa primeiro mês de morte do escritor Jamil Senege). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22 jun. 2003. Caderno G, p. 3.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Seis propostas para o próximo milênio*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPANA, Fábio. Curitiba no espelho. *Idéias*, Curitiba, n. 20, p. 4-8, mar. 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANDIDO, Antonio (et al.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. (et al.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1995. Coleção Debates.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CANUTO, Otaviano. A crise asiática e seus desdobramentos. *Econômica*, n. 4. p. 25-60, dez. 2000. Disponível na internet: [www.uff.br/cpggeconomia/v2n2/3-otaviano.pdf](http://www.uff.br/cpggeconomia/v2n2/3-otaviano.pdf). Consultado em 21 maio 2006 – 15:54.

CARNEIRO, Dorothy Azambuja Gomes. Lembrando Jamil Snege. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 11.

CASTELLO, José. Jamil, analista do mercado. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 38, p.5., jun. 2003.

\_\_\_\_\_. O caminho dos escritores é feito de escombros, balizas envergadas e destroços. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 41, p. 19, set. 2003.

\_\_\_\_\_. Viver. *Idéias*, Curitiba, ano 2, n. 13, p. 90-93, jul./ago. 2004.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura – a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CELSO, Affonso. *Porque me ufano do meu País*. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.

CERVI, Emerson Urizzi; FUKS, Mario. *A cobertura da mídia impressa nas eleições municipais de Curitiba 2000*. Doxa – Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública, 2003.  
Disponível na internet: <http://doxa.iuperj.br/artigos/mariofuchs.pdf>. Consultado em 30 maio 2006 – 18:51.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (et al.). *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COELHO, Eduardo Prado. *A noite do mundo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

CORREIO DE NOTÍCIAS. Vídeo quer despertar “paranismo”. 31 jul. 1993.

COSTA, Horácio. Aranha no seu ser. *Et Cetera*, Curitiba, n. zero, p. 7, verão de 2003.

COSTA, Samuel Guimarães da. Alienação do paranismo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 13 ago. 1991.

\_\_\_\_\_. Introdução ao paranismo (I). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 maio 1991.

\_\_\_\_\_. Introdução ao paranismo (II). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 maio 1991.

\_\_\_\_\_. Introdução ao paranismo (final). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 maio 1991.

COSTA GOMES, Paulo César da. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (Co-Dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v. 6.

DALA STELLA, Carlos. A beleza postiça de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 jul. 1998. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Barcelona de Gaudí, Curitiba de Poty. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 jan. 1999. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. Curitiba, a outra (1). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 30 jan. 2000. Caderno G, p. 10.

\_\_\_\_\_. Curitiba para os curitibanos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 nov. 1998. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Passeio público e necessário. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 mar. 1998. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. *Riachuelo, 266*. Curitiba: Criar Edições, 2000.

DAMAZIO, Reynaldo. O realismo absurdo. *Revista Cult*, São Paulo, ano 4, n. 46, p. 34-35, maio 2001.

DE MASI, Domenico (Org.). *A sociedade pós-industrial*. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DELGADO, Ana Luiza. Índios esotéricos: por um novo turismo urbano. *Série Antropologia*. Brasília, v. 328, 2003. Disponível na internet: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie328empdf.pdf>. Consultado em 26 dez. 2005 – 11:55.

DESTEFANI, Cid. A novela do bonde. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 maio 1999. Nostalgia, p. 10.

DUARTE, Otávio; GUINSKI, Luiz Antonio. *Imagens da evolução de Curitiba*. Curitiba: O. Duarte, 2002.

DUDEQUE, Irã José Taborda. *Espiraís de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2001.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. (Coleção debates).

\_\_\_\_\_. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ET CETERA. O Turco e o Sírio na porta do céu. Curitiba, n. 1, p. 3 (editorial), outono de 2003.

FERNANDES, José Carlos. As três graças do Jamil. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 maio 2003. Caderno G. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 19. dez. 2005.

\_\_\_\_\_. O adeus ao cronista da cidade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 maio 2003. p. 5.

\_\_\_\_\_. O ano em que fizemos contato. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 dez. 1998. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. Uma província no meio do mundo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 fev. 2000. Caderno G, p. 6.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, Fernando Pessoa. Curitiba, a fria: onde Jânio Quadros comia moscas. *Idéias*, Curitiba, n. 20, Caderno Especial, p. 1-24, mar. 2005.

\_\_\_\_\_. O caso do cronista. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 abr. 2002. Entrevista a Luís Alberto Nogueira. Caderno G, p. 8.

FERREIRA, Nilda Teves. *Cidadania: uma questão para a educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FILHO, Leontino. Cartas. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 39, p. 2, jul. 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. Painel do leitor – Palestina morta. São Paulo, 9 abr. 2002. (cartas de Rosalina Fugarra Barros Galvão e Carlos Rossini). Disponível na internet: [www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0904200211.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0904200211.htm). Consultado em 21 maio 2006 – 16:13.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, Marcelino. Vampiros de Curitiba. *Continente Multicultural*, n. 17, maio 2002. Disponível na internet: [www.continentemulticultural.com.br/revista017/materia.asp?m=LITERATURA&s=1](http://www.continentemulticultural.com.br/revista017/materia.asp?m=LITERATURA&s=1). Consultado em 13 out. 2005 – 20:00.

GAVA, Alexandre Augusto. Aqui é melhor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 jun. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

GAZETA DO POVO. 10% dos curitibanos vivem em invasões. Curitiba, 12 nov. 2000. p. 4.

\_\_\_\_\_. *A capital social*. Curitiba, 22 jul. 2001. Economia, anúncio publicitário, p.1 (capa).

\_\_\_\_\_. A cidade, sua gente, sua arte. Curitiba, 23 nov. 2001. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Central RPC de Marketing – Gerência de Comunicação e Relacionamento. *Estudos Marplan/EGM, Consolidado 2004 (CWB + SJP), ambos os sexos, 10 e + anos. Curitiba, 2004.* Dados enviados por e-mail em 13 abr. 2006.

\_\_\_\_\_. Curitiba 305 anos. Curitiba, 28 mar. 1998. Caderno Especial.

\_\_\_\_\_. Curitiba recebe por dia uma ‘cidade’ de 170 mil habitantes. Curitiba, 27 dez. 2005. p. 1 (capa).

\_\_\_\_\_. Curitiba está satisfeito com a sua cidade. Curitiba, 20 mar. 1998. Especial, p. 11.

\_\_\_\_\_. Execução de Karla Tucker seguiu ritual meticuloso. Curitiba, 5 fev. 1998. Capa, p. 1.

\_\_\_\_\_. Ex-prefeito de Curitiba consentiu com AI-5. Curitiba, 7 dez. 1998. Local, p. 3.

\_\_\_\_\_. Gazeta traduz as causas paranistas. Curitiba, 27 fev. 1985.

\_\_\_\_\_. Guia Clube do Assinante (Todos os poemas de maio). Curitiba, 2-31 maio 1997, p. 1 (capa).

\_\_\_\_\_. Jamil Snege e o Tempo Sujo-I. Curitiba, 17 out. 1972.

\_\_\_\_\_. Jamil Snege e o Tempo Sujo-II. Curitiba, 12 nov. 1972.

\_\_\_\_\_. Jamil Snege: incursão vitoriosa no terreno da dramaturgia. Curitiba, 11 mar. 1982.

\_\_\_\_\_. Kaiser elege Curitiba uma cidade nota 10. Curitiba, 19 mar. 1999. Informe Publicitário, p. 6-7.

\_\_\_\_\_. Luz artificial das cidades está matando a noite. Curitiba, 16 fev. 1997. Classificados Caderno 2, p. 1 (capa).

\_\_\_\_\_. “Paranismo”, um movimento precursor do pós-modernismo. Curitiba, 30 out. 1994.

\_\_\_\_\_. Paranização tem novos incentivos. Curitiba, 27 fev. 1985.

GAZETA DO POVO (AE-Reuters). Europa condena execução de Karla. Curitiba, 5 fev. 1998. Internacional, p. 19.

GAZETA DO POVO (AFP). Antes de morrer declara: “Amo todos vocês”. Curitiba, 5 fev. 1998. Internacional, p. 19.

GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorghe Zahar Ed., 2002.

GIL, Patrícia. Curitiba acumula lista de manhas e manias. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 maio 1999. p. 4.

\_\_\_\_\_. O que você acha de característico do curitibano. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 maio 1999. p. 4.

GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. *Semear*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 179-188, 1997.

\_\_\_\_\_. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 130.

GOMES, Roberto. *Alma de bicho*. Curitiba: Criar Edições, 2000.

\_\_\_\_\_. Aquele primo visita Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 ago. 1999. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Disque gravações e musiquinha enjoada. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 out. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 22 maio 2006 – 19:41.

\_\_\_\_\_. Jomael, o invensível. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 31 maio 1997. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Mudou? Não mudou? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 ago. 2000. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. O Curitibano – Método de Abordagem. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 mar. 1998. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. O grande retrato da Mamãe Gorda. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 jun. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Por falar em papel higiênico. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 ago. 2001. Caderno G, p. 2.

\_\_\_\_\_. Tchau, Turco. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2003. Caderno G, p. 4.

GONÇALVES, Maria Fernanda. Perfil Jamil Snege e Roberto Gomes: sempre aos domingos; ano 5. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 maio 2002. Caderno G, p. 4.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção perspectivas do homem; v. 48, série filosofia).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAYGERT, Aroldo Murá. Depoimento por e-mail concedido à autora. Curitiba, 15 abr. 2006 – 23:04.

\_\_\_\_\_. Jamil Snege, criador e criatura de um itinerário nonsense ou de como recordar do Turco em dezoito mil caracteres. *Idéias*, Curitiba, Travessa dos Editores, n. 11, maio de 2004, p. 54-61.

HINO MUNICIPAL DE CURITIBA. Disponível na internet:  
<http://www.curitiba.pr.gov.br/Destino.aspx?url=/curitiba/Perfil/simbolos.html>.  
 Consultado em 12 dez. 2005 – 18:24.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes; edição de Antonio Medina Rodrigues. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. (Coleção Texto & Arte; 5).

HUTCHEON, Linda. *Irony's edge: the theory and politics of irony*. London: Routledge, 1995.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. A verdade sôrre (sic) Guairacá. Curitiba, n. 204, dez. 1953. p. 184.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

KOPROSKI, Fernando. *Como tornar-se azul em Curitiba*. Curitiba: Kafka Edições Baratas, inverno 2004.



KOYAANISQATSI. Life out of balance. Godfrey Reggio. Santa Mônica, CA: MGM Home Entertainment: MGM Home Entertainment, 1983. 1 h. 27 min.: son., color.; DVD.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005. (Série princípios).

LEITE, Zeca Corrêa. Hipocondria em livro. *Folha do Paraná*, Curitiba, 19 dez. 1998.

LEVIN, Orna Messer. *As figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. (Coleção viagens da voz).

LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Athayde). Contos e Crônicas. In: LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Athayde). *Estudos – Quinta Série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (Orgs.). *O imaginário da cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

LINHARES, Temístocles. Alguns cronistas. *O Estado de São Paulo*, 7 mar. 1964. Suplemento Literário, p. 4.

\_\_\_\_\_. Situação da crônica. *O Estado de São Paulo*, 6 fev. 1963. Suplemento Literário, p. 4.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MACHINSKI, Júlio Bernardo. *Como ele se fez por si mesmo – Jamil Snege*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

MARTINS, Fernando. Curitibano não reconheceria cidade se dormisse 18 anos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 mar. 1999. Local, p. 5.

MARTINS, Romário. *Curityba de outr'ora e de hoje*. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1922.

\_\_\_\_\_. Paranística. *A Divulgação*, Curitiba, p. 37-41, mar. 1948.

MARTINS, Wilson. *A invenção do Paraná*. Coleção Brasil Diferente. Curitiba: Imprensa Oficial, 1999.

\_\_\_\_\_. A volta do conto II (Jamil Snege é particularmente ele mesmo na visão satírica, nas observações ferozes, no sarcasmo impiedoso). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 mar. 2000. Caderno G, p. 8.

\_\_\_\_\_. Crônicas curitibanas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, [2001].

\_\_\_\_\_. Cronistas. *O Estado de São Paulo*, 17 set. 1966. Suplemento Literário, p. 2.

\_\_\_\_\_. *Um Brasil diferente: ensaio sôbre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Editôra Anhembi, 1955.

\_\_\_\_\_. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2. ed. São Paulo: TA Queiroz, 1989. (Coleção coroa vermelha. Estudos brasileiros; v. 16).

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MAY, Charles. *The short story: the reality of artifice*. New York: Prentice Hall International, 1995.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MENDES, Carlos Pimentel. *Bondes no Brasil – Curitiba/PR*. Disponível na internet: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden06.htm>. Consultado em 22 jan. 2006 – 14:23.

MENDONÇA, Cátia Toledo. Imagens de Curitiba na literatura e o discurso oficial. *Fragmenta*, Curitiba, n. 15, p. 65-80, 1998.

MICHAELE, Faris Antonio S. (et al.). *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 3.

MILLARCH, Aramis. Jamil, o pensamento espiritual do poeta. *Almanaque* (Tablóide), Curitiba, 31 dez. 1989.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. revista e aumentada. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1979.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAES, Dênis de. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. *Revista Contracampo*. n.1. jul./dez.1997. Disponível na internet: <http://www.uff.br/mestcii/cc7.htm>. Consultado em 16 ago. 2004.

MORRETES, Lange de. O pinheiro na arte. *Ilustração Brasileira*, Curitiba, s/data.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. Coleção Debates.

NAISBITT, John. *High tech • High touch: a tecnologia e a nossa busca por significado*. São Paulo: Cultrix, 1999.

NAQOYQATSI. Life as war. Godfrey Reggio. Burbank, CA: Miramax Films e Steven Soderbergh: Buena Vista Home Entertainment, [2002]. 89 min.: son., color.; DVD.

NARRADORES de Javé. Eliane Caffé. Brasil: Bananeira Filmes: Videofilmes Produções Artísticas, 2003. 100 min.: son., color.; DVD.

NETO, Epaminondas. Brasil tem menor taxa de risco desde a crise da Ásia. *FolhaOnline*, 1º dez. 2004. Disponível na internet: [www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u91306.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u91306.shtml). Consultado em 21 maio 2006 – 15:42.

NETTO, Coelho. *Feira livre*. Lisboa-Paris: Aillaud e Bertrand, 1926.

NICOLATO, Roberto. Caminho por entre pedras. *Gazeta do Povo*. 8 out. 2001. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Consangüinidade nada aparente. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 nov. 2002. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Crônicas da província. *Gazeta do Povo*. 22 out. 2000. Disponível na internet:  
<http://tudoparana.globo.com.site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. *Literatura e cidade: o universo urbano em Dalton Trevisan*. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

\_\_\_\_\_. Simples narrativas do cotidiano. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º set. 2002. Caderno G, p. 3.

NISGOSKI, Valquíria. Jamil. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 13.

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--].

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. *Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: "Gazeta do Povo" e "O Estado do Paraná"*. [s/ data]. Disponível na internet:  
[www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/midia/elzaaparecidadeoliveirafilha.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/midia/elzaaparecidadeoliveirafilha.doc). Consultado em 24 maio 2006 – 21:00.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares. *Joaquim contra o paranismo*. Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

OLIVEIRA, Miguel Arturo C. *Curitiba 1900-73: da espacialidade rural-extrativista à cidade-jardim*. Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

O OLHO DA RUA. n.1, v.1, ano 1, 13 abr. 1907.

PÁGINAS ESCOLHIDAS. *Literatura*, vol. II. Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2003. (Edição alusiva aos 150 anos da Criação Política do Paraná).

PARISIO, João. Cartas. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 39, p. 2, jul. 2003.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PELLANDA, Luis Henrique. Prosador por tradição. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2003. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

\_\_\_\_\_. Paranismo: o Paraná inventado. *Revista da Academia Paranaense de Letras*, n. 43, p. 129-143, 2000.

PERIN, Adriane. Curitiba, a fria. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1999. Caderno G, p. 6.

\_\_\_\_\_. O senhor não é daqui, né! *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 dez. 2001. Caderno G, p. 1 (capa).

PESSOA, Fernando. *Obras completas de Fernando Pessoa: poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1958. (Coleção poesia; v. II).

\_\_\_\_\_. *Os melhores poemas de Fernando Pessoa / seleção de Teresa Rita Lopes*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003. (Os melhores poemas).

PIMENTA NETO, Olímpio José. O lugar da verdade na literatura. *Cadernos Nietzsche*, n. 15, 2003.

PINTO, Luiz Gustavo Vardânega Vidal. Beleza postiça. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1º ago. 1998. Opinião – Coluna do Leitor, p. 6.

POE, Edgar Allan. *Novelas extraordinárias*. São Paulo: Clube do Livro, 1945. p. 77-88.

PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I: o livro e a perspectiva, crítica literária*. 3. ed. rev. e diminuída. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília INL, 1977. p. 81-87.

POWAQQATSI. Life in transformation. Godfrey Reggio. Santa Mônica, CA: MGM Home Entertainment: MGM Home Entertainment, 1988. 1 h. 37 min.: son., color.; DVD.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. <http://www.curitiba.pr.gov.br>. Consultado em 12 dez. 2005 – 17:42.

PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976. (Estante paranista, ano 1, n. 1).

RAMA, Angel. *As cidades das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RECCHIA, Tiago. Curitibocas. *Idéias*, Curitiba, n. 14, p. 90, set. 2004.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o rio de janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

RESENDE, Beatriz (Apr.); VALENÇA, Rachel (Org.). *Toda Crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. p. 20.

RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e ficção no século XIX. Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym*. São Paulo: Editora Unesp, 1996. p. 25-26.

RIBEIRO, Leo Gilson. Janelas abertas. *Caros amigos*, ed. 67, out. 2002. Disponível na internet: [http://carosamigos.terra.com.br/da\\_revista/edicoes/ed67/leo\\_gilsonr.asp](http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed67/leo_gilsonr.asp). Consultado em 26 dez. 2005 – 21:36.

RODERJAN, Roselys Velloso. O paranismo. *Fundação Cultural de Curitiba*, 1975.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SABBAG, Ricardo. As muitas viagens de Jamil Snege. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 maio 2003. Paraná, p. 8.

SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica*. São Paulo: Edusp, 1993.

SANCHES NETO, Miguel. 25 cigarros. *Rascunho*, Curitiba, ano 4, n. 38, p. 17, jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Edifício de fumaça (O crítico e escritor Miguel Sanches homenageia Jamil Snege). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2003. Disponível na internet: [http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/a\\_arquivo/capa](http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/a_arquivo/capa). Consultado em 5 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Entrevista por e-mail concedida à autora. 7 jan. 2006 – 06:04.

\_\_\_\_\_. Feriado informativo (Três novos cronistas, Roberto Gomes, Jamil Snege e Carlos Dala Stella, passam a integrar a equipe de colaboradores do Caderno G). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 abr. 1997. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Refazendo o gasto giro do amor (Em seu mais recente livro, Jamil Snege vê o amor maduro como um quadro impressionista). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 ago. 1998. Caderno G, p. 4.

\_\_\_\_\_. Território do fragmentário. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 16 nov. 1998. Caderno G, p. 4.

SANTOS, Antonio César de Almeida. *Memórias e cidade: Curitiba 1930-1990*. Depoimentos utilizados em Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 1995.

\_\_\_\_\_. *Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)*. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 1995.

SANTOS, Marcio Renato dos. Luzes da cidade. *Jornal do Estado*, Curitiba, 11 maio 2000. p. d3.

\_\_\_\_\_. Um destino chamado Curitiba. *Idéias*, Curitiba, n. 20, Caderno Especial, p. 40-43, mar. 2005.

SARTRE, Jean-Paul. O muro. In: \_\_\_\_\_. O muro. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 9-33.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA.

[http://www.pr.gov.br/seec/simbolos\\_gralha.shtml](http://www.pr.gov.br/seec/simbolos_gralha.shtml). Consultado em 27 maio 2006 – 16:19.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Virando séculos; 7).

\_\_\_\_\_. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Deonísio da. Escritor oculto na cidade do vampiro. *Observatório da Imprensa*, ed. 312, 18 jan. 2005. Disponível na internet: <http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=312AZL002>. Consultado em 13 out. 2005 – 21:25.

SILVESTREIN, Mônia Luciana. *Olhares extremos: 1900 e as imagens do fim de século na imprensa curitibana*. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SNEGE, Jamil. À espera do mar redondo. *Revista Cult*, São Paulo, ano 6, n. 62, p. 8-13, out. 2002. Entrevista a Ricardo Sabbag.

\_\_\_\_\_. [comunidade orkut]. [www.orkut.com/Community.aspx?cmm=119943](http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=119943). Consultado em 27 dez. 2005 – 23:00.

\_\_\_\_\_. Curitiba tem uma visão utópica de viver no paraíso. *Jornal do Estado*, Curitiba, 1º nov. 1999. Entrevista.

\_\_\_\_\_. Entre o Jardim e a Tempestade. *Et Cetera*, Curitiba, n. zero, p. 170-181, verão de 2003. Entrevista a Jussara Salazar, Carlos Alberto Pessoa e Fábio Campana.

\_\_\_\_\_. Geração com validade vencida. *Jornal do Estado*, Curitiba, 7 jan. 2002. p. a3. Entrevista à Cristina L. Cassiano.

\_\_\_\_\_. Inquietações de um profano. *Nicolau*, Curitiba, mar-abr. 1992, ano VI, n. 42, p. 4-7. Entrevista à Marília Kubota.

\_\_\_\_\_. Jamil Snege, cigarra de várias cascas. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 abr. 1988. Entrevista. Almanaque, p. 11-15.

\_\_\_\_\_. Jamil Snege, mordaz. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 27 maio 1984. Entrevista.

\_\_\_\_\_. Marketing político. *Indústria e Comércio*, Curitiba, 6 set. 1985. Entrevista.

\_\_\_\_\_. O cinema não morreu. *Nicolau*, Curitiba, dez. 1995, ano IX, n. 57, p. 8. Entrevista a Carlos Alberto Pessoa (Nego Pessoa).

\_\_\_\_\_. Percepção insólita da realidade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 mar. 2000. Caderno G, p. 6. Entrevista a Rudney Flores.



\_\_\_\_\_. Percepção insólita da realidade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 mar. 2000. Entrevista. Disponível na internet: <http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultada em 5 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Tragicomédia da maioria. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 13 dez. 1998. Caderno G, p. 5. Entrevista a Paulo Camargo.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. *História do Paraná: do século XVI à década de 1950*. Londrina: Ed. UEL, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SZVARÇA, Décio Roberto. *O forjador: ruínas de um mito – Romário Martins (1893-1944)*. Dissertação de Mestrado em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993.

TEZZA, Cristovão. A polifonia como categoria ética. *Revista Cult*. Edição Especial. n. 4. fev. 2006. Disponível na internet: [http://revistacult.uol.com.br/especial\\_polifonia.htm](http://revistacult.uol.com.br/especial_polifonia.htm). Consultado em 9 fev. 2006 – 11:12.

\_\_\_\_\_. Curitiba está inteira no que escrevo. *Caderno de idéias*, Curitiba, Travessa dos Editores, n. 3, setembro de 2003, p. 68-77. Entrevista a Marcio Renato dos Santos.

\_\_\_\_\_. Entrevista por e-mail concedida à autora. Curitiba, 19 fev. 2006 – 10:40.

\_\_\_\_\_. Um olhar de Curitiba. *Trópico*. Disponível na internet: <http://www2.uol.com.br/tropico/printablenot1695.htm>. Consultado em 4 mar. 2004.

TONIAL, Ana Maria. Editora retorna ao mercado com importantes obras. *A notícia*, 18 mar. 2001. Disponível na internet: <http://an.uol.com.br/2001/mar/18/0ane.htm>. Consultado em 26 dez. 2005 – 14:15.

TREVISAN, Dalton. A longa volta para casa. *Idéias*, Curitiba, n. 20, p. 33-35, mar. 2005.

\_\_\_\_\_. *Em busca de Curitiba perdida*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *Mistérios de Curitiba*. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, [1979].

TREVISAN, Edilberto. As nascentes do paranismo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 9 jun. 1991.

VERISSIMO, Erico. *Noite*. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VÍTOR, Nestor. *A terra do futuro*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. (Coleção Farol do Saber).

VOLTAIRE, François Marie Arouet de. *Cândido*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WASSERMAN, Margarita. Adeus, amigo! *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 maio 2003. Opinião – Coluna do Leitor, p. 9.

\_\_\_\_\_. Estava escrito nas estrelas? (Amanhã se completa primeiro mês de morte do escritor Jamil Snege). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22 jun. 2003. Caderno G, p. 3.

\_\_\_\_\_. Fugir! Pra onde? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 abr. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 17.

\_\_\_\_\_. Rir é preciso. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 jun. 2001. Opinião – Coluna do Leitor, p. 21.

WEINHARDT, Marilene. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. *Revista Letras*. n. 58. p. 105-120. jul./dez. 2002.

WERNECK, Humberto (Org.). *Boa Companhia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

XAVIER, Valêncio. Cidade sem humor? *Gazeta do Povo*, Curitiba, s/ data.

Disponível na internet:

<http://tudoparana.globo.com/site.phtml?url=tudoparana.globo.com/gazetadopovo/arquivo/capa.phtml>. Consultado em 5 jan. 2005.